



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ANA LAURA DONEGÁ

**VIAJANTE, POLÍGRAFO E ERUDITO: FERDINAND DENIS
(1798-1890) NO ESPAÇO LITERÁRIO FRANCO-
BRASILEIRO**

CAMPINAS,

2020

ANA LAURA DONEGÁ

**VIAJANTE, POLÍGRAFO E ERUDITO: FERDINAND DENIS
(1798-1890) NO ESPAÇO LITERÁRIO FRANCO-
BRASILEIRO**

**Tese de doutorado apresentada ao Instituto
de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Doutora em Teoria e História
Literária na área de Teoria e Crítica Literária**

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu

**Este exemplar corresponde à versão
final da Tese defendida pela aluna
Ana Laura Donegá e orientada pela
Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu**

CAMPINAS,

2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

D716v Donegá, Ana Laura, 1987-
Viajante, polígrafo e erudito : Ferdinand Denis (1798-1890) no espaço literário franco-brasileiro / Ana Laura Donegá. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Márcia Azevedo de Abreu.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Denis, Ferdinand, 1798-1890. 2. Século XIX. 3. Campo literário. 4. Identidade nacional. I. Abreu, Márcia Azevedo de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Traveler, polygraph and erudite : Ferdinand Denis (1798-1890) in the french-brazilian field

Palavras-chave em inglês:

Denis, Ferdinand, 1798-1890

19th century

Literary field

National characteristics

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária

Titulação: Doutora em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Márcia Azevedo de Abreu [Orientador]

Claudia Poncioni

Anderson Ricardo Trevisan

Jefferson Cano

Lucia Granja

Data de defesa: 18-06-2020

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-3254-5315>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/3203219345553737>



BANCA EXAMINADORA:

Márcia Azevedo de Abreu

Jefferson Cano

Anderson Ricardo Trevisan

Claudia Poncioni

Mariana Osue Ide Sales

**IEL/UNICAMP
2020**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

*Ao Júlio e   Clarinha,
por todo apoio e amor.*

Agradecimentos

Desde o segundo semestre da graduação fui orientada pela professora Márcia Abreu, o que torna particularmente difícil a tarefa de enumerar o quanto lhe devo. À época, ainda aos dezenove anos, eu jamais poderia imaginar que um dia conquistaria o título de doutora em literatura. Sem suas palavras de incentivo, seus apontamentos enriquecedores e suas leituras atentas de meus textos em diversas ocasiões esse sonho dificilmente teria saído do papel. Sob sua tutela, descobri-me pesquisadora, publiquei artigos, obtive bolsas de pesquisa dentro e fora do Brasil, encontrei autores célebres e adquiri lições de profissionalismo (e de vida) que me esforçarei para transmitir aos meus alunos. Sou imensamente grata pela oportunidade de tê-la como norteadora do meu percurso acadêmico durante todos esses anos.

A dívida também é grande com a professora Claudia Poncioni, que orientou minhas investigações em Paris. Nossos encontros foram um contraponto interessante ao frio europeu, que me deixa sempre num estado de grande abatimento, sobretudo nos primeiros meses do inverno. Graças a sua generosa acolhida, a suas preciosas dicas relacionadas não só à academia, mas também ao dia a dia na Europa, a experiência do outro lado do oceano ficou cada vez mais fácil e a saudade da família, mais leve. Deixo aqui o meu sincero agradecimento pelas riquíssimas informações fornecidas por ela durante o desenvolvimento da minha tese, as quais foram decisivas para que eu encontrasse, enfim, um norte.

Ao professor Jefferson Cano, pelos cursos oferecidos na graduação e na pós, pela oportunidade de estágio no Programa de Estágio Docente (PED) e pelas discussões dos meus trabalhos, em bancas de qualificação ou defesa. Suas observações contribuíram em grande medida para o meu amadurecimento intelectual, motivo pelo qual lhe serei eternamente grata.

Ao professor Anderson Trevisan, por sua disponibilidade de participar da banca de qualificação, montada às pressas. Agradeço-lhe pelo cuidado em apontar não apenas os erros, mas também os acertos em minha análise, num momento em que me faltava ânimo para dar continuidade à escrita desta tese.

A minha família, por ter me mostrado, principalmente no decorrer dos últimos anos, que eu sempre terei um porto seguro para onde retornar. À minha mãe, agradeço por ter me acolhido todas as vezes em que precisei de um local tranquilo para trabalhar; à minha irmã, meu melhor presente de Natal desde 1994, por dividir comigo tanta coisa; ao meu irmão, pelos empréstimos nas bibliotecas da Unicamp e pela ajuda com a teoria do Bourdieu, e ao meu pai, *in memoriam*, por todas as histórias da Disney antes de dormir. Ao Julio, companheiro de jornada na França, na Bélgica ou no Rio de Janeiro, por nunca esconder o orgulho em sua voz ao se referir à minha pesquisa, e à Clarinha, por trazer tanta alegria aos meus dias e ter me mostrado que eu sou muito, mas muito mais forte do que imaginava.

Durante o doutorado, fiz amigos dentro e fora do Brasil. Em Campinas, tive o privilégio de conviver com outros pesquisadores apaixonados pela história do livro e da leitura, junto aos quais vivi experiências inesquecíveis na Arcádia, na sala do projeto ou na antiga cantina do IFCH: Ana Gomes Porto, Atílio Bergamini, Clara Carolina dos Santos, Izenete Garcia Nobre, Bruna Grasiela da Silva Rondinelli, Julio César Modenez e Maria Clara Gonçalves. Aproveito o ensejo para manifestar minha especial gratidão ao Leandro Thomaz Almeida, por todos os conselhos para a minha viagem à França e pela leitura criteriosa do texto de qualificação; ao Lucas Lamônica, pelas inúmeras conversas às altas horas da madrugada, que tanto me ajudaram a recuperar o foco e a voltar a acreditar em meu potencial; à Lígia Cristina Machado, por insistir em nossa amizade mesmo quando eu me mostrava distante ou incomunicável; e à Valéria Cristina Bezerra, pela ajuda com as traduções e pelo companheirismo nos bons e (sobretudo) nos maus momentos.

Em Paris, conheci franceses, gaúchos, paulistanos, cariocas e amazonenses, junto aos quais realizei pesquisas, visitei a Cidade-Luz e destravei o meu francês: Dalila Floriani Petry, Fernando Floriani Petry, Simone Pateman, Benoît de Lassus, Nataly Jollant, Dimitry Jollant, Guilherme Reed, Jeniffer DC, Ana Carolina Coutinho e Luciane Nascimento. Agradeço a todos principalmente pelo carinho que me dedicaram durante a gravidez e nos meus primeiros meses como mãe.

Às queridas Danielle Crepaldi de Carvalho e Ana Cecília Água de Melo, pela revisão minuciosa do texto e pela ajuda com a tradução das cartas.

Ao meu psicanalista, Cleber Moraes, a mão amiga que me salvou da depressão e hoje em dia garante que eu não volte ao mesmo calvário.

Às minhas bruxas favoritas, Livia Chaves, Tayane Carneiro, Patrícia Gonçalves e Agnès Suska.

A todos os funcionários do IEL, sobretudo àqueles da secretaria de pós. Um agradecimento especial ao Claudio Platero por ter prontamente me socorrido em diversas ocasiões.

Aos funcionários da biblioteca do IEL; do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; da Biblioteca Nacional do Brasil; do Museu Imperial; do Instituto de Estudos Brasileiros; da Biblioteca Santa Genoveva; da Biblioteca Nacional da França; da Biblioteca de Estudos portugueses, brasileiros e da África lusófona da Sorbonne Nouvelle; e dos Arquivos de Pierrefitte-sur-Seine por toda a ajuda que forneceram às minhas pesquisas.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001 – e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq).

Resumo

Esta tese procura investigar a trajetória de Ferdinand Denis no campo literário, considerando três de suas facetas fundamentais: a de viajante, a de polígrafo e a de erudito. Inicialmente buscamos verificar como se deu a inserção de Denis no mercado livreiro francês, analisando o reaproveitamento de sua experiência como viajante em cinco publicações diferentes sobre o Brasil, trazidas à luz por ele durante a primeira metade do século XIX. Em um segundo momento, considerando o mesmo recorte temporal, investigamos os esforços despendidos pelo autor a fim de obter capital simbólico entre seus pares e se manter financeiramente por meio da atividade escrita, ao mesmo tempo em que procuramos reconstituir a produção e a circulação de suas obras dentro e fora do continente europeu. Na sequência, centralizamos nossa discussão em torno das publicações que o transformariam em um dos principais padrinhos da construção identitária brasileira: *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie* (1824) e *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826). Apresentamos as concepções que embasaram seu trabalho como historiador da literatura e, depois, cotejamos a recepção crítica coetânea dessas obras por parte da crítica literária com aquela que seria realizada nas décadas subsequentes. Por fim, alargando o período até os anos de 1850 a 1890, estudamos a consagração de Denis como um intelectual respeitado internacionalmente, buscando, nas correspondências que ele trocou com os brasileiros, os motivos da longa admiração que esses últimos lhe voltaram. Nesse contexto, interessa-nos também compreender seu papel de mediador para as trocas culturais realizadas entre a França e o Brasil durante os Oitocentos.

Palavras-chaves: Ferdinand Denis, século XIX, campo literário, identidade nacional, transferências culturais

Abstract

This thesis seeks to investigate the trajectory of Ferdinand Denis in the literary field, considering three of his fundamental facets: that of traveler, that of polygraph and that of scholar. Initially, we aim to verify his arrival in the French book market. Therefore, we analyze how he reused his former experiences as a traveler in five different books he published about Brazil during the first half of the 19th century. Secondly, considering the same time frame, we investigate the efforts made by the author to obtain symbolic capital amongst his fellow writers and to make money with his works. We also seek to reconstruct the production and circulation of Ferdinand Denis's writings inside and outside the European continent. We then focus our discussion on the publications that would make Denis one of the main sponsors of Brazilian identity construction: *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie* (1824) e *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826). We aim to present the conceptions that grounded his work as a historian of literature, and then to compare the contemporary critical reception of these works by the literary criticism with that which would be carried out in subsequent decades. Finally, we extend the period until 1850-1890. We focus the consecration of Denis as an internationally respected intellectual, searching, in the correspondences he exchanged with the Brazilians, the reasons for the long-lasting admiration that they had for him. In this context, we are also interested in understanding Denis role as mediator for the cultural exchanges between France and Brazil during the 1800s.

Keywords: Ferdinand Denis, 19th century, literary field, national identity, cultural transfers

Résumé

Cette thèse a pour objectif d'analyser la trajectoire de Ferdinand Denis dans le champ littéraire à partir de trois de ses facettes: celle du voyageur, celle du polygraphe et celle de l'érudit. Dans un premier temps, nous chercherons à comprendre dans quelle mesure il s'est servi de son expérience de voyageur au Brésil, ayant publié cinq ouvrages sur ce pays lors de la première moitié du XIX^e siècle, pour réussir à percer dans le marché du livre français. Dans un second temps, nous passerons en revue ses efforts pour acquérir du capital symbolique parmi ses pairs et pour vivre de sa plume; nous nous attacherons tout particulièrement à reconstruire la production et la circulation de ses œuvres à l'intérieur et à l'extérieur des frontières européennes. Ensuite, nous nous tournerons vers les deux publications qui lui ont valu d'être perçu comme l'un des principaux parrains de la construction identitaire brésilienne: *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie* (1824) et *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826). Dans ce cadre, nous porterons une réflexion sur certains concepts qui sont à la base de son travail d'historien de la littérature, avant de procéder à une approche comparatiste entre la réception critique de son œuvre réalisée par ses contemporains et celle mise en place dans les décennies qui se sont suivies. Finalement, nous mettrons en lumière la reconnaissance internationale qu'il a pu obtenir entre les années 1850 et 1890. À travers l'analyse de ses échanges épistolaires avec les brésiliens, nous essaierons de comprendre les raisons de l'admiration durable qu'il a su susciter chez ces derniers; enfin nous nous intéresserons à son rôle en tant que médiateur culturel entre la France et le Brésil au XIX^e siècle.

Mots-clés: Ferdinand Denis, XIX^e. siècle, champ littéraire, identité nationale, transferts culturels

Lista e créditos das imagens

Figura 1 - Ferdinand Denis, litografia de Émile Lasalle (circa 1850) [<https://purl.pt/4768/3/>]

Figura 2 - *Caïn après la meurtre d'Abel*, Paulin Guérin (1812) [<http://www.artnet.com>]

Figura 3 - *Panorama do Rio de Janeiro segundo panorama pintado em Paris por G. F. Ronmy pelos desenhos de Félix Emilio Taunay* (Salathé Friedrich, 18?). 20,5 x 100; suporte: 28,7 x 108 água-tinta [http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon408452/icon408452.jpg]

Figura 4 - *Salle de lecture de la bibliothèque Sainte-Geneviève en 1851* (J. -L. Charmet) [<https://www.alamy.com/stock-photo-libraries-library-sainte-genevieve-paris-built-1843-1851-architect-58532105.html>]

Figura 5 - Anúncio da venda de *Ismaël-Ben-Kaizar* (1829) [*Le Globe*, Paris, 10/10/1829, p. 8]

Figura 6 - Folhas de rosto do *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi do Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826) [<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=37713>]

Figura 7 - Dedicatória para Denis escrita por Melo Moraes Filho, em *Poèmes de l'esclavage et Légendes des Indiens* (1884) [<https://archive.org/details/DELTA53670FA/page/n1>]

Figura 8 - Dedicatória para Denis escrita por Victor Meirelles, em *O Quadro A Batalha dos Guararapes, seu autor e seus críticos* (1880) [<https://archive.org/details/DELTA53972FA/page/n9>]

Figura 9 - Dedicatória para Denis escrita por José de Alencar, em *Ubirajara* (1875) [<https://archive.org/details/DELTA53704FA/page/n1>]

Abreviações

BNRJ – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro)

BNF – Biblioteca Nacional Francesa (Paris)

BSG – Biblioteca Santa Genoveva (Paris)

IEB – Instituto de Estudos Brasileiros (São Paulo)

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro)

Sumário

Introdução.....	15
Capítulo 1. Viajar e escrever sobre o Brasil	34
1.1. Um viajante francês entre o inferno e o purgatório.....	39
1.2. A nação do futuro, ou o futuro da nação	60
Capítulo 2. (Sobre)viver da escrita	77
2.1. Desafios e oportunidades para os homens de letras	84
2.2. Amizades e desavenças nas letras	101
Capítulo 3. O apadrinhamento de Denis na construção identitária brasileira	118
3.1. A natureza tropical a serviço da literatura	123
3.1.1. A recepção crítica de <i>Scènes de la nature</i>	135
3.2. Resumir a história da literatura luso-brasileira	142
3.2.1. A recepção crítica do <i>Résumé</i>	152
Capítulo 4. Uma rede de relações transnacional.....	167
4.1. Um homem duplo entre a França e o Brasil	178
4.2. Circulação de ideias e de impressos	194
4.3. Amizades transatlânticas	206
Conclusão	223
Referências bibliográficas	228
Anexos.....	284
1. Tabelas.....	284
2. Correspondência ativa e passiva de Ferdinand Denis (1846-1888).....	314

Introdução

Sábado, dia 15 de dezembro de 1890, às 20h. Sob a presidência de Joaquim Norberto de Souza Silva, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) iniciou uma sessão magna em comemoração aos seus 52 anos. Abrindo os trabalhos da noite, Norberto descreveu os desafios enfrentados pela direção no decorrer dos últimos doze meses: dívidas financeiras, reforma do estatuto, desorganização da biblioteca, além, é claro, do fim do patronato de D. Pedro II, que fora destituído de suas funções com a Proclamação da República. Não obstante, reforçou o otimismo, comemorando a entrada de novos sócios, bem como o lançamento de um índice histórico-expositivo da *Revista do IHGB*. Na sequência, o primeiro secretário interino, Dr. José Alexandre Teixeira de Melo, apresentou um longo relatório no qual expunha as atividades desenvolvidas pela agremiação ao longo daquele ano. Antes do fim da sessão, o comendador José Luiz Alves leu, aos espectadores ali presentes, o seu “Elogio dos sócios falecidos desde 15 de dezembro de 1888 até hoje”. O texto comenta as 21 perdas sofridas pelo IHGB no período em questão, iniciando-se com a morte de D. Eugênio de Saboia, o príncipe de Carignano, no final de 1888, e terminando com a de Jean-Ferdinand Denis – ou, João Fernando Denis, na forma abasileirada, como preferiu o comendador –, que falecera em Paris, em 1º. de agosto de 1890:

No dia 21 de Agosto atravessava o Oceano Atlântico o telegrama da Agência Havas, que com aquela glacial indiferença com que transmite às mais longínquas paragens a nova dos grandes acontecimentos e dos mais heroicos feitos também é o mensageiro das grandes calamidades. No mesmo dia e às vezes na mesma hora dá a boa e a má nova. Foi assim que nesse dia estremeceram os fios para comunicar a esta capital e às do velho mundo a triste nova do passamento de um dos nossos mais distintos sócios honorários, que foi o muito ilustre Ferdenand [sic] Denis, que no longo curso de sua vida deu as mais dedicadas vivas e valentes provas de quanto **era amigo do Brasil e dos brasileiros**.¹

O necrológio do “amigo do Brasil e dos brasileiros”, um dos mais longos feitos por José Luiz Alves na ocasião, estende-se por pouco mais de duas páginas. Os parágrafos iniciais tratam da biografia de Denis, dando destaque à sua estadia no Brasil, entre os anos de 1816 e 1820, e à sua atuação como conservador na Biblioteca Santa Genoveva, em

¹ ALVES, José Luiz. Elogio dos sócios falecidos desde 15 de dezembro de 1888 até hoje. In: *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LIII, parte II (3º. e 4º. Trimestres), p. 624, 1890. Grifos meus.

Paris, onde trabalhou por mais de quatro décadas. Os restantes falam das “numerosas [...] obras publicadas por tão ilustre literato e infatigável historiador”, em particular daquelas que revelam seu interesse pelo Brasil. Mostrando conhecer a ampla bibliografia deixada pelo francês, José Luiz Alves mencionou tanto os livros escritos – *Le Brésil ou histoire, moeurs et coutumes des habitants de ce royaume* (1822, junto com Hippolyte Taunay), *Notice historique et explicative du Panorama de Rio de Janeiro* (1824), *Résumé de l’histoire du Brésil, suivi du Résumé de l’histoire de la Guyane* (1825), *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l’histoire littéraire du Brésil* (1825), *Brésil* (1837) – quanto aqueles organizados por ele – *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550* (1850) e *Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614* (1864). Lembrou-se até mesmo de citar *Scènes de la nature sous les tropiques et leur influence sur la poésie* (1824), com suas inúmeras descrições da paisagem nacional, e *Nouvelle biographie universelle depuis les temps les plus reculés jusqu’à nos jours* (1852-1854), cujos verbetes sobre os brasileiros trazem a assinatura do autor francês. Evidentemente, as homenagens prestadas por José Luiz Alves a Ferdinand Denis ou aos ilustres falecidos daquele ano recaíam sobre a instituição carioca à qual eles haviam pertencido em vida e a todos os membros ainda em atividade, em um efeito cascata.²

O falecimento de Denis, ocorrido poucos dias antes de seu 92º. aniversário, causou certa comoção no cenário nacional. Exilado na Europa havia alguns meses, D. Pedro II – com quem o francês, aliás, manteve farta correspondência – lamentou o acontecimento, registrando a seguinte anotação em seu diário, no dia 02 de agosto de 1890: “Recebi há instantes telegrama de Paris – Majesté nous avons la douleur de vous informer du décès de monsieur Ferdinand Denis – Baronne de Caix Vauquelin Baron de Pritzbuier 29 rue Tournon – Respondi que sinto profundamente a morte do **amigo do Brasil** e meu”.³ De Paris, o escritor Eduardo Prado, um dos principais articuladores do movimento

² Desde seu lançamento em 1839 até as últimas décadas do século XIX, a revista do IHGB se consagrou regularmente à veiculação de artigos de conteúdo biográfico (como necrológios, elogios históricos, memórias e relatos). Assim como outros gêneros em voga à época (a exemplo da antologia poética, dos florilégios, dos parnasos e das histórias literárias), esses registros biográficos integraram o projeto de escrita da história nacional levado a cabo pelos letrados Oitocentistas com o objetivo de fornecer aos mais jovens ensinamentos morais, tirar do esquecimento as personagens heroicas de antigamente, além de acabar com os equívocos sobre o passado, pondo à prova da veracidade os trabalhos historiográficos realizados por seus predecessores. Cf. OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil Oitocentista*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

³ D. PEDRO II. Nota do dia 02/08/1890. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Diário, Vol. 32, exílio-13/06 a 08/08/1890. Grifos meus.

monarquista após a Proclamação da República, enviou uma carta a José Carlos de Almeida Areias, o visconde de Ourém, finalizada com o trecho reproduzido abaixo:

3 de Agosto

Exmo. Amigo Dr. Visconde de Ourém

[...] Ao fechar desta carta, sairei para ir ao enterro do velho Ferdinand Denis que ante-ontem faleceu. Pobre e bondoso sábio! Os portugueses e brasileiros devem-lhe muito. Porque em prol do bom nome e da verdadeira história deles trabalhou muito o bom velhinho que hoje descansa para sempre no Père Lachaise, ao lado de Filinto Elísio, M. da Silva, como chamava o Ferdinand Denis que o lembrava ainda muito de ter em criança brincado aos joelhos do poeta! O *Brasil* consagra três linhas ao **nosso grande amigo**. [...]⁴

José Luiz Alves, D. Pedro II e Eduardo Prado mencionaram, todos os três, o sentimento de apreço de Denis pelo território que visitara em sua juventude e por seus habitantes. Já em outubro de 1844, Araújo Porto-Alegre havia se expressado de forma semelhante na *Minerva Brasiliense*, incluindo o francês no rol dos poucos amigos estrangeiros que, em sua opinião, vinham contribuindo para disseminar uma imagem positiva do país no exterior.⁵ De lá até as primeiras décadas do século XX, raros escritores nacionais – fosse na imprensa periódica, nos dicionários bibliográficos ou em outras publicações – deixaram de associar o nome de Denis ao epíteto de amigo do Brasil e dos brasileiros. Do lado francês, seu falecimento também gerou dezenas de obituários e necrológios, alguns breves, de poucas linhas, outros mais longos, propagando-se por várias colunas.⁶ O conteúdo permanece geralmente o mesmo: as condecorações recebidas por ele, suas atividades como conservador na Biblioteca Santa Genoveva e, para concluir, as obras que publicou sobre Portugal e o Brasil. Porém, entre seus conterrâneos, ele ostentava outro título, sendo mencionado não como amigo do Brasil e dos brasileiros, mas sim como um “decano das letras”:

Um decano das letras

O sr. Ferdinand Denis, conservador honorário da Biblioteca Santa Genoveva, oficial da Legião de honra, acaba de morrer aos 92 anos. Ele

⁴ PRADO, Eduardo. [Carta ao visconde de Ourém]. França [Paris], 03/08/18490. 1 doc. 2 p. IHGB, DL 147.47. Grifos meus.

⁵ PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Revista dos Dois Mundos. Uma palavra acerca do artigo do Sr. Chavagnes intitulado O Brasil em 1844. *Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, 01/10/1844, p. 711-719. Disponível em <http://memoria.bn.br/pdf/703095/per703095_1844_00023.pdf>. Acesso em 02 mar 2020.

⁶ Lista dos jornais e revistas franceses que noticiaram o falecimento de Ferdinand Denis: *Le Matin*, *Le Petit Journal*, *Journal des débats*, *Le gaulois*, *La justice*, *Le XIXe. siècle*, *Le soleil*, *Le temps*, *La France*, *Le siècle*, *La République française*, *La gazette de France*, *Le Figaro*, *Paris*, *L'Univers*, *La petite République*, *L'intransigeant*, *Le rappel*, *Le Constitutionnel*, *Le radical*, *Journal de Montélimar*, *Gazette anecdotique, littéraire, artistique et bibliographique* e *La gazette de France*.

entrara em 1841 na Biblioteca Santa Genoveva, da qual se tornara administrador em 1865. Literato distinto, o sr. Ferdinand Denis, que muito viajara, deixa uma quantidade considerável de obras; da qual a maioria diz respeito à história do Brasil, de Portugal e da Espanha. Ele contribuiu poderosamente para tornar conhecida na França a literatura portuguesa.⁷

A veiculação desses escritos em tom panegírico indica que o autor entrou para o panteão das letras, tornando-se uma figura de prestígio tanto em sua terra natal (embora já um tanto esquecida no final do Oitocentos, como veremos ao longo desta tese) quanto no Brasil (onde ainda despertava maior interesse). Mas, se os artigos sobre Denis se limitassem à imprensa periódica, provavelmente seu nome teria sido olvidado alguns anos depois de seu falecimento. Não foi esse o caso. Durante o segundo decênio do século XX, surgiram estudos acerca do autor e sua extensa produção bibliográfica realizados no âmbito acadêmico, no momento em que, sob subvenção da Academia Brasileira de Letras,⁸ o professor Georges Le Gentil inaugurou o primeiro curso de literatura brasileira ministrado na Sorbonne.⁹ Pouco tempo depois, Pierre Moreau, então aluno de doutorado em Letras na mesma instituição, e Paul Hazard, professor de história das literaturas comparadas da Europa meridional e da América Latina no Collège de France, juntaram-se ao debate: o primeiro organizando uma edição crítica de um diário mantido por Denis, durante o período de 1829 a 1848,¹⁰ e o segundo escrevendo um artigo sobre ele para a *Revue de littérature comparée*, no qual assinalou de que maneira teria se dado sua contribuição para o estabelecimento das diretrizes do romantismo brasileiro.¹¹ Graças a uma tradução

⁷ No original: “Un doyen des lettres. / M. Ferdinand Denis, conservateur honoraire de la Bibliothèque Sainte-Geneviève, officier de la Légion d’honneur, vient de mourir à l’âge de quatre-vingt-douze ans. Il était entré en 1841 à la Bibliothèque Sainte-Geneviève, dont il devint administrateur en 1865. Littérateur distingué, M. Ferdinand Denis, qui avait beaucoup voyagé, laisse une quantité considérable d’ouvrages; dont la plupart ont trait à l’histoire du Brésil, du Portugal et de l’Espagne. Il a puissamment contribué à faire connaître en France la littérature portugaise”. *Le Petit Journal*, Paris, 03/08/1890, p. 1.

⁸ PENJON, Jacqueline. Naissance de l’enseignement du portugais. *Reflexos: revue transdisciplinaire du monde lusophone*, n. 4, Enseigner le portugais comme langue étrangère dans le monde - Bilans, enjeux et perspectives, 2019. Disponível em <<http://revues.univ-tlse2.fr/reflexos/index.php?id=582>>. Acesso em 02 mar 2020.

⁹ Le Gentil escreveu, nesse período, ao menos dois ensaios referindo-se brevemente ao autor francês. Cf. LE GENTIL, Georges. Os Estudos portugueses em França. *Vasco da Gama*, Lisboa, n. 1, vol. 1, s./p., 1925-1926; LE GENTIL, Georges. Ferdinand Denis, iniciador dos estudos portugueses e brasileiros. *Biblios*, Coimbra, p. 293-323, jul.-ago. 1928.

¹⁰ Antes de trazer à luz a edição, Moreau publicou um estudo sobre o assunto na *Revue de l’histoire littéraire de la France*. Cf. MOREAU, Pierre. Ferdinand Denis et les romantiques, d’après des documents inédits. *Revue de l’histoire littéraire de la France*, Paris, t. 33, p. 530-564, out.-dez. 1926; MOREAU, Pierre (org.). *Ferdinand Denis (1798-1890). Journal (1829-1848). Thèse pour le doctorat en lettres présentée à la Faculté des lettres de l’Université de Paris*. Friburgo: Librairie de l’Université; Paris: Plon, 1932.

¹¹ Cf. HAZARD, Paul. As origens do romantismo no Brasil. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, t. XXV, n. 69, p. 24-45, 1927.

publicada poucos meses depois nas páginas da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, as ideias de Hazard tiveram ampla repercussão no Brasil, sendo apropriadas por nomes como Alceu Amoroso Lima, Afrânio Coutinho, Antonio Candido, Guilhermino César e Luiz Costa Lima.¹²

Esse último, aliás, orientou a tese de doutorado defendida por Maria Helena Rouanet, com o título de *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional* (1991),¹³ a qual, em linhas gerais, busca compreender a obra de Denis em sintonia com o discurso pedagógico promovido pela França em toda a América, inclusive no Brasil, no decorrer do século XIX. De acordo com a autora, se em épocas passadas o projeto colonial francês havia se traduzido em violentas invasões, lideradas por navegadores ou corsários normandos, no Oitocentos tomou caminhos mais democráticos, pois foi realizado no campo das ideias por letrados que se empenharam em orientar as produções culturais surgidas do outro lado do Atlântico.¹⁴ Representante máximo desse intuito, Denis teria, de acordo com Rouanet, atuado como um verdadeiro guia para os escritores românticos brasileiros, incentivando-os a seguirem três diretrizes básicas: a adoção da temática nacional, a criação de uma tradição literária e, por fim, a utilização do elemento indígena na poesia. Ainda que não tenha deixado de apresentá-lo como um especialista em Brasil na França ou como um importante mediador cultural entre os dois países, é verdade que a pesquisadora relegou esses papéis a segundo plano, preferindo destacar no francês sua tutoria para o romantismo nacional.¹⁵ É verdade também que optou por centrar suas considerações em *Scènes de la nature sous les Tropiques* e *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal*, deixando de lado uma parte significativa da extensa bibliografia deixada por Denis. Por se tratar do primeiro trabalho de fôlego sobre as relações estabelecidas entre o francês e o Brasil, o livro de Rouanet se tornou uma referência fundamental para os estudos posteriores, principalmente aqueles realizados

¹² Cf. LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos*. 1ª. série. Rio de Janeiro: A Ordem, 1928; COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. V. III: Era romântica. 4ª. edição revista e ampliada. São Paulo: Globo, 1997; CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos 1750-1880*. 16ª. edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2017; CESAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do Romantismo: a contribuição europeia, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978; LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & A afirmação do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹³ ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

¹⁴ Ibidem, p. 94.

¹⁵ Ibidem, p. 294.

dentro das universidades brasileiras. Sendo assim, era natural que tanto seus acertos, como as lacunas de sua interpretação fossem reproduzidos em outros trabalhos.¹⁶

Embora Ferdinand Denis esteja longe de constituir um objeto inédito, nenhum estudo até o momento investigou as diferentes estratégias operadas por ele em busca da consagração.¹⁷ Com efeito, a notoriedade internacional alcançada pelo autor foi resultado de anos de dedicação ao trabalho. Mas não só. Dificilmente Denis teria conquistado tal reconhecimento caso não houvesse se aproximado das esferas políticas de poder na França e no exterior; participado de uma “rede de prestações e contraproduções”¹⁸ de alcance internacional; mobilizado de forma perspicaz o capital social proveniente dessas mesmas relações; frequentado espaços de sociabilidade, mais ou menos institucionalizados, capazes de conceder uma maior visibilidade a seus trabalhos; procurado se adaptar diante das diversas transformações surgidas no universo literário francês; empenhado-se em distinguir sua produção literária daquela de seus concorrentes; desenvolvido, enfim, de forma mais ou menos consciente, uma série de medidas para maximizar ou manter sua posição dentro do campo literário francês. Pensamos esse último conceito na perspectiva de Bourdieu, como um espaço social profundamente hierarquizado, dotado de relativa autonomia, onde os agentes (indivíduos e grupos) travam disputas (políticas, materiais, explícitas ou simbólicas) pela acumulação de quatro formas de capital: econômico (dinheiro e bens materiais), cultural (por exemplo, preferências de gosto, domínio da norma culta, formas de conhecimento, qualificações acadêmicas, mas também obras de arte e coleções de livros), social (redes de contato e de relacionamentos interpessoais mais ou menos institucionalizados) ou simbólico (que pode ser definido como o “capital de

¹⁶ A exemplo de: PINTO, Maria Cecília Queiroz de Moraes. *Alencar e a França*: perfis. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997; BAREL, Ana Beatriz. *Um romantismo a oeste*: modelo francês, identidade nacional. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002; BATISTA, Eduardo Luis Araújo de Oliveira. *Poética da representação cultural*: relações entre viagem e tradução na literatura brasileira. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas: Unicamp, 2010; FERREIRA, Raul Azevedo de Andrade. *Raízes românticas de uma ciência da literatura*: Denis, Romero e o discurso da crítica literária oitocentista brasileira. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

¹⁷ Conforme assinalado por Laborie. Cf. LABORIE, Jean-Claude. Estudos de mediações: o caso Ferdinand Denis. *Ponto-e-Vírgula*: revista de Ciências Sociais, n. 13, p. 66-77, 2013. Tradução de Guilherme S. Gomes Júnior. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/19540/14469>>. Acesso em 02 mar 2020. A única exceção parece ser o estudo realizado por Oliveira, que procura compreender os méritos pessoais que levaram o autor francês a desfrutar de um sucesso relativo dentro e fora de seu país. Cf.: OLIVEIRA, Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de. Ser um homem de letras na primeira metade do século XIX francês (1815-1848): a trajetória de Ferdinand Denis. In: JUNIOR, Pedro Ipiranga; GARRAFFONI, Renata Senna; BRANDÃO, Bernardo. (org.). *Modos de vida*: Crenças, afetividades, figurações de si e do outro. Belo Horizonte: Crisálida, 2016. p. 65-78.

¹⁸ A expressão foi utilizada por Miceli para se referir aos letrados brasileiros da República Velha (1889-1930). Cf. MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. 3ª. reimpressão. Companhia das Letras: São Paulo, 2015. p. 23.

reconhecimento ou de consagração, institucionalizada ou não, que os diferentes agentes e instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores”¹⁹).

Dependendo da posição que ocupam dentro do campo (o que está condicionado ao volume e à qualidade do capital que se detém), os agentes são chamados de dominantes (aqueles já estabelecidos no campo, que lutam para conservar a posição alcançada) ou dominados (os recém-chegados, assim como todos aqueles que, não tendo ainda conseguido se estabelecer, continuam almejando a legitimidade). Dominantes e dominados concorrem pela apropriação do capital específico ao campo em questão e/ou pela sua redefinição, o que faz desse capital a arma dessas lutas internas e, simultaneamente, o pretexto para que elas ocorram.²⁰ Na maior parte das vezes, aos primeiros importa a conservação da ordem vigente no campo (uma vez que pretendem manter o monopólio sobre o capital em questão) e aos segundos, sua subversão (o que ocorre quando conseguem se apropriar desse mesmo capital e, às vezes, até mesmo redefini-lo). Tais oposições entre os dominantes e os dominados resultam na formação de alianças, na reunião em grupos mais ou menos fechados e na definição de adversários com os quais se travam batalhas. Independentemente da posição ocupada, porém, todos os agentes de um campo desejam sua existência, mantendo “‘uma cumplicidade objetiva’ para além das lutas que os opõem”.²¹ Também compartilham do reconhecimento tácito da importância do espaço social em questão (*illusio*), propondo-se a investir nas lutas simbólicas travadas em seu interior justamente por acreditarem que ali se encontram alvos significativos, dignos de serem atingidos – os quais, por outro lado, podem parecer irrelevantes e desprovidos de sentido para os de fora.²²

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. O campo intelectual: um mundo à parte. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 170.

²⁰ THOMPSON, Patricia. Campo. In: GRENFELL, Michael (ed.). *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018. p. 95-114.

²¹ LAHIRE, Bernard. Campo. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.]. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 65.

²² O termo *illusio* foi cunhado por Bourdieu no final de sua carreira a partir da palavra *ludus* (jogo) com o intuito de designar a ideia de se estar envolvido no jogo, de levá-lo a sério. Com efeito, sem o investimento e o esforço contínuos, por parte dos agentes sociais, na apreensão do capital específico ao campo, as batalhas travadas em seu interior perderiam todo o sentido, de modo que a *illusio* é uma das condições *sine qua non* para a existência desses mesmos espaços, segundo a teoria do sociólogo francês. Em *Razões e práticas: sobre a teoria da ação*, Bourdieu definiu a *illusio* da seguinte forma: “O que os estoicos chamavam de ataraxia é indiferença ou serenidade da alma, desprendimento, não interesse. Assim, a *illusio* é o oposto da ataraxia, é estar envolvido, é investir nos alvos que existem em certo jogo, por efeito da concorrência, e que apenas existem para as pessoas que, presas ao jogo, e tendo as disposições para reconhecer os alvos que estão aí em jogo, estão prontas para morrer pelos alvos que, inversamente, aparecem desprovidos de interesse do ponto de vista daquele que não está preso a este jogo, e que o deixa indiferente”. Ver: BOURDIEU, Pierre. *Razões e práticas: sobre a teoria da ação*. 9ª. edição. Tradução Mariza Corrêa. Campinas/SP: Papirus, 2008. p. 140.

Estando em posição de domínio ou de dominação, todos os agentes de um campo, indistintamente, precisam incorporar o *habitus* específico ao espaço social em questão. Em *A economia das trocas simbólicas*, Bordieu definiu o *habitus* como um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”.²³ Trocando em miúdos, *habitus* é uma estrutura porque se ordena sistematicamente e não de forma aleatória; é estruturado, uma vez que se orienta pelas experiências do passado (vida familiar, experiências escolares) e pelas circunstâncias atuais; e é também estruturante, na medida em que participa da definição das práticas que se desenvolvem tanto no presente quanto no futuro. Como resumiu Maton: “o *habitus* enfoca nossos modos de agir, sentir, pensar e ser. Ele captura como nós carregamos nossa história dentro de nós, como trazemos essa história para as circunstâncias atuais e então como fazemos escolhas de agir de certos modos e não de outros”.²⁴ Mas o *habitus* não consegue agir por si só. Recorrendo à analogia feita por Wacquant, podemos dizer que ele funciona como uma espécie de mola propulsora, necessitando de um gatilho externo (os campos sociais) para gerar uma determinada ação no mundo.²⁵

Trata-se, portanto, de um instrumento conceitual que evidencia as relações dialéticas que se estabelecem entre o passado, o presente e o futuro (porque tem sua formação no passado/presente e orienta as ações do presente/futuro); entre o social e o individual (porque carrega a história coletiva e a história individual, mostrando que posições estruturalmente semelhantes dentro da sociedade compartilham do mesmo sistema de crenças, opiniões, sentimentos e categorias de juízo, embora cada indivíduo internalize de forma única a combinação desses esquemas interpretativos, desenvolvendo-os ao longo de uma trajetória particular); entre o subjetivo/interno e o objetivo/externo (porque “as estruturas mentais pelas quais os agentes sociais apreendem o social, e que são produto da interiorização do social, geram visões de mundo que contribuem para a construção deste mundo”, de modo que o “*habitus* é uma interiorização da objetividade

²³ BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. 8ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 191.

²⁴ MATON, Karl. *Habitus*. In: GRENFELL, Michael (ed.). *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018. p. 77.

²⁵ WACQUANT. Loïc. *Habitus*. In: CATANI, Op. cit., p. 216.

social que produz uma exteriorização da interioridade”²⁶) e entre a estrutura e a ação (porque o *habitus* é simultaneamente condicionante e condicionador das práticas sociais, uma vez que, depois de ter incorporado as estruturas estruturantes dos campos e das instituições sociais por onde passou, os agentes colocam essas mesmas estruturas estruturantes em ação, mas em contextos, evidentemente, diferentes dos originais).

A superação dessa última dicotomia (estrutura *versus* ação) marca a oposição do sociólogo francês ao que ele chamou de teorias subjetivas (que consideram as ações realizadas no mundo a partir do individual ou subjetivo, logo, como um produto da vontade de um indivíduo racional e consciente) e teorias objetivas (que, ao contrário, preocupam-se com as regras que engendram as práticas a ponto de encarar, com certa recorrência, os agentes como meros suportes mecânicos das estruturas). Bourdieu não concebia as dinâmicas sociais como resultado de estratégias necessariamente intencionais e conscientes, feitas com o propósito de atingir objetivos estabelecidos *a priori*. Tampouco acreditava que a obediência a regras implícitas ou explícitas poderia, por si só, justificar as regularidades (no sentido de tendências) que aproximam as ações desenvolvidas pelos agentes situados na mesma hierarquia dentro de um mesmo espaço social.²⁷ Procurando unir as contribuições de ambas as teorias, ele propôs uma compreensão das práticas sociais calcada na relação dialética entre o exterior e o interior, entre a situação e o *habitus*:

O argumento de Bourdieu é que a estruturação das práticas sociais não é um processo que se faz mecanicamente, de fora para dentro, de acordo com as condições objetivas presentes num determinado espaço ou situação espacial. Não seria, por outro lado, um processo conduzido de forma autônoma, consciente e deliberada pelos sujeitos individuais. As práticas sociais seriam estruturadas, isto é, apresentariam propriedades típicas da posição social de quem as produz, porque a própria subjetividade dos indivíduos, sua forma de perceber e apreciar o mundo, suas preferências, seus gostos e aspirações estariam previamente estruturados em relação ao momento de ação”.²⁸

Bourdieu identificou a existência de três campos principais na realidade social: o campo político, o econômico e o cultural (ou o da produção cultural). Cada um deles é composto por múltiplos subcampos que seguem os mesmos mecanismos e leis universais

²⁶ THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-53, 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>>. Acesso em 02 mar 2020.

²⁷ Ver a esse respeito: SEIDL, Ernesto. Regra. In: CATANI, Op. cit., p. 308-309; e SOUSA, Antonio Paulino de. Regras, estratégia e *habitus*. *Veredas*, Santiago de Compostela, n. 16, 2011, p. 7038. Disponível em <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34511/1/Veredas16_artigo1.pdf?ln=pt-pt>. Acesso em 02 mar 2020.

²⁸ NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. Ação. In: CATANI, Op. cit., p. 24.

do campo ao qual pertencem, mas nem por isso deixam de apresentar traços peculiares (agentes e instituições sociais específicos, uma história e um desenvolvimento particulares). Para os propósitos desta pesquisa, o campo social que mais interessa é, evidentemente, o campo literário. Subcampo do campo cultural, ele tem sua estrutura na oposição entre os dois polos da produção: o polo da produção restrita e o polo da grande produção. O primeiro se orienta por demarcações internas, irredutíveis a princípios vindos de fora, criando suas próprias normas e os critérios de avaliação. Aqui se situam os produtores culturais reconhecidos pelos pares ou em busca de tal consagração, justamente aqueles que, por não terem cedido à demanda do grande público, obtêm mais prestígio na hierarquia interna do campo. O polo da grande produção, por sua vez, é composto pelos que se dobram à lógica da concorrência para atingir um grande número de leitores, afastando-se, por conseguinte, dos valores específicos à economia desse espaço social. Enquanto no polo da produção restrita, o sucesso se mede pelo reconhecimento recíproco (ou seja, alcançado no interior do grupo de pares-concorrentes), no polo da grande produção ele depende do índice de vendas e da notoriedade (ou seja, o sucesso é alcançado fora do corpo de produtores).²⁹ Quanto maior for o grau de autonomia de qualquer campo cultural, mais intensa se torna a cisão entre os dois polos de produção, mais liberdade os agentes desfrutam frente às demandas externas (políticas, econômicas ou ideológicas) e mais esse espaço social se apresenta como um “mundo econômico invertido” – de modo que “os julgamentos sobre as qualidades da obra ocorrem a partir de valores distintos dos econômicos, contra os critérios de lucro e de aceitação do mercado”, cujas sanções positivas são vistas de forma indiferente ou até mesmo negativa.³⁰

Como todos os campos sociais, o campo literário também é um espaço atravessado por relações de força e orientado por uma lógica de competição, onde ocorrem batalhas pela apropriação de um capital simbólico específico: no caso, a própria definição do que é literatura e, por extensão, “quem é o melhor ou pior escritor, qual obra é grande ou medíocre, [...] qual teoria apresenta maior poder explicativo, quais livros devem ser lidos”.³¹ Ele é formado por agentes (ou seja, os escritores e tradutores) e intermediários (como livreiros, editores e diretores de teatros), que fazem a ponte entre esse espaço social e o campo econômico. Possui ainda instituições sociais específicas (como as academias

²⁹ BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*, Op. cit., p. 99-182.

³⁰ SIMIONI, Ana Paula. Campo artístico. In: CATANI, Op. cit., p. 67.

³¹ PASSIANI, Enio; ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Campo cultural. In: CATANI, Op. cit., p. 72.

literárias, as sociedades eruditas, os círculos de críticos, os cenáculos e os salões), que participam da luta pelo monopólio da autoridade literária e consagram, por suas sanções simbólicas e, principalmente, pela cooptação (distribuição de prêmios, títulos, honras, eleições para uma agremiação e convites para eventos), as obras de seus escolhidos. Sendo assim, tais instâncias se encarregam da manutenção de um dos principais elementos de coesão do campo: a crença de que determinados textos, determinados autores e determinadas ideias possuem valor estético. Aqui Bourdieu chamou a atenção para o papel desempenhado pelo sistema de ensino, evidenciando o fato de que a escola concentra duas funções, encarregando-se da reprodução de um passado cultural (por transmitir aos alunos um conjunto de obras e autores que devem ser lidos, bem como a maneira correta de abordá-los) e, ao mesmo tempo, de sua legitimação (porque consagra as produções de outras épocas como as mais legítimas e aqueles que possuem um diploma como os consumidores culturais mais adequados).³²

A distribuição desigual do capital específico dentro do campo literário tem como resultado uma contraposição entre, de um lado, agentes dominantes (escritores experientes e consagrados, muitas vezes membros de academias literárias, que controlam os critérios de apreciação e legitimação literária) e, do outro, dominados (entre os quais se encontram os estreantes, os desconhecidos e também os vanguardistas, que tencionam alterar o estado das relações do poder).³³ Há ainda uma segunda clivagem, exclusiva dos campos de produção cultural, estabelecida entre a heteronomia (que implica a dependência da arte relativamente às demandas externas, sejam elas de ordem ideológica ou associadas às expectativas do público) e a autonomia (que consiste exatamente no oposto, ou seja, na exaltação de valores propriamente estéticos orientando a produção e a recepção artísticas, em detrimento dos interesses do mercado). Como veremos adiante, foi apenas em meados do século XIX que a lógica da autonomia conseguiu se impor no campo literário francês, libertando-o, conseqüentemente, das demandas das classes dominantes ou do público amplo. Cruzando essas duas clivagens (dominantes *versus* dominados e heteronomia *versus* autonomia), Sapiro identificou a presença de quatro “figuras ideal-típicas” de escritores no campo literário francês no período de 1851 até pelo menos a década de 1960, cada qual com sua concepção de literatura, espaços de sociabilidade e formas de

³² BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*, Op. cit., p. 99-182.

³³ SAPIRO, Gisèle. Campo literário. In: CATANI, Op. cit., p. 89.

engajamento político: os “notáveis”, os “estetas”, os “escritores populares” e os “vanguardistas”.³⁴

Os primeiros (dominantes-heterônomos) são aqueles que desfrutam de consagração institucional e/ou de popularidade entre os leitores, cuja produção literária se orienta para a divulgação de princípios morais e ideológicos. Frequentadores dos salões mundanos, onde convivem com as frações dominantes, podem ocupar cargos políticos e difundir suas ideias (na maioria das vezes, bastante conservadoras) em ensaios publicados na imprensa periódica. Os segundos (dominantes-autônomos) possuem notoriedade exclusivamente simbólica, sendo, por esse motivo, reconhecidos somente entre seus pares. Afirmando-se contra a lógica da vocação pedagógica da literatura, defendem, geralmente em pequenas revistas literárias fundadas por eles próprios, a autonomia dos juízos estéticos, “a preeminência do talento, da originalidade, do estilo”,³⁵ embora nem por isso deixem de se interessar por assuntos políticos ou pela realidade social. Suas reuniões costumam ocorrer em ambientes íntimos, como os cenáculos e as editoras, e seus engajamentos políticos, via de regra, limitam-se à assinatura de petições, assim como à publicação de artigos, ensaios e testemunhos. Devido à posição de dominação, tanto os terceiros (dominados-autônomos) quanto os quartos (dominados-heterônomos) procuram romper com as convenções e regras estabelecidas dentro do campo literário, adotando estratégias subversivas. Seus encontros se realizam nos cafés, os espaços de sociabilidade da boemia por excelência. Mas, enquanto os “vanguardistas”, assim como os “estetas”, preocupam-se mais com a forma do que com o conteúdo de seus textos (de modo que, frequentemente, deixam de abordar as questões trazidas pela atualidade), os “escritores populares” e os “notáveis” fazem o contrário (tratando de assuntos ligados à realidade social, mas negligenciando, por outro lado, aqueles estritamente literários). As duas figuras de dominados se distinguem também porque os “vanguardistas” praticam o manifesto, no qual estabelecem suas teorias literárias que se pretendem revolucionárias, já os “escritores populares” divulgam suas crenças, muitas vezes radicais, em folhetins, panfletos e sátiras sociais. Conforme resumiu a autora:

³⁴ SAPIRO Gisèle. O campo literário francês. Estrutura, dinâmica e formas de politização. Tradução de Germana Henriques Pereira de Sousa. In: QUEMIN, Alain; VILLAS BÓAS, Glaucia. *Arte e vida social. Pesquisas recentes no Brasil e na França*. Coleção Brésil. France, Brasil/França. OpenEdition Press, 2016. p. 71-87. Conforme salientou a pesquisadora, porém, não se trata de um modelo rígido de análise, uma vez que dentro desse recorte temporal ela identificou indivíduos que mudam de uma posição para outra, ou que possuem traços de mais de uma posição, embora uma delas em geral apareça como dominante.

³⁵ Ibidem, p. 76.

[...] quanto mais se ocupam posições dominantes, mais se tende a adotar um discurso acadêmico eufemístico e despolitizado – na forma –, segundo as regras de conveniência do debate intelectual. Inversamente, quanto mais se avança para as posições dominadas, mais o discurso tem a possibilidade de, através da luta contra os pontos de vista dominantes, denunciar, no academicismo, uma forma de conformismo e politização. / No segundo eixo, a autonomia *versus* heteronomia, as concepções de literatura e os discursos críticos se dividem entre, de um lado, aqueles que tendem a se concentrar no conteúdo (a história, o enredo), e, de outro, aqueles em que prevalecem a atenção relativa à forma (narrativa ou poética) e ao estilo da obra, expressão da lógica da autonomização e reflexividade crescente dos campos de produção cultural, cada vez mais orientados para a busca de “distinções culturalmente pertinentes”, para retomar as palavras de Pierre Bourdieu.³⁶

O esquema elaborado por Sapiro sublinha os mecanismos de produção do discurso próprio a cada posicionamento dos agentes (no caso, os escritores franceses desde a autonomização do campo literário até a década de 1960), mostrando a homologia que se estabelece entre os espaços de posições sociais por eles ocupados e os espaços de suas tomadas de posição políticas e estéticas (as estratégias). Em “Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe”, Bourdieu já havia questionado a crença de que uma disposição natural e espontânea orientaria as escolhas estilísticas feitas pelos autores, conforme prega o senso comum, bem como as teorias que concebem o agente cultural como uma “individualidade única e insubstituível” e suas produções, como “expressão da pessoa do artista em sua singularidade”.³⁷ Desinteressadas do horizonte social envolvido no processo criativo, tais concepções resultariam, a seu ver, em análises superficiais. Segundo o sociólogo francês, “o princípio unificador e gerador de todas as práticas e, em particular, destas orientações comumente descritas como ‘escolhas’ da ‘vocação’, e muitas vezes consideradas efeitos da ‘tomada de consciência’, não é outra coisa senão o *habitus*”, que é colocado em ação, gerando “práticas, e por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas”.³⁸ Dito de outro modo, para Bourdieu, a justaposição entre os espaços dos possíveis (o estado atual do campo e a posição ali ocupada pelo agente segundo sua trajetória individual) e a lógica dos possíveis (*habitus*) formaria os

³⁶ Ibidem, p. 74.

³⁷ BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*, Op. cit., p. 201.

³⁸ Ibidem.

temas e as questões que, de forma mais ou menos uniforme, poderiam se apresentar em um determinado campo (literário, científico ou intelectual).³⁹

Por se tratar de um espaço altamente competitivo, todos os agentes do campo literário precisam improvisar estratégias (nem sempre conscientes) no intuito de manter e aumentar o capital simbólico possuído (que pode ou não ser reconvertido em capital monetário).⁴⁰ Mas o esforço pessoal não garante as mesmas oportunidades para todos, da mesma forma que a qualidade literária não pode, por si só, garantir o triunfo de um autor. Existem desigualdades inerentes a todos os campos sociais, inclusive o literário, que fazem com que os agentes herdem diferentes capitais. Aqueles vindos de famílias letradas, com acesso facilitado ao sistema de ensino, ao capital cultural valorizado socialmente e às obras literárias de maior prestígio simbólico, encontram-se necessariamente em situação de vantagem. Isso porque há uma maior similaridade entre as características objetivas do contexto de ação e as condições objetivas dentro das quais os *habitus* deles foram forjados, garantindo a esses agentes sociais um conhecimento antecipado das regras que organizam o campo (algo que Bourdieu chama de “sentido do jogo”).⁴¹ Se expandirmos essas reflexões para além dos limites nacionais,⁴² veremos que, quando originários de países de longa tradição literária (aqueles que possuem uma produção nacional com clássicos da literatura mundial e uma língua oficial com prestígio literário em esfera mundial), os produtores culturais carregam uma bagagem bastante vantajosa:

[...] no universo literário é a concorrência que define e unifica o jogo, ao mesmo tempo em que designa os próprios limites do espaço. Nem todos fazem a mesma coisa, mas todos lutam para entrar no mesmo curso (*concursus*) e, com armas desiguais, tentar atingir o mesmo objetivo: a legitimidade literária. [...] Esses recursos ao mesmo tempo concretos e abstratos, nacionais e internacionais, coletivos e subjetivos, políticos,

³⁹ MIRALDI, Juliana Closesl. *Pierre Bourdieu e a teoria materialista do simbólico*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Campinas: Unicamp, 2015. p. 2.

⁴⁰ BOURDIEU, Pierre. Le champ littéraire: avant-propos. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 89, p. 3-46, 1991. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1991_num_89_1_2986>. Acesso em 02 mar 2020.

⁴¹ Como assinalou Seidl, “tal como no esporte, o bom jogador [dentro de qualquer campo social] é aquele que consegue prever as jogadas dos seus adversários e organizar as suas, inclusive com improvisações, em função disso”. Cf. SEIDL, Ernesto. Jogo (sentido de). In: CATANI, Op. cit., p. 241-243.

⁴² Conforme demonstrou Sapiro, “apesar do conceito de campo ser geralmente empregado em quadros nacionais e de pesquisadores que abordam objetos transnacionais e internacionais renunciarem ao seu uso [...], em nenhum lugar de sua obra, Pierre Bourdieu afirma que os campos são obrigatoriamente circunscritos ao perímetro do Estado-nação”. Ao longo desta tese, contudo, optamos por empregar no lugar de campo o termo espaço social, justamente porque esse último é o mais utilizado em pesquisas sobre as trocas culturais realizadas em âmbito internacional. Cf. SAPIRO, Gisèle. A noção de campo de uma perspectiva transnacional. A teoria da diferenciação social sob o prisma da história global. Tradução de Marcello G. P. Stella. *Plural*, v. 26, n. 1, jul. 2019, p. 234. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159917/154426>>. Acesso em 02 mar 2020.

linguísticos e literários, são a herança específica que cabe como partilha a todos os escritores do mundo. [...] cada escritor entra no jogo munido (ou desprovido) de todo o seu “passado literário”. Encarna e ritualiza toda a sua história literária (principalmente nacional, ou seja, linguística), e transporta consigo esse “tempo literário” sem nem mesmo estar claramente consciente dele, simplesmente pelo fato de pertencer a uma região linguística e a um conjunto nacional. É sempre portanto herdeiro de toda a história literária nacional e internacional que o “faz”.⁴³

Em razão disso, na busca pela legitimidade cultural, os agentes provenientes de campos literários dominantes no espaço internacional (ou seja, de países centrais, com tradição literária mais antiga) se dedicam, via de regra, a obter prestígio simbólico apenas entre seus compatriotas – o que, paradoxalmente, pode bastar para que alcancem reconhecimento entre os leitores estrangeiros –, enquanto aqueles vindos de campos literários dominados (ou seja, de países periféricos, de tradição literária mais recente) geralmente se apropriam de modelos trazidos do exterior (temas, técnicas e estilos), procurando, na filiação a obras e autores estrangeiros consagrados, realizar seus anseios de notoriedade.⁴⁴ Voltando agora ao objeto da presente pesquisa, seria a posição como dominante no campo literário francês (e, por conseguinte, no campo literário internacional), por si só, suficiente para explicar o prestígio desfrutado por Ferdinand Denis entre os brasileiros, conforme indicam os necrológicos publicados na imprensa nacional em sua homenagem? Tendo em vista as disparidades existentes entre o campo literário francês e o campo literário brasileiro, incluindo o fato de que esse último alcançou sua autonomização pelos menos 80 anos depois do primeiro,⁴⁵ poderíamos levantar a hipótese de que o autor precisou adaptar as estratégias utilizadas em cada um desses espaços sociais na luta por consagração? Ademais, seria plausível supor que o reconhecimento obtido entre os brasileiros o ajudou, de alguma forma, a aumentar seu capital simbólico entre os produtores culturais na França? Essas são algumas das perguntas que esta tese procura responder.

⁴³ CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 60-61.

⁴⁴ SAPIRO, Gisèle. A noção de campo de uma perspectiva transnacional. A teoria da diferenciação social sob o prisma da história global. Tradução de Marcello G. P. Stella. *Plural*, v. 26, n. 1, jul. 2019, p. 246. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159917/154426>>. Acesso em 02 mar 2020.

⁴⁵ Foi apenas na década de 1930 que se delineou, no Brasil, um campo literário orientado por regras criadas pelos agentes específicos desse espaço social. Conforme demonstrou Miceli em sua análise, no caso brasileiro, esse processo não significou uma total independência da esfera do poder, porque, sobretudo durante o governo Vargas (1930-1945), muitos escritores nacionais encontraram o ganha-pão no funcionalismo público. Embora precisassem do Estado para sobreviver financeiramente, esses “escritores-funcionários” já tomavam por base critérios de validação propriamente estéticos, o que viabilizou a emergência de um mercado de bens simbólicos nacional. Cf. MICELI, Op. cit.

Revisitaremos a trajetória de Ferdinand Denis no campo literário franco-brasileiro, buscando compreender as condições que permitiram sua emergência como um “amigo do Brasil e dos brasileiros”, ou como um “decano das letras”. Para tanto, torna-se imprescindível situar o campo literário francês e o campo literário brasileiro nos campos do poder (ou seja, analisar as linhas de força que operavam limitando a autonomia relativa de cada um desses espaços sociais, assim como a posição dos homens de letras na França e no Brasil na estrutura das classes dirigentes); investigar a estrutura interna específica de ambos (ou seja, traçar as relações objetivas entre as posições ocupadas/alocadas/deslocadas por agentes ou grupos, nos dois países, em concorrência pela legitimidade literária, de modo a esquadriñar as narrativas desses campos em um determinado momento histórico) e, finalmente, reconstruir os *habitus* coletivos dos grupos ali inseridos (ou seja, esmiuçar o sistema de disposições socialmente construídos tanto na França quanto no Brasil que, como estruturas estruturadas e estruturantes, produziram e unificaram as práticas características dos letrados em cada país).⁴⁶ Investigaremos, portanto, o conjunto de posições sucessivamente ocupadas por ele no espaço internacional, partindo do enquadramento do campo literário francês e do campo literário brasileiro (suscetíveis, como todos os outros campos, a constantes mudanças) a fim de estabelecer os espaços dos possíveis (o sistema regado de temas e obras relativos a cada campo) que limitaram o seu percurso e o de todos os agentes em mesma posição – sem descuidar, é claro, dos traços singulares encontrados nos meandros de sua trajetória individual.⁴⁷

⁴⁶ Cf. MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n. 17, p. 240-264, jan/jun. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n17/a10n17.pdf>>. Acesso em 02 mar 2020; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. *História Social*, Campinas, n. 24, p. 51-73, 1º. Semestre de 2013. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577/1083>>. Acesso em 02 mar 2020.

⁴⁷ Tanto o senso comum quanto o senso científico costumam conceber a existência humana como uma sequência cronológica de acontecimentos interligáveis, encadeados por uma lógica predeterminada – passível, portanto, de ser organizada como uma história. Criticando essa “ilusão biográfica” gerada pelo desejo de se atribuir um sentido único à vida (como significado e também como direção), Bourdieu negou a ideia de uma unicidade do ser, constante simultaneamente no tempo e no espaço, argumentando que nossas ações no mundo seriam fruto mais do imprevisto e da variabilidade – não obedecendo, por conseguinte, a nenhuma “constância diacrônica”, ou “unicidade sincrônica”. Também questionou a pertinência de se atribuir um sentido teleológico à história dos agentes sociais – como se os eventos biográficos seguissem uma linearidade progressiva, tendo uma origem (como partida e princípio de ser) e um fim (como término e objetivo final) –, dizendo que essa causalidade harmônica somente pode ser estabelecida *a posteriori*, quando se torna evidente o desejo de se fornecer coesão e coerência à existência narrada. Diante disso, ele propôs a substituição dos termos história de vida e biografia pelo de trajetória, cujo principal propósito é descrever as posições sucessivamente ocupadas pelo agente social (escritor, artista, cientista) em estados sucessivos do campo no qual ele se encontra inserido (literário, artístico, científico). Cf. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: FGV editora, 2002. p. 183-191.

Nesse processo, deslindaremos três papéis fundamentais desempenhados por Denis no decorrer de sua longa existência: a de viajante (1816-1819), quando, ainda na juventude, atravessou o oceano movido pela expectativa de lograr ganhos financeiros, estabelecendo-se momentaneamente na cidade do Rio de Janeiro e depois, em Salvador; a de homem de letras (1820-1850), quando, nas três décadas seguintes, em paralelo ao trabalho na Biblioteca Santa Genoveva, em Paris – da qual se tornou funcionário no final da década de 1830 –, recorreu à escrita como forma de melhorar sua situação financeira e obter, ao mesmo tempo, prestígio simbólico; e, por fim, a de erudito (1851-1890), quando, sobretudo após os cinquenta anos de idade, seu esforço diligente e o amparo concedido por amigos lhe renderam consagração intelectual entre os letrados da Europa e do Brasil, embora, a partir dos anos 1870, tenha sofrido certo apagamento, principalmente entre seus contemporâneos, em razão da criação de novos parâmetros orientando as pesquisas científicas no período em questão.⁴⁸ A opção por separar a produção literária de Denis em duas frentes (antes e depois de 1851) se deu por três motivos. Primeiramente, porque foi em meados do século XIX que a produção literária francesa conseguiu se autonomizar das demandas externas, ao valorizar o julgamento de especialistas na apreciação dos textos literários, como veremos adiante.⁴⁹ Segundo, porque nesse período também – embora com maior força a partir dos anos de 1860 –, as condições de exercício das atividades letradas passaram por uma nítida mudança, devido à saturação da demanda de bens culturais e à intensificação da concorrência entre os homens de letras.⁵⁰ O terceiro motivo é que, a julgar pela correspondência do autor francês, as trocas culturais transatlânticas realizadas entre ele e os brasileiros se intensificaram à época, em virtude de um desejo evidente, de ambos os lados, de melhorar a projeção internacional.

⁴⁸ OLIVEIRA, Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de. Ser um homem de letras na primeira metade do século XIX francês (1815-1848): a trajetória de Ferdinand Denis, Op. cit., p. 65-78.

⁴⁹ Essa opinião, apresentada por Bourdieu em *As regras da arte*, não é unânime entre os pesquisadores franceses. Saint-Jacques e Viala, por exemplo, veem a autonomização do campo literário francês como um processo de longa duração, cuja origem data dos primórdios do século XVII, de modo que não atribuem a Flaubert e Baudelaire os papéis de precursores, entre os escritores do país, na reivindicação de uma literatura que privilegie a forma em detrimento da função. Criticando Bourdieu por ter restringido sua análise ao século XIX, eles alegam que escritores como Cyrano de Bergerac (1619-1655) e François L'hermite (1601-1655) já haviam deixado explícito, 150 anos antes, o desejo de libertar a produção literária das pressões religiosas, políticas e econômicas. Cf. BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Tradução de Maria Lúcia Machado. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005; SAINT-JACQUES, Denis; VIALA, Alain. À propos du champ littéraire. Histoire, géographie, histoire littéraire. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. 49^e année, n. 2, 1994, p. 395-406. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1994_num_49_2_279266>. Acesso em 02 mar 2020.

⁵⁰ CHARLE, Christophe. Entre révolution et réaction. In: CHARLE, Christophe. *Les intellectuels en Europe au XIXe. siècle. Essai d'histoire comparée*. Paris: Éditions du Seuil, 2001. p. 119-212.

O primeiro capítulo da tese, intitulado “Viajar e escrever sobre o Brasil”, concentra-se no Denis-viajante. Partindo da leitura das cartas escritas por ele a familiares e amigos sob os trópicos, assim como de dois diários que manteve no período de 1816 a 1819, procuramos responder perguntas como: Qual o vocabulário usado pelo jovem francês para exprimir a nova realidade diante de seus olhos? Que imagens sobre o Brasil foram construídas nesses textos? De que maneira elas dialogavam com o repertório cultural então vigente na França, do qual ele provavelmente compartilhava, uma vez que vinha de uma família letrada? Na sequência, investigamos como se deu o reaproveitamento da experiência além-mar por Denis, analisando cinco obras de sua autoria, lançadas entre os anos de 1821 e 1837. Além de entender o contexto de publicação desses estudos, procuramos averiguar se as representações do Brasil e do povo brasileiro encontradas nessas páginas estavam ou não em consonância com aquelas feitas pelo escritor francês em um espaço de caráter mais íntimo – ou seja, nas cartas e diários já referidos anteriormente.

Na sequência, interessa-nos outra faceta de Denis, a de um prolífico escritor, que colaborou incessantemente na imprensa periódica de seu país e trouxe à luz numerosas publicações sobre os mais variados assuntos, ao mesmo tempo em que galgava os degraus do funcionalismo público francês. Assim, no segundo capítulo, “(Sobre)viver da escrita”, contemplamos sua atuação enquanto homem de letras durante a primeira metade do século XIX, período no qual se mostrou particularmente produtivo. Estabelecemos os principais periódicos nos quais colaborou, os conteúdos mais recorrentes em tais publicações e, ainda, a maneira como essas últimas foram recebidas pelos leitores, inclusive por aqueles situados além das fronteiras francesas, sem perder de vista as vicissitudes enfrentadas pelo mercado livreiro a partir da década de 1830. Com base em um diário no qual Denis escreveu de forma irregular, entre os anos de 1829 e 1838, esse capítulo aborda também a rede de relações que estabeleceu com outras personalidades na Europa, destacando a presença do autor em dois importantes espaços de sociabilidade letrada durante o Oitocentos: os cenáculos e os salões parisienses.

Embora tenha deixado uma vasta produção bibliográfica, o nome de Denis permanece citado nos dias de hoje sobretudo por seu *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil*, a primeira história literária a separar a literatura brasileira da portuguesa, considerando-as como unidades autônomas. Por isso, no terceiro capítulo da tese, “O apadrinhamento de Denis na construção identitária brasileira”, discutimos de que maneira as ideias ali expostas repercutiram deste

lado do Atlântico, ajudando os letrados brasileiros no processo de afirmação da independência política recentemente conquistada pelo país. Para tanto, contemplamos inicialmente outro livro de sua autoria, *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie* (1824), no qual, apropriando-se de paradigmas introduzidos alguns anos antes por outros escritores, apresentou as concepções que embasaram seu trabalho como historiador da literatura. Depois, por meio de uma investigação minuciosa das páginas consagradas ao Brasil em sua história literária, procuramos destacar o que há de verdadeiramente novo nesta publicação e o que, em contrapartida, foi percebido como tal por uma crítica sedenta pelo assentamento de pedras fundamentais.

Finalmente, em “Uma rede de relações transnacional”, estudamos Denis já no papel de escritor prestigiado internacionalmente, chefe de uma das mais importantes bibliotecas da Europa, dono de uma ampla e diversificada produção literária, membro de diferentes sociedades científico-acadêmicas e detentor de várias condecorações honoríficas. Buscamos evidenciar que o desejo de se manter reconhecido como um erudito perpassa todos os ensaios escritos por ele sobre o Brasil à época, do mesmo modo como serviu como um importante critério norteador para as relações que procurou estabelecer com brasileiros, fossem eles ligados às atividades políticas, diplomáticas, artísticas ou literárias. Para atingir tal objetivo, tomamos por base 125 cartas trocadas pelo francês com notórias figuras do Brasil no período de 1846 a 1888 – sendo a carta mais antiga a destinada a D. Pedro II, em 18 de novembro de 1846, e a mais recente, a assinada pelo diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Franklin Ramiz Galvão, em 15 de junho de 1886 –, todas reproduzidas e anotadas no Anexo 2 desta tese.

Capítulo 1

Viajar e escrever sobre o Brasil



Figura 1. Ferdinand Denis, litografia de Émille Lasalle (1850?)

Jean-Ferdinand Denis nasceu em Paris no dia 13 de agosto de 1798 (ou, como vem gravado em sua certidão de nascimento, em 26 termidor do ano VI⁵¹). Sua mãe se chamava Aglaé-Sophie Stocard e seu pai, Joseph-André Denis. Ela era filha de um advogado do Parlamento de Paris que, mais tarde, assumiria o cargo de prefeito na cidade de Villecresnes. Ele provavelmente descendia de uma família com menos recursos financeiros, mas conhecia e dominava um grande número de idiomas.⁵² Graças a esses conhecimentos, Joseph-André Denis conseguiu ingressar no funcionalismo público francês, primeiro como intérprete juramentado no Ministério das Relações Exteriores e, depois, como tradutor junto ao mesmo ministério. A família era composta ainda por

⁵¹ O calendário republicano (também conhecido como calendário revolucionário francês) foi criado pela assembleia constituinte francesa a fim de substituir o calendário gregoriano por um modelo que não se relacionasse ao cristianismo ou à monarquia. Nele o ano começa em 22 de setembro (dia da instauração da República), sendo a denominação dos meses inspirada nas estações do ano: vindimário, brumário, frimário (outono), nivoso, pluvoso, ventoso (inverno), germinal, florial, prairial (primavera), messidor, termidor, frutidor (verão). Sua utilização durou de 24 de novembro de 1793 a 31 de dezembro de 1805. Disponível em <https://www.larousse.fr/archives/histoire_de_france/page/153>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵² Joseph-André Denis compreendia perfeitamente o inglês, o italiano, o espanhol e o português, era capaz de traduzir o alemão, tinha algumas noções das línguas dinamarquesa, holandesa e sueca, assim como do grego moderno e do polonês. Cf. BOURDON, Léon (org.). *Lettres familières et Fragments du Journal intime de F. Denis à Bahia (1816-1819)*. Coimbra: Coimbra editora, 1957. p. 143.

Amarante-Alphonse-Dugommier, o filho mais velho do casal, e por Sophie-Marie-Francisca (chamada carinhosamente de Cisca), a caçula, nascidos, respectivamente, em 1794 e 1807. Durante os primeiros anos de casados e até a juventude dos filhos, os Denis passaram por três residências diferentes, mas permaneceram sempre na *Rive Gauche*, o lado mais aristocrático da cidade.⁵³ Todavia, a situação econômica familiar estava longe de ser confortável: em uma carta de 1813 ao então ministro das Relações Exteriores, Hugues Maret, Joseph-André Denis declarou que seus bens haviam sido completamente dilapidados na Revolução de 1789 e que, além disso, o parco salário que recebia como tradutor mal dava para sustentar os três filhos.⁵⁴ Suas queixas buscavam sensibilizar o ministro, obtendo para Ferdinand Denis alguns favores, dos quais falaremos adiante. Mais do que o tom lamurioso utilizado na carta, chama a atenção o fato de que Joseph-André Denis se viu constrangido a mobilizar seu capital de relações sociais a fim de possibilitar aos filhos uma melhor posição na sociedade, ou talvez mesmo para poupá-los de um rebaixamento social significativo.

Embora tivessem perdido o capital econômico do qual dispunham outrora, os Denis ainda mantinham vínculos com artistas, poetas, filósofos, cientistas e, principalmente, com figuras proeminentes das esferas do poder. Foi recorrendo a esses contatos que Joseph-André Denis garantiu que Alphonse Denis, seu primogênito, realizasse estudos formais. Em 1807, o então ministro das Relações Exteriores, Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, concedeu-lhe uma bolsa parcial de estudos no Lycée Impérial de Versailles, uma das mais prestigiadas instituições de ensino da França. Seis anos mais tarde, ele entrou na École Spéciale Militaire de Saint-Cyr, onde se formavam os oficiais do Exército Imperial de Napoleão, mas dessa vez não houve qualquer forma de subvenção.⁵⁵ Alphonse saiu dali com a patente de subtenente e logo teve a oportunidade de entrar em campo, lutando na Batalha de Montereau (1814), que resultou na vitória das tropas do Imperador francês sob as comandadas pelo príncipe de Wurtemberg. Em

⁵³ De acordo com os apontamentos de Moreau, os Denis inicialmente moraram na Rue d'Enfer Saint-Michel, n. 731, no atual 5º. arrondissement, em seguida, na Rue de Verneuil, n. 21, no atual 7º. arrondissement e, por fim, fixaram-se definitivamente na Rue Neuve Notre-Dame des Champs, n. 17, no atual 6º. arrondissement. Cf. MOREAU, 1932, p. 147.

⁵⁴ Cf. SOUZA, Rafael Barbosa. Ferdinand Denis de 1798 a 1826: breve biografia. In: DENIS, Ferdinand. *Resumo da história literária de Portugal seguido do resumo da história literária do Brasil*. Tradução, apresentação e notas por Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2018, p. 13. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188272/001085007.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁵ Cf. SOUZA, Rafael Barbosa. *A transmissão do legado camoniano no século XIX: o caso Ferdinand Denis*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura). Porto Alegre: UFRG, 2017. p. 143.

reconhecimento à sua bravura, o próprio Napoleão Bonaparte lhe agraciou com um dos títulos honoríficos mais importantes do país, a Legião de Honra. Se o futuro de Alphonse parecia cada vez mais promissor, o de Ferdinand Denis, por outro lado, permanecia bastante obscuro. Como não era o primogênito, deixou de obter os trunfos angariados pelo irmão Alphonse. Desejando-lhe uma carreira diplomática no Oriente, seu pai bem que tentara lhe arrumar uma vaga na École de Jeunes de Langues (atualmente conhecida como Institut National des Langues et Civilisations Orientales – INALCO), conforme mostram as sucessivas cartas enviadas por ele aos ministros sucessores a Talleyrand: a primeira delas, em 1810, para Jean-Baptiste Nompère de Champagny, a segunda, em 1813, para o já mencionado Hugues Maret, e a terceira, em 1814, para Armand de Caulaincourt.

Nelas argumentava que a vaga lhe fora garantida havia vários anos, que seu salário modesto no ministério estava aquém do necessário para a educação de um segundo filho e que, ademais, o rapaz mostrava aptidão por línguas. Como todos os pedidos foram indeferidos, Ferdinand Denis acabou recebendo educação doméstica, junto a tutores ou amigos da família. Com um professor particular chamado Jageot, aprendeu latim, italiano e eloquência em francês. Com o abade Dejean, um antigo missionário em Constantinopla, teve aulas de turco. O poeta e tradutor Francisco Manuel do Nascimento, conhecido na Arcádia lusitana como Filinto Elísio, parece ter sido o responsável por seu conhecimento da língua e da cultura portuguesa.⁵⁶ Ele também sabia recitar versos, tocava piano e possuía algumas noções de desenho. Apesar das dificuldades financeiras, portanto, sua família conseguiu lhe transmitir um capital cultural diversificado, permitindo-lhe o domínio das competências necessárias para frequentar os salões organizados pela alta burguesia e pela nobreza (ou, em outras palavras, a incorporação do *habitus* das classes dominantes, embora nem por isso deixasse de ser, como todo escritor francês do século XIX, um dominado no campo do poder⁵⁷). Ferdinand Denis alimentou por muitos anos o projeto de se tornar tradutor-intérprete de línguas orientais, principalmente quando o pai, bastante debilitado, precisou de ajuda para continuar desempenhando suas funções.⁵⁸

⁵⁶ Cf. ORTIGÃO, José Duarte Ramalho de. Uma visita a Ferdinand Denis. In: *Em Pariz*. Porto: Typografia Luzitana, 1868. p. 66-67.

⁵⁷ BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. 8ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 192.

⁵⁸ Conforme deixou registrado Joseph-André Denis: “Na época em que o senhor Denis estivera empregado na qualidade de tradutor no Ministério das Relações Exteriores, uma doença terrível interrompeu seus trabalhos; seu filho viu-se obrigado a acompanhá-lo durante muitos anos a seu escritório, e ele foi destinado, a partir de então, a ocupar uma vaga de tradutor-intérprete no escalão do Oriente. Foi prometida, reiteradas vezes, a admissão na École de Jeunes de Langues ao senhor Ferdinand Denis, mas a negaram injustamente

Parece ter encontrado alguns protetores dispostos a intervir a seu favor, mas nenhum deles conseguiu lhe garantir a tão desejada vaga na École de Jeunes de Langues.

Com a queda do Império Napoleônico em 1815, ele teve que renunciar ao menos momentaneamente à ideia. Nessa época, Joseph-André foi aposentado do emprego no Ministério das Relações Exteriores, sem qualquer bonificação, e seu filho mais velho se viu afastado de suas funções enquanto militar, recebendo em contrapartida apenas uma pequena pensão. Para complicar ainda mais, a caçula Francisca logo atingiria a idade de se casar e precisaria de um dote. Tomando para si a tarefa de mudar o destino financeiro da família, Ferdinand Denis decidiu aceitar a proposta de Adolphe Dubois de Jancigny, que lhe oferecera um emprego na cidade de Calcutá. Em 27 de agosto de 1816, com 18 anos de idade recém-completados, ele deixou o porto de Havre, no nordeste da França, realizando a primeira viagem marítima de sua vida.⁵⁹ Alguns meses mais tarde, depois de uma breve passagem pela Ilha da Madeira, o navio que o transportava enfim atracou no Rio de Janeiro. Ali deveria encontrar uma embarcação com destino à Índia, dando continuidade à sua aventura intercontinental.⁶⁰ Mas o francês decidiu abandonar seus projetos iniciais ao receber o convite de se juntar a Henri Plasson,⁶¹ que se mudara para o Brasil com a

inúmeras vezes [...]” Dossier Joseph-André Denis, Archives Diplomatiques de La Courneuve, França. Apud: SOUZA, Rafael Barbosa. Ferdinand Denis de 1798 a 1826: breve biografia. In: DENIS, Ferdinand. *Resumo da história literária de Portugal seguido do resumo da história literária do Brasil*. Tradução, apresentação e notas por Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2018, p. 27. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188272/001085007.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁹ Dubois de Jancigny assumiria mais tarde a função de diplomata, desempenhando um papel importante no restabelecimento das relações entre a França e a China após a Guerra do Ópio. Sua experiência no Oriente seria aproveitada na escrita de artigos para os jornais da época, incluindo a famosa *Revue de Deux Mondes*. Cf. DENIS, Joseph. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], meados de 1818. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 67-68v). Disponível em <https://archive.org/details/MS3417_f67_68>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁶⁰ Não se sabe ao certo os motivos que o teriam levado a desembarcar na capital brasileira. Bourdon afirmou que talvez fosse mais barato para Denis fazer uma escala no Rio de Janeiro e depois se dirigir a Goa, em vez de viajar direto da Europa para a Índia. Já Barbosa sugeriu que a escolha resultava, sobretudo, da “instabilidade das relações da França com outros países, decorrente das invasões napoleônicas, de modo a ser mais seguro embarcar em um navio português do que em um francês ou inglês”. Fosse por razões de ordem financeira ou política, desde pelo menos as últimas décadas do século XVII os europeus passavam pela cidade do Rio de Janeiro durante suas viagens para o Oriente, conforme indica a *Encyclopédie méthodique* de Panckoucke (1788): “Os franceses e ingleses, indo para a Índia ou de lá retornando, ali [no Rio de Janeiro] fazem uma parada com muita frequência” (no original: “Les Français et les Anglais; en allant dans l’Inde et à leur retour, y [à Rio de Janeiro] relâchant très-souvent”). Cf. BOURDON, Op. cit., p. 153; SOUZA, Op. cit., p. 146; RIO-JANEIRO ou Rivière de Janvier. In: PANCKOUCKE, Charles-Joseph (ed.). *Encyclopédie méthodique, ou par ordre de matières; précédée d’un Vocabulaire universel*. Géographie moderne. T. Troisième. Paris: Panckoucke, 1788. p. 5.

⁶¹ Henri Plasson obteve a patente de coronel de milícias, depois de ter lutado com os brasileiros durante a Guerra da Independência da Bahia (1822-1823). Mas mudou de lado ao se instalar no Rio de Janeiro, onde deu início à publicação do *Le Courrier du Brésil* (1828-1830), posteriormente chamado de *O Moderador* (1830). Em seus artigos, defendeu D. Pedro I dos ataques proferidos pela imprensa nacional e apoiou a causa

intenção justamente de exercer a função de agente consular da França em Salvador. O emprego de secretário convinha mais às ambições de Denis. Além disso, seduzia-lhe a ideia de obter uma promoção em breve, uma vez que Plasson estava seguro de que logo seria nomeado para o cargo de cônsul.

Na capital baiana, os meses foram se passando lentamente sem que o viajante conseguisse realizar a transformação financeira que tanto desejava em sua vida. Para completar sua renda, deu aulas de francês ao brasileiros e enviou para Paris, periodicamente, minerais e exemplares de animais empalhados.⁶² Pouco a pouco, seu otimismo juvenil foi dando lugar a um desânimo crescente, intensificado pela saudade da família e da pátria. Em setembro de 1818, terminaram por se apagar seus últimos raios de esperança. Plasson, cujas expectativas no consulado acabaram não se concretizando, deixou seu posto, sendo substituído por Pascal Berthon.⁶³ Como esse último não pretendia manter um secretário, sugeriu-lhe que encontrasse um emprego qualquer no comércio local, como vendedor de tecidos ou de cervejas.⁶⁴ Horrorizado com a proposta, Denis tomou a resolução de participar dos novos projetos comerciais de Plasson. Sua tarefa consistiu em “escortar [...] um carregamento de objetos manufaturados até São Miguel, no vale médio do Jequitinhonha e trocá-los pelo algodão de qualidade que lá se colhe”.⁶⁵ Três portugueses integraram a expedição, George e Manuel, ambos seus empregados, assim como o comerciante Mateus, colérico e genioso, sobretudo quando sob efeito da cachaça, mas tolerado por ajudar a diminuir os custos da viagem. Partindo em meados de julho de 1819, eles percorreram em 40 dias mais de 380 km pelo interior do território brasileiro. Uma conjunção de fatores parece ter contribuído para fazer da expedição um verdadeiro

de D. Maria II, em Portugal. Quando o imperador abdicou em 1831, decidiu acompanhá-lo em seu retorno à Europa. Cf. LUSTOSA, Isabel. Henri Plasson e a primeira imprensa francesa no Brasil (1827-1831). *Revista Escritos*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 9, p. 77-93, 2015. Disponível em <<http://escritos.rb.gov.br/numero09/artigo03.php>>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁶² Cf. BAREL, Ana Beatriz. L'iris et le colibri: la correspondance familiale de Ferdinand Denis pendant son séjour au Brésil (1816-1819). In: QUINT, Anne-Marie (dir.). *Le conte et la lettre dans l'espace lusophone*. Paris: Presses de la Sorbonne, 2001. p. 93-110.

⁶³ Pascal Berthon de Puray tomou a decisão de se mudar para o Brasil após ter sido condenado por gestão fraudulosa de seus bens na França. Faleceu pouco tempo depois de ter chegado à cidade de Salvador, aos 70 anos de idade. Cf. MACHADO, Marco Antonio Gonçalves (org.). *Guia de fontes para a história franco-brasileira: Brasil Colônia, Vice-Reino e Reino Unido*. Brasília, 2002. p. 104; ORSONI, Georges (org.). *Ferdinand Denis. Journal de mon voyage au Jequitinhonha*. 2017. Disponível em <<https://hal-univ-paris3.archives-ouvertes.fr/hal-01568782/document>>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁶⁴ DENIS, Ferdinand. Mes sottises quotidiennes. Note du 03/10/1818. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3421 (f. 13). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3421/BSG_MS3421#page/n33/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁶⁵ Cf. BRUYAS, Jean-Paul. Introdução. In: DENIS, Ferdinand. *Os Maxacalis*. Tradução de Maria Cecília de Moraes Pinto. Edição crítica com introdução, notas e apêndices de Jean-Paul Bruyas. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979. p. XXVI.

fracasso: a seca dos rios dificultou o transporte das mercadorias, obrigando-os a tomar caminhos mais longos; havia poucos canoieiros disponíveis para o trabalho, o que acabou elevando os dias gastos na viagem; uma grande tensão se instaurou entre os quatro devido à falta dos mantimentos mais básicos; o sol tórrido queimou o algodão não colhido no tempo certo; e, para completar esse quadro já bastante grave, à exceção talvez de Manuel, todos sofreram violentos acessos de febre, causados pelas altas temperaturas.⁶⁶

Denis deixou alguns registros da viagem casual realizada ao Brasil, escrevendo, entre os anos de 1816 e 1819, mais de 40 cartas a familiares e amigos na Europa, e mantendo, nesse mesmo período, dois pequenos diários, aos quais deu os títulos de “*Mes sottises quotidiennes*” (em português, “Minhas tolices cotidianas”) e “*Journal de mon voyage au Jequitinhonha*” (em português, “Diário da minha viagem ao Jequitinhonha”).⁶⁷ Partindo da análise desses documentos, analisaremos nas páginas a seguir as impressões do viajante francês a respeito de sua estadia no continente sulamericano, destacando os sentimentos contraditórios que o invadiram, bem como a interferência de pressupostos vindos de leituras anteriores em seus julgamentos.

1.1. Um viajante francês entre o inferno e o purgatório

Oficialmente os franceses só foram autorizados a entrar no Brasil a partir de 1815, com a queda de Napoleão Bonaparte e a restauração dos Bourbons. Desde os primórdios do século XVI, no entanto, religiosos, soldados, corsários, comerciantes e outros aventureiros vindos da França aportavam na costa brasileira para tentar a sorte ou para participar dos projetos coloniais que o país se esforçava em implementar na então colônia portuguesa.⁶⁸ Os relatos desses viajantes inicialmente associaram o Brasil, com sua

⁶⁶ As cartas enviadas por Denis a Berthon nessa época dão uma ideia das dificuldades enfrentadas pelos viajantes durante os acessos de febre. Ver, por exemplo: DENIS, Ferdinand. [Carta a Pascal Berthon]. Salto Grande [Brasil], 13/09/1819. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 81-82v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f81_82#mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁶⁷ O primeiro diário e as cartas foram publicados pela primeira vez por Léon Bourdon na revista da Faculdade de Letras de Coimbra, em 1857. Já o segundo foi resgatado apenas em 2017 por Georges Orsoni no fundo Smith-Lesouëff da Biblioteca Richelieu, em Paris. Cf. BOURDON, Op. cit.; ORSONI, Op. cit.

⁶⁸ A coroa francesa procurou em duas ocasiões implementar um projeto colonial no Brasil. O primeiro episódio, conhecido como França Antártica, foi liderado por Nicolas Durand de Villegaignon (1510-1571) na Baía de Guanabara entre 1555 e 1560. Dele participaram alguns religiosos, como o frade franciscano André Thevet (1516-1590) e o calvinista Jean de Léry (153?-1613?), cujos relatos alcançaram grande popularidade.

natureza exuberante, rios de águas cristalinas, solos férteis e clima primaveril, ao Éden ou à terra prometida.⁶⁹ Tal visão idílica se estendia aos nativos da terra, retratados, na maior parte das vezes, como receptivos aos franceses e fáceis de serem civilizados (ainda que polígamos, antropofágicos e mais suscetíveis a influências satânicas⁷⁰). A partir de meados do século XVII, essas imagens passaram a conviver com outras bastante negativas que viam por todos os lados sinais de um atraso no desenvolvimento natural da América e de uma degeneração dos homens que por aqui viviam. Alguns autores desse período – em sua maioria cientistas e filósofos que jamais atravessaram o oceano, vale a pena dizer – afirmavam que o Brasil, assim como o restante do continente americano, era uma terra pouco hospitaleira, com um clima excessivamente úmido e quente, dominada por uma natureza tacanha e habitada por indivíduos de grande debilidade física e moral.⁷¹

Antes de entrar no navio rumo ao Rio de Janeiro, Ferdinand Denis provavelmente teve acesso a alguns desses relatos que, embora recheados de fantasias e contradições, obtiveram grande popularidade entre os leitores europeus. Segundo Moreau, como toda família burguesa do início do século, os Denis provavelmente possuíam, em sua biblioteca particular, enciclopédias iluministas, estudos sobre a relação entre o homem e a natureza, além de obras voltadas direta ou indiretamente à temática do exótico – como *De l'esprit des lois* (1748), o famoso tratado de teoria política de Montesquieu; *Rapports du*

Já o segundo, que entrou para a história com o nome de França Equinocial, ocorreu em São Luís, no Maranhão, entre 1612 e 1615. Algumas das narrativas mais importantes sobre esse período foram assinadas pelos capuchinhos Claude d'Abbeville (15?-1632) e Yves d'Évreux (1570-163?). Esse último, aliás, seria resgatado por Ferdinand Denis, como veremos no capítulo 4.

⁶⁹ Ver a esse respeito: THEVET, André. *Singularidades da França Antártica*. Tradução, prefácio e notas de Estevão Pinto. São Paulo; Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1994. p. 49; BARRÉ, Nicolas. *Lettres sur la navigation du Chevalier de Villegaignon (1555-6)*. Apud: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 32. Sobre a permanência de tal temática no imaginário coletivo brasileiro até os últimos anos do século XIX, consultar: CARVALHO, José Murilo de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 38, outubro 1998. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300004>. Acesso em 13 ago. 2020.

⁷⁰ Cf. LABORIE, Jean-Claude. Les diables brésiliens à l'épreuve de la colonisation. In: HOLTZ, Grégoire; DE ROLLEY, Thibaut Maus (dir.). *Voyager avec le diable. Voyages réels. Voyages imaginaires et discours démonologiques (XVe.-XVII. siècles)*. Paris: PUPS, 2008. p. 221-234.

⁷¹ Em 1749, o naturalista Leclerc de Buffon viu no pequeno porte dos quadrúpedes americanos uma prova para a sua tese de que a natureza não conseguiria se desenvolver plenamente no Velho Mundo. Em 1768, o abade Cornelius de Pauw retomou as ideias apresentadas anteriormente por Buffon, afirmando “que assim como os grandes animais não podiam vingar no Novo Mundo, a espécie humana estava também destinada a degenerar nessas regiões sem chegar a atingir a maturidade”. Pouco tempo depois, mais exatamente no ano de 1775, Rousseau lançou o mito do bom selvagem americano – o que mostra a coexistência de ideias divergentes sobre o Brasil no período em questão. Cf. BRZOZOWSKI, Jerzy. *Rêve exotique: images du Brésil dans la littérature française (1822-1888)*. Cracovie: Abrys, 2001. p. 17-24; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*, Op. cit., p. 41-43.

physique et du moral (1892), do fisiologista e filósofo Pierre Jean Georges Cabanis; ao menos parte da coleção *Histoire Naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roi* (1749-1804), organizada pelo conde de Buffon; as coletâneas poéticas *Les Trois règnes de la nature* (1808) e *Les Plantes* (1797), de Jacques Dellile e Réne-Richard Castel, respectivamente; assim como *Robinson Crusoe* (1719), *Les Incas ou la destruction du Pérou* (1777) e *Paul et Virginie* (1787), três narrativas em prosa ficcional ambientadas em regiões pouco conhecidas na Europa, que foram escritas por Daniel Defoe, Jean-François Marmontel e Bernardin de Saint-Pierre, nessa ordem.⁷² Trata-se evidentemente de uma suposição. É certo, porém, que em outubro de 1818, já na cidade de Salvador, o jovem francês (re)leu a obra *Dictionnaire raisonné universel d'histoire naturelle; contenant l'Histoire des animaux, des Végétaux et des Minéraux, et celle des Corps célestes, des Météores et des autres principaux phénomènes de la Nature* (1764), escrita pelo naturalista Jacques-Christophe Valmont de Bomare (1731-1807), um dos mais conhecidos desse período.⁷³

Embora a publicação não trate apenas do Brasil, Valmont de Bomare dedicou alguns verbetes para descrever, tão minuciosamente quanto lhe foi possível, a fauna e a flora da então colônia portuguesa. Falou das árvores frondosas de maior ou menor porte existentes por essas terras, de seus frutos saborosos e de suas copas sempre repletas de folhas esverdeadas, dos pássaros coloridos e de seus cantos alegres, dos peixes encontrados à abundância nos rios caudalosos ou na região litorânea, e dos mamíferos, geralmente menores do que aqueles de mesma espécie na Europa, segundo o naturalista. Deu especial atenção aos animais típicos das regiões tropicais a exemplo do tucano, da anta, do tamanduá e do bicho-preguiça, procurando compará-los com aqueles conhecidos por seus leitores. Não deixou de alertar também para os perigos de uma aventura pelo interior do território brasileiro, sob a alegação de que pelo caminho poderiam ser encontrados seres monstruosos, metade peixe e metade homem, conhecidos pelo nome de *ypapia*,⁷⁴ bem

⁷² Cf. MOREAU, 1932, p. 10.

⁷³ Em uma passagem de 09 de outubro de 1818 de seu diário, Denis afirmou ter emprestado dois volumes da biblioteca de Salvador: uma obra não identificada, escrita por Valmont de Bomare, e um *Dictionnaire des mœurs*, cujo autor deixou de mencionar. A partir do catálogo da referida biblioteca desse mesmo ano, Moraes chegou à conclusão de que a primeira corresponde ao já referido *Dictionnaire raisonné universel d'histoire naturelle* e o segundo, ao *Dictionnaire des mœurs*, de Jean François Bastide. Cf. MORAES, Ruben Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2006. p. 169.

⁷⁴ VALMONT DE BOMARE, Jacques-Christophe. *Ypapia*. In: *Dictionnaire raisonné universel de l'histoire naturelle avec plusieurs articles nouveaux & un grand nombre d'addition sur l'Histoire naturelle, la médecine, l'économie domestique & champêtre, les arts & le métiers*. Nouvelle édition. T. douzième. Yverdon: 1769. p. 338.

como enormes serpentes, capazes de abocanhar e engolir de uma só vez mulheres grávidas.⁷⁵ Com relação aos nativos, Valmont de Bomare se mostrou bem mais sucinto, limitando-se a dizer que não haveria uma diferença significativa entre os brasileiros, os mexicanos ou os peruanos: todos eles seriam, a seu ver, divertidos e enérgicos, porém pequenos, indolentes, franzinos, e inférteis (embora particularmente lascivos e precoces em assuntos ligados à sexualidade).⁷⁶ Como muitos de seus contemporâneos, ele acreditava que o clima poderia influenciar tanto as características internas (humor, sagacidade e disposição ao trabalho físico ou às atividades intelectuais) quanto as externas (altura e peso) dos seres humanos. Defendia ainda a superioridade física e psicológica dos europeus, principalmente de seus compatriotas franceses – daí a presença, no interior de sua coleção, de longos trechos sobre a beleza das francesas, ou sobre a personalidade alegre e filosófica dos franceses.⁷⁷

A experiência transatlântica se apresentou para Denis como uma grande oportunidade, se não de enriquecer, ao menos de confrontar as ideias reproduzidas por Valmont de Bomare e outros escritores contemporâneos em relação ao território brasileiro. Por isso, foi com um misto de entusiasmo e apatia, admiração e desprezo que seu olhar se dirigiu, em um primeiro momento, ao Brasil e aos brasileiros. Vemos essa oscilação já em uma carta de 12 de março de 1817, enviada para o pai da capital do império, em cujo território desembarcara semanas antes.⁷⁸ Mesmo que tenha se mostrado encantado com a beleza e a diversidade de espécies do Jardim Botânico, criado em 13 de junho de 1808 por D. João VI (“Que vegetação! que Jardim de Plantas! É uma verdadeira estufa quente em céu aberto. Há, a duas léguas da cidade, um Jardim Botânico! Ele contém quase todas as plantas da Índia”⁷⁹), e com a ampla coleção de livros da Real Biblioteca, conhecida nos

⁷⁵ VALMONT DE BOMARE, Jacques-Christophe. Serpent. In: Dictionnaire raisonné universel de l’histoire naturelle contenant l’histoire des animaux, des végétaux et des minéraux, et celle des corps célestes, des météores, et des autres principaux phénomènes de la nature. 4ème édition. V. 13. Lyon: Bruyset, 1791. p. 213.

⁷⁶ VALMONT DE BOMARE, Jacques-Christophe. Homme. In: Dictionnaire raisonné universel de l’histoire naturelle contenant l’histoire des animaux, des végétaux et des minéraux, et celle des corps célestes, des météores, et des autres principaux phénomènes de la nature. Nouvelle édition. T. quatrième. Paris: Brunet, 1775. p. 466-467.

⁷⁷ Ibidem. p. 458.

⁷⁸ Não se conhece a data exata da chegada de Ferdinand Denis ao Brasil. Há um intervalo de seis meses entre sua carta de 03 de setembro de 1816, enviada da Ilha da Madeira, e a de 12 de março de 1817 em questão, que é a primeira assinada por ele do Rio de Janeiro da qual se tem notícias. Cf. BOURDON, Op. cit., p. 154.

⁷⁹ No original: “Quelle végétation! quel Jardin des Plantes! C’est une vraie serre chaude en plein air. Il y a, à deux lieues de la ville, un Jardin Botanique. Il renferme presque toutes les plantes de l’Inde. Ce qu’il y a de plus remarquable, c’est une culture de thé magnifique et préférable à celui de la Chine”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Joseph-André Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 12/03/1817. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 13-14v). Disponível em <https://archive.org/details/MS3417_f13_14>. Acesso

dias de hoje como Biblioteca Nacional do Brasil⁸⁰ (“[...] a Biblioteca Pública é suficientemente bem fornida de livros”⁸¹), não deixou de censurar o baixo número de lojas de livros existentes à época na corte (“Julgue as cidades, meu caro papai: há apenas quatro livrarias no Rio de Janeiro”⁸²). Também se referiu de forma pouco lisonjeira às duas maiores cidades brasileiras da época, quando, comentando sua mudança do Rio de Janeiro para a Bahia, que deveria se realizar em breve, afirmou categórico: “Parto para esse território [Salvador] apenas em alguns dias. É deixar o Inferno para ir ao Purgatório”.⁸³ Adiante na mesma carta, voltou a associar o Brasil a esses dois espaços bíblicos, aludindo ao quadro *Caïn après la meurtre d’Abel* (1812), que o pintor histórico Paulin Guérin expusera no Salão de Paris no ano anterior: “É aqui que se pode apreciar o *Caïn*, do Sr. Guérin; sou todos os dias testemunha do sublime efeito que ele representou”.⁸⁴

Existem ao menos duas possibilidades para esse último paralelo. Na primeira delas, o viajante francês estaria se referindo ao cenário retratado por Guérin, sobretudo às cores vibrantes utilizadas por ele na composição do nascer ou do pôr do sol (como o vermelho-alaranjado e o amarelo vivo). Alguns anos mais tarde, aliás, em *Scènes de la nature sous les tropiques* (1822), Denis descreveria da seguinte forma o radiante encontro entre os raios do sol com as águas do mar sob o crepúsculo nas regiões equinociais: “ali

em 20 fev. 2020. Criado em 13 de junho de 1808 por D. João VI, o Jardim Botânico da cidade do Rio de Janeiro já foi conhecido como Real Horto, ou Viveiro da Lagoa de Rodrigo de Freitas. Trata-se de um jardim de aclimação de plantas vindas de outros países, inclusive da Índia, como aponta esse trecho da carta.

⁸⁰ A história da biblioteca começou no final de 1807, quando a família real portuguesa fugiu para o Rio de Janeiro a fim de escapar de uma eminente invasão das tropas napoleônicas. Partindo às pressas de Lisboa, a comitiva se viu impossibilitada de transportar a Real Biblioteca, considerada uma das melhores da época, e deixou para trás os cerca de 60 mil livros que compunham seu acervo. A única exceção coube à coleção de Antônio de Araújo de Azevedo, o conde da Barca, enviada em 1807 no navio *Medusa* e adquirida pela coroa lusitana doze anos depois, em um leilão. Uma vez instalado na nova corte tropical, D. João VI ordenou que seus livros e documentos fossem encaminhados para o Rio de Janeiro. Eles chegaram aos poucos, em três remessas: a primeira em 1810 e as duas últimas no ano seguinte. Com a volta do imperador a Portugal em 1821, depois da Revolução dos Cravos, e a proclamação da Independência do Brasil, alguns meses mais tarde, a biblioteca virou motivo de disputa entre portugueses e brasileiros. Apenas em 1825 saiu um acordo que estipulava que o acervo poderia permanecer no Rio de Janeiro se D. Pedro I se compromettesse a indenizar a família portuguesa em 800 contos de réis, que foram pagos a partir de um empréstimo feito com a Inglaterra. Em 1814, a biblioteca foi aberta para consulta do público e atualmente ela é considerada pela Unesco a oitava maior instituição no gênero do mundo. Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz; AZEVEDO, Paulo César de; COSTA, Angela Marques da. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. 2ª. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁸¹ No original: “[...] la Bibliothèque Publique est assez bien fournie en bouquins”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Joseph-André Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 12/03/1817. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 13-14v). Disponível em <https://archive.org/details/MS3417_f13_14>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁸² No original: “Juge des villes, mon cher papa: il n’y a que quatre librairies à Rio de Janeiro!”. Ibidem.

⁸³ No original: “Je ne pars pour ce pays [Salvador] que dans quelques jours. C’est quitter l’Enfer pour aller au Purgatoire”. Ibidem.

⁸⁴ No original: “C’est ici qu’on pourrait apprécier le *Caïn* de Mr. Guérin; je suis tous les jours témoin de l’effet superbe qu’il a représenté”. Ibidem.

[...] o sol [...] lança seus últimos raios, as águas do oceano refletem esse brilho luminoso; longe de apresentar somente um tom monótono, as ondas se tingem ao longe como leves nuvens que se adornam dos raios do sol [...]”.⁸⁵ Para melhor fundamentar seu raciocínio e garantir a compreensão dos leitores, evocou a obra de Guérin, que havia feito certo sucesso em Paris: “esse efeito extraordinário foi revelado com uma verdade e um talento muito remarcáveis no quadro que começou a reputação de Paulin Guérin, no qual ele representou Caim fugindo após seu crime”.⁸⁶ Mas, nesse caso, como explicar a ausência de palmeiras, sabiás, tucanos, onças pintadas e outros animais típicos dos trópicos? Na segunda hipótese, Denis teria a intenção de retratar o Brasil como a uma terra de grande sofrimento, um verdadeiro purgatório terrestre. Guérin escolheu tons sombrios para representar Caim, o que ressalta a atitude criminoso da personagem bíblica; seu olhar expressa medo, assim como seu braço posicionado acima da cabeça, em uma tentativa desesperada de proteção. Sua esposa e os dois filhos do casal, todos inocentes, mas igualmente amedrontados, destacam-se na paisagem com cores mais suaves; enfim, vários elementos transmitem a ideia de que a cólera divina estaria prestes a punir de forma severa o fraticida.



Figura 2. *Cain après la meurtre d'Abel*, Paulin Guérin (1812)

⁸⁵ No original: “le soleil [...] lance ses derniers feux, les eaux de l’Océan réfléchissent cette lueur éclatante; loin de ne présenter qu’une teinte monotone, les flots se colorent au loin comme les nuées légères qui se parent des feux du soleil sans les cacher [...]”. DENIS, Ferdinand. *Scènes de la nature sous les tropiques, et leur influence sur la poésie, suivies de Camões et Jozé Indio*. Paris: Louis Janet. p. 33-34.

⁸⁶ No original: “cet effet extraordinaire a été rendu avec une vérité et un talent très-remarquables dans le tableau qui a commencé la réputation de Paulin Guérin, et où il a représenté Cain fuyant après son crime”. Ibidem, p. 503.

Tal interpretação ganha mais força quando lida ao lado de uma crítica ao quadro feita pelo Museu Nacional de Luxemburgo duas décadas mais tarde:

Caim fugitivo, seguido de sua esposa e de seus filhos, encontra-se parado na beira de um precipício. O trovão que estoura acima de sua cabeça o enche de pena e desperta seu remorso. Satã, que o impeliu ao fratricídio, prende-se a seus passos sob a forma de uma serpente. O bastão ensanguentado lembra seu crime; seus filhos choram nos braços da mãe, que desmaiou de cansaço e dor, implorando a misericórdia divina.⁸⁷

Com a referência ao purgatório e ao inferno, Denis se afastou daquela visão edênica sobre o Brasil, em circulação na Europa desde primórdios do século XVI, conforme mencionado. Mas, uma vez instalado na capital baiana com o propósito de trabalhar como secretário de Plasjon, acabou revendo (ao menos parcialmente) seus julgamentos iniciais. Assim, em 12 de maio de 1817, escreveu as seguintes linhas à sua mãe:

Retiro o que disse; não é como eu dizia, sair do purgatório para entrar no inferno. Se se compara essas duas cidades, a Bahia sai vitoriosa de todas as formas. Para começar, brisas marítimas refrescam continuamente a atmosfera e, ainda que mais próximos da linha [do Equador], sofremos menos com o calor. Os habitantes se veem mais, os passeios são mais belos, os caminhos praticáveis, etc.⁸⁸

Ainda que Salvador tenha lhe parecido preferível à corte, ele não deixou de identificar alguns aspectos negativos na nova cidade, como construções de frágil solidez e uma vida cultural excessivamente parada:

A cidade baixa, a cidade do comércio, é o local mais vil da terra. De fato, constrói-se tão bem que é provável que as primeiras casas do topo desmoronarão sobre as lojas da parte baixa que, por conseguinte, desabarão no porto. Não posso olhar sem terror o teatro, que parece querer abrir esse baile. Então há um teatro na Bahia? Ouvi darem esse nome a um edifício grande o bastante, faltando janelas, aberto aos quatro

⁸⁷ No original: “Caïn fugitif, suivi de sa femme et de ses enfants, se trouve arrêté au bord d’un précipice. Le tonnerre qui éclate au-dessus de sa tête le remplit d’épouvante et réveille ses remords. Satan, qui l’a poussé au fratricide, s’attache à ses pas, sous la forme d’un serpent. La massue ensanglantée rappelle son crime; ses enfants pleurent dans les bras de leur mère, qui s’évanouit de fatigue et de douleur, en implorant la clémence divine”. Cf. MUSÉE National de Luxembourg. *Explication des ouvrages de peinture et de sculpture de l’École moderne de France exposés dans le Musée royal du Luxembourg*: destiné aux artistes vivants. Paris: Vinchon, 1846. p. 27.

⁸⁸ No original: “Je me rétracte; ce n’est pas comme je le disais, sortir du purgatoire pour entrer en enfer. Si l’on compare ces deux villes, Bahia l’emporte de toutes façons. D’abord, des brises maritimes rafraîchissent continuellement l’atmosphère et, quoique plus rapprochés de la ligne, nous souffrons moins de la chaleur. Les habitants se voient d’avantage, les promenades sont plus belles, les chemins praticables, etc. ”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Aglaé-Sophie Stocard]. Salvador [Brasil], 12/05/1817. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 15-16v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f15_16#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

ventos. Aos ventos somente, porque está fechado ao público desde a morte da Rainha.⁸⁹

As impressões do viajante sobre as paisagens naturais brasileiras, com as quais entrou em contato mais de perto durante a incursão pelas províncias da Bahia e de Minas Gerais, foram igualmente ambivalentes. A Mata Atlântica nos arredores do município de Belmonte, por exemplo, despertou nele sentimentos bastante favoráveis:

Hoje eu desfrutei de um espetáculo digno de dias de sofrimento e de trabalho. A natureza que é mesquinha com suas belezas nas proximidades das cidades estende aqui toda a sua magnificência. Perto de Belmonte, somente pude ver uma bela cortina de vegetação radiante, mas sem efeitos [...].

Estou agora em uma admiração contínua.⁹⁰

Contudo, em seu “Journal de mon voyage au Jequitinhonha”, Denis afirmou que a vegetação do litoral baiano, com suas palmeiras em moitas e cactos de fruto vermelho-vívido, seria “pouco ativa”, e o “aspecto [das] florestas virgens” do cerrado, “desagradável” devido à predominância de árvores “atrofiadas e queimadas pelo sol”.⁹¹ As enormes cachoeiras de Salto Grande (atual Salto da Divisa), no nordeste de Minas Gerais, também não lhe causaram uma boa sensação. Em setembro de 1819, anotou em seu diário: “Depois de ter caminhado o espaço de meio quarto de légua [...], cheguei ao local onde cai sob as pedras essa torrente verdadeiramente assustadora. [...] tudo apresenta ali a imagem da desolação e do caos. O espetáculo não é sublime, é assustador”.⁹² Poucos dias mais tarde, reiterou essa ideia, registrando no mesmo documento as seguintes palavras: “contemplava com temor essas torrentes às quais nada pode resistir [...]. Tudo havia sido

⁸⁹ No original: “La ville basse, la ville du commerce, est le plus vilain endroit de la terre. Du reste on construit si bien qu’il est probable que les premières maisons du haut feront la culbute sur les boutiques du bas qui crouleront dans le port. Je ne puis regarder sans effroi le théâtre qui a l’air de vouloir ouvrir le bal. Il y a donc un théâtre à Bahia? J’ai entendu donner ce nom à un bâtiment assez vaste, manquant de fenêtres, ouvert aux quatre vents. Aux vents seulement, car il est fermé pour le public, depuis la mort de la Reine. J’ignore parfaitement ce que peuvent faire les acteurs”. Cf. Ibidem.

⁹⁰ No original: “J’ai, aujourd’hui, joui d’un spectacle méritant bien quelques jours de peine et de travaux. La nature qui est avare de ses beautés dans le voisinage des villes déploie ici toute sa magnificence. Près de Belmonte, je n’avais pu voir qu’un beau rideau de verdure éclatante, mais sans effets [...]. Maintenant je suis dans une admiration continuelle”. Cf. ORSONI, Op. cit., 17/08/1819.

⁹¹ Extraído do original: “La végétation du rivage est peu active; quelques palmiers croissent en buissons; des raquettes dont le fruit vermeil offre un rafraîchissement assez agréable sont à peu près les seuls végétaux que l’on rencontre après avoir quitté les manguiers; une centaine de pas plus loin commencent les forêts vierges mais leur aspect est désagréable: presque tous les arbres sont rabougris et brûlés par le soleil”. Cf. ORSONI, Op. cit., 09/08/1819.

⁹² No original: “Après avoir marché l’espace d’un demi-quart de lieue [...], je suis arrivé au lieu où s’écroule sur les cailloux ce torrent vraiment effrayant. [...] tout présente en ce lieu l’image de la désolation et du chaos. Le spectacle n’est point sublime, il est effrayant”. Ibidem, 15/09/1819.

esquecido. O barulho das cascatas, o grito dos pássaros animavam, por assim dizer, esse quadro, mas o deixando ainda mais aterrorizante”.⁹³

Quando o assunto foram os habitantes do Brasil, suas práticas e costumes, o jovem viajante uma vez mais se mostrou dividido em suas opiniões. A elite lusitana que vivia em Salvador lhe pareceu obcecada por bens materiais e dinheiro, a ponto de ele escrever, em dezembro de 1817: “Não vou a nenhuma sociedade portuguesa: a falta de riqueza é um grande defeito aos olhos deles e, nesse ponto, devo ser pouco recomendável”.⁹⁴ Talvez o orgulho ferido tenha sido justamente o motivo por detrás desse retrato bastante depreciativo, quase cruel, dos portugueses. Nos documentos pessoais de Denis não faltam menções à impossibilidade de se fiar tanto nas palavras quanto nas promessas desses últimos: “Deus queira que essa não seja uma promessa portuguesa”,⁹⁵ “eu não posso me fiar demais no que dizem os portugueses”,⁹⁶ lemos em uma carta de 10 de março de 1818 e em uma anotação de seu diário de 27 de agosto do ano seguinte, respectivamente. Outras críticas recorrentes giram em torno da incompetência dos portugueses na administração do Brasil, resultando em constantes reclamações de sua parte sobre os serviços gerenciados pela coroa lusitana, incluindo o correio (“Não tens ideia da péssima administração dos correios do Brasil! Vejo como um milagre encontrar uma carta que está no escritório há dois meses”⁹⁷); ou então em uma repreensão à defesa promovida pelo governo baiano durante a investida de um corsário vindo provavelmente dos Estados Unidos (“Fez-se sair contra ele três navios armados e carregados de tropas que voltaram dois dias depois, dizem, sem o poder encontrar [...]. Se os portugueses forem sempre assim covardes, esse navio sozinho é capaz de arruinar o comércio da Bahia”⁹⁸).

⁹³ No original: “Je contemplais avec terreur ces torrents auxquels rien ne doit résister [...]. Tout était oublié. Le bruit des cascades, le cri des oiseaux animaient pour ainsi dire, ce tableau, mais en le rendant plus effrayant”. Ibidem, 20/09/1819.

⁹⁴ No original: “Je ne vais dans aucune société portugaise: le manque de richesse est un grand défaut à leurs yeux et, sur ce point-là, je dois être fort peu recommandable”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Aglaé-Sophie Stocard]. Bahia [Brasil], 21/12/1819. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 31-32v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f31_32#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁹⁵ No original: “Dieu veuille que ce ne soit pas une promesse portugaise”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Alphonse Denis]. Bahia [Brasil], 10/03/1818. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 45-46v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f45_46#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁹⁶ No original: “[...] je ne puis pas trop m’en rapporter à ce que me disent les Portugais”. Cf. ORSONI, Op. cit., 27/08/1819.

⁹⁷ No original: “Tu n’as pas d’idée de la mauvaise administration des postes du Brésil! Je regarde comme un miracle de retrouver une lettre qui est au bureau depuis deux mois”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Aglaé Stocard-Denis]. Bahia [Brasil], 03/04/1818. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 49-50v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f49_50#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁹⁸ No original: “On a fait sortir contre lui trois navires armés et chargés de troupes qui sont revenus deux jours après sans, disent-ils, l’avoir pu rencontrer [...]. Si les Portugais sont toujours lâches, ce bâtiment est

Ideias negativas e estereotipadas a respeito de Portugal figuravam nas letras francesas desde pelo menos meados do século XVIII. Segundo Brzozowski, “o momento histórico é ruim para os portugueses: ao lado dos espanhóis, eles representam as únicas nações onde, em pleno século das Luzes, a Inquisição se manifesta com força”.⁹⁹ Entre as principais fontes utilizadas para alimentar esses clichês, encontravam-se relatos de aventureiros que haviam visitado o Brasil na primeira metade do Setecentos, como o engenheiro e explorador François Froger, o viajante bretão Le Gentil de La Barbinais e um escritor anônimo cujo navio atracara na capital baiana no ano de 1703.¹⁰⁰ Ainda que tenham divergido em seus julgamentos quanto a uma série de assuntos (como a alimentação e a arquitetura do Rio de Janeiro e de Salvador, por exemplo), nenhum deles deixou de emitir considerações depreciativas acerca dos lusitanos:

[...] os três viajantes são antes unânimes na crítica dos próprios portugueses. A sociedade deles está manchada com a decadência, cuja causa primeira é a ociosidade, decorrente da posse de escravos dos quais cada português tem ao menos uma dúzia, e que não apenas fazem toda a tarefa penosa, mas praticamente todos os trabalhos, mesmo aqueles que exigem pouco esforço da parte de seus mestres.¹⁰¹

O mais mordaz dos três, o anônimo de 1703, afirmou que, apesar de amáveis à primeira vista, os portugueses seriam ao mesmo tempo belicosos e covardes, porque procurariam constantemente arrumar novas disputas desde que em vantagem numérica em relação a seus adversários.¹⁰² Não é possível afirmar que Denis tenha, de fato, lido a obra em questão, mas não deixa de ser curioso encontrar em seu “Journal de mon voyage au Jequitinhonha” um retrato parecido de Mateus, o comerciante português com quem dividiu os gastos de sua expedição pelo interior do Brasil. Em determinada passagem do diário, ele

capable à lui seule de ruiner leur commerce de Bahia”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Joseph Denis]. Bahia [Brasil], 03/04/1818. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 51-52v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f51_52#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁹⁹ No original: “Le moment historique est mauvais pour les Portugais: avec les Espagnols, ils représentent les seules nations où, en plein siècle des Lumières, l’Inquisition sévit”. Cf. BRZOZOWSKI, Op. cit., p. 19.

¹⁰⁰ O primeiro escreveu *Relation d’un voyage fait en 1695, 1696 et 1697 aux côtes d’Afrique, détroit de Magellan, Brésil, Cayenne et îles Antilles, par une escadre des vaisseaux du roi, commandée par M. De Genes* (1711); o segundo, *Nouveau voyage autour du monde par M. Le Gentil. Enrichi de plusieurs plans, vues et perspectives des principales villes du Pérou, Chilly, Brésil et de la Chine, avec une description de l’Empire de la Chine, beaucoup plus ample et plus circonstanciée que celles qui ont paru jusqu’à présent, où il est traité des mœurs, religion, politique, éducation et commerce des peuples de cet Empire* (1728); e o terceiro, *Journal d’on voyage sur le côtes d’Afrique et aux Indes d’Espagne* (1723).

¹⁰¹ No original: “[...] les trois voyageurs sont plutôt unanimes dans la critique des Portugais eux-mêmes. Leur société est entachée de décadence, dont la première cause est l’oisiveté, due à la possession des esclaves dont chaque Portugais a au moins une douzaine, et qui font non seulement toute la besogne pénible, mais pratiquement tous les travaux, même ceux qui n’exigent guère d’effort de la part de leurs maîtres”. Cf. BRZOZOWSKI, Op. cit., p. 19.

¹⁰² Ibidem, p. 20.

contou que, quando decidiu limitar o consumo de aguardente entre os participantes da expedição, Mateus pôs-se a cantarolar músicas com as quais buscava indiretamente lhe ameaçar. Como a estratégia não surtiu o resultado esperado, uma vez que Denis não se deixou intimidar (“Sei que o assassinato está perfeitamente nos hábitos das pessoas com as quais viajo, mas não ignoro também que elas são tão destemidas quanto quisermos. Olhei-o com muita indiferença e fingi não compreender nada do que ele parecia me dizer”¹⁰³), no final desse mesmo dia, o comerciante procurou, mais uma vez sem sucesso, se desculpar por seu comportamento inapropriado (“Fiz tão pouco caso desses últimos discursos quanto dos primeiros, mas [...] não mudo de maneiras a seu respeito. Eu não temeria a lança de um oponente, mas temo o fuzil escondido de um inimigo furtivo”¹⁰⁴). Mateus foi tomado muitas vezes pelo jovem viajante como o modelo a partir do qual baseou suas percepções sobre todos os indivíduos originários de Portugal, de modo que a anedota não diz respeito exclusivamente ao temperamento dessa personagem, mas ao do povo lusitano por extensão.¹⁰⁵

Essas linhas foram escritas por Denis no calor do momento, aos 21 anos de idade, durante sua penosa incursão pelo interior do Brasil – e dificilmente refletem as opiniões sustentadas por ele em épocas mais maduras. A escrita diarística constituiu uma prática constante para o francês ao longo de toda sua vida, mas nesse momento específico atendia a pelo menos três propósitos: conservar a memória ligada à experiência no seio da mata virgem brasileira (criando uma espécie de arquivo ao qual poderia recorrer no futuro, de volta à Europa), expressar livremente suas emoções e ideias (o que, de certa forma, ajudou-o a aliviar o clima de tensão que se instaurara entre ele e os demais integrantes da comitiva, assim como a mitigar a saudade de seus amigos e familiares), e, por fim, resistir às numerosas adversidades físicas e morais enfrentadas ao longo do trajeto (pois, na ausência de um amigo de carne e osso com quem realmente pudesse contar, recorreu à

¹⁰³ No original: “Je sais que l’assassinat est parfaitement dans les mœurs des gens avec lesquels je voyageais mais je n’ignore pas non plus qu’ils ne sont braves qu’autant que l’on le veut aussi. Je le regardai avec beaucoup d’indifférence et feignis de ne point comprendre ce qu’il semblait m’adresser”. Cf. ORSONI, Op. cit., 26/08/1819.

¹⁰⁴ No original: “J’ai fait aussi peu de cas de ces derniers discours que des premiers, mais [...] je ne change pas de manières à son égard. Je ne craindrais point le pic d’un adversaire mais je redoute le fusil caché d’un louche ennemi”. Cf. Ibidem, 26/08/1819.

¹⁰⁵ É o que revela a seguinte anotação feita por Denis em seu diário no dia anterior: “Com os portugueses, nem sempre é festa. Matheus pareceu muito irritado porque eu proibi que lhe vendessem cachaça” (no original: “Avec les Portugais, ça n’est pas toujours la fête. Matheus paraît très irrité de ce que j’ai défendu qu’on lui vendît de l’eau de vie”). Cf. Ibidem, 25/08/1819.

relação imaginária com o diário a fim de preencher o vazio deixado pela solidão e encontrar a coragem necessária para seguir adiante).

De acordo com Lejeune, o gênero diário possui uma relação particular com o tempo (porque se trata de uma escrita cotidiana, muitas vezes imediata à experiência narrada, que toma como base a data, geralmente a primeira informação inserida em suas páginas) e uma linguagem, via de regra, espontânea e despreocupada (uma vez que seu conteúdo, quase sempre secreto, costuma ser acessível apenas ao diarista, eliminando ou ao menos diminuindo a necessidade de rebuscamentos). Além disso, assim como outras formas de literatura íntima (a exemplo de autobiografia, memórias e ensaio), caracteriza-se pela fórmula autor = narrador = personagem, um elemento textual que, segundo o pesquisador, estabelece um pacto entre quem lê e quem escreve o texto apresentado, permitindo que o primeiro faça a distinção entre relatos de vida (baseados na identidade entre as três figuras supracitadas) e narrativas ficcionais (as quais, por sua vez, não se assentam em tal relação).¹⁰⁶ De acordo com Lejeune ainda, os diários seriam marcados pelo compromisso com a contextualização histórica e pela busca da sinceridade, comportando-se, portanto, menos como textos ficcionais do que como textos referenciais: “exatamente como o discurso científico ou histórico, eles se propõem a fornecer informações a respeito de uma realidade externa ao texto e a se submeter portanto a uma prova de *verificação*”.¹⁰⁷

Conforme observou Barcelos, a escrita diarística não é necessariamente “destituída de arte ou de pretensões artísticas”¹⁰⁸, atraindo apenas aqueles de menor talento literário, como pressupõe a análise de Lejeune. Tampouco tem o poder de apreender o mundo real, como se fosse uma porta mágica que transporta o leitor diretamente para os eventos narrados. Trata-se, evidentemente, de uma falsa ilusão da realidade. Por isso, a análise de todo documento memorialístico, incluindo o diário, exige do pesquisador uma postura cautelosa, como recomendado por Chartier: “Tenho sempre uma certa prudência com questões pessoais. Acho que, quando a gente fala de si, constrói algo impossível de

¹⁰⁶ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. 2ª. edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

¹⁰⁷ Ibidem. p. 43.

¹⁰⁸ BARCELOS, Sergio da Silva. “A escrita diarística como estratégia narrativa”. In: *Armadilhas para a narrativa: estratégias narrativas em dois romances de Carlos Sussekind*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Rio de Janeiro: PUCRJ, 2004. p. 106-134.

ser sincero, uma representação de si para os que vão ler ou para si mesmo”.¹⁰⁹ Burke assinalou que os diários são materiais fascinantes e igualmente ludibriadores, o que não impede que sejam utilizados como fontes históricas, à condição que se adote um olhar atento a exageros, erros e deformações (que podem ser conscientes, dependendo dos propósitos do diarista, ou mesmo resultado de distrações e lapsos de memória).¹¹⁰ A seu ver, além de contribuírem para o conhecimento do passado, eles podem igualmente auxiliar na reconstrução do “eu”, exigindo em contrapartida que os pesquisadores considerem a questão da autorrepresentação e da autoaparência.¹¹¹

Em seu pequeno manuscrito de 1819, o jovem diarista ofereceu um testemunho de sua viagem pelo interior do Brasil e, ainda que de forma menos consciente, sua visão de mundo. Contemplou, descreveu e classificou os locais por onde passava e seus habitantes, partindo sempre de um movimento de comparação com sua própria cultura, como veremos adiante. Nesse processo de revelar o outro, acabou desnudando algo de si mesmo, criando uma imagem (mais ou menos fiel à realidade) a respeito de sua própria pessoa. Por isso, conforme adentra no texto, o leitor se depara com algo a mais do que a paisagem tropical brasileira: conhece um Denis pacífico, porém corajoso, humilde, apesar de sua vasta erudição, leal a seus entes queridos e justo com seus inimigos, dono um paladar refinado, mas com bastante abertura de espírito para provar as iguarias brasileiras, virtuoso, trabalhador, aventureiro, tenaz... Matheus, em contrapartida, aparece como um beberrão frouxo, egoísta e ainda por cima gandaieiro. Essa constante tentativa de autopromoção, realizada por Denis em praticamente todas as páginas do diário, pode resultar de uma autoestima elevada, ou mesmo de um sentimento de altivez juvenil, mas talvez seja fruto igualmente da forte crença de seu autor na superioridade moral dos franceses perante os portugueses – e também os brasileiros.

Ainda que menos ácido em relação aos indivíduos nascidos no Brasil, Denis não escapou às generalizações ao descrevê-los, mencionando em diversas ocasiões a suposta aversão que eles teriam por toda forma de trabalho físico e intelectual. Em outubro de 1818, por exemplo, anotou o seguinte em seu diário “Mes sottises quotidiennes”:

¹⁰⁹ CHARTIER, Roger. Conversa com Roger Chartier [Entrevista concedida a] Isabel Lustosa. *Tropico*, 2004, p. 2. Disponível em <http://www.casaruiarbarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/k-n/FCRB_IsabelLustosa_Conversa_RogerChartier.pdf>. Acesso em 14 de agosto de 2018.

¹¹⁰ BURKE, Peter. “Los ego-documentos como fuentes históricas”. In: CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo; PÉREZ, María Cristina; SIERRA, Ana María Rodríguez (org.). *El oficio del historiador: reflexiones metodológicas en torno a las fuentes*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2019. p. 3-18.

¹¹¹ Idem. “Proyectar la historia de la autobiografía”. *Revista Cultura Escrita & Sociedad*, n. 1, 2005, dossier De la autobiografía a los ego-documentos, p. 49-51.

“Ontem, domingo, eu agi um pouco como brasileiro, ou seja, como preguiçoso”.¹¹² Com essa afirmação, fez coro a alguns autores iluministas que, dois séculos antes dele, já haviam condenado os nascidos nos trópicos sob a alegação de que os climas quentes dessas regiões, justamente por serem bastante agradáveis, gerariam indivíduos débeis, frouxos e preguiçosos – em oposição direta aos europeus que seriam, de acordo com essas mesmas teorias, mais aptos ao trabalho e ao estudo, posto que moldados por invernos rigorosos e uma natureza menos pródiga.¹¹³ Tais premissas permaneceram com bastante vigor no século XIX, aparecendo tanto nos relatos de viajantes anteriores a Denis quanto nos que escreveram nas décadas que o seguiram.¹¹⁴ Procurando refletir sobre os impactos dessa indolência natural, o jovem francês afirmou que ela deixaria os moradores locais apegados ao lar, levando-os a fugir de uma vida social mais ampla e dinâmica (“quanto aos lazeres, são os mesmos aqui que em toda a América meridional: cada um fica em sua casa, entedia-

¹¹² No original: “Hier dimanche, j’ai fait un peu le Brésilien, c’est-à-dire le paresseux”. Cf. DENIS, Ferdinand. *Mes sottises quotidiennes*. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3421 (f. 13). Anotação de 03/10/1818. Disponível em <https://archive.org/stream/MS3421/BSG_MS3421#page/n33/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹¹³ De acordo com Barbato, Montesquieu e os demais autores setecentistas apenas sintetizaram ideias que existiam já na Antiguidade: “Hipócrates já dizia, séculos antes de Cristo, que os climas estão diretamente relacionados às diferenças de caráter entre os povos, e que quanto mais acentuadas fossem suas variações, maiores seriam as virtudes do caráter de um povo”. Cf. BARBATO, Luis Fernando Tosta. Em terras de vagabundos e vagabundas: o clima tropical, a preguiça e a lascívia nas Revistas do IHGB. *História, histórias*, Brasília, v. 4, n. 8, p. 217-238, 2016. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/17356/16966>>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹¹⁴ Em 1809, o físico Andrew Grant disse sobre a população do Rio de Janeiro e da Bahia: “Em suma, as pessoas aqui meramente vegetam em uma apatia sem sentido e indolência irritante, aumentada por igual negligência de suas mentes: poucas mulheres podem ler; e escrever é uma arte não adquirida por muitos homens” (no original: “In short, the people here merely vegetate in a senselles apathy and unnerving indolence, increased by the equal neglect of their minds: for few of the females can read; and writing is an art which not many men acquire”). Em 1845, o naturalista Auguste Sainte-Hilaire manifestou sua irritação com o suposto estado vegetativo na população do interior do Brasil, afirmando: “Enquanto descrevia e examinava as plantas, aproximou-se um homem do rancho, permanecendo várias horas a olhar-me, sem proferir qualquer palavra. Desde Vila Boa [Goiás] até Rio das Pedras [São Paulo], tinha eu tido quicá cem exemplos dessa estúpida indolência. Esses homens, embrutecidos pela ignorância, pela preguiça, pela falta de convivência com seus semelhantes, e, talvez, por excessos venéreos prematuros, não pensam: vegetam como árvores, como as ervas dos campos”. No século XX, o explorador francês Paul Walle procurou dar sua contribuição ao debate, dizendo: “o que mais choca no Rio e nas grandes cidades é essa indolência inalterável, essa propensão à deixar tudo para o dia seguinte, *amanhã*, essa é a expressão quase consagrada [...]. A consequência lógica dessa indolência é uma certa indiferença aparente, o brasileiro se deixa ir, se deixa viver. Ele parece ignorar o preço do tempo, dir-se-ia que ele nunca tem nada para fazer” (no original: “ce qui frappe le plus à Rio et dans les grandes villes, c’est cette indolence inalterable, cette propension à remettre toute chose au lendemain, à *manhã*, telle est l’expression presque consacré [...]. La conséquence logique de cette indolence est une certaine indifférence apparente, le Brésilien se laisse aller, se laisse vivre. Il semble ignorer le prix du temps, on dirait qu’il n’a jamais rien à faire”). Cf. GRANT, Andrew. *History of Brazil*. Londres: Henry Colburn, 1809. p. 181; SAINT-HILAIRE. *Viagem à província de S. Paulo*. Tradução de Regina Regis Junqueira, apresentação de Mário Guimarães Ferri. Coleção Reconquista do Brasil. São Paulo: Livraria Martins/Edusp, 1972. p. 95; WALLE, Paul. *Au Brésil: la colonisation*. Renseignements pratiques à l’usage des émigrants, agriculteurs, artisans, voyageurs, etc. Paris: E. Guilmoto, s./d. p. 21-22.

se e dorme em família”¹¹⁵), e também a explorar de forma bastante precária as inúmeras riquezas naturais encontradas nos trópicos (“os habitantes pegam alternadamente o fuzil e a forquilha; eles ainda não têm abundância mas a terra e os trabalhos deles deixam claro que a natureza não é a culpada”¹¹⁶). A falta de motivação dos brasileiros para se lançarem ao cultivo da própria terra foi, aliás, um ponto fundamental em suas críticas. Como veremos adiante, ele acreditava que sem uma produção agrícola organizada e eficiente ficaria impossível para a América alcançar seu pleno desenvolvimento sociocultural. Por isso, mostrou-se contrariado com a insistência da população local em se dedicar à mineração, negligenciando, assim, a agricultura:

Eles estão tão longe de refletir sobre as vantagens que ela [a agricultura] lhes oferece! Talvez os brasileiros fiquem convencidos da importância desta arte somente no momento em que o ouro e o diamante, enganando a ganância deles, deixarem de aparecer no seio das minas. Neste caso, podem esperar séculos antes de se dedicarem à cultura. Minas Novas sozinha [...] bastaria para fornecer pedras preciosas a todo o Velho Mundo e a uma parte do Novo.¹¹⁷

A língua ferina de Denis ressurgiu ao se debruçar sobre as manifestações religiosas e artísticas do povo brasileiro. Em uma carta escrita ao pai em setembro de 1818, descreveu-lhe a encenação de *O sacrifício de Ifigênia*,¹¹⁸ à qual assistira alguns dias antes no Teatro de São João, referindo-se de forma debochada à falta de profissionalismo do elenco (em meio ao qual haveria, segundo seu relato, um Ulisses bêbado, um Nestor negro

¹¹⁵ No original: “quant aux agréments, ils sont les mêmes ici que dans toute l’Amérique méridionale: chacun reste chez soi, s’ennuie et dort en famille”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Louis-Arsenne]. Salvador [Brasil], começo de junho de 1817. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 19-20v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f19_20#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹¹⁶ No original: “les habitants prennent tour à tour le fusil et la fourche; ils n’ont point encore d’abondance mais la terre et leurs travaux indiquent bien que la nature n’est point coupable”. Cf. ORSONI, Op. cit., 27/08/1819.

¹¹⁷ No original: “Ils sont si loin de songer aux avantages qu’elle [l’agriculture] leur offre! Les Brésiliens ne seront peut-être convaincus de l’importance de cet art qu’au moment où l’or et le diamant trompera leur avidité, et cesseront de paraître au sein des mines. Dans ce cas, ils peuvent attendre bien des siècles avant de se livrer à la culture. Minas Novas seul, dont je veux t’entretenir, suffirait à fournir de pierres précieuses tout l’Ancien Monde et une partie du Nouveau”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Louis-Arsenne]. Salvador [Brasil], começo de junho de 1817. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 19-20v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f19_20#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹¹⁸ Trata-se provavelmente de uma adaptação da tragédia clássica *Ifigênia em Aulis*. Na peça de Eurípedes, o rei Agamemnon é aconselhado por Calas a sacrificar Ifigênia, sua filha mais velha com Clitemnestra, no altar da deusa Diana a fim de obter ventos que favorecessem sua frota na guerra contra Troia. Para não levantar suspeitas de Ifigênia e de Clitemnestra, Agamemnon inventa que a moça se casaria com Aquiles na cidade de Aulis. Mas Nestor, o confidente de Agamemnon, revela a todos a verdade, o que provoca a ira de Aquiles, que promete proteger a vida de Ifigênia. Ele aparece com seus soldados prontos a defender a moça, que muda de ideia, decidindo aceitar seu destino e cumprir seus deveres. No último momento, um mensageiro da deusa Diana aparece e avisa que o sacrifício não é necessário. Cf. EURÍPEDE. *Iphigénie à Aulis. Tragédie traduite en français par Brumoy*: nouvelle édition revue et corrigée. Paris: imprimerie d’Auguste Delalain, 1834.

com um bigode chinês e um Aquiles pouco heroico, armado apenas de um pequeno punhal) e à precariedade do figurino (composto por bigodes chineses, fantasias de mágicos, boinas de rabinos e outras peças de roupa sujas):

Eu me lembrarei durante muito tempo do espetáculo **singular** que nós apreciamos [...]. É difícil ver algo mais **grotesco** do que o senhor Agamenon carregando um sabre impetuosamente. Em tais circunstâncias, Aquiles não teria podido se defender do Rei dos Reis: ele estava armado apenas de um pequeno punhal. Quanto ao prudente Ulisses, o mulato **estimável** encarregado de representá-lo, não podendo resistir à Circe lhe oferecendo um pouco de *rak*, o **infeliz** herói cambaleou no decorrer de toda a peça. Nestor, grande negro revestido de vermelho e branco e decorado com um bigode chinês, carregava uma espada *à la française* caindo do cinturão. Quase me esqueci de Calcas e das duas princesas. Calcas tinha uma fantasia de mágico e, o que há de mais **extraordinário**, uma boina de rabino. Se as princesas tivessem lavado seus vestidos, elas poderiam ter passado por **elegantes**.¹¹⁹

Três meses mais tarde, as ruas da capital baiana foram tomadas por uma curiosa comemoração que misturava um Carnaval fora de época e uma tourada. Foi com profundo menosprezo que Denis abordou o evento, dizendo a seu irmão mais velho:

[...] Gostaria de lhe dar uma ideia dos entretenimentos do local onde estou, para que possa compará-los aos do **brilhante** carnaval europeu. Os brasileiros não esperaram a época na qual se deve usar máscaras. Há dois meses eles se fantasiam e correm pelas ruas, vestindo trapos ou cobertas e máscaras **ruins**. Eles vão com essas roupas ao combate de touros do qual não lhe darei a descrição, porque tens uma excelente em Florian, pensando o oposto do que ele diz. Nada é mais **triste** do que os touros, os toureiros e aqueles que vão vê-los.¹²⁰

¹¹⁹ No original: “Je me souviendrai longtemps du spectacle singulier dont on nous a regalé [...]. Il est difficile de voir quelque chose de plus grotesque que le senhor Agamemnon traînant un sabre à la hussarde. Dans cette circonstance, Achille n’aurait[t] pu se défendre contre le Roi des Rois: il n’est armé que d’un briquet. Quant au prudent Ulysses, l’estimable mulâtre chargé de le représenter n’ayant pu résister à la Circé qui lui offrait une coupe de *rak*, le malheureux héros chancela pendant tout le cours de la pièce. Nestor, gros nègre crépide rouge et de blanc et décoré d’une moustache chinoise, portait une épée à la française pendant au ceinturon. J’allais oublier Calchas et les deux princesses. Calchas avait un costume de magicien et, ce qu’il y a de plus extraordinaire, un bonnet de rabbin. Si les princesses eussent eu le soin de laver leurs robes, elles auraient pu passer pour bien mises”. Grifamos. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Joseph Denis]. Salvador [Brasil], meados de setembro de 1817. 1 doc. 4 p. Ms. 3417 (f. 35-36v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f35_36#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹²⁰ No original: “[...] Je voudrais te donner une idée des divertissements du pays où je suis, afin que tu en puisses faire la comparaison avec ceux du brillant Carnaval d’Europe. Les Brésiliens n’ont pas attendu l’époque où l’on doit se masquer. Depuis deux mois ils se déguisent et courent les rues, affublés de guenilles ou d’une couverture de lit et d’un mauvais masque. Ils vont dans cet équipage au combat de taureau dont je ne te donnerais pas la description parce que tu en as une excellente dans Florian, en pensant l’opposé de ce qu’il en dit. Rien n’est plus misérable que les taureaux, les taureaudores, et ceux qui vont les voir”. Grifamos. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Alphonse Denis]. Salvador [Brasil], 19/12/1817. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 29-30v). Disponível em <https://archive.org/details/MS3417_f29_30>. Acesso em 20 fev. 2020.

Vemos, nos dois trechos reproduzidos acima, o empenho do viajante francês em desmerecer as manifestações artísticas e as festividades das quais, direta ou indiretamente, tomou parte no território brasileiro, recorrendo a adjetivos negativos (“espetáculo singular”, “algo mais grotesco”, “infeliz herói”, “máscaras ruins”, “nada é mais triste”), ou empregando de modo irônico aqueles que seriam, a princípio, positivos (“mulato estimável”, “o que há de mais extraordinário”, “vestidos elegantes”). Foi somente ao falar da Europa que ele se permitiu comentários verdadeiramente elogiosos, daí sua caracterização do Carnaval veneziano como “brilhante”. A verdade é que o jovem Denis, ao emitir seus juízos sobre o Brasil, manteve-se na maior parte do tempo vinculado ao seu sistema de valores europeus. Adotando frequentemente a Europa como parâmetro, apenas raras vezes conseguiu reconhecer algum valor na sociedade americana, enxergando-a por esse motivo como inferior à europeia, da qual seria tributária. Aliás, os habitantes desse lado do Atlântico que mais mereceram sua admiração foram aqueles ou de origem francesa, ou que possuíam certas noções a respeito da cultura desse último país, como o ouvidor Antônio da Silva Teles, com quem se encontrou em agosto de 1819, em Canavieiras: “À noite, tendo o vento do sul começado a soprar com violência, vi-me obrigado de retornar para perto do Sr. Telles [...]. A conversa se comprometeu, foi fácil para mim ver que ele possuía um largo conhecimento da nossa literatura”.¹²¹

Todas essas considerações dizem respeito aos brancos de origem portuguesa, ou nascidos no Brasil, pois, quando mencionou outros elementos da sociedade brasileira (o negro, o indígena e o mestiço), Denis suavizou a severidade de seu olhar. Falaremos adiante da abordagem do tema da escravidão em seus livros de história e em sua narrativa ficcional “Palmarès”. Por ora, interessa salientar que ele não permaneceu impassível diante do tratamento desumano dispensado aos negros: “Eu nunca me acostumarei a ver essas tropas de homens, que chegam todos os dias da costa da África, magros, abatidos, quase descobertos com uma tanga de algodão”,¹²² escreveu da Bahia, no final de outubro de 1818, em uma missiva endereçada ao abade Ducloux, um amigo de seu pai. Expressando toda sua indignação, disse ainda ao religioso: “Que espetáculo para uma alma europeia! A

¹²¹ No original: “Le soir, le vent du sud ayant commencé à souffler avec violence, je me suis vu forcé de retourner auprès de M. Telles [...]. La conversation s’est engagée, il m’a été facile de voir qu’il avait une connaissance très étendue de notre littérature”. Cf. ORSONI, Op. cit., 03/08/1819.

¹²² No original: “Je ne m’accoutumerai jamais à voir ces troupes d’hommes, qui arrivent tous les jours des côtes d’Afrique, maigres, abattus, à peine couverts d’une panne de coton”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Fragmento de carta ao abade Ducloux]. Salvador [Brasil], final de outubro de 1818. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 85-86v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f85_86#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

necessidade, dizem, pode desculpá-la. E de que direito são eles trazidos à América, esses africanos?”.¹²³ Ele deixou registrado ainda seu interesse pela cultura dos negros, mencionando em sua correspondência as tradições de batuques afro-baianos, que reúnem instrumentos de percussão, música e dança. Ao irmão, confessou o fascínio pelo lundu, sobretudo pela habilidade dos mestiços de requebrar vigorosa e incessantemente os quadris: “O que há de surpreendente é a mobilidade incrível de suas traseiras, que devem estar sempre em movimento. A facilidade que têm os mestiços de fazê-las girar como uma bola muito surpreende os europeus”.¹²⁴ Com o pai, no entanto, havia se mostrado mais contido, tendo descrito a mesma dança como imoral: “Existe uma dança chamada lundu, muito bem executada, de cuja indecência é impossível não nos darmos conta, embora ela faça as delícias do público brasileiro”.¹²⁵ Na ótica do viajante, além de exímios dançarinos, os negros e mestiços da Bahia seriam donos de uma extraordinária musicalidade, podendo produzir instrumentos a partir de objetos inusitados e emocionar mesmo o mais frio dos espectadores:

Notei um negro carregador que, sem ter aprendido a fábula, era capaz de fazer um violino da carapaça de tartaruga munido apenas de uma corda de baleia muito fina. Ele tira desse instrumento sons graves muito bonitos. Suas árias são monótonas e necessariamente muito semelhantes. Mas talvez Orfeu nunca tenha produzido mais efeito! Todos os amadores do bairro vêm ouvir nosso músico que se acompanha cantando palavras muito doces em sua língua. Pouco a pouco, rola os olhos com uma expressão singular. O mais delirante entusiasmo se pinta em sua fisionomia e, se ele continua suas canções, ninguém mais pode resistir aos encantos poderosos da harmonia. Aproximam-se, inclinam-se na direção dele imitando seus gestos, responde-se-lhe por meio de palavras intercaladas e pelo som de diversos instrumentos. Então a embriaguez está no auge, e o prazer não pode se exprimir, as palavras são insuficientes.

Um europeu não entende grande coisa de tudo isso, não pode nem mesmo adivinhar o assunto que emociona tão extraordinariamente cinco ou seis

¹²³ No original: “Quel spectacle pour une âme européenne! La nécessité, dit-on, peut le faire excuser. Et de quel droit sont-ils amenés en Amérique, ces Africains?”. Ibidem.

¹²⁴ No original: “Ce qu’il a de surprenant c’est la mobilité incroyable de leur derrière qui doit toujours être en mouvement. La facilité qu’ont presque tous les Créoles de le faire tourner comme une boule, étonne beaucoup les Européens”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Fragmento de carta a Alphonse Denis]. Salvador [Brasil], janeiro de 1818. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 87-87v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f87#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹²⁵ No original: “Il y a une [danse] qu’on nomme lundu, fort bien exécutée, mais dont l’indécence empêche qu’on se rend compte, quoiqu’elle fasse les délices du public brésilien”. Grifos do autor. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Joseph Denis]. Salvador [Brasil], meados de setembro de 1817. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 35-36v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f35_36#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

peessoas, e, no entanto, não fica insensível a um espetáculo que não tem nada de ridículo.¹²⁶

A vida cotidiana dos nativos brasileiros não poderia ficar de fora do registro feito pelo jovem Denis. Poucos meses após sua mudança para a cidade de Salvador, em uma carta para o pai, datada de 14 de julho de 1817, ele os dividiu em três categorias diferentes dependendo da proximidade com a civilização: em primeiro lugar viriam os caboclos que moravam na região litorânea, “povo agrícola e caçador, pouco numeroso, mas bem miserável”;¹²⁷ na sequência, os maxacalis e outros “índios, propriamente ditos, quase não civilizados”,¹²⁸ cujos líderes geralmente apresentavam certo domínio da língua portuguesa; e, por fim, os temíveis botocudos, patajós e cairiris, “o selvagem em toda sua miséria, em toda sua brutalidade”.¹²⁹ Vale lembrar que todas essas considerações tomaram por base relatos de outros viajantes, pois apenas em meados de 1819 (dois anos depois, portanto) ocorreram seus primeiros encontros com os indígenas.¹³⁰ Foi na vila de Belmonte que ele conheceu os maxacalis, então praticamente dizimados, em decorrência dos sucessivos confrontos com os botocudos e à transmissão de inúmeras doenças pelos portugueses. Denis tomou notas sobre a tradução de algumas palavras da língua maxacali para o francês, transcrevendo-as meticulosamente nas páginas finais do seu “Journal de mon voyage au Jequitinhonha”. Também buscou obter junto ao líder Quemaracho – em

¹²⁶ No original: “J’ai remarqué un Nègre porteur, qui, sans avoir appris la fable, a su faire un violon d’écaille de tortue garni d’une seule corde de baleine très déliée. Il tire de cet instrument des sons graves fort beaux. Ses airs sont monotones et se ressemblent nécessairement beaucoup. Mais jamais Orphée ne produisit peut-être plus d’effet! Tous les amateurs du quartier viennent écouter notre musicien qui s’accompagne en chantant des paroles assez douces dans sa langue. Peu à peu, il roule les yeux avec une expression singulière. L’enthousiasme le plus délirant se peint sur toute sa physionomie et, s’il continue ses chants, personne ne peut plus résister aux charmes puissants de l’harmonie. On s’approche, on se penche vers lui en imitant ses gestes, on lui répond par des paroles entrecoupées et par le son de divers instruments. Alors l’ivresse est à son comble, et le plaisir ne peut s’exprimer, les paroles sont insuffisantes. / Un Européen n’entend pas grand-chose à tout cela, ne peut même deviner le sujet qui émeut si extraordinairement cinq ou six personnes, et cependant n’est pas insensible à un spectacle qui n’a rien de ridicule”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Fragmento de carta a Alphonse Denis]. Salvador [Brasil], janeiro de 1818. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 87-87v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f87#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹²⁷ No original: “peuple agricole et chasseur, peu nombreux mais bien misérable”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Joseph Denis]. Salvador [Brasil], 14/07/1817. 1 doc. 8 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 25-26; 37-38). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f25_26_f37_38#page/n7/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹²⁸ No original: “Indiens proprement dits, à peine civilisés”. Ibidem.

¹²⁹ No original: “l’homme sauvage dans toute sa misère, dans toute sa brutalité”. Ibidem.

¹³⁰ Essas experiências foram particularmente enriquecedoras para o jovem francês, que soube utilizá-las na escrita de seus estudos histórico-geográficos e de uma narrativa ficcional intitulada “Les Maxacalis”, sobre a qual falaremos no capítulo 4.

quem se inspiraria para a criação do protagonista de sua narrativa “Les Machakalis” – informações sobre seus ritos religiosos, usos de adornos corporais e práticas no casamento:

Durante o dia, tive várias conversas com o chefe dos maxacalis, o qual me traduziu várias palavras em sua língua. Fiz-lhe várias perguntas sobre a religião de seus ancestrais e ele não quis me responder quanto a esse assunto, dizendo-me que apenas os anciões estavam em seu antigo culto. Informou-me, entretanto, que eles sempre se diferenciaram dos botocudos em suas crenças e que acreditavam em um ser supremo mesmo antes de terem sido batizados. Como este homem tem duas mulheres, perguntei-lhe se sua lei o autorizava; ele me respondeu afirmativamente e se desculpou sob a conduta dos portugueses que tomam, dizem, amantes por todos os lados onde as encontram.¹³¹

Em relação aos botocudos – com os quais se deparou em duas ocasiões distintas, sendo a primeira em Canavieiras (ainda no litoral baiano) e a última da qual temos notícia em Salto Grande (no nordeste de Minas Gerais) – não demonstrou, porém, a mesma simpatia. Em seu diário, encontramos diversas críticas veladas ou mais diretas aos hábitos e costumes desses últimos: há um casal botocudo de comportamento duvidoso que se fez de gentil na tentativa de conseguir alimento (“Havia na nossa chegada um casal de botocudos; encantadores esposos, ambos eram oblíquos e me fizeram mil gentilezas com o objetivo de obter algo para comer”¹³²); um estranho banquete no qual as mulheres dessa comunidade indígena devoraram com notável avidez uma ave malcozida e suas entranhas (“Uma águia que eu estava empalhando foi graciosamente pega pelas senhoras que estavam conosco. Logo a despedaçaram, apresentaram ao fogo e comeram com as entranhas, segundo seus amáveis costumes”¹³³); e ainda uma mãe botocudo que fugira, deixando para trás um bebê recém-nascido (“Uma mulher botocudo hoje abandonou seu filho ainda no seio e o deixou com o pai para fugir”¹³⁴). Ao que parece, suas reticências provinham não da tradição antropofágica à qual se dedicavam os botocudos, um aspecto

¹³¹ No original: “Dans la journée, j’ai eu plusieurs conversations avec le capitaine des Machakalis qui m’a traduit plusieurs mots dans sa langue. Je lui ai fait plusieurs questions sur la religion de ses ancêtres et il n’a point voulu répondre sur cet article en me disant que les vieillards seuls étaient dans leur ancien culte. Cependant, il m’a affirmé qu’ils avaient toujours différé des Botocudos dans leurs croyances et qu’ils croyaient à un être suprême même avant d’avoir été baptisés. Comme cet homme a deux femmes, je lui demandais si sa loi les lui autorisait; il m’a répondu affirmativement et s’excusa sur la conduite des Portugais qui prennent, disaient-ils, des maîtresses partout où ils en trouvent”. Cf. ORSONI, Op. cit., 19/08/1819.

¹³² No original: “Il y avait à notre arrivée un couple de Botocudos; tous les deux, charmants époux, étaient louches et me firent mille politesses dont le but était d’obtenir à manger”. Ibidem, 23/08/1819, p. 67.

¹³³ No original: “Un aigle que j’empaillais a été pris très gracieusement par les dames qui étaient avec nous. Aussitôt, elles l’ont déchirée, présenté au feu et mangé avec les entrailles, selon leur aimable coutume”. Ibidem, 28/08/1819, p. 98-99.

¹³⁴ No original: “Une femme Botocudo a aujourd’hui abandonné son enfant à la mamelle et l’a laissé à son mari pour s’enfuir”. Ibidem, 04/09/1819, p. 106.

que procurou, aliás, refutar, mas sim do fato de que eles haviam se deixado corromper pelos vícios dos brancos, sem contudo abraçar as vantagens da civilização europeia, mantendo, por esse motivo, uma vida nômade e hábitos alimentares peculiares:

Os botocudos, os patajós, os cairiris nos darão alternadamente exemplos de orgulho, de pudor, de bondade, reunidos aos vícios os mais vergonhosos. Não podemos mais julgá-los. Eles conhecem o valor de uma faca, de um lenço, de um barril de cachaça, e esse conhecimento basta para fazer nascer neles as piores qualidades das quais sem dúvida tinham o gérmen como os outros homens, mas que nossos presentes funestos desenvolveram. Um desses infelizes vendeu ao Sr. Freires seu filho por uma faca, um lenço e um pedaço de açúcar. Não se deve, no entanto, culpá-los por crimes que não cometeram. Eles não são antropófagos, como algumas pessoas afirmam.¹³⁵

Em “Discurso de viagem e senso de alteridade”, Krysinsk mostrou que, quando o viajante demonstra interesse pelo objeto de seu olhar e, ao mesmo tempo, busca encontrar sentido para a realidade observada, a literatura de viagem se transforma em um interessante “operador cognitivo, que produz sem cessar um efeito estimulador nas questões de enunciação à procura do saber”.¹³⁶ Contudo, a própria natureza exotópica de sua posição – a de alguém que deixa seu espaço cotidiano e se aproxima de outro, estrangeiro, no qual jamais consegue penetrar completamente – faz com que seu ponto de vista permaneça sempre externo, o que restringe todo o conhecimento que produz. No confronto com outra realidade, ele pode deixar seu saber ainda mais limitado caso não consiga se desvincular de “esquemas narrativos e discursos admitidos pela comunidade à qual pertence”,¹³⁷ de modo que:

Em alguns discursos de viagem acontece frequentemente que o Outro e a Alteridade estão ali representados a partir da experiência ocular transcrita pela narrativa de maneira antes superficial, seguidamente pelo recurso aos estereótipos ou às generalizações abusivamente sintetizantes.¹³⁸

¹³⁵ No original: “Les Boutikoudes, les Patajos, les Kaikiris nous donnera tour à tour des exemples de fierté, de pudeur, de bonté réunis aux vices les plus honteux. Nous ne pouvons plus les juger. Ils connaissent la valeur d’un couteau, d’un mouchoir, d’un baril de tafia, et cette connaissance suffit pour faire naître en eux les plus mauvaises qualités dont ils possédaient sans doute le germe comme les autres hommes, mais que nos présents funestes ont développés. Un de ces malheureux a vendu à Mr. Freirès son fils pour un couteau, un mouchoir et un morceau de sucre. Il ne faut pas cependant leur imputer des crimes qu’ils n’ont pas commis. Ils ne sont pas anthropophages, comme quelques personnes le prétendent”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Joseph Denis]. Salvador [Brasil], 14/07/1817. 1 doc. 8 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 25-26; 37-38). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f25_26_f37_38#page/n7/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹³⁶ KRYSINSKI, Wladimir. Discurso de viagem e senso de alteridade. *Organon*, Rio Grande do Sul, v. 17. n. 34, 2003, p. 23. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29971/18573>>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹³⁷ Loc. cit.

¹³⁸ Ibidem, p. 34.

Embora o autor tenha em mente as narrativas de viagem de língua inglesa escritas entre os séculos XIX e XX, encontramos alguns paralelos com a situação de Denis. Mantido à parte da alta sociedade lusitana, ele fez largo uso de generalizações ao se referir aos portugueses em suas cartas e diários, reforçando clichês presentes na sociedade francesa havia anos. Com os brasileiros não foi diferente: os testemunhos escritos pelo viajante no auge dos seus 19 anos vieram, na maior parte das vezes, apenas reforçar lugares-comuns e julgamentos precipitados que já haviam aparecido nos relatos de outros aventureiros pelas Américas. Nesse jogo de empatia e alteridade, demonstrou maior simpatia somente pelo negro escravizado – com o qual aparentemente não chegou a estabelecer interações verbais, mas cujas tradições procurou apreender – e pelo nativo em processo civilizatório, a quem viu como um possível interlocutor – e, simultaneamente, como um detentor de certo saber interditado a ele enquanto europeu. Conforme veremos a seguir, devido à distância espaço-temporal e às novas leituras que acumulou ao longo dos anos ele repensaria parte dessas considerações mais negativas a respeito do Brasil – ou, ao menos, teria o cuidado de omiti-las em suas publicações.

1.2. A nação do futuro, ou o futuro da nação

Os sonhos dourados a que se entregara o jovem Denis ao embarcar para o Brasil acabaram caindo por terra: ele não conseguiu um navio para o Oriente ou uma promoção no consulado, tampouco enriqueceu como negociante. Todos esses motivos parecem ter contribuído para que decidisse antecipar sua volta à Europa, logo após a expedição pelo interior da Bahia. Sua carteira continuava vazia, é verdade, mas ele trazia consigo uma experiência de quase quatro anos em um território pouco conhecido entre os europeus. Ali encontrou sua porta de entrada para o mercado editorial francês. Mais tarde, diria o seguinte a esse respeito: “As lembranças que eu recolhera começaram, no entanto, a se desenvolver, resolvi dar alguma utilidade às minhas viagens e minha carreira literária começou”.¹³⁹ Seu testemunho deixa evidente que nenhuma singularidade irredutível,

¹³⁹ No original: “Les souvenirs que j’avais recueillis commencèrent cependant à se développer, je résolus de rendre mes voyages de quelques utilité et ma carrière littéraire commença”. DENIS, Ferdinand. Notes

baseada nas memórias juvenis, teria levado o autor a escrever sobre o Brasil – o que põe em xeque a opinião da maioria de seus biógrafos, segundo os quais tal abordagem temática seria fruto de um amor genuíno que, de alguma forma, precisaria se materializar na publicação de obras sobre o assunto.¹⁴⁰ Na verdade, se Denis se consagrou à geografia, à história e à etnografia brasileiras¹⁴¹, foi também porque percebeu a necessidade de conferir à sua produção bibliográfica o que Bourdieu chama de “marcas de distinção”, ou seja, “uma especialidade, uma maneira, um estilo” por meio dos quais os produtores culturais, individualmente ou em grupo, conseguem delimitar suas propriedades, mais ou menos visíveis, distinguindo-se, dessa forma, de seus concorrentes.¹⁴²

Já em 1821, ele e um antigo companheiro de viagem, Hippolyte Taunay,¹⁴³ lançaram os seis volumes da obra denominada *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*,¹⁴⁴ que integrou a coleção “Mœurs et usages, arts et métiers de tous les peuples”, do editor parisiense Auguste Nepveu.¹⁴⁵ Como informa o texto introdutório impresso no primeiro volume, cada autor se responsabilizou por uma tarefa bastante específica. A Taunay couberam a redação da parte dedicada à história brasileira, a descrição de algumas capitânias e a realização das numerosas gravuras, sendo

relatives à son éducation, à ses premiers voyages et aux débuts de sa carrière littéraire. 1825. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4322 (2 f). Disponível em <https://archive.org/stream/MS4322/BSG_MS4322#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹⁴⁰ Ver, por exemplo: DORIA, Luís Gastão de Escragnoles. Um amigo do Brasil (Ferdinand Denis). *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1912, n. 75, p. 219-230; Henri. Ferdinand Denis. 1798-1890. In: *Mélanges Américaines. Extrait du Compte rendu de la huitième session tenue à Paris en 1890 du Congrès international des Américanistes*. Paris: Jean Maisonneuve, 1913. Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65400898>>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹⁴¹ Ver a lista completa da produção bibliográfica de Denis no Apêndice 2 da tese.

¹⁴² BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. 8ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 109.

¹⁴³ Filho do famoso pintor Nicolas Taunay, que participara da Missão Artística Francesa. Suas relações com Denis começaram ainda em Salvador, em 1817, e parecem ter se estendido décadas afora, uma vez que ambos trabalharam juntos por mais de vinte anos na Biblioteca Santa Genoveva – desde 1845 ou 1846, quando Taunay entrou para o corpo de funcionários da referida instituição, até 1864, ano do falecimento desse último. Cf. “Nicolas-Antoine Taunay”. In: MICHAUD, Louis-Gabriel (dir.). *Biographie universelle ancienne et moderne: ou histoire, par ordre alphabétique, de la vie publique et privée de tous les hommes qui se sont fait remarquer par leurs écrits, leurs talents, leurs vertus ou leurs crimes*. v. 41. Paris: chez Madame C. Desplaces; Leipzig: librairie de F. A. Brockhaus, 1864. p. 84-85.

¹⁴⁴ DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hippolyte. *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*. Collection mœurs et usages, arts e métiers de tous les peuples. Paris: Nepveu, 1821-1822. 6 vol.

¹⁴⁵ Foi também pela editora de Auguste Nepveu que Denis publicou as obras *Buenos-Ayres et Paraguay, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume* (1823) e *La Guyane, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de cette partie de l'Amérique* (1823).

uma parte desenhada a partir de sua própria experiência nesses locais e a outra inspirada nos relatos de outros aventureiros pelas Américas.¹⁴⁶ Já Denis:

[...] que avançou certa distância no interior, aproveitou-se das observações que fez nesses locais. No primeiro volume, encarrega-se da geografia, da história natural e dos costumes dos antigos indígenas. Nos outros ele descreve São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso, Goiás, Bahia e sua capital, Porto Seguro, onde existem selvagens dos quais esteve mais próximo para observar; Rio Grande do Norte, Pará e muitas outras províncias menos consideráveis do norte e do sul.¹⁴⁷

As informações sobre o Brasil disponíveis em língua francesa até aquele momento se limitavam basicamente à região litorânea, sobretudo às cidades de Rio de Janeiro e Salvador. Denis, Taunay e o explorador Jacques Étienne Arago – autor de *Souvenirs d'un aveugle* (1822) – conseguiram ultrapassar tal marca, descrevendo igualmente o interior do território brasileiro.¹⁴⁸ Para tanto, foi-lhes imprescindível o domínio da língua portuguesa, assim como a leitura dos relatos deixados por viajantes portugueses, principalmente o padre Manuel Aires de Casal, que “serviu todas as vezes que foi necessário esclarecer alguns pontos de geografia, ou de descrever as capitanias sobre as quais os viajantes tinham até o momento guardado o mais profundo silêncio”.¹⁴⁹ Foi por meio da obra do religioso que eles tomaram conhecimento da existência da carta de Pero Vaz de Caminha, resgatada por Casal nos arquivos da Marinha no Rio de Janeiro e reproduzida, com alguns cortes, no rodapé da *Corografia Brasílica* (1817).¹⁵⁰ Denis traduziu a epístola para o francês, publicou-a em um jornal especializado no tema viagens¹⁵¹ e depois a inseriu no sexto e último volume de sua publicação com Taunay, ao

¹⁴⁶ Cf. DENIS; TAUNAY, Op. cit., p. xvi.

¹⁴⁷ No original: “ (...) qui s’est avancé à quelque distance dans l’intérieur, a mis à profit les observations qu’il y a faites. Dans le premier volume, il s’est chargé de la géographie, de l’histoire naturelle, et des mœurs des anciens indigènes. Dans les autres, il décrit Saint-Paul, Sainte-Catherine, Mato-Grosso, Goyas, Bahia et sa capital, Porto-Seguro, où existent les sauvages qu’il a été le plus à portée de voir; Rio-Grande-do-Norte, Para et plusieurs autres provinces moins considérables du nord et du sud”. Ibidem, p. xii-xiii.

¹⁴⁸ BRZOZOWSKY, Op. cit., p. 37; POTELET, Jeanine. *Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français. 1816-1840: Témoignages et images*. Paris: Éditions L’Harmattan, 1993. p. 65.

¹⁴⁹ No original: “a servi toutes les fois qu’il a été question d’éclaircir quelques points de géographie, ou de décrire même des capitaineries sur lesquelles les voyageurs avaient jusqu’à présent gardé le plus profond silence”. DENIS; TAUNAY, Hippolyte. Op. cit., p. xv.

¹⁵⁰ CASAL, Padre Manuel Ayres de. *Corografia brasílica, ou relação historico e geografica do reino do Brazil*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1817. 2 vol.

¹⁵¹ CAMINHA, Pero Vaz de. “Lettre inédite de Pedro Vas de Caminha sur la découverte du Brésil”. Trad. Ferdinand Denis. *Journal des voyages, découverts et navigations modernes ou archives géographiques et statistiques du XIXe. Siècle par J. F. Verneur*, Paris, février 1821, p. 157-189. Estas considerações são um desdobramento de uma comunicação apresentada no III Encontro Nacional Cultura e Tradução (ENCULT), III Encontro de Tradutores – A Tradução de Obras Francesas no Brasil. Cf. DONEGÁ, Ana Laura. Ferdinand Denis, tradutor de textos sobre o Brasil. *Revista Cultura e Tradução*, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 97-109, 2014.

lado de um resumo da narrativa de Hans Staden, *Duas viagens ao Brasil* (1557), praticamente desconhecida até então. Dessa forma, ajudou na divulgação de fontes inéditas ou ignoradas acerca da história da América portuguesa e, simultaneamente, na própria reflexão a respeito do Brasil, uma vez que, nas décadas seguintes, ambos os documentos seriam empregados nos discursos sobre a identidade nacional.¹⁵²

Outra importante contribuição da obra reside nas múltiplas cenas da vida cotidiana brasileira que aparecem em suas páginas. No capítulo sobre a capitania de Pernambuco, por exemplo, Taunay falou do transporte de pessoas e objetos feito à custa de escravos, do vigoroso comércio de mercadorias no centro de Recife, dos belos passeios e pomares de Olinda, da pesca de peixes no Rio São Francisco e da encenação, muito desastrosa, a seu ver, de algumas peças de Molière nos teatros regionais. Denis, na parte dedicada à Bahia, repetiu certos episódios narrados em suas cartas e diários, tratando de questões como as festividades religiosas, a musicalidade dos negros e o Carnaval. Mas não deixou de trazer novos assuntos, descrevendo a venda de africanos nos armazéns do centro de Salvador, todos praticamente nus e de cabelos raspados; a grande movimentação na parte comercial da cidade, com vendedores, compradores e escravos andando por todos os lados; as negras carregando com desenvoltura vasos de barro cheios de água em suas cabeças; a fabricação de geleias e de enfeites florais no convento da Solidade e, até mesmo, a caça de baleias na costa litorânea, que durava vários dias e terminava, na maior parte das vezes, com a vitória dos caçadores e o mar tingido de vermelho. Se, por um lado, a publicação inovou com suas coloridas cenas do dia a dia sob os trópicos, por outro não deixou de carecer de dados científicos e de uma investigação mais cuidadosa acerca das possibilidades disponíveis no âmbito das relações comerciais. Essa seria, na realidade, a regra geral para as narrativas de viagens sobre o Brasil veiculadas em francês até meados

Disponível em <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ct/article/view/21559/12167>>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹⁵² A respeito das relações entre a historiografia nacional e os relatos dos viajantes europeus ao longo do século XIX, conferir: COSTA, Wilma Peres. Narrativas de viagem no Brasil do século XIX: formação do Estado e trajetória intelectual. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis (org.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 31-48; CEZAR, Temístocles. Varnhagen e os relatos de viagem do século XI: ensaio de recepção crítica. In: *Anos 90*, Porto Alegre, n. 11, p. 38-58, julho de 1999. Disponível em <<http://www.seer.ufg.br/index.php/anos90/article/view/6541/3893>>. Acesso em 20 fev. 2020; CEZAR, Temístocles. O poeta e o historiador: Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX. *História Unisinos*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 307-312, set.-dez. 2007. Disponível em <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5909>>. Acesso em 20 fev. 2020.

do século XIX, de teor antes descritivo que analítico, sobretudo no que tange às ciências naturais e ao comércio.¹⁵³

Mantendo essas mesmas diretrizes mais expositivas, três anos depois os dois autores lançaram, novamente pela Nepveu, um livreto de 123 páginas, que ganhou o título de *Notice historique et explicative du Panorama de Rio de Janeiro* (1824).¹⁵⁴ O objetivo dessa vez era explicar a tela *Panorama da Cidade do Rio de Janeiro* (1824), elaborada por Guillaume Frédéric Ronmy com base em algumas aquarelas do irmão mais novo de Hippolyte, Félix Émile Taunay, que estava sendo exposta à época no famoso Boulevard des Capucines. Conforme indica o próprio título, a obra de Ronmy oferece uma ampla visão da corte brasileira. Nela o artista reproduziu uma série de construções, montanhas e praias que podem ser observadas a partir do antigo forte da Misericórdia, localizado na montanha de mesmo nome, em frente à Ilha das Cabras: desde a Igreja de São José, o Pão de Açúcar, a Igreja de São Sebastião, os Fortes de Santa Cruz, Lage e São João, a Praia de Botafogo, a Igreja da Glória, os bairros da Lapa e do Catete, a Montanha da Tijuca, até chegar à Praia de Don Manuel com suas numerosas embarcações. A publicação de Denis e Taunay servia como uma espécie de guia para quem desejasse compreender a tela, explicando cada um dos pontos representados por Ronmy e trazendo, ao mesmo tempo, informações sobre a história, a geografia e a política brasileiras – uma tarefa que se tornou particularmente fácil, pois eles reaproveitaram longos trechos de *Le Brésil*. De acordo com Dias, parece ter escapado a ambos a dimensão política desejada pelo artista que, ao ilustrar D. Pedro I e José Bonifácio a cavalo, em posição de destaque, possivelmente pretendia contribuir com a veiculação de uma nova imagem do Brasil na Europa, capaz de englobar seu *status* recém-adquirido de nação independente.¹⁵⁵ Assim, além de não tecerem quaisquer comentários a respeito do episódio do grito do Ipiranga, os dois escritores continuaram empregando o termo América portuguesa ao se referirem ao território brasileiro. Contudo, precisamos lembrar que foi apenas com o Tratado do Rio de Janeiro,

¹⁵³ POTELET, Op. cit.

¹⁵⁴ DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hippolyte. *Notice historique et explicative du Panorama de Rio de Janeiro*. Paris: Nepveu, 1824.

¹⁵⁵ Félix Émile Taunay (1795-1881) veio com a família para o Brasil. Trabalhou como professor de Pintura e Paisagem da Academia Imperial de Belas Artes, ajudou a fundar o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e deu aulas ao jovem d. Pedro II. Sua tela estava sendo exibida no famoso Boulevard des Capucines, em Paris, onde se costumava encontrar panoramas de outros artistas. Algumas personagens ilustres, como a duquesa de Angoulême, o duque de Orleans e D. Miguel – exilado na capital francesa devido às disputas políticas com o irmão, D. Pedro I – compareceram ao local, o que parece indicar que Ronmy e Taunay obtiveram certo sucesso, se não entre a crítica especializada, ao menos entre o grande público. Cf. DIAS, Elaine Cristina. *Félix-Émile Taunay: cidade e natureza no Brasil*. Tese (Doutorado em História). IFCH/Unicamp, Campinas, 2005. p. 307-388.

assinado em 29 de agosto de 1825, que Portugal e o restante do continente europeu reconheceram a Independência do Brasil – o que talvez possa explicar as escolhas lexicais feitas pelos dois autores.



Figura 3. *Panorama do Rio de Janeiro segundo panorama pintado em Paris por G. F. Ronmy pelos desenhos de Félix Emilio Taunay (Salathé Friedrich, 18?)*¹⁵⁶

Tão logo o acordo foi firmado, Denis se apressou a contemplar essa nova realidade em seus estudos, dando início a uma parceria com os editores Jacques-Frédéric Lecoq e Étienne Durey, especialistas em obras historiográficas de tamanho reduzido e pequeno número de páginas, conhecidas com o nome de resumos históricos. Em 1825, ele lançou, sozinho dessa vez, o *Resumé de l'histoire du Brésil, suivi du Résumé de l'histoire de la Guyane* (1825) e, logo na sequência, o *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826).¹⁵⁷ Com a última, entrou para história da historiografia literária nacional, tornando-se o primeiro autor a separar a literatura brasileira da portuguesa, com a qual até então ela aparecia associada.¹⁵⁸ Já com a primeira, obteve um dos maiores sucessos editoriais de toda sua carreira, uma vez que a publicação conquistou sucessivas edições na França, bem como traduções para vários idiomas, incluindo uma para o português, feita por Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde, publicada na cidade do Rio de Janeiro.¹⁵⁹ Três anos mais tarde, saiu uma nova edição brasileira, revisada e ampliada por esse último, em cuja capa não consta mais o nome de

¹⁵⁶ Não foi possível ter acesso ao panorama de Ronmy. A imagem reproduzida acima foi feita anos depois por Salathé Friedrich (1793-1860), a partir da obra do primeiro artista.

¹⁵⁷ DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'histoire du Brésil, suivi du Résumé de l'histoire de la Guyane*. Paris: Lecoq et Durey, 1825. Idem. *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Paris: Lecoq et Durey, 1826.

¹⁵⁸ Veremos essa questão no capítulo 3 da tese.

¹⁵⁹ DENIS, Ferdinand. *Resumo de Historia do Brasil até 1828*. Traduzido de Mr. Denis, correcto e augmentado por H. L. de Niemeyer Bellegarde. Rio de Janeiro: Typ. Gueffier, 1831. Bellegarde nasceu em Portugal, mas se mudou para o Brasil aos cinco anos de idade. Formou-se pela Academia Militar do Rio de Janeiro e também em bacharel em letras pela Universidade de Paris. Cf. a respeito do tradutor: Necrologia. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, Rio de Janeiro, T. I, 1839, p. 138-140.

Denis.¹⁶⁰ Bellegarde procurou justificar tal procedimento, alegando que suas modificações teriam dado origem a um novo livro, apenas inspirado no *Resumé de l'histoire du Brésil*. Consequentemente, a seu ver, não haveria mais motivos para o nome do francês continuar associado à obra.

É verdade que Bellegarde pouco modificou o conteúdo original, preocupando-se apenas em substituir palavras por sinônimos, inverter a ordem de frases, eliminar e acrescentar parágrafos. Entretanto, é verdade também que o tradutor parece ter sido bem-sucedido na tarefa de adaptar a publicação para os jovens estudantes brasileiros, já que a sua nova edição rapidamente se tornou o manual de história nacional utilizado pelos professores do colégio D. Pedro II. Ademais, as fronteiras entre traduzir e adaptar eram ainda bastante tênues no século XIX, de modo que o próprio Denis alguns anos antes traduzira a Carta de Caminha com uma liberdade surpreendente para os parâmetros atuais.¹⁶¹ A insatisfação do autor francês com a contrafação de sua obra jamais veio a se tornar pública, mas ficou registrada nas páginas finais do seu exemplar pessoal do *Resumé de l'histoire du Brésil*, guardado nos dias de hoje na Biblioteca Santa Genoveva:

O indivíduo que tão estranhamente traduziu este livrinho, ou melhor, que o desfigurou, Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde, nasceu em Lisboa (...). Foram impressos mais de 1.500 exempl. da 1ª. ed. desta tradução ridícula. / Esta primeira edição é de 1831. Tomei conhecimento do livro por intermédio de Caetano de Moura em 13 de 7bro. de 1839. O exemplar que me foi trazido pertence a Mr. Guedes. / Em 1834, saiu no Rio de Janeiro uma segunda edição do *Résumé de l'histoire du Brésil* por Niemeyer Bellegarde com aprovação do governo para que este livro fosse adotado nas escolas. O tradutor pôs uma nota engraçada na folha de rosto do livro, na qual anuncia que assume toda a responsabilidade pela obra; que é bem verdade que ele traduziu algumas páginas minhas, mas que comunicava esta circunstância somente por desengano de consciência, mas que, definitivamente, como ele se tinha visto compelido a fazer inúmeras correções no volume, não via absolutamente porque este não seria publicado em seu nome. Que desfaçatez! Só tomei conhecimento desta 2ª. ed. em 27 de julho de 1842.¹⁶²

Assim como Bellegarde, outros historiadores contemporâneos se apropriaram do conteúdo do *Resumé de l'histoire du Brésil* sem fazer qualquer referência ao nome de Denis. O general José Ignácio de Abreu e Lima, por exemplo, copiou-lhe um longo trecho

¹⁶⁰ BELLEGARDE, Henrique Luís de Niemeyer. *Resumo de Historia do Brasil por H. L. de Niemeyer Bellegarde*. Obra adotada pelo governo para uso das escolas. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Typ. R. Ogier, 1834.

¹⁶¹ Ver a esse respeito: DONEGÁ, Op cit.

¹⁶² Apud: ROUANET, Op. cit., p. 169.

sobre a guerra de Palmares, no seu *Compêndio da História do Brasil* (1843),¹⁶³ e Émile LeFranc praticamente reproduziu *ipsis litteris* o que ele disse acerca da descoberta de minas de diamantes no interior de São Paulo e Minas Gerais, em *Histoire d'Espagne et de Portugal ainsi que de leurs colonies respectives* (1846).¹⁶⁴ Do lado francês, o sucesso da obra pode ser explicado por seu pioneirismo na descrição do Brasil, pouco tempo após o reconhecimento da independência política pela Europa. Desse lado do Atlântico, o motivo talvez seja outro, decorrendo ao que parece das opiniões otimistas, quase laudatórias, manifestadas pelo antigo viajante a respeito do território que visitara na juventude. Com efeito, em seu *Résumé de l'histoire du Brésil*, Denis deixou de lado os comentários mordazes encontrados em seus papéis como viajante, optando, em vez disso, por representar o novo país sob os trópicos como uma região verdadeiramente abençoada:

Vi esta região em uma época em que ainda estava longe de oferecer esperanças tão brilhantes. Tudo agora deve levar a crer que essas esperanças serão realizadas, e que com grandes melhorias tendo sido realizadas no governo, todos os outros tipos de melhorias não podem deixar de segui-las. Por sua localização geográfica, sua navegação interior, sua fertilidade e suas riquezas naturais, o Brasil pode ocupar a vanguarda na América meridional.¹⁶⁵

Ele se mostrou igualmente bastante otimista em suas perspectivas quanto ao futuro do Brasil, argumentando que o jovem país teria todas as condições necessárias para ocupar, em breve, uma posição de destaque na política e na economia internacional. Isso à condição de que os dirigentes locais se mantivessem engajados em abrir novos caminhos para o transporte terrestre de pessoas e mercadorias, em favorecer o comércio exterior por meio do desenvolvimento da região portuária e, principalmente, em sensibilizar a população quanto à necessidade de se povoar os territórios ainda dominados pela natureza e de se investir em práticas de agricultura mais organizadas:

¹⁶³ Cf. DENIS, *Résumé de l'histoire du Brésil, suivi du Résumé de l'histoire de la Guyane*. Paris: Lecointe et Durey, 1825. p. 150-151; ABREU E LIMA, José Ignacio de. *Compêndio da História do Brasil*. T. I. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1843. p. 219.

¹⁶⁴ Ver, por exemplo: DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'histoire du Brésil, suivi du Résumé de l'histoire de la Guyane*. Paris: Lecointe et Durey, 1825. p. 169-170; LEFRANC, Émile. *Histoire d'Espagne et de Portugal ainsi que de leurs colonies respectives, depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours*. T. II. Paris: Jacques Leccofre et cie, 1846. p. 297-298.

¹⁶⁵ No original: “J’ai vu ce pays à une époque où il était loin encore d’offrir de si brillantes espérances. Tout doit faire croire maintenant que ces espérances se réaliseront, et que d’immenses améliorations s’étant opérées dans le gouvernement, tous les autres genres d’améliorations ne peuvent manquer de suivre celles-ci. Par sa situation géographique, par sa navigation intérieure, par sa fertilité et par ses richesses naturelles, le Brésil peut occuper le premier rang dans l’Amérique méridionale”. Cf. DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'histoire du Brésil, suivi du Résumé de l'histoire de la Guyane*. Paris: Lecointe et Durey, 1825. p. vi.

Aumentando de repente, sem exigir numerosos séculos, a civilização ilumina com um luar súbito estas terras anteriormente mergulhadas na barbárie; que lhes faça sentir a urgência da paz para um império nascente; que lhes faça ver a agricultura cobrindo de tesouros inesgotáveis os tesouros que se devem esgotar; que lhes mostre a necessidade para o povo e para o monarca de honrar seus compromissos no pacto social; que ela lhes imponha como primeiras leis a prosperidade da indústria e o comércio; que lhes faça sentir os benefícios da ciência e das artes; então essas lindas terras, que agora se queixam de serem desertas; serão cobertas de cidades florescentes; homens diferentes na cor e no caráter ali formarão um só povo, que fornecerá exemplos úteis para outras nações [...].¹⁶⁶

O trecho reproduzido acima chama a atenção por apresentar um dos conceitos mais largamente empregados por Denis em suas obras sobre o Brasil, o de civilização. Conforme demonstrou Elias, tal conceito foi cunhado em meados dos Setecentos a partir do adjetivo *civilisé*, utilizado à época pela aristocracia parisiense, assim como *cultivé* e *poli*, para “designar, em sentido amplo ou restrito, a qualidade específica de seu próprio comportamento, e com os quais comparavam os refinamentos de suas maneiras sociais, seu ‘padrão’, com as maneiras de indivíduos mais simples e socialmente inferiores”.¹⁶⁷ *Civilisé*, portanto, expressava a imagem que os membros da corte francesa faziam de si mesmos: os detentores dos mais elevados padrões de comportamento e valores morais. Por essa razão, aqueles que não faziam parte da aristocracia eram por eles caracterizados como simplórios, rústicos, primitivos, ou mesmo bárbaros. Na metade do século XVII, quando o conceito de civilização surgiu, diferentes elementos da sociedade francesa, provenientes sobretudo da burguesia, debatiam quanto à necessidade de reformar os sistemas administrativo e tributário do país. Assim, inicialmente ele designava um processo (ou seja, algo em andamento) a ser realizado a partir da cidade de Paris (ao mesmo tempo sede do governo, centro irradiador das mais refinadas maneiras e modelo a ser copiado pelas províncias), com vistas à “eliminação de tudo o que era ainda bárbaro ou irracional nas

¹⁶⁶ No original: “S’accroissant tout-à-coup, sans exiger le nombre des siècles, la civilisation éclaire d’une lueur subite ces contrées plongées naguère dans la barbarie; qu’elle leur fasse sentir l’urgence de la paix pour un empire naissant; qu’elle leur fasse voir l’agriculture couvrant de ses trésors inépuisables des trésors que l’on doit épuiser; qu’elle leur montre la nécessité pour le peuple et pour le monarque de tenir à ses engagements dans le pacte social; qu’elle leur impose comme premières lois de la prospérité l’industrie et le commerce; qu’elle leur fasse sentir les bienfaits des sciences et des arts; alors ces belles contrées, qu’on se plaint maintenant de voir désertes; se couvriront de cités florissantes; des hommes différents de couleur et de caractère n’y formeront qu’un seul peuple, qui offrira des exemples utiles aux autres nations [...]”. Cf. Ibidem, p. 252.

¹⁶⁷ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Tradução de Ruy Jungmann, revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. V. II. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 52.

condições vigentes, fossem as penalidades legais, as restrições de classe à burguesia ou as barreiras que impediam o desenvolvimento do comércio”.¹⁶⁸

Após a Revolução Francesa, porém, passou a servir acima de tudo de argumento às ambições colonialistas das principais potências europeias “no mesmo grau em que antes os ancestrais do conceito de civilização, *politesse* e *civilité*, serviram de justificação à aristocracia da corte”.¹⁶⁹ A explicação fornecida por essas nações era simples: uma vez que a Europa havia concluído seu processo civilizatório, cabia-lhe agora a nobre tarefa de ajudar na regeneração de outros povos, ensinando e difundindo a civilização para o resto do mundo. Daí que, ao partir para o Egito em 1798, Napoleão Bonaparte tenha dito a suas tropas: “Soldados, estais iniciando uma conquista de consequências incalculáveis para a civilização”.¹⁷⁰ Nas décadas subsequentes, outros países, além da França, participaram dessa empreitada expansionista, levando os domínios coloniais europeus a passarem de 35% para aproximadamente 85% da superfície do globo, entre 1815 e 1914.¹⁷¹ O envolvimento dos homens de letras foi crucial para que isso acontecesse. Investigando a representação ocidental do Oriente durante o Oitocentos, Said mostrou que os escritores europeus estavam, em sua maioria, a par de tal propósito colonizador – e, mais do que isso, procuravam fomentá-lo, investigando, escrevendo e colocando em circulação novos (mas principalmente velhos) conhecimentos sobre essa parte do globo. Nomes como Gustave Flaubert, Victor Hugo, Gérard de Nerval, Silvestre de Sacy, para citar apenas alguns dos mais conhecidos, produziram romances, poemas, peças teatrais, coleções de fábulas e uma infinidade de artigos científicos acerca do Oriente. Ainda que tenham se dedicado a gêneros diferentes, eles acreditavam que o “conhecimento das raças subjugadas ou dos orientais é o que torna fácil e lucrativa a sua administração; o conhecimento fornece poder, mais poder requer mais conhecimento, e assim por diante numa dialética crescentemente lucrativa de informação e controle”.¹⁷² Unia-os também a ideia de que Oriente seria “um lugar que precisava de atenção, da reconstrução e até mesmo da redenção ocidental”.¹⁷³

¹⁶⁸ Ibidem, p. 59.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 61.

¹⁷⁰ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Nova edição. Tradução de Rosaura Eichenberg. 8a. reimpressão. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018. Idem.

¹⁷¹ Ibidem, p. 74.

¹⁷² Ibidem, p. 68.

¹⁷³ Ibidem, p. 280.

Os procedimentos utilizados por Ferdinand Denis em suas publicações guardam certas semelhanças com aqueles empregados por seus colegas orientalistas. Afora sugerir um ideal de civilização a ser alcançado não apenas pelo Brasil, mas por toda a América, graças ao intermédio da Europa – e, principalmente, da França –, seu discurso deixa transparecer o desejo de oferecer um mapeamento detalhado das diversas possibilidades de lucro financeiro ao alcance dos europeus nessas regiões abaixo da linha do Equador. Isso explica a ênfase dada por ele em suas obras à temática da agricultura, compreendida como um conhecimento técnico a ser transmitido pela Europa a fim de se suplantarem uma natureza ainda em estado de barbárie, e, ao mesmo tempo, como uma espécie de investimento financeiro baseado na exploração de uma terra particularmente fértil e propícia ao plantio. É o que lemos, por exemplo, em *Histoire géographique du Brésil, suivi du Résumé de l'histoire de la Guyane* (1833):

[...] se, por muitos anos, uma única árvore estabeleceu as relações comerciais entre essa parte do Novo Mundo e da Europa, os benefícios que conseguimos tirar de outras produções coloniais foram conhecidos com uma lentidão, a qual deve prefigurar o que pode se tornar essa terra admirável [...]. A natureza, que tanto fez por essa terra, espera apenas a energia do homem para lhe mostrar toda sua energia; ela dá a quem lhe pede, e nesses bosques virgens que caem por todos os lados para abrir caminho a ricas colheitas, no seio dessas florestas imponentes, o homem não pode se decepcionar; a prosperidade futura das nações, **uma civilização poderosa e progressiva** são prometidas pela exuberância selvagem da própria natureza; ela parece dizer no meio desses vastos campos: ‘Trabalhe, a terra não pode ser ingrata, e a idade de ouro está diante de ti.’¹⁷⁴

Publicada oito anos depois do lançamento do *Resumé de l'histoire du Brésil*, a obra saiu dentro da coleção “Bibliothèque Populaire, ou l’instruction mise à la portée de toutes les classes et de toutes les intelligences”, a mesma pela qual o autor francês

¹⁷⁴ No original: “[...] si, pendant plusieurs années, un seul arbre a établi des relations commerciales entre cette partie du Nouveau-Monde et l’Europe, les avantages qu’on a put tirer des autres productions coloniales ont été connus avec une lenteur qui doit faire présager ce que peut devenir cette admirable contrée [...]. la nature, qui a tant fait pour cette contrée, n’attend que l’énergie de l’homme pour montrer elle-même toute son énergie; elle donne à qui lui demande, et dans ces bois vierges qui tombent de toute parts pour faire place à des riches moissons, au sein de ces forêts imposantes, l’homme ne peut être déçu; la prospérité future des nations, **une civilisation puissante et progressive** sont promises par l’exubérance sauvage de la nature elle-même; elle semble dire au milieu de ces vastes campagnes: ‘Travaillez, la terre ne peut être ingrate, et l’âge d’or est devant toi’”. Cf. DENIS, Ferdinand. *Histoire géographique du Brésil*. Collection Bibliothèque populaire, ou l’instruction mise à la portée de toutes les classes et de toutes les intelligences. Paris: Rue et place Saint-André-des-Arts n. 30, 1833. p. 21-22.

publicara seu romance *Le Brahme voyageur, ou la sagesse de toutes les nations*.¹⁷⁵ Fizeram parte da coleção escritores de áreas variadas, desde religiosos, matemáticos, geógrafos, historiadores, naturalistas, até viajantes, gramáticos e romancistas, unidos, apesar das diferenças, pelo desejo de instruir, educar e moralizar os leitores de forma rápida e acessível.¹⁷⁶ Segundo o editor, Ajasson de Grandsagne, os livros da “Bibliothèque populaire” apresentariam um grau progressivo de complexidade, começando “por aquilo que nos parece mais simples e mais compreensível, para terminar com aquilo que tem-se como mais abstrato e mais difícil”.¹⁷⁷ *Histoire géographique du Brésil, suivi du Résumé de l’histoire de la Guyane* não deve ter sido a última, nem a mais intrincada obra da coleção. Contudo, é evidente que ela se destina a leitores com certo nível de instrução ou, ao menos, com boas noções de geografia.¹⁷⁸ Se, em suas publicações anteriores sobre o Brasil, Denis se esforçara em ser didático e acessível a um grande número de leitores, dessa vez, não hesitou em empregar termos técnicos, específicos dessa área do saber. Isso fica claro, sobretudo, no primeiro volume, no qual se encontram descritos elementos físicos da geografia brasileira, tais como relevo, hidrografia, clima e solo. Nele aparece ainda uma série de informações sobre a botânica (as árvores frutíferas, as utilizadas na marcenaria e as plantas medicinais), a zoologia (os mamíferos, répteis, peixes, aves e insetos) e a antropologia do país (o número de habitantes, a miscigenação dos povos, os indígenas, as línguas faladas por eles, o caráter dos brasileiros, seus costumes e hábitos). O segundo volume, menos científico, trata de temas igualmente variados, como agricultura, pecuária, comércio, indústria, governo e clero, apresentando ainda as principais cidades do Brasil

¹⁷⁵ DENIS, Ferdinand. *Le Brahme voyageur, ou la sagesse de toutes les nations*. Bibliothèque populaire ou l’instruction mise à la portée de toutes les classes et de toutes les intelligences Paris: Rue et place Saint-André-des-Arts n. 30, 1832.

¹⁷⁶ *Le Brahme voyageur*, por exemplo, reproduz uma série de provérbios e máximas moralizantes recolhidas pelo protagonista, Nara-Mouny, em sua viagem pelo mundo.

¹⁷⁷ No original: “nous avons commencé par ce qui nous a semblé le plus simple et le plus saisissable, pour terminer par ce que l’on regarde comme le plus abstrait et le plus difficile”. Cf. GRANDSAGNE, Ajasson de. *Notions générales servant d’introduction à la collection*. 5e. édition. Paris: Rue et Place Saint-André-des-Arts n. 30, 1832. p. 9.

¹⁷⁸ Para se ter uma ideia do público imaginado por Denis, pode-se recorrer também a uma tabela veiculada, em 1836, pelo *Bulletin de la Société pour l’instruction élémentaire*, com o nome de “12^a. liste générale des ouvrages propres à être données en prix dans les écoles communales de Paris”. Nela apontam-se o(s) grupo(s) de leitores recomendável(is) para mais de 100 volumes publicados havia pouco: *garçons* (rapazes), *hommes* (homens), *filles* (moças) e *femmes* (mulheres). O *Histoire géographique du Brésil, suivi du Résumé de l’histoire de la Guyane* apareceu com as indicações *g* e *h*. Isso significa que, segundo o periódico, ele seria próprio apenas para o sexo masculino. De acordo com a publicação, porém, outros livros da mesma área deveriam parar nas mãos de leitores diferentes: *Géographie*, de Michelot, por exemplo, seria indicado para todos, já *Éléments de la Géographie*, de Jussieu, somente para rapazes, moças e mulheres. Cf. *Bulletin de la Société pour l’instruction élémentaire*, Paris, t. VI, 1835, p. 272.

– do Sul para o Norte e da região litorânea para o interior, a mesma sequência que havia sido utilizada, em 1817, por Aires de Casal.

Pouco tempo depois, Denis foi convidado a integrar a coleção “L’Univers, histoire et description de tous les peuples”, um ambicioso projeto editorial, encabeçado pela famosa tipografia Didot,¹⁷⁹ que pretendia reunir obras de especialistas europeus acerca dos cinco continentes. Ambroise-Firmin Didot e seu irmão, Hyacinthe, que na época gerenciavam os negócios da família, selecionaram criteriosamente os participantes de tal empreitada, convidando apenas membros de instituições de prestígio, antigos viajantes, representantes do governo francês, professores de história ou diretores de grandes bibliotecas.¹⁸⁰ Denis colaborou com duas obras: a primeira, *Brésil* (1837),¹⁸¹ apareceu no mesmo volume de *Colombie et Guyane*, de César Famin – responsável também por *Chili, Paraguay, Uruguay, Buenos-Ayres* (1856) –, já a segunda, *Portugal* (1846),¹⁸² veio à luz somente nove anos mais tarde. Sua inclusão no seletivo grupo de “L’Univers, histoire et description de tous les peuples” mostra que, depois de longos anos de estudo, ele obtivera reconhecimento como uma das principais autoridades europeias em assuntos relacionados ao mundo lusófono, incluindo aqui o Brasil. Conduzido por Denis, o leitor de *Brésil* passeia por temas diversificados, como a história de amor de Caramuru e Paraguaçu; a aventura vivida por Hans Staden no meio dos tupinambás; as explorações dos portugueses pelo interior da colônia; a fundação das primeiras vilas brasileiras; os animais selvagens e domésticos encontrados no país; os bandeirantes e os hábitos da população de São Paulo; a agricultura do coco e as florestas virgens de Porto Seguro; a cana-de-açúcar, o tabaco e a pesca da baleia na Bahia; as biografias de Fernandes Calabar e Zumbi dos Palmares, em Alagoas; a Ilha do Marajó, o rio Amazonas e a pororoca no Pará; a cachoeira de Paulo Afonso e o rio São Francisco, em Sergipe d’el Rey.

Nos dias de hoje, a obra continua despertando o interesse dos pesquisadores interessados seja nos relatos de viagens escritos durante o Oitocentos, seja na produção

¹⁷⁹ A história da Livraria Didot, uma das mais antigas da França, começou em 1713 e continua até os dias de hoje. Ler a esse respeito: JAMMES, André; COURBAGE, François. *Les Didot: trois siècles de typographie et de bibliophilie* (1698-1998). Paris: Agence culturelle de Paris; Ambeville: Imp. F. Paillart, 1998.

¹⁸⁰ Para falar da Grécia, por exemplo, eles elegeram François Pouqueville, membro da Academia de Inscrições e Belas-Letras e antigo cônsul-geral da França no Oriente; Louis Lacroix, antigo membro da École Française d’Athènes, professor de História no Lycée Impérial de Louis le Grand; Wladimir Brunet de Presle, membro da Academia de Inscrições e Belas-Letras; e Alexandre Blanchet, professor de História no Lycée de Strasbourg.

¹⁸¹ DENIS, Ferdinand. *Le Brésil*. FAMIN, César. *Colombie et Guyane*. Collection L’Univers, histoire et description de tous les peuples. Paris: Firmin Didot frères, 1837.

¹⁸² DENIS, Ferdinand. *Portugal*. Collection L’Univers, histoire et description de tous les peuples. Paris: Firmin Didot frères, 1846.

bibliográfica de Denis. Esses últimos costumam cotejar as ideias ali presentes com as que foram manifestadas pelo autor francês ainda no papel de viajante. Efetivamente inúmeras passagens da publicação sugerem uma mudança de posicionamento – ou, ao menos, uma reflexão mais madura – de sua parte em relação à realidade brasileira. A cidade de Salvador, por exemplo, havia sido duramente criticada em seus documentos pessoais devido à falta de dinamismo e solidez nas estruturas arquitetônicas, mas apareceu representada em *Brésil* de outra forma:

Construída sobre a costa mais escarpada da baía, esta antiga capital do Brasil se divide em duas partes distintas, a cidade baixa e a cidade alta. Nesta, os altos armazéns, conhecidos pelo nome de trapiches, a alfândega, o arsenal e os canteiros de construções, a agitação e o barulho; a alguma distância, e sobre a altura plana, lavada pelo ar mais salubre, como dizem os brasileiros, os grandes conventos, o palácio do governador, as graciosas habitações dos funcionários e dos negociantes opulentos, um grande repouso, enfim, que contrasta da maneira mais estranha com o barulho da cidade comercial. Contemplem-se da baía estes edifícios, que se elevam sobre uma encosta escarpada e entremeada de verdura, as casas ousadamente edificadas na encosta da colina, essas ruas sinuosas, que fazem comunicar os dois bairros e que se desenham em anfiteatro com suas vigas sempre prontas a escorar algum desmoronamento. Tudo dá a esta cidade, já velha para a América, um aspecto de arrojo e originalidade, cujo conjunto não se pode deixar de admirar.¹⁸³

O Teatro de São João, que fora caracterizado por Denis duas décadas antes como um prédio desmazelado, por onde passavam atores pouco preparados e dançarinos indecentes, figura, em *Brésil*, como uma bela construção, magnificamente situada, em cujo palco se exibiam obras nacionais de grande originalidade:

O teatro atrai de saída o olhar; fica-se admirado pelo efeito brilhante que produz, logo que se avista da enseada; está edificado sobre um rochedo e parece continuamente ameaçar a cidade baixa com uma queda perigosa. É um vasto edifício quadrado, varado de uma infinidade de janelas e com um frontão acanhado. As portas se encontram situadas sob uma espécie de galeria que serve para suportar um terraço, de onde o olhar contempla a baía em todos os sentidos, e avista os navios se avançarem majestosamente no meio da enseada erizada por uma floresta de mastros. [...] No teatro, os antigos entremezes são representados com mais frequência que no Rio, e lembra-se, com prazer, que Antonio José, o célebre cômico do século XVIII, era brasileiro; o lundu, esta espécie de fandango original, imitada da dança dos pretos, é ali na verdade uma dança nacional; a classe média da sociedade finalmente ali aparece com uma originalidade de trajes que quase já não se encontra no Rio.¹⁸⁴

¹⁸³ DENIS, Ferdinand. *Brasil*. Prefácio de Mário Guimarães Ferri, tradução de João Etienne Filho e Malta Lima. Coleção Reconquista do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980. p. 246.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 247-252.

O mesmo contraste pode ser observado em relação às festividades nacionais, incluindo aqui o Carnaval de Salvador, que fora motivo de deboche para o viajante francês em sua correspondência, como vimos anteriormente. Em um trecho de *Brésil*, já destacado por Poncioni,¹⁸⁵ Denis afirmou que, apesar da falta de requinte, as comemorações pelas ruas da cidade brasileira seriam bastante animadas, lembrando mesmo as que ocorreriam na mesma época do ano em Veneza:

Há muitos anos, fomos testemunhas, em São Salvador, de mascaradas tão variadas, de exibições tão grotescas, as máscaras de caracterização eram de uma veracidade tão cômica, apesar da pouca riqueza dos trajes, o espírito brasileiro às vezes ali se mostrava sob um aspecto tão gracioso, que nos achamos momentaneamente transportados àquela época em que as relações de Portugal eram frequentes com Veneza e em que o gênio original dos italianos podia muito bem influenciar o espírito mais grave dos portugueses.¹⁸⁶

Em outra passagem, mencionada anteriormente por Vidal,¹⁸⁷ Denis revisitou o tema da propensão natural dos habitantes dos trópicos à preguiça, argumentando, dessa vez, que tanto na França quanto no Brasil haveria indivíduos com horror ao trabalho:

[...] sem querer estabelecer a tese que os brasileiros são mais preguiçosos que os parisienses, vemos que a preguiça, que nada mais é que a aversão pela contenção do espírito, existe em uns e nos outros: a única diferença, ei-la. / O parisiense preguiçoso está em movimento da manhã até à noite; negligencia os próprios negócios para deixar vagar o espírito nas futilidades da gazeta e nas conversações dos cafés que frequenta, sem trabalhar com a cabeça; prefere vegetar a ocupar um cargo; e vegetar para ele consiste em levantar-se às dez horas, perder o tempo em ataviar-se sem cuidado, em um perambular sem rumo, em indagar as novas do dia, que, sem querer, altera ao relatá-las. A rapidez das impressões ligeiras o dispensa das reflexões que evita. / O brasileiro preguiçoso ergue-se ao nascer do sol; não gasta tempo a vestir-se, porque não se havia despido; em ceroulas, fumando à sua porta, que não abandona senão para ir se balançar em sua rede. Sua mão se estende com dificuldade para receber sua mesquinha ração de mandioca. Alguém lhe pergunta onde mora

¹⁸⁵ PONCIONI, Claudia. De viagens, relatos e livros: Ferdinand Denis entre a França e o Brasil (diários e correspondências). In: PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna (org.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. p. 65-92.

¹⁸⁶ DENIS, Ferdinand. *Brasil*. Prefácio de Mário Guimarães Ferri, tradução de João Etienne Filho e Malta Lima. Coleção Reconquista do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980. p. 144.

¹⁸⁷ VIDAL, Laurent. Ferdinand Denis, observateur de la société brésilienne (1816-1837). In: BERTRAND, Michel; VIDAL, Laurent (org.). *À la redécouverte des Amériques. Les voyageurs européens au siècle des indépendances*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail. p. 237-252.

alguém, seu vizinho; não sabe ele nada. Falar fatiga-o, tanto como pensar. Todos os dois são inúteis, tanto um como o outro.¹⁸⁸

Essas diferenças costumam ser compreendidas pelos pesquisadores como um resultado do amadurecimento intelectual do autor, o qual, no decorrer dos mais de vinte anos que separam sua viagem ao Brasil e a publicação de *Brésil*, teria acumulado numerosas leituras e, conseqüentemente, aprofundado suas reflexões iniciais, mais espontâneas e um tanto quanto precipitadas, acerca da sociedade brasileira.¹⁸⁹ Sem descartar tal possibilidade, parece-nos importante levar em conta igualmente a hipótese sustentada por Rouanet, que viu nessas mudanças um reflexo do desejo por parte de Denis de conquistar a simpatia dos governantes e letrados brasileiros. Em suas palavras:

Na verdade, por detrás dessa dualidade está a ponta de uma outra “realidade”, que foi cuidadosamente subtraída à posterioridade pelo próprio Ferdinand Denis e por seus contemporâneos, tarefa a que este século, como se pode notar, vem tratando de dar continuidade. E, determinando a atitude a ser tomada, está um dos requisitos fundamentais daquilo que chamei de “Manual do perfeito viajante”: nem tudo pode ou deve ser dito; ou pelo menos, tudo o que for dito deve sempre poder ser interpretado como melhor convier.¹⁹⁰

Segundo a autora, atento a esse “manual do perfeito viajante”, ele teria realizado uma “cuidadosa seleção” em seus escritos, retrabalhando lembranças depreciativas de modo a torná-las interessantes para os brasileiros, e até mesmo se calado diante de situações que, em rigor, incomodaram-lhe profundamente, como na questão do plágio realizado por Bellegarde. De fato, as boas relações mantidas com os habitantes do outro lado do Atlântico garantiram ao antigo viajante francês uma série de vantagens e, sem o trabalho de recorte destacado por Rouanet, dificilmente ele obteria o título de “amigo do Brasil e dos brasileiros”, com o qual ficou conhecido entre seus contemporâneos. Além disso, como mostraremos nesta tese, o tato nas relações interpessoais, fundamental em um regime baseado na troca de favores, e a louvação ao

¹⁸⁸ DENIS, Ferdinand. *Brasil*. Prefácio de Mário Guimarães Ferri, tradução de João Etienne Filho e Malta Lima. Coleção Reconquista do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p. 138.

¹⁸⁹ Essa é também a opinião de Scheinowitz e Augel. Cf. SCHEINOWITZ, Celina de Araújo. A Bahia e seus negros no olhar de um francês do século XIX. In: 3º. Congresso ABRALIC, 1995, São Paulo. *Limites*, Anais do 3º. Congresso ABRALIC, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Niterói: ABRALIC, p. 299-308, 1995; ANGEL, Moema Parente. *Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista*. São Paulo: Cultrix, 1980.

¹⁹⁰ ROUANET, *Brasil*. Prefácio de Mário Guimarães Ferri, tradução de João Etienne Filho e Malta Lima. Coleção Reconquista do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p. 158.

topo da pirâmide social com vistas a aferir vantagens pessoais deram a tônica da atuação de Ferdinand Denis dentro do espaço literário brasileiro.

No próximo capítulo, voltado à sua atuação como homem de letras durante a primeira metade do século XIX, mostraremos os esforços despendidos pelo autor no intuito de se manter financeiramente por meio da atividade escrita, melhorar sua condição socioeconômica (ou, como se diz em francês, *mettre du beurre dans ses épinards*), e, ao mesmo tempo, obter capital simbólico entre seus pares – no que foi favorecido por uma série de mudanças vividas por toda a França nesse período, embora com maior vigor na capital parisiense.

Capítulo 2

(Sobre)viver da escrita

Tendo retornado à cidade de Paris em 1820¹⁹¹ bastante debilitado e, além do mais, sem os lucros financeiros que tanto desejara, Ferdinand Denis se viu diante da necessidade de encontrar um emprego que lhe garantisse estabilidade profissional. Em meados de 1827, procurou ingressar no funcionalismo público francês, oferecendo seus serviços de tradutor ao Ministério das Relações Exteriores. Joseph André-Denis procurou interceder a favor do filho mais novo, escrevendo para as autoridades francesas a seguinte carta: “[Ferdinand Denis] gostaria muito de obter um cargo análogo ao de seu pai, próximo de quem deve permanecer. Seu conhecimento das línguas portuguesa e espanhola, etc. poderia talvez garantir-lhe o direito de um emprego de tradutor”.¹⁹² Os planos, no entanto, acabaram não se realizando. Cinco anos mais tarde, o antigo viajante se candidatou a uma vaga na Biblioteca Real, mas uma vez mais não teve sucesso.¹⁹³ Sua situação financeira era de tal forma delicada que ele precisava recorrer a empréstimos feitos por amigos e conhecidos.¹⁹⁴ Apenas em janeiro de 1838, finalmente, foi contratado como empregado na Biblioteca Santa Genoveva por um salário anual de 1200 fr.. No ano seguinte, ganhou uma promoção e se tornou bibliotecário da Biblioteca do Ministério da Instrução Pública, com uma remuneração duas vezes maior. Em 1841, regressou à Biblioteca Santa Genoveva, dessa vez para trabalhar como conservador, função que ocuparia por mais de 24 anos. Seu salário inicial de 2.600 fr. por ano subiu, em abril de 1842, para 2.800 fr. e, em fevereiro de 1845, para 3.200 fr..¹⁹⁵ Apesar dos acréscimos constantes na sua folha de pagamento (cerca de 266% em oito anos), dificilmente poderíamos afirmar que ganhasse bem. Se, entre 1838

¹⁹¹ A data exata de sua chegada à capital francesa é desconhecida: as últimas notas do “Journal de mon voyage au Jequitinhonha” datam de setembro de 1819, depois disso temos notícia do viajante somente em 09 de maio do ano seguinte.

¹⁹² Fonte: Dossier Joseph-André Denis, Archives Diplomatiques de La Courneuve, França. Apud: SOUZA, Rafael Barbosa. Ferdinand Denis de 1798 a 1826: breve biografia. In: DENIS, Ferdinand. *Resumo da história literária de Portugal seguido do resumo da história literária do Brasil*. Tradução, apresentação e notas por Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2018, p. 27. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188272/001085007.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 22 fev. 2020.

¹⁹³ Cf. MOREAU, 1932, p. 28-29; MERLANT, Joachim. Senancour et Sainte-Beuve. *La Revue Latine, journal de Littérature Comparée*, Paris, n. 01, jan. 1906, p. 60.

¹⁹⁴ MOREAU, 1932, 09/09/1835, p. 58.

¹⁹⁵ Fonte: DOSSIER Ferdinand Denis, Archives de Pierrefitte-sur-Seine, França.

e 1839, um trabalhador francês recebia em média 3.912 fr. anuais, nesse mesmo período Denis recebia apenas algo em torno de 2.000 fr.. Na década seguinte, seu salário anual de aproximadamente 2.940 fr. ainda estava 35% abaixo da média nacional, que chegava a 4.536 fr. anualmente.¹⁹⁶

Tabela 1: Evolução salarial de Ferdinand Denis versus média nacional dos trabalhadores franceses

ANO	FUNÇÃO	SALÁRIO	MÉDIA NACIONAL
1838	Empregado na BSG	1.200 fr.	3.912 fr.
1839	Bibliotecário da Biblioteca do Ministério da Instrução Pública	2.400 fr.	3.912 fr.
1841	Conservador na BSG	2.600 fr.	4.536 fr.
1842	Conservador na BSG	2.800 fr.	4.536 fr.
1845	Conservador na BSG	3.200 fr.	4.536 fr.

Sem negar os méritos pessoais de Denis, a verdade é que ele foi beneficiado com a ascensão política de Narcisse-Achille de Salvandy que, em abril de 1837, tornou-se ministro da Instrução Pública. Tão logo assumiu o cargo, Salvandy inaugurou uma série de alterações nos dispositivos legais das bibliotecas públicas francesas, incluindo a Biblioteca Santa Genoveva, que a essa altura já aparecia como uma das maiores do país. A partir de então, a instituição passou a contar com dezoito funcionários, sendo um conservador e dois conservadores adjuntos – cuja seleção cabia ao próprio rei –, além de cinco bibliotecários, cinco sub-bibliotecários e cinco empregados – todos escolhidos pelo ministro entre “membros da Universidade, literatos e eruditos conhecidos por seus trabalhos, alunos da Escola des Chartes”.¹⁹⁷ Salvandy parece ter preenchido os cargos a sua disposição com amigos e outras pessoas do seu círculo de convivência. Com Denis, suas relações vinham de pelo menos dezoito anos antes, quando ambos colaboraram no *Courrier Français* – ele próprio enquanto redator principal e o antigo viajante traduzindo notícias extraídas de

¹⁹⁶ Cf. BARBIER, Frédéric. Une production multipliée. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 3: le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 115.

¹⁹⁷ No original: “Les bibliothécaires, sous-bibliothécaires et employés dans les bibliothèques Sainte-Genève, Mazarine et de l’Arsenal, devront être choisis parmi les membres de l’Université, les littérateurs et savants connus par leurs travaux, les élèves de l’École des Chartes”. Fonte: BOUGNY, Alfred de; PINÇON, Pierre. *Histoire de la Bibliothèque Sainte-Genève: précédée de la chronique de l’abbaye, de l’ancien collège de Montaigu et des monuments voisins, d’après des documents originaux et des ouvrages peu connus*. Paris: Comptoir des imprimeurs-unis, 1847. p. 185.

periódicos internacionais.¹⁹⁸ Poucos meses após assumir o posto, o novo ministro promulgou o decreto de 14 de dezembro de 1837, nomeando Hippolyte Taunay, “antigo tutor de história e de literatura na Escola Politécnica”, Ferdinand Denis, “homem de letras”, e certo Dominique Bouvin, terceiro, quarto e quinto empregados da Biblioteca Santa Genoveva, respectivamente.¹⁹⁹ Desde outubro do ano anterior, no entanto, ao menos Denis estava ciente de que a designação não tardaria a acontecer, como leva a crer uma anotação extraída de seu diário: “Foi há três dias que vi na casa de Constant Berrier minha nomeação à Biblioteca Santa Genoveva. Minha posição muda e alguns trabalhos sérios poderão ser realizados”.²⁰⁰

Ainda que possivelmente motivada por razões pessoais, a escolha de Denis para o cargo se mostrou acertada. Com efeito, ele acabou se transformando em uma figura importante na história da biblioteca, à qual se dedicou por mais de quatro décadas. Já em 1842, tomou parte dos preparativos que transferiram os cerca de 253 mil volumes da instituição, que deixava o último andar do atual colégio Henri IV para ser instalada provisoriamente na antiga prisão de Montaigne, a poucos metros de distância. Nesse mesmo ano, estava presente mais uma vez quando tiveram início os trabalhos de construção do edifício na Praça do Panteão, que futuramente acolheria a biblioteca.²⁰¹ Sua mudança tinha dois objetivos oficiais: em primeiro lugar, separá-la definitivamente do colégio, uma vez

¹⁹⁸ Como esse último deixaria registrado em um manuscrito autobiográfico de 1825: “Fui encarregado na tradução das notícias estrangeiras no *Courrier* e então aproveitei os excelentes conselhos do Sr. Salvandy” (no original: “Je fus employé à la traduction des nouvelles étrangères au *Courrier* et je profitai alors des excellents conseils de M. Salvandy”). Apud: SOUZA, Rafael Barbosa. Ferdinand Denis de 1798 a 1826: breve biografia. In: DENIS, Ferdinand. *Resumo da história literária de Portugal seguido do resumo da história literária do Brasil*. Tradução, apresentação e notas por Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2018, p. 23. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188272/001085007.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 22 fev. 2020.

¹⁹⁹ No original: “ancien répétiteur d’histoire et de littérature à l’École polytechnique” e “homme de lettres”. Cf. *Journal général de l’instruction publique et des cultes*, Paris, 23/12/1837, p. 263. Ver também: BOUGNY; PINÇON, Op. cit., p. 199.

²⁰⁰ No original: “C’est il y a trois jours que j’ai vu chez Constant Berrier ma nomination à la Bibliothèque Sainte-Geneviève. Ma position change et quelques travaux sérieux pourront être accomplis”. Cf. MOREAU, 1932, 19/10/1837, p. 73.

²⁰¹ Alphonse Denis, o irmão de Ferdinand Denis, foi contra a proposta, argumentando que os gastos seriam onerosos: de fato, estima-se que a construção do novo edifício teria custado aos cofres franceses entre 1.700.000 e 1.800.000 francos. Os trabalhos tiveram início em 12 de agosto de 1844, depois que o ministro dos Trabalhos Públicos colocou a primeira pedra que futuramente daria origem ao prédio. Denis assistiu ao evento, assim como outros funcionários da biblioteca, o prefeito do antigo 12º. arrondissement e alguns membros do conselho municipal da cidade de Paris. Cf. *Gazette nationale ou le Moniteur universel*, Paris, 13/08/1844, p. 1; VARRY, Dominique. *Histoire des bibliothèques françaises*. V. 3. Paris: Promodis-Éditions du Cercle du librairie, 1991, p. 373; BOUGNY; PINÇON, Op. cit.; HOTTIN, Christian. Henri Labrousse et la bibliothèque Sainte-Geneviève. *Labyrinthe*, n. 12, p. 115-118, 2002. Disponível em <<https://journals.openedition.org/labyrinthe/1211?lang=en>>. Acesso em 22 fev. 2020.

que os responsáveis por esse último espaço reclamavam do barulho feito pelos frequentadores e visitantes do acervo e, em segundo, permitir a renovação do velho prédio que corria risco de desmoronamento. Mas os relatórios da Câmara dos deputados indicam que eles desejavam ainda modernizar o 12º. Arrondissement parisiense (atualmente conhecido como 5º. arrondissement), elevando-o “à grandeza monumental dos mais bonitos bairros de vias fáceis e há muito desejadas por toda população”.²⁰² Por isso, a reforma incluiu a construção de uma nova prefeitura para o bairro, a renovação da cúpula da igreja de Santa Genoveva, localizada ao lado da biblioteca de mesmo nome, e a demolição de algumas casas do quarteirão. Inaugurado em 21 de fevereiro de 1851, o atual prédio da instituição possui 85 metros de largura por 21 metros de comprimento, divididos em dois andares. O primeiro abriga a coleção de manuscritos e obras raras, onde atualmente se situa o acervo Denis, e o segundo conta com uma ampla sala de leitura, capaz de acolher 65 mil volumes e 500 leitores.²⁰³



Figura 4. *Salle de lecture de la bibliothèque Sainte-Genève en 1851* (J. -L. Charmet)

Denis entrou no funcionalismo público apenas em janeiro de 1838, aos 40 anos de idade, mas desde pelo menos maio de 1820 já se encontrava de volta à terra pátria. Como teria se sustentado financeiramente nesses dezessete anos que separam o fim da estadia no Brasil e o começo de sua carreira na Biblioteca Santa Genoveva? Após 1838, quando enfim conseguiu se tornar funcionário do Estado, que estratégias teria adotado para complementar seu mirrado salário, tão abaixo da média nacional? As respostas para ambas

²⁰² No original: “à la grandeur monumentale des plus beaux quartiers des voies faciles et depuis longtemps désirées de toute la population”. VARRY, Op. cit., p. 174.

²⁰³ Ibidem, p. 373.

as perguntas: ele escrevia abundantemente na imprensa periódica e publicava, ao mesmo tempo, um volume considerável de livros. Abordamos, no capítulo anterior, as obras sobre a geografia, a história e a cultura brasileiras que foram lançadas por ele durante a primeira metade do século XIX. Falta agora analisarmos as demais publicações do autor, assim como sua presença nos jornais e revistas franceses. Como mostraremos ao longo deste capítulo, Denis consagrou apenas a quinta parte de sua produção bibliográfica ao Brasil,²⁰⁴ já que seus interesses abarcavam uma vasta gama de assuntos.

Uma última consideração: ainda que os leitores atuais possam se surpreender tanto com a variedade quanto com a quantidade de artigos, textos, ensaios e livros deixados por ele, essa era uma realidade se não comum, ao menos não excessivamente rara no século XIX. Aos homens de letras do período, tudo parecia interessar, tudo parecia ser assunto para a escrita. Charles Nodier, por exemplo, além de bibliotecário na Biblioteca do Arsenal, escreveu poesias, romances, contos fantásticos, peças teatrais, panfletos políticos, bem como estudos sobre entomologia, literatura, história, língua e gramática. Também editou *La Fontaine* e colaborou em vários periódicos, a exemplo de *Journal des débats*, *Le drapeau blanc* e *La Quotidienne*. Seu sucessor à frente da referida instituição, Paul Lacroix, publicou uma série de obras a respeito da história da França, principalmente sobre a Idade Média e o Renascimento. Foi ainda romancista, dramaturgo, bibliógrafo e um dos maiores colaboradores de Alexandre Dumas, para quem realizou pesquisas e redigiu capítulos de livros. Se a proximidade com os impressos por certo facilitou o trabalho literário de Denis, Nodier e Lacroix, não podemos perder de vista o sentido “elástico ou impreciso”²⁰⁵ emprestado às noções de letras e literatura nessa época. De acordo com o *Petit dictionnaire de la langue française, à l’usage des écoles primaires* (1836), letras se referia a “ciência, doutrina; belas-letras, a poesia, a eloquência, a literatura”,²⁰⁶ uma ideia próxima à encontrada no *Dictionnaire général de la langue française* (1864), o qual trouxe a seguinte acepção: “ciências, conhecimentos; belas-letras, literatura”.²⁰⁷ Para o primeiro dicionário, literatura seria “[o] conhecimento das obras literárias e das regras dos diversos

²⁰⁴ PONCIONI, Op. cit., p. 68. Ver a lista completa da produção bibliográfica de Denis no Apêndice 2 da tese.

²⁰⁵ LIMA, Luiz Costa. Um termo elástico ou impreciso. In: *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 321.

²⁰⁶ No original: “science, doctrine; belles-lettres, la poésie, l’éloquence, la littérature”. SOULICE, Théodore (ed.). *Petit dictionnaire de la langue française, à l’usage des écoles primaires*. Paris: L. Hachette, Firmin-Didot frères, 1836. p. 299.

²⁰⁷ No original: “sciences, connaissances; belles-lettres, littérature”. GUÉRARD, Michel; SARDOU, Antoine-Léandre (ed.). *Dictionnaire général de la langue française*. Paris: F. Tardou, 1864. p. 346.

gêneros; [o] conjunto das produções literárias de uma nação”²⁰⁸ e, para o segundo, “[o] conhecimento de obras e de regras literárias; *belas-letras*, [o] conjunto de produções literárias de um povo, de um século”.²⁰⁹ Nos dois casos, portanto, o conceito de letras apareceu concomitantemente associado a ciências (em outras palavras, aos conhecimentos adquiridos em quaisquer áreas de estudo) e a Belas-Letras (ou seja, a gramática, a poesia, a arte dramática, a filosofia etc.). Já o de literatura ganhou dois sentidos: um mais tradicional, como sinônimo de conhecimento, e outro mais moderno, de conjunto de obras ligadas entre si por terem sido produzidas em determinado tempo e território. Como destacou Luís Costa Lima, os autores franceses Oitocentistas compreendiam a literatura não como uma modalidade discursiva específica, mas antes como uma manifestação da “marcha do espírito humano” e “dos sucessivos progressos do pensamento”. Por esse motivo, suas análises literárias priorizavam, muitas vezes, valores externos à literatura – como “a virtude, a glória e a liberdade” –, em detrimento daqueles internos a ela.²¹⁰

Embora a acepção difusa de letras e literatura ajude a compreender como foi possível, aos escritores desse período, cultivar temas dissociados atualmente (tomando em flagrante o *habitus* desses letrados em relação ao próprio exercício da atividade literária), nem por isso explica porque isso aconteceu. A resposta para essa pergunta é, por certo, bastante complexa. Precisamos nos lembrar inicialmente que, muitas vezes, artistas com uma mesma posição estética e política compartilham das mesmas “características fundamentais de origem e de formação”.²¹¹ Uma investigação rápida das biografias de

²⁰⁸ No original: “[le] connaissance des ouvrages littéraires et des règles des diverses genres; [l’]ensemble des productions littéraires d’une nation”. SOULICE, Op. cit., p. 304.

²⁰⁹ No original: “connaissance des ouvrages et des règles littéraires; belles-lettres; ensemble des productions littéraires d’un peuple, d’un siècle”. GUÉRARD, SARDOU, Op. cit., p. 352.

²¹⁰ LIMA, Luiz Costa. Um termo elástico ou impreciso. In: *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 321-336. A literatura, portanto, é um conceito histórico, cujos sentidos têm variado ao longo do tempo. Sua acepção atual (como conjunto de obras produzidas em determinado espaço geográfico e temporal) nasceu na segunda metade do século XIX, em decorrência dos esforços dos letrados Oitocentistas de hierarquizar sua produção, distinguindo-a do que era consumido pelas massas, para agregar reconhecimento a seus escritos e, dessa forma, assegurar prestígio intelectual. Ver a esse respeito: ABREU, Márcia. Letras, Belas-Letras, boas letras. In: BOLOGNINI, Carmen Zink (org.). *História da literatura: o discurso fundador*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003. p. 11-69.

²¹¹ Segundo Bourdieu, os adeptos da teoria da “arte pela arte” na França – como os irmãos Goncourt, Flaubert, Baudelaire e Barbey d’Aurevilly –, além de descenderem de famílias de médicos ou da pequena nobreza provinciana, começaram ou terminaram o curso de Direito (geralmente atendendo aos pedidos paternos). No Brasil, um dos estudos de maior fôlego nesse sentido foi conduzido por Sérgio Miceli a respeito dos escritores “anatolianos” – como ele se referiu aos polígrafos da República Velha (1889-1930) que colaboraram de forma assídua na imprensa, geralmente em jornais e revistas voltados ao sexo feminino, tendo como modelo Anatole France. Entre eles, encontramos escritores mais ou menos célebres nos dias de hoje – a exemplo de Hermes Fontes, Humberto de Campos, Lima Barreto, Manuel Bandeira e Paulo Setúbal –, unidos, apesar das diferenças, pelo fato de serem provenientes de famílias oligárquicas em situação de declínio financeiro, dominadas tanto política quanto economicamente, mas ligadas às esferas do poder por

Denis, Nodier e Lacroix indica a existência de alguns pontos comuns entre eles: segundo filho de um tradutor do Ministério das Relações Exteriores, Denis nasceu em Paris e jamais chegou a realizar estudos formais, como já salientamos; proveniente da cidade de Besançon, Nodier frequentou a escola central da cidade, onde seu pai dava aulas de legislação, e viveu onze anos na qualidade de filho ilegítimo, antes de seus pais se casarem; já Lacroix passou a vida toda em Paris, estudou no Colégio Bourbon (atual Liceu Condorcet) no 9º. Arrondissement, sendo o primogênito de um escritor e funcionário público que não ocupava nenhum posto de evidência, ao que tudo leva a crer. Logo, nenhum dos três pertencia à camada popular, tampouco fazia parte da elite dos bem nascido, embora provavelmente mantivessem vínculos relacionais com as classes dominantes e partilhassem das mesmas formas tanto de apreensão do mundo social quanto de apreciação (ligadas a gostos, preferência e escolhas) dessas últimas. Assim como Lacroix, Denis possuía o trunfo de viver em Paris, na capital da República Mundial das Letras do século XIX, porém, da mesma forma como Nodier, tinha contra si uma desvantagem familiar (não ser o primogênito ou não descender de uma relação reconhecida socialmente, dependendo do caso). Isso não significa que a poligrafia durante o Oitocentos tenha sido exclusiva àqueles desprovidos de capital econômico e, portanto, impossibilitados de se consagrarem às carreiras dirigentes.²¹² Conforme veremos a seguir, a diversificação de gêneros, suportes e papéis aos quais se dedicavam os escritores desse período parece decorrer, acima de tudo, da própria natureza do campo literário francês, sob efeito de intensas transformações que culminaram em sua progressiva autonomização.

suas relações com familiares e amigos em posições dominantes. De acordo Miceli, “a possibilidade [desses autores] ocuparem essas novas posições [nas carreiras literárias] dependeu não dos títulos de diplomas que por acaso tivessem, mas muito mais do capital de relações sociais que lograram mobilizar”, de modo que o capital de relações sociais “constituiu decerto o trunfo mais seguro para que pudessem se inserir nesse mercado em expansão”. Cf. BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe. In: *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. 8ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 193; MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 53.

²¹² Lembremos que um dos escritores mais prolíficos e populares da literatura francesa do século XIX, François-René de Chateaubriand – sobre o qual falaremos adiante nesta tese –, era oriundo de uma família aristocrática.

2.1. Desafios e oportunidades para os homens de letras

Em 09 de maio de 1820, Denis escreveu de Paris uma longa carta ao padre Ducloux, um antigo amigo da família, informando-lhe sobre sua nova atividade ao lado de Salvandy: “Ando excessivamente ocupado, pois, por 1.800 fr. anuais, forneço diariamente ao *Courrier Français* notícias mais ou menos interessantes que retiro dos jornais estrangeiros”.²¹³ Seus primeiros passos na imprensa foram dados, portanto, no papel de tradutor. Procurando expandir sua participação para outros jornais e revistas, ainda durante a década de 1820, publicou mais cinco traduções: para o *Nouvelles Annales de la géographie et de l’histoire*, escolheu algumas passagens sobre as províncias do Grão-Pará, Solimões e Mato Grosso, extraídas da *Corografia brasileira ou relação historico e geografica do reino do Brazil* (1817), de Aires de Casal; para o *Journal des Voyages, découvertes, et navigations modernes*, a já mencionada Carta de Pero Vaz de Caminha, bem como o relato de viagem do capitão Constant Gautier; e para o *keepsake*²¹⁴ *La Psyché: choix de pièces en prose et en vers*, um poema de Luís Vaz de Camões, ao qual deu o título de “Fragment de Camöens”.

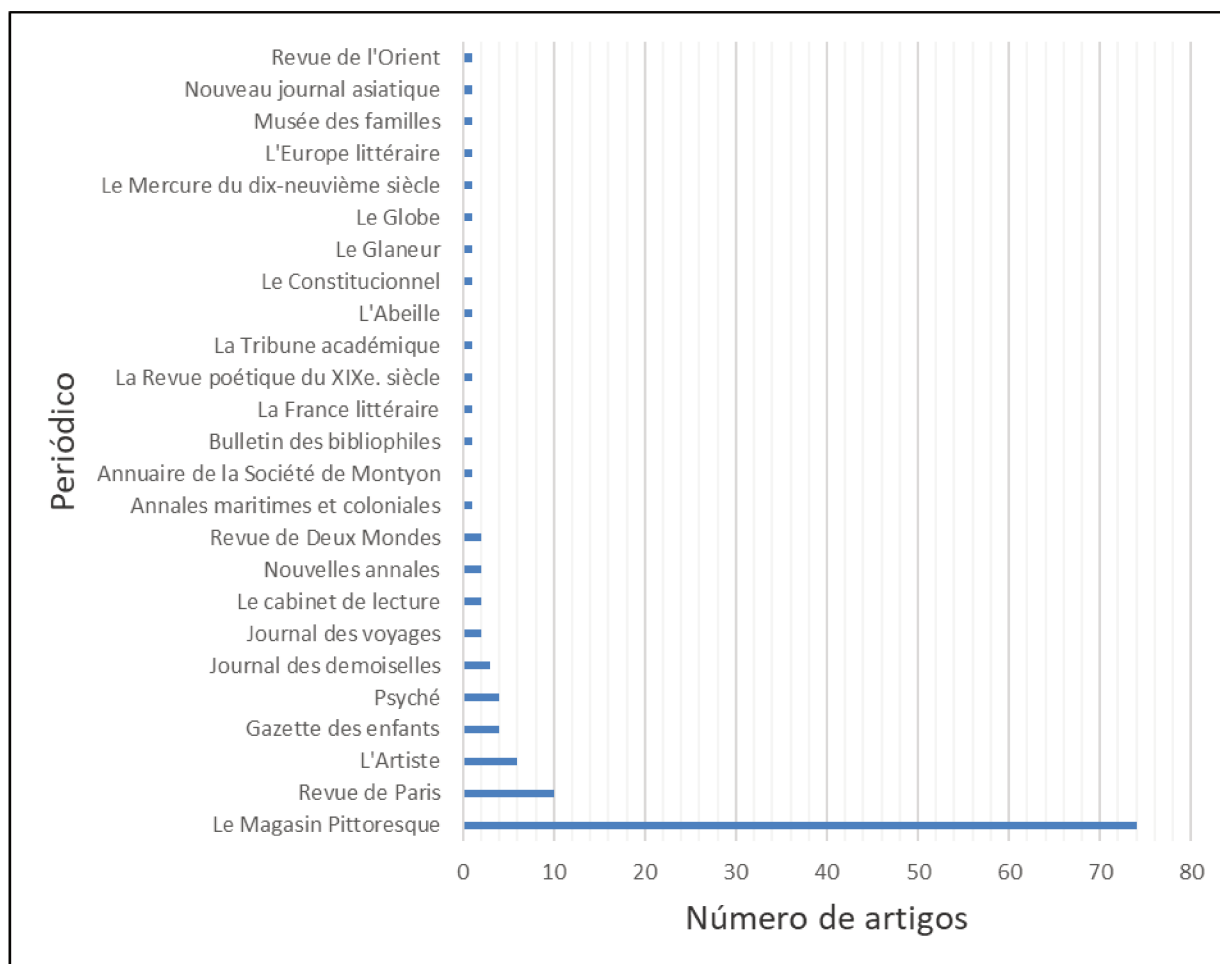
Depois de ter investido durante quase dez anos exclusivamente em traduções, ele enfim começou a abastecer os impressos franceses com textos de sua autoria, lançando, nas duas décadas seguintes, mais de uma centena de artigos em 20 periódicos diferentes (ver Anexo 1.1). Na lista desses últimos, havia desde aqueles que traziam críticas literárias, trechos de romances e, às vezes, notícias político-econômicas (como *Le cabinet de lecture*, *La France littéraire*, *Revue étrangère de littérature*, *L’Europe littéraire*, *Revue des Deux Mondes* e *Revue de Paris*); aqueles de cunho essencialmente político, cujos rodapés eram destinados aos folhetins (como *Le Constitutionnel*, que acolheu, entre outros, *Le Juif Errant*, de Eugène Sue, e *La cousine Bette*, de Balzac); aqueles organizados por sociedades de eruditos (como *Journal Asiatique* e *Revue de l’Orient: bulletin de la société orientale*, fundado por Alphonse Denis e Abel Hugo, irmão de Victor Hugo); além de revistas ilustradas, que veiculavam pranchas de modas, artigos sobre a vida doméstica e textos em prosa ficcional de conteúdo moralizador (como *Le Magasin Pittoresque*, *Journal des*

²¹³ No original: “Je suis maintenant excessivement occupé, c’est-à-dire que pour 1800 fr. par an je donne tous les jours au *Courrier Français* des nouvelles plus ou moins intéressantes que j’extraits des journaux étrangers”. Cf. MOREAU, 1932, p. 152.

²¹⁴ O nome *keepsake* se refere a coletâneas de miscelâneas literárias, geralmente ilustradas e de pequeno formato, publicadas no final de ano para serem utilizadas como presente de Natal e de Ano-Novo. Cf. SAUVY, Anne. Une littérature pour les femmes. In: CHARTIER, MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 507.

demoiselles, *Gazettes des enfants et des jeunes personnes* e *Musée des familles: lectures du soir*).

Gráfico 1: artigos publicados por Ferdinand Denis na imprensa periódica francesa (décadas de 1820, 1830 e 1840)



Algumas dessas publicações se destinavam a leitores com certo nível de instrução, que pretendiam ampliar seus conhecimentos sobre temas específicos, como geografia, economia e política – daí a presença maciça de artigos de especialistas ou de autores renomados. Outras, consagradas ao sexo feminino, aos jovens ou a indivíduos com menos anos de estudo, recheavam suas páginas com textos amenos, sobretudo narrativas ficcionais. Elas se distinguiam também quanto à periodicidade e ao preço de compra: a *Gazette des enfants*, por exemplo, aparecia às quintas-feiras e aos domingos, custando para os habitantes de Paris 7 fr. semestrais ou 12 fr. anuais, enquanto o diário *Le Constitutionnel*, lido principalmente pela elite, não saía por menos de 80 fr. por ano. Atento a essas especificidades e também às preferências de seus leitores em potencial,

Denis se preocupou em adaptar o conteúdo dos textos que assinava. Dessa forma, nos periódicos literários, colaborou, acima de tudo, com traduções de narrativas luso-espanholas e análises de obras de viajantes;²¹⁵ nos de especialistas, com estudos que pretendiam comprovar sua grande erudição²¹⁶ e, nos dedicados a um público mais amplo, predominantemente com textos ficcionais instrutivos e moralizadores, alguns até mesmo inspirados em histórias verídicas.²¹⁷

Segundo os dados recolhidos por Mona Huerta, três tipos de publicações francesas veicularam artigos sobre as Américas durante o século XIX: as originárias de órgãos oficiais responsáveis pelo financiamento de expedições (como *Les Annales, archives ou mémoires du Muséum d'histoire naturelle* e *Les Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des sciences*), as de sociedades científicas (como *Bulletin de la Société, Revue d'ethnographie* e *Journal de la Société des américanistes*), e, por fim, as de grande difusão (como *Les Annales des voyages, de la géographie et de l'histoire, Le Globe* e *Revue des Deux Mondes*). O Brasil foi um assunto recorrente em todas, mas se destacou nas de terceiro tipo, notadamente durante os períodos de instabilidade política e de tensão com a Inglaterra.²¹⁸ Apenas a *Revue des Deux Mondes* acolheu 40 artigos sobre a jovem nação brasileira,²¹⁹ a exemplo de “Voyage dans l'intérieur du Brésil”,²²⁰ escrito por Denis acerca da obra homônima, lançada pelo botânico e naturalista francês Auguste Sainte-Hilaire, relatando sua expedição científica ao território brasileiro entre os anos de 1816 e 1822.

Denis aproveitou o ensejo para tecer comentários sobre os costumes dos autóctones, as belezas da paisagem e a exuberância da natureza brasileira. Ao mesmo tempo, listou as potencialidades da indústria nacional, defendeu a necessidade de se

²¹⁵ Como “La mort du roi Sébastien, suivi de des malheurs de la belle Virginie, chronique portugaise du seizième siècle”, “Voyages dans l'intérieur du Brésil, par M. A. de Saint-Hilaire”, “Nos vieux voyageurs français – le père de Terre” e “Vieux voyageurs français – Yves d'Évreux”.

²¹⁶ A exemplo de “Inde au XVIe. siècle. Les conquérants portugais Almeida et Albuquerque” (1846) e “Des manuscrits à miniatures de l'Orient et des Voyages à figures, considérés dans leurs rapports avec la peinture moderne”.

²¹⁷ Como “La jeune brahmine”, “Naufrages et captivité de mademoiselle de Bourke parmi les Kabails” e “Une femme dans un désert, relation historique du voyage et des aventures de madame Godin des Odonais”.

²¹⁸ Cf. HUERTA, Mona. Le voyage aux Amériques et les revues savantes françaises au XIXe. siècle. In: BERTRAND, Michel; VIDAL, Laurent (dir.). *À la redécouverte des Amériques: les voyages européens au XIXe. siècle*. Collection Tempus. Toulouse: Presses universitaires de toulouse le Mirail, 2002. p. 73-93.

²¹⁹ DANTAS, Luiz. La présence et l'image du Brésil dans la *Revue des Deux Mondes* au XIXe. siècle. In: PARVAUX, Solange; REVEL-MOUROUZ, Jean. *Images réciproques du Brésil et de la France*. Collection Travaux et mémoires. Paris: IHEAL, 1991. p. 131-138.

²²⁰ DENIS, Ferdinand. Voyage dans l'Intérieur du Brésil. *Revue des Deux Mondes*, Paris, t. II, 1831, p. 149-181.

civilizar os nativos ainda em estado de barbárie e argumentou quanto à importância do cultivo sistemático da terra como forma de remediar o atraso econômico sulamericano. Em linhas gerais, esse seria o tom dos três outros artigos a respeito do Brasil escritos por ele para os jornais e revistas franceses durante a primeira metade do século XIX: “Vieux voyageurs français – Yves d’Évreux”, que apareceu na *Revue de Paris*, “Guerre contre les indiens dans le forêt du Brésil”, publicado pelo *Le Constitutionnel*, e “Mœurs du Brésil”, que ganhou as páginas do *Le Magasin pittoresque*.²²¹ A única exceção parece ser “De la littérature en Portugal et au Brésil”, veiculado pelo *L’Europe littéraire*, que, como indica o próprio título, concentra-se na produção literária luso-brasileira. Os artigos veiculados na imprensa periódica pelo autor no período em questão objetivavam, portanto, reforçar o discurso tradicional presente nos relatos dos viajantes a respeito do Brasil e, simultaneamente, sugerir que a aproximação entre brasileiros e europeus seria benéfica para os dois lados – permitindo aos primeiros que se civilizassem e, aos segundos, que obtivessem vantagens comerciais com riquezas inexploradas e novos consumidores para seus produtos.²²²

Concomitantemente a essa intensa atividade na imprensa, Denis redigiu, organizou ou traduziu um total de 28 obras. Também colaborou em outras vinte, enviando prefácios, capítulos de livros, traduções e até mesmo verbetes (ver Anexos 1.2 e 1.3). Parte desse total diz respeito à literatura popular ou erudita, que parece ter sido um dos temas preferidos do francês nas três primeiras décadas de sua carreira como homem de letras. De fato, nesse período ele lançou quatro narrativas ficcionais que tinham o propósito de instruir, edificar e divertir os leitores,²²³ cinco ensaios sobre literaturas estrangeiras²²⁴ e

²²¹ No período em questão, Denis publicou pelo menos oito artigos que trataram do Brasil direta ou indiretamente. A lista compreende três traduções – “Lettre inédite de Pedro vas de Caminha sur la découverte du Brésil” (*Journal des Voyages, découvertes, et navigations modernes*); “Notices sur les capitaineries de Para et de Solimoens, au Brésil”, “Notices sur la province de Mato Grosso” (ambas no *Nouvelles Annales de la géographie et de l’histoire, ou recueil des relations originales inédites*); e cinco artigos de sua autoria – “Voyages dans l’intérieur du Brésil, par M. A. De Saint-Hilaire” (*Revue des Deux Mondes*); “Vieux voyageurs français – Yves d’Évreux” (*Revue de Paris*); “Guerre contre les indiens dans le forêt du Brésil” (*Le Constitutionnel*); “Mœurs du Brésil” (*Le Magasin pittoresque*); e “De la littérature en Portugal et au Brésil” (*L’Europe littéraire*).

²²² CAMARGO, Katia Aily F. de. Uma leitura do Brasil: Ferdinand Denis. II Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil, Cultura letrada no Brasil – objetos e práticas, Campinas, 2003. *Anais do II Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil*, v. 1, Campinas, s./p., 2003.

²²³ São elas André, *le voyageur. Histoire d’un marin, Ismaël-ben-Kaïsar, ou la découverte du Nouveau-Monde*, Luiz de Souza, *Le Brahme voyageur, ou la sagesse populaire de toutes les nations*.

²²⁴ *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil*, “Notice sur le théâtre portugais”, “Atlas de la littérature portugaise”, “Atlas de la littérature espagnole” e “Essai sur la philosophie de Sancho Pança”.

duas biografias de autores célebres.²²⁵ Traduziu igualmente para o francês grandes nomes da literatura lusófona, como Luís Vaz de Camões e António Ferreira (o primeiro para *Annales romantiques, recueil de morceaux choisis de littérature contemporaine* e o segundo, para *Le Théâtre portugais*), e organizou mais quatro obras (duas delas contendo relatos de viajantes europeus ao redor do mundo²²⁶ e as duas restantes com narrativas medievais²²⁷). Chama a atenção a ausência, nesse *corpus*, tanto de peças teatrais quanto de poesias, o que obviamente pode resultar de uma eventual inabilidade ou mesmo de um desinteresse de sua parte. Mas é possível que outros fatores tenham entrado em jogo: talvez Denis tenha sido desencorajado pela experiência negativa vivida por seu irmão com a comédia *L'ami du mari, ou la bague* (1822), escrita ao longo de vários meses e encenada, com pouco sucesso, nos palcos do Odéon.²²⁸ Talvez ainda os inúmeros obstáculos enfrentados pelos poetas após a Revolução de 1830 – quando se assistiu à queda da impressão de coletâneas poéticas e, em contrapartida, ao aumento da marginalização social e da instabilidade econômica daqueles que se dedicavam ao gênero (o que contribuiu para a difusão do mito do poeta boêmio e maldito²²⁹) – tenham-no levado a optar por não investir em produções desse tipo, preferindo as que lhe pareciam mais vantajosas do ponto de vista simbólico ou financeiro. Outros tópicos recorrentes em sua produção bibliográfica durante o período aqui analisado foram a história e a geografia, sobretudo do Brasil²³⁰ e da América Latina,²³¹ mas ainda da América do Norte,²³² de Portugal²³³ e do território hoje conhecido como País Basco.²³⁴ A lista compreende, por fim, obras que refletem a

²²⁵ “Camöens et ses contemporains. Notice biographique et critique” e “Notice historique et biographique sur maître Adam Billaut”.

²²⁶ São elas: *Les navigateurs, ou choix des voyageurs anciens et modernes* e *Fondation de la régence d'Alger: histoire des Barberousse, chronique arabe du XVI^e siècle*.

²²⁷ *Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal* e *Le monde enchanté, cosmographie et histoire naturelle fantastique du Moyen-Âge*.

²²⁸ Cf. MOREAU, 1932, p. 18.

²²⁹ Ver a esse respeito: VAILLANT, Alain. Modernidade poética e cultura midiática no século XIX. Tradução de Douglas Ricardo Hermínio Reis. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (org.). *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/França, século XIX*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2015. p. 277-286.

²³⁰ Com publicações como *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, *Notice historique et explicative du Panorama de Rio de Janeiro* e *Résumé de l'histoire géographique du Brésil*, sobre as quais falaremos adiante.

²³¹ Entre as quais destacamos *Buenos-Ayres et le Paraguay, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de cette partie de l'Amérique* e *Résumé de l'histoire de Buenos-Aires, du Paraguay et des provinces de la Plata, suivi du Résumé de l'histoire du Chili*.

²³² *La Californie, l'Orégon et les possessions russes en Amérique, les îles Routka et de la reine Charlotte*.

²³³ *Le Portugal*.

²³⁴ Como mostra o verbete redigido por ele a esse respeito para *Encyclopédie catholique: répertoire universel et raisonné des sciences, des lettres, des arts et des métiers*. Cf. DENIS, Ferdinand. Alava. In: GLAIRE, Jean-Baptiste; WALSH, Joseph-Alexis (ed.). *Encyclopédie catholique: répertoire universel et raisonné des sciences, des lettres, des arts et des métiers*. v. 1. Paris: Parents-Desbarres, 1839. p. 611-613.

curiosidade de Denis, capaz de passear por temas tão variados quanto filosofia da natureza,²³⁵ história da arte²³⁶ e esoterismo.²³⁷

Dos 28 livros escritos, organizados ou traduzidos pelo autor francês durante a primeira metade do século XIX, ao menos onze ganharam uma segunda edição francesa.²³⁸ Além das fronteiras do país, suas publicações despertavam a curiosidade: surgiram edições (autorizadas ou não) delas em Hartleben, Bruxelas, Valência, Veneza, Lisboa e até mesmo fora do continente europeu, em cidades como Rio de Janeiro, Nova York e Buenos Aires. Se pensarmos nesses números como um indicativo da boa acolhida entre os leitores, o maior sucesso de sua carreira literária certamente foi o livro *Brésil* (1837), impresso pela Firmin Didot, que obteria nas décadas subsequentes quatro edições na França e seis no exterior. A mesma editora se encarregou da publicação de outros dois *best-sellers* do autor: *Portugal* (1846), com duas edições na França e outras quatro no estrangeiro; e *André le voyageur* (1827), com cinco edições francesas. Pela já mencionada coleção “Bibliothèque populaire ou l’instruction mise à la portée de toutes les classes et de toutes les intelligences”, saíram as obras *Histoire géographique du Brésil* (1833), com cinco edições em apenas três anos, e *Le Brahme voyageur* (1832), que chegou a alcançar uma sétima em 1873. Esta última, aliás, foi laureada com uma medalha de ouro pela Academia Francesa de Letras, que lhe concedeu o quarto lugar do Prêmio Montyon, criado com a finalidade de selecionar as publicações “mais úteis aos costumes e recomendáveis para um caráter de elevação e de utilidade moral” veiculadas na França a cada ano.²³⁹ No conjunto, destacam-se ainda dois livros de Lecoq & Durey, sendo o primeiro o já mencionado *Résumé de l’histoire du Brésil* (1825), com quatro edições na França e seis no exterior; e o segundo, o *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil* (1826), sobre o qual falaremos no próximo capítulo, com cinco edições francesas e mais duas brasileiras.

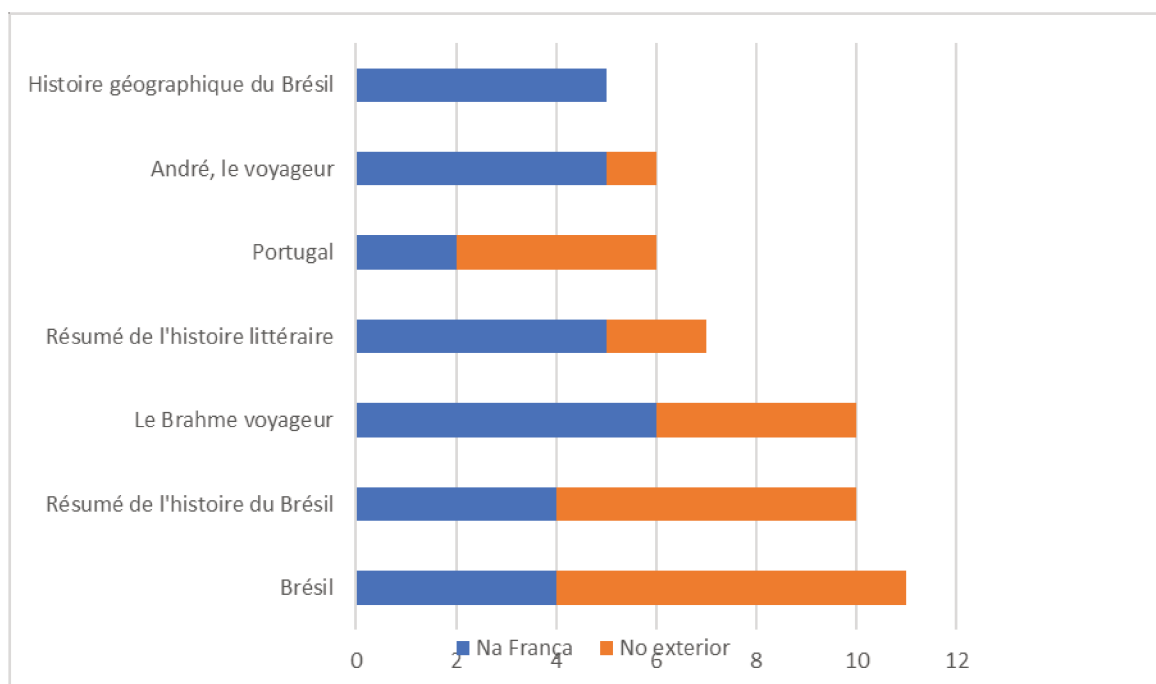
²³⁵ *Scènes de la nature sous les tropiques, ou de leur influence sur la poésie.*

²³⁶ *Le génie de la navigation: statue en bronze exécutée par M. Daumas* e “Des manuscrits à miniatures de l’Orient et du Moyen-Âge”.

²³⁷ *Tableau historique, analytique et critique des sciences occultes.*

²³⁸ A saber: *Résumé de l’histoire du Brésil, suivi du résumé de l’histoire de la Guyane*; *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil*; *André le voyageur*; *Ismaël ben Kaïzar*; *Tableau historique, analytique et critique des Sciences occultes*; *Le Brahme voyageur*; *Histoire géographique du Brésil*; *Brésil*; *Fondation de la régence d’Alger*; *Chroniques chevaleresques de l’Espagne et du Portugal e Portugal*.

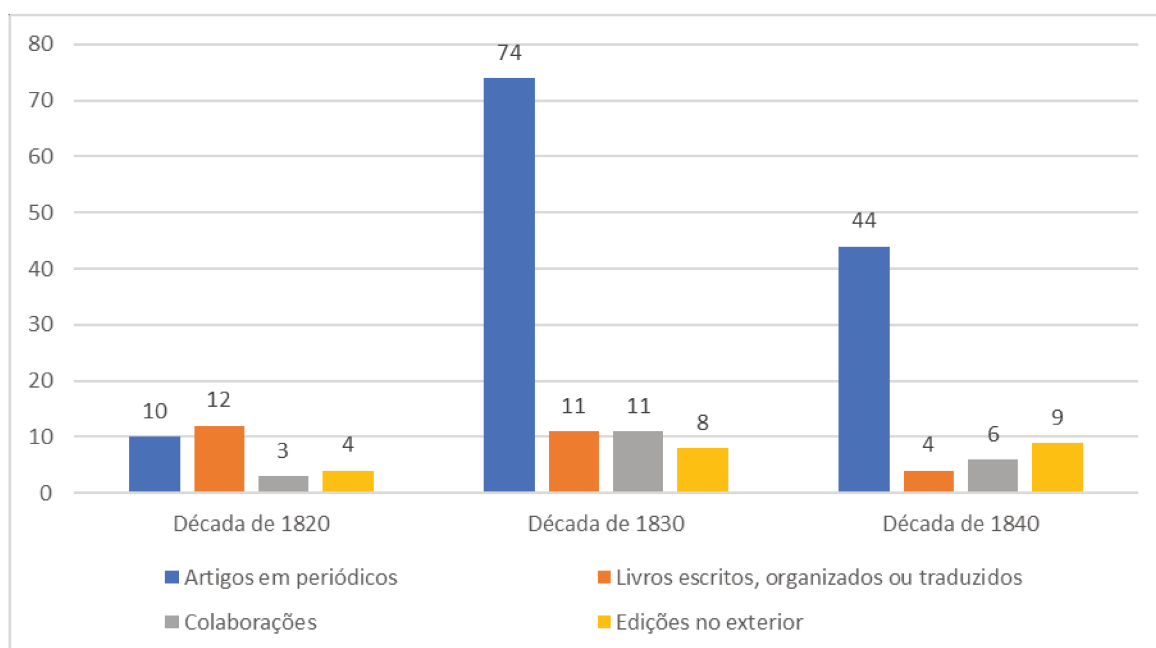
²³⁹ Cf. *Nouvelles littéraires. Journal des savants*, Paris, Août 1833, p. 509.

Gráfico 2: os maiores sucessos de Ferdinand Denis

Tomando por base a produção bibliográfica de Denis durante as décadas de 1820 e 1840, o gráfico a seguir a distribui em cinco categorias diferentes: 1) artigos em periódicos; 2) livros escritos ou organizados; 3) colaborações, prefácios e traduções; 4) edições na França; e, finalmente, 5) edições no exterior. É possível perceber que, em cada uma dessas três décadas, o autor valorizou (ou foi obrigado a valorizar) determinado tipo de publicação. Nos primeiros dez anos de sua carreira como letrado, escreveu, traduziu ou organizou cerca de um livro por ano, embora tenha mantido uma tímida participação na imprensa e colaborado em um pequeno número de obras; na década seguinte, enquanto sua produção livresca permaneceu relativamente estável, multiplicou por sete sua presença em jornais e revistas, com praticamente um artigo a cada mês e meio, assim como quadruplicou sua contribuição em obras coletivas; finalmente, entre 1840 e 1850, quando ingressou no funcionalismo público, a opulência que caracterizara o período anterior – fruto talvez da dificuldade de inserção no campo literário e, ao mesmo tempo, da dependência financeira da atividade escrita – foi substituída por uma menor produtividade, tendo diminuído drasticamente o número de artigos, livros e colaborações lançados por ele à época. O baixo crescimento da última categoria (colaborações) ao longo do período aqui analisado pode a princípio parecer inexpressivo, ou mesmo irrelevante. Não obstante, ganha um significado diferente, quando notamos que coincidiu com a ampliação do número de edições, na França e no exterior, de suas obras. Em parte, tais aumentos

decorreram da própria evolução de seu prestígio enquanto letrado: à medida que o nome do autor se tornava mais conhecido, crescia o interesse dos editores franceses e estrangeiros em publicá-lo (porque se tratava de um investimento cada vez mais seguro) e se ampliavam também os convites para que redigisse prefácios, capítulos de livros e traduções (uma vez que um texto de sua autoria talvez pudesse ajudar a estimular as vendas e, de quebra, valorizar as obras dos estreantes²⁴⁰). Ainda que relacionados a aspectos biográficos, os dados precisam ser compreendidos à luz de algumas transformações técnicas, socioeconômicas e políticas vividas nesse período nesse momento por toda a França, mas principalmente pela cidade de Paris.

Gráfico 3: distribuição da produção bibliográfica de Ferdinand Denis (primeira metade do século XIX)



²⁴⁰ Mais do que no período anterior, as introduções das obras em que Denis colaborou a partir de 1830 deram destaque aos seus conhecimentos e a suas numerosas publicações: “Para concluir esta introdução, faltava somente anexar algumas observações preliminares sobre a origem, a natureza e a finalidade de provérbios em geral. Um dos meus amigos, literato distinto, ao se associar a meu trabalho, encarregou-se dessa parte tão importante quanto difícil de tratar corretamente. Sob a pluma elegante do Sr. Ferdinand Denis, essas observações preliminares se tornaram um fragmento literário de grande significado e que servirá de salvaguarda para a insuficiência de minhas pesquisas” (no original: “Pour compléter cette introduction, il ne manquait plus que d’y joindre quelques observations préliminaires sur l’origine, la nature et le but des proverbes en général. L’un de mes amis, littérateur distingué, en s’associant à mon travail, s’est chargé de cette partie aussi importante que difficile à bien traiter. Sous la plume élégante de M. Ferdinand Denis, ces observations préliminaires sont devenues un morceau littéraire d’une haute portée, et qui servira de sauvegarde à l’insuffisance de mes recherches”). Fonte: LINCY, Leroux de. Avant-propos. In: LINCY, Leroux de. *Le livre des proverbes français, par Leroux de Lincy. Précédé d’un essai sur la philosophie de Sancho Pança, par Ferdinand Denis*. Paris: chez Paulin, 1837. V. 1. p. vi.

Durante a primeira metade do século XIX, as taxas de alfabetização na França atingiram números inéditos, graças a uma conjunção de fatores, como o alto crescimento demográfico, a intensificação da ocupação urbana e a ampliação do sistema educacional. Ao mesmo tempo em que assistia a uma notável expansão, o público leitor do país se diversificava, em decorrência do acesso cada vez mais facilitado de mulheres, crianças e indivíduos das camadas populares à palavra escrita. Juntos, esses três novos grupos de leitores ajudaram a movimentar o mercado editorial e incentivaram a produção de impressos voltados especialmente a seus interesses, levando à proliferação de títulos religiosos (coletâneas de orações, liturgias, vidas de santos e tratados de espiritualidade), úteis (livros de geografia, geometria, aritmética, desenho, estatística), didático-pedagógicos (publicações de clássicos, assim como gramáticas e dicionários) ou de obras que visavam ao entretenimento (os romances, que eram publicados na forma de volumes ou nos rodapés dos periódicos).²⁴¹ Contrariamente a seus antepassados, que liam e reliam muitas vezes poucos textos, com frequência em voz alta e em espaços coletivos – isso, é claro, na hipótese de serem alfabetizados, senão teriam de se contentar em ouvir o que era lido por outros –, esses indivíduos entregavam-se cada vez mais à leitura feita de forma particular, silenciosa e extensiva, lendo vários livros, uma única vez e sem prestar grande atenção, no conforto de suas residências, ou então em gabinetes de leituras e nas bibliotecas públicas.²⁴²

Para atender às demandas crescentes desse mercado consumidor, apareceram tecnologias inovadoras envolvendo diferentes setores da produção dos impressos. A primeira delas foi a introdução da prensa mecânica a vapor por König e Bauer (capaz de imprimir seis vezes mais rápido em relação às máquinas do último quartel do século XVIII); a segunda, a mecanização progressiva das operações de fabricação do papel (o que melhorou a qualidade final do produto e ajudou a diminuir seu custo final); e a terceira, a substituição das gravuras realizadas a partir de cobre e aço pela litografia (mais barata, embora ainda bastante demorada) e, sobretudo, pela gravura a partir da madeira (que representou uma economia no tempo, ao permitir pela primeira vez que se tratasse simultaneamente imagem e texto). Contudo, essas novidades com pouca frequência ultrapassavam os arredores de Paris, onde estavam instalados os grandes impressores, com

²⁴¹ CRUBELLIER, Maurice. L'élargissement du public. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 15-39.

²⁴² PARENT, François. De nouvelles pratiques de lecture. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed). *Histoire de l'édition française. V. 2: le livre triomphant (1660-1830)*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 801-821.

dezenas de empregados e condições financeiras de investir em equipamentos de custo elevado. Nas províncias e nas pequenas oficinas da capital, a produção permanecia dependente da imprensa manual e de uma equipe reduzida.²⁴³ O departamento do Sena, que inclui a capital francesa, reunia não apenas as oficinas de impressão mais modernas, mas também o maior número delas.²⁴⁴ Ao menos no que tange aos títulos de belas-letras, os impressores parisienses se distinguiam ainda por acolherem os autores românticos contemporâneos, cujas obras eram veiculadas na maior parte das vezes dentro dos limites da cidade, enquanto os de regiões mais afastadas se dedicavam predominantemente às publicações destinadas ao conhecimento moral, religioso ou instrutivo.²⁴⁵

Quando nos debruçamos sobre o número de títulos veiculados anualmente na França, a ampliação de seu mercado editorial durante as cinco primeiras décadas dos Oitocentos se torna um fato incontestável: foram 3.893 títulos publicados em 1810, contra 5.000 em 1815, 4.126 em 1817, 7.605 em 1825, 6.739 em 1830, 7.823 em 1829, 6.220 em 1840 e 9.891 em 1850.²⁴⁶ Esse crescimento de mais de 250% ao longo de quatro décadas ocorreu em meio a períodos de estagnação ou mesmo de forte queda na produção de impressos. Em 1826, por exemplo, a crise do crédito que se espalhou por todo o continente europeu levou a um marasmo nas vendas que perdurou até os dois primeiros anos da Monarquia de Julho (1830-1848), gerando a falência de muitos editores, sobretudo aqueles especializados na literatura.²⁴⁷ Com efeito, as grandes flutuações pelas quais passou o frágil mercado livresco francês Oitocentista transpareceram, acima de tudo, na impressão de obras literárias (incluindo aqui romances, poesias e peças teatrais), as mais prejudicadas ou beneficiadas diante de agitações políticas ou financeiras, enquanto produções de saída mais garantida (como os livros didáticos e técnicos) conseguiram manter certa estabilidade.²⁴⁸

²⁴³ BARBIER, Frédéric. L'industrialisation des techniques. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 51-61; WATELET, Jean. La presse illustrée. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 369-382. Na verdade, o movimento de busca por inovações tecnológicas nos impressos começou já no período pós-Revolução Francesa, diante da necessidade de aumentar as tiragens dos folhetos políticos e dos formulários administrativos. Essas experiências inicialmente realizadas nos próprios ateliês, sem grandes capitais, alteraram-se principalmente após 1830, com o início da fase da mecanização da indústria dos livros. Cf. BARBIER, Frédéric. Les innovations technologiques. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 2, p. 721-729.

²⁴⁴ Segundo Barbier, em 1840 apenas 10% das tipografias francesas se encontravam em Paris, mas nas vésperas da Primeira Guerra Mundial esse número havia subido para aproximadamente 25%. Cf. BARBIER, Frédéric. Les imprimeurs. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 75.

²⁴⁵ Cf. LYONS, Martin. Les best-sellers. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 434-435.

²⁴⁶ Cf. CRUBELLIER, In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 31; CHARLE, Christophe, Op. cit., p. 48.

²⁴⁷ BELLOS, David. La conjecture de la production. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 2, p. 730-739.

²⁴⁸ CHARLE, Christophe. Le champ de la production culturelle. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 138. Franco Moretti chegou a resultados semelhantes em sua análise das crises vividas pelo romance inglês

Outro dado interessante a respeito da expansão do comércio de livros diz respeito às tiragens. Temendo a concorrência com as contrafações ou um estoque parado, durante parte considerável do século XIX poucos impressores puderam se dar ao luxo de lançar uma obra com mais de 3 mil exemplares.²⁴⁹ Mesmo o romance, o gênero literário de maior sucesso nesse período, dificilmente chegava a números elevados: entre 1800 e 1830, quando publicava uma obra, um romancista podia esperar obter de mil a 1.500 exemplares, na década seguinte esse valor subiu para 1.500 a 2 mil e, após 1840, passou a girar em torno de 2 a 5 mil. Os campeões do mercado editorial, porém, alcançaram um sucesso estrondoso até para os parâmetros atuais. Apenas na primeira metade do século XIX, é provável que tenham sido impressos mais de 750 mil exemplares das *Fábulas* (1668-1694), de La Fontaine, entre 100 e 120 mil exemplares de *Julie, ou la Nouvelle Héloïse* (1761), de Rousseau, e aproximadamente 140 mil exemplares de *Paulo e Virgínia*, de Saint-Pierre (1787). Embora com números mais modestos, na lista dos *best-sellers* publicados até 1850 havia espaço igualmente para obras contemporâneas: *Paroles d'un croyant* (1833), de Lamennais, por exemplo, obteve ao menos 30 mil exemplares, enquanto *Os mistérios de Paris* (1843), de Eugène Sue, pode ter facilmente alcançado um número duas vezes maior de exemplares.²⁵⁰

Da mesma forma que os livros, os jornais e revistas também passaram por um processo de proliferação, que se traduziu no aumento do número de títulos, de tiragens e de assinantes. Enquanto em 1811, durante o governo de Napoleão Bonaparte, apenas onze periódicos eram impressos no país, devido à liberalização da Monarquia de Julho, em 1846 já se registravam 25 títulos diferentes, entre quotidianos, hebdomadários e revistas gerais e especializadas.²⁵¹ Em relação às tiragens, os 10 mil exemplares produzidos em média nas duas primeiras décadas do Oitocentos deram lugar a valores oito e dezoito vezes maiores em 1836 e 1847, respectivamente. Quanto às subscrições, como seria esperado, os dados

nos séculos XVIII e XIX, mostrando que elas também ocorreram em períodos de intensa movimentação política, de modo que haveria, em sua opinião, “uma incompatibilidade profunda, quase intransponível, entre tempos de crise política e a escrita romanesca”. Porém, segundo o crítico, nem sempre podemos atribuir à política a culpa por quedas na produção do romance. No caso da Inglaterra, por exemplo, as crises de 1775 a 1783 e de 1810 e 1817, embora tenham coincidido, respectivamente, com a Guerra da Independência dos Estados Unidos e as Guerras Napoleônicas, estiveram atreladas a outros fatores (como o aumento do interesse dos leitores por outros gêneros ficcionais, a baixa qualidade da produção romanesca à época e a competição com as reimpressões). Cf. MORETTI, Franco. *A literatura vista de longe*. Tradução Anselmo Pessoa Neto. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008. p. 24-29.

²⁴⁹ BARBIER, Frédéric. Une production multipliée. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 121-122.

²⁵⁰ Cf. LYONS, Op. cit., p. 409-448.

²⁵¹ CHARLE, Christophe. *Les intellectuels en Europe au XIXe. siècle: essai d'histoire comparée*, Op. cit., p. 50.

variam para cada periódico: entre 1831 e 1851, a *Revue des Deux Mondes* viu o número de seus assinantes passar de 350 para 5 mil; em um período de somente onze meses (junho de 1844 e julho do ano seguinte) os assinantes do *Le Constitutionnel* saltaram de 3.600 para 25 mil.²⁵² Ainda que ambos fossem voltados à elite letrada, apenas o último abriu suas páginas para a veiculação de romances-folhetins, seguindo a voga inaugurada por Émile de Girardin – o primeiro a perceber as possibilidades da ficção seriada, encomendando com Honoré de Balzac a obra “Le vieille fille”, publicada entre 23 de outubro e 4 de novembro de 1836, no *La Presse*.

Logo imitada por seus concorrentes, a fórmula do *suite au prochain numéro* (em português, “continua no próximo número”) obteve um expressivo sucesso de público na Europa e fora do continente.²⁵³ Os dados não permitem dúvidas quanto ao interesse dos leitores franceses pelo romance-folhetim: graças a “Le Capitaine Paul”, de Balzac, *Le Siècle* conquistou mais 5 mil assinaturas; “Le Juif errant”, de Eugène Sue, levou *Le Constitutionnel* a aumentar seu número de assinantes de 3 mil para 40 mil. Junto ao aparecimento do gênero, o ano de 1836 presenciou um segundo acontecimento significativo na história da imprensa francesa, com o lançamento dos hebdomadários *Le Siècle* e o já mencionado *La Presse*. Recorrendo à introdução da publicidade como estratégia para baratear os custos, cada número desses dois jornais custava apenas 10 centimos, gerando consequentemente uma assinatura de 40 fr. – metade do valor cobrado por outros impressos contemporâneos, que viram-se obrigados a abaixar seus preços a fim de enfrentar a concorrência. Em decorrência disso, um número maior de leitores passou a ter acesso a periódicos que antes eram consumidos essencialmente por uma clientela privilegiada.²⁵⁴

Além das fronteiras do país, a preeminência da cultura parisiense na sociedade ocidental ajuda a compreender por que a literatura *made in France* era acompanhada com tanto interesse por leitores situados a milhares de quilômetros de distância, em países mais próximos como Bélgica, Inglaterra e a atual Alemanha, mas também nos Estados Unidos, na Argentina e no Brasil.²⁵⁵ Entre o começo do século XIX e as vésperas da Primeira

²⁵² Cf. Ibidem, p. 52; LYONS, Op. cit., p. 445.

²⁵³ No Brasil, o gênero teve sua estreia em 04 de janeiro de 1839, quando o *Jornal do Comércio* veiculou em seus rodapés, de forma seriada, a narrativa “Edmundo e sua prima”, de Paul de Kock. Cf. NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. In: *Letras*, Santa Maria, v. 19, n. 2, p. 119-138, jul./dez. 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/12014/7428>>. Acesso em 22 fev. 2020.

²⁵⁴ BERTHO, Catherine. La concurrence de la presse. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 444-448.

²⁵⁵ Trataremos do assunto no capítulo 4 desta tese.

Guerra Mundial, esse comércio internacional passou por profundas transformações devido a fatores como a criação de leis regulamentando os direitos dos autores e a venda de livros. Desde 1814, os impressos produzidos na França vinham sendo copiados parcial ou integralmente pelos quatro cantos do mundo, principalmente em países francófonos, como a Bélgica, onde os editores, além de não arcarem com os gastos relativos à compra dos manuscritos, conseguiam obter exemplares que custavam menos da metade do valor cobrado dentro do território francês. A fim de coibir essa prática, apareceram, na década de 1840, acordos bilaterais proibindo a venda de livros pirateados, seguidos pelas primeiras leis internacionais quanto aos direitos autorais. Ainda no âmbito legislativo, à medida que crescia o protecionismo em torno da produção literária nacional, implementavam-se medidas liberais no comércio que favoreciam a exportação de impressos. Ao mesmo tempo, ocorreu uma melhora significativa dos meios de transporte (com o surgimento dos navios a vapor, das ferrovias unindo uma ou mais nações e do sistema de remessas internacional de mercadorias), o que levou à queda dos gastos com os fretes. Diante dessas informações, fica fácil compreender o forte aumento de exportações de impressos registrado pela França nos 85 anos entre a Restauração (1814-1830) e o final dos Oitocentos: se, em 1815, o país enviara para o exterior 335 toneladas de impressos, em 1890 esse número já havia subido para 4.700 toneladas.²⁵⁶

Dentro da França, o enorme contingente de livros e periódicos produzido pelo país se destinava a compradores individuais, ou a instituições de leitura que permitiam o empréstimo gratuitamente ou em troca de determinada quantia. Esse mercado também viveu algumas modificações durante o século XIX, em consequência da elevação do número de bibliotecas (públicas, municipais, universitárias e populares) e dos estabelecimentos que vendiam obras e periódicos (livrarias, lojas de livros nas estações de trem e quiosques pelas ruas). Outro fator importante foi a criação de novas técnicas de venda. Desejando chegar mais facilmente às províncias, os livreiros instalados em Paris se depararam com a necessidade de contratar representantes que viajariam pelo país, recolhendo assinaturas para novas publicações e disponibilizando seus catálogos. Pouco a pouco, esses últimos acabaram substituindo os mascates e outros vendedores de rua, que tradicionalmente haviam se encarregado do comércio de livros, sobretudo nas regiões mais

²⁵⁶ Cf. BARBIER, Frédéric. Le commerce international de la librairie française au XIX^e. siècle (1815-1913). *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, Société d'Histoire Moderne, Paris, t. XXVIII, p. 94-117, janvier-mars 1981.

afastadas da capital.²⁵⁷ Na própria cidade de Paris, a principal estratégia utilizada para impulsionar os negócios consistiu no desenvolvimento de textos publicitários, veiculados em jornais ou em periódicos especializados, contendo informações como os títulos dos impressos, seus preços, formatos e volumes. Em 10 de outubro de 1829, por exemplo, Charles Gosselin publicou o seguinte anúncio nas páginas do *Le Globe*, noticiando a venda de um novo romance de Ferdinand Denis em sua livraria:

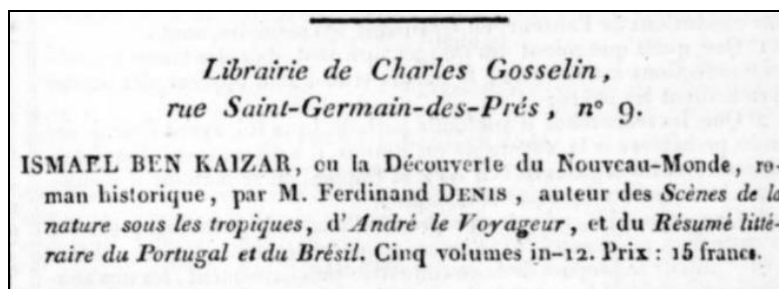


Figura 5. Anúncio da venda de *Ismaël-Ben-Kaizar* (1829)

Assim como muitos livreiros contemporâneos, Gosselin acumulava as funções de livreiro e de editor, mas, na tentativa de diferenciar suas produções dos demais, procurou se especializar no mercado de romances e obras poéticas. Além de Denis, editou (e vendeu) grandes nomes do romantismo francês, como Alphonse de Lamartine, Victor Hugo e Honoré du Balzac, com quem manteve relações bastante tempestuosas, a ponto desse último dizer: “Esse rosbife ambulante no qual Deus introduziu toda sorte de pensamentos que a idiotice pode ter, e que denomina-se Gosselin”.²⁵⁸ Balzac, que havia cedido seus direitos autorais ao editor, procurava a essa altura readquiri-los na esperança de realizar melhores negócios com Edmond Werdet, ao lado de quem passou a trabalhar tão logo se viu livre de Gosselin. O caso é exemplar do acirramento das tensões entre as figuras do autor e do editor durante o período romântico. Até então, três tipos de contratos haviam sido assinados entre ambos: no primeiro caso, o autor se propunha a arcar com os gastos totais ou parciais da impressão (podendo às vezes reembolsar o livreiro-editor com a venda dos livros e dividir com ele o que sobrava dos lucros); no segundo, concedia um

²⁵⁷ Cf. BARBIER, Frédéric. L'économie éditoriale. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 2, p. 740-756; BARBIER, Frédéric. Librairies et colporteurs. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 256-302; MARTIN, Henri-Jean. Bibliothèques publiques et bibliothèques populaires. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 303-307.

²⁵⁸ No original: “Ce rosbife ambulante dans lequel Dieu a jeté toutes les pensées que peut avoir la bêtise et qui se nomme Gosselin.”. Cf. BOUVIER, René; MAYNIAL, Édouard. *Les comptes dramatiques de Balzac*. Paris: F. Sorlot, 1938. p. 180.

direito limitado de exploração do manuscrito (guardando para si a propriedade tempo-espacial); e, no terceiro e mais frequente, cedia integralmente seus direitos durante a venda, perdendo, por consequência, a chance de lucrar com uma nova edição (em outras palavras, uma vez assinado o contrato, o livreiro-editor podia agir como lhe aprouvesse, daí o ressentimento de Balzac com Gosselin, que o impossibilitava de realizar uma nova edição com Werdet).²⁵⁹

A partir da década de 1830, ao mesmo tempo em que opunham uma resistência cada vez maior à cessão definitiva de seus manuscritos, os homens de letras passaram a exigir uma remuneração percentual sob cada exemplar vendido. Evidentemente aqueles mais populares conseguiram negociar melhores pagamentos, enquanto os estreantes ou desconhecidos do público, sem a notoriedade para protegê-los, muitas vezes precisaram se contentar com somas irrisórias pagas pelos seus editores. Face a tais exigências, esses últimos procuraram defender seus interesses, argumentando que os lucros resultantes das vendas mal cobririam os custos envolvendo a impressão e a venda, tampouco poderiam compensar todos os perigos inerentes à profissão, como o risco de encalhe, a concorrência com obras estrangeiras e a ameaça de contrafações.

De qualquer forma, ao contrário do que ocorreria mais tarde, ainda era possível para um letrado obter simultaneamente consagração entre seus pares e sucesso financeiro. O gênero literário mais rentável à época parece ter sido o romance-folhetim (Eugène Sue recebeu a impressionante quantia de 100.000 fr. pela publicação d'*O Judeu errante*, nas páginas do *Le Constitutionnel*, entre junho de 1844 e agosto de 1845), seguido de perto pelo teatro, com suas comédias e *vaudevilles* (estima-se que Eugène Scribe ganhasse 2.000 e 4.000 fr. por peça de dois e três atos, respectivamente, e que seu salário anual na Comédie Française chegasse a 60.000 fr.).²⁶⁰ Mesmo com esse processo de afirmação crescente dos direitos à propriedade intelectual, poucos foram os escritores na França que, durante a primeira metade do século XIX, conseguiram viver exclusivamente de suas penas, quanto mais ostentar uma vida de luxo, tal como Scribe e Sue. Para alguns, provenientes de famílias endinheiradas, a estabilidade financeira não era um problema, pois contavam com rendimentos da locação de imóveis e outros capitais particulares. Para a imensa maioria, porém, originária da pequena burguesia ou mesmo de classes mais

²⁵⁹ Cf. BARBIER, Frédéric. L'économie éditoriale. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 2, p. 740-756. BIED, Robert. Le monde des auteurs. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 2, p. 589-605.

²⁶⁰ CHARLE, Christophe. Le champ de la production littéraire. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 162; idem. *Les intellectuels en Europe au XIXe. siècle: essai d'histoire comparée*, Op. cit., p. 68.

baixas, o trabalho na imprensa e/ou no funcionalismo público apareceu como a alternativa mais viável de ganha-pão. Assim como Denis, vários homens de letras dessa época colaboraram na imprensa periódica e ocuparam, concomitantemente, cargos no Estado, sendo os mais comuns os de professores universitários e bibliotecários.²⁶¹

Além da frágil autonomia social e profissional, eles se encontravam limitados ainda pela dependência político-ideológica, uma vez que a censura civil e religiosa somente foi abolida do território francês em 29 de julho de 1881, com a assinatura da grande lei liberal. Ora menos repressiva, ora bastante autoritária, a legislação em torno da circulação de impressos na França passou por diferentes momentos durante essa primeira metade do século XIX. Quando assumiu o poder, Napoleão I procurou conter a liberdade assegurada no período pós-Revolução de 1789 e a explosão dos panfletos políticos, introduzindo o regime de *brevets*, que impunha sérias restrições ao estabelecimento e ao funcionamento das livrarias.²⁶² Após a queda de Bonaparte, os irmãos Luís XVIII e Charles X, durante o período da Restauração, mantiveram uma política de controle semelhante. Já o duque de Orléans, embora nos cinco primeiros anos de seu governo tenha se mostrado menos severo em matéria de vigilância de escritos (abolindo momentaneamente a censura, diminuindo o valor da caução exigida para a publicação de novos periódicos e permitindo que os delitos cometidos na imprensa fossem julgados por júri popular, em vez do tradicional tribunal criminal), logo voltou atrás em suas medidas. Com o objetivo de combater a difusão de ideias republicanas, restabeleceu a censura em

²⁶¹ Sainte-Beuve, por exemplo, além de romancista, poeta e crítico literário, ocupou os cargos de conservador na Biblioteca Mazarine, entre 1840 e 1848, e de professor na École Normale, entre 1858 e 1861; já Anatole France trabalhou como bibliotecário na Biblioteca do Senado, entre 1876 e 1890. Cf. CHARLE, Christophe. *Les intellectuels en Europe au XIXe. siècle: essai d'histoire comparée*, Op. cit., p. 70-74; GLINOER, Anthony; LAISNEY, Vincent. *L'âge des cénacles: confraternités littéraires et artistiques au XIXe. siècle*. Paris: Fayard, 2013. p. 25. Na verdade, a situação material dos escritores permanecia a mesma em linhas gerais desde o Antigo Regime. Conforme demonstrou Darnton, antes mesmo da Revolução de 1789, tanto os filósofos mais renomados, quanto os sublitteratos completamente esquecidos nos dias de hoje, a menos que contassem com rendas familiares, dependiam financeiramente de pagamentos vindos do Estado na forma de pensões (que, como esperado, eram concedidas apenas para os que tinham ideias políticas favoráveis ao governo), ou então de empregos na máquina estatal (em periódicos oficiais, na biblioteca da família real e mesmo na censura). Ver o caso exemplar de Jean-Baptiste-Antoine Suard, analisado pelo autor em: DARNTON, Robert. O Alto Iluminismo e os sublitteratos. In: *Boemia literária e revolução: o submundo das letras e o Antigo Regime*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 13-49.

²⁶² Antes de abrirem uma loja, os livreiros eram obrigados a se submeter a uma série de exigências, incluindo obter com a prefeitura um certificado de bons costumes, passar por uma enquête pela polícia e jurar obediência ao rei e à constituição. Caso fossem aprovados, teriam ainda de aceitar as frequentes inspeções feitas por comissários do governo em seus estabelecimentos e de comunicar previamente às autoridades a intenção de impressão de uma nova obra. Cf. MOLLIER, Jean-Yves. La censure en France au XIXe. Siècle. *Mélanges de l'École française de Rome, Italie et Méditerranée*, Paris, t. 121, n. 2, Littérature et censure au XIXe. siècle. Sources, p. 331-340, 2009. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/mefr_1123-9891_2009_num_121_2_10860>. Acesso em 22 fev. 2020.

1835, perseguindo, sobretudo, os periódicos ilustrados que faziam pilhéria de sua pessoa – ou de sua cabeça, cujo formato curiosamente lembrava uma pera. Em relação ao teatro e à ópera, o governo se mostrou ainda mais intransigente: com exceção de dois breves momentos de liberdade (o primeiro, entre os anos de 1830 a 1835, e o segundo, no ano de 1848), o tom geral até 1907 foi de forte repressão. Temendo as influências perniciosas das peças sob os espectadores, os censores não deixaram de fora nem mesmo os autores mais consagrados, como Victor Hugo, que teve duas obras interditas, a primeira, *Marion Delorme*, em 1829, e a segunda, *Le Roi s'amuse*, em 1832.²⁶³

Apesar desses obstáculos, jovens sonhadores provenientes de todas as partes da França (e mesmo do exterior) continuavam se mudando para Paris com o objetivo de conquistar sucesso financeiro e prestígio literário, levando a uma verdadeira “explosão demográfica da população de homens de letras”, como declararam Glinoer e Laisney.²⁶⁴ Muitos deles, recém-formados nas escolas e universidades, enfrentaram a oposição de seus familiares, que certamente temiam as incertezas e os percalços da carreira literária. Para convencer o pai, médico militar, das vantagens da profissão, Gérard de Nerval lhe forneceu os seguintes argumentos: “O mérito literário dispensa de subir posições políticas de degrau em degrau. Entra-se de maneira direta, e do alto, lá aonde apenas penosamente chegar-se-ia, e a partir de baixo, sacrificando-se toda a existência a esse único propósito.”²⁶⁵ Como Nerval, outros contemporâneos foram atraídos pelo dinamismo próprio do campo literário, capaz de acolher aqueles sem estudos (contrariamente a outras profissões mais tradicionais, como medicina, direito e engenharia), aqueles sem recomendações ou hereditariedade (duas exigências comuns para os cargos públicos e jurídicos nessa época) e aqueles sem dinheiro (e, à vista disso, impossibilitados de investir em um comércio). Seduzia-lhes também as novas possibilidades viabilizadas com a segmentação do público leitor e do mercado editorial, como a colaboração em periódicos ilustrados, a escrita de folhetins ou a parceria com livreiros-editores que recentemente haviam aberto as portas de seus estabelecimentos.²⁶⁶ Ademais, quando comparada a outras nações europeias, como a Inglaterra, a atual Alemanha, a Espanha e a Rússia, a França oferecia outros dois pontos

²⁶³ Cf. CHARLE, Christophe. *Les intellectuels en Europe au XIXe. siècle: essai d'histoire comparée*, Op. cit., p. 57-61; CASSELLE, Pierre. Le régime législatif. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 42-48.

²⁶⁴ Cf. GLINOER; LAISNEY, Op. cit., p. 24.

²⁶⁵ No original: “Le mérite littéraire dispense de monter de grade en grade dans les positions politiques. Vous entrez de plain-pied, et de haut, là où vous ne seriez parvenu que péniblement, et d'en bas, en sacrifiant toute votre vie à cet unique dessein”. Apud: CHARLE, Christophe. Le champ de la production culturelle. In: CHARTIER; MARTIN, Op. cit., v. 3, p. 141.

²⁶⁶ Loc. cit.

positivos: durante todo o século XIX era ali que os escritores encontravam maiores chances de obter distinção entre seus pares-concorrentes (como mostra a existência de várias academias que concediam prêmios literários, doações e subvenções, sendo a mais conhecida certamente a Academia Francesa) e, ao mesmo tempo, de ver suas ideias repercutirem entre um público mais largo (o que explica o papel profético, como se fossem verdadeiros guias para a humanidade, assumido por certos poetas e romancistas, a exemplo de Lamartine e Hugo).²⁶⁷

A seguir, veremos que o país se tornou palco das primeiras tentativas tanto de profissionalização do ofício do escritor quanto de criação de associações e de outros espaços de sociabilidade, mais ou menos formais, que foram idealizados pelos homens de letras no intuito de defender coletivamente seus interesses. Embora não tenha ocupado papel de destaque em nenhum deles, Denis soube obter alguns benefícios, mantendo boas relações com aqueles que detinham mais poder e prestígio na sociedade francesa como um todo e, particularmente, dentro do campo literário.

2.2. Amizades e desavenças nas letras

Em meio às centenas de folhas avulsas e outros papéis pessoais de Ferdinand Denis atualmente conservados na seção de obras raras da Biblioteca Santa Genoveva, existe um pequeno diário, de cerca de 60 páginas, que foi mantido pelo autor entre janeiro de 1829 e fevereiro de 1848.²⁶⁸ Ali ele registrou, às vezes de forma regular, às vezes com vários meses de intervalo, seus encontros, conversas e debates com figuras notórias da época, como homens de letras, artistas plásticos, músicos, livreiros-editores e políticos. O documento em questão se abre com uma passagem sobre dois eventos ocorridos nas vizinhanças de sua casa, na Rua Notre-Dame-des-Champs n°. 17:

Ontem, 13 de janeiro de 1829, Victor Hugo nos leu seu prefácio de *Orientales* e nós fizemos vivas objeções, Sr. Turiaux e eu, quanto a essa ideia de que Boileau é o representante da antiga lit. francesa, como Homero para os gregos, Dante na Itália, Schakespeare [sic] na Inglaterra.

²⁶⁷ CHARLE, Christophe. *Les intellectuels en Europe au XIXe. siècle: essai d'histoire comparée*, Op. cit., p. 81-101.

²⁶⁸ É provável que esse diário tenha sido vendido no leilão do Hotel Druout, em Paris, após o falecimento do autor. Posteriormente ele seria localizado por Marcel Duchemin em sua biblioteca particular e, em 1932, Pierre Moureau traria à luz uma edição crítica, com introdução e notas de rodapé de sua autoria.

Grande incêndio no estabelecimento do Sr. Santerre, o fogo começou em torno das 3 horas da manhã e durou até a noite.²⁶⁹

Para os propósitos deste estudo, interessa evidentemente o trecho acerca da leitura do prefácio de *Les Orientales*, realizada pouco tempo antes de seu lançamento pelo já mencionado Charles Gosselin, provavelmente na residência de Hugo – no número 11 da Rua Notre-Dame des-Champs, a poucos metros do Jardim de Luxemburgo e da casa dos Denis. Entre 1827 e 1830, o local serviu como ponto de encontro para o Cenáculo de Joseph Delorme,²⁷⁰ como se tornou conhecido um seletto grupo de jovens simpatizantes do movimento romântico que frequentava semanalmente a casa do autor francês. Entre eles havia representantes de diversos campos artísticos: pintores e ilustradores (Eugène Devéria, Eugène Delacroix, Jean Gigoux), escultores (David d'Angers), gravuristas e litógrafos (Louis Boulanger e os irmãos Alfred e Tony Johannot), críticos literários (Gustave Planche, Jules Janin, Victor Pavie), além de poetas, dramaturgos e romancistas (Émile Deschamps, Alfred de Musset, Paul Fourcher, Honoré de Balzac, Alexandre Dumas, Sainte-Beuve e o próprio Ferdinand Denis). De acordo com Vaillant, as reuniões do Cenáculo serviam como uma espécie de “laboratório de experimentação literária”,²⁷¹ porque, antes de publicar seus textos ainda inéditos, os integrantes tinham a possibilidade de lê-los em voz alta, submetendo-os à crítica dos demais. Mas as considerações apresentadas geralmente não eram nada objetivas, devido à necessidade, bastante evidente para todos, de se unir contra os opositores do movimento. Como resumiram Glinoyer e

²⁶⁹ No original: “Hier, 13 janvier 1829, Victor Hugo nous a lu sa préface des Orientales et nous lui avons fait des vives objections M. Turiaux et moi relativement à cette idée que Boileau est le représentant de l’ancienne litt. franc., comme Homero chez les Grecs, Dante en Italie, Shakespeare [sic] en Angleterre. / Grand incendie chez M. Santerre, le feu a pris vers les 3 heures et a duré jusqu’au soir”. MOREAU, 1932, 14/01/1839, p. 40.

²⁷⁰ O termo cenáculo designa, na Bíblia, o local onde ocorreu a Última Ceia, nas vésperas da morte de Jesus. Sainte-Beuve deu esse nome a um poema incluído na obra *Vie, poésies et pensées de Joseph Delorme* (1829), no qual o eu-lírico convoca seus contemporâneos a se unir em torno da figura de Hugo para defender e lutar pelo romantismo, comportando-se, assim, de uma maneira parecida aos discípulos do Evangelho que, mesmo perseguidos durante o Império Romano, não deixaram de propagar os ensinamentos de Jesus e de lhe dedicar a mais extrema adoração. Cf. SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Le Cénacle. In: *Vie, poésies et pensées de Joseph Delorme*. Paris: Delangle frères, 1829. p. 67-69; GLINOER, Anthony. La pensée cénaculaire de Sainte-Beuve. *Cahiers de l’Association internationale des études françaises*, Paris, n. 57, p. 211-229, 2005. Disponível em <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/caief_0571-5865_2005_num_57_1_1572>. Acesso em 22 fev. 2020; idem. *La querelle de la camaraderie littéraire: les romantiques face à leurs contemporains*. Genève: libraire Droz, 2008.

²⁷¹ Cf. VAILLANT, Alain. Cénacle. In: VAILLANT, Alain (org.). *Dictionnaire Le romantisme*. Paris: CNRS éditions, 2012. p. 110-111.

Laisney: “os cenáculos se encorajam, se estimulam, ajudam-se mutuamente, em uma palavra: *fraternizam*. [...] A regra não escrita é o apoio mútuo”.²⁷²

Contrariando os costumes desse espaço de sociabilidade, Denis e certo Sr. Turiaux se opuseram à afirmação feita por Hugo, que via no tradutor e crítico literário Nicolas Boileau o grande “representante da antiga literatura francesa”, como revela a passagem reproduzida acima. Questionar as ideias do escritor não significava, ao menos no caso de Denis, deixar de lhe oferecer apoio. Por isso, em 1830, quando Hugo decidiu revidar os ataques que vinham sendo feitos a seu novo drama, convocando amigos fiéis e defensores a comparecer às representações de *Hernani*, na Comédie Française, lembrou-se de incluí-lo na lista de seus convidados.²⁷³ Foi graças ao apoio desses jovens, aliás, que o dramaturgo saiu vitorioso dessa batalha literária opondo clássicos e românticos. Dois anos mais tarde, Denis participou da *première* de *Le Roi s’amuse*, realizada no dia 22 de novembro de 1832, no mesmo teatro, novamente envolta em muita polêmica. Dessa vez, ainda que numerosa, as tropas de Hugo não conseguiram impedir a censura e a peça foi interdita pela polícia francesa já no dia seguinte.²⁷⁴

Inspirados no sucesso do grupo, outros indivíduos decidiram abrir as portas de suas casas para promover encontros entre homens de letras e artistas. Apareceram as Quartas poéticas de Alfred de Vigny, que aconteciam no luxuoso apartamento do poeta, na Rua de Mirmesnil n.º. 30; o salão do Arsenal, realizado aos domingos nas dependências da Biblioteca do Arsenal, onde morava com sua família o polígrafo e bibliotecário Charles Nodier; o Celeiro do pintor e crítico de arte Étienne-Jean Delécluze, cujas reuniões ocorriam às quartas-feiras e ao domingos entre a Rua Chabanais e a des Petits-Champs; e o Pequeno Cenáculo, que se organizava no atelier do escultor Jehan du Seigneur, na Rua de Vaugirard, para citar apenas os mais conhecidos. Alguns tinham propósitos parecidos aos das reuniões na Rua Notre-Dame-des-Champs, outros giravam em torno de ideais distintos.

²⁷² No original: “les cénacles s’encouragent, se stimulent, s’entraident, en un mot: *fraternisent* [...]. La règle non écrite du cénacle, c’est le soutien mutuel”. Cf. GLINOER; LAISNEY, Op. cit., p. 17.

²⁷³ É o que indica o seguinte bilhete enviado por Sainte-Beuve a Denis: “Veja, Senhor, três ingressos na plateia. Será necessário chegar antes das 17h30 no teatro, ao lado da Rua de Montpensier. / SAINTE-BEUVE” (no original: “Voici, Monsieur, trois parterres. Il faudrait être avant 5 h. ½ au théâtre du côté de la rue de Montpensier. / SAINTE-BEUVE”). Na parte superior da carta, há uma indicação feita pelo próprio Denis, ou por algum funcionário: “Envio de bilhetes de plateia para a 3ª. representação de *Hernani* (março ou maio de 1830). (no original: “Envoi de billets de parterre pour la 3mè. représentation d’Hernani (mars ou mai 1830)”). Cf. SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. [Bilhete a Ferdinand Denis]. Paris [França], final de fevereiro de 1830. 1 doc. 1 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3418 (f. 114). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3418/BSG_MS3418#page/n241/mode/2up>. Acesso em 22 fev. 2020.

²⁷⁴ Cf. JEHAN, Walter. *Le roi s’amuse*. Ire. représentation. Le jeudi 22 novembre 1832. *Le Figaro*, Paris, 11/11/1882, p. 4.

Alguns recebiam Hugo e seus seguidores, assim como profissionais ligados aos palcos e à imprensa; outros serviam essencialmente de ponto de encontro para escritores classicistas; outros ainda conseguiam agrupar românticos e opositores ao movimento, a despeito das rivalidades existentes entre ambos. Diferenças à parte, todos esses cenáculos agiam como um elemento coesivo, fornecendo a seus membros uma consciência de pertencimento e, simultaneamente, um modo de legitimação compartilhado por todo o grupo, alheio às exigências do público e às regras das instituições oficiais:

[...] a instituição cenacular, indiferente às sanções externas, gera seus próprios modos de legitimação. Ao fazê-lo, o cenáculo funciona, para dizer com as palavras de Bourdieu, como um *acumulador de capital simbólico e de capital social* que beneficia todo o grupo. O fundamento desse sistema autolegitimador é a crença coletiva de que a elite cenacular detém exclusivamente uma força de legitimação literária. Esta crença, da qual depende a sobrevivência do cenáculo – a perda da fé resultando automaticamente em sua falência em mais ou menos curto prazo – é mantida graças a um dispositivo sofisticado, no qual a escolha do local, a periodicidade das reuniões, o estabelecimento de ritos protocolares, a diferenciação de papéis sociais e a aura do líder ocupam um papel preponderante.²⁷⁵

Não temos dados que comprovem a participação de Denis em nenhum desses outros cenáculos citados anteriormente, porém seria possível supor que ele fora convidado ao menos para as reuniões promovidas por Nodier, com quem compartilhava do interesse pelo tema do fantástico na Idade Média e por quem tinha, ademais, grande estima.²⁷⁶ É certo, no entanto, que ele fez parte da pequena comitiva presente durante a leitura de *Henri*

²⁷⁵ No original: “[...] l’institution cénaculaire, indifférente aux sanctions externes, génère ses propres modes de légitimation. Ce faisant, le cénacle fonctionne, pour le dire avec les mots de Bourdieu, comme un *accumulateur de capital symbolique et de capital social* dont profite tout le groupe. Le fondement de ce système autolégitimant est le croyance collective que l’élite cénaculaire détient à elle seule une force de légitimation littéraire. Cette croyance, dont dépend la survie du cénacle – la perte de foi entraînant automatiquement sa faillite à plus ou moins court terme – est entretenue grâce à un dispositif sophistiqué, dans lequel le choix du lieu, la périodicité des rencontres, l’instauration de rites protocolaires, la différenciation des rôles sociaux et l’aura du leader occupent un rôle prépondérant”. Cf. GLINOER; LAISNEY, Op. cit., p. 18.

²⁷⁶ Uma passagem do diário de Denis indica que esse sentimento era mútuo: [le] “bon Nodier *qui m’aime* comme dit Sainte-Beuve”. Cf. MOREAU, 1932, 02/10/1841, p. 103. Vale mencionar ainda a anotação feita pelo antigo viajante na capa de seu exemplar pessoal de *Jean Sbogar* (1818), que revela ter sido ele quem levou a Nodier a notícia de sua entrada na Academia Francesa de Letras, em 1833. Cf. SHENCK, Eunice Morgan. Charles Nodier and Ferdinand Denis. *Modern Language Notes*, Baltimore, v. 34, n. 3, march 1919, p. 185. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/2915483?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em 22 fev. 2020.

III et sa cour (1829), feita pelo autor Alexandre Dumas na casa de sua amante, Mélanie Waldor, cuja família, aliás, era amiga de longa data dos Denis.²⁷⁷

Outra prática de sociabilidade comum à elite cultural francesa foi a participação em salões, termo que se refere a espaços particulares (na maior parte das vezes, apartamentos ou hotéis) onde ocorriam, regularmente, encontros dirigidos por aristocratas ou membros da alta burguesia. Ao contrário dos cenáculos, que se organizavam em torno de um debate cultural – o que não impedia, é claro, que ocorressem momentos de lazer –, os salões atraíam frequentadores em busca, sobretudo, de divertimento: danças, leituras, jogos, teatros e conversas eram algumas das estratégias utilizadas pelos anfitriões para entretê-los.²⁷⁸ Além disso, a participação nesses últimos implicava a subordinação a regras de civilidade e de cortesia, o que não acontecia no caso dos cenáculos.²⁷⁹ O diário de Ferdinand Denis indica que ele marcou presença em alguns salões, mais ou menos célebres. Seu preferido certamente era o da marquesa de G., definido por ele nas seguintes palavras: “É ainda o salão de Paris, creio eu, que pode melhor lembrar o que é uma conversação livre, animada e de bom gosto”.²⁸⁰ Contudo, ele deixou registrada apenas uma passagem nesse local, no dia 05 de abril de 1841, tendo se encontrado, nessa ocasião, com Théodore Gudin, pintor marítimo; Sophie Lebrun, a duquesa de Plaisance, que era pianista e compositora; o já mencionado Eugène Sue; assim como Narcisse Achille de Salvandy, Alphonse de Lamartine, Matthieu Molé e Louis Vitet, todos políticos e homens de letras.²⁸¹

Denis foi uma figura recorrente no salão da condessa d’Agoult, mais conhecida pelo seu pseudônimo literário, Daniel Stern. Em outubro de 1836, ela se mudou para um hotel particular na Rua Neuve-Laffit nº. 23, próximo à Ópera Garnier, com seu amante, o compositor e pianista Franz Liszt – de quem o autor do diário tornou-se bastante próximo.²⁸² Um público variado participava dessas reuniões: havia poetas, romancistas,

²⁷⁷ GLINOER, LAISNEY, Op. cit., p. 96; WALDOR, Melanie. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 29/06/1818. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 90-91). Disponível em <https://archive.org/details/MS3417_f90_91>. Acesso em 22 fev. 2020.

²⁷⁸ GLINOER, LAISNEY, Op. cit., p. 16.

²⁷⁹ LILTI, Antoine. *Le monde des salons: sociabilité et mondanité à Paris au XVIIIe. siècle*. Paris: Fayalt, 2005; LAISNEY, Vincent. Cénacles et cafés littéraires: deux sociabilités antagonistes. *Revue d’histoire littéraire de la France*, Paris, v. 110, n. 3, p. 563-588, 2010. Disponível em <<https://www.cairn.info/revue-d-histoire-litteraire-de-la-france-2010-3-page-563.htm>>. Acesso em 22 fev. 2020.

²⁸⁰ No original: “C’est encore le salon de Paris, je crois, qui peut le mieux rappeler ce qui n’est plus une conversation libre, animée et de bon goût”. Cf. MOREAU, 1932, 05/04/1841, p. 100-101.

²⁸¹ Loc. cit.

²⁸² Liszt costumava visitá-lo durante suas estadias em Paris e lhe enviar cartas (abertas, muitas vezes, com saudações ao “querido amigo”), quando viajava para outras capitais europeias. A separação do casal, em

críticos literários, dramaturgos de origem francesa (Hugo, Sainte-Beuve, Musset, Lamartine, Sue, Félicité de Lamennais, George Sand, Louis de Ronchaud, François Ponsard) ou vindos de outras partes da Europa (Ferdinand Eckstein, o barão de Eckstein, nascido em Copenhague, e Adam Mickiewicz, originário do território que atualmente compreende à Bielorrússia), além de historiadores (Jean-Jacques Ampère), cantores de ópera (Adolphe Nourrit e Jeanne-Sophie Löwe), atores dramáticos (Léon Beauvallet), compositores, pianistas e maestros (a maioria deles aparentemente estrangeiros, como o próprio Liszt, que era húngaro, assim como Giacomo Meyerbeer e Théodore Döhler, originários das cidades de Berlim e Nápoles, respectivamente). Como não poderia deixar de ser, nos salões de Mme. d'Agoult frequentemente as conversas convergiam para o tema da literatura: ali Denis falou com George Sand sobre uma seleção de cartas enviadas por ela de Genebra a alguns amigos, publicada com o título de *Lettres d'un voyageur* (1837); ouviu Lamennais elogiar o romance *Lélia* (1833), também dessa última; irritou-se com Hugo, que lhe pareceu excessivamente arrogante em sua discussão com o dramaturgo Louis de Ronchaud;²⁸³ mas apreciou as ponderações feitas por d'Eckstein e Sainte-Beuve quanto aos versos de Musset publicados dias antes pela *Revue des Deux Mondes*.²⁸⁴

Às discussões sobre as novidades surgidas no mercado editorial se misturavam algumas fofocas literárias. Durante um encontro na casa de Mme. d'Agoult, Denis descobriu que Camille Ladvoat – o livreiro-editor responsável pela coleção “Chefs-d'oeuvre du théâtre étranger”, para a qual havia organizado a obra *Chefs-d'oeuvre du théâtre portugais* (1823) – trocara o mundo dos impressos pelo da costura após ter declarado falência. Mais do que a própria reconversão profissional, chamou a atenção do grupo um pagamento de 80 mil francos oferecido por Chateaubriand a Ladvoat, seu antigo editor, para ajudá-lo a se reerguer, gerando toda uma discussão acerca da vaidade dos homens de letras.²⁸⁵ A figura de Ladvoat serviu de inspiração para Balzac criar a personagem de Dauriat, um ganancioso dono de livraria que aparece em *Ilusões perdidas* (1837-1843) e *Esplendores e misérias das cortesãs* (1838-1847). No início do primeiro romance, ele se recusa a imprimir um manuscrito de Lucien de Rubempré (a coletânea de

1846, acabou abalando as relações de Denis com Liszt, que se lamentou em seu diário. Cf. MOREAU, 1932, 15/04/1840, p. 90, e 06/04/1841, p. 100; GUT, Serge; BELLAS, Jacqueline. *Correspondance entre Liszt et Marie d'Agoult*. Paris: Fayard, 2001; LISZT, Franz. [Carta a Ferdinand Denis]. s./d. 1 doc. 1 p. Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53150204k.r=liszt%22ferdinand%20denis%22?rk=21459;2>>. Acesso em 22 fev. 2020.

²⁸³ MOREAU, 1932, 12/03/1842, p. 44.

²⁸⁴ Ibidem, 20/02/1841, p. 97.

²⁸⁵ Loc. cit.

poesias “Les marguerites”), com o qual o protagonista pretendia fazer sua estreia literária, argumentando que em seu catálogo entrariam apenas autores já consagrados:

Não me divirto em publicar um livro, em arriscar dois mil francos para ganhar dois mil; em literatura, faço especulações, publico quarenta volumes a dez mil exemplares [...]. Meu poder e os artigos que consigo favorecem um negócio de cem mil escudos em vez de favorecer um livro de dois mil francos. Dá tanto trabalho conseguir impor um novo nome, um autor e seu livro, quanto conseguir que tenham êxito os *Teatros estrangeiros*, as *Vitórias e conquistas* ou as *Memórias da Revolução*, que rendem uma fortuna. Não estou aqui para ser o degrau das glórias futuras, mas para ganhar dinheiro e dar dinheiro aos homens famosos. O manuscrito que compro por cem mil francos é mais barato que o de um autor desconhecido que me pede seiscentos francos! Se não sou totalmente um mecenas, tenho direito ao reconhecimento da literatura: já fiz o preço dos manuscritos mais que dobrar! [...] Ainda não sou rico o suficiente para escutar os monólogos de cada amor-próprio. Isso só se vê no teatro, nas tragédias clássicas.

O luxo da roupa do terrível Dauriat amparava, aos olhos do poeta da província, esse discurso cruelmente lógico.²⁸⁶

Ao contrário da personagem fictícia, Ladvocat apostou em jovens poetas desconhecidos, transformando-se em um dos principais editores de nomes como Hugo, Deschamps, Guttinguer, Méry e Nerval, ainda que porção considerável de seus lucros viesse de panfletos e outros impressos políticos. Assim como Dauriat, porém, foi bem-sucedido na tarefa de obter lucros com seu ofício, graças ao qual adquiriu diversos imóveis e desfrutou de uma vida luxuosa. Mas suas elevadas despesas, junto às crises do mercado editorial francês nas décadas de 1820 e 1830, abalaram profundamente os negócios do livreiro-editor, que se viu obrigado a colocar à venda uma parte preciosa de sua coleção. Para salvá-lo da ruína completa, em julho de 1831, 161 autores, muitos dos quais bastante célebres à época, comprometeram-se a escrever gratuitamente a obra *Le Diable boiteux à Paris, ou Le livre des Cent et un*, cujos lucros lhe seriam destinados. Composta por quinze tomos in-8º, a publicação veio à luz pouco tempo depois, trazendo as assinaturas de membros da Academia Francesa, de escritores populares entre o público (como Paul de Kock, Visconde d’Arlincourt, Sue), de românticos (como Hugo, Jules Janin e Sainte-Beuve) e também de antiromânticos (como François Andrieux, um ferrenho opositor do movimento). Apesar dos esforços, Ladvocat declarou uma primeira falência em 1834 e, depois, mais uma vez em 1840, quando decidiu migrar definitivamente para a moda. Como

²⁸⁶ Cf. BALZAC, Honoré de. *Ilusões perdidas*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Penguin, 2011. p. 206-207. Na metade do romance, Dauriat muda de ideia e adquire o manuscrito de Rubempré, mas decide publicá-lo vários meses mais tarde, quando o autor já havia se tornado conhecido dos leitores.

salientou Mollier, para o desconforto daqueles que esperam somente a presença de motivos elevados atravessando o mundo das letras, o caso ilustra bem que objetivos materiais costumam orientar as práticas dos profissionais dedicados à publicação e à venda de livros.²⁸⁷

Segundo Glinoe, a iniciativa envolvendo *Le Diable boiteux à Paris, ou Le livre des Cent et un* foi “a primeira manifestação coletiva de escritores franceses agindo como tais, emprestando seu poder simbólico relativo por uma causa especificamente literária”²⁸⁸, o que faz dela uma prova inegável de que o campo literário francês caminhava rumo à sua progressiva autonomização. A existência desse sentimento de comunhão (que, evidentemente, não apagava as rivalidades entre os agentes e os grupos sociais) ajuda a compreender as reivindicações pela profissionalização do ofício, que deram origem à Société des gens de lettres (SDGL), sete anos mais tarde. No dia 16 de abril de 1838, 85 letrados – entre os quais se encontravam Balzac, Victor Hugo, George Sand e Alexandre Dumas, todos mencionados por Denis em seus papéis pessoais, embora ele mesmo pareça ter se mantido à parte dessa iniciativa – reuniram-se em sua assembleia inaugural. Elegendo nessa ocasião como presidente Abel-François Villemain, professor de literatura na Sorbonne e futuro ministro, o grupo pretendia defender a propriedade literária, impedindo a prática da contrafação (fosse sob a forma de reprodução de volumes ou da cópia não autorizada de textos por parte da imprensa periódica), assim como oferecer auxílio a seus membros diante de eventuais necessidades (em caso de plágio, por exemplo, os autores poderiam contar com a sociedade para representá-los em um processo jurídico). Tais propostas se inspiravam na Société des auteurs dramatiques, fundada em 1777, por Pierre Beaumarchais, a qual recentemente obtivera na justiça uma vitória para os dramaturgos, garantindo-lhes o pagamento de seus direitos autorais.²⁸⁹ Mesmo assim gerou certa polêmica entre os próprios letrados. Em seu famoso artigo “Da literatura industrial”,

²⁸⁷ MOLLIER, Jean-Yves. Dos Charpentier aos Fasquelle, dos Marpon aos Flammarion, un enlace de destinos ilustres. In: MOLLIER, Jean-Yves. *O dinheiro e as letras: história do capitalismo editorial*. Tradução Katia Aily Franco de Camargo. São Paulo: Edusp, 2010. p. 274-275.

²⁸⁸ No original: “la première manifestation collective des écrivains français, agissant en tant que tels, prêtant leur pouvoir symbolique relatif pour une cause spécifiquement littéraire”. Cf. GLINOER, Anthony. À son éditeur la littérature reconnaissante. *Ladvoat et Le Livre des Cent et un*. In: MOLLIER, Jean-Yves; RÉGNIER, Philippe; VAILLANT, Alain (dir.). *La production de l’immatériel: théories, représentations et pratiques de la culture au XIXe. siècle*. Saint-Étienne: Université Jean Monnet, 2008. p. 91-104. Cf. também: PARMENTIER, Marie. Commerce et littérature. Les processus de légitimation dans *Paris ou Le Livre des Cent-et-un*. *Romantisme*, n. 165, p. 75-86, 2014. Disponível em <<https://www.cairn.info/revue-romantisme-2014-3-page-75.htm#e1no192>>. Acesso em 22 fev. 2020.

²⁸⁹ PRASSOLOFF, Annie. La société des gens de lettres. In: CHARTIER; MARTINS, Op. cit., v. 3, p. 171-173.

veiculado pela *Revue des Deux Mondes*, em 1º de setembro de 1839, Sainte-Beuve procurou analisar os pontos mais e menos favoráveis da SDGL. Atento à voga do romance-folhetim, mostrou-se ciente de que a sobrevivência de um periódico muitas vezes estava condicionado à presença do gênero em seu rodapé, o que servia como um grande incentivo para que jornais e revistas dentro e fora da França copiassem, descaradamente, uns aos outros. Lutar contra tal prática seria, na opinião do crítico, o mais fundamental dever da sociedade:

Seguramente não há nada mais legítimo do que homens de letras se associando para se entenderem e se esclarecerem sobre seus interesses materiais. Em lugar da contrafação estrangeira, que não se pode atingir, há formas de contrafação no interior, se não para os livros, ao menos para os folhetins: há jornais ladrões que nos citam e nos copiam. Alguns autores obstinados poderiam se sentir pura e simplesmente lisonjeados; os mais aguerridos e severos usariam do direito de repressão, requerendo na justiça a indenização; o mais seguro e mais frutífero é levar, pela transação, esses jornais a pagarem tributo pela reprodução e, de certa maneira, pagar-nos uma assinatura. Em uma palavra, regularizar esse gênero de contrafação no interior, eis um resultado. Como o homem de letras isolado tem pouca força, e muitas vezes pouco conhecimento dessas chicanas, um agente especial e um comitê permanente velarão por ele e defenderão seu interesse.²⁹⁰

Mas Sainte-Beuve não escondeu de seus leitores a crença de que haveria uma grande distância separando a teoria e a realidade. Para o crítico, em vez de promover a autonomia daqueles que se dedicavam à atividade escrita, a SDGL estaria, na verdade, dando condições para que indivíduos desprovidos do que ele chamou de “moralidade literária” atingissem propósitos puramente mercantis. Dito de outra forma, longe de enriquecer as letras pátrias, oferecendo suporte aos autores de mérito, a associação beneficiaria, acima de tudo, o bolso de alguns gananciosos que escreviam mal e compulsivamente. Com esse célebre texto, Sainte-Beuve defendeu a necessidade da produção francesa se afastar de modelos padronizados, que obedeciam exclusivamente à demanda do mercado, buscando, em contrapartida, se voltar para uma lógica intraliterária. De acordo com ele, a mudança traria dois resultados imediatos: em primeiro lugar, a expressão da originalidade dos homens de letras (tanto na forma quanto no estilo), a qual não poderia emergir enquanto se limitassem a imitar as fórmulas de sucesso; e, em segundo, a valorização da atividade dos críticos, os únicos, a seu ver, aptos a expressar um

²⁹⁰ SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Da literatura industrial. Tradução de Jefferson Cano. *Remate de Males*, Campinas, v. 29, n. 2, Dossiê Literatura e Arquivos, p. 192, jul.-dez. 2009. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636273/3982>>. Acesso em 22 fev. 2020.

juízo estético em matéria literária. É preciso lembrar que Sainte-Beuve somente podia impedir sua produção de sucumbir à pressão do mercado porque tinha à disposição, mensalmente, seu salário como funcionário público.²⁹¹ Todavia, a problemática levantada por ele evidencia que o campo literário constitui um espaço de relações discursivas marcado pela tensão, onde ocorrem lutas simbólicas entre agentes ou grupos que procuram “impor os limites do campo mais favoráveis aos seus interesses, ou [...] à definição das condições de vinculação verdadeira ao campo”.²⁹² De acordo com Bourdieu, menos do que simples “resultado de uma forma qualquer de acordo objetivo”, tais conflitos pela legitimidade do modo de produção são, antes de tudo, “o produto e a aposta de um conflito permanente. Em outras palavras, o princípio gerador e unificador desse ‘sistema’ é a própria luta”.²⁹³

Voltando a Ferdinand Denis e ao seu diário, observamos que o documento não deixa dúvidas de que nem a criação de instâncias coletivas, nem a intensificação dos encontros impediram a ocorrência de situações de rivalidades, hostilidades e discórdias entre os letrados franceses.²⁹⁴ Além do exemplo já mencionado, envolvendo comentários maliciosos a respeito de Ladvocat e Chateaubriand, as páginas do documento relatam ainda conflitos entre Sainte-Beuve e dois de seus contemporâneos, Lamennais e George Sand. Em ambos os casos, o motivo foi a língua ferina do crítico, incapaz de medir as palavras durante a escrita de seus textos – o que lhe rendeu os apelidos de Sainte-Bave e Sainte-Bévue (em português, Santa-Baba e Santa-Gafe, respectivamente). Tudo começou em novembro de 1836, quando a *Revue des Deux Mondes* acolheu um severo artigo de Sainte-Beuve sobre a obra *Affaires de Rome* (1836), recentemente publicada por Lamennais. Diante do acontecimento, esse último decidiu cortar suas relações com o crítico e foi seguido em seu gesto por alguns admiradores, incluindo Sand. Nesse mesmo mês, durante uma *soirée* na casa do compositor polonês Frédéric Chopin (com quem Sand manteve uma conturbada relação extraconjugal), ela confidenciou a Denis o desconforto que sentira da última vez em que se encontrara face a face com o crítico:

Quanto a S[ainte]-B[euve], somos *frescos* – segundo as suas próprias palavras. Ela estendeu-lhe a mão e ele a tomou com pesar. Ela perdoa as

²⁹¹ CHARLE, Christophe. *Les intellectuels en Europe au XIXe. siècle: essai d’histoire comparée*, Op. cit., p. 76.

²⁹² BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*, Op. cit., p. 263.

²⁹³ Loc. cit.

²⁹⁴ A respeito dos conflitos entre os homens de letras brasileiros no final do século XIX e começo do XX, conferir BRAGA-PINTO, César. *A violência das letras: amizade e inimizade na literatura brasileira (1888-1940)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

vivas leviandades, as grandes falhas, no entanto, há leves falhas do coração [ilegível] às quais se mostra inflexível.²⁹⁵

Quatro anos mais tarde, em um jantar na casa de certa Mme. de C., Denis ouviu Lamennais, ainda bastante ressentido, esforçar-se em diminuir a produção literária de seu oponente: “Prosa e verso, disse sobre Sainte-Beuve, tudo é detestável; ele [Lamennais] não crê em uma melhora de estilo. Mas aqui há um evidente desentendimento”.²⁹⁶ Embora se tenha calado em ambas as ocasiões, não endossando os apontamentos negativos feitos a respeito do crítico, também acreditava que seria aconselhável a esse último medir melhor as suas palavras, ou talvez mesmo evitar de se envolver em polêmicas literárias: “Eis S[aainte]-B[euve] que está com uma raiva zangada de [minha] sociedade com o abade de L[amennais], devido a um artigo do qual, certamente, poderia se ter absterido”.²⁹⁷

É curioso constatar que Sand e Lamennais tenham expressado abertamente o que pensavam a Denis, uma vez que ele e o crítico se mostravam bastante próximos à época. Sainte-Beuve lhe dedicou a poesia “Espérance”,²⁹⁸ que apareceu na já mencionada *Vie, poésie et pensées de Joseph Delorme*; convidou-o para alguns eventos familiares, incluindo o velório de uma tia querida;²⁹⁹ enviou-lhe uma série de cartas, a maioria aberta com a saudação “Mon cher Ferdinand” (“Meu caro Ferdinand”); afora ter escrito resenhas bastante positivas acerca de suas obras, das quais trataremos mais adiante. Denis, de seu lado, socorreu Joseph Delorme em suas pesquisas bibliográficas³⁰⁰ e atuou como mediador

²⁹⁵ No original: “Quant à S[aainte]-B[euve], nous sommes *freschi*, ce sont ses propres expressions. – Elle lui a tendu la main et il l’a prise comme à regret. Elle pardonne aux vives étourderies, aux grandes fautes, et puis il y a de légères fautes du cœur [illisible] qui la trouvent inflexibles”. Cf. MOREAU, 1932, 05/11/1836, p. 69. Em 1838, George Sand retomaria o assunto em seu artigo “Lettre a M. Lermnier sur son examen critique du Livre du Peuple”. Cf. *Revue des Deux Mondes*, Paris, t. 13ème., 1838, p. 324-335.

²⁹⁶ No original: “Prose et vers, a-t-il dit de Sainte-Beuve, tout est détestable; il [Lamennais] ne croit point à une amélioration du style. Mais là, il y a brouillé évidente...”. Cf. MOREAU, 1932, 20/02/1841, p. 96.

²⁹⁷ No original: “Voici S[aainte]-B[euve] qui est en furieuse haine dans toute cette [ma] société de l’abbé de L[amennais], à cause d’un article dont, à coup sûr, il pouvait s’abstenir”. Cf. *Ibidem*, 23/11/1836, p. 68.

²⁹⁸ Cf. SAINTE-BEUVE, Charles Augustin. *Espérance*. In: *Poésies complètes. Joseph Delorme. Les Consolations. Pensées d’août*. Paris: Charpentier, 1840. p. 116-117.

²⁹⁹ Cf. SAINTE-BEUVE, Charles Augustin. [Bilhete a Ferdinand Denis]. Paris [França], s./d.. 1 doc. 1 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3418 (f. 104). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3418/BSG_MS3418#page/n221/mode/2up>. Acesso em 22 fev. 2020.

³⁰⁰ Em 25 de agosto de 1849, por exemplo, Sainte-Beuve lhe escreveu: “MEU CARO AMIGO, / Eis-me de volta. Eu gostaria muito de lhe mostrar o capítulo de Guinguené, e aquele a respeito de Senancour comparado a René, o qual precisa, para se completar, de seus liberais apontamentos. O senhor poderia amanhã, domingo, pela manhã, me consagrar uma hora (isso se a minha preferência por esta data não lhe causar muito incômodo)? Se sim, tenho comigo todos os meus papéis. A empregada voltará amanhã pela manhã para saber a sua resposta, se ela não lhe encontrar hoje. / Com afeição, / SAINTE-BEUVE” (no original: “Ce samedi 25 août 1849 / MON CHER AMI, / Me voici de retour. Je voudrais bien vous montrer ce chapitre de Guinguené, et celui sur Senancour comparé à René, lequel a besoin, pour se compléter, de vos libérales communications.

entre ele e um amigo de longa data, o escritor Étienne Pivert de Senancour, ajudando-os a resolver suas desavenças durante o preparo de uma nova edição de *Obermann*, da qual se ocupava o crítico.³⁰¹ Contudo, na década de 1850, os dois já se haviam distanciado de tal forma que o nome de Sainte-Beuve praticamente desaparece do diário. Foi mais ou menos nesse mesmo período que o último publicou um retrato nada lisonjeiro do antigo amigo, em suas *Causeries du Lundi* (1856):

Falta a *Trepidans* meia onça de cérebro a mais para ser um homem de espírito. *Trepidans* tem sensibilidade, instrução, bom-senso: mas que medo que não se note isso rapidamente! Que necessidade de prová-lo a todos! Que falta de maneiras! Sobre cada ponto da conversa, ele vai adiante, precipita-se, tem tanto a dizer que gagueja. Sobre cada nome um pouco célebre que passa, ele é o mais bem informado: de quem vocês falam? Tem informações secretas: tem-nas pela empregada, pelo cocheiro, pelo boticário. Balança a cabeça, saracoteia falando e desdenha de uma forma misteriosa e que se auto-compreende. Dá nos nervos, impaciente. Mas o que tem? Eu lhe digo, ele me responde singularmente: um nada o mortifica. – *Trepidans*, na falta de meia onça de cérebro, é um espírito pequeno.³⁰²

Se Sainte-Beuve descreveu Denis como um sabichão inconveniente, Victor Hugo, por outro lado, referiu-se a ele como um indivíduo um tanto quanto desajuizado. Ao menos é o que indica o seguinte registro, feito pelo poeta Antoine-Étienne Fontaney, em seu diário: “Ele [Hugo] me desaconselha a ir ao Brasil: ali o cérebro se liquidifica; veja-se

Voudriez-vous demain, dimanche, dans la matinée me donner une heure; ce serait si cela ne vous dérangeait pas trop, dans mon goût de circonstances. Si oui, j’ai tous mes papiers. La bonne retournera demain matin savoir votre réponse si elle ne vous trouve pas aujourd’hui. / Mille amitiés. / SAINTE-BEUVE. / Mille choses amicales à M. Arsène”). Sainte-Beuve indicou apenas o dia e o mês. O ano foi acrescentado a lápis por Denis. Cf. SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 25/08/1849. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3418 (f. 106-107). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3418/BSG_MS3418#page/n225/mode/2up>. Acesso em 22 fev. 2020.

³⁰¹ Cf. MOREAU, 1932, p. 555; MERLANT, Joachim. *Senancour (1770-1846)*: poète, penseur religieux et publiciste. 2ème édition. Genève: Slatkine reprints, 1970. p. 193-194.

³⁰² No original: “Il manque à *Trepidans* une demi-once de cervelle de plus pour être tout à fait un homme d’esprit. *Trepidans* a de la sensibilité, de l’instruction, du sens: mais quelle crainte qu’on ne s’en aperçoive pas assez tôt! Quel besoin de le prouver à tous! Quel peut d’assiette! Sur chaque point de la conversation, il se met en avant, il se précipite, il a tant à dire qu’il bégaye. Sur chaque nom un peu célèbre qui passe, il est le mieux informé: à qui en parlez-vous? Il a des renseignements secrets: il en a par la femme de chambre, par le cocher, par l’apothicaire. Il branle la tête, se trémousse en parlant et ricane d’une façon mystérieuse qui s’entend elle-même. Il donne sur les nerfs, il impatiente. Mais qu’a-t-il? Je lui parle, il me répond tout singulièrement: un rien, l’a mortifié. – *Trepidans*, faute d’une demi-once de cervelle, est un petit esprit”. Cf. SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Causeries du lundi*. Troisième édition. T. onzième. Paris: Garnier Frères, 1856. p. 465-466. Denis é identificado como Trepidans em uma nota deixada por Sainte-Beuve, copiada por P. Chéron e reproduzida em *Le livre d’or de Sainte-Beuve*. Cf. SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Bibliographie. In: SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Le livre d’or de Sainte-Beuve*. Paris: Bureau du Journal des Débats, 1904. p. 389.

Ferdinand Denis”.³⁰³ Ainda que tenha consagrado várias páginas de seu diário à vida íntima de Hugo – tratando, por exemplo, da loucura de seu irmão mais velho, Eugène Hugo, de um processo movido contra ele por certo Victor Hugot, de suas sucessivas tentativas malogradas de integrar a Academia Francesa de Letras, do casamento de sua filha mais velha, Léopoldine, em 1843, assim como do trágico naufrágio que resultou na morte da moça, no ano seguinte³⁰⁴ –, Denis obteve todas essas informações com terceiros que faziam, eles sim, parte do círculo íntimo do dramaturgo. Na verdade, as relações entre ambos foram apenas cordiais, nada além disso, porque havia certa reserva dos dois lados, impedindo uma maior aproximação.

O mesmo não pode ser dito sobre o Visconde de Santarém e Almeida Garrett, já que as páginas do diário testemunham a existência de rivalidades envolvendo o francês e os referidos escritores portugueses. Em relação ao primeiro, as desavenças parecem ter começado em 1837, quando Denis identificou em suas pesquisas na Biblioteca Nacional da França (então Biblioteca Real) o manuscrito “Crônica da Guiné”, que foi elaborado entre 1452 e 1453 pelo cronista régio e guarda-mor da Torre do Tombo, Gomes Eanes de Zurara, julgado perdido até então. Em 1839, ele anunciou sua descoberta no segundo volume de *Chroniques chevaleresque de l’Espagne et du Portugal* e ali inseriu a tradução de um fragmento do texto sobre a chegada dos escravos africanos às terras lusitanas, provavelmente de sua própria autoria. Instalado na capital francesa havia cinco anos, onde desempenhava a função de Ministro Plenipotenciário de Portugal na França, Santarém provavelmente teve acesso à publicação. Deve ter sido uma desagradável surpresa para Denis descobrir que o português tomara a frente e lançara uma edição crítica do manuscrito, sob o título de *Chronica do descobrimento e conquista da Guine escripta por mandado d’el rei D. Affonso V, sob direcção scientifica e segundo as instrucções do infante D. Henrique* (1841) – e o pior, fazendo uma breve alusão àquele que efetivamente localizara o documento, apenas no prospectus de subscrição para a compra da edição.³⁰⁵ Denis jamais perdoou a atitude do “miserável visconde de Santarém”, a quem também

³⁰³ No original: “Il [Hugo] me conseille de ne point aller au Brésil: le cerveau s’y liquéfie; voyer Ferdinand Denis”. Cf. FONTANEY, Antoine-Étienne. *Journal Intime*. Apud: MOREAU, 1932, p. 40. Há um único registro de uma conversa mais franca e íntima entre os dois autores, no dia 25 de abril de 1829. Nessa ocasião, Hugo dividiu com Denis algumas lembranças da infância em Besançon, seu desejo de publicar a obra *Les Souvenirs d’un enfant de neuf ans* (na qual falaria da visita ao rei José, na Espanha) e também os processos envolvendo a escrita do romance *Notre-Dame*. Cf. MOREAU, 1932, 24/04/1829, p. 41.

³⁰⁴ MOREAU, 1932, 07/10/1839, p. 77-78; 15/04/1840, p. 90; e 12/09/1843, p. 136.

³⁰⁵ Cf. SALES, Mariana Osue Ide. Ferdinand Denis, éditeur et traducteur de sources sur l’Amérique latine. *Bulletin du bibliophile*, n. 1, 2013, p. 69-96.

denominou como “viscondezinho”,³⁰⁶ e chegou a planejar uma vingança, conforme confidenciou a Humboldt, em 19 de novembro de 1842.³⁰⁷ Não sabemos se algo chegou a ser feito, mas, ao que tudo indica, a antipatia era mútua.³⁰⁸ Já com Garrett, as razões dos desentendimentos podem ter sido três supostos plágios, conformato apontado por Protásio:

[...] o autor francês acusará [Garrett] três vezes de o plagiar nas ideias e nos textos. Duas delas ocorreram em 1826, quando Denis afirmou que Garrett lhe copiara ideias, primeiro em *Camões* (1825), a partir da obra *Scènes de la nature dans les tropiques et de leur influence sur la poésie; suivies de Camoens et Jozé Indio* (1826); depois em *Bosquejo da historia da poesia e língua portuguesa*, de 1826, a partir da obra *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal...* em 1839, na 2ª. edição de *Camões*, Garrett pede desculpa pelo sucedido. O que não impede que uma terceira situação surja, em 1844, quando da publicação de *Frei Luís de Souza*, que Denis afirma ser baseado no seu romance de 1835, em dois volumes, *Luiz de Souza*.³⁰⁹

Nas páginas de seu diário, Denis fez uma única referência, nada glorificante, ao autor português e à sua atuação à frente da Inspeção Geral dos Teatros e Espetáculos Nacionais: “Mlle. C. viu Almeid[a] Garrett, que é, ao que parece, um tipo de uma vaidade incrível; é um *orgulho perseguidor* e seu lugar como superintendente dos Teatros lhe dá mil maneiras para fazer sentir aos jovens autores a preeminência que ele reclama”.³¹⁰ Não cabe aqui discutir se Garrett plagiou ou não o trabalho de Denis, mas sim perceber que na base desses desentendimentos se encontravam ao menos duas questões: uma relativa ao roubo de ideias e a outra referente à própria projeção literária. Lembremos que o escritor francês lutava para se afirmar como um especialista em conhecimentos lusófonos, consolidando, assim, seu lugar dentro do campo literário francês. Daí também seu

³⁰⁶ No original: “misérable vicomte de Santarem” e “petit vicomte”. Ibidem, 26/06/1842, p. 117; 28/07/1843, p. 133.

³⁰⁷ Ibidem, 19/11/1842, p. 118-119.

³⁰⁸ Em suas cartas pessoais, o visconde de Santarém deixou transparecer seu desdém pelas publicações de Denis, sobretudo por aquelas a respeito de Portugal. Sobre a já referida *Chroniques chevaleresques de l’Espagne et Portugal*, por exemplo, disse se tratar de uma obra pouco erudita, voltada a leitores pouco exigentes. Ademais, junto ao visconde de Carreira, opôs-se firmemente à nomeação do francês à Ordem da Conceição, sob a alegação de que esse último não dominava o latim. Ferdinand Denis, no entanto, foi socorrido pelos amigos portugueses e acabou recebendo a condecoração do governo português. Cf. Ibidem, anotação de 11/07/1843, p. 131; CASTILHO, Antonio Feliciano de. Um hábito de remuneração. *Revista Universal Lisbonense*, Lisboa, t. 3, 1844, p. 206; ORSONNI, Georges. Mais qui est donc Ferdinand Denis. p. 416-419. Disponível em <<https://franc-dire.fr/wp-content/uploads/2019/05/0-Mais-qui-donc-est-Ferdinand-Denis.pdf>>. Acesso em 14 de agosto de 2020.

³⁰⁹ PROTÁSIO, Daniel Estudante. DENIS, Jean-Ferdinand. In: *Dicionário de Historiadores Portugueses da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo*. Disponível em <http://dichp.bnportugal.pt/historiadores/historiadores_denis.htm>. Acesso em 22 fev. 2020.

³¹⁰ No original: “Mlle. C. avait vu Almeid[a] Garrett, qui est, à ce qu’il paraît, un type de vanité incroyable; c’est un *orgueil persécutant*, et sa place de surintendant des Théâtres, lui donne mille moyens de faire sentir aux jeunes auteurs la prééminence qu’il réclame”. MOREAU, 1932, 23/08/1843, p. 134.

incômodo com o visconde de Santarém, que lhe negara a chance de conseguir enriquecer sua lista de publicações. Como esses episódios ocorreram em períodos sensíveis financeiramente para o autor francês, cuja sobrevivência dependia dos lucros originários da venda de seus livros e da participação na imprensa, talvez não seja exagero imaginar que ele tenha se irritado também por se ver privado de eventuais ganhos pecuniários.³¹¹

Os exemplos aqui mencionados não pretendem sugerir que Denis tenha acumulado somente desavenças em sua trajetória como homem de letras, o que de modo algum seria verdadeiro. Percorrendo os papéis pessoais do autor conservados na Biblioteca Santa Genoveva, damos-nos conta de que muitas personalidades francesas lhe consagraram grande estima: Pierre-Simon Ballanche, seu amigo de longa data, forneceu-lhe conselhos quanto à atividade escrita e ao estilo a ser privilegiado por aqueles em busca de consagração;³¹² Étienne Pivert de Senancour, que lançara o *Résumé de l'histoire de la Chine* (1824) com Lecoq et Durey, deve tê-lo aproximado desses dois últimos, com os quais ele publicaria três obras da mesma natureza (os já mencionados *Résumé de l'histoire du Brésil et de la Guyane* e *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, assim como o *Résumé de l'histoire de Buenos-Ayres, du Paraguay*, em 1825, 1826 e 1827, respectivamente);³¹³ Ajasson de Grandsaigne, afora ter lhe confidenciado detalhes da vida íntima de George Sand, com quem se supõe que manteve um caso extraconjugal, convidou-o a integrar a já mencionada “Bibliothèque populaire”; e Auguste Brizeux, que lhe dedicara o poema “Les deux routes” (em

³¹¹ A esse respeito, é significativa também a irônica e, ao mesmo tempo, perplexa anotação feita por Denis em seu diário depois de receber uma carta de Jean-Joseph Damas Hinard, pedindo sua ajuda para trazer à luz uma obra que disputaria leitores com suas *Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal*: “À noite recebi uma carta do Sr. Damas Isnard [sic] que, apelando à minha lealdade, disse ele, pedia-me, como se fosse trabalho de pouca monta, para remover os escrúpulos do Sr. Masgana, que consentiria, segundo ele, de imprimir o seu *Romancero*. Apesar do real interesse que merece a posição de meu concorrente, seria certamente estranho que eu fosse assim diminuir, para meu editor, as chances de venda, e é pelo menos estranho que um tal pedido seja feito” (no original: “J’ai reçu à la séance du soir une lettre de M. Damas Isnard [sic] qui, faisant appel à ma loyauté, disait-il, me priait comme un léger service de lever les scrupules de M. Masgana, qui consentirait, dit-il, à imprimer son *Romancero*. Malgré l’intérêt réel que mérite la position de mon compétiteur, il serait certainement étrange que j’allasse ainsi diminuer, pour mon éditeur, les chances de vente et il est au moins étrange qu’une demande pareille soit faite”). Cf. MOREAU, 1932, 16/06/1842, p. 116.

³¹² MOREAU, 1932, 04/02/1832, p. 53, e 30/10/1832, p. 56-57.

³¹³ A respeito da amizade entre Denis e Senancour, Cf. MERLANT, Op. cit.; MONGLOND, André. Senancour et un voyageur du Brésil, lettres inédites à Ferdinand Denis. *Revue de Littérature comparée*, Paris, v. 11, p. 85-116, janvier-mars 1931.

português, “As duas rotas”), tomou-lhe emprestado um exemplar de suas *Chroniques chevaleresques* para levar ao amigo Alfred de Vigny.³¹⁴

Em relação aos portugueses, os exemplos também não faltam. Denis conviveu com o tradutor e historiador José Inácio Roquete, a quem foi apresentado pelo editor franco-português Jean-Pierre Aillaud³¹⁵, e recebeu em Paris Ramalho Ortigão, que registrou suas impressões no artigo “Uma visita a Ferdinand Denis”.³¹⁶ Correspondeu-se com Inocêncio Francisco da Silva, o autor do *Dicionário Bibliográfico Português*,³¹⁷ com seu sucessor, Brito Aranha,³¹⁸ com o historiador e crítico de arte Joaquim de Vasconcelos,³¹⁹ com o arqueólogo e arquiteto Joaquim Possidónio Narciso da Silva³²⁰ e com o escritor José Feliciano de Castilho³²¹ – cujo irmão, Antonio Feliciano, defendeu sua nomeação ao posto de sócio-correspondente do Instituto de Lisboa e lhe consagrou a obra *Os ciúmes do Bardo* (1836), assim como faria, alguns anos mais tarde, Francisco Freire de Carvalho, com sua edição crítica d’*Os Lusíadas* (1843).³²² Mas o silêncio, praticamente absoluto, mantido por ele a respeito de seus desentendimentos e inimizades literárias é revelador de uma preocupação, constante ao longo de toda a sua trajetória, de manter intacta a sua reputação. Ao que parece, o autor francês também jamais se pronunciou publicamente quanto à natureza de suas relações com Hugo, Sainte-Beuve ou Garrett. Mesmo quando contou a Humboldt sua intriga com o visconde de Santarém, adotou um tom de confidência, que pressupõe do ouvinte certa discrição.

As estratégias utilizadas por Denis a fim de consolidar sua posição entre os dominantes no campo literário francês – as quais, como vimos anteriormente, incluíram a

³¹⁴ BRIZEUX, Auguste. Les deux routes. In: BRIZEUX, Auguste. *Les Bretons*. 2ème. édition. Paris: Paul Magana, 1848, p. 29-32; MOREAU, 1932, 24/10/1839, p. 79-80.

³¹⁵ NEMÉSIO, Vitorino. Relações francesas do Romantismo português. *Cursos e conferências*, Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Coimbra, v. IV, 1935. p. 142.

³¹⁶ ORTIGÃO, Op. cit.

³¹⁷ SILVA, Inocêncio Francisco da. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 07/07/1866. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4005 (f. 5). Disponível em <https://archive.org/stream/MS4005/BSG_MS4005#page/n7/mode/2up>. Acesso em 22 fev. 2020.

³¹⁸ ARANHA, Brito. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 02/04/1884. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4005 (f. 4). Disponível em <https://archive.org/stream/MS4005/BSG_MS4005#page/n3/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

³¹⁹ VASCONCELOS, Joaquim de. [Carta a Ferdinand Denis]. Porto [Portugal], 05/06/1871. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4005 (f. 1). Disponível em <<https://archive.org/details/MS4005>>. Acesso em 22 fev. 2020.

³²⁰ CASTILHO, José Feliciano de. [Carta a Ferdinand Denis]. Porto [Portugal], 05/06/1871. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4005 (f. 1). Disponível em <<https://archive.org/details/MS3419/page/n21>>. Acesso em 22 fev. 2020.

³²¹ NEMÉSIO, Op. cit., p. 143.

³²² CAMÕES, Luis Vaz de. *Os Lusíadas*. Nova edição feita debaixo das vistas da mais acurada crítica em presença das edições primordiais e das posteriores de maior crédito e reputação por Francisco Freire de Carvalho. Lisboa: Typ. Rollandiana, 1843.

publicação de numerosos livros, a presença constante na imprensa periódica, a aproximação com as instâncias de consagração e o estabelecimento de uma ampla (e sobretudo polida) rede de relações – lograriam resultados menos duradouros, caso não tivessem sido acompanhados pelo cuidado de dedicar uma parte significativa de sua produção bibliográfica ao Brasil. Com efeito, ele se tornou conhecido (e assim permanece nos dias de hoje) graças a duas obras lançadas ainda nos primórdios de sua longa carreira literária, em cujas páginas há espaço (embora não exclusivo) para a realidade brasileira: a primeira recebeu o título de *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie, suivies de Camões et Jozé Indio* (1824) e a segunda, de *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivie du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826). No capítulo a seguir, abordaremos os conteúdos apresentados pelas duas publicações, procurando compreender as razões que levaram os letrados Oitocentistas e, mais tarde, os pesquisadores da literatura brasileira a se debruçarem sobre ambas.

Capítulo 3

O apadrinhamento de Denis na construção identitária brasileira

Em meados do século XIX, no prefácio de sua *História geral do Brasil* (1854-1857), aquele que viria a ser conhecido como um dos fundadores da historiografia nacional – recebendo, inclusive, a alcunha de Heródoto brasileiro –, Francisco Adolfo de Varnhagen, reportou-se ao *Résumé de l’histoire du Brésil, suivi du Résumé de l’histoire de la Guyane*, declarando: “ponderava em 1838 o ilustre e digno filo-brasílico Ferdinand Denis, é da mais alta importância que os documentos que constituem a história do país sejam alfin recolhidos”.³²³ Isso porque, “para que as teorias diárias sejam úteis, é preciso oferecer-lhes uma base, ou para melhor dizer, um *ponto de partida*”.³²⁴ Amparando-se nos dizeres do francês – uma autoridade já nesse momento, como mostraremos ao longo deste capítulo –, ele pretendia justificar o trabalho historiográfico ao qual se dedicava havia alguns anos, realizado sob patrocínio de D. Pedro II. Mas não só: procurava igualmente tornar explícita a necessidade de revisitar o passado do país na busca por heróis ancestrais, cenas de descobertas e textos demarcadores da origem da nacionalidade brasileira.

Varnhagen talvez seja um dos casos mais emblemáticos da “forma de pensamento genealógica”³²⁵ que, segundo Sússekink, revestiu as letras nacionais durante todo o Oitocentos, principalmente entre as décadas de 30 e 70. De acordo com a pesquisadora, no afã de afirmar a recém-conquistada independência política e fazer frente às numerosas revoltas que despontaram entre o Período Regencial (1831-1840) e o começo do Segundo Reinado (1840-1889), os letrados brasileiros teriam participado do projeto de “inventar retroativamente a nacionalidade desejada, funda[ndo] alguma coisa dizendo que, de algum modo, ela já estaria lá”.³²⁶ Daí a (re)publicação, à época, de relatos de viagens redigidos por aventureiros portugueses no período colonial, de coletâneas poéticas e de

³²³ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*. 2ª. ed. T. 1. Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, 1877. p. XXI. Grifo meu.

³²⁴ Grifo meu. Loc. cit.

³²⁵ SÜSSEKIND, Flora. O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. V. 2: Emancipação do discurso. Campinas: Unicamp, 1994. p. 451-485.

³²⁶ Ibidem, p. 454.

estudos sobre os escritores nascidos no Brasil, assim como de ensaios acerca dos nativos americanos e suas línguas, principalmente o guarani. Varnhagen desempenhou um papel fulcral na localização e na divulgação de algumas das mais conhecidas certidões de nascimento do país, a exemplo do *Diário de navegação*, do navegador Pero Lopes de Sousa, relatando a fundação da vila de São Vicente; da *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, etc., desde o ano de 1583 ao de 1590*, do jesuíta Fernão Cardim; e do *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa, lançados por ele em 1839, 1847 e 1851, respectivamente.³²⁷ Também editou os *Épicos brasileiros* (1845), reunindo, em um mesmo volume, *O Uruguai* e *Caramuru*, além do *Florilégio da poesia brasileira ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos* (1850-1872), uma coletânea poética que visava à divulgação daquilo que “por mais americano tivemos”.³²⁸ Por fim, redigiu o ensaio “Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas” (1841)³²⁹ – movido menos pela simpatia por esses povos do que por certo pendor antiquário, vale a pena ressaltar.

Nesse último, construiu sua argumentação ponderando que o domínio de línguas europeias traria inúmeras vantagens aos brasileiros (o francês, facilitando o dia a dia em sociedade, o inglês, as questões de ordem comercial e o alemão, a leitura de escritores menos conhecidos), mas nenhuma delas seria capaz de atender aos anseios políticos do momento. Em primeiro lugar, porque, sem conseguir se comunicar com os nativos brasileiros, os missionários jamais conseguiriam realizar o processo civilizatório tão desejado para esses povos. Em segundo, porque, na ausência de pesquisas sérias a respeito das línguas indígenas, a literatura brasileira perderia, além de um importante patrimônio, uma oportunidade de ostentar sua ainda recente independência política. Assim como muitos de seus contemporâneos, Varnhagen acreditava que “a literatura nacional [seria] a primeira base para se firmar a independência e integridade das nações” e o reaproveitamento estilístico de palavras indígenas, um dos meios mais eficazes de permitir

³²⁷ CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*. Coleção história e historiografia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018; CASTELO, José Aderaldo. A literatura brasileira: história e pesquisa. In: *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. V. II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 509-519.

³²⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil*. T. 1. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946. p. 4.

³²⁹ Idem. Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 3, n. 9, p. 53-63, 1841.

a expressão de sua singularidade. Por esse motivo, encerrou seu discurso conclamando todos “o[s] literato[s] que se ocup[am] em investigações literárias para bem da pátria, alimentando o espírito de nacionalidade” a incentivarem, ou mesmo a se dedicarem, eles próprios, aos estudos das línguas indígenas.³³⁰

Por trás dessas palavras, encontramos a “retórica da nacionalidade”,³³¹ dominante nos discursos produzidos pela história, pela literatura, pela geografia e, posteriormente, pela etnografia brasileiras no decorrer de todo o século XIX. Diante da ausência de um sentimento de nacionalidade gerado de forma espontânea na população – como deixaram patente as várias revoltas provincianas da época –, tornou-se fundamental assegurar a unidade territorial do país, convencendo os brasileiros “de que, a despeito da natureza heterogênea e compósita de sua formação social, compartilhavam um mesmo passado e, conseqüentemente, igual origem e identidade”.³³² Desse modo, todos os campos do saber mencionados anteriormente foram empregados, tanto pelos homens de letras quanto pelos políticos (cujos papéis, em muitos casos, não se distinguiam) para naturalizar uma ideia nacional de pátria. Conforme demonstrou Burke, esses esforços em prol da construção de uma nacionalidade não foram exclusivos à realidade brasileira, tendo ocorrido a princípio na Europa, onde, desde o final do século anterior, coletavam-se canções tradicionais, velhas histórias transmitidas oralmente e outras expressões da literatura popular. Seguindo os passos dos irmãos Grimm e de Herder, vários letrados europeus haviam demonstrado interesse pelas manifestações culturais das classes populares, convictos de que os “‘usos, costumes, cerimônias, superstições, baladas, provérbios, etc.’ faziam, cada um deles, parte de um todo, expressando o espírito de uma nação”.³³³ Logo a tendência se alastrou por todo o continente, a ponto de Thiesse se referir a certo “cosmopolitismo do nacional”.³³⁴

Nos países fora do eixo França-Inglaterra – sob ameaça de invasões napoleônicas, recém-independentes ou em processo de unificação –, a tendência serviu a objetivos bem específicos, contribuindo nos processos de “autodefinição e libertação

³³⁰ Ibidem, p. 59.

³³¹ CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*. Coleção história e historiografia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 20

³³² Loc. cit.

³³³ BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. Tradução de Denise Bottmann. 2ª. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 32.

³³⁴ THIESSE, Anne Marie. *A criação das identidades nacionais. Europa – séculos XVIII-XX*. Tradução de Sandra Silva. Coleção temas e debates. Braga/Portugal: Tilgráfica, 2000. p. 154.

nacional”, idealizados pelas elites locais.³³⁵ Naqueles menos desenvolvidos socioculturalmente, a construção das identidades nacionais aconteceu, muitas vezes, sob a égide alemã ou francesa. Vejamos como exemplo os trabalhos desenvolvidos por Charles-Claude Fauriel, polígrafo e professor de literatura da Sorbonne. Em 1810, ele realizou a tradução da epopeia *Parthenaïs ou Voyage dans les Alpes* [no original, *Parthenais oder die Alpenreise* (1802)], escrita pelo poeta dinamarquês Jens Baggesen, e, quatro anos mais tarde, em plena Revolução Grega (1821-1832), publicou o volume *Chants populaires de la Grèce Moderne* (1814), movido pelo propósito de comprovar a existência da nação grega, garantindo-lhe a libertação do Império Otomano, o que ocorreria somente com a assinatura do Tratado de Londres (1830). Manteve igualmente uma correspondência farta com o escritor milanês Alessandro Manzoni, autor da tragédia *Adelchi* (1822), traduzida por Fauriel em 1823, e recebeu, em Paris, Niccolò Tommaseo, responsável pela primeira antologia de cantos populares do território hoje conhecido como Itália, em cujas páginas as referências às ideias do francês apareceram de forma explícita.³³⁶

Depois de terem saído à caça das tradições populares, esses construtores da nação se dedicaram a um gênero nascido, não por acaso, durante os Oitocentos: as histórias literárias. Havia muitos séculos que se publicavam estudos de poesias, peças oratórias e dramáticas, mas foi apenas no alvorecer do XIX que apareceram os primeiros trabalhos comprometidos em operar uma seleção, e a apresentar cronologicamente os mais relevantes fatos literários de um determinado país. Até então, os princípios que orientavam a composição e também o julgamento literário provinham de compêndios de retórica e poética, produzidos desde os tempos de Platão e Aristóteles, nos quais se encontravam “regras universais para a boa produção de textos, tomando como modelo as composições latinas e, em menor escala, as gregas”. Muitos deles, aliás, “eram escritos em latim, ensinados em latim e deveriam produzir comentários aos textos também em latim”.³³⁷ Mas, no século XIX, quando o binômio literatura e nação levou os europeus a buscarem por uma tradição nacional, as obras literárias ganharam suas respectivas pátrias (ou, para inverter o sentido, as nações europeias ganharam as suas respectivas obras literárias). O mergulho na literatura do passado permitiu, a esses homens de letras, resgatar livros esquecidos ou menosprezados, sobretudo da Idade Média e do Barroco, inventariar mitos fundadores e

³³⁵ BURKE, Op. cit., p. 37.

³³⁶ THIÈSSE, Op. cit., p. 89-96.

³³⁷ ABREU, Márcia. Letras, Belas-Letras, boas letras. In: BOLOGNINI, Carmen Zink (org.). *História da literatura: o discurso fundador*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003. p. 48.

velhos autores, assim como construir uma narrativa coesa de nação, estabelecendo uma continuidade na história de sua literatura ao longo dos tempos.³³⁸

Atentos às exigências e possibilidades do mercado editorial, alguns livreiros-editores parisienses decidiram investir no novo gênero. Já em 1811, L.-G. Michaud deu início à publicação dos nove volumes da *Histoire littéraire d'Italie* (1811-1819), escrita por Pierre-Louis Guiguené, fundador e redator do famoso periódico *Décade philosophique, littéraire et politique*. Na década seguinte, Louis Janet idealizou uma coleção de historiografias literárias composta por vinte volumes, mas somente três vieram, de fato, a lume: o *Résumé de l'histoire de la littérature française* (1825), de um autor anônimo, o *Résumé de l'histoire de la littérature allemande* (1826), do tradutor e futuro diplomata François-Adolphe Loève-Veimars, e, por fim, o *Résumé de l'histoire de la littérature italienne* (1826), de Francesco Saverio Salfi. Foi provavelmente o projeto não finalizado de Janet que inspirou Lecoq et Durey a publicarem uma história da literatura em língua portuguesa, intitulada *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826), cuja redação trouxe a assinatura de Ferdinand Denis. Escrevendo após o episódio do grito do Ipiranga e, sobretudo, a data de 29 de agosto de 1825 – quando a Europa enfim reconheceu a autonomia brasileira, com a assinatura do já mencionado Tratado do Rio de Janeiro –, o autor francês procurou trazer para o plano das letras esses novos acontecimentos políticos. Por isso, seu livro possui duas partes, uma primeira dedicada à produção literária portuguesa e uma segunda consagrada à brasileira.

Pouco tempo antes, Friedrich Bouterwek e Simonde de Sismondi – autores de *Geschichte der portugiesischen poesie und beredsamkeit* (1805) e *De la littérature du Midi de l'Europe* (1812), nessa ordem – já haviam tratado de Portugal e do Brasil em suas respectivas histórias literárias, mencionando, ainda que de maneira breve, nomes como os de Cláudio Manuel da Costa, Antônio José e Silva Alvarenga.³³⁹ Mas, como publicaram seus textos antes de 1822, ambos evidentemente apresentaram os escritores nascidos no Brasil junto aos portugueses. Também em 1826 surgiu o primeiro volume da antologia *Parnaso Lusitano, ou poesias seletas de autores portugueses antigos e modernos*, na qual Almeida Garret inseriu o seu famoso *Bosquejo da história da língua e poesia portuguesa*.

³³⁸ OLIVEIRA, Luiz Eduardo. Nações em confronto: as histórias literárias e as literaturas comparadas no século XIX. *Revista Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC)*, São Paulo, n. 14, 2009, p. 108. Disponível em <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/issue/view/14/showToc>>. Acesso em 24 fev. 2020.

³³⁹ O quarto volume da obra de Bouterwek é dedicado à literatura portuguesa, tema igualmente dos capítulos XXXVI a XL do livro de Sismondi.

Adotando uma perspectiva americanista, avaliou os escritores brasileiros segundo suas habilidades de representar o cenário nacional – daí a atenção concedida por ele às descrições de paisagens tipicamente tropicais, repletas de árvores frondosas, rios caudalosos e animais exóticos.³⁴⁰ Mesmo assim, não deixou de seguir os mesmos caminhos trilhados por Bouterweck e Sismondi, listando os brasileiros ao lado dos portugueses. Denis, portanto, deu um passo adiante em relação a seus predecessores. Ao separar os autores originários em Portugal daqueles que haviam nascido do outro lado do Atlântico, na antiga colônia lusitana, não mais admitiu os dois conjuntos como uma mesma unidade, reconhecendo maior autonomia à produção literária brasileira.

Ao longo deste capítulo, mostraremos que as prescrições de Denis encontradas no *Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* – doravante apenas *Résumé* – serviram como uma luva aos desejos, nutridos pela elite brasileira, de credenciar o Brasil como uma nação digna desse nome. Por isso, deste lado do Atlântico, sua recepção tem se afastado, em grande medida, dos propósitos explicitados pelo próprio autor (na introdução e ao longo dos capítulos), assim como das análises feitas pela crítica francesa coetânea (nos jornais e revistas parisienses). Antes disso, porém, analisaremos outra obra de sua autoria, *Scènes de la nature sous les tropiques* (1824), na qual Denis apresentou pela primeira vez suas percepções acerca da produção literária em terras tropicais e da relação entre espaço geográfico e criação artística.

3.1. A natureza tropical a serviço da literatura

Scènes de la nature sous les Tropiques et de leur influence sur la poésie, suivies de Camoens et Joze Indio veio a lume no ano de 1824, por Louis Janet, um livreiro-editor parisiense especializado em almanaques, anuários e outros tipos de publicações seriadas.³⁴¹ Luxuosamente encadernada em meio-couro, com gravações em dourado em sua lombada, a obra possui formato in-8º., 43 capítulos e cerca de 515 páginas. Desse total,

³⁴⁰ ZILBERMAN, Regina. Administrando a literatura por meio da história: Ferdinand Denis, Almeida Garrett e a literatura brasileira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 97-111, set. 1990.

³⁴¹ SOUZA, Rafael Barbosa. *Camões e José Índio, de Ferdinand Denis*: tradução e apresentação crítica. Porto Alegre. Instituto de Letras, 2013. p. 18. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95006/000916363.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 24 fev. 2020.

aproximadamente a metade se consagra à exposição das ideias do autor, “relembra[ndo] a influência da natureza sobre a imaginação dos homens que vivem nos países quentes” e, ao mesmo tempo, “da[ndo] a conhecer aos europeus o partido que eles podem tirar das grandes cenas a respeito das quais têm, na maioria das vezes, apenas uma ideia imperfeita”.³⁴² A outra metade reproduz três narrativas ficcionais, todas assinadas pelo francês, de tamanho e conteúdo diversificado: “Les Machakalis”, uma história de amor com temática indianista de 65 páginas, “Palmarès”, que retrata o conhecido episódio quilombola que ocorreu na antiga Capitania de Pernambuco, com 96 páginas, e “Camoens et Joze Indio”, uma biografia ficcionalizada sobre os últimos anos do poeta português, com 100 páginas, que encerra o volume.

No prefácio à obra, Denis defendeu que as relações estabelecidas entre a Europa e outras partes do globo deveriam ir além do aspecto puramente comercial, compreendendo as trocas culturais, sobretudo no domínio da literatura. Dito de outro modo, já que algumas regiões distantes desse continente abasteciam seu mercado com produtos variados, enviando desde matérias-primas a artigos exóticos, por que não poderiam exportar igualmente seus cenários para serem utilizados como fonte de inspiração para os autores europeus? Ao descrever as paisagens tropicais, partindo de sua própria experiência no Brasil ou dos relatos de outros viajantes para outras partes do globo, ele pretendia, dessa forma, contribuir para enriquecer a produção cultural da Europa, fornecendo “uma espécie de manual literário que poderia ser consultado por aqueles que desejassem receber [as] inspirações poéticas” vindas dos trópicos³⁴³, como revela a passagem a seguir:

Desde algum tempo, a literatura parece querer tirar proveito dessas comunicações contínuas estabelecidas entre as nações mais distantes. Começa-se a perceber que é tão importante conhecer os pensamentos dos homens quanto as produções de seus territórios [...]. O europeu demanda, portanto, ao viajante, que lhe retrate os efeitos de uma natureza ainda virgem, os fenômenos produzidos pelo clima e todas as impressões morais que são seus resultados. [...] As viagens tão difundidas nos dias de hoje e a perfeição do estilo de alguns viajantes têm engrandecido o

³⁴² No original: “rappeler l’influence de la nature sur l’imagination des hommes qui vivent dans les pays chauds” et “faire connaître aux Européens le parti qu’ils peuvent tirer des grandes scènes dont ils n’ont souvent qu’une idée imparfaite”. DENIS, Ferdinand. *Scènes de la nature sous les tropiques, et leur influence sur la poésie, suivies de Camões et Jozé Indio*. Paris: Louis Janet. p. iii.

³⁴³ FERREIRA, Raul Azevedo de Andrade. *Raízes românticas de uma ciência da literatura: Denis, Romero e o discurso da crítica literária Oitocentista brasileira*. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2016. p. 47.

domínio da literatura. As pinturas que se encontram em nossas poesias são mais brilhantes e animadas.³⁴⁴

A epígrafe reproduzida na página de rosto, extraída de Alexander von Humboldt, não deixa dúvidas quanto à relevância das reflexões feitas pelo naturalista para o desenvolvimento da obra: “não podemos duvidar que o clima, a composição do solo, a fisionomia dos vegetais, o aspecto de uma natureza risonha ou selvagem influenciem no progresso das artes e no estilo que distingue suas produções”,³⁴⁵ lemos em uma passagem de *Vues des Cordillères, et monuments des peuples indigènes de l’Amérique* (1808). Nesse último livro, Humboldt se debruçou sobre alguns sítios arqueológicos e objetos artísticos deixados pelos nativos americanos, desde bustos de autoridades religiosas astecas, relevos em basalto representando o calendário mexicano, aos monumentos de Xochicalco e as ruínas de Callo, analisando-os em paralelo aos aspectos físico-geográficos das regiões onde eles se encontravam. Para justificar tal procedimento, afirmou que os povos distantes da civilização se mostrariam particularmente suscetíveis à influência do ambiente, de modo que, “para bem conhecer as origens das artes, é necessário estudar a natureza do local que as viu nascer”.³⁴⁶

Outra importante referência humboldtiana utilizada por Denis na escrita de *Scènes* foi a obra *Tableaux de la Nature* (1808). Trata-se de um dos maiores sucessos do autor nascido no território hoje conhecido como Alemanha, publicado pouco tempo após o retorno de sua expedição pela América Central, a fim de “fazer o leitor sentir uma parte do prazer que sente um espírito comovido pela contemplação da natureza”.³⁴⁷ Nesses quadros, Humboldt procurou conciliar os vastos conhecimentos que adquirira enquanto naturalista,

³⁴⁴ No original: “Depuis quelque temps, la littérature semble vouloir profiter de ces communications continuelles établies entre les nations les plus éloignées. On commence à sentir qu’il est aussi important de connaître les pensées des hommes que les productions de leur territoire. [...] L’Européen demande donc au voyageur de lui retracer les effets d’une nature encore vierge, les phénomènes produits par le climat, et toutes les impressions morales qui en sont le résultat. Les voyages si répandus aujourd’hui, et la perfection du style de quelques-uns d’entre eux, ont agrandi le domaine de la littérature. Les peintures qu’on rencontre dans nos poésies sont plus brillantes et plus animées”. Cf. DENIS, Ferdinand. *Scènes de la nature sous les tropiques, et leur influence sur la poésie, suivies de Camões et Jozé Indio*. Paris: Louis Janet. p. i-iv.

³⁴⁵ No original: “On ne saurait douter que le climat, la configuration du sol, la physionomie des végétaux, l’aspect d’une nature riante ou sauvage, n’influent sur le progrès des arts et sur le style qui distingue leurs productions”. HUMBOLDT, Alexander von. *Vues des Cordillères, et monuments des peuples indigènes de l’Amérique*. Collection Œuvres de Humboldt. V. VI. Paris: Legrand, Pomey et Crouzet, 1869. p. 23.

³⁴⁶ No original: “pour bien connaître les origines des arts, il faut étudier la nature du site qui les a vus naître”. Loc. cit.

³⁴⁷ No original: “faire éprouver au lecteur une partie de la jouissance que ressent un esprit émue par la contemplation de la nature”. Cf. HUMBOLDT, Alexander von. *Tableaux de la nature, ou considérations sur les déserts, la physionomie des végétaux, et sur les caractères de l’Orénoque*. Traduction par J. B. B. Euriès. T. I. Paris: F. Schoell, 1808. p. VIII.

descrevendo em minúcias aspectos da botânica, da zoologia e da mineralogia desses territórios, mas cultivando uma linguagem poética que poderia facilmente agradar. Além disso, conforme resumiu Ricotta, foi ali que defendeu pela primeira vez a ideia de que “a ‘expressão característica’ (‘bezeichnenden Audruckes’) de determinado território [estaria] circunscrita à intensidade de afecções produzidas pela ‘fisionomia’ dos lugares”, a qual, por sua vez, dependeria de fatores como “conformidade entre variedade e uniformidade da vegetação, contraste e harmonia das plantas, escalas relativas das massas orgânicas”.³⁴⁸

As repercussões de tais teorias se fazem sentir desde as primeiras páginas de *Scènes*. Com efeito, já no começo fica nítido o empenho de Denis em demonstrar de que forma a poesia tropical estaria condicionada pelo clima tórrido e pela natureza prodigiosa dessas regiões. Segundo o autor, as altas temperaturas ali encontradas predisporiam os indivíduos à indolência e à meditação, gerando uma criação literária contemplativa por excelência: “a poesia nasce em pouco tempo de uma calma habitual e da necessidade do homem de ocupar seus pensamentos quando o corpo se entrega ao repouso sem saborear o sono”.³⁴⁹ Por isso, contrariamente aos europeus, os habitantes nos Trópicos dariam maior vazão à imaginação em detrimento da técnica, o que permitiria que mesmo aqueles com pouca instrução compusessem poemas. Quanto à paisagem tropical, com toda sua pujança e esplendor, ela estimularia de forma espontânea a criatividade artística. As rochas excêntricas, as noites estreladas, os rios caudalosos e os mares de águas límpidas, tudo seria, na opinião de Denis, capaz de excitar o ânimo criador.³⁵⁰

Embora a concepção relativa ao condicionamento da expressão artística (e, portanto, da produção poética) à lógica espacial do território de sua criação tenha sua origem em Humboldt, a principal matriz referencial de *Scènes* parece ter sido a obra *Génie du christianisme, ou beautés de la religion chrétienne* (1802), de François-Auguste Chateaubriand – sobretudo o quinto livro da terceira parte, intitulado “Harmonies de la Religion Chrétienne avec la nature et les passions du cœur humain”, na qual foi incluída a famosa narrativa indianista “Atalá”. Ambientada na colônia francesa de Luisiana, nos

³⁴⁸ RICOTTA, Lucia. A constelação espacial das cenas de origem em *Scènes de la Nature*, de Ferdinand Denis. *Revista Usp*, São Paulo, n. 91, p. 112-124, set.-nov. 2011. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/34856/37594>>. Acesso em 24 fev. 2020.

³⁴⁹ No original: “la poésie naît bientôt d’un calme habituel et de la nécessité où est l’homme d’occuper ses pensées quand le corps se livre au repos sans goûter le sommeil”. Cf. DENIS, Ferdinand. *Scènes de la nature sous les tropiques, et leur influence sur la poésie, suivies de Camões et Jozé Indio*. Paris: Louis Janet. p. 3

³⁵⁰ BATISTA, Eduardo Luis Araújo de Oliveira. *Poética da representação cultural - relações entre viagem e tradução na literatura brasileira*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010.

Estados Unidos, após o ano de 1725, ela conta a história do amor desventurado vivido entre o natchez Chactas, filho adotivo de um espanhol, e Atalá, uma jovem nativa mestiça criada segundo os preceitos do catolicismo. Para manter-se virgem, cumprindo a promessa feita por sua mãe antes mesmo de seu nascimento, ela decide resistir à forte paixão que sente por Chactas e se suicida, ingerindo veneno. Essa “*épopée do homem da natureza*”,³⁵¹ segundo as palavras de seu próprio autor, possui um evidente conteúdo moralizador: em primeiro lugar, porque defende a ideia que a fé cristã constituiria uma ferramenta útil no controle das paixões humanas (já que é por meio dela que se acalmam as angústias de Atalá em seu leito de morte), em segundo, porque mostra a capacidade do homem civilizado de controlar a natureza (como exemplificado na figura do padre Aubry, o missionário francês cujo desejo de catequizar os indígenas permite-lhe vencer a hostilidade da terra e a falta de recursos para fundar uma vila no meio da floresta), e, em terceiro, porque argumenta que cada paisagem induziria a um determinado comportamento humano (uma vez que, quanto mais adentra no seio da floresta, mais Atalá tem dificuldade de controlar seus sentimentos e impulsos).

Em *Scènes*, Denis descartou as teorias apresentadas por Chateaubriand a respeito das belezas do cristianismo, abraçando apenas os dois últimos ensinamentos morais trazidos em “Atalá”. Isso se torna claro, sobretudo, entre os capítulos XV e XIX, quando se pôs a discorrer sobre os impactos da entrada dos europeus nas Américas. Em “*Changements qu’amènera nécessairement la civilisation dans le caractère poétique du paysage*”, em um discurso marcadamente contrário às preocupações ambientalistas que nos são contemporâneas, defendeu a derrubada das imensas florestas tropicais para favorecer a expansão das atividades agrícolas, embora lamentando que “a luta que se estabelece entre a indústria e a vegetação sem arte não mais satisfaz os olhos. Que há de mais triste, com efeito, do que árvores abatidas, não distantes de florestas primitivas?”.³⁵² Em “*Impressions morales des campagnes*”, protestou veementemente contra a dizimação dos nativos em tais regiões, dizendo: “Oh! Como seria doce percorrer as florestas do Novo Mundo, se nossos ancestrais não as tivessem contaminado com tantos crimes! Como a natureza se

³⁵¹ No original: “*épopée de l’homme de la nature*” (grifos do autor). Cf. CHATEAUBRIAND, François-Auguste. Préface de la première édition d’*Atala*. Disponível em <<http://visualiseur.bnf.fr/CadresFenetre?O=NUMM-101357&M=tdm>>. Acesso em 24 fev. 2020.

³⁵² No original: “la lutte qui s’établit entre l’industrie et la végétation sans art, ne satisfait point les yeux. Quoi de plus triste en effet que des arbres abattus, non loin de forêts primitives?”. DENIS, Ferdinand. *Scènes de la nature sous les tropiques, et leur influence sur la poésie, suivies de Camões et Jozé Indio*. Paris: Louis Janet. p. 119.

embelezaria aos nossos olhos se os bons feitos nos houvessem precedido!”.³⁵³ Em “Les Américaines”, argumentou que a existência das indígenas ganharia uma dimensão ainda mais dolorosa caso elas se apaixonassem por europeus, citando a célebre história de Moema, abandonada por Diogo-Correa, para ilustrar seu ponto de vista.

Esse último capítulo se localiza imediatamente antes da narrativa “Les Machakalis”, cujo enredo gira em torno de Kumuraí, um jovem maxacalis que foi enviado pelo pai para ser criado com os brancos, junto aos quais aprendeu a língua portuguesa e arte equestre. A experiência marca-o profundamente, pois ele se sente deslocado entre os forasteiros, não se identificando com a falta de mobilidade da vida longe da floresta, mas, ao mesmo tempo, também não fica mais à vontade entre seus antigos companheiros. Sozinho entre dois mundos, apaixona-se pela filha do ouvidor, uma portuguesa chamada Helena, que logo corresponde aos sentimentos do maxacalis ao se dar conta da nobreza de seu caráter. Na esperança de um casamento com a moça, Kumuraí parte com seus mais bravos guerreiros em uma perigosa jornada em busca de metais preciosos e se converte ao catolicismo, abandonando definitivamente os deuses de seus antepassados. Mas a avareza e o preconceito do pai da moça impedem o jovem casal de se unir. Helena opta por se retirar para um convento e Kumuraí, cada vez mais atormentado por conta desse amor impossível, retorna com os seus para o seio da floresta virgem, prometendo lhes ensinar a cultivar a terra, conforme aprendera com os brancos.

Lida na sequência em que aparece dentro de *Scènes*, a história de Kumuraí se transforma em um exemplo de fácil compreensão para os leitores francófonos das desvantagens trazidas na conquista das Américas. Com efeito, ela aponta que os maxacalis não tardariam a desaparecer, porque o contato com os brancos gera mortes, traumas e novos vícios, piorando ainda mais a já precária situação dessa comunidade indígena. Até mesmo o personagem principal muda de negativamente com tal vivência, uma vez que passa a se diferenciar de seus semelhantes e a se sentir deslocado entre eles. A situação se deteriora ainda mais com a chegada do pai de Helena, na medida em que, por conta de sua ambição, é ele quem impede o jovem casal de se unir. Assim, o primeiro ensinamento transmitido pela narrativa seria que os europeus (e, sobretudo, os portugueses) teriam muito a aprender com os nativos brasileiros, em especial quanto à irrelevância dos bens materiais para o aprazimento humano e quanto ao real significado da bravura:

³⁵³ No original: “Oh! qu’ils serait doux de parcourir les forêts du nouveau monde, si nos ancêtres ne les avaient pas souillées de tant de crimes! Que la nature s’embellirait à nos yeux si des bienfaits nous avaient précédés!”. Ibidem, p. 122.

A história desses povos ofereceria sem dúvida tristes lições à Europa. Nela se poderia ver a felicidade de cem nações, ainda no estado de inocência, sacrificadas ao amor das riquezas, e a verdadeira coragem vencida pelos mais negros artifícios.³⁵⁴

Embora condene veementemente a ganância desmedida dos brancos e a exploração do elemento indígena na sociedade colonial, “Les Machakalis” não deixa de apontar, como benefício da aculturação do nativo brasileiro, o domínio da agricultura. Conforme notou Bruyas, ao levar seu herói a dar as costas tanto à vida nas vilas portuguesas quanto aos hábitos errantes, Denis sugeriu uma alternativa (bastante utópica, diga-se de passagem) para conciliar a sobrevivência dos povos autóctones e o desenvolvimento socioeconômico brasileiro: “instalados à beira das florestas e das planícies cultiváveis, os índios conservariam, com o habitat silvestre, uma parte dos costumes que lhes são inerentes”, mas mantendo “distância suficiente para desencorajar as tentativas de exploração”.³⁵⁵ Segundo o pesquisador, ainda que idealista quanto ao futuro reservado aos nativos, graças à sua incursão pelo interior do território, Denis teria pintado esses últimos com tintas mais próximas à realidade. Assim, “os maxacalis não são nem bons, nem selvagens; são – em meio a outras tribos que não se parecem com eles em tudo – índios do Brasil português, no final do terceiro século da conquista”,³⁵⁶ do mesmo modo como Kumuraí não possui poderes supra-humanos – como seria recorrente em narrativas indianistas posteriores, principalmente sob a pena de Alencar –, apresentando comportamentos contraditórios, escolhas equivocadas e até mesmo acessos de raiva.

Bruyas também foi o primeiro a assinalar a existência de uma série de paralelos entre as narrativas “Les Machakalis” e “Atalá”, a exemplo do forte “exotismo romântico” de ambas, ou de seus desfechos, marcados pelo triunfo dos brancos sobre os indígenas, pela fuga/morte do objeto amado e pelo futuro de grande sofrimento destinado aos protagonistas.³⁵⁷ Em seu “Journal de mon voyage au Jequitinhonha”, quando descreveu seu encontro com uma jovem maxacalis chamada Rosinha, o próprio Denis já declarara que ali haveria uma história ficcional a ser explorada por algum romancista habilidoso:

³⁵⁴ Idem. *Os Maxacalis*. Tradução de Maria Cecília de Moraes Pinto. Edição crítica com introdução, notas e apêndices de Jean-Paul Bruyas. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979. p. 3.

³⁵⁵ BRUYAS, Op. cit., p. CXV.

³⁵⁶ Ibidem, p. XCV.

³⁵⁷ Ibidem, p. LII e CXLIX. Ver a esse respeito também: ROUANET, Op. cit., p. 262; PINTO, Maria Cecília de Moraes Pinto. A sedução das Américas. *Lettres françaises*, São Paulo, n. 3, p. 81-93, 1999. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/794/654>>. Acesso em 24 fev. 2020.

Entre esses selvagens semicivilizados, encontrei uma nova Atalá, a filha de um português e de uma indígena, menos pura, porém, do que a heroína do Sr. Chateaubriand. Duvido que Rosinha teria resistido aos encantos de um jovem Chactas. Sua figura, sem ser bela, não deixa de ter uma expressão bastante agradável: exercitem-se, senhores romancistas, pintem-nos esta jovem selvagem apoiada por sua virtude lutando contra o amor de um jovem Botocudo.³⁵⁸

Existem ainda outras semelhanças estruturais entre as narrativas indianistas criadas por Chateaubriand e Denis. A primeira delas consiste na multiplicação do foco narrativo devido à presença de vários narradores: em “Atalá” temos no Prólogo um narrador-onisciente (um estrangeiro), na Narração, um narrador-personagem (Chactas, já idoso, que conta seus infortúnios a um francês chamado Renato), no Epílogo, um narrador-onisciente (novamente o estrangeiro, que dessa vez explica que viajara havia pouco à América, onde conhecera uma moça por meio de quem teve contato com a história de Chactas e Atalá) e um narrador-personagem (a filha de Renato); em “Machakalis”, três narradores se intercalam constantemente ao longo do texto, sendo um narrador-onisciente (um estrangeiro) e dois narradores-personagens (Kumuraí, o protagonista, e um português, a quem esse último confia seus sofrimentos no decorrer da viagem feita por ambos de Canavieiras a Belmonte, e que, posteriormente, relata esses eventos para o primeiro narrador). Tal qual a confecção de uma colcha de retalhos, a construção das duas narrativas se trata de um trabalho de várias mãos, ganhando forma apenas por meio da junção de pequenas partes que, quando unidas, formam um todo coeso.

Outro ponto comum é a presença de narrativas menores que se inserem no interior da narrativa principal e a ela se subordinam, o que Todorov designa como técnica do encaixe.³⁵⁹ Em “Atalá”, a narrativa maior (ou, usando a denominação do filósofo russo, a narrativa encaixadora) corresponde à narrada pelo estrangeiro em primeira e, depois, em terceira pessoa. Há não apenas uma, mas duas narrativas menores (ou, para manter a terminologia de Todorov, narrativas encaixadas): a primeira se refere à Narração, partindo do ponto de vista de Chactas, e a segunda ao restante do Epílogo, adotando a perspectiva da filha de Renato. Em “Maxacalis”, a relação se torna diferente em virtude da existência

³⁵⁸ No original: “Parmi ces sauvages à moitié civilisés, j’ai trouvé une nouvelle Atala, la fille d’un Portugais et d’une Indienne, toutefois moins chaste que l’héroïne de Mr. Chateaubriand. Je doute que Rosine ait résisté aux charmes d’une jeune Chactas. Sa figure, sans être belle, ne manque pas d’une expression assez agréable: exercez-vous, messieurs les romanciers, peignez-nous cette jeune sauvage soutenue par sa vertu luttant contre l’amour d’une jeune Botocudo”. Cf. ORSONI, Op. cit., 11/08/1819.

³⁵⁹ TODOROV, Tzvetan. Os Homens-Narrativa. In: TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução Leila Perrone-Moysés. 4ª. edição. Coleção Debates, n. 14. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 119-134.

de três níveis, correspondendo um ao relato de Kumuraí, outro ao do jovem português e outro ainda àquele do estrangeiro. Assim, o primeiro encaixa em seu interior o segundo, o qual, por sua vez, acomoda o terceiro, em uma arquitetura narratológica que lembra a *matryoshka*, a boneca russa que guarda várias outras menores dentro de si.

De acordo com Todorov, a narrativa encaixada frequentemente serve de argumento para a narrativa maior dentro da qual se insere, ajudando a justificar o comportamento de uma personagem, a defender seu ponto de vista sobre determinado assunto ou mesmo a explicar algum acontecimento da intriga. A narrativa encaixada, por sua vez, não desempenha uma função menos importante, pois legitima o conteúdo apresentado pela narrativa encaixadora, atuando como um documento que atesta, reconhece e valida aquela à qual se subordina. Assim, a técnica do encaixe tem a função de guiar a leitura, ensinando os leitores como devem apreender o conteúdo da narrativa encaixadora e os convencendo, por meio da narrativa encaixada, da autenticidade daquilo que leem.³⁶⁰ As narrativas encaixadas e encaixadoras no interior de “Atalá” e de “Maxacalis” não fogem à regra: no primeiro caso, elas mostram a força do cristianismo na luta contra a ignorância e as paixões humanas, enquanto, no segundo, que seria vantajosa (para ambos os lados) uma aproximação entre europeus e nativos americanos.

Na sequência, partindo dos relatos deixados por outros viajantes, Denis analisou paisagens de outras partes do globo, desde territórios da África Ocidental e Mediterrâneo a algumas ilhas do Oceano Pacífico. Nos capítulos XX e XXII, intitulados, respectivamente, “L’Afrique. Comparaison du caractère poétique de l’Africain et de l’Américain” e “Les noirs, leur poésie”, retomou as ideias apresentadas em *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume* quanto à suposta predisposição dos negros para a dança e a música, afirmando mais uma vez que ambas as expressões artísticas seriam utilizadas pelos escravos brasileiros na tentativa de apaziguar seus sofrimentos decorrentes da vida em cativeiro e da saudade da pátria. Os capítulos XXIV a XXXIV trazem a narrativa histórica “Palmarès”, protagonizada por Zumbi (ou Zombé, como escreveu o autor francês), relatando de forma ficcional a resistência negra à escravidão na época do Brasil colonial. Conforme notou Brzozowski, Denis pode ter se inspirado no Concurso de Poesia de 1823, realizado pela Academia Francesa de Letras, sob o tema “L’abolition de la traite des Noirs” (em português, “A abolição do tráfico dos

³⁶⁰ Ibidem.

negros”).³⁶¹ Dele participaram 140 poetas, sendo o prêmio principal concedido à obra “Néali, histoire”, de Victor Chauvet. Agraciada com uma menção honrosa, a escritora Anne Bignan publicou, no ano seguinte, seu poema *L’Abolition de la traite des noirs. Épitre aux souverains de l’Europe rassemblés au Congrès de Vienne*, aproximadamente na mesma época em que Martial Barrois e Édouard Corbière trouxeram à luz, respectivamente, *La Traite des noirs*³⁶² e *Élégies brésiliennes, suivies de poésies diverses et d’une notice sur la traite des noirs*³⁶³ – o que mostra o interesse, por parte dos leitores franceses, pela temática da escravidão negra à época do lançamento de *Scènes*. Ainda sobre os 140 poemas do concurso, Hoffman assinalou que, no lugar de indivíduos com características próprias, os africanos foram ali retratados como vítimas de abusos, faltando, em todas essas produções, elementos referenciais capazes de particularizar as diferentes culturas negras:

Nenhum dos poetas – rimadores, sobretudo – que trataram do assunto celebrou a “negritude”. As vítimas negras cujos sofrimentos eles descrevem são puros Bons Selvagens [...]. Bons pais e bons maridos, mães afetuosas e amantes dedicadas, os negros do concurso pensam como os europeus letrados. De negra eles têm só a pele, do africano, a nostalgia de uma natureza generosa na qual o homem pode viver em virtude. [...] Os mesmos *leitmotiven* ali se encontram [nesses poemas]: condenação do luxo e da cobiça, denúncia do açúcar e do café que escravos regaram com sangue, suor e lágrimas, igualdade fundamental dos homens filhos de um mesmo Pai etc.³⁶⁴

Não escapando à voga do momento, Denis criou um Zumbi dos Palmares com características palidamente africanas,³⁶⁵ embora muito heroicas. Durante toda a narrativa, o protagonista se encontra dividido entre seus dois grandes amores, tendo, de um lado, a liberdade e, de outro, Zara, a filha do chefe de Anobo. Ainda na África, procura alertar

³⁶¹ BRZOZOWSKI, Op. cit., p. 126.

³⁶² HOFFMANN, Léon-François. *Le Nègre Romantique: personnage littéraire et obsession collective*. Collection Le regard de l’histoire. Paris: Les Éditions Payot, 1973. p. 222. Disponível em <http://classiques.uqac.ca/contemporains/hoffmann_leon_francois/negre_romantique_livre/negre_romantique_e_personnage.pdf>. Acesso em 24 fev. 2020.

³⁶³ COUBIÈRE, Édouard. *Élégies brésiliennes, suivies de poésies diverses et d’une notice sur la traite des noirs*. Paris: Brissot-Travars et Plancher, 1823.

³⁶⁴ No original: “Aucun des poètes – des rimailleurs, plutôt – qui ont traité le sujet n’a célébré la ‘négritude’. Les victimes noires dont ils décrivent les souffrances sont de purs Bons Sauvages [...]. Bons pères et bons époux, mères affectueuses et amantes dévouées, les Nègres du concours raisonnent en Européens lettrés. De noir ils n’ont que la peau, d’Africain que le regret d’une nature généreuse où l’homme peut vivre dans la vertu [...]. Les mêmes leitmotive s’y retrouvent [dans ces poèmes]: condamnation du luxe et de la cupidité, dénonciation du sucre et du café que les esclaves ont arrosés de sang, de sueur et de larmes, égalité fondamentale des hommes fils d’un même Père, etc”. Cf. HOFFMANN, Op. cit., p.223.

³⁶⁵ Com efeito, os ecos da África se fazem sentir na narrativa somente em algumas passagens que descrevem, brevemente, as festividades, as danças, os instrumentos musicais e os costumes religiosos dos negros no Brasil.

seus companheiros dos perigos de uma invasão liderada pelos brancos, mas seus avisos acabam ignorados. Na festa de Assará, o deus da terra, a comunidade sofre um violento ataque, cujos resultados desastrosos incluem a morte dos idosos e a prisão dos membros mais jovens. Excelente guerreiro, Zumbi pode facilmente se safar, contudo, ele desiste de qualquer confronto ao descobrir que sua amada caíra prisioneira nas mãos dos traficantes. Transportado ao Brasil, onde é comprado por um fazendeiro da região de Olinda, conquista a admiração de todos, sobretudo depois de ter lutado contra um jaguar. Tempos mais tarde, durante a festa da colheita, descobre que Zara havia fugido para o norte. Disposto a procurá-la, parte dando início a uma longa jornada pessoal e, ao mesmo tempo, a uma corajosa luta contra o sistema da escravidão. Os oráculos o aconselham a seguir em direção a Palmares, onde ele conquista o posto de novo líder, depois de vencer uma batalha contra um oponente desonroso. A paz logo é interrompida com a primeira investida dos portugueses contra os quilombolas, que resistem graças à liderança excepcional de Zumbi. Quando seus inimigos oferecem Zara em troca da rendição de Palmares, ele faz provas de toda a grandeza de seu caráter, não permitindo que a paixão da juventude predomine sobre seus deveres como chefe. Ao final, Zumbi casa-se com Mery, com quem tem um filho, e morre heroicamente defendendo o quilombo que ajudara a edificar:

“Escute, Mery, disse-lhe pressionando-a sobre seu coração [...], prometa-me, se um filho nascer de nossa união, de lembrá-lo de um esposo cujo maior desespero é o de ter te feito infeliz; diga-lhe que o poder não lhe trouxe nenhuma felicidade, que não se arrependerá dele, mas que não pode viver na escravidão. E, quando ele souber entender, quando uma lágrima cair de seus olhos, dê-lhe esse beijo. É o único bem que pode lhe enviar seu pai”. Enquanto ele dizia tais palavras, o ruído parecia se aproximar, o canhão soava com mais força, os gritos expressavam mais pavor. Mery reteve algum tempo seu marido, enlaçando-o em seus braços, mas ele escapou subitamente, subiu a rocha que se encontrava no centro da vila, lançou os olhos para o céu, pronunciou o nome de Palmares e se precipitou: “Você ensina-nos a morrer”, gritaram os líderes, e eles o imitaram aos olhos de seus vencedores, aterrorizados com essa nobre dedicação.³⁶⁶

³⁶⁶ No original: “Écoute, Mery, lui dit-il en la pressant sur son cœur [...], promets-moi, si un fils naît de notre union, de lui rappeler un époux dont le plus grand désespoir est de t’avoir rendue malheureuse; dis-lui que la puissance ne lui donna point le bonheur, qu’il ne la regretta pas; mais qu’il ne put vivre dans l’esclavage; et quand il saura te comprendre, quand une larme tombera de ses yeux, donnera lui ce baiser, c’est le seul bien que puisse lui envoyer son père”. Comme il disait ces mots, le bruit sembla se rapprocher, le canon retentit avec plus de force, les cris exprimèrent plus d’effroi; Mery retint quelque temps son époux en l’enlaçant de ses bras, mais il s’échappa tout-à-coup, gravit le rocher qui se trouvait au centre de la ville, jeta les yeux vers le ciel, prononça le nom de Palmarès et se précipita: ‘Tu nous apprend à mourir’, s’écrièrent les chefs, et ils l’imitèrent aux yeux de leurs vainqueurs épouvantés de ce noble dévouement”. DENIS, Ferdinand. *Scènes de*

A estrutura de “Palmarès” é composta por uma narrativa encaixada (contendo a história do quilombo e a do triângulo Zumbi-Zara-Mery) e uma narrativa encaixadora (protagonizada por Juan, filho de Zumbi e Mery, que ocupa a função de narrador da narrativa encaixada; e por um jovem estrangeiro, o narrador da narrativa encaixadora). Apesar do final heroico consagrado ao protagonista e de algumas passagens relatarem os sofrimentos vividos pelos negros, dificilmente poderíamos afirmar que o propósito da narrativa fosse o de criticar a escravidão. À exceção dos mais valentes guerreiros do quilombo, que escolhem o suicídio em massa após a tomada das tropas portuguesas, todas as outras personagens retornam à condição anterior, incluindo Zara e Mery. Dessa forma, “o sistema de valores que nos apresenta Denis [...] é feito para satisfazer a todos: deve-se morrer para não sofrer a escravidão, mas somente quando se é um homem excepcional, um herói; homens comuns podem se conformar, sobretudo quando o senhor é bom”.³⁶⁷ Na verdade, a oposição do francês à escravatura decorria não tanto de uma sensibilidade à situação dos negros, mas sim da forte convicção de que o sistema retardaria o desenvolvimento socioeconômico brasileiro, estimulando a ociosidade e, conseqüentemente, inviabilizando investimentos na agricultura. Daí as palavras ditas pelo sábio Adoe a Zumbi, logo após esse último ter se tornado o novo chefe dos quilombolas: “a prosperidade da agricultura é fruto dos maiores esforços que se obtém de um povo recentemente unido. Em sua incerteza, faz sempre uma escolha funesta; vemo-lo buscar conquistas perigosas em vez de forçar a terra a servir às suas necessidades”.³⁶⁸

O volume se encerra com uma narrativa ficcional sobre os últimos anos do poeta lusitano Luís de Camões, à qual Denis deu o nome de *Camões e Jozé Indio*. Individualizada do restante de *Scènes*, como indica o termo *suivies* (em português, “seguidas”) que aparece no título, nem por isso ela deixa de guardar alguns pontos em comum com “Les Machakalis” e “Palmarès”, a exemplo da presença de *flashbacks*, da

la nature sous les tropiques, et leur influence sur la poésie, suivies de Camões et Jozé Indio. Paris: Louis Janet. p. 329-330.

³⁶⁷ No original: “Le système de valeurs que nous présente Denis est [...] conçu pour satisfaire tout le monde: on doit mourir pour ne pas subir l’esclavage, mais seulement quand on est un homme exceptionnel, un héros; le commun des hommes peut bien s’y conformer, surtout quand le maître est bon”. BRZOZOWSKI, Op. cit., p. 129.

³⁶⁸ No original: “Mon fils, la prospérité de l’agriculture est le fruit des plus grands efforts qu’on obtienne d’un peuple nouvellement réuni. Dans son incertitude, il fait toujours un choix funeste, on lui voit chercher de périlleuses conquêtes, au lieu de forcer la terre à servir à ses besoins”. DENIS, Ferdinand. *Scènes de la nature sous les tropiques, et leur influence sur la poésie, suivies de Camões et Jozé Indio*. Paris: Louis Janet, p. 302.

bifurcação do enredo e das descrições detalhadas do espaço narrativo (no caso, a África e a Ásia).³⁶⁹ Entre as principais fontes utilizadas pelo autor francês em seu processo criativo, estiveram as obras do escritor Manuel de Faria e Sousa, de onde ele extraiu as informações sobre a Batalha de Alcácer-Quibir, e também a edição crítica d'*Os Lusíadas* (1817) preparada por Botelho Mourão, na qual se encontra a figura de certo frei José Índio, um suposto companheiro de Camões em seus instantes finais, no Convento das Carmelitas Descalços e Guadalajara.³⁷⁰ Denis, porém, estendeu a participação do religioso na vida do épico para além do leito de morte, iniciando sua narrativa com a volta dos dois amigos do Oriente, para onde o primeiro havia se dirigido com o propósito de fugir de seus sofrimentos amorosos e o segundo, em busca de aventuras. Em Lisboa, Camões procura distrair o amigo, agoniado pelo encontro com a antiga amada, contando-lhe a história de sua vida – sua infância em Coimbra junto a professores que o reprimiam, o amor frustrado que o levou ao exílio, as dificuldades vividas como militar. Mas isso não ameniza as dores de José Índio, que decide partir novamente para as Índias e participar da famosa batalha liderada por D. Sebastião. Alguns anos mais tarde, novamente em Lisboa, o religioso reencontra o amigo no asilo dos pobres. Surpreende-se com sua situação de penúria material e com sua debilidade física, mas Camões não reclama do destino: falece nos braços de José Índio, exortando-o à resignação perante os infortúnio da vida.

3.1.1. A recepção crítica de *Scènes de la nature*

Tanto na França quanto no Brasil a crítica tem se mostrado dividida em relação aos méritos de *Scènes*. Por um lado, há aqueles que atribuem à publicação um papel pioneiro para as letras brasileiras, partindo do princípio de que ela seria destinada aos leitores deste lado do Atlântico. De acordo com Le Gentil, “o grande interesse que tem para nós este livro esquecido, é que ele anuncia, trinta anos antes de José de Alencar, duas

³⁶⁹ SOUZA, Rafael Barbosa. *Camões e José Índio, de Ferdinand Denis*: tradução e apresentação crítica. Porto Alegre. Instituto de Letras, 2013, p. 28. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95006/000916363.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 24 fev. 2020.

³⁷⁰ Ibidem, p. 32-34.

grandes correntes da literatura brasileira: o romance indiano e o romance abolicionista”.³⁷¹ Em consonância com o autor francês, Antonio Candido disse que a obra constituiria “um marco na formação de nosso Romantismo”, devido à “exploração da natureza brasileira como fonte de novas emoções, e o desejo de abordar os temas brasileiros como matéria literária”. Em suas páginas encontraríamos “pela primeira vez um tratamento sistemático das impressões despertadas pela natureza do Brasil, com intuito puramente literário”, sendo “*Les Machakalis*”, por esse motivo, “a primeira tentativa de ficção indianista”.³⁷²

Por outro lado, há aqueles que acreditam que somente o livro seguinte de Denis, o *Résumé de l’histoire littéraire de Portugal, suivie du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil*, visaria ao público brasileiro – uma reorientação que, segundo tais pesquisadores, teria sido motivada pela acolhida pouco favorável a *Scènes* na França. O precursor de tal leitura parece ter sido Paul Hazard, o qual afirmou, em 1928, a respeito da primeira publicação: “já não se dirigia ele [Denis] aos letrados franceses, os quais pouco se podiam utilizar de uma natureza que não viam, sequer nos livros em que ele a descrevera. Dirigia-se, desta vez, aos brasileiros. Dava-lhes [...] um verdadeiro programa literário.”³⁷³ Sua análise foi retomada por diversos autores,³⁷⁴ principalmente Rouanet. Tomando como evidência uma crítica sobre *Scènes* escrita por Sainte-Beuve, nas páginas do *Le Globe*, ela declarou que “as incompreensões” da obra junto ao público francês “acabaram funcionando como uma espécie de *turning point* a partir do qual, pode-se dizer, teve início a carreira propriamente ‘brasilianista’ de seu autor”. Por isso, daquele momento em diante, “a sua tarefa vai ser a de fornecer aos brasileiros os princípios a partir dos quais estes deveriam desenvolver a sua própria literatura e, juntamente com isto, revelar-lhes o Brasil que deveria ser visto”.³⁷⁵

O artigo de Sainte-Beuve a que se refere Rouanet foi difundido em 12 de dezembro de 1824.³⁷⁶ Bastante rigoroso em sua análise, o crítico repreendeu Denis por sua falta de nitidez em algumas passagens, assim como por seu estilo “tenso demais e

³⁷¹ LE GENTIL, Georges. Ferdinand Denis, iniciador dos estudos portugueses e brasileiros. *Biblios*, Coimbra, jul.-ago. 1928. p. 308.

³⁷² CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos 1750-1880*, Op. cit., p. 293.

³⁷³ HAZARD, Op. cit.

³⁷⁴ Diversos estudos poderiam ser mencionados nesse sentido, a exemplo de: CASTELLO, José Aderaldo. *As manifestações literárias do período colonial*. 3ª. edição. São Paulo: Cultura, 1960, p. 233; LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & A afirmação do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 130-131?; MARTINS, Wilson. *Pontos de vista: crítica literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992, p. 151; BATISTA, Op. cit., p. 46; FERREIRA, Op. cit., p. 52.

³⁷⁵ ROUANET, Op. cit., p. 217-221.

³⁷⁶ S.-B. [Charles-Augustin Sainte-Beuve]. *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie, suivies de Camoëns e Jozé Indio*, par Ferdinand Denis. *Le Globe*, Paris, 18/12/1824, p. 204-206.

continuamente magnífico demais”,³⁷⁷ o qual acabaria, muitas vezes, confundindo e cansando seus leitores. Também assinalou sua inabilidade na tarefa de criar diálogos que soassem como verdadeiros para os protagonistas de “Les Machakalis” e “Palmarès”, dizendo: “O Sr. Denis não se dá conta de que é ele quem frequentemente fala pela boca delas, que suas ideias [das personagens] tão infelizmente engenhosas, suas frases inoportunamente elegantes, são as suas [...]”.³⁷⁸ Colocando em questão a própria viabilidade do projeto apresentado em *Scènes*, indagou se seria realmente possível a utilização das cenas ali descritas por indivíduos que jamais haviam visitado os trópicos. A seu ver, mesmo que a contemplação da natureza pudesse servir de inspiração para a produção literária, na prática ficaria difícil afirmar de que maneira isso poderia ser feito – se por meio do uso de palavras estrangeiras, do retrato de costumes de povos nativos ou ainda da reprodução dos mitos desses últimos. Mesmo assim, Sainte-Beuve não deixou de encontrar alguns aspectos favoráveis na obra de Denis, elogiando-o por ter utilizado de forma cuidadosa suas lembranças colhidas no Brasil, por ter averiguado o que havia sido dito previamente sobre o assunto por outros aventureiros e por sua habilidade em retratar paisagens coloridas e vívidas, capazes de levar os leitores a se sentirem como que transportados para os trópicos.

Mas o artigo do *Le Globe* não foi o único escrito sobre *Scènes* por ocasião de seu lançamento: à época, surgiram ao menos outras seis críticas, veiculadas em jornais e revistas não apenas na cidade de Paris, mas também nas províncias francesas. A primeira delas, de autoria do historiador e crítico literário Antoine-Jean Cassé de Saint-Prosper, apareceu nas páginas da *Gazette de France* do dia 07 de novembro de 1824.³⁷⁹ Seu teor difere substancialmente daquela de Sainte-Beuve, devido à predominância de comentários favoráveis a Denis, a quem o crítico exaltou pela iniciativa de ter desbravado o interior do Brasil, assim como por suas descrições de paisagens exóticas baseadas em experiências empíricas, ou em relatos de outros viajantes. Saint-Prosper argumentou igualmente que as cenas exibidas na obra, sobretudo aquelas relativas ao dia a dia dos nativos, poderiam

³⁷⁷ No original: “trop tendu et trop continuellement magnifique”. Ibidem, p. 205.

³⁷⁸ No original: “Mr. Denis ne s’aperçoit pas que c’est lui qui parle bien souvent par leur bouche, que leurs idées si malheureusement ingénieuses, leurs phrases à contretemps élégantes, sont les siennes [...]”. Ibidem, p. 205.

³⁷⁹ SAINT-PROSPER, Antoine-Jean Cassé de. *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie, suivies de Camöens e Jozé Indio, par Ferdinand Denis. Gazette de France*, Paris, 07/11/1824, p. 3-4.

conquistar poetas e prosadores à procura de novas fontes de inspiração poética, além do público feminino, graças a seu conteúdo moralizador e instrutivo:

Episódios narram os costumes dos selvagens e quebram a uniformidade que seria possível temer em uma composição desse tipo. [...] As mulheres podem, portanto, ler a obra do Sr. Ferdinand Denis: ao lado da instrução, elas encontrarão a emoção. Elas recorrerão à primeira para chegar à segunda.³⁸⁰

Observações semelhantes foram feita algumas semanas mais tarde em um artigo anônimo publicado pelo *Journal de Paris et départements*, em 29 de fevereiro do ano seguinte.³⁸¹ Segundo o crítico, na contramão de numerosos viajantes contemporâneos, cujos relatos visariam exclusivamente à autopromoção, Denis teria sido levado por propósitos mais nobres durante a escrita de *Scènes*, pretendendo, acima de tudo, contribuir para a elevação moral de seus leitores. Entre esses últimos haveria desde eruditos (os quais poderiam colher, nessas cenas da natureza tropical, ideias para suas próprias produções) a homens e mulheres com menor nível de instrução (já que, apesar de informativo, o texto não deixaria de ser fácil e divertido):

Episódios repletos de interesse difundem charme, variedade e uma cor melancólica sobre essa obra, que já tem seu lugar na biblioteca dos eruditos, dos artistas e dos literatos; mas ela será devorada pela sociedade, sobretudo pelas mulheres. Elas encontrarão, em *Scènes de la nature sous les Tropiques*, o tipo de instrução que amam, uma pintura fiel de hábitos que são novos para si, descrições animadas.³⁸²

Embora unânimes quanto à capacidade da obra de edificar moralmente os leitores, os críticos da *Gazette de France* e do *Journal de Paris et départements* discordaram em suas considerações quanto ao estilo de Denis: “elegante, harmonioso e brilhante”³⁸³ foram as palavras utilizadas pelo segundo para defini-lo, enquanto o primeiro declarou que certas passagens pecariam por apresentarem uma linguagem excessivamente

³⁸⁰ No original: “Des épisodes mettent en récit les mœurs des sauvages, et rompent l’uniformité qui pouvait être à craindre dans une composition de ce genre. [...] Les femmes peuvent donc lire l’ouvrage de M. Ferdinand Denis: à côté de l’instruction elles trouveront l’émotion. Elles prendront la première pour arriver à la seconde”. Ibidem, p. 4.

³⁸¹ SCÈNES de la nature sous les tropiques, par M. Ferdinand Denis. *Journal de Paris et des départements*, Paris, 29/02/1824, p. 3.

³⁸² No original: “Des épisodes pleins d’intérêt répandent du charme, de la variété et une teinte mélancolique sur cet ouvrage, qui a déjà sa place dans la bibliothèque des savants, des artistes et des littérateurs ; mais il sera dévoré par les gens du monde, et surtout les femmes. Elles trouveront, dans *Scènes de la nature sous les Tropiques*, le genre d’instruction qu’elles aiment, une peinture fidèle de mœurs nouvelles pour elles, des descriptions animées”. Loc. cit.

³⁸³ No original: “élégant, harmonieux et brillant”. Loc. cit.

coloquial.³⁸⁴ Aliás, este foi um dos parâmetros mais recorrentes na avaliação de *Scènes* pelos franceses. Escondido sob o pseudônimo de A., o escritor Jean-Joseph afirmou o seguinte, nas colunas do *La Semaine*: “[o estilo do autor] é quase sempre de bom gosto; tem amiúde brilho e suavidade, algumas vezes energia. O que se poderia, sobretudo, desejar, é um pouco mais de arte”.³⁸⁵ Ao se concentrar na narrativa “Palmarès”, porém, elogiou Denis por seus sentimentos elevados em relação ao tema da escravidão, bem como pelo talento descritivo que manifestara na exposição de crenças e costumes dos africanos. Por esses motivos, Jean-Joseph concluiu sua crítica positivamente, dizendo: “no total, existem poucas obras recentes que se leiam com tanto prazer quanto esta que nos ocupa. Ela terá certamente sucesso rápido”.³⁸⁶

A história ficcional relatando a luta dos escravos brasileiros pela liberdade também ganhou destaque na resenha veiculada por uma revista feminina, editada por Pillet Aîné, com o título de *Lettres Champenoises ou Correspondance Morale et Littéraire*. Assinando seu texto com o pseudônimo de Peyrot, o crítico argumentou que certos elementos de “Palmarès”, como a presença de personagens virtuosas ou paisagens exóticas, mostrariam que a narrativa seria dedicada às mulheres, “almas doces e preguiçosas que o esforço de atenção fatiga e que a necessidade de emoção atormenta”.³⁸⁷ Discorrendo sobre a habilidade do autor de maravilhar suas leitoras, recorreu à descrição feita por Denis dos sentimentos contraditórios que tomariam conta do viajante durante o entardecer na floresta tropical: uma mistura de medo e euforia, entre o grazinar estridente dos papagaios, o guinchar lúgubre de macacos e o rugido majestoso dos jaguares e dos tigres. De acordo com Peyrot, o público masculino apreciaria a leitura por outros motivos, reconhecendo, nessa narrativa, a aptidão descritiva, o estilo gracioso e a alma sensível do escritor. Ademais, aqueles que se propunham a compor versos poderiam encontrar ali uma forma de expressar o verdadeiro gênio criativo, o que, para o crítico, dependeria da comunhão entre a poesia de imagens (realizada, sobretudo, por povos menos civilizados, particularmente suscetíveis às influências do clima) e a de sentimentos (nascida de dentro do coração dos letrados europeus).³⁸⁸

³⁸⁴ SAINT-PROSPER, Op. cit., p. 04.

³⁸⁵ JEAN-JOSEPH [A.]. *La Semaine*, Paris, t. III, v. 20, 1824, p. 65-74. Apud: BRUYAS, Op. cit., p. 65.

³⁸⁶ Loc. cit.

³⁸⁷ No original: “âmes douces et paresseuses que fatigue le travail de l’attention et que le besoin d’émotion tourmente”. Cf. PEYROT. *Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poésie, suivie de Camoens et Jozé Indio, par Ferdinand Denis. Lettres Champenoises ou Correspondance Morale et Littéraire*, Paris, n. 156, t. dix-huitième, 1824, p. 63.

³⁸⁸ Ibidem. p. 52-53.

Foi principalmente por seu intuito de renovar a produção literária europeia que Denis recebeu os aplausos do *Le Mercure de France*, no artigo difundido pelo periódico a respeito de *Scènes*. Seu autor, identificado apenas como Ader, declarou que a obra seria do interesse dos poetas e romancistas franceses, sob a seguinte justificativa: “esgotamos as fontes da Antiguidade; nossa literatura precisa retemperar-se [...]. Feliz o poeta que seguir o senhor Denis em suas caminhadas [...]. Naquelas regiões [...] tudo tem caráter novo”.³⁸⁹ Chama atenção o fato de ele ter comparado Denis, então um jovem estreante, a grandes nomes da literatura francesa, como Chateaubriand e Bernardin de Saint-Pierre,³⁹⁰ cujas narrativas eram igualmente ambientadas nas Américas. Em sua opinião, ele teria se mostrado um escritor ainda mais hábil do que os outros dois, “aborda[ndo] o lado poético das coisas” em um livro “acessível”, sem escorregar em imagens exageradas, como Chateaubriand, ou se restringir à temática da natureza, como Saint-Pierre. Além disso, declarou que “às suas descrições mesclam-se sempre considerações morais: pela escolha feliz da individualidade, ele nos cativa para o que tem interesse geral; não contente em ser pintor, tenta ainda ser filósofo”.³⁹¹

Édouard Richer contribuiu com o debate, incluindo uma crítica sobre *Scènes* em um jornal impresso na cidade de Nantes, sob o título de *Le lycée armoricain*.³⁹² Em um primeiro momento, ele se preocupou em analisar de que maneira escritores de épocas passadas haviam compreendido o vínculo entre o homem e o ambiente que o circunda, atribuindo a Bernardin de Saint-Pierre o pioneirismo, na história da literatura francesa, na instauração do tema da paixão pela natureza. Na sequência, afirmou que Denis seria um verdadeiro discípulo desse último autor, uma vez que realizara “uma pintura exata dos sentimentos morais colocados em relação com os aspectos da natureza”,³⁹³ contribuindo, da mesma forma como fizera Saint-Pierre, para ampliar os conhecimentos sobre povos

³⁸⁹ ADER. *Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poésie*, par Ferdinand Denis. *Le Mercure de France*. V. II, p. 529-538. Apud: BRUYAS, Op. cit., p. 66.

³⁹⁰ O romance pastoril *Paul e Virginie* (1787), de Bernardin de Saint-Pierre, tornou-se um dos maiores sucessos editoriais do século XVIII. Na paradisíaca Ilha de França (atualmente conhecida como Ilha Maurício), Paul e Virginie foram criados desde a mais tenra infância como irmãos, vivendo em perfeita harmonia com a natureza tropical. Durante a adolescência, percebendo que seus sentimentos por Paul haviam se transformado em paixão, Virginie decide se mudar com sua mãe para a França. Ele, porém, só se dá conta de suas emoções quando a antiga companheira já embarcara para o continente europeu. Tempos mais tarde, Virginie falece durante o naufrágio do navio que a transportava de volta à ilha, preferindo se afogar a tirar seu vestido e exibir os seios nus.

³⁹¹ BRUYAS, Op. cit., p. 66.

³⁹² RICHER, Édouard. *Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poésie*, par Ferdinand Denis. *Le Lycée armoricain*, Nantes, sixième volume, 1825, p. 555-565.

³⁹³ No original: “une peinture exacte des sentiments moraux mis en rapport avec les aspects de la nature”. Loc. cit.

pouco conhecidos. Naturalista de profissão, Richer localizou no interior de *Scènes* informações inexatas relativas à sua área do saber. Mostrou-se particularmente incomodado com uma passagem na qual Denis afirmara ter visto nas Américas um crustáceo semelhante a uma flor e se apressou em corrigi-lo, precisando que o animal, encontrado também na região da Bretanha, seria conhecido com o nome de bernardo-eremita. Assim, encerrou sua crítica dizendo que o livro poderia conquistar poetas e prosadores, mas não especialistas ou curiosos em botânica, zoologia e geologia devido aos conhecimentos restritos de Denis em todos esses assuntos.

Ainda que tenham se concentrado em aspectos diferentes, as críticas veiculadas pela imprensa francesa a respeito de *Scènes* revelaram-se, portanto, bastante favoráveis à obra. Há ainda outros dados que permitem constatar sua boa acolhida entre o público francês: no verbete sobre Denis, publicado no *Dictionnaire de la conversation et de la lecture* (1845), Philarète Charles informou que a primeira edição do livro teria se esgotado em pouco tempo, levando o autor a providenciar uma segunda³⁹⁴ – a qual, no entanto, não foi localizada em nossas pesquisas. Ademais, apesar das ressalvas (sobretudo da parte de Sainte-Beuve) quanto às possibilidades de aproveitamento das cenas tropicais pela literatura europeia, a proposta trazida por Denis parece ter repercutido entre alguns autores. Já em 1825, Charles Thomas D’Outrepont afirmou ter se inspirado em uma passagem da referida publicação para criar uma curiosa conversa entre um botocudo e Napoleão Bonaparte, opondo os valores e os hábitos indígenas àqueles da sociedade francesa.³⁹⁵ Cinco anos mais tarde, quando Gavet e Boucher trouxeram à luz a narrativa *Jakaré-Ouassou, ou Les Tupinambas* (1830), acerca dos confrontos entre os tupinambás e o donatário Francisco Pereira Coutinho durante o século XVI, deixaram explícitas suas dívidas a *Scènes*, declarando terem encontrado em suas páginas um “vasto aparato de referências precisas, citações amiúde muito longas, sem falar dos empréstimos inconfessados”.³⁹⁶ Em uma nota de rodapé de *Brest, poème en seize chants* (1833), Honoré Dumont disse: “o que acabei de dizer das palmeiras e da seringueira me foi sugerido por uma excelente obra intitulada *Scènes de la nature sous les tropiques* [...]. Não saberia

³⁹⁴ CHASLES, Philarète. Ferdinand Denis. In: CHASLES, Philarète. *Dictionnaire de la conversation et de la lecture*. T. LVIII (6E. du supplément). Paris: Garnier Frères, 1845. p. 380.

³⁹⁵ D’OUTREPONT, Charles Thomas. Napoléon et le sauvage. In: D’OUTREPONT, Charles Thomas. *Dialogues des morts, suivis d’une lettre de J. J. Rousseau*. Paris: Firmin Didot, 1825. p. 16-27.

³⁹⁶ BRUYAS, Op. cit., p. CLXV.

exprimir quanto a leitura desse livro, extremamente cativante, interessou a minha alma”.³⁹⁷ Mais tarde, o mesmo poeta recorrerá a Denis em outra produção de sua lavra, à qual deu o título de *Kléber, poème en dix chants*, no intuito de explicar aos leitores francófonos o que seria um oásis.³⁹⁸ Até mesmo Sainte-Beuve acabou amenizando suas duras considerações, escrevendo no prefácio de uma nova edição de *Paul et Virginie* (1838):

o senhor Ferdinand Denis, autor de *Scènes de la nature sous les tropiques* e de *André, le voyageur*, é, em nossa geração, um representante muito puro e sensível da inspiração característica de Bernardin de Saint-Pierre: considerando-se as duas obras citadas, ele pertence, de fato, à sua escola.³⁹⁹

Diante de todos esses fatos, fica difícil sustentar que *Scènes* fosse efetivamente destinada aos brasileiros, como afirmado por alguns pesquisadores, ou que sua acolhida negativa na França tenha motivado Denis a consagrar sua publicação seguinte aos habitantes do território que visitara na juventude, conforme defendido inicialmente por Hazard. Por outro lado, isso não impede que as duas obras tenham chegado ao Brasil, circulando entre os homens de letras do Rio de Janeiro e das províncias, nem que tenham despertado leituras diferentes dos propósitos desejados a princípio por seu autor. O mais provável, portanto, é que ambas fossem endereçadas aos leitores da França, embora o intuito de renovar as letras nacionais, por parte dos letrados brasileiros, explique porque elas despertaram um interesse maior deste lado do Atlântico.

3.2. Resumir a história da literatura luso-brasileira

O *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil* de Ferdinand Denis foi publicado no final de 1826, pela editora

³⁹⁷ No original: “Ce que je viens de dire des palmiers et de l’arbre à lait m’a été suggéré par une excellente production intitulée: *Scènes de la Nature sous les Tropiques* [...]. Je ne saurais exprimer combien la lecture de ce livre, extrêmement attachant, a intéressé mon âme”. Fonte: DUMONT, Honoré. *Brest, poème en seize chants*. Coutances: P. L. Tanquerey, 1833. p. 110.

³⁹⁸ Idem. *Kléber, poème en dix chants*. Coutances: J. V. Voisin et Compagnie, 1842. p. 83.

³⁹⁹ No original: “M. Ferdinand Denis, auteur de *Scènes de la Nature sous les Tropiques* et d’*André le Voyageur*, est dans nos générations un représentant très pur et très sensible de l’inspiration propre venu de Bernardin de Saint-Pierre: par les deux ouvrages cités, il appartient tout-à-fait à son école”. Cf. SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Notice Historique et Littéraire sur J.-H. Bernardin de Saint-Pierre. In: BERNARDIN DE SAINT-PIERRE, Jaques-Henri. *Paul et Virginie et la Chaumière Indienne*. Paris: L. Curmer, 1838. p. VIII.

Lecointe et Durey – a mesma que, no ano anterior, havia lançado seu *Résumé de l'histoire du Brésil, suivi du Résumé de l'histoire de la Guyane* (1825). Trata-se de um pequeno volume, em formato in-8º, de 625 páginas, constituído por quatro partes: uma breve introdução, designada como “Discurso preliminar”; uma história da literatura portuguesa com 35 capítulos⁴⁰⁰ e mais de 500 páginas, que recebeu o título de *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal*; uma história da literatura brasileira com sete capítulos e cerca de 90 páginas, chamada de *Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*; e, por fim, algumas notas com informações adicionais. Percebemos que a literatura brasileira ocupa papel secundário à de sua antiga metrópole: esta não apenas vem em primeiro lugar, como preenche um volume maior de páginas e de capítulos. As duas folhas de rosto também salientam tal diferença, uma vez que a palavra Portugal aparece no título em negrito e com uma fonte de tamanho maior em relação à palavra Brasil.⁴⁰¹

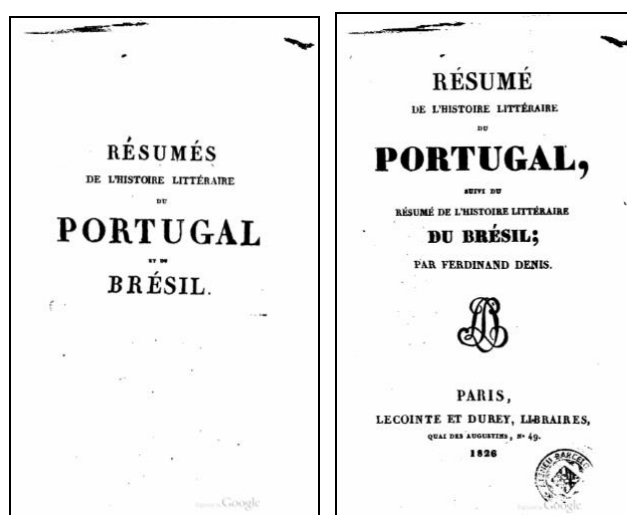


Figura 6. Folhas de rosto do *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826)

⁴⁰⁰ A numeração dos capítulos está incorreta no livro, porque o capítulo 17 aparece duas vezes.

⁴⁰¹ A bibliografia deixada por Denis evidencia seu grande interesse por temas lusitanos. Além do *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal*, ele organizou as obras *Chefs-d'oeuvre du théâtre portugais* (1823) e *Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal* (1839), sendo a primeira aberta com um texto de sua autoria, intitulado “Notices sur le théâtre portugais”. Também redigiu, como já mencionado, uma biografia ficcionalizada sobre os últimos anos do épico lusitano, à qual deu o nome de “Camoens et Joze Indio”, que apareceu no interior de *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie* (1824); escreveu “Tableau chronologique de la littérature portugaise”, a parte relativa a Portugal que compôs o *Atlas des littératures* (1827), de Jarry de Mancy; publicou, como forma de prefácio à tradução francesa de *Os Lusíadas* (1841), feita por Fournier e Dessaules, o artigo “Camoens et ses contemporains”; lançou o romance *Luiz de Souza* (1835), motivo de polêmica entre os letrados, posto que esse último apareceu concomitantemente a uma tragédia sobre a vida do religioso assinada por Almeida Garrett; e se encarregou do volume *Portugal* (1845) para a coleção L’Univers, editada pelos irmãos Didot. Ferdinand Denis, por fim, traduziu duas peças de Antônio Ferreira: a tragédia *Inez de Castro* e a comédia *O Cioso*, ambas inseridas na obra *Théâtre Portugais* (1835).

Nas páginas de seu “Discurso preliminar”, Denis procurou compreender a falta de interesse, da parte dos franceses, pela produção literária vinda de fora. A seu ver, como em épocas passadas os estrangeiros imitaram largamente os grandes nomes da literatura francesa, durante muitos anos, os leitores de seu país haviam sido levados a acreditar que não poderiam encontrar nada de novo nesses livros importados. Contudo, a situação não poderia mais permanecer intacta, já que, seguindo o exemplo inaugurado pela Alemanha, diversas nações começaram a “pesquisa[r] seus velhos tempos, indaga[r] pelas épocas de glória, e percebe[r] que era melhor imitar seus antigos poetas, que continuar pagando tributo de admiração a uma nação estrangeira”.⁴⁰² O caso seria ainda mais grave em se tratando das obras vindas de Portugal, as quais permaneceriam, segundo seu juízo, amplamente desconhecidas. Mesmo admitindo os esforços realizados por Bouterwek e Sismondi, Denis acreditava que seus precursores teriam contribuído pouco na popularização da literatura em língua portuguesa, conforme deixou saliente com a seguinte declaração: “Um autor corretamente comparou o Portugal literário a uma destas ilhas, cujas praias são avistadas pelos navegadores, mas cujas riquezas permanecem ignoradas [...]. A história literária de Portugal ainda está por ser feita”.⁴⁰³ Tomando para si a responsabilidade de corrigir tal lacuna, empenhara-se em consultar fontes inexploradas por seus antecessores, ampliar o repertório de autores apresentados e inserir, sempre que possível, longos trechos dos textos examinados, traduzindo-os para o francês. Tudo no intuito de permitir que os leitores de seu *Résumé* se aproximassem da ainda incógnita e desprezada literatura portuguesa. Essas considerações iniciais não deixam dúvidas quanto ao público para o qual se dirigia o autor. Conforme assinalou Zilberman: “Denis escreveu, pois, seu livro com o pensamento no leitor francês. [...] esperava que seus compatriotas acompanhassem seu raciocínio, voltando o olhar para as literaturas estrangeiras”.⁴⁰⁴

Foi igualmente no “Discurso preliminar” que ele explicitou suas ideias em matéria de literatura e de história literária. Retomando o que dissera dois anos antes em

⁴⁰² DENIS, Ferdinand. *Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo da história literária do Brasil*. Tradução, edição e notas por Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2018, Disponível em http://edicoesmakunaima.com.br/images/livros/resumos_historia_literatura_brasil_portugal.pdf. Acesso em 24 fev. 2020. p. 54.

⁴⁰³ Ibidem. p. 55-56.

⁴⁰⁴ ZILBERMAN, Regina. Ferdinand Denis e os paradigmas da história da literatura. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 2, n. 1, jan.-jul. 2006, p. 141. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/497>. Acesso em 24 fev. 2020.

Scènes de la nature, defendeu a existência de uma profunda relação entre um espaço geográfico (seu clima, solo, vegetação, hidrografia) e sua produção literária, resultando na presença de características próprias, facilmente identificadas pelos *experts* em literatura, no interior dessas obras. Seguindo essa linha de raciocínio, embora unidas por uma mesma língua, a literatura portuguesa apresentaria certas especificidades, capazes de distingui-la da proveniente do Brasil, e vice-versa – daí a necessidade de estudar cada uma delas separadamente. Como as leituras acumuladas nesse ínterim, sobretudo a *Histoire littéraire d'Italie*, de Pierre-Louis Ginguené, haviam suscitado novas reflexões em Denis, desse momento em diante ele passou a atribuir também ao momento histórico (transformações políticas, conflitos armados, ideias em voga...) a capacidade de exercer influência sobre os escritores e as suas respectivas obras. Dito de outro modo, se em *Scènes* ele estabelecera que a literatura de um povo estava condicionada aos aspectos naturais que o circundavam, em *Résumé* alargou o debate, incluindo outra variável, a história:

[...] constatamos que cada século, cada região tem seu gênero de belezas literárias; que os acontecimentos políticos, assim como o clima, influenciam seus espíritos; que todas as formas distintivas de estilo devem ser conservadas; que, estudando as literaturas, enfim, era preciso estudar o gênio das nações, e que esse, julgado até então com espírito prevenido, deveria ser examinado sem preconceitos. Então a crítica cresceu, rejeitou as discussões retóricas para se entregar ao exame dos pensamentos. Aumentando o círculo de suas observações, ela identificou em cada povo o caráter que o distinguia.⁴⁰⁵

A equação produção literária = natureza + momento histórico explica a escolha, da parte de Denis, por apresentar os patrimônios literários de Portugal e do Brasil separadamente e pela ordem cronológica. Trouxe aos leitores uma proposta de divisão da história da literatura portuguesa em cinco períodos distintos, aproveitando o ensejo para listar a numerosa bibliografia secundária que consultara em suas investigações – desde dicionários (a exemplo da *Biblioteca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado), prefácios, estudos e ensaios sobre temas ligados à lusofonia, escritos em português ou em francês (a exemplo de *Europa Portuguesa*, de Manuel de Faria e Sousa, *Nouvelle grammaire portugaise*, de Alexandre-Marie Sané, e *Essai statistique sur le royaume de Portugal et l'Algarve*, de Adriano Balbi), relatos de viagens (a exemplo de *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*, de Heinrich Friedrich Link), outras histórias literárias (a exemplo de *Histoire littéraire d'Italie*, de Pierre-Louis Ginguené) e até mesmo publicações periódicas

⁴⁰⁵ Ibidem. p. 54-55.

vindas de Portugal (a exemplo dos memoriais da Academia de Ciências de Lisboa e dos *Anais das Ciências, das Artes e das Letras*, produzidos pela Sociedade de Portugueses Residentes em Paris).⁴⁰⁶

Nas páginas finais do “Discurso preliminar”, há um breve comentário sobre a literatura produzida pela nação recentemente separada de Portugal e seus desdobramentos no futuro: “uma nação nova reclamava a história de sua literatura, e tentei traçar suas linhas principais. Apontando o caminho que deve tomar a poesia no Novo Mundo, pensei ser conveniente expor, rapidamente, o caráter poético de [sua]s diversas raças”.⁴⁰⁷ Tais considerações a respeito dos rumos desejáveis para a literatura brasileira foram desenvolvidas mais adiante, em “Considerações gerais sobre o caráter que a poesia deve tomar no Novo Mundo”, o capítulo introdutório do seu *Résumé de l’histoire littéraire du Brésil*. Segundo Weber, “aqui se encontra o ideário fundamental em que se baseou a crítica e a historiografia românticas para questionar e atestar a nacionalidade literária das produções poéticas dos autores brasileiros”,⁴⁰⁸ haja vista que, ao emitirem seus juízos sobre as obras pertencentes ao patrimônio literário nacional, muitos letrados Oitocentistas recorreram aos dois principais “itens de nacionalidade”⁴⁰⁹ brasileira indicados nessa parte da publicação. O primeiro deles consistia na exploração máxima das sugestões fornecidas pela pujante natureza tropical, seguida pelo abandono completo das paisagens europeias – movimento esse entendido pelo francês como fundamental para a expressão da autenticidade americana:

Nessas belas regiões tão favorecidas pela natureza, o pensamento deve se intensificar como o espetáculo que se lhe oferece; majestoso, graças às obras-primas do passado, deve permanecer independente e não buscar outro guia além da observação. Enfim, a América deve ser livre na sua poesia, assim como no seu governo.⁴¹⁰

⁴⁰⁶ ZILBERMAN, Regina. O *Resumo de História Literária*, de Ferdinand Denis: história da literatura enquanto campo de investigação. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Coimbra, n. 19, p. 121-144, jun. 2013. Disponível em <<https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/35>>. Acesso em 24 fev. 2020.

⁴⁰⁷ DENIS, Ferdinand. *Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo da história literária do Brasil*. Tradução, edição e notas por Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2018. p. 60-61. Disponível em <http://edicoesmakunaima.com.br/images/livros/resumos_historia_literatura_brasil_portugal.pdf>. Acesso em 24 fev. 2020.

⁴⁰⁸ WEBER, João Ernesto. *A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia brasileira*. Florianópolis: EDUFSC, 1997. p. 33.

⁴⁰⁹ Loc. cit.

⁴¹⁰ DENIS, Ferdinand. *Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo da história literária do Brasil*. Tradução, edição e notas por Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2018, p. 349. Disponível em

Que os poetas destas regiões contemplem a natureza, que se animem de sua grandiosidade, em poucos anos tornar-se-ão iguais a nós, talvez nossos mestres. Esta natureza, tão favorável aos desenvolvimentos do gênio, espalha seus encantos sobre todos, circunda mesmo os centros urbanos com suas mais belas produções; e não é como em nossas cidades, em que é ignorada, onde muitas vezes não a podemos conhecer.⁴¹¹

O segundo tópico apresentado por Denis foi a incorporação do elemento indígena, suas tradições, crenças religiosas, cantos poéticos, enfim, todos seus “débeis tributos que escaparam a três séculos de destruição”.⁴¹² Embora pudessem recorrer “às tribos que a civilização destruiu lentamente e que ocultam as desgraças da raça americana nas praias em que foram confinadas”,⁴¹³ acreditava que os escritores brasileiros deveriam priorizar a pesquisa *in-loco*, realizada no interior da floresta virgem, “ainda animad[a] por pensamentos verdadeiramente poéticos”.⁴¹⁴ Do mesmo modo como os nativos americanos e seus costumes poderiam inspirar os homens de letras na criação de uma literatura realmente original, esses últimos deveriam retribuir-lhes o favor, cantando os inúmeros sofrimentos vividos pelos indígenas em épocas passadas ou lutando para que as gerações presentes conseguissem desfrutar de uma participação mais ativa na sociedade civilizada:

Que o poeta dessas belas regiões celebre desde agora os afortunados eventos do século. Mas que não esqueça os erros do passado; que prenda por um momento sua lira nos ramos dessas árvores antigas cujas sombras escuras esconderam tantas cenas de perseguição; que, após ter lançado um olhar de compaixão sobre os séculos transcorridos, ele a compreenda; que lamente as nações aniquiladas, que suscite uma piedade tardia, mas favorável aos remanescentes das tribos indígenas; e que os cantos do poeta não esqueçam este povo exilado, diferente por sua cor e por seus costumes; que adote uma nova pátria e cante-a ele mesmo, que se console ao lembrar outros infortúnios, rejubile-se com a esperança radiosa que lhe dá um povo humano.⁴¹⁵

As prescrições de Denis para a fundação da literatura nacional incluíam também a rejeição das “ideias mitológicas devidas às fábulas da Grécia”, uma vez que “elas não se harmoniza[ria]m, nem esta[riam] de acordo com o clima, a natureza ou as tradições” da América;⁴¹⁶ a incorporação temática das viagens realizadas pelos primeiros bandeirantes, os quais teriam revelado, se não nobreza de caráter, ao menos “alguma

<http://edicoesmakunaima.com.br/images/livros/resumos_historia_literatura_brasil_portugal.pdf>. Acesso em 24 fev. 2020.

⁴¹¹ Ibidem, p. 351.

⁴¹² Ibidem, p. 350.

⁴¹³ Loc. cit.

⁴¹⁴ Loc. cit.

⁴¹⁵ Ibidem, p. 351.

⁴¹⁶ Ibidem, p. 349.

glória”, quando “corajosamente avança[ram] no âmago das florestas virgens, enfrenta[ram] com audácia animais desconhecidos, visita[ram] nações que poderiam aniquilá-los”,⁴¹⁷ assim como o afastamento – parcial – dos modelos literários europeus. Parcial porque, por um lado, ele defendeu repetidas vezes, ao longo de seu texto, que os escritores nascidos no Brasil deveriam abandonar definitivamente o hábito de imitar as obras produzidas na Europa, dizendo: “A América, brilhante de juventude, deve ter pensamentos novos e enérgicos como ela mesma; nossa glória literária não pode sempre iluminá-la com um raio que enfraquece ao atravessar os mares”.⁴¹⁸ Por outro lado, não deixou de comemorar a repercussão positiva da literatura francesa entre os brasileiros, alegando que, ainda que a língua nacional tivesse sua origem em Portugal e os produtos comerciais, sobretudo na Inglaterra, era a França quem fornecia parte considerável das publicações consumidas pelos leitores destas plagas, sobretudo no Rio de Janeiro. Por isso, declarou orgulhoso a seus compatriotas: “devemos nos contentar em ver uma nação brilhante de juventude e de engenho afeiçoar-se às nossas produções literárias, por causa destas modificar suas próprias produções”.⁴¹⁹

A natureza e o indígena, afora orientarem as expectativas de Denis em relação à literatura brasileira contemporânea, foram os dois principais instrumentos de avaliação utilizados por ele em sua análise da produção literária nacional. No segundo capítulo do *Résumé*, intitulado “Visão sumária sobre alguns poetas dos séculos XVII e XVIII”, por exemplo, ele enumerou alguns escritores de parca qualidade literária, mas que “atestam os primeiros esforços da nação brasileira em prol das Letras, e assinalam um ponto de partida que sempre vale destacar”.⁴²⁰ Sua lista conta exclusivamente com nascidos no Brasil, como os poetas Bernardo Vieira Ravasco (1617-1697) e Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711), provenientes de Salvador, ou Bento Teixeira Pinto (15?-1600), cuja cidade natal seria, segundo o francês, Pernambuco. Contudo, o nascimento de um autor em território americano não implicava sua inclusão automática no *corpus* da literatura brasileira. Antônio José da Silva, o Judeu (1705-1739), por exemplo, apareceu no capítulo XVII do *Resumé de l’histoire littéraire de Portugal* – elencado entre os portugueses, portanto, apesar de ser originário do Rio de Janeiro. O oposto também poderia acontecer: o poeta Antônio Dinis da Cruz e Silva (1731-1799), proveniente da cidade de Lisboa e conhecido

⁴¹⁷ Ibidem, p. 350.

⁴¹⁸ Ibidem, p. 349.

⁴¹⁹ Ibidem, p. 355.

⁴²⁰ Ibidem, p. 384.

como um dos mais famosos integrantes da Arcádia Lusitana, foi incluído por ele na seção relativa à historiografia literária brasileira. Ciente de que poderia atrair comentários negativos, se adotasse parâmetros inconsistentes, ou contraditórios, durante a seleção dos nomes pertencentes a cada uma das duas literaturas, Denis procurou justificar sua forma de proceder. Desse modo, ao comentar *Metamorfoses do Brasil*, de Cruz e Silva, empenhou-se em mostrar que o poeta teria sofrido influência da natureza tropical e, por essa razão, deveria engrossar o rol dos escritores brasileiros:

Embora Dinis da Cruz e Silva não tenha nascido na América, situo-o aqui, entre os poetas que honram o parnaso brasileiro. A natureza do Novo Mundo inspirou-lhe formosos trechos, conhecidos sob o nome de *Metamorfoses do Brasil*. Graças à sua brilhante imaginação, as mais graciosas ou deslumbrantes produções da América meridional lhe sugeriram bem realizadas alusões, valiosas para a poesia. Viajando por esses climas, desejou caminhar sobre os passos de Ovídio; mas não seguiu seu modelo no que concerne às ficções mitológicas. O diamante e o topázio, a tejuca, a clícia, ou rosa dos bosques, forneceram-lhe ficções encantadoras.⁴²¹

Mas o trecho reproduzido acima revela ainda outro aspecto, diretamente atrelado ao *modus operandi* do francês enquanto crítico. A seu ver, a “brilhante imaginação” de Cruz e Silva, associada à capacidade inspiradora da geografia americana, teriam lhe possibilitado a criação de uma obra próxima na medida certa das *Metamorfoses*, de Ovídio. Isso porque, embora as duas composições poéticas apresentem personagens que se transformam fisicamente (em objetos, plantas ou animais), a do poeta latino é protagonizada por divindades da mitologia clássica, enquanto a do brasileiro, por dois indígenas, levando o crítico a felicitar Cruz e Silva por ter conseguido explorar a realidade nacional, ainda que se utilizando de uma estrutura estrangeira. Tal “perspectiva americanista”, conforme resumiu Zilberman, atravessa todas as páginas da publicação, em especial aquelas dedicadas à análise dos árcades brasileiros. Nas palavras da pesquisadora: “ser ou não nacional. Eis o critério principal de Denis, seu instrumento para organizar o fluxo das obras, estabelecer os recortes no tempo e atribuir validade aos textos”.⁴²²

O terceiro capítulo do *Résumé* trata de José de Santa Rita Durão (1722-1784) e seu *Caramuru, poema épico do descobrimento da Bahia* (1781), baseado na experiência real vivida por Diogo Álvares Correia (149?-1586) entre os tupinambás brasileiros, depois

⁴²¹ Loc. cit.

⁴²² ZILBERMAN, Regina. Administrando a literatura por meio da história: Ferdinand Denis, Almeida Garrett e a literatura brasileira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 25, n. 3, set. 1990, p. 104. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/16166/10626>>. Acesso em 24 fev. 2020.

que o seu navio naufragara nas costas da Bahia.⁴²³ Dado seu ineditismo em língua francesa,⁴²⁴ bem como o fato de que nenhuma historiografia literária se debruçara sobre a obra até então, Denis intercalou seus juízos críticos com traduções de excertos do poema. Descreveu-o como uma “bem-sucedida pintura do gênio ardente e aventureiro dos portugueses dessa época, colocados em oposição à simplicidade selvagem de um povo ainda na infância”.⁴²⁵ Disse ainda que seus versos trariam vívidas cenas de batalhas e belas descrições da paisagem brasileira – prova, a seu ver, de que “a descrição da natureza plena de grandeza e de pompa, dos costumes que lembram os tempos primitivos, tudo isso era de inspirar um poeta de primeira ordem”.⁴²⁶ Mesmo assim, não deixou de lamentar que o estilo de Durão nem sempre se mostrasse à altura da tarefa à qual se propusera, ou de assinalar imprecisões de ordem histórico-etnográfica em sua obra, a exemplo da antropofagia dos tupinambás, apresentada fora do contexto das cerimônias religiosas nas quais eram usualmente realizadas, como se apressou em explicar.

Nos dois capítulos seguintes, Denis continuou tomando, como o principal critério na avaliação dos árcades brasileiros, a atenção dispensada por eles à natureza e ao indígena. Já vimos que suas considerações sobre Cruz e Silva foram bastante positivas. O mesmo pode ser dito sobre o jesuíta Basílio da Gama (1740-1795) e seu épico *Uraguai* (1769), no qual encontrou uma “hábil pintura desta parte do Novo Mundo, onde vastas planícies se estendem ao longe, onde a natureza se mostra tão uniforme em suas produções e tão forte nas previsões, cobrindo de pastagens o espaço que não reserva às florestas”,⁴²⁷ embora acreditasse que deveria ter sido concedido um destaque maior aos indígenas, reduzindo-se, em contrapartida, as considerações a respeito da Companhia de Jesus. Mostrou-se, não obstante, bem mais reticente com Cláudio Manuel da Costa (1729-1789) e Tomás Antonio Gonzaga (1744-1810). O primeiro não lhe agradou por ser “demasiado

⁴²³ Ver a esse respeito: TREECE, David. Caramuru, o mito: conquista e conciliação. Tradução de Marcos César de Paula Soares. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 12, v. 3, p. 307-344, 2013. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/99394/97877>>. Acesso em 24 fev. 2020.

⁴²⁴ A situação permaneceria a mesma até 1829, quando Monglave tomaria para si a tarefa de traduzir o poema, transformando-o no que ele chamou de um “roman-poème”. Ver a esse respeito: PENJON, Jacqueline. Da América para a Europa: a mediação do tradutor na circulação das obras. In: PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna (org.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora Unicamp, 2018. p. 31-64.

⁴²⁵ DENIS, , Ferdinand. *Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo da história literária do Brasil*. Tradução, edição e notas por Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2018, p. p. 359. Disponível em <http://edicoesmakunaima.com.br/images/livros/resumos_historia_literatura_brasil_portugal.pdf>. Acesso em 24 fev. 2020.

⁴²⁶ Loc. cit.

⁴²⁷ Ibidem, p. 371.

européu nas imagens”⁴²⁸ e por imitar largamente Petrarca; já o segundo, por recorrer tanto à mitologia quanto às formas europeias:

Recrimina-se em Gonzaga o contínuo emprego de imagens extraídas da mitologia e das formas da poesia pastoral difundidas por Fontenelle: nada disso convém a um poeta brasileiro, habitante de uma região onde a natureza mais ostenta esplendor e majestade.⁴²⁹

Contudo, ele reconheceu certo valor em *Marília de Dirceu* (1792-1799) – traduzida então recentemente pela primeira vez para o francês, por Prosper Chalas e Eugène de Monglave, com o título de *Marilie: chants élégiaques de Gonzaga* (1825) –, vendo, na larga difusão desses poemas líricos, uma prova de que seu autor conseguira expressar o gênio nacional. Diante disso, declarou: “Seja como for, Gonzaga é um poeta nacional; reproduzidos por toda a parte, seus cantos enchem de vida as solidões mais remotas do Brasil”.⁴³⁰ Na sequência, trouxe três curtos capítulos sobre temas variados: em “Do gosto dos brasileiros pela música”, reiterou a ideia de que, dentre todas as expressões artísticas, a música seria a que mais atrairia os habitantes do Brasil e descreveu, resumidamente, o repertório músico-teatral disponibilizado nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador; em “Oradores e historiadores brasileiros. Manuel de Moraes, Rocha Pitta, Azeredo”, teceu breves comentários sobre a biobibliografia desses últimos escritores; e em “Geografia, viagens, etc.”, debruçou-se sobre as obras (recentemente publicadas ou ainda inéditas) de alguns viajantes portugueses ou escritores brasileiros, a exemplo do padre Manuel Aires de Casal, autor da já mencionada *Corografia brasílica*, e do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, nascido em Salvador. À guisa de conclusão, escreveu algumas linhas, apresentando um prognóstico positivo para o Brasil, a ser realizado necessariamente por meio do desenvolvimento agrícola (“e não é sem admiração que se nomeia esse lugar [o Novo Mundo] encantador, onde tudo suscita ideias de riqueza e de felicidade, anunciando para futuro não distante a prosperidade da agricultura”) e também do sistema educacional (“graças a professores competentes, às escolas e às bibliotecas recentemente fundadas, o Brasil tem condições para alcançar notável prosperidade no estudo das ciências”).⁴³¹

⁴²⁸ Ibidem, p. 383.

⁴²⁹ Ibidem, p. 380.

⁴³⁰ Loc. cit.

⁴³¹ Ibidem, p. 396.

3.2.1. A recepção crítica do *Résumé*

Cinco artigos diferentes foram publicados na imprensa francesa por ocasião do lançamento do *Résumé*. O primeiro deles ganhou as páginas do *Le Drapeau blanc*, em 04 de janeiro de 1827. Utilizando a assinatura de S.-P., seu autor começou aplaudindo as recentes iniciativas tomadas pelos livreiros-editores de seu país no intuito de difundir a produção literária estrangeira. Em sua opinião, essa seria uma alternativa interessante para trazer maior sensibilidade à literatura francesa, a qual, embora tivesse produzido vários clássicos universais, perdera ao longo dos anos a capacidade emotiva, devido a fatores como o apego a regras e o excessivo fechamento em si mesma. Lido sob essa ótica, o trabalho realizado por Denis, de “incluir na forma do *résumé* uma análise na qual se teria feito reviver as obras-primas literárias de todos os povos”,⁴³² apresentaria um duplo objetivo: comover os leitores com traduções do português e, ao mesmo tempo, revigorar as letras francesas, incentivando a abertura a outras formas poéticas. Com relação especificamente à parte sobre Portugal, S.-P. salientou a beleza do estilo, o ineditismo das passagens traduzidas, assim como o cuidadoso trabalho de pesquisa:

Eu gostaria muito, aqui, de fazer sentir o charme espalhado por quase todas as páginas do *Résumé de la littérature portugaise*; mas ser-me-iam necessários aprofundamentos que me são negados. Contentar-me-ei, então, em dizer que o Sr. Ferdinand Denis não apenas analisou, mas traduziu inteiramente certas obras ou certos excertos até agora desconhecidos por nós. Foi graças às mais tenazes pesquisas que ele chegou a obter, em nossas bibliotecas francesas, livros raros mesmo em Portugal.⁴³³

Ainda que tenha consagrado pouca atenção à seção relativa ao Brasil, entendendo-a como um mero complemento à de Portugal, o crítico declarou que ali haveria trechos de grande sensibilidade, uma vez que o conhecimento empírico recolhido por Denis lhe permitira “analisa[r] essas obras-primas literárias com essa vivacidade e esse

⁴³² No original: “renfermer sous le forme du *résumé* une analyse dans laquelle on aurait fait revivre les chefs-d’œuvre littéraire des tous les peuples”. S.-P. *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil. Le Drapeau blanc*, Paris, 04/01/1827, p. 04.

⁴³³ No original: “Je voudrais bien ici faire sentir le charme répandu dans presque toutes les pages du *Résumé de la littérature portugaise*; mais il me faudrait des développements qui me sont refusés. Je me contenterai donc de dire que M. Ferdinand Denis a non-seulement analysé, mais traduit en entier certains ouvrages ou certains morceaux jusqu’ici inconnus pour nous. C’est grâce aux recherches les plus opiniâtres qu’il est parvenu à se procurer dans nos bibliothèques françaises des livres rares, même en Portugal”. Loc. cit.

fogo que as inspirou”.⁴³⁴ Mas seus julgamentos não trouxeram apenas elogios: S.-P. censurou o autor por ter abusado do propósito educativo, deixando em segundo plano a preocupação com o deleite de seus leitores. Também assinalou que o título dado por ele à obra, assim como a escolha de um pequeno formato, poderia levar esses últimos a supor que a publicação priorizava por informações reduzidas ou análises superficiais. Por isso, em seu parágrafo final, aconselhou Denis a cogitar o lançamento de uma segunda edição, dessa vez em formato maior.

Algumas semanas mais tarde, a *Revue Encyclopédique* veiculou uma longa crítica sobre o *Résumé*, trazendo a assinatura de J.-R. Seu autor atribuiu à expansão da alfabetização entre os franceses e ao desejo crescente, da parte desses novos leitores, por conhecimentos diversificados, a voga de publicações engajadas em oferecer “em um pequeno número de páginas e a um preço muito baixo, o *resumo* daquilo que está contido em obras longas e caras”.⁴³⁵ Mesmo localizando uma série de características comuns entre as primeiras e o *Résumé* – preço acessível, tamanho reduzido e capacidade instrutiva –, não deixou de questionar se o título escolhido estaria ou não apropriado à extensão da obra e a seu pioneirismo na divulgação da produção literária vinda de Portugal. Para exemplificar a pouca familiaridade dos franceses com a literatura lusófona, J.-R. comparou Denis a um amigo deveras atencioso, empenhado em facilitar a inserção de alguém em um ambiente frequentado somente por desconhecidos: “[ele] logo lhe indica o maior número de *habitués* e dá-lhe, em poucas palavras, uma ideia de seus méritos; dedica-se, sobretudo, a lhe pintar os personagens mais distintos; ele lhe explica as suas qualidades e os seus defeitos [...]”.⁴³⁶ Seguindo essa mesma analogia, de acordo com o crítico, apenas Luís Vaz de Camões teria relações prévias com os leitores de seu país – Gil Vicente, Bernardin Ribeiro, Sá de Miranda, João de Barros, Corte Real e diversos outros nomes da literatura portuguesa estariam ainda à espera de uma apresentação adequada.

De modo geral, J.-R. mostrou-se satisfeito com o trabalho desenvolvido pelo autor francês nesta parte do volume, resumindo suas considerações na seguinte sentença: “suas reflexões [de Denis] têm, muitas vezes, bastante justeza. Percebem-se, em todo o seu

⁴³⁴ No original: “analyse[r] ces chefs-d’œuvre littéraires avec cette vivacité et ce feu qui les ont inspirés”. Loc. cit.

⁴³⁵ No original: “dans un petit nombre des pages et à très bas prix, le *résumé* de ce qui renferment des ouvrages longs et coûteux”. Cf. J.-R. *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil. Revue Encyclopédique*, Paris, mars 1927, p. 702.

⁴³⁶ No original: “[il] lui indique rapidement le plus grand nombre des habitués, et lui donne, en peu des mots, une idée de leur mérite; il s’attache surtout à lui peindre les personnages les plus distingués; il lui explique leur qualités et leurs défaut [...]”. Cf. Ibidem, p. 703.

livro, os mais generosos sentimentos; ele aproveita todas as oportunidades para expressá-los com energia”.⁴³⁷ Porém, o mesmo não pode ser dito sobre a seção relativa à história da literatura brasileira, uma vez que as ideias ali expressas foram bastante problematizadas pelo crítico, principalmente aquelas relativas à questão da originalidade:

É certo que ninguém acredita mais que nós na independência, nas letras como em toda parte, aliás; ninguém coloca em um preço mais elevado a originalidade; mas parece-nos que se pode encontrar um pouco de exagero nos conselhos do Sr. Denis, ou ao menos que se poderia facilmente se enganar quanto ao significado que é útil lhes atribuir. Antes de procurar por seu guia somente na observação, é necessário ter aprendido a observar; e é para aprendê-lo, sobretudo, que se precisa de um guia; e é nisto, sobretudo, que os melhores guias são os anciãos, e nossos escritores que os tomaram como modelos.⁴³⁸

Contrariamente a Denis, portanto, J.-R. não acreditava que o afastamento dos modelos europeus seria uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento da literatura brasileira. Em sua opinião, apenas por meio da filiação aos modelos vindos da Europa (produzidos por mestres da Grécia antiga e da França) ela poderia encontrar a melhor maneira de expressar seu caráter original. De acordo com o crítico, “são as engrenagens da ação, os caracteres e a maneira de examinar a natureza, seja ela qual for, que constituem a originalidade ou a imitação”⁴³⁹, não a presença de personagens indígenas, a descrição de seus costumes ou a introdução de palavras exóticas. Daí que, antes de se preocupar com a exaltação das particularidades do país, os escritores brasileiros deveriam se empenhar em “estuda[r] com respeito os grandes mestres da Antiguidade, para aprender a inventar como eles, para desenhar quadros nos quais os acessórios não sejam apenas novos, mas cujas principais figuras apresentem o mesmo caráter de originalidade”.⁴⁴⁰ Para concluir, J.-R. assinalou que o conteúdo do *Résumé* poderia ter um efeito nefasto sobre os habitantes do

⁴³⁷ No original: “ses réflexions ont souvent beaucoup de justesse. On remarque dans tout son livre les sentiments les plus généreux; il saisit toutes les occasions de les exprimer avec énergie. Ibidem, p. 705.

⁴³⁸ No original: “Certes, personne n’estime plus que nous l’indépendance dans les lettres comme partout ailleurs; personne ne met à plus haut prix l’originalité; mais il nous semble qu’on peut trouver un peu d’exagération dans les conseils de M. Denis, ou du moins qu’on pourrait facilement se méprendre sur le sens qu’il est utile d’y attacher. Avant de ne chercher son guide que dans l’observation, il faut avoir appris à observer; et c’est surtout pour l’apprendre qu’on a besoin de guide; et c’est surtout en cela que les meilleurs guides sont les anciens, et nos écrivains qui les ont pris pour modèles”. Ibidem, p. 707-708.

⁴³⁹ No original: “ce sont les ressorts de l’action, les caractères, et la manière d’envisager la nature, quelle qu’elle soit, qui constituent l’originalité ou l’imitation”. Ibidem, p. 708.

⁴⁴⁰ No original: “étudie[r] avec respect les grands maîtres de l’antiquité, pour apprendre à inventer comme eux, pour tracer des tableaux où les accessoires ne soient pas seuls nouveaux, mais dont les principales figures présentent le même caractère d’originalité”. Loc. cit.

Brasil, dizendo: “[eles] poderiam cometer exageros em seu pensamento e se confundir quanto aos meios de dar aos seus escritos uma verdadeira originalidade”.⁴⁴¹

Pouco tempo mais tarde, o *Journal des Savants* difundiu uma longa análise sobre o *Résumé*, escrita pelo secretário perpétuo da Academia Francesa de Letras, o filólogo e dramaturgo François-Just-Marie Raynouard.⁴⁴² Embora à época ele se ocupasse, sobretudo, do provençal clássico e do trovadorismo francês, seus interesses contemplavam igualmente a literatura portuguesa, em especial a obra do épico Luís Vaz de Camões. Já em 1817, havia se encarregado de comentar a nova edição d’*Os Lusíadas*, impressa em Paris sob patrocínio de José Maria de Sousa Botelho Mourão, o Morgado de Mateus – em cuja introdução biográfica aparecem pela primeira vez os clichês, desde então bastante recorrentes, a respeito dos fracassos sentimentais e financeiros do poeta, ou de sua retidão moral e política. Dois anos depois, criara uma ode em homenagem a Camões, a qual receberia, nos anos seguintes, sucessivas traduções para o português.⁴⁴³ Em julho de 1823, assinara o artigo sobre *Chefs-d’oeuvre du théâtre portugais* (1823), que havia sido editada por Denis para a coleção “Chefs-d’oeuvre des théâtres étrangers”, de Ladvocat.⁴⁴⁴ Amparado pelos conhecimentos advindos de trabalhos anteriores, não espanta ter sido ele, entre todos os críticos que se dedicaram a escrever sobre o *Résumé*, o que demonstrou maior profundidade e agudeza de espírito em suas considerações. Contudo, isso se mostra verdadeiro somente no que diz respeito à produção literária portuguesa, pois a brasileira foi completamente negligenciada por Raynouard.

Seu artigo sobre o *Résumé* possui uma estrutura textual mais próxima da resenha do que da crítica. Assim, em vez de tecer comentários quanto à qualidade literária do livro, Raynouard se empenhou acima de tudo em expor de forma minuciosa os conteúdos encontrados em cada um de seus capítulos. Seguindo a mesma divisão criada por Denis, apresentou cronologicamente as obras e os autores mencionados no interior da publicação e inseriu, no meio dessas descrições, notas sobre o trabalho desenvolvido pelo

⁴⁴¹ No original: “[ils] auraient pu s’exagérer sa pensée, et se méprendre sur les moyens de donner à leurs écrits une véritable originalité”. Loc. cit.

⁴⁴² RAYNOUARD, F.-J.-Marie. Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil. *Journal des savants*, Paris, mars 1827, p. 149-161.

⁴⁴³ ZILBERMAN, Regina. A epopeia nas décadas iniciais do Romantismo: de Camões para Ferdinand Denis. FEIJÓ, Elias J. Torres; SAMARTIN, Roberto; VÁZQUEZ, Raquel Bello; BRITO-SEMEDO, Manuel (ed.). *Estudos da AIL em Literatura, História e Cultura Portuguesas*, Associação Internacional de Lusitanistas, Santiago de Compostela; Coimbra, p. 1-17, 2015. Disponível em <<https://www.unicv.edu.cv/images/ail/102Zilberman.pdf>>. Acesso em 24 fev. 2020.

⁴⁴⁴ RAYNOUARD, F.-J.-Marie. Chefs-d’œuvre des théâtres étrangers, allemand, ... italien, portugais, &c.. *Journal des savants*, Paris, juillet 1823, p. 416-425.

francês e sobre seus próprios estudos referentes à literatura portuguesa – como se o contexto lhe parecesse propício à autopromoção. Ainda que tenha elogiado Denis pela qualidade de suas traduções, pelo seu grande domínio do assunto e pela sua perspicácia na escolha de trechos capazes de despertar o interesse, não deixou de censurá-lo por ter recorrido demasiadamente a outros escritores, cujas reflexões incorporara como verdadeiras. Apontou, do mesmo modo, alguns deslizes que localizara dentro do *Résumé*, ora quanto à data, ora quanto à autoria de determinadas obras (a exemplo das trovas sobre a morte de Inês de Castro, atribuídas erroneamente por Denis a D. Pedro I de Portugal, ou de certos sermões que ele acreditava serem do padre António Vieira, apesar da ausência de assinatura). Ao concluir seu texto, recomendou um tamanho maior de publicação, o que permitiria ao autor eliminar passagens apressadas, bem como aumentar os trechos traduzidos e as notas de rodapé com informações biobibliográficas.

Por fim, em junho desse mesmo ano, foi a vez do dramaturgo e crítico literário Charles Magnin dedicar-se ao *Résumé* em sua coluna habitual do *Le Globe*,⁴⁴⁵ publicada geralmente aos sábados – quando o periódico, cuja circulação ocorria também às terças e às quintas, dobrava de tamanho, passando de quatro para oito páginas. Veiculada de forma irregular ao longo de seis meses, sua crítica se divide em quatro partes, sendo as três primeiras consagradas à produção literária de Portugal, e apenas a última, ao Brasil. Notamos facilmente certas similitudes entre as ideias de Magnin e aquelas que haviam sido expostas, nos meses anteriores, pelos críticos do *Le Drapeau blanc*, da *Revue Encyclopédique* e da *Revue des Savants*. Logo nas linhas iniciais, ele apresentou uma consideração sobre a ignorância na qual os franceses haviam se mantido ao longo dos séculos em matéria de literatura portuguesa:

Nós fazemos soar bem alto nossos progressos nos estudos das literaturas estrangeiras. O fato é que, no que concerne a Portugal, nossa erudição não é mais que leviana. De todos os escritores dessa nação, conhecemos apenas Camões, e, de todas as obras desse poeta, não lemos nada além de *Os Lusíadas*. Seria, no entanto, um fenômeno estranho uma literatura composta de uma única obra. [...] Essas literaturas, das quais chegam até nós apenas uma ou duas obras-primas, são como países distantes cujas capitais nós conhecemos por mapas mais ou menos fiéis, e dos quais nos

⁴⁴⁵ MAGNIN, Charles. Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil; par M. Ferdinand Denis. *Le Globe*, Paris, 16/06/1827, p. 168-171; 28/06/1827, p. 194-196; 21/07/1827, p. 248-250; 22/07/1827, p. 534-536. Mais tarde, uma versão resumida da crítica seria publicada pelo autor em *Causeries et méditations historiques et littéraires* (1843). Cf. MAGNIN, Charles. *Causeries et méditations historiques et littéraires*. V. II (partie étrangère). Paris: Benjamin Duprat, 1843.

resta a conhecer ainda uma multitude de lugares interessantes, ainda que menos consideráveis e menos célebres.⁴⁴⁶

Entretanto, ao examinar a história da literatura brasileira feita por Denis, Magnin revelou maior capacidade inovadora, divergindo em vários aspectos das abordagens apresentadas anteriormente pelos outros críticos. A seu ver, fatores como a recente independência política conquistada pelo Brasil e a procura por produções literárias com características originais, da parte dos letrados europeus, justificariam a necessidade não apenas de ler os escritores americanos, mas também de incluí-los nas novas historiografias da literatura a serem produzidas na Europa. Perdoou as análises superficiais realizadas pelos que haviam escrito antes do fim do sistema imperial, como Andrès, Boutterweck, Sismondi e Sané, mas declarou que, daquele momento em diante, tal atitude seria simplesmente indefensável. Na sequência, retomou as concepções apresentadas em *Scènes de la nature* quanto à capacidade da natureza tropical de inspirar a escrita literária, procurando compreender como, diante de uma paisagem tão esplendorosa, os escritores brasileiros tinham se limitado a produzir “mirradas imitações da velha poesia do Antigo Mundo”.⁴⁴⁷ De acordo com o crítico, a resposta para tal questionamento estaria na proibição da imprensa no Brasil até o ano de 1808 – quando finalmente se deu a criação da Impressão Régia –, e no forte controle, realizado pela coroa lusitana, da circulação de obras e periódicos em sua colônia – “parece que o jugo colonial se estendeu até os espíritos, e que a emancipação do gênio somente pode seguir, e seguir bem lentamente, aquelas das instituições e do solo”.⁴⁴⁸

Magnin encontrou, principalmente em Santa Rita Durão e Basílio da Gama, cujas obras conhecera por intermédio de Denis, uma exceção a essa regra. Do *Caramuru*, disse que se tratava de uma bela narrativa, repleta de curiosos costumes indígenas e

⁴⁴⁶ No original: “Nous faisons sonner bien haut nos progrès dans l’études des littératures étrangères. Le fait est que, pour ce qui concerne le Portugal, notre érudition n’est encore que bien légère. De tous les écrivains de cette nation, nous ne connaissons que Le Camões, et, de tous les ouvrages des ce poète, nous n’avons guère lu que *La Lusidade*. Ça serait cependant un étrange phénomène qu’une littérature composée d’une seule ouvrage. [...] Ces littératures, dont il n’est venu jusqu’à nous qu’un ou deux chefs-d’œuvres, sont comme des pays lointains dont nous connaissons les capitales par des plans plus ou moins fidèles, et où il nous reste à reconnaître une foule de lieux intéressants encore, bien que moins considérables et moins célèbres”. MAGNIN, Charles. Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil; par M. Ferdinand Denis. *Le Globe*, Paris, 16/06/1827, p. 168-169.

⁴⁴⁷ No original: “de chétives imitations de la vieille poésie de l’ancien monde”. MAGNIN, Charles. *Le Globe*, Paris, 22/11/1827, p. 534.

⁴⁴⁸ No original: “il semble que le joug colonial se soit étendu jusque sur les esprits, et que l’émancipation du génie n’ait pu que suivre et suivre bien lentement, celles des institutions et du sol”. Loc. cit.

empenhada em opor “a humanidade europeia e a heroica barbárie desses povos”,⁴⁴⁹ embora empregasse uma estrutura demasiadamente próxima à epopeia homérica.⁴⁵⁰ Do *Uraguai*, não escondeu seu desconforto com o destaque concedido à Companhia de Jesus, nem seu descaso com o propósito satírico de certas passagens, as quais, em sua opinião, teriam perdido completamente o sentido. Mesmo assim, declarou que “notam-se nesse poema alguns caracteres bem traçados e, sobretudo, algumas pinturas bem feitas dessa parte do Novo Mundo”,⁴⁵¹ e ainda que “existe, contudo, na ação do selvagem e na paisagem sobre a qual essa narrativa se desenha um tom de originalidade que a retórica do ex-jesuíta não pode apagar totalmente”.⁴⁵² Depois desse longo parêntese sobre os dois épicos, no último parágrafo de sua resenha Magnin voltou a se concentrar no *Résumé*. Censurou a ausência de erratas, o formato pequeno do volume e o emprego do termo “redondillas”, no lugar de “redondilhas”. Por outro lado, exaltou Denis por seu cuidadoso trabalho de pesquisa, por seu estilo rico em ideias e expressões, e ainda por sua alma delicada, capaz de apreciar profundamente as produções literárias brasileiras.

Se o lançamento do *Résumé* despertou certo interesse na imprensa francesa – sendo alguns desses artigos críticos redigidos até mesmo por estudiosos e especialistas em literatura portuguesa, como mostrado anteriormente –, nas décadas subsequentes, por outro lado, poucos conterrâneos de Denis continuaram se referindo à publicação. As únicas exceções foram os verbetes acerca do autor disponibilizados em dicionários e enciclopédias, a exemplo de *La France littéraire ou Dictionnaire bibliographique des savants, historiens et gens de lettres de la France, ainsi que des littérateurs étrangers qui ont écrit en français, plus particulièrement pendant les XVIIIe et XIXe siècles* (1828), do *Dictionnaire Universel des contemporains* (1893) e da *Bibliographie brésilienne: catalogue des ouvrages français & latins relatifs au Brésil* (1898).⁴⁵³ Nos próximos capítulos veremos que, sobretudo a partir do último quartel do século XIX, Denis obteve

⁴⁴⁹ No original: “entre l’humanité européenne et l’heroique barbarie de ces peuplades”. Idem. p. 535.

⁴⁵⁰ Loc. cit.

⁴⁵¹ No original: “on remarque dans ce poème quelques caractères bien tracés, et surtout quelques peintures bien faites de cette partie du Nouveau-Monde”. Loc. cit.

⁴⁵² No original: “il y a cependant dans l’action du sauvage et dans le paysage sur lequel ce récit se dessine une teinte d’originalité que la rhétorique de l’ex-jésuite n’a pu tout-à-fait effacer”. Idem, p. 536.

⁴⁵³ QUÉRARD, Joseph-Marie (ed.). *La France littéraire ou Dictionnaire bibliographique des savants, historiens et gens de lettres de la France, ainsi que des littérateurs étrangers qui ont écrit en français, plus particulièrement pendant les XVIIIe et XIXe siècles*. T. II, [C-D]. Paris: Firmin Didot père et fils, 1828. p. 477-478; VAPEREAU, Gustave (ed.). *Dictionnaire universel des contemporains*: contenant toutes les personnes notables de la France et des pays étrangers, 6^{ème}. édition. Paris: Hachette, 1893, p. 446; GARRAUX, Anatole Louis. *Bibliographie brésilienne: catalogue des ouvrages français & latins relatifs au Brésil*. Paris: Ch. Chadenat, Jablonski, Vogt et Cie, 1898. p. 84.

consagração simbólica entre os franceses em decorrência de sua atuação frente à Biblioteca Santa Genoveva e de seus amplos conhecimentos em matéria de história, geografia e etnografia das Américas. Por isso, os elogios fúnebres publicados na França em sua homenagem raramente mencionaram o *Résumé*, concentrando-se, na maior parte das vezes, em apresentá-lo como um antigo funcionário da referida instituição de leitura e/ou como um americanista.⁴⁵⁴ Ao longo do século XX, na medida em que essa última faceta pouco a pouco se apagava, somente um círculo reduzido de franceses, entre os quais havia um grande número de alunos de doutorado e de professores universitários de letras,⁴⁵⁵ ainda se lembrava da publicação – e de seu autor.

Por essas plagas, a recepção crítica do *Résumé* tomou rumos diferentes: desde o final de 1827, a obra circulava na cidade do Rio de Janeiro – onde um viajante francês a vendia “no grande armazém, na Rua do Ouvidor n. 95”⁴⁵⁶ –, mas nem por isso ela suscitou de imediato o interesse dos letrados nacionais. Em 08 de agosto desse mesmo ano, *L’Echo de l’Amérique du Sud* prometera uma crítica sobre o assunto, porém jamais deu andamento a tal projeto.⁴⁵⁷ Quatro meses mais tarde, *O Espelho Diamantino: periódico de política, literatura, belas-artes, teatro e moda dedicado às senhoras brasileiras* reproduziu um pequeno trecho extraído do *Résumé* – em francês mesmo – acerca da suposta predisposição natural dos brasileiros para a música.⁴⁵⁸ Essa foi toda a atenção consagrada à publicação

⁴⁵⁴ *Le Petit Journal*, por exemplo, assinalou: “sua obra sobre o Brasil e outras partes da América Meridional obteve um grande sucesso pelos numerosos documentos que continha. [...] Deve-se a ele um número considerável de obras, das quais as mais interessantes são aquelas nas quais ele narra as suas viagens” (no original: “son ouvrage sur le Brésil et les autres contrées de l’Amérique méridionale obtint un grand succès par les nombreux documents qu’il renfermait. [...] On lui doit un nombre considérable d’ouvrages dont les plus intéressants sont ceux dans lesquels il raconte ses voyages”). Poucos dias depois, *Le Rappel* disse o seguinte a seu respeito: “O Sr. Ferdinand Denis deixa uma quantia considerável de obras, das quais a maioria trata da história do Brasil, de Portugal e da Espanha” (no original: “M. Ferdinand Denis laisse une quantité considérable d’ouvrages, dont la plupart ont trait à l’histoire du Brésil, du Portugal et de l’Espagne”). A título de exemplo, podemos citar ainda o artigo “Ferdinand Denis. 1798-1890”, de Henri Cordier, apresentado no VIII Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Paris, em 1890. Cf. *Le Petit Journal*, Paris, 03/08/1890, p. 1; *Le Rappel*, Paris, 05/08/1890, p. 3; CORDIER, Op. cit.

⁴⁵⁵ Cf. LE GENTIL, Os Estudos portugueses em França. *Vasco da Gama*, Lisboa, n. 1, v. 1, 1925-1926, s./p.; HAZARD, Op. cit.; MOREAU, 1932; BOURDON, Op. cit..

⁴⁵⁶ O seguinte anúncio foi publicado no *Jornal do Comércio*, em 26 de novembro de 1827: “Um mercador francês que chegou ultimamente trouxe um grande e belo sortimento de livros, e se propõe vendê-los em detalhe no grande armazém, na Rua do Ouvidor n. 95, onde o Público os poderá examinar a miúdo; todas as obras são bem encadernadas, e dos melhores Autores [...]. *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l’histoire littéraire du Brésil*, 1 vol., com um belo mapa enluminado [sic], que se vende separadamente. [...] adverte-se que não há mais que um ou dois exemplares de cada um dos Autores citados”. Cf. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 26/11/1827, p. 3.

⁴⁵⁷ *L’Echo de l’Amérique du Sud: journal politique, commercial et littéraire*, Rio de Janeiro, 08/08/1827, p. 4.

⁴⁵⁸ *O Espelho Diamantino*, Rio de Janeiro, 07/12/1827, p. 103.

deste lado do Atlântico durante a década de 1820.⁴⁵⁹ A situação mudou de figura somente dez anos após seu lançamento em Paris, quando, em 1836, Gonçalves de Magalhães trouxe à luz o “Discurso sobre a história da literatura do Brasil”. Publicado nas páginas da *Revista Niterói*, o ensaio traz um panorama no qual os textos literários têm uma missão bastante específica a cumprir, a saber: transmitir a concepção central do período em que surgiram, ou, para retomar as palavras do próprio autor, “o espírito e o pensamento mais íntimo de sua época, [...] a razão oculta de todos os fatos contemporâneos”.⁴⁶⁰ Daí que a principal tarefa do historiador da literatura fosse, segundo Magalhães, debruçar-se sobre essas produções do passado a fim de localizar suas diferenças e sinais de originalidade. Em sua opinião, todos os estrangeiros que haviam se dedicado à historiografia literária brasileira até aquele momento haviam fracassado em tal propósito, incluindo o próprio Denis, a respeito de quem declarou:

No *Resumo da história literária de Portugal e do Brasil*, por Mr. Ferdinand Denis, posto que separadas estejam elas, e porventura mais extenso desenvolvimento ofereça a segunda, contudo basta um lance de olhos para ver-se que ainda está longe de ser completa, servindo apenas para dar uma ideia a estrangeiros. / Eis tudo o que sobre a literatura do Brasil se tem escrito até hoje; se só por isso nos guiássemos, na impossibilidade em que ficaríamos de nada poder acrescentar, teríamos preferido traduzir esse pouco, o que de nada serviria para a História.⁴⁶¹

Malgrado o tom desdenhoso adotado por Magalhães, nas décadas seguintes se tornaram frequentes as alusões diretas ou implícitas ao *Résumé* por parte dos românticos brasileiros. Em 1841, Bernardo Guimarães afirmou, na *Revista Ensaios Literários*, que o “amigo da literatura brasileira, o Sr. Ferdinand Denis, que tão atentamente estudou a índole e tendências do nosso espírito, pensou conosco e não hesitou augurar os mais felizes sucessos para nossa poesia”.⁴⁶² Dois anos mais tarde, ao anunciarem, nas páginas da

⁴⁵⁹ Não encontramos nenhuma outra menção à obra na imprensa da época, nem nas antologias literárias escritas por Januário da Cunha Barbosa e Abreu Lima. Cf. BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso brasileiro ou coleção das melhores poesias do Brasil, tanto inéditas como já impressas (1829-1831)*. Prefácios e índices. Organização, edição, notas e apresentação por José Américo Miranda. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1999; LIMA, Abreu. *Bosquejo historico politico e litterario do Brasil*. Niterói: Typ. de Rego e Comp, 1835. Disponível em <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=midias&id=196421>>. Acesso em 24 fev. 2020.

⁴⁶⁰ MAGALHÃES, Gonçalves de. Discurso sobre a historia da litteratura do Brasil. *Translusofonia – Revista de Estudos Comparativistas Lusófonos*, Dossier Diálogos Lusófonos: Apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para crítica literária do século XIX em Brasil e Portugal. v. 1, n. 1, s./p., 2014. Disponível em <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/RevTranslusofonias/article/view/1804>>. Acesso em 24 fev. 2020.

⁴⁶¹ Ibidem.

⁴⁶² GUIMARÃES, Bernardo. Reflexões sobre a poesia brasileira – 2ª. parte. *Ensaio Literários: Jornal de uma Associação de Acadêmicos*, São Paulo, 1ª série, n. 2, 1847, p. 15.

Minerva Brasiliense, o lançamento do *Mosaico poético, poesias brasileiras antigas e modernas, raras e inéditas, acompanhadas de notas, notícias biográficas e críticas, e de uma introdução sobre a literatura nacional* (1844), Émile Adet e Joaquim Norberto de Sousa Silva disseram que a produção literária brasileira permanecia “tão pouco e tão imperfeitamente conhecida na França, não obstante os ensaios de MM. Ferdinand Denis, Eugène de Monglave e J. de Marcy”.⁴⁶³ Igualmente em 1843, no seu *Parnaso brasileiro ou seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil*, depois de declarar que a literatura brasileira Setecentista “nada tem de nacional, senão o nome de seus escritores, e o acaso de haverem no Brasil nascido”, uma vez que esses últimos cometeram o erro de “imitarem muito os escritores europeus, e de se não entregarem ao voo livre de sua romanesca imaginação”, Pereira da Silva procurou fundamentar seu ponto de vista com base na referência a Garrett e a Denis: “Este defeito se tornou, no século 18º. tão saliente, que os Srs. Garrett e Ferdinand Denis, nos seus esboços de literatura, imediatamente o reconheceram, e fortemente o censuraram”.⁴⁶⁴ Mesmo que não tenha mencionado o título da publicação, Joaquim Manuel de Macedo reportou-se ao conteúdo apresentado no *Résumé*, alegando o seguinte em seu discurso para os sócios do IHGB, em 1850:

[...] apenas roto o grilhão que nos prendia ao jugo da velha Lusitana, solto o grito de liberdade, que foi aplaudido pelas nações livres de ambos os hemisférios, Mr. Ferdinand Denis patenteava à face da Europa essa literatura nascente, que se eleva sem arrimo, que prospera sem proteção, sem um núcleo para o qual não poderiam convergir tantos e tão esperançosos talentos, e que ainda assim mostramos com orgulho aos povos da América [...].⁴⁶⁵

Nenhum desses letrados Oitocentistas, porém, parece ter contribuído tanto para popularizar as ideias de Ferdinand Denis no Brasil como o já mencionado Joaquim Norberto de Sousa e Silva. Com efeito, diversos artigos de sua autoria – sobretudo aqueles publicados inicialmente no interior da *Revista Popular* (1859-1862)⁴⁶⁶ – mencionam o

⁴⁶³ ADET, ÉMILE; SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Algumas palavras sobre uma nova publicação. *Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, 01/05/1844, p. 392.

⁴⁶⁴ SILVA, Pereira da. *Parnaso brasileiro ou seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil, precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira no século XVI, XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843. Disponível em <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008993&bbm/6980#page/4/mode/2up>>. Acesso em 24 fev. 2020.

⁴⁶⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. Parecer da Comissão de História sobre o opúsculo: *Une Fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550*. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, t. XIV, 1851, p. 443-449.

⁴⁶⁶ Mais tarde, uma parte desses artigos iria compor a *História da literatura brasileira*, publicada por Norberto, em 1841. Ver: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Capítulos de história da literatura brasileira e*

francês, apontando-o como uma autoridade em matéria de história da literatura brasileira. Em “Introdução histórica sobre a literatura brasileira”, Norberto procurou comprovar a necessidade de ler os poetas nacionais Setecentistas, ainda que eles tenham se mostrado “pouco dignos de comparecer ante o tribunal da posteridade”, argumentando que, “como nota o Sr. Ferdinand Denis, são eles uma prova evidente da tendência, que de há muito apresentava a nação brasileira, para o cultivo das belas-artes”.⁴⁶⁷ Em “Nacionalidade da literatura brasileira”, juntou-se à discussão levantada por Santiago Nunes Ribeiro em torno do *Bosquejo histórico, político e literário do Brasil* (1835), do general José Ignácio de Abreu Lima,⁴⁶⁸ rebatendo o que este postulava acerca da inexistência de duas literaturas distintas, uma portuguesa e outra brasileira, partindo do fato de que ambas compartilham uma mesma língua. Norberto afirmou que “A terra, que Cabral e seus companheiros contemplaram extasiados [...] foi saudada como capaz de produzir artistas, literatos e poetas verdadeiramente originais” por diversos autores, tanto nacionais como estrangeiros, lembrando-se de incluir Denis nessa lista.⁴⁶⁹ Já em “Poetas Repentistas”, ao discorrer acerca da sensibilidade poética – supostamente inata – dos habitantes do Brasil, valeu-se mais uma vez do “ilustre letrado francês” para demonstrar que ela seria uma consequência direta da prodigiosa natureza tropical, assim como da própria composição étnica do povo brasileiro – tendo o negro contribuído com sua vivacidade, o indígena, com sua capacidade imaginativa e o português, com sua índole cavalheiresca.⁴⁷⁰

Fora da imprensa periódica, Norberto havia identificado o francês como um verdadeiro profeta, cuja intuição aguçada pudera prognosticar, já em 1826, o despertar de uma mudança no cenário letrado nacional, o surgimento de Gonçalves de Magalhães – um poeta genuinamente original, a quem caberia a ilustre missão de levar a literatura brasileira para outros rumos, separando-a de uma vez por todas da portuguesa. Por isso, já em suas *Modulações poéticas, precedidas de um Bosquejo da história da poesia brasileira* (1841), declarou entusiasmado:

outros estudos. Edição e notas de José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

⁴⁶⁷ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Introdução histórica sobre a literatura brasileira – continuação. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, jan. 1860, p. 21-33.

⁴⁶⁸ A respeito da polêmica em torno dessa obra, conferir: RIBEIRO, Santiago Nunes. Nacionalidade da Literatura Brasileira. *Revista Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, 01/11/1843, p. 7-23.

⁴⁶⁹ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Nacionalidade da literatura brasileira. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, 01/08/1860, p. 154.

⁴⁷⁰ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Poetas Repentistas. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, 01/05/1862, p. 129.

Sim Mr. Ferdinand Denis tinha predito – que o Brasil, que sentira a necessidade de adotar instituições diferentes das que lhe impusera a Europa, – que o Brasil conhecia também a necessidade de ir beber suas inspirações poéticas à fonte que lhe verdadeiramente pertence; – que o Brasil coroado com o esplendor de sua nascente glória publicaria dentro em pouco tempo as primorosas obras d’esse primeiro entusiasmo que atesta a galhardia e mocidade de qualquer povo; – sim a profecia cumpre-se e essa época de glória literária vem raiando! [...] Louvores ao jovem Fluminense! Louvores a Sr. Dr. D. J. G. de Magalhães!⁴⁷¹

Ao longo dos Oitocentos, grande parte dos sucessores de Norberto nos estudos críticos e historiográficos sobre a literatura brasileira continuou se referindo a Denis, às suas concepções em matéria de nacionalidade literária e às suas leituras dos árcades brasileiros: encontramos alusões ao francês no *Florilégio da poesia brasileira* (1850), de Francisco Adolfo de Varnhagen; na *História Literária* (1863), de Ferdinand Wolf; no *Curso elementar de literatura nacional* (1862) e no *Resumo de História Literária* (1872), ambos do cônego Fernandes Pinheiro; no *Curso de literatura portuguesa e brasileira* (1866-1868), de Francisco Sotero dos Reis; no *Panteon fluminense: esboços biográficos* (1880), de Lery dos Santos; na *Introdução à história da literatura brasileira* (1888), de Sílvio Romero; e em *Aspectos da literatura colonial brasileira* (1896), de Manuel de Oliveira Lima.⁴⁷² Mesmo assim, não podemos perder de vista que, durante todo o século XIX, sua contribuição em assuntos ligados à literatura chamou menos a atenção do que seu

⁴⁷¹ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Modulações poéticas, precedidas de um Bosquejo da Historia da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Typ. Francesa, 1841. Disponível em <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000009001&bbm/5127#page/52/mode/2up>>. Acesso em 24 fev. 2020.

⁴⁷² VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946. 3 vol.; REIS, Francisco Sotero dos Reis. *Curso de literatura portuguesa e brasileira*. Maranhão: Typ. de Berlarmino de Matos, 1866-1868. 4 vol.; PINHEIRO, Fernandes. *Curso elementar de literatura nacional*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1862. Disponível em <<https://archive.org/details/cursoelementard00pinhgoog/page/n33>>. Acesso em 20 fev. 2020; PINHEIRO, Fernandes. *Resumo de História Literária*. 2 vol. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872; SANTOS, Presanlindo Lery dos. *Panteon fluminense: esboços biográficos*. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1880; ROMERO, Sílvio. *Introdução à história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1882. Disponível em <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4484>>. Acesso em 24 fev. 2020; LIMA, Oliveira. *Aspectos da literatura colonial brasileira*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1896. Disponível em <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2716>>. Acesso em 24 fev. 2020. Deixaram de citar Denis ou o *Résumé* os críticos Tobias Barreto, Melo Moraes Filho e Valentin Magalhães. Cf. BARRETO, Tobias. *Crítica literária*. Brasília: Editora Gráfica Alvorada, 1987; MORAES FILHO, Melo. *Curso de Literatura Brasileira ou escolha de vários trechos em prosa e verso de autores nacionais antigos e modernos*. 3ª edição. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1895. Disponível em <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=44060>>. Acesso em 24 fev. 2020; MAGALHÃES, Valentim. *Escritores e escritos (perfis literários e esboços críticos)*. Rio de Janeiro: Tip. e Lit. de Carlos Gaspar da Silva, 1889; idem. *A literatura brasileira (1870-1895). Notícia crítica dos principais escritores, documentada com escolhidos excertos de suas obras, em prosa e verso*. Lisboa: Antonio Maria Pereira, 1896. Disponível em <<https://www.portalcatarina.ufsc.br/documentos/?action=download&id=89707>>. Acesso em 24 fev. 2020.

papel de propagandista do Brasil no exterior. Conforme salientou Rouanet, nesse período o Denis historiador da literatura parece empalidecer frente ao Denis especialista em história e etnografia americanas – esse sim, constantemente investigado, abordado e citado pelos homens de letras desta parte do Atlântico.⁴⁷³

Nas primeiras décadas do século seguinte, após ter sido a princípio não esquecido, mas relegado a um segundo plano pelos estudos literários brasileiros,⁴⁷⁴ ele passou a uma posição de grande destaque, sendo alçado a nada menos do que patrono do movimento romântico nacional. Em 1929, Alceu Amoroso Lima – inaugurando, ao que parece, tal reflexão, a partir da leitura de Paul Hazard – afirmou que “Ferdinand Denis foi o pai do nosso Romantismo”.⁴⁷⁵ Vários pesquisadores retomaram essa concepção⁴⁷⁶, a qual, em meados do século, já se mostrava completamente cristalizada: em 1955, Jamil Haddad alegou que o *Résumé* seria “o prefácio de Cromwell do Romantismo brasileiro”⁴⁷⁷; no mesmo ano, Heron de Alencar disse que seu capítulo introdutório “pode e deve ser

⁴⁷³ ROUANET, Op. cit., p. 177.

⁴⁷⁴ Nesse período, Escragnolle Doria e Manoel de Oliveira Lima procuraram resgatar a produção intelectual de Denis, publicando artigos repletos de elogios ao francês: em 1912, o primeiro escreveu “Um amigo do Brasil”, e, no ano seguinte, veio à luz “O Brasil e os estrangeiros”, do segundo. Contudo, as historiografias literárias contemporâneas, quando se referem ao *Résumé* e a seu autor fazem-no sempre *en passant*, apontando-o como um precursor menos qualificado, porém, do que Ferdinand Wolf. Cf. DORIA, Op. cit.; LIMA, Manoel de Oliveira. *O Brasil e os estrangeiros, conferência realizada na Sociedade de Geografia de Antuérpia pelo Dr. M. de Oliveira Lima*. São Paulo: Typ. do Diário Oficial, 1913. Disponível em <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008119&bbm/307#page/1/mode/2up>>. Acesso em 24 fev. 2020; ORBAN, Victor. *Littérature brésilienne*. Préface de M. de Oliveira Lima. Porto: Lello & Irmão; Rio de Janeiro: H. Garnier; Paris: Garnier Frères, 19?.; CARVALHO, Aderbal de. *Esboços literários*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902. Disponível em <<https://www.portalcatarina.ufsc.br/documentos/?action=download&id=43996>>. Acesso em 24 fev. 2020; ROMERO, Sílvio; RIBEIRO, João. *Compêndio de História da Literatura Brasileira*. Edição comemorativa. Org. Luiz Antonio Barreto. Rio de Janeiro: Imago Ed., Universidade Federal de Sergipe, 2001; BOSCOLI, José Ventura. *Lições de literatura brasileira*. Niteroy: Casa Jeronymo Silva, 1912; VERISSIMO, Jose. *História da literatura brasileira*. 1916. Disponível em <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/histlitbras.pdf>. Acesso em 24 fev. 2020; COSTA, Benedito. *Le roman brésilien*. Traduit du portugais. Bibliothèque des Études Brésiliens. Paris: Librairie Garnier frères, 1918; CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 13ª edição. Coleção Biblioteca Brasileira de Literatura. V. 4. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Biblioteca Pró-Memória, 1984.

⁴⁷⁵ LIMA, Alceu Amoroso Lima. *Estudos*. 3a. série. 2 vols. Rio de Janeiro: A Ordem, 1929. p. 156.

⁴⁷⁶ Ver a esse respeito: MOTA, Arthur. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930. 2 vol; PARANHOS, Haroldo. *História do Romantismo no Brasil. 1830-1850*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1937?. 4 vol.; SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira. Seus fundamentos econômicos*. 7ª edição atualizada. São Paulo: DIFEL, 1982; MENUCCI, Sud. Ferdinand Denis, um pioneiro. *Revista da Academia Paulista de Letras*, Rio de Janeiro, 12/08/1938, p. 5-18; LACERDA, Virginia Cortes de. *Unidades literárias (literatura brasileira)*. 2ª edição. Terceira série dos Cursos clássicos e científicos. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

⁴⁷⁷ HADDAD, Jamil. Introdução. In: WOLF, Ferdinand. *O Brasil literário*. Coleção Brasileira, v. 278. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1955.

considerado como o manifesto do Romantismo brasileiro”⁴⁷⁸, enquanto José Aderaldo Castelo declarou que o francês teria realizado “o primeiro programa de nacionalização de nossas letras, indicando ao mesmo tempo a inspiração romântica que deveríamos seguir, em um abandono total da imitação europeia e em particular do Classicismo”;⁴⁷⁹ em 1956, Alceu Amoroso Lima localizou na obra uma formulação “[d]os famosos conselhos aos poetas brasileiros, que constituem o programa de um romantismo ‘avant la lettre’, que só dez anos mais tarde iria ser *conscientemente* lançado como ideal de libertação literária”⁴⁸⁰; finalmente, em 1959, Antonio Candido afirmou que o autor francês teria grande importância na fortuna crítica nacional, “porque foi o primeiro a conceber a literatura brasileira como algo diferenciado e a indicar quais deveriam ser os rumos do futuro”.⁴⁸¹

Nos últimos vinte anos, partindo da famosa sentença “a América deve ser livre na sua poesia, assim como no seu governo”,⁴⁸² encontrada nas primeiras páginas do *Résumé*, os pesquisadores da literatura continuam defendendo a ideia de que o autor francês teria deliberadamente interferido nos debates em torno da nacionalidade literária brasileira – “suger[indo] os passos a serem dados para que o Brasil produzisse uma literatura nacional”,⁴⁸³ como resumiu Barel, ou prescrevendo “uma proposta de direções e caminhos para que a literatura brasileira afirmasse, esteticamente, o que os brasileiros já haviam declarado politicamente – sua independência”, como declarou Batista.⁴⁸⁴ Laborie já problematizou a atribuição da alcunha de “intérprete do romantismo francês sob o trópicos” a Denis, assinalando sua jovem idade quando se deu a publicação do *Résumé*, sua posição ainda dominada dentro do campo literário francês e a presença dessa mesma temática (a influência da natureza na inspiração poética) em autores mais célebres, a exemplo de Humboldt e Chateaubriand.⁴⁸⁵ Além disso, embora seguramente estivesse ciente da grande circulação da literatura *made in France* no Brasil à época e talvez

⁴⁷⁸ ALENCAR, Heron de. José de Alencar e a ficção romântica. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. Direção de Afrânio Coutinho com a assistência de Eugênio Gomes e Barreto Filho. V. I. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1955. p. 848.

⁴⁷⁹ CASTELO, José Aderaldo. Os pródomos do romantismo. In: COUTINHO, Op. cit., p. 638.

⁴⁸⁰ CANDIDO, Antonio. *O romantismo no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Editora Humanitárias, 2004. p. 20.

⁴⁸¹ LIMA, Alceu Amoroso. Sumário Histórico do Problema. In: LIMA, Alceu Amoroso. *Introdução à literatura brasileira*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1957. p. 71.

⁴⁸² Ibidem, p. 349.

⁴⁸³ BAREL, Ana Beatriz. *Um romantismo a oeste: modelo francês, identidade nacional*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002. p. 47.

⁴⁸⁴ BATISTA, Op. cit., p. 39-40.

⁴⁸⁵ LABORIE, Jean-Claude. Estudos de mediações: o caso Ferdinand Denis. *Ponto-e-Vírgula: revista de Ciências Sociais*, n. 13, p. 66-77, 2013. Tradução de Guilherme S. Gomes Júnior. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/19540/14469>>. Acesso em 24 fev. 2020.

desejasse que sua obra alcançasse sucesso por estas plagas, autor francês publicou seu *Résumé* em um contexto editorial específico, visando, por esse motivo, menos à formulação das regras da independência literária brasileira do que à aproximação dos franceses com a produção literária estrangeira – no caso, com a luso-brasileira.

Com efeito, geralmente ora se esquece, ora se dá pouca atenção às quinhentas páginas que compõem a porção inicial do livro – como se o *Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* fosse uma publicação própria, lançada separadamente do *Résumé de l'histoire littéraire de Portugal*, ou como se coubesse à produção literária nacional a verdadeira posição de destaque no conjunto da obra. Isso explica o porquê de a parte relativa ao Brasil ter sido traduzida por Guilhermino César já em 1978,⁴⁸⁶ mas todo o restante (introdução, parte relativa a Portugal e suas respectivas notas) por Zilberman, apenas recentemente, em 2018. Tal leitura seletiva está diretamente atrelada aos desejos manifestados pelos brasileiros, sobretudo a partir de meados do século XIX, de encontrar na Europa – de preferência na cidade de Paris ou em outras capitais culturais do mesmo continente – interlocutores capazes de construir uma representação internacional mais favorável do país. O capítulo a seguir aborda justamente a construção de Denis como um grande partidário do Brasil no exterior, investigando a rede de relações mantida por ele com homens de letras, artistas e políticos brasileiros nas últimas cinco décadas dos Oitocentos.

⁴⁸⁶ CESAR, Op. cit.

Capítulo 4

Uma rede de relações transnacional

Os papéis pessoais de Ferdinand Denis não trazem informações significativas a respeito de suas opiniões políticas. Sabemos que seu irmão mais velho, Alphonse, foi um orleanista convicto. Com o apoio de Augustin Thierry – um amigo de longa data da família e um dos mais ardentes defensores da Revolução de Julho –, esse último conseguiu ser designado pelo rei Luís Felipe I, já em outubro de 1830, prefeito da cidade de Hyères, onde se estabelecera seis anos antes. Tendo ganhado as três eleições seguintes (em 1837, 1840 e 1843), Alphonse Denis exerceu o cargo por dezoito anos ininterruptamente. Foi também conselheiro geral da cidade e deputado do departamento do Var por três mandados consecutivos (de 04 de julho de 1837 a 06 de julho de 1846). Mas a queda da Monarquia de Julho encerrou definitivamente sua carreira política: derrotado nas eleições para a Câmara dos deputados de 1848, jamais voltou a se candidatar.⁴⁸⁷ Embora não tenha enveredado pela política, Ferdinand Denis assistiu de perto à revolta popular que destituiria Luís Felipe I. No dia 23 de fevereiro de 1848, ouviu na Câmara dos deputados o último discurso proferido pelo antigo ministro, François Guizot, o qual havia sido demitido poucas horas antes, em uma tentativa desesperada de se controlar o caos instalado por toda a França, originando centenas de barricadas.⁴⁸⁸

Mas a estratégia não teve o resultado esperado: nesse mesmo dia, a Guarda Nacional se uniu aos manifestantes, forçando Luís Felipe I a abdicar e a buscar exílio na Inglaterra. O governo provisório, formado por iniciativa dos deputados republicanos, aboliu a escravidão em todas as colônias francesas, proclamou o direito ao trabalho, estabeleceu o sufrágio universal para os indivíduos do sexo masculino com mais de 21 anos e suprimiu a pena de morte em matéria política. Esse foi, aliás, um período de intenso

⁴⁸⁷ COINTAT, Alain. *Alphonse Denis, député du Var, maire d'Hyères 1830-1848*. 'L'étrangié'. Toulon: Les Presses du Midi, 2008. Desejando fazer de Hyères a principal estação invernal da Côte d'Azur, Alphonse Denis construiu monumentos civis, restaurou edifícios públicos, equipou as ruas com iluminação a gás, abriu (com seus próprios meios) um teatro – hoje conhecido como Teatro Denis –, inaugurou praças suntuosas e introduziu, como planta decorativa, a palmeira, logo transformada no símbolo da cidade.

⁴⁸⁸ Cf. MOREAU, 1932, 24/02/1848, p. 151.

engajamento político por parte dos letrados franceses.⁴⁸⁹ Em abril desse ano, representando os democratas-socialistas e os republicanos reunidos em torno do partido Montagne, Lamennais entrou para a Assembleia Nacional Constituinte. Logo na sequência, recebeu o convite de participar do comitê de redação da Constituição, mas, descontente com os rumos da política cada vez mais centralizadora levada a cabo pelo governo provisório, pediu demissão em poucas semanas e encerrou definitivamente a publicação de seu jornal *Le peuple constituant*. Já o partido de linha mais conservadora, chamado Parti de l'ordre, contou com a presença de ninguém menos do que Victor Hugo, que foi eleito deputado nas eleições complementares de 04 de junho. Opondo-se ferozmente às medidas reacionárias apresentadas por outros integrantes do partido, o autor de *Notre-dame* rapidamente migrou para a esquerda, saindo em defesa do ensino laico, do combate à miséria, do sufrágio universal e da liberdade de imprensa. Em 1850, já havia se tornado um verdadeiro porta-voz dos ideais republicanos, sendo seus discursos na Assembleia sempre acompanhados de chuvas de palmas, gritos e vaias.

Ao lado de Victor Hugo, estiveram nomes como Edgar Quinet, professor do Collège de France e historiador consagrado, e Eugène Sue, que conseguiu se eleger graças ao apoio das classes populares parisienses. Mantido à parte da vida política, o sexo feminino procurou refúgio na imprensa, utilizando as páginas dos periódicos para defender os direitos civis, como fez George Sand em títulos como *La cause du peuple*, *La vraie République* e *Bulletin de la République*. Contudo, a atuação de nenhum desses letrados foi tão notável quanto a de Lamartine que, eloquente e igualmente corajoso, conseguiu acalmar os ânimos exaltados após a proclamação da República, formar um governo moderado e aprovar uma série de leis liberais. Isso não o impediu, porém, de sofrer uma humilhante derrota durante as eleições presidenciais de dezembro de 1848, obtendo apenas 17.910 votos, enquanto Luís Napoleão – sobrinho e herdeiro de Napoleão Bonaparte – recebeu cinco milhões e meio.⁴⁹⁰ Quatro anos mais tarde, quando chegava ao fim seu governo, esse último deu um golpe de Estado, prendendo seus opositores políticos e fechando a Assembleia Constituinte. Muitos escritores deixaram o cenário parlamentar ou se mudaram para o exterior, em busca de exílio. O clima de desilusão atingiu em cheio a

⁴⁸⁹ WINOCK, Michel. Da Revolução de 1848 ao fim do Segundo Império. In: *As vozes da liberdade: os escritores engajados do século XIX*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 405-627.

⁴⁹⁰ Loc. cit.

produção literária do país, a qual, principalmente no último decênio, demonstrara grande interesse pela realidade social contemporânea e pelas mazelas das classes populares.

Nessa mesma época, a liberalização econômica e a industrialização da imprensa tornaram possível o surgimento de um novo circuito de produção cultural na França, baseado na preeminência do julgamento dos especialistas sobre as sanções do grande público (o polo de produção restrita), em oposição ao circuito regido pela lógica do mercado e pelo volume de vendas (o polo da grande produção). Em tal processo, mostraram-se basilares as figuras de Gustave Flaubert e Charles Baudelaire, os dois principais representantes da teoria da “arte pela arte”. Divergindo tanto da “arte social”, comprometida com a militância política, quanto da “escola do bom senso”, que atribuía à literatura uma vocação pedagógica, ambos preconizaram o desinteresse da produção literária por todas as questões alheias à dimensão propriamente estética. Mais do que simplesmente inovar a literatura com a introdução de novos temas, Flaubert e Baudelaire consolidaram a primazia do valor simbólico sobre o valor mercantil, permitindo que o mundo das letras se libertasse, dali em diante, das expectativas econômicas, políticas e morais.⁴⁹¹ Com esse movimento, o campo literário francês deu, em meados do século XIX, o terceiro e último passo rumo à sua relativa autonomização: o aparecimento de um verdadeiro mercado de bens simbólicos.⁴⁹² Irredutível diante dos princípios que norteiam o mundo econômico, esse mercado tem como premissa a denegação da dimensão mercantil da atividade criativa. Dito de outro modo, funciona como um “mundo econômico às avessas”, a partir de uma lógica que estabelece que, quanto maior o capital simbólico, menor é o capital econômico, e quanto maior o capital, menor é o capital simbólico.

Pouco tempo depois, o crescimento vertiginoso dos pretendentes às carreiras literárias no mercado editorial francês, então em período de estagnação, acirrou a concorrência entre os letrados, assim como a clivagem entre os dois modos de produção

⁴⁹¹ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*, Op. cit.

⁴⁹² A autonomização de um campo literário, com sua lógica e regras específicas, depende de outros dois fatores, além da constituição de um mercado de bens simbólicos: o primeiro deles é a existência de produtores especializados (ou seja, os escritores), capazes de atribuir valor simbólico e emitir julgamentos estéticos sobre os bens produzidos no espaço social em questão; já o segundo consiste na existência de instâncias legitimadoras específicas de consagração (como as academias literárias, os salões, os cenáculos e os cafés). Conforme demonstrou Sapiro, ambos os fatores haviam sido atendidos na França desde o século XVII, com o nascimento da figura do escritor e a criação da Academia Francesa de Letras. Cf. SAPIRO, Gisèle. Elementos para uma história do processo de autonomização: o exemplo do campo literário francês. *Tempo social*, São Paulo, v. 16, n. 1, jun. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100005>. Acesso em 27 fev. 2020.

cultural (o polo da produção restrita e o polo da grande produção).⁴⁹³ Se, em períodos anteriores, conseguir sucesso financeiro e reconhecimento literário havia sido uma realidade possível, a partir da segunda metade do século XIX, era necessário escolher: os escritores poderiam ou obter consagração entre seus pares-concorrentes (abandonando, ao menos no imediato, as pretensões de rentabilidade financeira⁴⁹⁴), ou lucrar com a venda de seus livros, dirigindo-se ao público mais amplo (mas esquecendo, por outro lado, a possibilidade de lograr capital simbólico). O preço exigido pela “revolução simbólica” que libertou a literatura francesa e as demais formas artísticas das exigências burguesas foi, portanto, o desaparecimento do mercado – o que significou, para os artistas do campo de produção erudita, a limitação de seu público consumidor nos demais agentes desse mesmo espaço (seus concorrentes), assim como a perda de ganhos pecuniários (devido ao afastamento do público mais amplo). Como resumiu Bourdieu: uma vez que a lógica da produção erudita é produzir “objetivamente apenas para os produtores através de uma ruptura com o público dos não produtores, ou seja, com as frações não intelectuais das classes dominantes”, os agentes do campo de produção erudita “precisam aceitar, então, todas as consequências do fato de que podem contar apenas com uma remuneração adiada, à diferença dos ‘artistas burgueses’, que estão certos de uma clientela imediata”.⁴⁹⁵

A disputa por uma fatia de um mercado cada vez mais dinâmico, mas também mais complexo, exigia deles igualmente um maior tino comercial.⁴⁹⁶ Em primeiro lugar, porque o sucesso em cada polo estava condicionada à seleção apropriada do gênero, sendo alguns mais adaptados a oferecer capital simbólico (como a poesia, o teatro sério e a literatura *d’avant-gard*) e outros, capital econômico (como o romance-folhetim, o *vaudeville* e a literatura sob encomenda).⁴⁹⁷ Outro fator que entrava em jogo era a escolha de uma

⁴⁹³ CHARLE, Christophe. *Les intellectuels en Europe au XIXe. siècle: essai d’histoire comparée*, Op. cit., p. 145-146.

⁴⁹⁴ O processo de denegação do aspecto econômico pelos letrados (consciente ou inconscientemente) esconde, muitas vezes, o interesse por um capital simbólico que, a médio ou longo prazo, pode se reverter em ganhos financeiros. É o que acontece, por exemplo, quando se ganha um prêmio literário, ou se entra para o panteão escolar, tornando-se um clássico. Cf. SAPIRO, Gisèle. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.]. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Bens simbólicos (a economia dos). p. 55-58.

⁴⁹⁵ BOURDIEU, *As regras da arte*, Op. cit., p. 101.

⁴⁹⁶ CHARLE, Christophe. Le champ de la production culturelle. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l’édition française. V. 3: le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990, p. 150-156.

⁴⁹⁷ Os escritores naturalistas foram uma exceção a tal tendência, tendo buscado uma forma de agregar ao mesmo tempo capital financeiro e simbólico: “É o significado da campanha naturalista de Zola e de seus discípulos: fingir trazer uma nova forma literária em um gênero destinado ao público mais amplo, sem cair sob a infame acusação de se dobrarem à lógica industrial, uma vez que os colaboradores das *Soirées du Médan* se colocam sob o patrocínio desinteressado do inquilino por excelência da arte pela arte, Flaubert” (no

casa editorial especializada no segmento em questão, cuja reputação poderia ajudar a construir uma imagem coerente com os anseios dos estreantes ou a manter a reputação daqueles já consagrados. Como os escritores passaram a se associar com livreiros-editores com ideologias e expectativas semelhantes às suas próprias, as relações entre as duas partes sofreram transformações, tornando-se cada vez mais duradouras e estáveis. Na contramão das tendências contemporâneas, Ferdinand Denis parece ter mantido inalterada sua forma de se associar com os profissionais que colocavam suas obras em circulação: entre 1820 e 1849, ele recorreu a 22 livreiros-editores para trazer à luz um total de 41 livros (incluindo aqui aqueles de sua autoria, traduções, colaborações, organizações e reedições) e, nas três décadas seguintes, publicou 21 livros em 12 gráficas diferentes. Isso resultou numa proporção de 1,83 livro por livreiro-editor no primeiro período e de 1,75 livro por livreiro-editor no segundo.

Todavia, dificilmente poderíamos negar os impactos dessas mudanças em sua carreira como homem de letras. Na primeira metade do século XIX, ele havia lançado uma nova publicação a cada 9,2 meses, mas entre 1850 e 1879 limitou-se a fazer o mesmo a cada um ano e quatro meses. Fenômeno semelhante pode ser constatado em relação à sua presença na imprensa periódica, uma vez que o autor francês passou de 42 artigos anuais entre 1820 e 1849 para somente dezesseis por ano nas três décadas seguintes. Quando comparamos sua produtividade na primeira e na segunda metade dos Oitocentos, percebemos, portanto, uma queda de cerca de 62% na imprensa e de aproximadamente 43% na forma de publicações livrescas. Tal redução certamente não decorreu da estabilidade financeira alcançada graças à função na Biblioteca Santa Genoveva, pois, como vimos, Denis complementava sua renda como funcionário público havia vários anos. Mas, se o trabalho no referido estabelecimento de leitura até então não havia contrariado sua carreira de letrado, permitindo que ele lidasse com várias atividades simultâneas, a situação parece ter mudado de figura em meados do século XIX, em decorrência inicialmente dos preparativos para a inauguração do novo prédio da Biblioteca Santa Genoveva, na praça do Panteão.⁴⁹⁸ Como funcionário da biblioteca, Denis provavelmente deve ter ajudado a transferir seu gigantesco acervo – guardado, como vimos, desde 1843 a

original: “C’est tout le sens de la campagne naturaliste de Zola et de ses disciples: prétendre apporter une formule littéraire neuve dans un genre destiné au plus large lectorat, sans tomber sous l’accusation infamante de l’industrialisme, puisque les collaborateurs des *Soirées de Médan* se placent sous le patronage désintéressé du tenant par excellence de l’art pour l’art, Flaubert”). Cf. Idem. *Les intellectuels en Europe au XIXe. siècle: essai d’histoire comparée*, Op. cit., p. 265.

⁴⁹⁸ Agradeço à Mariana Osue Ide Sales por esses apontamentos, feitos durante a defesa da tese.

título provisório na antiga prisão de Montaigne –, para o novo espaço físico, cuja construção foi finalizada no final de 1850.⁴⁹⁹ Oficialmente aberta ao público em 4 de fevereiro do ano seguinte, a instituição parece ter mantido o mesmo horário de funcionamento (de segunda a sábado, das 10h às 15h e depois das 18h às 22h), o que não impediu que o fluxo de pessoas que por ali passava sofresse um aumento expressivo, chegando a cerca de mil visitantes por dia (um número duas vezes maior do que aquele observado antes da inauguração do novo prédio).⁵⁰⁰ Entre esses últimos, havia muitos alunos de escolas e universidades parisienses, que frequentavam a biblioteca sobretudo no período noturno, após as aulas, em busca de um local tranquilo para estudar, ler ou mesmo para consultar as obras do acervo. Ainda que a sala de leitura da Biblioteca Santa Genoveva consiga acolher 400 pessoas sentadas, já nessa época seus frequentadores se viam, muitas vezes, diante da necessidade de aguardar do lado de fora em fila antes de entrar⁵⁰¹ – uma realidade que ainda ocorre nos dias de hoje.

Nas décadas subsequentes, Denis continuou se dedicando com afinco ao trabalho frente à biblioteca parisiense. Ocupou um papel-chave no desenvolvimento do fundo hispano-lusófono da instituição, valendo-se, conforme seria de se esperar, de sua extensa rede de relações. Também colaborou no enriquecimento da coleção de obras nórdicas da mesma – reconhecida atualmente como a mais rica em livros escandinavos e finlandeses fora dos países nórdicos –, ao garantir que Alexandre Dezobry e de La Roche, seu colega na Sociedade de Geografia, legasse à Biblioteca Santa Genoveva os cerca de 1.500 livros, bem como as diversas cartas e manuscritos que adquirira enquanto desempenhava o papel de cônsul da França na Dinamarca e na Noruega.⁵⁰² O excesso de trabalho ajuda a compreender a queda na produção literária de Ferdinand Denis após 1850. Mas esse não parece ser o único motivo. Talvez não seja exagero supor igualmente que ele tenha procurado atender às demandas recém-surgidas no campo literário francês. Conforme assinalado por Sapiro, os agentes desse espaço social podem mudar de posição, mantendo uma trajetória ascendente (ou seja, passando de “vanguardistas” para “estetas”,

⁴⁹⁹ Fonte: “Variétés. Bibliothèque Sainte-Geneviève”. *Feuilleton du Journal de la Librairie*, Paris, 28/12/1850, p. 476.

⁵⁰⁰ ORSONNI, George. “Mais qui est donc Ferdinand Denis?”. p. 53. Disponível em <<https://franc-dire.fr/wp-content/uploads/2019/05/0-Mais-qui-donc-est-Ferdinand-Denis.pdf>>. Acesso em 14 ago 2020.

⁵⁰¹ *PARIS illustré, son histoire, ses monuments, ses musées, son administration, son commerce et ses plaisirs. Nouveau guide des voyageurs*. Paris: Hachette, 1855. p. 542-543.

⁵⁰² Ver a esse respeito: DENIS, Ferdinand; MONGIN, Jean. Rapport sur les collections scandinaves de la bibliothèque Sainte-Geneviève. *Bulletin administratif de l'instruction publique*, Paris, 1873, p. 663-676; ORSONNI, George. “Mais qui est donc Ferdinand Denis?”. p. 53. Disponível em <<https://franc-dire.fr/wp-content/uploads/2019/05/0-Mais-qui-donc-est-Ferdinand-Denis.pdf>>. Acesso em 14 ago 2020.

ou de “escritores populares” para “notáveis”, para utilizar a terminologia empregada pela autora) ou decadente (ou seja, passando de “notáveis” para “escritores populares”, ou de “estetas” para “vanguardistas”). Também podem acumular características condizentes a mais de uma posição, embora geralmente uma delas apareça com mais destaque.⁵⁰³ Já fazia alguns anos que Denis ocupava uma posição dominante entre os letrados franceses, como evidenciam sua consagração institucional (o prêmio Montyon que recebera da Academia Francesa, em 1833) e sua relativa popularidade (dentro e fora das fronteiras francesas, como vimos anteriormente). Mas, a partir de meados do século XIX, procurou empregar novas estratégias (elaboradas, mais uma vez, de forma inconsciente) com o objetivo de aumentar seu capital simbólico – sem que isso tenha se traduzido necessariamente em uma mudança de posição ou na adoção de uma atitude subversiva diante das regras do campo literário.

Começou se dedicando com mais afinco a estudos voltados a um seleto número de especialistas, entre os quais procurava se incluir. Por isso, intensificou sua presença nas publicações provenientes de sociedades de eruditos, como a Sociedade de Geografia de Paris (em francês, Société de Géographie de Paris) e a Sociedade dos Americanistas da França (em francês, Société des Américanistes de France),⁵⁰⁴ das quais se tornara membro efetivo. Afastou-se, ao mesmo tempo, daquelas dedicadas a um público mais largo – como os periódicos infanto-juvenis, as narrativas em prosa ficcional, ou mesmo os resumos histórico-geográficos sobre diferentes partes da América –, mantendo exclusivamente a colaboração no *Le Magasin Pittoresque* e no *Le Tour du Monde* – duas revistas populares editadas por Édouard Charton, com quem escreveu o livro *Voyageurs anciens et modernes, ou choix des relations de voyages le plus intéressantes et les plus instructives depuis le cinquième siècle, jusqu’au dix-neuvième siècle* (1854).⁵⁰⁵ Assinou ainda os posfácios de

⁵⁰³ SAPIRO Gisèle. O campo literário francês. Estrutura, dinâmica e formas de politização. Tradução de Germana Henriques Pereira de Sousa. In: QUEMIN, Alain; VILLAS BÔAS, Glaucia. *Arte e vida social. Pesquisas recentes no Brasil e na França*. Coleção Brésil.France, Brasil/França. OpenEdition Press, 2016. p. 71-87.

⁵⁰⁴ A Sociedade de Geografia de Paris, a mais antiga sociedade de geografia do mundo, foi criada em 15 de dezembro de 1821. Não se sabe a data exata de sua eleição, mas é certo que Denis fazia parte da instituição desde pelo menos o ano de 1869. Já a Sociedade dos Americanistas da França foi fundada em 1863, depois de ter se dissociado da Sociedade de Etnografia (em francês, Société d’Ethnographie), que, por sua vez, existia desde abril de 1859. Cf. LAURIÈRE, Christine. La Société des Américanistes de Paris: une société savante au service de l’américanisme. *Journal de la Société des Américanistes*, Dossier Historiographie américaniste, Paris, 2009, p. 95. Disponível em <<http://journals.openedition.org/jsa/11002>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁵⁰⁵ A respeito da relação de Denis com Charton, ver: THIÉRION, Brigitte. Apropriações e releituras de relatos de viagem: o abandono de Gaetano Osculati relatado por Ferdinand Denis e Victor Chavin. In: PONCIONI; LEVIN, Op. cit., p. 93-132.

Du tabac au Paraguay (1851), de Alfred Demersay, e de *Le cacao et le chocolat* (1860), de Arthur Mangin, recorrendo, no primeiro caso, aos relatos de André Thevet e de Cristóvão Colombo para mostrar o papel dos conquistadores luso-espanhóis na introdução do tabaco na França e, no segundo, ao do missionário espanhol Bernardino de Sahagún, com o propósito de discorrer acerca das tradições religiosas associadas ao consumo de chocolate entre os astecas.⁵⁰⁶ Também colaborou nas obras de Léon Curmer e Charles Mathieu, autores, respectivamente, de *Appendice à l'imitation de Jésus-Christ* (1857) e de *Livre de prières illustré à l'aide des ornements des manuscrits du Moyen-Âge* (1862), mostrando seus vastos conhecimentos em matéria de bibliofilia, ao dissertar sobre temas como a caligrafia dos escribas gregos, os suntuosos exemplares da biblioteca bizantina e a ornamentação de livros religiosos na Idade Média.⁵⁰⁷

O interesse em se tornar reconhecido por seus méritos como *savant* atravessa igualmente todos seus ensaios sobre o Brasil publicados no período em questão. Aqui está a origem, por exemplo, do meticuloso trabalho realizado por ele enquanto editor de documentos raros, inéditos ou desconhecidos referentes às relações França-Brasil ao longo dos séculos XV e XVI – principalmente durante as tentativas de estabelecimento da coroa francesa na Baía de Guanabara, entre os anos de 1555 e 1557, e depois na atual cidade de São Luís, no Maranhão, entre 1612 e 1615. Localizadas durante suas pesquisas em diferentes bibliotecas e arquivos espalhados pela França, tais descobertas resultaram em duas publicações principais: *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550, suivie d'un fragment du XVIe. siècle roulant sur la théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies en langue tupique de Cristovam Valente* (1850) – que trata de uma suntuosa festa realizada na cidade de Rouen, entre os dias 1º e 2 de outubro de 1550, em homenagem ao rei Henrique II e sua esposa, Catarina de Médicis, da qual participaram 50 índios tupinambás trazidos diretamente da costa brasileira,⁵⁰⁸ e apresenta ainda algumas lendas dos nativos americanos sobre a criação do mundo, retiradas da obra do já mencionado André Thevet –;

⁵⁰⁶ DENIS, Ferdinand. Lettre sur l'introduction du tabac en France. In: DEMERSAY, Alfred. *Du tabac au Paraguay, culture, consommation et commerce*. Collection Études économiques sur l'Amérique Méridionale. Paris: Guillaumin et cie., 1851. p. III-XXVI; idem. La légende du cacaohault. In: MANGIN, Arthur. *Le cacao et le chocolat considérés aux point de vue botanique, physiologique, agricole, commercial, industriel et économique* Paris: Guillaumin et cie., 1860. p. 301-328.

⁵⁰⁷ Idem. Histoire de l'ornementation des manuscrits. In: CURMER, Léon. *Appendice à l'imitation de Jésus-Christ*. T. II. Paris: L. Curmer, 1858. p. 1-140; idem. Notice historique et texte explicatif. In: MATHIEU, Charle. *Livre de prières illustré à l'aide des ornements des manuscrits du Moyen-Âge*. Paris: chez l'auteur, 1862.

⁵⁰⁸ DENIS, Ferdinand (ed.). *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1500, suivie d'un fragment du XVIe. siècle roulant sur la théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies en langue tupique de Christovam Valente*. Paris: J. Techeneur, 1850.

e *Voyage dans le Nord du Brésil, fait durant les années 1613 et 1614* (1864) – contendo o relato de viagem deixado por Yves d'Évreux, um dos missionários franceses selecionados para participar da expedição francesa ao norte do Brasil, sob o comando de Daniel de la Touche de La Ravardière e François de Razilly.⁵⁰⁹ Meticuloso, Denis enriqueceu ambas com introduções repletas de detalhes históricos, etnográficos e linguísticos, além de dezenas de notas de rodapé que auxiliam na compreensão dos textos. Mais tarde, ainda empenhado em afirmar sua posição de especialista, ele apresentaria artigos de mesma temática durante reuniões e congressos organizados por sociedades de eruditos, dos quais trataremos adiante.

Integrar academias e associações de homens de letras dentro e fora da Europa foi um dos principais projetos realizados por Denis com o propósito de aumentar seu capital simbólico. Na França, além da Sociedade dos Americanistas da França e da Sociedade de Geografia de Paris, seu nome aparece na lista dos membros da Academia de Ciências, Belas-Letras e Artes, dos Instituto Histórico de Paris, da Sociedade de Etnografia de Paris e da Sociedade de Linguística. Em Portugal, ele pertenceu à Academia de Ciências de Lisboa e à Sociedade Literária de Coimbra; e no Brasil, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), cuja fundação ocorrera em 1839, em meio ao processo de consolidação do Estado nacional com a proclamação da Independência, devido ao objetivo de ajudar a “construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidade em personagens e eventos até então dispersos”.⁵¹⁰ Conforme assinalou Schwarcz, o IHGB possuía uma forte ligação com a oligarquia local (e, mais do que isso, mantinha uma relação de dependência com a coroa), o que fica evidente pelo grande número de membros fundadores originários da antiga metrópole e com altas funções na política, pelo financiamento estatal representando cerca de 75% do orçamento e pela presença constante de D. Pedro II durante as sessões quinzenais, realizadas sempre aos domingos pela manhã. Daí que, contrariamente a outras congêneres que foram aparecendo pelo Brasil à época, o IHGB se identificasse com a política centralizadora promovida pelo imperador, ainda que não deixasse de compartilhar

⁵⁰⁹ DENIS, Ferdinand (ed.). *Voyage dans le Nord du Brésil, fait durant les années 1613 et 1614 par le Père Yves d'Évreux* Publié d'après l'exemplaire unique conserve à la Bibliothèque Impériale de Paris. Avec une introduction et de notes par M. Ferdinand Denis. Bibliotheca Americana. Collection d'ouvrages rares ou inédites sur l'Amérique. Leipzig et Paris: Librairie A. Franck et Albert L. Harold, 1864.

⁵¹⁰ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. 6ª. reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 2005. p. 99.

com essas últimas do desejo de “inventar uma memória para um país que deveria separar [...] seus destinos dos da antiga metrópole europeia”.⁵¹¹

Nessa história *inventada* o elemento indígena, reduzido à colonização (ou seja, “civilizado”), desempenhava um papel protagonista, em contraponto direto ao negro, que despertava pouco interesse, ou aparecia rodeado de imagens negativas. Numerosos artigos, críticas e resenhas difundidos nas páginas da *Revista do IHGB* durante a segunda metade do Oitocentos mostram que, ao primeiro – geralmente compreendido como o representante original do Brasil – era garantida uma chance de salvação desde que abandonasse seus hábitos selvagens, mas ao segundo, sobretudo com a difusão das teorias raciais a partir da década de 1870, a mesma alternativa não se aplicava – sendo ele visto, por esse motivo, como um grande obstáculo para o progresso da civilização.⁵¹² A busca pelos alicerces que sustentavam a fundação da identidade nacional, associada à subsequente valorização da figura do autóctone, ajuda a compreender a recepção favorável concedida a *Une fête brésilienne célébrée à Rouen*, pelos membros do IHGB. O autor do parecer feito pelo instituto, Joaquim Manuel de Macedo, fez uma análise detalhada de seu conteúdo, lembrando-se de apontar que Denis procurara aproximar os europeus dos nativos brasileiros, tendo-lhes traduzido excertos das obras de Basílio da Gama e Santa Rita Durão, em seu *Résumé de l’histoire littéraire du Brésil*.⁵¹³ Comentou ainda sua nomeação ao posto de membro-honorário do instituto que ocorrera sete anos antes – uma distinção concedida apenas aos membros de idade avançada e com uma prestigiosa produção literária⁵¹⁴ – em reconhecimento “pela [sua] dedicação à história de nossa pátria, pela importância que dá à nossa literatura, e pelo afeto que consagra aos Brasileiros”.⁵¹⁵ A proposta que permitiu a Denis subir um degrau na hierarquia da agremiação teve autoria do próprio secretário do IHGB, o cônego Januário da Cunha Barbosa, conforme indicam as atas da sessão de 24 de outubro de 1844.⁵¹⁶

Nessa mesma ocasião, o desembargador Silva Pontes apresentou seu parecer a respeito do artigo “Le Brésil en 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière”, publicado dois meses antes nas colunas da *Revue de Deux Mondes*, pelo conde

⁵¹¹ Ibidem, p. 24.

⁵¹² Ibidem, p. 137-138.

⁵¹³ MACEDO, Op. cit., p. 443.

⁵¹⁴ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, Op. cit., p. 104.

⁵¹⁵ Ibidem, p. 449.

⁵¹⁶ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, Rio de Janeiro, t. VI, 1844, p. 502.

de Chavagnes, sobre uma viagem que realizara pela capital do império e por algumas regiões de Minas Gerais.⁵¹⁷ Taxativo e sem circunlóquios, Chavagnes elencou todos os obstáculos com os quais se deparara no trajeto: albergues inexistentes, moradias distantes umas das outras e estradas precárias. Assinalou também a falta de beleza arquitetônica e de atrativos culturais das cidades por onde havia passado (descrevendo a pavimentação irregular das ruas, os prédios feios e instáveis e o pequeno número de locais para passeios) e discorreu sobre os motivos que, em sua opinião, justificariam os atrasos materiais dos brasileiros (a presença da escravidão, a corrupção dos costumes, a aversão pelo trabalho, a desordem da administração, assim como o desconhecimento de noções básicas de agricultura).⁵¹⁸ Réplicas apaixonadas rapidamente apareceram na imprensa, ganhando as páginas de periódicos como a *Minerva Brasiliense*, o *Jornal do Comércio* e a *Revista do IHGB*.⁵¹⁹ Manuel de Araújo Porto-Alegre tomou a dianteira, em 15 de setembro desse mesmo ano, acusando o conde de “dar falsas ideias a seus concidadãos”⁵²⁰ e de salpicar sua obra com injustiças com o Brasil e seus habitantes. Citou ainda o caso de outros viajantes franceses, entre os quais incluiu Ferdinand Denis, cujos relatos, mais comprometidos com a verdade na sua percepção, poderiam contradizer Chavagnes.⁵²¹

A história da nomeação de Denis ao IHGB está intimamente atrelada à história da publicação do referido artigo e de sua recepção no Brasil – embora, curiosamente, todos os temas abordados por Chavagnes tenham atravessado os escritos do primeiro autor durante sua estadia no Brasil, como vimos nos capítulos anteriores. A única diferença consistiu no fato de que, ao contrário de seu contemporâneo, Denis teve o cuidado de

⁵¹⁷ Loc. cit.

⁵¹⁸ CHAVAGNES, Louis de. Le Brésil en 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière. *Revue des Deux Mondes*, Paris, juillet 1844, p. 66-106.

⁵¹⁹ A respeito da polêmica, ver: ROUANET, Op. cit., p. 124-129; CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas: Papirus, 1994. p. 106-109; BARBATO, Luís Fernando Tosta. A *Revue des Deux Mondes* e a historiografia brasileira do século XIX: reminiscências francesas no IHGB e na construção da identidade nacional brasileira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Sergipe, n. 47, v. 1, Intelectuais dos (nos) Institutos Históricos, p. 80-103, 2017. Disponível em <<https://seer.ufs.br/index.php/rihge/article/view/11968>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁵²⁰ PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. *Revista dos Dois Mundos: uma palavra acerca do artigo do Sr. Chavagnes intitulado o Brasil em 1844*. *Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, 15/09/1844, p. 711-719.

⁵²¹ Mais tarde, na introdução da segunda edição da comédia *A Estátua amazônica* (1851), retomou essas ideias, dizendo: “O Brasil tem tido a glória de ser visitado por viajantes franceses dignos de todo o respeito e veneração, como sejam os Senhores Auguste de Saint-Hilaire, Ferdinand Denis e Debret, que estão longe da classe dos Jacquemonts, Arsennes, Aragos, Suzanets, e outros muitos miseráveis mentirosos, que – *visant à l’effet* – escrevem o que não viram e degeneram o que viram. Aos primeiros é do nosso dever tributar veneração, respeito e gratidão; mas aos segundos desprezo, e só desprezo”. PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. *A estátua amazônica*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Typ. de Francisco de Paula Brito, 1851. s./p. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/3892/1/015149_COMPLETO.pdf>. Acesso em 27 fev. 2020.

escondê-los de suas publicações impressas, guardando-os para si próprio, seus familiares ou amigos mais próximos. A omissão lhe rendeu uma série de benefícios: além de boas relações com os brasileiros e da ascensão no IHGB, ele foi condecorado Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro por D. Pedro II, em 25 de março de 1845. Uma nota escrita à mão pelo francês, provavelmente reproduzindo a missiva que lhe fora destinada em tal ocasião, não deixa dúvidas quanto ao motivo da honraria. Segundo o documento, ele era “azado a defender o Brasil em Paris, contra os ataques que nas folhas públicas se publicam contra este país e o seu governo”.⁵²² Em agradecimento, encaminhou ao imperador brasileiro um exemplar de sua mais recente publicação, a obra *Portugal*, acompanhando-a dos seguintes dizeres: “Com todo o reconhecimento pelo favor que aprouve a vossa Majestade prodigar-me, ousou submeter às vossas luzes um novo trabalho de minha autoria, no qual esforcei-me para evocar as grandes ações de vossos ancestrais”.⁵²³ A seguir, veremos que, nas décadas subsequentes, Denis manteria a comunicação epistolar com D. Pedro II, correspondendo-se igualmente com outras figuras notórias brasileiras.

4.1. Um homem duplo entre a França e o Brasil

Em Paris no início de 1859, depois de vencer um concurso promovido pela Academia Imperial de Belas Artes, o pintor Victor Meirelles se encontrava diante de uma situação complicada. Se quisesse permanecer em território europeu sob financiamento do governo brasileiro, deveria rapidamente começar uma nova tela acerca de algum episódio marcante da história nacional. Seguindo um conselho dado por Araújo Porto-Alegre, que na época atuava como diretor da referida academia, ele decidiu consultar o acervo da Biblioteca Santa Genoveva. Com a ajuda de Denis, realizou a leitura de uma série de obras de referência para a historiografia brasileira, incluindo a *Corografia brasílica*, do padre

⁵²² DENIS, Ferdinand. Informação comprobatória para aquisição de mercê de uma Ordem. BNRJ, Ms. 1233571. Disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233571/mss1233571.pdf. Acesso em 27 fev. 2020. Ver, a respeito da condecoração: VIANA, Hélio. *D. Pedro I e D. Pedro II: acréscimos às suas biografias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966. p. 287.

⁵²³ No original: “Plein de reconnaissance pour la faveur qu’il a plu à votre Majesté de m’accorder, j’ose soumettre à ses lumières un nouveau travail dont je suis l’auteur, et dans lequel je me suis efforcé de rappeler les grandes actions de vos ancêtres”. DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/11/1846. 1 doc. 1 p. IHGB, Maço 109 – Doc. 5366.

Aires de Casal, na qual se publicou pela primeira vez a Carta de Caminha. Foi em um dos episódios mais marcantes narrados pelo escrivão português, a missa de Páscoa celebrada à beira da praia, em 26 de abril de 1550, na presença dos oficiais da esquadra de Cabral e de cerca de 200 nativos, que Meireles encontrou a inspiração artística que tanto procurara. Exibida com grande sucesso no Salão de Paris de 1861, a tela *A Primeira Missa do Brasil* (1859-1861) garantiu ao artista sua estadia na Europa e, de quebra, o consagrou como um dos mais importantes pintores históricos do Brasil Oitocentista.⁵²⁴

Em 1874, o novo diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Franklin Ramiz Galvão, figura fundamental no que toca às relações transatlânticas que procuramos aqui ressaltar, decidiu realizar uma viagem para a Europa movido por dois objetivos principais: em primeiro lugar, localizar documentos sobre a história pátria que pudessem ser adquiridos ou copiados e, em segundo, encontrar um novo modelo organizacional para a instituição sob sua responsabilidade. De passagem pela cidade de Paris, ele não poderia deixar de visitar Denis que, a essa altura, já contava com mais de 36 anos de experiência na área, além de uma dezena de livros publicados. Amparado pelo francês, ele conseguiu adquirir alguns exemplares inexistentes na biblioteca brasileira, bem como sanar suas dúvidas sobre o funcionamento da congênere parisiense e sobre a organização do seu gigantesco acervo. De volta ao Brasil no ano seguinte, utilizou os conhecimentos adquiridos durante a viagem na escrita de um minucioso relatório, apresentado ao Ministério dos Negócios do Império, e também na elaboração dos novos estatutos da biblioteca carioca, que entraram em vigor já em 1876.⁵²⁵

Os dois exemplos aqui mencionados, assim como outros que podem ser localizados na relação epistolar de Denis, evidenciam que ele desempenhou o papel de anfitrião para os brasileiros em Paris, a tal ponto que a Biblioteca Santa Genoveva e mesmo sua residência se tornaram paradas obrigatórias, para onde se dirigiam indivíduos provenientes de todas as partes do Brasil, dedicados às mais diversas atividades.⁵²⁶ Já em 1836, antes mesmo de entrar para o corpo de funcionários da referida instituição francesa,

⁵²⁴ RUBENS, Carlos. *Vítor Meireles, sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. p. 27-38; SÃO PAIO, Rangel de. *O Quadro A Batalha dos Guararapes, seu autor e seus críticos*. Rio de Janeiro: Typ. de Serafim José Alves, 1880. p. 137-138.

⁵²⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/01/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0001. Entre as mudanças realizadas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro nesse ano estavam a introdução de um novo sistema de organização do acervo e a criação de normas diferentes regularizando o horário de funcionamento do estabelecimento, a consulta e o empréstimo de livros. Cf. CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *O bibliotecário perfeito: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional*. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015. p. 93-102.

⁵²⁶ DORIA, Op. cit., p. 228.

ele se encontrara com Gonçalves de Magalhães, Torres Homem, Araújo Porto-Alegre e outros jovens escritores, membros como ele próprio do IHGB. Segundo Barel, com sua intermediação, o grupo conseguiu apresentar conferências no Instituto Histórico da França⁵²⁷ e publicar, em Paris, os dois únicos números da *Niterói, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*, em cujas páginas apareceu o famoso “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil”, de Gonçalves de Magalhães.⁵²⁸ Nele o poeta retomou algumas das ideias apresentadas anos antes por Denis em seu *Résumé de l’histoire littéraire du Brésil*, argumentando que a prodigiosa natureza brasileira, mais do que deleitar os olhos dos viajantes europeus, deveria servir como fonte de inspiração poética para os habitantes dessas regiões.⁵²⁹ Rouanet assinalou a antipatia do francês por Magalhães, a quem acusava (em seus papéis pessoais, nunca publicamente, devemos ressaltar) de ser arrogante e ainda dono de uma obra poética de péssima qualidade. Também levantou a hipótese de que o sentimento fosse mútuo, porque, a seu ver, o escritor brasileiro se aproximara de Denis mais por “normas de cortesia” do que por “uma alegada amizade”.⁵³⁰ Com Porto-Alegre, por outro lado, a situação parece ter sido diferente, uma vez que esse último lhe presenteou com um exemplar da revista *Niterói*, hoje em dia guardado na coleção de obras raras da Biblioteca Santa Genoveva.⁵³¹

⁵²⁷ Aqui é importante assinalar também a contribuição de Eugène Garay de Monglave (1796-1878), um dos fundadores e secretário perpétuo do Instituto Histórico da França. Segundo Faria, ele “acolheu com distinção tudo o que dizia respeito ao Brasil (e Portugal), comentou nossos livros, corrigiu informações erradas, deu cursos de literatura portuguesa e brasileira e, finalmente, conduziu ao Instituto Histórico grande número de brasileiros”, incluindo Gonçalves de Magalhães, Torres Homem e Manuel de Araújo Porto Alegre, que aparecem na lista dos sócios do instituto logo em 1834, poucos meses após a sua criação – ao lado de nomes como Denis, Lamartine, Michelet, Chateaubriand e Sénancour. Cf. FARIA, Maria Alice de Oliveira. Os Brasileiros no Instituto Histórico de Paris. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, n. 266, jan.-mar. 1965, p. 106-107.

⁵²⁸ Cf. BAREL, Ana Beatriz. *Um romantismo a oeste: modelo francês, identidade nacional*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002. p. 65. De acordo com a autora, a tipografia responsável pela impressão da *Niterói* seria uma antiga conhecida de Denis, onde ele publicara havia pouco tempo uma obra de sua autoria. A revista saiu nos prelos da Dauvin et Fontaine Librairies, situada na Passage des Panoramas, n. 35 – a mesma que trouxe à luz nessa mesma época *Suspiros poéticos e saudades* (1836), de Gonçalves de Magalhães –, com a qual aparentemente o autor francês jamais chegou a trabalhar. Dois livros de sua autoria, *Le Brésil, ou, Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume* (1822) e *La Guyane, ou histoire, mœurs, usages et costumes des habitants de cette partie de l’Amérique* (1823), foram impressos pela Nepveu Librairie, que se localizava na mesma rua da Dauvin et Fontaine Librairies, mas no número 26. Esse pequeno erro não inviabiliza o argumento de Barel, já que Ferdinand Denis parece ter sido, de fato, uma peça-chave para a publicação da revista.

⁵²⁹ Cf. CASTELO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. V. I. São Paulo: Edusp, 2004. p. 193-197; PASSOS, Gilberto Pinheiro. Brasil na França: a *Nitheroy* e seus temas. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 353-356, abr. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100023&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em 27 fev. 2020.

⁵³⁰ ROUANET, Op. cit., p. 156 e 160.

⁵³¹ BAREL, Op. cit, p. 32.

Conforme ascendia na biblioteca parisiense e se consagrava como um escritor de prestígio, Denis recebia um número cada vez maior de visitas feitas por brasileiros. Alguns buscavam tratamento médico para seus problemas de saúde, como o poeta Gonçalves Dias, que não deixou de se encontrar com o francês, mesmo sofrendo de uma tuberculose em estado avançado que o obrigava a “falar nos ouvidos dos cocheiros” e a evitar, tanto quanto possível, contato social.⁵³² Outros procuravam difundir suas produções na Europa, como o romancista José de Alencar que, embora bastante adoentado, fez questão de lhe entregar em mãos um exemplar de *Ubirajara* (1874), durante sua estadia em Paris.⁵³³ Outros ainda haviam se mudado definitivamente para a Europa, onde exerciam suas atividades profissionais, como o tradutor e humanista Odorico Mendes, que residia com sua família na cidade de Pisa, mas aparecia com certa frequência pela capital francesa;⁵³⁴ o diplomata e escritor Menezes Vasconcelos de Drummond, que morava na Rua Meromesnil, no 8º. Arrondissement parisiense;⁵³⁵ e Caetano Lopes de Moura, próximo do editor franco-brasileiro Jean-Pierre Aillaud, para quem traduziu Walter Scott, La

⁵³² DIAS, Gonçalves. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 28/04/1864?. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-06,01,013 n° 003. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233574/mss1233574.pdf>. Acesso em 27 fev. 2020. Nas cartas escritas pelo poeta nesse período, são bastante frequentes as reclamações dos incômodos físicos. Em 21 de novembro de 1862, por exemplo, escreveu de Dresden a seu amigo, o barão de Capanema (1824-1908): “Por aqui vou me arrastando: a voz não quer voltar e a tosse não quer ir. Não será nada porque os pulmões nada sofrem; mas perturba-me o sono e cansa-me horrivelmente... Escrevo aproveitando uns intervalos que me deixam respirar mais livre uma dorzinha na espádua direita que aí se pôs de aposentadoria, como um ponto de interrogação sobre meu fígado”. Cf. DIAS, Gonçalves. [Carta a Gustavo Capanema]. Alemanha [Dresde], 21/11/1862. Apud: PEREIRA, Lucia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias. Contendo o Diário inédito da viagem de Gonçalves Dias ao Rio Negro*. Edições do Senado Federal. V. 226. Brasília: Senado Federal, 2016. p. 432-433.

⁵³³ Ver a esse respeito: BEZERRA, Valéria Cristina. *Entre o nacional e o estrangeiro: José de Alencar e a constituição da literatura brasileira em cenário internacional*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas: Unicamp, 2016. p. 196-197.

⁵³⁴ Odorico Mendes se mudou com a família para a Europa no começo da década de 1860. Segundo o próprio tradutor, a escolha pela região da Toscana se deu por motivos financeiros (e não apenas por preferências climáticas, como sugeriu Denis): “Para conseguir o meu intento, escolhi a residência de Pisa: nesta cidade quase morta, onde em dois anos só convivi com a gente em cuja casa pagava a minha pensão, e com uma família cuja amizade era já de Paris, achando-me sem a menor distração, tive tempo de meditar e escrever, e em quinze meses obtive o dobro do que obtivera em Paris em dois anos e meio, concluindo a presente versão”. MENDES, Odorico. Prólogo. In: HOMERO. *Ilíada*. 1863?. Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes/d1077.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵³⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a Gonçalves Dias]. Hyères [França], 19/07/1862. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-06,01,013 n. 003. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233576/mss1233576.pdf>. Acesso em 20 de set 2019. Menezes Vasconcelos de Drummond também escreveu a Ferdinand Denis em 1876, repreendendo o autor do *Plutarco Brasileiro* (1847-1848), Pereira da Silva, por seus numerosos erros históricos, principalmente quanto à biografia de Santa Rita Durão e Tomás Antonio Gonzaga. Cf. DRUMMOND, Antônio M. Vasconcelos de. Carta a Ferdinand Denis, tradução e notas de Marisa LAJOLO. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 369-396.

Rochefoucauld e editou o *Cancioneiro* (1847), de D. Dinis.⁵³⁶ No prédio da Biblioteca Santa Genoveva passaram ainda historiadores mais ou menos conhecidos nos dias de hoje, desde o já mencionado Francisco Adolfo de Varnhagen, ao general Abreu e Lima, autor do *Compêndio de História do Brasil* (1843),⁵³⁷ Alexandre José de Melo Moraes, que incluiu Denis entre aqueles para quem dedicava sua *História do Brasil-reino e Brasil-império* (1871),⁵³⁸ assim como o naturalista Guilherme Schüch, o barão de Capanema, de passagem pela cidade em busca dos papéis do viajante Alexandre Rodrigues Ferreira,⁵³⁹ e o botânico e futuro diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Ladislau Neto, que anteriormente efetuara seus estudos na Sorbonne e no Jardim de Plantas, em Paris.⁵⁴⁰

Outra figura que merece destaque aqui é D. Pedro II. No decorrer das quase seis décadas em que esteve no poder, o imperador brasileiro realizou três viagens à Europa: a primeira, entre 1871 e 1872, após a morte de sua filha mais nova em Viena; a segunda, entre 1876 e 1877, depois de uma passagem pela Exposição Universal da Filadélfia; e finalmente a terceira, entre 1887 e 1888, para tratar de um problema de saúde.⁵⁴¹ Em todas essas ocasiões, incluiu em seus compromissos oficiais ao menos uma visita à Biblioteca Santa Genoveva e a seu ilustre funcionário, como escreveu Denis a Ramiz Galvão, em 16 de maio de 1877:

Tive a honra de conversar com frequência com o seu ilustrado Imperador, cujos excepcionais conhecimentos despertam, com razão, admiração universal! Sua atividade científica é realmente prodigiosa. Ontem, ele veio inesperadamente visitar em pormenores a nossa biblioteca, o que ele não pôde fazer de maneira completa em sua primeira viagem. De lá, ele galgou as numerosas escadas que deviam conduzi-lo ao topo do Panteão. Sua afável simplicidade encanta todos aqueles que não podem ser

⁵³⁶ Ver, a respeito da relação entre Denis e Moura: DENIS, Ferdinand. Notes prises au courant de la plume. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3878 (f. 191). Anotação de 09/01/1847. Disponível em <https://archive.org/stream/MS3878/BSG_MS3878>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵³⁷ Ver, a respeito da relação entre Denis e Abreu e Lima: DENIS, Ferdinand. Recueil des notes prises par Ferdinand Denis sur des sujets divers, extraites des ouvrages imprimés et des quelques recueils manuscrits pour la plupart de la Bibliothèque Nationale. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3504 (f. 261). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3504/BSG_MS3504#page/n319/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵³⁸ MELO, Alexandre José de. Dedicatorias. In: *História do Brasil-Reino e Brasil Imperio*. V. 1. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro, 1871. s./p.

⁵³⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta Guilherme Schüch]. França [Paris], 24/08/1866. 1 doc. 1 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, I-DIF-den.c-d01.

⁵⁴⁰ Ibidem.

⁵⁴¹ Segundo Lília Moritz Schwarcz, em todas essas ocasiões ele aproveitou para “exercer sua vocação de ‘monarca-cidadão’”: trajava-se de preto como um cidadão comum, assinava apenas Pedro de Alcântara, assim mesmo sem o dom, e abolia certos protocolos considerados por ele ultrapassados, como o beija-mão. Essas atitudes inabituais para um monarca eram vistas por alguns com admiração e por outros, com grande estranhamento. SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2ª. edição, 17ª. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 373.

seduzidos pela universalidade de seu conhecimento. Jamais um soberano obteve tamanho sucesso em Paris.⁵⁴²

O afluxo da elite sociopolítica cultural brasileira à cidade de Paris não ocorria por acaso. Nesse período, ainda que o Reino Unido se consolidasse como o centro financeiro de toda a Europa e, por consequência, do mundo ocidental, nem por isso mostrava-se capaz de abalar a hegemonia cultural imposta por sua vizinha francesa, a qual, desde o governo de Luís XIV, ditava as regras de como se vestir, comportar e até mesmo falar.⁵⁴³ Casanova mostrou a importância da mobilização dos letrados para fazer com que o francês alçasse o posto de língua diplomática, literária e da civilidade. Segundo a pesquisadora, em meados do século XVI, opondo-se ao domínio do latim no sistema de ensino e também à ascendência dos clássicos italianos, eles deram início a um movimento em prol do uso desse idioma e de sua construção como língua literária. Desse modo, em pouco tempo “o francês espalha-se das cortes para a camada superior da burguesia. Todas as *honnêtes gens* (gente de bem), todas as pessoas de ‘consequência’ o falam. Falar francês é o símbolo de *status* de toda a classe superior”.⁵⁴⁴

Com uma língua prestigiada e autores clássicos, tidos como referências para um grande número de leitores, Paris estava em boas vias para ocupar o posto da mais importante capital literária do Ocidente, o que, segundo a pesquisadora, teria ocorrido durante as primeiras décadas dos Oitocentos.⁵⁴⁵ Espagne definiu uma capital literária como “um lugar onde vivem numerosos autores, onde os livros deles são produzidos, onde a consagração deles se decide, onde se estabelecem traduções, onde se opera a difusão e se pratica intensamente a leitura crítica”.⁵⁴⁶ Rivas acrescentou a isso uma dimensão política,

⁵⁴² No original: “J’ai eu l’honneur d’avoir d’assez fréquents entretiens avec votre savant Empereur, dont les rares connaissances excitent avec raison une admiration universelle! Son activité scientifique tient réellement du prodige. Hier, il est venu à l’improviste visiter en détail notre bibliothèque, ce qu’il n’avait pu faire d’une façon complète à son premier voyage. De là il est allé gravir les nombreux escaliers qui devaient le conduire au sommet du Panthéon. Sa simplicité affable charme du reste, tous ceux qui ne peuvent être séduits par l’universalité de ses connaissances. Jamais tel souverain n’a obtenu un tel succès à Paris”. Tradução nossa. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Franklin Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/05/1877. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0053, 0054 e 0055.

⁵⁴³ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Tradução de Ruy Jungmann, revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. V. II. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 17.

⁵⁴⁴ CASANOVA, Op. cit., p. 30.

⁵⁴⁵ Ibidem, p. 40-41.

⁵⁴⁶ No original: “un lieu où vivent de nombreux auteurs, où leurs livres sont produits, où leur consécration se décide, où sont engagées les traductions, où s’opère la diffusion et se pratique intensément la lecture critique”. Cf. ESPAGNE, Michel. Les capitales littéraire allemandes. In: CHARLE, Christophe, ROCHE, Daniel (dir.). *Capitales culturelles, capitales symboliques: Paris et les expériences européennes*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2002. p. 323-334. Disponível em < <https://books.openedition.org/psorbonne/925> >. Acesso em 20 fev. 2020.

afirmando que “o território de uma capital cultural literária é uma espécie de internacional cultural na herança de uma cidade imperial com vocação cosmopolita, onde a vontade política centralizou todos os poderes”.⁵⁴⁷ Em outras palavras, o título depende da presença de pessoas (críticos de renome aos quais se atribui o direito de legislar em matéria de literatura, tradutores que exportam os textos de um lado para o outro, além, é claro, de autores respeitados, traduzidos para outros idiomas e que sobrevivem, de preferência, apenas da palavra escrita), de mídias (jornais e revistas especializados, coleções de obras literárias) e de atividades econômicas do domínio da imprensa (tipografias, editoras e livrarias especialmente dedicadas à literatura).⁵⁴⁸ Contudo, mesmo que reúnam todas essas características, somente podem se tornar capitais literárias as cidades que aglomeram um consistente poder político, econômico e educacional, situadas, ao mesmo tempo, no interior de Estados com tendências imperialistas, justificando a preocupação, por parte de seus escritores e políticos, de ampliar ou manter o domínio em matéria literária.

Coração do governo, do mercado financeiro e das principais instituições de ensino da França – sobretudo a partir dos anos de 1860, com a concentração extrema de recursos literários em seu território – Paris pode ostentar ainda o título de centro editorial do país.⁵⁴⁹ Mais uma vez, a participação dos homens de letras foi fundamental nesse processo: em suas obras poéticas e romanescas, eles ajudaram a reforçar clichês que apontavam o caráter internacional da cidade e sua tolerância com o estilo de vida boêmio. Isso levou a um deslocamento em massa de estudantes, escritores e artistas, vindos do interior da França e mesmo do exterior, para a capital.⁵⁵⁰ Em decorrência desse cosmopolitismo ímpar, a cidade se tornou “um verdadeiro cruzamento de línguas e culturas do mundo”,⁵⁵¹ desempenhando, durante todo o século XIX, um papel de destaque na produção e circulação de impressos em diversas línguas estrangeiras, como o inglês, o

⁵⁴⁷ RIVAS, Pierre. *Diálogos interculturais*. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 119.

⁵⁴⁸ CASANOVA, Pascale. Paris, méridien de Greenwich de la littérature. In: CHARLE, Christophe, ROCHE, Daniel, Op. cit., p. 289-296. Disponível em <<https://books.openedition.org/psorbonne/919>>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁴⁹ CHARLE, Christophe. *Les intellectuels en Europe au XIXe. siècle: essai d’histoire comparée*, Op. cit., p. 185-186.

⁵⁵⁰ Ibidem, p. 126-127; CONDÉ, Michel. Représentations sociales et littéraires de Paris à l’époque romantique. *Romantisme*, Paris, n. 83, La ville et son paysage, 1994, p. 49-58. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/roman_0048-8593_1994_num_24_83_5934>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁵¹ No original: “un véritable carrefour des langues et des cultures du monde”. Cf. COOPER-RICHET, Diana. Paris, carrefour des langues et des cultures. Édition, presse et librairie étrangères au XIXe. siècle. *Histoire et civilisation du livre*, Paris, n. 5, 2009, p. 121.

italiano, o persa e o português.⁵⁵² Esses últimos impressos (os que interessam mais de perto aos propósitos desta pesquisa) tinham como público-alvo viajantes de passagem, residentes estrangeiros lusófonos e, acima de tudo, os brasileiros do outro lado do Atlântico.⁵⁵³ Ao escolherem visitar a capital francesa e, em alguns casos, imprimir suas obras por ali, os letrados do Brasil procuravam se aproximar das características associadas nesse momento (e por que não dizer, nos dias de hoje) a Paris: modernidade, internacionalismo, liberdade, bom gosto, luxo e, acima de tudo, prestígio literário.

Conhecido pelo patrocínio ofertado tanto a entidades (como o IHGB, a Academia Imperial de Belas-Artes e a Academia Imperial de Música) quanto a figuras individuais que poderiam ajudar na promoção da cultura nacional, D. Pedro II pretendia, por meio de seu mecenato, “toma[r] parte de um grande projeto que implicava, além do fortalecimento da monarquia e do Estado, a própria unificação nacional, que também seria obrigatoriamente cultural”.⁵⁵⁴ Foi com sua ajuda financeira que ocorreram as viagens de Victor Meirelles, Ramiz Galvão, Gonçalves de Magalhães e dos jovens idealizadores da revista *Niterói* à Europa. Foi igualmente graças ao financiamento concedido pelo imperador que o maestro Carlos Gomes e o pintor Pedro Américo puderam realizar seus estudos nesse continente, o primeiro, em Milão, e o segundo, na Escola de Belas-Artes de Paris. Estendendo sua generosidade às Letras Pátrias, D. Pedro II liberou o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen do pagamento dos direitos de importação de sua *História geral do Brasil* (1853), que havia sido impressa na cidade de Madrid,⁵⁵⁵ transformou-se no principal acionista da Empresa Tipográfica Dous de Dezembro, fundada na capital do Império por Francisco Paula Brito,⁵⁵⁶ e ainda arcou inteiramente com os custos de impressão da epopeia *A Confederação dos Tamoios* (1856), de Gonçalves de Magalhães, escolhendo, para tanto, uma riquíssima encadernação:

⁵⁵² Segundo o levantamento feito por Ramos, na primeira metade do século XIX publicou-se, na França, um total de 563 obras em português, considerando-se apenas as primeiras edições. Cf. RAMOS, Victor. *A edição em França: 1800-1850*, repertório geral dos títulos publicados e ensaio crítico. Paris: Fundação Calouste Gulbejian, 1972.

⁵⁵³ COOPER-RICHET, Diana. Transferts culturels et passeurs de culture dans le monde du livre (France, Brésil – XIX. siècle). *Patrimônio e Memória*, São Paulo, vol. 9, n. 1, p. 138, jan./jun. 2013. Disponível em <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/322>>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁵⁴ SANCHEZ, Edney Christian Thomé. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*: um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Unicamp. Campinas, 2003. p. 127.

⁵⁵⁵ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001. p. 76.

⁵⁵⁶ GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 2014.

A edição luxuosa do poema épico *A Confederação dos Tamoios* é produto emblemático da figura do autor que Gonçalves Magalhães encarnou tão bem: a do escritor protegido por um mecenas poderoso, que trabalha com o gênero literário mais prestigioso, a poesia, a partir de um projeto estético original, conforme os mais elevados ideais românticos, e de acordo com os ritmos de sua inspiração.⁵⁵⁷

Com o lançamento da epopeia teve origem uma das mais conhecidas polêmicas da literatura brasileira. Em 18 de junho e 15 de agosto de 1856, escondido sob o pseudônimo de Ig, Alencar utilizou as páginas do *Diário do Rio de Janeiro* para tecer duras críticas à qualidade estética da obra de Magalhães. Segundo ele, uma epopeia clássica permitiria que o leitor rapidamente apreendesse o “pensamento do poema”, mas o mesmo não ocorreria com *A Confederação dos Tamoios*. A razão disso seria a presença de elementos que pouco contribuiriam na associação do Brasil como espaço narrativo – a exemplo do sol, que ilumina toda a superfície terrestre, e da andorinha, que pode ser encontrada muito além das regiões tropicais. Nas palavras do crítico: “se traduzirem a invocação dos *Tamoios* em diferentes línguas, ninguém adivinhará pela sua leitura que objeto, que país, que ação é que vai cantar o poeta que a escreveu”.⁵⁵⁸ Conforme notou Bezerra, esse trecho sublinha a dupla exigência que pesava sobre os ombros dos letrados desse período: de um lado, a necessidade de se criar a nacionalidade literária brasileira (o que, para Alencar, deu origem à publicação de obras como *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara* – sendo a primeira, como sabemos, impressa logo no ano seguinte à referida polêmica) e, de outro, a de se inserir em um âmbito maior de discussão literária, permitindo que as letras brasileiras tanto competissem com a produção vinda de fora quanto chegassem a leitores além das fronteiras nacionais (o que, no caso do escritor, significou o diálogo com a literatura estrangeira e a tentativa, mais ou menos bem-sucedida, de projeção internacional).⁵⁵⁹ Alencar aproveitou o ensejo para censurar o financiamento do Estado em empreitadas literárias, vendo na libertação do mecenato uma condição fundamental para a independência econômica dos escritores e, consequentemente, para o pleno desenvolvimento da literatura nacional. Embora Magalhães tenha se mantido calado, alguns de seus amigos, como Porto-Alegre e o próprio

⁵⁵⁷ BIGNOTTO, Cilza Carla. *Figuras de autor, figuras de editor: as práticas editoriais de Monteiro Lobato*. São Paulo: Editora Unesp, 2018. p. 175.

⁵⁵⁸ Apud: BEZERRA, Op. cit., p. 94.

⁵⁵⁹ Ibidem.

imperador, saíram em sua defesa, rebatendo, por meio de artigos publicados na imprensa, os severos apontamentos feitos por Alencar.⁵⁶⁰

A polêmica também toma em flagrante o fato de que, em meados do século XIX, os escritores brasileiros já ensaiavam os primeiros passos rumo à profissionalização – o que foi fruto de diversos fatores, como a ampliação do público consumidor de livros, o desenvolvimento do romance brasileiro e a realização de projetos editoriais-tipográficos por parte de alguns comerciantes vindos do exterior (como o francês Jean-Baptiste Garnier e os irmãos Laemmert, provenientes do território hoje conhecido como Alemanha).⁵⁶¹ Da mesma forma como na Europa, tal processo se deu em meio a certa dose de conflito. Enquanto alguns autores, como José de Alencar, buscavam impulsionar os direitos autorais e a independência dos letrados das práticas do mecenato, do clientelismo e da subscrição, outros, como Araújo Porto-Alegre, continuavam apegados a tais fórmulas, descredibilizando a remuneração do trabalho dos homens de letras e exaltando, ao mesmo tempo, os sacrifícios realizados por aqueles que participariam do desenvolvimento da literatura nacional sem expectativas de retorno financeiro.⁵⁶² Mas o papel de D. Pedro II no fomento à cultura transcendia o respaldo financeiro. Muitos dos encontros entre Denis e os brasileiros ocorreram por influência do imperador, que aproveitava a proximidade com o autor francês ora para obter informações sobre seus súditos, ora para garantir que eles seriam bem recebidos na capital francesa, como mostra o seguinte trecho de sua autoria, extraído de uma carta de 13 de abril de 1879: “Espero que V. Sa. continue a conceder-me o prazer de privar da sua pessoa e me dê notícias sobre os brasileiros que visitarem o amigo de seu país”.⁵⁶³ Foi, ademais, atendendo a um pedido do imperador que Ferdinand Denis recebeu o escritor Alfredo d’Escragnolle Taunay,⁵⁶⁴ no início de 1875:

⁵⁶⁰ BIGNOTTO, Op. cit., p. 129-176.

⁵⁶¹ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: leitura e livros no Brasil*. São Paulo: Ática, 2009. p. 107-138.

⁵⁶² ROZEAUX, Sébastien. Um jogo de espelhos: representações do “homem de letras” entre a Europa e o Brasil (1840-1889). In: PONCIONI; LEVIN, Op. cit., p. 133-158.

⁵⁶³ No original: “J’espère que vous me continuerez le plaisir de votre connaissance et me donnerez des nouvelles des Brésiliens qui visiteront l’ami de leur pays. Dans chacune de ces visites vous aimerez sans doute le regret qu’éprouve de ne pas vous en avoir fait d’avantage”. Tradução nossa. D. PEDRO II. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 13/04/1879. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 64-66). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n117/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁶⁴ O pai de Alfredo d’Escragnolle Taunay, o pintor Félix-Antoine Taunay (1795-1881), havia sido professor de D. Pedro II, diretor da Academia Imperial de Belas-Artes no Rio de Janeiro e um dos fundadores do IHGB. Seu avô, o pintor Nicolas-Antoine Taunay (1775-1830), viera ao Brasil como membro da chamada Missão Artística francesa de 1816. Seu tio, o desenhista, escritor e tradutor Hippolyte Taunay (1793-1864), parece ter sido próximo de Ferdinand Denis, com quem se encontrou na Bahia, em 1818, como mencionado anteriormente. Cf. Nicolas-Antoine Taunay. In: MICHAUD, Op. cit., p. 84-85.

Por ora, faço empenho em lhe recomendar o major Alfredo d'Escragnolle Taunay, filho de Félix Émile Taunay, que foi meu mestre e a quem devo em grande medida meu gosto por tudo que é belo. Seu avô foi o pintor Taunay, que veio ao Brasil com Debret. V. Sa. vê que estamos entre iguais, e nem preciso acrescentar que ele é pai de Alfredo e meu amigo há quarenta anos.

V. Sa. há de apreciar conhecer este jovem cavalheiro de um talento notável e que já escreveu obras de mérito. Estou certo de que V. Sa. o acolherá em sua biblioteca, como costuma fazer com tanta amabilidade quando se trata de brasileiros como Alfredo. Ele pertence ao Exército brasileiro e prestou belos serviços durante a Guerra do Paraguai. [...]. Ele é membro do Instituto Histórico do Rio e estou certo de que lhe será agradável palestrar com ele. [...].⁵⁶⁵

Três anos mais tarde, novamente solicitado por D. Pedro II, ele se encontrou com o vigário de Uruguaiana, o francês Jean-Pierre Gay – conhecido no Brasil como João Pedro Gay, ou Padre Gay –, que visitava a terra natal com o objetivo de rever a família e de divulgar suas produções na Europa.⁵⁶⁶ Antes de retornar ao Rio de Janeiro, o religioso confiou ao já conservador da Biblioteca Santa Genoveva alguns manuscritos, incluindo “Histoire des Missions d'Uruguay trad. en français”; “Gramática guarani”; “Nouvelle grammaire de la langue Guarani e Tupi” e “Manuel de conversation en quatre langues, français, Portugais, espagnol et Guarany”.⁵⁶⁷ Rapidamente Denis transmitiu todo esse material ao secretário da Sociedade de Geografia de Paris, Charles Maunoir, na esperança de conseguir atender aos anseios do autor.⁵⁶⁸ Pouco tempo depois, no entanto, escreveu ao imperador brasileiro, lamentando-se por seu insucesso: “Infelizmente o Abade J. P. Gay [...] não pôde achar editor para suas últimas obras escritas em francês e lamento

⁵⁶⁵ No original: “ [...] À présent je tiens à vous recommander le Major Alfred d'Escragnolle Taunay, fils de Félix Émile Taunay qui a été mon maître et à qui je dois en grande partie mon goût pour tout ce qui est beau. Son grand-père était le peintre Taunay qui est venu au Brésil avec Debret. Vous voilà un pays de connaissance et je n'ai que rajouter qu'il est père d'Alfred et mon ami depuis quarante ans. / Vous aimerez à faire la connaissance de ce jeune homme d'un talent distingués et qui a déjà écrit des livres de mérite. Je suis sûr que vous l'accueillerez dans votre bibliothèque, comme vous avez l'habitude de le faire avec tant d'amabilité pour des Brésiliens comme Alfred. Il appartient à l'armée brésilienne et il a rendu de beaux services pendant la guerre du Paraguay. [...] Il est membre de l'Institut Historique de Rio, et je suis sûr que vous trouverez beaucoup de plaisir à causer avec lui”. Fonte: D. PEDRO II. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 14/05/1878. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 56-57). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n117/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁶⁶ Idem. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 15/10/1881. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 61-63). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n117/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁶⁷ DENIS, Ferdinand. Note de 19/11/1881. 1 p. IHGB, DL 406.60-0004.

⁵⁶⁸ Idem. [Carta a Jean-Pierre Gay]. Paris [França], 06/12/1881. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.60-0003.

profundamente por não poder designar uma data próxima para a publicação em Paris de seus importantes trabalhos...”.⁵⁶⁹

Não foi de forma fortuita, portanto, que D. Pedro II encarregou Denis de receber Taunay e Padre Gay em Paris: o imperador esperava que ele facilitasse a inserção tanto do militar quanto do religioso no círculo letrado europeu. Afinal, como assinalado por Rouanet, o francês se transformara, no decorrer dos anos período, em “um intermediário sempre presente em qualquer relação entre a intelectualidade do Brasil e a França”.⁵⁷⁰ Já vimos que sua ajuda possibilitou que os fundadores da *Niterói* integrassem o Instituto Histórico de Paris e obtivessem a publicação do referido periódico. Segundo Antonio Henrique Leal, biógrafo e amigo íntimo de Gonçalves Dias, ele também teria apresentado o poeta maranhense às “celebridades europeias”.⁵⁷¹ Carlos Rubens, em seu estudo sobre a vida e a obra de Victor Meirelles, descreveu uma festa organizada pelo francês no restaurante Brebant, o preferido dos letrados na época, em comemoração à boa acolhida da nova tela do artista, o *Combate Naval do Riachuelo* (1882-1883), que estava sendo exibida com bastante sucesso no Salão de Paris. De acordo com o biógrafo, Denis convidara para o evento algumas personalidades franco-brasileiras, como o historiador Santa-Anna Néry e os redatores dos jornais *Fígaro* e *France*, Florian Pharasu e Charles Lemousin, nessa ordem.⁵⁷² Mesmo os brasileiros que não atravessaram o Atlântico contaram com a proteção do autor, pois ele não apenas obteve uma carta de Victor Hugo para João Manuel Pereira da Silva⁵⁷³, como também colocou Odorico Mendes em contato com o compositor Gioachino Antonio Rossini⁵⁷⁴ e garantiu a entrada de César Augusto Marques, o tradutor da obra de Yves d'Évreux para o português, na Sociedade de

⁵⁶⁹ No original: “Malheureusement l’abbé J. p. Gay [...] n’a pu trouver d’éditeurs pour ses derniers ouvrages écrits en français et, j’ai le regret profond, de ne pouvoir assigner ici une époque prochaine à la publication à Paris de ses importants travaux”. Cf. Idem. [Carta a D. Pedro II]. França [Paris], 18/12/1881. 1 doc. 3 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maio 185 – Doc. 8445 [d01].

⁵⁷⁰ Cf. ROUANET, Op. cit., p. 153.

⁵⁷¹ LEAL, Antonio Henrique. *Pantheon maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illustres ja falecidos*. V. 3. Lisboa: Imprensa Nacional, 1873. p. 117

⁵⁷² Cf. RUBENS, Op. cit., p. 62-64.

⁵⁷³ DENIS, Ferdinand. [Carta a João Manuel Pereira da Silva]. Paris [França], 12/12/1869. 1 doc. 2 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-05, 31, 027. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233578/mss1233578.pdf>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁷⁴ Idem. Notes prises au courant de la plume. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3878 (f. 148). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3878/BSG_MS3878>. Acesso em 20 fev. 2020. Segundo Antonio Henrique Leal, Odorico Mendes teria dedicado a Rossini o soneto “Vejo-te, não me ilude a fantasia”. Cf. LEAL, Antonio Henrique. *Pantheon maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illustres ja falecidos*. V. 1. Lisboa: Imprensa Nacional, 1873. p. 53.

Aclimação⁵⁷⁵, e a do cônego Fernandes Pinheiro da Silva no Instituto Histórico de Paris.⁵⁷⁶

Amparado em sua extensa rede de relações, Denis procurou igualmente diminuir a distância entre os letrados brasileiros e os profissionais ligados ao domínio da impressão e da distribuição de livros na cidade-luz. Assim, em 1853, assumiu a tarefa de corrigir as provas e de fiscalizar o trabalho realizado por Augustin François Lemaître, que fora contratado por Varnhagen para imprimir as gravuras da primeira edição da sua *História Geral do Brasil*. É o que revela uma missiva enviada ao mordomo da Casa Imperial, o conselheiro José Maria Velho da Silva, em outubro desse mesmo ano, na qual se encontra a seguinte anotação feita pelo historiador brasileiro: “Já começou o trabalho da edição pelas gravuras em aço, que serão feitas pelo gravurista Lemaître, guiado por Mr. Ferdinand Denis, infatigável em tudo quanto pode contribuir ao esplendor do Brasil”.⁵⁷⁷ Ou então essa outra, escrita pelo mesmo ao imperador D. Pedro II, pouco tempo mais tarde: “me dirigi a Paris a tratar da publicação da *História Geral*. Parei o tempo necessário para me entender com os artistas, e de novo serviu de muito a intervenção do benemérito do Brasil Ferdinand Denis, que trabalha tanto em favor de V. M. e do Império”.⁵⁷⁸ Alguns anos depois, o francês ajudaria seu colega de profissão no Brasil, Ramiz Galvão, a descobrir o preço cobrado por livrarias parisienses pela venda de determinadas obras; obteria para ele um exemplar de *Le Pôle et l'Équateur, résumé des dernières découvertes géographiques et météorologiques* (1877), ofertado pelo próprio autor, Lucien Dubois, à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro;⁵⁷⁹ e ainda o colocaria em contato com o

⁵⁷⁵ MARQUES, César Augusto. [Carta a Ferdinand Denis]. São Luís/Maranhão [Brasil], 26/11/1873. 1 doc. 3 p. IEB, Acervo Alberto Lamego, AL-097-001. A Sociedade Zoológica de Aclimação foi fundada em Paris, em 10 de fevereiro de 1854, por iniciativa de Isidore Geoffrey Saint-Hilaire, com o objetivo de debater sobre a introdução na França de animais exóticos úteis tanto para a agricultura quanto para a indústria.

⁵⁷⁶ O cônego lhe escreveu a seguinte carta em agradecimento: “Agradeço-lhe do íntimo d’alma o obséquio e solicitude que empregou em prol da minha pretensão a membro do Instituto Histórico da França. Entregue a seu poderoso patrocínio nenhuma dúvida me resta de que serei admitido em tão sábio grêmio”. Cf. PINHEIRO, Fernandes. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 21/05/1867. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419. Disponível em <https://ia600401.us.archive.org/32/items/MS3419/BSG_MS3419.pdf>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁷⁷ Apud: LESSA, Clado Ribeiro de (org.). *Varnhagen correspondência ativa*: coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. p. 208.

⁵⁷⁸ Ibidem, p. 209.

⁵⁷⁹ Dubois escreveu a Ramiz Galvão a seguinte carta, em 17 de dezembro de 1879: “Sob a amável recomendação do senhor Ferdinand Denis, tive a honra de lhe escrever pelo correio do dia 20 de agosto de 1878, e ao mesmo tempo de lhe endereçar um exemplar da minha obra em dois volumes: *Le Pôle et l'Équateur, résumé des dernières découvertes géographiques et météorologiques*”. No original: “Sous les bienveillants auspices de M. Ferdinand Denis, j’eus le honneur de vous écrire pas le courrier du 20 août 1878, et de vous adresser, au même temps, un exemplaire de mon ouvrage en deux vol.: *Le Pôle et l'Équateur, résumé des dernières découvertes géographiques et météorologiques*”. Cf. DUBOIS, Lucien.

conservador do Departamento de Estampas da atual Biblioteca Nacional da França, Georges Duplessis, junto ao qual o brasileiro esclareceria algumas dúvidas acerca de uma rara gravura de Antoine Van-Dyck, adquirida em 1816 pela instituição carioca.⁵⁸⁰

Mas as cartas enviadas por Denis aos habitantes do outro lado do Atlântico indicam que ele saía igualmente em socorro de seus compatriotas. Em 04 de maio de 1854, ele interveio a favor de Flore Louvet, professora de canto e membro do Teatro Italiano de Paris, pedindo a Porto Alegre que a ajudasse a exercer sua profissão na capital brasileira.⁵⁸¹ Em 09 de março de 1875, encarregou Ramiz Galvão de receber o tenor e compositor Octave Benoît, que faria uma breve escala no Rio de Janeiro antes de aportar a Santiago, no Chile, onde atuava como professor de música.⁵⁸² Em 20 de setembro desse mesmo ano, recorreu mais uma vez a esse último, solicitando-lhe que recebesse o explorador Charles Wiener, assim como o fotógrafo e arqueólogo Désiré Charnay.⁵⁸³ O primeiro passaria alguns meses no Brasil antes de integrar uma expedição etnográfica organizada pelo Ministério da Instrução Pública francês no Peru e na Bolívia. Já o segundo logo partiria para a América Central a fim de efetuar pesquisas científicas. Novamente, em 26 de novembro de 1876, Denis pediu a ajuda do diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em prol do abade Jean André Casella, que deveria seguir para o norte do Brasil enquanto missionário.⁵⁸⁴

Portanto, paralelamente à atuação na biblioteca, à escrita de numerosos livros e à participação na imprensa periódica, havia um esforço digno de nota, por parte do francês, de promover a mediação entre as culturas francesa e brasileira. No caso dos brasileiros, isso se traduziu em uma generosa hospitalidade àqueles em Paris, assim como em frequentes tentativas de facilitar-lhes a inserção em determinados círculos letrados

[Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 17/12/1879. 1 doc. 1 p. BNRJ, Seção de Manuscritos. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1279296/mss1279296.pdf>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁸⁰ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/04/1877. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0042 e 0043.

⁵⁸¹ Idem. [Carta a Manuel de Araújo Porto-Alegre]. França [Paris], 04/05/1856. 1 doc. 1 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, AMI-02. Instalada no Brasil em meados de 1855, Madame Louvet apresentou-se na Sala São Januário em julho desse mesmo ano, atuando nas peças “Le retour du Mousse” e “Une tyrolienne”, e em agosto do ano seguinte, em “L’Hirondelle”. Cf. *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político e Universal*, Rio de Janeiro, 05/07/1854, p. 4 e *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 09/08/1855, p. 4.

⁵⁸² Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 09/03/1875. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0017, 0018 e 0019.

⁵⁸³ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/09/1875bis. 2 doc. 4 p. IHGB, DL712.26-0023, 0024, 0025 e 0026.

⁵⁸⁴ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 26/11/1876. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0045 e 0046.

europeus ou de colocá-los em contato com profissionais dedicados às mais diversas atividades. No caso dos franceses, seus apelos a amigos e colegas além-mar buscavam primordialmente garantir que artistas, cientistas e religiosos provenientes da Europa encontrariam, eles também, uma boa acolhida do outro lado do Atlântico. Muitos estudos realizados sobre Denis ao longo do último século destacaram essa sua faceta de mediador cultural: segundo Hazard, ele foi um “desses intermediários, desses agentes de ligação” que desempenham “um papel útil nas histórias das ideias”;⁵⁸⁵ para Bruyas, transformou-se em um “agente de uma ligação evidente nos dois sentidos, de verdadeira troca”;⁵⁸⁶ de acordo com Rouanet, serviu como um “elo efetivo e eficaz entre o Brasil e a França”⁵⁸⁷ e, na opinião de Barel, atuou como um “verdadeiro *passeur culturel* transatlântico”.⁵⁸⁸

A fim de enriquecer os estudos sobre esses agentes que, coletiva ou individualmente, promovem o estabelecimento de pontes entre culturas distintas,⁵⁸⁹ Charle propôs a utilização do conceito de “homens-duplos”, referindo-se a um tipo particular de mediador, cujos amplos conhecimentos permitiriam que desfrutasse de um *status* diferenciado nos dois contextos onde ocorreriam essas trocas – em oposição aos outros intermediários, reconhecidos como intelectuais em apenas um deles.⁵⁹⁰ Ora, a extensa rede de relações de Ferdinand Denis com figuras respeitadas tanto da França quanto do Brasil, a recepção geralmente favorável concedida pela imprensa dos dois países a suas obras, a presença do autor entre os membros de importantes sociedades letradas de ambos os territórios comprovam que, na segunda metade do século XIX (se não antes), ele já se sustentava como um erudito simultaneamente na cultura francesa e na brasileira.

⁵⁸⁵ HAZARD, Op. cit., p. 29.

⁵⁸⁶ BRUYAS, Op. cit., p. CLXXXIX.

⁵⁸⁷ ROUANET, Op. cit., p. 152.

⁵⁸⁸ BAREL, Ana Beatriz Demarchi. O Continente, o Mar, a Ilha: o Mito Fundador do Brasil na Historiografia e na Literatura. *Revista Brasil*, Porto Alegre, v. 1, 2011, p. 43. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/liehd/media/docs/Ana%20Beatriz%20Demarchi%20Barel%20O%20Continente%20O%20Mar%20A%20ilha%20.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁸⁹ Ver, a respeito do conceito de *passeur culturel*: ESPAGNE, Michel; WERNER, Michel. La construction d’une référence culturelle allemande en France: genèse et histoire (1750-1914). *Annales ÉSC*, Paris, n. 4, p. 969-992, jul.-ag. 1987. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1987_num_42_4_283428>. Acesso em 20 fev. 2020; COOPER-RICHET, Diana. Passeur culturels. In: DELPORT, Christian; MOLLIER, Jean-Yves; SIRINELLE, Jean François (org.). *Dictionnaire d’histoire culturelle de la France contemporaine*. Paris: PUF, 2010. p. 605-607; JOYEUX-PRUNEL, Béatrice. Les transferts culturels. Un discours de la méthode. *Hypothèses*, Paris, v. 6, n. 1, p. 149-162, 2003. Disponível em <<https://www.cairn.info/revue-hypotheses-2003-1-page-149.htm#>>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁹⁰ CHARLE, Christophe. Le temps des hommes doubles. *Revue d’histoire moderne et contemporaine*, Paris, t. 39, n. 1, p. 73-85, jan.-mar. 1992. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/AsPDF/rhmc_0048-8003_1992_num_39_1_1621.pdf>. Acesso 20 fev. 2020.

Se isso não bastar para podermos nos referir a ele como um “homem duplo”, seguindo a perspectiva lançada por Charle, acrescentemos outras duas considerações a esse respeito. Primeiramente, em meados de março de 1865, Denis foi escolhido para substituir o antigo conservador-administrador da Biblioteca Santa Genoveva, que falecera havia poucos dias.⁵⁹¹ Desde então, passou a receber 5.500 fr. por ano (valor elevado, em março de 1877, para 6.000 fr.), a morar em um alojamento anexo à própria biblioteca e a dispor de um amplo gabinete particular – onde realizou uma decoração bastante atípica, exibindo nas paredes uma máscara de Dante, uma imagem de D. Pedro II e relíquias indígenas que trouxera de recordação do Brasil. Para Denis, a nomeação à chefia de uma das mais importantes bibliotecas de toda a Europa significou sua coroação como um funcionário dedicado e, principalmente, como um douto escritor. Em 1871, durante a capitulação de Paris, fez provas de grande dedicação à instituição, permanecendo em seu interior durante os ataques das tropas da Prússia.⁵⁹² No ano seguinte, já finalizada a guerra, teve a ideia de mandar reproduzir o busto do editor-livreiro Ulrich Gering⁵⁹³ – atualmente exibido na escadaria que leva ao segundo andar da biblioteca –, o que lhe rendeu a cruz de oficial da Legião de Honra francesa, entregue a ele pelo próprio ministro da Instrução Pública, na cerimônia de inauguração, realizada em 09 de março de 1874.⁵⁹⁴ Mais ou menos nessa mesma época, o autor francês recebeu uma nova condecoração do Império brasileiro, tornando-se comendador da Imperial Ordem da Rosa, em decorrência dos serviços prestados ao Brasil durante a Exposição Universal de Paris do ano anterior.⁵⁹⁵ Embora a

⁵⁹¹ *Bulletin administratif de l'Instruction Publique*, Paris, 18/03/1865, p. 310.

⁵⁹² Ao menos é o que indica o seguinte relato, deixado pela Condessa de Barral acerca de sua estadia em Paris nesse período: “Estou pois agora retrospectivamente em dia com os meus amigos e sei o que se passou em minha casa. Deus louvado, as bombas não vieram deste lado do Sena e os estragos mesmo na margem esquerda são comparativamente pequenos. Rombos no Pantheon, Inválidos, Sto. Súplice, Collège Henri IV e Biblioteca de Sta. Genoveva. Lá fui ver o respeitável Mr. Ferdinand Denis que passou essa crise cruel no seu posto de honra perto dos tesouros da ciência com que ele se tinha posto na adega da Biblioteca e com bombeiros para apagar o incêndio caso lá se declarasse. Excelente digno homem. Quando outros se afligiam por interesses mesquinhos esse caráter tem a meus olhos muita grandeza – defender e querer morrer com seus manuscritos preciosos – *c'est antique!*”. Apud: DE BARRAL, Condessa. *Cartas a Suas Majestades, 1859-1890*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977. p. 71-72.

⁵⁹³ Originário de Constance, na região hoje conhecida como Alemanha, durante a década de 1470 ele ajudara a introduzir, na França, a máquina de impressão tipográfica criada por Gutenberg alguns anos antes. Ao que tudo indica, sua tipografia ficava em uma casa na antiga Rua cloître Saint-Benoît, que pertencia à Sorbonne. Ali foi impressa, no ano de 1470, uma coletânea de cartas de Gasparin de Bergame, geralmente apontado como o primeiro livro publicado em território francês. Cf. BARBIER, Frédéric. *Paris, capitale des livres: le monde des livres et de la presse à Paris, du Moyen Âge au XXe siècle*. Paris: Paris Bibliothèques, 2007. p. 22-23.

⁵⁹⁴ Cf. *L'Illustration: journal universel*, 21/03/1874, p. 192; *Le Monde Illustré*, 18/03/1874, p. 254.

⁵⁹⁵ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 18/05/1868, p. 1. Vale mencionar que, nesse mesmo ano, Denis ganhou a Ordem de Santiago. Cf. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, n. 261, 1868, p. 1.

correspondência de Denis traga poucas informações nesse sentido,⁵⁹⁶ sabemos que, anos mais tarde, ele contribuiria mais uma vez com o comitê brasileiro responsável por representar o país na exposição de 1889, novamente realizada na capital francesa.⁵⁹⁷ Esse prestígio intelectual adquirido concomitantemente entre os habitantes do Brasil e da França permitiu que desempenhasse um papel ímpar na circulação de ideias e impressos entre os dois países, tema do qual nos ocuparemos a seguir.

4.2. Circulação de ideias e de impressos

Victor Meirelles não foi o único brasileiro que contou com o auxílio de Ferdinand Denis durante a realização de suas pesquisas bibliográficas. Ao contrário, por meio da correspondência do autor francês descobrimos que ele se tornou uma espécie de mentor intelectual para escritores nascidos no Brasil, ajudando-os à distância ou pessoalmente de múltiplas formas. De Paris, Gonçalves Dias, que se empenhava em traduzir a tragédia *A Noiva de Messina*, de Friedrich Schiller,⁵⁹⁸ escreveu-lhe perguntando se haveria na biblioteca parisiense onde trabalhava uma obra alemã chamada *Allgemeiner*

⁵⁹⁶ Denis se referiu ao evento apenas em uma carta a Fernandes Pinheiro, dizendo-lhe, brevemente: “afazeres imprevistos ligados em grande parte a questões da exposição universal me impediram de executar meu projeto. Espero dar em minha próxima carta resposta a suas demandas” (no original: “des affaires inattendues provenant en grande partie de causes forcées à l’exposition universelle, ne m’ont pas permis d’exécuter mon projet. Ma prochaine lettre vous donnera je l’espère satisfaction”). Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Fernandes Pinheiro]. Paris [França], 24/04/1867. 1 doc. 4 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-03,08,040. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233581/mss1233581.pdf>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵⁹⁷ Ver a esse respeito: CARNEIRO, João Paulo Jeannine Andrade. *O último propagandista do Império: o “barão” de Santa-Anna Nery (1848-1901) e a divulgação do Brasil na Europa*. Tese (Doutorado em Geografia Humana). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Nesse ínterim, uma terceira Exposição Universal ocorreu na cidade de Paris, mas o Brasil acabou não participando do evento, o que levou Denis a integrar a comissão da África: “Meus antigos trabalhos sobre a história da Argélia, dos quais V. Sa. certamente não ouviu falar, me valeram uma carta da comissão da África, que conseqüentemente me levou a fazer parte desta vasta exposição, da qual eu lamento profundamente que o seu país não fará parte” (no original: “Mes anciens travaux sur l’histoire de l’Algérie dont vous n’avez certainement pas ouï parler, m’ont valu une lettre de la commission d’Afrique qui m’introduit tout naturellement à faire partie de cette vaste exhibition, à laquelle je regrette si vivement de voir faire défaut votre beau pays”). Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 17 e 18/10/1877. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0063, 0064 e 0065.

⁵⁹⁸ Como disse o poeta maranhense em uma carta de 22 de novembro de 1862 a Capanema: “Traduzi a *Noiva de Messina*! Faz ideia do que é isto na Alemanha! Compor a *Ilíada* – isso não é nada, qualquer Homero faz; mas andar por meio de selvagens e traduzir a *noiva*, isso só eu!”. Infelizmente a versão completa da tradução jamais chegou aos leitores, tendo naufragado com o poeta, em 1864. Fonte: DIAS, Gonçalves. [Carta a Gustavo Capanema]. Alemanha [Dresde], 21/11/1862. Apud: PEREIRA, Op. cit., p. 435.

Welk Bott Stocklein (ou) Stöckelin.⁵⁹⁹ Do Maranhão, o tradutor César Marques perguntou se ele poderia encontrar informações biográficas a respeito do missionário francês Claude d'Abbeville.⁶⁰⁰ Do Rio de Janeiro, o cônego Fernandes Pinheiro requereu seus serviços na revisão da segunda edição do *Curso Elementar de Literatura Nacional*:

Trabalho assiduamente na 2.^a edição do meu *Curso Elementar de Literatura Nacional*, onde espero serão corrigidos alguns dos muitos erros que me escaparam na 1.^a impressão, além da completa inversão do plano adotado por outro que melhor se me antolha. Seria para mim uma inexcusável fortuna se o meu erudito Mestre se dignasse de me apontar os melhoramentos que devo fazer; certo de que a minha aquiescência aos seus conselhos e o público reconhecimento do sabidito obséquio constituirão para mim um grato dever.⁶⁰¹

Com Varnhagen e Ramiz Galvão, Denis se mostrou ainda mais prestimoso. Para o primeiro, assinalou a existência de uma obra anônima, intitulada *Tratado Descritivo do Brasil* (1587), que seria estudada pelo historiador brasileiro por meses a fio até que conseguisse estabelecer o texto integral e atribuir sua redação definitiva a Gabriel Soares de Sousa.⁶⁰² Também lhe forneceu o manuscrito “Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil, en 1816, 1817 et 1818”, de Louis-François Tollenare, cujo conteúdo Varnhagen exploraria em sua já referida *História Geral do Brasil*⁶⁰³, bem como um raríssimo exemplar de *Explicación del Catechisme en lengua guarani* (1724), do cacique Nicolás Yapuguay, o qual seria editado parcialmente pelo brasileiro no ano de 1876.⁶⁰⁴ Para o segundo, transmitiu uma autobiografia inédita de Gonçalves Dias⁶⁰⁵,

⁵⁹⁹ DIAS, Gonçalves. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 23/08/1864?. 1 doc. 3 p. BNB, Seção de manuscritos, I-06,01,013 n. 004. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233575/mss1233575.pdf>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁶⁰⁰ MARQUES, César Augusto. [Carta a Ferdinand Denis]. São Luís [Brasil], 20/05/1872. 1 doc. 4 p. IEB, São Paulo, Acervo Alberto Lamago, AL-086-039.

⁶⁰¹ PINHEIRO, Fernandes. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 21/05/1867. 1 doc. 2 p. BNB, Seção de obras raras, Ms. 3419. Disponível em <https://ia600401.us.archive.org/32/items/MS3419/BSG_MS3419.pdf>. Acesso em 27 fev. 2020. A segunda edição do *Curso Elementar de Literatura Nacional* viria à luz apenas em 1888, seis anos após a morte do cônego.

⁶⁰² Cf. CEZAR, Temístocles. Quando um manuscrito torna-se fonte histórica: as marcas de verdade no relato de Gabriel Soares de Sousa (1587). Ensaio sobre uma operação historiográfica. *História em Revista*, Pelotas, Dossiê Historiografia, n. 6, p. 37-58, dez. 2000. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/download/12005/7618>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁶⁰³ Cf. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil*. 2.^a ed. V. 1. Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, 1877. p. 1135.

⁶⁰⁴ Idem. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 13/10/1874. 1 doc. 2 p. BSG, Arquivo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 8-9). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 27 fev. 2020. A respeito do exemplar conservado por Denis, ver: SALES, Mariana Osue Ide.

encontrou dados inéditos acerca da vida e da obra do frei Camilo de Monserrate, o antigo diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro⁶⁰⁶, e apresentou, de forma regular e contínua, os lançamentos que apareciam no mercado editorial europeu, dando-lhe a oportunidade de enriquecer a instituição sob sua direção, caso alguma dessas novas publicações viesse a lhe interessar.

Mas o fluxo de informações não ocorria apenas no sentido Europa-América. Nas cartas remetidas por Denis aos brasileiros, encontramos numerosos pedidos de notícias sobre a situação sociopolítica do país, sobretudo durante os períodos de surto de febre amarela no Rio de Janeiro.⁶⁰⁷ Foram recorrentes também suas perguntas quanto ao estado de saúde e os projetos desenvolvidos por Varnhagen e Ramiz Galvão, dois brasileiros pelos quais parece ter tido especial apreço, conforme mostraremos adiante. O francês tinha por hábito ainda escrever a seus contatos do outro lado do oceano quando necessitava verificar dados ou clarificar ideias que futuramente seriam expostas em suas obras. Assim, em uma carta de 15 de julho de 1876, solicitou a Ramiz Galvão que lhe esclarecesse algumas dúvidas a respeito do acervo da congênere brasileira:

Espero que, dentro de alguns meses e graças a circunstâncias que levaria tempo demais para detalhar aqui, ser-me-á possível recordar, em um lugar eminentemente oportuno, suas preciosas riquezas iconográficas e a atividade superior com a qual V. Sa. soube colocá-las em evidência para o gozo de seu belo país! Tenha, portanto, a bondade de me dar alguns novos detalhes de seus interessantes trabalhos. V. Sa. por acaso tem, na rica coleção confiada aos seus cuidados esclarecidos, alguns belos manuscritos adornados de miniaturas, como as antigas bibliotecas da Europa os têm sempre em reserva?

Duvido, mas, por outro lado, ser-me-ia infinitamente agradável mencioná-los, para a honra do Brasil, e ninguém, por seus conhecimentos tão apreciados por todos, é melhor que V. Sa. para indicá-los a mim.⁶⁰⁸

As respostas, enviadas por Ramiz Galvão em 21 de agosto desse mesmo ano,⁶⁰⁹ permitiram a Denis finalizar a redação de seu artigo “Notice sur la Bibliothèque de Rio de

Ferdinand Denis, éditeur et traducteur de sources sur l’Amérique latine. *Bulletin du bibliophile*, n. 1, 2013, p. 69-96.

⁶⁰⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. França [Paris], 01/11/1874. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0014, 0015 e 0015.

⁶⁰⁶ GALVÃO, Ramiz. [Carta a Ferdinand Denis]. Petrópolis [Brasil], 20/12/1885. 1 doc. 7 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 79-82); idem, Frei Camillo de Monserrate. Estudo Biográfico. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, V. XII (1884-1885), 1887.

⁶⁰⁷ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/07/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0033, 0034 e 0035; idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/04/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0101 e 0102.

⁶⁰⁸ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/07/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0033, 0034 e 0035.

Janeiro”, que seria apresentado durante o 2º. Congresso Internacional dos Americanistas, realizado alguns meses depois, em Luxemburgo.⁶¹⁰ Nessa mesma carta, pediu ao diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que entrasse em contato com Victor Meirelles, junto ao qual esperava conseguir notícias acerca do progresso das artes em território brasileiro:

Tenha, portanto, a bondade de pedir-lhe, ao transmitir-lhe os meus melhores cumprimentos, se há algum incremento em seu museu e se o desenvolvimento artístico, do qual ele toma parte tão vivamente, aumenta de modo notável. Eu ficaria encantado se ele pudesse mencionar a mim, além das obras de autoria dele, cujos méritos eu conheço há anos, algumas obras nacionais dignas de interesse. Deixo à inteligência dele a variedade dessas informações.⁶¹¹

Por essa rede internacional de homens de letras, artistas e políticos circulavam impressos de natureza variada (ver Anexo 1.5 e 1.6). A relação epistolar estabelecida pelo autor com os brasileiros entre 1846 e 1886, de que ora nos ocupamos, indica que ele enviou para o outro lado do Atlântico diversas obras historiográficas, algumas consagradas ao continente americano – a exemplo de *Essai sur les Institutions politiques, religieuses, économiques et sociales de l'Empire des Incas* (1874), de Charles Wiener; de *Le Pôle et l'Équateur: études sur les dernières exploitations du Globe* (1863), de Lucien Dubois; e de uma brochura sobre o explorador brasileiro José de Lacerda e Almeida, redigida pelo português Alexandre Alberto de Serpa e Pinto –, outras, à literatura em língua portuguesa – a exemplo de *Vieira, sa vie et ses œuvres* (1879), a tese de doutorado do abade Ernest Carel sobre Antonio Vieira, publicada poucos meses após ser apresentada na Faculté des Lettres de Paris; e de *Les Opéras du Juif António José da Silva* (1880), uma análise da produção literária do dramaturgo português nascido no Brasil António José, o judeu, originalmente veiculada no *Journal les Archives Israélites*, de Ernest David. Na lista dessas remessas havia espaço igualmente para narrativas de viagens dos séculos XVI e XIX, publicadas na forma de livro – como *Relation de l'expédition de Charles Quint contre Alger* (1874) e *La grande et excellente cité de Paris* (1881), assinados, respectivamente, pelos já mencionados Nicolas Durand de Villegaignon e André Thevet –, ou nas páginas dos periódicos parisienses – como “Extrait d’une lettre de M. Bertrand

⁶⁰⁹ GALVÃO, Ramiz. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 21/08/1876. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 75-78).

⁶¹⁰ Cf. DENIS, Ferdinand. Notice sur la Bibliothèque Nationale de Rio de Janeiro. *Compte rendu du Congrès international des Américanistes*. 2ème. section - Luxembourg 1877. Luxembourg: Victor Buck, 1878. p. 275-282.

⁶¹¹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/07/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0033, 0034 e 0035.

Bocandé, résident français à Karabanne [Cazamance] à M. Ferdinand Denis le 2 février 1851”, publicado pelo *Bulletin de la Société de géographie* (1851), e “Voyage d’exploration dans l’intérieur des Guyanes. 1876-1877”, que apareceu no *Le Tour du Monde* (1878-1879).

Denis teve o cuidado de incluir publicações de sua lavra em meio aos despachos: *Le Génie de la Navigation* (1847), por exemplo, foi doada à biblioteca particular de Ramiz Galvão; *Arte Plumaria. Les plumes. Leur valeur et leur emploi dans les arts au Mexique, au Pérou, au Brésil, dans les Indes et dans l’Océanie* (1875), destinada logo após sua publicação a Varnhagen, ao imperador e ao diretor da biblioteca carioca; enquanto *Rapport sur quelques ouvrages de linguistique brésilienne publiés en ces derniers temps* teve três ou quatro exemplares encaminhados a Ramiz Galvão, provavelmente para serem distribuídos aos amigos letrados do Rio de Janeiro. Os demais impressos enviados por ele ao Brasil abordam assuntos tão diversificados quanto botânica – *Contribution à l’étude des origines botaniques de la Gutta-Percha* (1881), do médico Georges Beauvisage –, etnografia – *Les migrations des peuples et particulièrement celles des Touraniens* (1873), assinada pelo escritor austro-húngaro Charles Eugène de Ujfalvy de Mezó-Kövesd –, geografia – dois livros do diretor da Sociedade de Geografia de Paris, Richard Cortambert, cujos títulos não foram indicados –, astronomia – *Catalogue des étoiles circumpolaires australes observées dans l’île de Sumatra* (1881), traduzida provavelmente por Aristide Marre – e bibliografia – *Bibliotheca Americana. Catalogue raisonné d’une très précieuse collection de livres anciens et modernes sur l’Amérique et les Philippines* (1867), editada por Charles Leclerc.

Uma parcela significativa dessas publicações se destinava a D. Pedro II. Sempre atento às imagens sobre o Brasil produzidas (e exportadas) pela Europa, o imperador acompanhava com particular interesse as novidades surgidas no mercado editorial parisiense. Quando pretendia incrementar sua biblioteca pessoal, adquirindo um novo exemplar, rapidamente se lembrava do conservador da Biblioteca Santa Genoveva. Com o apoio desse último, obteve ou localizou obras de tiragens reduzidas: os três volumes de *Histoire des choses les plus memorables advenues tants en Indie Orientales que autres pays de la découverte des Portugais* (1610-1614), do jesuíta Pierre du Jarric; uma cópia dos manuscritos do navegador português João Alfonso, conhecido na França como Alfonse de Saintonge; o artigo “Mémoire sur le Brésil” (1878), preparado por Charles-Henri Burtin para o referido Congresso dos Americanistas; a polêmica brochura

acerca dos restos mortais de Cristóvão Colombo (1879), de Manuel Colmeiro; e ainda *Descubrimiento del Rio de Marañón llamado de las Amazonas, hecho por la religion de San Francisco, Relacion escrita por el Padre Fr. Laureano de la Cruz de la observante provincia de Quito. Ano de 1651* (1878),⁶¹² editado por Marcellino de Civezza. Preocupado em atender sem delongas às encomendas de D. Pedro II, Denis não hesitava em fazer apelo à sua extensa rede de relações com livreiros, bibliotecários e bibliógrafos espalhados pela França e, em caso de atraso, reiterava suas desculpas pelo inconveniente. É o que lemos nesta carta de 18 de julho de 1879:

Quando vos dignais a dizer-me que desejais alguma informação geográfica ou literária, o assunto naturalmente me preocupa ao ponto de eu não pensar em nada mais e de resto isso é tão raro que com efeito não tenho mérito algum em tentar conseguir mais ou menos prontamente o que me fizestes a honra de solicitar no dia 24 de maio. O pedido não abandonou meus pensamentos, mas sua consecução enfrentou algum retardo, o que se resolverá, espero, sem demora. Não conheço pessoalmente o Sr. Lucien Adam, que reside habitualmente em Nancy; estou na mesma situação no que respeita ao Sr. Burtin. Tive que buscar informações junto a amigos benevolentes, segundo os quais posso esperar para daqui a alguns dias uma resposta favorável que me deixará tanto mais feliz por me permitir responder de modo satisfatório a um desejo científico respeitado por todos em França.⁶¹³

Ou então nesta outra, de 05 de julho de 1878:

Infelizmente ainda não pude encontrar, malgrado minhas reiteradas investigações junto aos livreiros, um único exemplar completo da obra do Padre du Jarric; é o tomo 2 que ainda falta; mas ainda possuo uma rara tenacidade, sempre que se trata de satisfazer vossos mínimos desejos, e espero que meus esforços sejam inda uma vez coroados de sucesso.⁶¹⁴

⁶¹² D. PEDRO II. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 13/04/1879. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 64-66). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n117/mode/2up>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁶¹³ No original: “Quand vous daignez me dire que vous souhaitez quelque renseignement géographique ou littéraire; j’en suis naturellement préoccupé au point de ne plus songer à autre chose et cela, d’ailleurs est si rare que, je n’ai en vérité aucune sorte de mérite à tenter d’obtenir plus ou moins promptement ce que vous m’avez fait l’honneur de m’adresser en date du 24 mai, ne m’est certes point sortie de la pensée; mais sa réalisation a subi quelque retard, qui s’aplaniront d’eux-mêmes je l’espère bientôt. Mr. Lucien Adam qui réside habituellement à Nancy, m’est personnellement inconnu, je me trouve dans la même situation à l’égard de Mr. Burtin, j’ai dû prendre des informations auprès d’amis bienveillants, qui me font espérer d’ici à peu de jours une réponse favorable dont je serai d’autant plus heureux qu’elle me mettra à même de répondre d’une façon satisfaisante à un désir scientifique respecté de tout le monde en France”. DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/07/1879. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 181 – Doc. 8258 [d03].

⁶¹⁴ No original: “Je n’ai pu malheureusement trouver encore, malgré mes investigation réitérées chez les libraires un seul exemplaire complet de l’œuvre du père du Jarric, c’est le tome 2 qui manque toujours; mais je suis encore d’une rare ténacité, lorsqu’il s’agit de remplir vos moindres souhaits et j’espère bien en venir à mon honneur”. DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 05/12/1878. 1 doc. 3 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 179 – Doc. 8208 [d01].

Mas os serviços prestados ao imperador – denotados explicitamente pelo acolhimento aos brasileiros de passagem por Paris, como mencionado anteriormente – englobavam também a remessa espontânea de publicações, muitas vezes acompanhadas de dedicatórias que elogiavam o monarca por sua inteligência e curiosidade. Assim, em 10 de outubro de 1878, junto ao envio de um exemplar do *Bulletin de la Société de géographie*, contendo o artigo “Extrait d’une lettre de M. Bertrand Bocandé, résident français à Karabanne (Cazamance) à M. Ferdinand Denis le 2 février 1851”, anexou uma carta, na qual inseriu o seguinte comentário: “Estou certo de que ele não lhe será despido de interesse, e interessará – assim o espero – a Sua Majestade, cujo espírito é sempre tão universal nas pesquisas que realiza”.⁶¹⁵ Outras vezes, esses despachos ocorreram atendendo aos pedidos dos próprios autores europeus, o que salienta bem o reconhecimento de Denis, entre seus conterrâneos, por suas conexões com os habitantes do Brasil. Em 20 de julho de 1879, por exemplo, ele escreveu a Ramiz Galvão:

Sua Majestade tendo dado vivo testemunho do interesse que os estudos sobre as línguas touranianas lhe despertavam, o autor do livro que lhe enviei, Sr. Ujfalvy, pensou que um livro mais alentado sobre uma raça pouco conhecida seria do agrado do seu douto soberano, de modo que ele ousa enviar, a seus auspícios: *Les migrations des peuples et particulièrement celles des Touraniens*.

O mesmo vale para os dois volumes do excelente Sr. Cortambert, espero que eles sejam de bom grado oferecidos por V. Sa.⁶¹⁶

A partir do trecho reproduzido acima, depreendemos algumas das trajetórias possíveis de terem sido percorridas pelos materiais impressos no trajeto Paris-Rio de Janeiro: *Les migrations des peuples et particulièrement celles des Touraniens*, de Ujfalvy, e os dois volumes assinados por Cortambert, cujos títulos não foram identificados, saíram das mãos de seus respectivos autores, passaram pelas de Denis, pelas de Ramiz Galvão e, enfim, chegaram às do imperador brasileiro. Não foi de maneira fortuita que o francês designou o diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro para ajudá-lo nesse processo. Sabemos que, desde pelo menos 1876, um livreiro parisiense estabelecido na Doca Voltaire, chamado Charles Porquet, remetia periodicamente (e por um preço mais em conta, ao que parece⁶¹⁷) caixas amplas de madeira⁶¹⁸ à instituição carioca, nas quais

⁶¹⁵ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/10/1878. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0071, 0072 e 0073.

⁶¹⁶ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/07/1875. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0020, 0021 e 0022.

⁶¹⁷ Conforme lemos num relatório realizado por Ramiz Galvão, logo após ter retornado da Europa: “A encomenda que fiz ao livreiro Ch. Porquet foi toda de grandes obras de biblioteca que não nos devem faltar.

constavam volumes impressos e manuscritos, em especial de obras literárias, históricas e periódicos. Outro intermediário recorrente nos envios realizados ao imperador brasileiro foi o escritor Alfredo d’Escragnolle Taunay, conforme lemos nesta carta de 15 de janeiro de 1878: “Há dois dias eu estava na intenção de levar à Doca de Voltaire a obra de um jovem viajante [...], o Sr. Charles Wiener, mas o gentil e benevolente Sr. d’Escragnolle Taunay teve a bondade de se incumbir de levá-lo ele mesmo ao Rio de Janeiro”.⁶¹⁹ Ou nesta outra, de 19 de março de 1879: “Fiquei sabendo, não sem viva satisfação, que estais enfim, graças à diligência do Sr. d’Escragnolle Taunay, de posse de uma parte (e por certo a mais importante para vós) da obra do Padre du Jarric”.⁶²⁰

Nossos dados revelam que Taunay, Cônego Fernandes Pinheiro, Varnhagen e Ramiz Galvão também receberam as remessas feitas pelo autor francês. Ao primeiro, ele expediu apenas uma obra a respeito do dramaturgo António José – a já mencionada *Les Opéras du Juif António José da Silva* – e, ao segundo, além dessa última, uma tradução para o francês do missionário Bernardino de Sahagún, realizada por dois especialistas em civilizações pré-colombianas – *Histoire générale des choses de la Nouvelle-Espagne, traduit de l’espagnol par D. Jourdanet et R. Siméon* (1875). Para o historiador brasileiro, com quem compartilhava do interesse pela temática dos nativos americanos, enviou três publicações diferentes: sua *Arte Plumaria* – no interior da qual há várias passagens sobre os ornamentos indígenas e as suas funções cerimoniais –, um exemplar do primeiro número da *Revue de Philologie* – em cujas páginas apareceu seu artigo “Regiões [sic.] e raças selvagens do Brasil. Memórias onde se estudam o homem indígena (1874), de Couto Magalhães” – e ainda uma edição feita em Leipzig, pelo linguista e etnólogo Julius Platzmann, de um raro livro deixado pelo jesuíta Antonio Ruiz de Montoya no século XVII. Já o conjunto destinado a Ramiz Galvão, além de mais numeroso, possui uma quantidade expressiva de edições de obras raras ou de manuscritos antigos, datados dos

Essa encomenda foi satisfeita com prontidão e notável inteligência [...]. Ao mesmo livreiro está incumbida a remessa das revistas estrangeiras que nos vêm todos os meses pelos vapores da linha de Bordeos. Atenta a economia que com este processo se realizou, pude aumentar consideravelmente o número de assinatura de jornais, de sorte que hoje a biblioteca não recebe menos de 49 revistas”. Fonte: GALVÃO, Ramiz. Relatório referente ao ano de 1875 e primeiro semestre de 1876. Mss, p. 12 e 15. Apud: CALDEIRA, Op. cit., p. 78.

⁶¹⁸ É o que podemos conjecturar a partir de trecho da correspondência enviada por Denis a Ramiz Galvão em fins de 1878: “Eu mesmo levei esses dois volumes ao excelente Sr. Porquet, que teve a perfeita gentileza de despregar a caixa para fazê-los chegar até V. Sa.”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/10/1878. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0071, 0072 e 0073.

⁶¹⁹ Idem. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 15/01/1878. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 179 – Doc. 8208 [d02].

⁶²⁰ Idem. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 19/03/1879. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 181 – Doc. 8258 [d03].

séculos XVII e XVIII. Esse foi o caso, por exemplo, de *Freitas contre Grotius sur la question de la liberté des mers: justification de la domination portugaise en Asie*, a primeira tradução francesa de *De lusto imperio lusitorium asiatico*, escrita pelo jurista português Frei Serafim de Freitas, em 1625:

Tenho o prazer de lhe fazer chegar, por meio da expedição de sua caixa mensal, confiada aos cuidados do Sr. Porquet, um trabalho muito interessante (do ponto de vista retrospectivo), do qual fala Inocêncio, e cujo autor apareceu, no passado, como um adversário ousado do famoso Grotius. O livro original é raríssimo, a tradução vem de um humanista que deu mais de uma vez provas de sua habilidade e, considerando este duplo título, ele não estará deslocado em sua rica biblioteca.⁶²¹

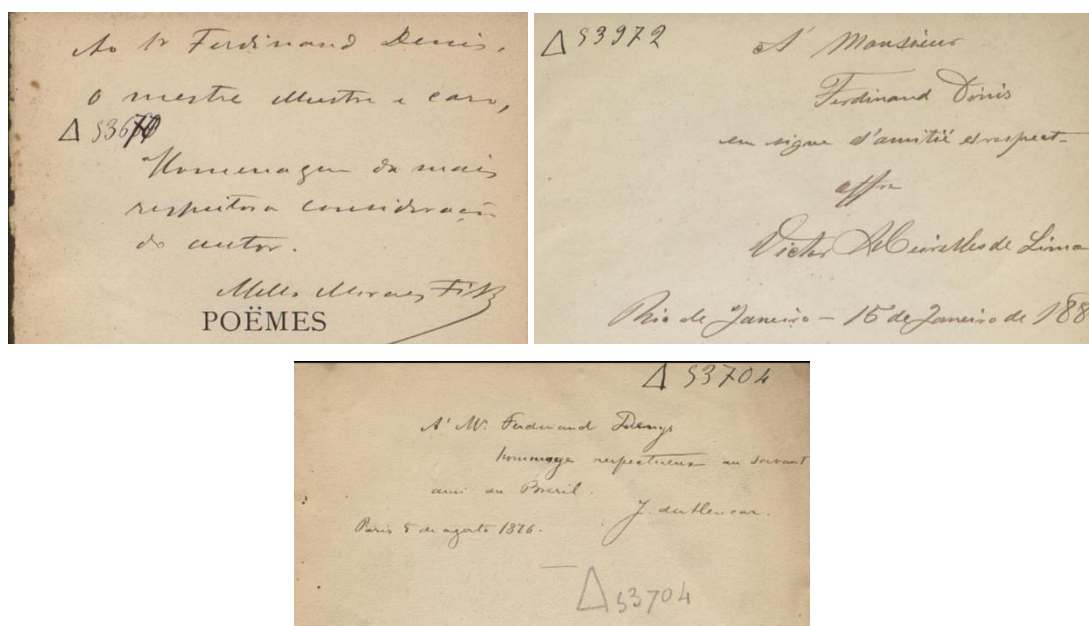
A remessa transatlântica de livros e periódicos coloca em evidência um aspecto interessante, diretamente ligado à tentativa de projeção internacional por parte de Denis, na medida em que, amparado por esses despachos, ele conseguia ostentar toda a sua erudição (afinal, apenas alguém com uma cultura vasta e bem situado entre seus pares poderia estar ciente dos principais lançamentos encontrados nas prateleiras das livrarias parisienses) e ainda difundir, entre os brasileiros, sua própria produção e a de outros escritores da Europa (daí o grande número de títulos que dedicou a ambientes com intensa circulação de leitores, como a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde trabalhava seu amigo Ramiz Galvão). Também salienta sua habilidade empreendedora de construir novos laços ou de reforçar aqueles já existentes com figuras conceituadas na esfera do poder político (a monarquia), ou do poder simbólico (o IHGB e a referida biblioteca carioca), que poderiam, futuramente, lhe garantir algum retorno pessoal.

Foi graças a sua extensa rede de relações com os brasileiros, aliás, que Denis se tornou o proprietário de uma extensa biblioteca particular, composta por mais de 4 mil exemplares, dentre os quais havia algumas centenas (talvez até mesmo milhares) de livros e periódicos vindos do Brasil.⁶²² Como o acervo foi integralmente leilado após a morte do autor, não podemos realizar uma análise minuciosa a esse respeito. Contudo, investigando sua relação epistolar, bem como o Fundo Ferdinand Denis da Biblioteca Santa Genoveva,

⁶²¹ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/05/1882. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, 1233570. Disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233570/mss1233570.pdf. Acesso em 27 fev. 2020.

⁶²² Fonte: *ÉTUDE de M. Hons-Olivier, commissaire-priseur. Rue de Malte, 52. Environ 4,000 volumes livres anciens et modernes gravures, cartes, documents manuscrits et autographes composant une partie de la bibliothèque de Feu M. Ferdinand Denis. Conservateur-administrateur honoraire de la Bibliothèque Sainte-Genève, officier de la Légion d'Honneur, etc., etc. Dont la vente aura lieu Hôtel Druot – salle n. 7 le lundi 12 janvier 1891 à deux heures précises (et le soir s'il y a lieu)*. Paris, 1891.

conseguimos reconstituir parte do conteúdo originalmente ali encontrado (ver Anexo 1.5). Identificamos 46 obras escritas ou organizadas por brasileiros, sendo a grande maioria delas aberta com uma breve dedicatória, feita pelo remetente: “Ao Sr. Ferdinand Denis/ o mestre ilustre e caro/ homenagem da mais respeitosa consideração/ do autor”, escreveu-lhe Melo Moraes Filho, na capa de seu *Poèmes de l’esclavage et Légendes des Indiens* (1884), reunindo contos sobre o dia a dia dos negros e dos nativos brasileiros;⁶²³ “Ao Sr./ Ferdinand Denis/ em sinal de amizade e respeito/ oferece/ Victor Meirelles de Lima”, anotou o artista brasileiro no exemplar de uma obra Rangel de Sampaio, intitulada *O quadro da Batalha dos Guararapes, seu autor e seus críticos* (1880), que enviara ao francês;⁶²⁴ “Ao Sr. Ferdinand Denis/ homenagem respeitosa ao sábio/ amigo do Brasil/ J. de Alencar”,⁶²⁵ assinou José de Alencar na contracapa de seu romance indianista *Ubirajara* (1875), com o qual lhe presenteara. Sem questionar a sinceridade dessas linhas, é preciso ter em mente que elas resultavam também do interesse, por parte dos escritores brasileiros, de alcançarem reconhecimento na Europa. Para muitos deles, conquistar a simpatia de Denis significava uma grande – e talvez a única – oportunidade de atingir tal objetivo.



Figuras 7, 8 e 9. dedicatórias para Denis escritas por Melo Moraes Filho, Victor Meirelles e José de Alencar, respectivamente.

⁶²³ MORAES FILHO, Melo. *Poèmes de l’esclavage et Légendes des Indiens*. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1884.

⁶²⁴ No original: “À Monsieur/ Ferdinand Denis/ en signe d’amitié et respect/ offre/ Victor Meirelles de Lima”. SAMPAIO, Op. cit.

⁶²⁵ No original: “À Mr. Ferdinand Denis/ hommage respectueux au savant/ ami du Brésil/ J. de Alencar”. ALENCAR, José de. *Ubirajara: lenda tupi*. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1875.

Quanto à temática dessas publicações, é nítido o predomínio das belas-letas: além dos já referidos *Ubirajara* e *Poèmes de l'esclavage et Légendes des Indiens*, a lista de remessas a Denis inclui a comédia *Por direito de Patchouly* (1863), de Bruno Seabra; o romance *Dedicação d'uma amiga* (1850), de Nísia Floresta, o relato de viagem *La retraite de Laguna: épisode de la guerre du Paraguay* (1879), de Alfredo d'Escragno Taunay; assim como uma dezena de livros de poesias, como *A lágrima de um caetê* (1849), também de Nísia Floresta; *A assunção: poema composto em honra da Santa Virgem* (1819), de frei Francisco de São Carlos; *A Confederação dos Tamoios* (1856), o famoso poema épico de Gonçalves de Magalhães; *Poesias oferecidas às senhoras brasileiras* (1831), de Antônio José de Araújo; *Jocelyn e Laura* (1875), *Poesias* (1875), *Um episódio* (1876), *A transviada* (1878) e *O túmulo* (1879), todos assinados por João Capistrano de Melo; a coletânea *Poesias líricas de Camões* (1880), que foi organizada pelo Comitê brasileiro por ocasião do tricentenário da morte do poeta lusitano; e, por fim, *Épicos Brasileiros* (1845) e *Parnaso Brasileiro* (1830), editadas, respectivamente, por Varnhagen e pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa.

A relação compreende igualmente obras científicas, escritas por naturalistas, botânicos, geógrafos e etnógrafos (como os já mencionados Ladislau Neto e o barão de Capanema, além de Almeida Nogueira, João Barbosa Rodrigues, Eduardo José de Moraes, Candido Mendes de Almeida e José Vieira Couto de Magalhães), relatos de viagens (a tradução para o português da obra de Yves d'Évreux, feita por César Augusto Marques), relatórios políticos e administrativos (de Beaurepaire-Rohan, José Carlos de Almeida Areias, o barão de Ourém, e Ramiz Galvão), livros de história geral, história do Brasil e história da arte (traduzidos por Francisco Sotero dos Reis ou escritos por Francisco Augusto de Paula Carvalho, Antonio Henrique Leal, José Ignacio de Abreu e Lima, Joaquim Manuel de Macedo, João Pedro Gay, Varnhagen e Rangel de Sampaio); coleções de máximas (de autoria de Mariano José Pereira da Fonseca, o marquês de Maricá), e dicionários e gramáticas (redigidos ou editados pelo último autor, ou por Beaurepaire-Rohan e Francisco Sotero dos Reis). Nesses despachos havia espaço ainda para periódicos impressos no Brasil, a exemplo da *Revista Trimestral do IHGB*, dos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* e da *Revista Brasileira*, sendo a primeira enviada a Denis pelo cônego Fernandes Pinheiro e as demais por Ramiz Galvão.

As trocas culturais estabelecidas entre o francês e os brasileiros (sobretudo com Varnhagen e o diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro) se intensificaram durante

os anos de 1870, o que talvez esteja relacionado às mudanças sociais vividas pelos homens de letras no Brasil no período em questão. Com efeito, seus recentes esforços na divulgação de ideias abolicionistas foram compreendidos como verdadeiros atos patrióticos, levando-os a desfrutarem de um maior prestígio na sociedade – ainda que muitos deles continuassem sem perspectivas econômicas estáveis e se vissem, com certa frequência, diante da necessidade de se dividirem em diversas tarefas para sobreviver financeiramente.⁶²⁶ Atribuindo à literatura a missão de intervir na sociedade imperial, apontando suas mazelas e contribuindo com sua regeneração, a “geração de 1870” adotou um tom particularmente comprometido. Tornou-se conhecida também pelos debates entre indivíduos ou grupos com ideias divergentes, que escorregavam, muitas vezes, para a difamação pessoal.⁶²⁷ Juntamos a isso a forte expansão da imprensa periódica nacional, devido ao surgimento de jornais e revistas em todo o território brasileiro, outro fator que ampliou “a possibilidade de reconhecimento” ao alcance tanto dos estreantes quanto dos já consagrados.⁶²⁸ A busca pelo capital simbólico acabou acirrando as rivalidades inerentes ao campo literário e aumentando as hostilidades entre os letrados:

[...] os círculos definidos pela elite intelectual em sua luta para assegurar um lugar proeminente e estável na imprensa criaram uma rede profissional-afetiva de amizades e inimizades que envolvia a configuração de alianças e exclusões, com “panelinhas” ou agremiações reforçadas pelas práticas do elogio mútuo e do insulto, de recompensas e punições, em dinâmicas de lealdade e ostracismo.⁶²⁹

Durante toda sua vida, Denis se manteve à parte de disputas ou controvérsias literárias que poderiam comprometer a imagem positiva que se empenhava em construir sobre si próprio: a de um autor respeitável, com largos conhecimentos em assuntos relacionados ao mundo lusófono, benquisto entre seus pares, principalmente entre aqueles de Portugal e do Brasil. Mesmo assim, participou do que Braga-Pinto chama de “dinâmica do elogio mútuo e bajulação”,⁶³⁰ distribuindo críticas favoráveis a respeito de seus amigos e recebendo, desses últimos, um tratamento semelhante. Veremos a seguir que tal questão se torna especialmente clara no caso de Francisco Adolfo de Varnhagen e Franklin Ramiz Galvão. Na década de 1870, o primeiro, já com cinquenta anos de idade, era um

⁶²⁶ BIGNOTTO, Op. cit., 211.

⁶²⁷ VENTURA, Roberto. *Estilo tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁶²⁸ RABELLO, Ivone Daré. Arte e eternidade: ponto de fuga. In: *Um canto à margem: uma leitura da poética de Cruz e Sousa*. São Paulo: EdUSP, 2006. p. 83.

⁶²⁹ Ibidem, p. 84.

⁶³⁰ Loc. cit.

historiador-diplomata respeitado, sócio-honorário do IHGB desde 1859, mas pouco estimado, ao que parece, por seus colegas no Brasil.⁶³¹ Galvão, embora ainda na casa dos 20 anos, assumira havia pouco tempo a direção da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, de onde sairia em 1882, como intelectual consagrado.⁶³² Analisando a correspondência ativa e passiva que restou da venda e dispersão do espólio do francês, percebemos que ambos tiveram um papel de relevância no intercâmbio estabelecido entre Denis por meio desses veículos de comunicação. Juntos, eles contabilizaram 72 cartas (sendo 12 enviadas ao historiador e 57, ao colega da congênere no Rio de Janeiro, além de três remetidas por esse último ao francês), o que equivale a mais da metade do material que logramos recolher.

4.3. Amizades transatlânticas

As relações entre Varnhagen e Denis devem ter começado já na década de 1840 (se não antes), quando o historiador foi nomeado adido de primeira classe na legação brasileira em Lisboa, incumbido da tarefa de encontrar, no continente europeu, documentos sobre a história, a geografia e a legislação do Brasil.⁶³³ Com esse propósito, ele viajou para a cidade de Paris, onde analisou um precioso manuscrito, guardado na atual Biblioteca Nacional Francesa: o já mencionado relato de viagem, deixado pelo português Gabriel Soares de Sousa, a respeito de sua estadia no Nordeste brasileiro, entre os anos de 1565 e 1569. Sabendo, em primeiro lugar, que Denis se empenhava em acompanhar as pesquisas realizadas pelos súditos de D. Pedro II nas bibliotecas francesas e, em segundo, que ele próprio havia se debruçado sobre o referido documento – citando-o, dez anos antes, em *Le Brésil*, embora tenha erroneamente atribuído sua autoria a Francisco da Cunha –, fica difícil não imaginar que ambos tenham se encontrado nessa ocasião. Contudo, a primeira missiva trocada entre eles da qual temos notícia data de quatro anos mais tarde, precisamente do dia 10 de abril de 1851, quando o brasileiro, já no cargo de secretário da

⁶³¹ CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*. Coleção história e historiografia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 30-66.

⁶³² CALDEIRA, Op. cit., p. 27.

⁶³³ CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*. Coleção história e historiografia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 36.

legação imperial de Madrid,⁶³⁴ preparava-se para retornar ao Brasil a fim de participar dos debates a respeito das delimitações territoriais das Guianas:

Meu caro amigo,

Aí vão estas linhas antes de me lançar ao Atlântico. Recebi em Madri sua última carta, pela qual sou infinitamente grato. O Sr. Cavalcanti, jovem brasileiro que vive em Londres como adido, incumbiu-se de fazer chegar a suas mãos um exemplar do *Florilégio*.

Nossa *Fête brésilienne* foi apresentada ontem na Academia de Ciências. Eu estava presente à sessão e aproveitei a ocasião para dizer algumas palavras sobre o mérito de seu trabalho. O Sr. Macedo esteve de acordo e o Sr. Franzini destacou que V. Sa. jamais se esquece da Academia. Está quase decidido que se fará a proposta de fazer de V. Sa. nosso colega.

Se o tema cair no esquecimento nesses dois meses eu me encarrego de lembrá-los de viva voz ou por escrito [...].⁶³⁵

Além do envio de materiais bibliográficos de Varnhagen para o francês (no caso, sua mais recente publicação, o terceiro volume do *Florilégio da poesia brasileira, ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil*), a carta nos revela outra dimensão interessante, apontando para a importância do historiador brasileiro na defesa, em Portugal, do “caro amigo” francês e de suas publicações – o que justifica seu empenho em dizer “algumas palavras sobre o mérito” de *Une Fête brésilienne célébrée à Rouen*, que fora editada por Denis no ano anterior, bem como em propor a admissão desse último na Academia Real das Ciências de Lisboa, da qual ele próprio era membro havia vários anos. De um certo modo, Varnhagen procurava retribuir os favores feitos por Denis, que alguns meses antes escrevera o seguinte, no *Bulletin du Bibliophile et du Bibliothécaire*, acerca de suas pesquisas sobre Gabriel Soares de Sousa: “[Varnhagen] submeteu os diversos manuscritos de Gabriel Soares a um sério exame, investigou até mesmo aquele de Paris e é o único que pode, nos dias atuais, dar uma edição correta deste admirável tratado, tão precioso para o Império do Brasil”.⁶³⁶

⁶³⁴ LESSA, Op. cit., p. 84.

⁶³⁵ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 10/04/1851. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 2-3). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 28 fev. 2020. Original em francês. Tradução minha.

⁶³⁶ No original: “Le jeune écrivain que nous venons de nommer a soumis les divers manuscrits de Gabriel Soares à une sérieux examen, il a vu même celui de Paris et il est le seul qui puisse donner aujourd’hui une édition correcte de cet admirable traité, si précieux pour l’empire du Brésil”. DENIS, Ferdinand. Vieux voyageurs français. Yves d’Évreux. *Bulletin du Bibliophile et du Bibliothécaire*, Paris, , IXème. série, 1849-1850, p. 361.

Como um comentário elogioso de sua parte não significava pouca coisa, Varnhagen não hesitou em citá-lo, quando apresentou a obra do viajante português aos membros do IHGB, em 1851.⁶³⁷ Há um espaço de 21 anos entre a missiva reproduzida acima e a próxima que conseguimos localizar, enviada por Varnhagen a Denis em 1872, durante os preparativos para o Congresso Estatístico de São Petersburgo, do qual o historiador participaria como representante do Brasil.⁶³⁸ Neste ínterim, o francês havia se tornado a princípio conservador e depois conservador-administrador da Biblioteca Santa Genoveva, além de oficial da Legião de Honra, como mencionamos. O brasileiro também progredira profissionalmente: publicara sua famosa *História Geral do Brasil* (1854-1858), que lhe rendera o posto de sócio-honorário do IHGB, atuara como diplomata no Chile e depois na corte de Viena, na Áustria, onde fora promovido para o posto de ministro plenipotenciário, em abril de 1871, e conquistara igualmente os títulos de Barão e, mais tarde, de Visconde de Porto Seguro.

Embora já consagrado no meio literário brasileiro, Varnhagen ainda não se dava por satisfeito. Faltava-lhe conquistar projeção internacional, o que exigia que fosse lido por um público maior de leitores e, principalmente, bem recebido pela crítica europeia. Por isso, em 1876, trouxe à luz *L'Origine Touranienne des Américains Tupis-Caribes et des Anciens Egyptiens* (1876), escrita em francês, “sua obra mais enigmática [...], na qual procurou provar, por meio da filologia comparada e da etnografia, que a origem dos índios brasileiros encontrava-se no mundo antigo”.⁶³⁹ Se a estratégia não deu os resultados esperados (haja vista a ausência de comentários sobre a publicação em periódicos parisienses), Varnhagen pôde encontrar consolo na ajuda oferecida por Ferdinand Denis. Em 24 de maio desse mesmo ano, durante uma reunião da Sociedade dos Americanistas da França, esse último não poupou esforços para conquistar o interesse de seus colegas americanistas para a segunda edição de *História Geral do Brasil* (1875), lançada havia pouco tempo no Rio de Janeiro. Inicialmente sublinhou os méritos de Varnhagen enquanto pesquisador, afirmando que, como um “verdadeiro historiador, amante da verdade”, ele não hesitara em visitar acervos e bibliotecas no exterior, movido pelo objetivo de localizar

⁶³⁷ CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*. Coleção história e historiografia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 76.

⁶³⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Fragmento de Carta a Ferdinand Denis]. s./indicação do local, [circa 1872]. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 4-5). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 28 fev. 2020.

⁶³⁹ CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*. Coleção história e historiografia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 55.

novos documentos sobre a história pátria: “Antes de ser um historiador viajante, apressemo-nos em dizê-lo, o sr. [Varnhagen] se mostrou um bibliófilo apaixonado e um pesquisador infatigável”.⁶⁴⁰ Depois procurou refutar as severas acusações que lhe haviam sido feitas acerca de sua falta de compaixão pelos indígenas brasileiros,⁶⁴¹ argumentando que isso seria verdadeiro apenas no caso dos nativos ainda não civilizados, “antes que os dogmas da religião ou as ideias de uma civilização superior tivessem suavizado seus costumes e instintos selvagens”.⁶⁴²

Essa já era a segunda vez que Denis aproveitava as reuniões da referida agremiação para advogar em favor do historiador brasileiro. Em 07 de dezembro de 1875, ao discorrer sobre as duas novas edições do *Tesoro de la lengua guarani* (1639), do jesuíta Antonio Ruiz de Montoya, que estavam sendo preparadas simultaneamente em Viena, por Varnhagen, e em Leipzig, pelo linguista e etnólogo Julius Platzmann, não escondeu sua preferência pela primeira, dizendo:

Os belos volumes do sr. J. Platzmann são editados na forma fac-similar e por isso mesmo de um transporte bastante complicado [...]. O sr. Visconde de Porto Seguro acreditou dever adotar um formato de menor dimensão, e por consequência, mais portátil. Testemunha de certa forma das correções dos reiterados esforços desse último editor para chegar a uma perfeita correção dos textos, gostaríamos de lembrar aqui que nenhum cuidado, nenhuma medida foi economizada por ele para obter uma pureza completa de impressão.⁶⁴³

⁶⁴⁰ No original: “véritable historien, amoureux de la vérité [...]. Avant d’être un historien voyageur, hâtons-nous de le dire, Mr. [Varnhagen] s’est montré un bibliophile passionné et un chercheur infatigable”. Cf. DENIS, Ferdinand. *Quelques mots sur la 2e. édition de l’Historia Geral du vicomte de Porto-Seguro*. Extrait des Actes de la Société Américaine de France, t. VIII, 5e. partie, 1877. Paris: J. Tremblai, 1877. p. 2-3.

⁶⁴¹ A questão indígena foi um tema recorrente na obra de Varnhagen, aparecendo tanto em suas publicações sobre a história do Brasil, quanto nos diferentes trabalhos apresentados por ele ao IHGB. Em linhas gerais, ele defendeu a importância do mapeamento e da classificação dos povos nativos brasileiros, assim como do estudo de suas línguas e dialetos, preconizou a substituição da mão de obra escrava negra pela indígena e, sobretudo, afirmou repetidamente a necessidade de incorporar os nativos à civilização branca – o que, a seu ver, apenas aconteceria quando se utilizasse a força bruta. Contrário ao mito do bom selvagem, Varnhagen via os indígenas brasileiros como verdadeiros párias sociais, ocupados unicamente em vadiar pelo mato, impedindo o aproveitamento das terras e atacando impetuosamente a população ao redor. Ele chegou mesmo a exigir do governo brasileiro a formação de novas bandeiras e a caça aos selvagens. Como seria de imaginar, suas declarações causaram muita polêmica na época. Cf. OLIVEIRA, Laura Nogueira. *Os índios bravos e o sr. Visconde*: os indígenas brasileiros na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen. Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: UFMG, 2000.

⁶⁴² No original: “avant que les dogmes de la religion ou les idées d’une civilisation supérieure eussent adouci leurs mœurs et changé leurs farouches instincts”. Cf. DENIS, Ferdinand. Notice sur la Bibliothèque Nationale de Rio de Janeiro. *Compte rendu du Congrès international des Américanistes*. 2ème. section - Luxembourg 1877. Luxembourg: Victor Buck, 1878. 1877, p. 3.

⁶⁴³ No original: “Les beaux volumes de Mr. J. Platzmann sont édités sous forme fac-similaire et par cela même d’un transport assez difficile [...]. Mr. le vicomte de Porto Seguro a cru devoir adopter un format de plus petite dimension et, par conséquent, plus portatif. Témoin en quelque sorte des efforts réitérés de ce dernier éditeur pour arriver à une parfaite correction des textes, nous aimons à rappeler ici qu’aucun soin, aucune démarche n’a été épargnée par lui pour obtenir une pureté complète d’impression”. Cf. DENIS,

Destacando a cuidadosa revisão, assim como a escolha por um formato de prática manipulação, Denis procurava garantir que o trabalho de Varnhagen não passasse despercebido por seus colegas europeus, algo que poderia ter facilmente ocorrido, uma vez que a edição de Platzmann era dedicada ao próprio presidente da Sociedade dos Americanistas da França, o etnógrafo Édouard Madier de Montjau. O historiador brasileiro, aliás, mostrara-se bastante apreensivo diante da concorrência com Platzmann, a ponto de se referir a esse último como seu “rival de Leipzig”.⁶⁴⁴ Por esse motivo, escreveu ao amigo francês uma emotiva carta de agradecimento, cujo conteúdo reproduzimos a seguir:

Tendo lido num jornal há alguns dias que V. Sa. deverá falar à Sociedade de Americanistas sobre as línguas dos índios do Brasil, meu coração logo me disse que V. Sa. não deixaria de se lembrar de mim. Mas meu pressentimento foi superado pelos fatos e minha gratidão a V. Sa. não poderia ser maior. Vejo que V. Sa. chegou a lutar em favor de seu amigo. Seu presidente Sr. Madier é justamente a pessoa a quem o Sr. Platzmann dedicou sua pequena bibliografia de línguas americanas.⁶⁴⁵

A Sociedade dos Americanistas da França fora criada no ano anterior por alguns membros da Sociedade de Etnografia, descontentes com o pouco espaço garantido pela agremiação a assuntos relativos às populações autóctones das Américas, devido ao predomínio de orientalistas em seus quadros.⁶⁴⁶ Denis passou a integrar a primeira em

Ferdinand. Rapport sur quelques ouvrages de linguistique brésilienne publiés en ces derniers temps. *Annuaire de la Société Américaine de France*, Paris, t. troisième, 1875, p. 138-144.

⁶⁴⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 23/02/1876. 1 doc. 2 p. Biblioteca Santa Genoveva, Arquivo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 12-13). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n23/mode/2up>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁶⁴⁵ No original: “En ayant lu dans un journal il y a quelques jours, que vous deviez entretenir la Société des Américanistes sur les langues des Indiens du Brésil, mon cœur m’a tout de suite dit que vous ne manquerez pas de vous y occuper favorablement de moi. Mais mon pressentiment a été surpassé par les faits et ma gratitude envers vous est au comble. Je vois que vous avez même luté en faveur de votre ami. Votre Président Mr. Madier est justement la personne à laquelle Mr. Platzmann a dédié sa petite bibliographie de langues américaines”. Fonte: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 15/08/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 16-17). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 28 fev. 2020.

⁶⁴⁶ O interesse de reunir pesquisadores e cientistas especializados nas Américas e de promover debates sobre o assunto vinha, porém, de muito antes. Já em 1857, Joseph Aubin, o Abade Brasseur de Bourbourg, A. Maury e Léon de Rosny haviam dado os primeiros passos com a fundação da Société Américaine de France. No entanto, como não conseguiram reunir um número suficiente de membros, acabaram se juntando aos orientalistas. Assim nasceu, em 24 de abril de 1859, a Société d’Ethnographie Américaine et Orientale (mais conhecida como Société d’Ethnographie). Em 1863, a seção americanista procurou romper com a Société d’Ethnographie, mas voltou a reintegrá-la, dez anos mais tarde. Finalmente, em 1873, ela conquistou sua emancipação sob o nome de Société des Américanistes de France. Cf. LAURIÈRE, Op. cit.

meados de 1875, após a morte de um dos fundadores, o Abade Brasseur de Bourbourg.⁶⁴⁷ Nesse mesmo ano, recebeu o convite para participar do primeiro Congresso Internacional organizado pela última sociedade na cidade de Nancy, entre os dias 19 e 22 de julho, reunindo linguistas, historiadores, geógrafos, etnólogos e outros cientistas, provenientes de todas as partes do mundo, interessados em estudos sobre as Américas.⁶⁴⁸ Ainda que não tenha comparecido por motivos de saúde, decidiu ceder “alguns objetos de extração brasileira”, que deveriam ser exibidos pelos idealizadores do evento, conforme explicou em uma missiva a Ramiz Galvão, de 20 de julho de 1875.⁶⁴⁹

Caso estivesse na Europa, Varnhagen provavelmente teria procurado participar do evento,⁶⁵⁰ aproveitando a ocasião para difundir sua produção intelectual junto a renomados especialistas. Contudo, à época, encontrava-se no Brasil, desbravando territórios de Goiás e Bahia à procura mais uma vez de documentos raros, esquecidos nas prateleiras de bibliotecas e de arquivos. Tendo retornado a Viena bastante debilitado em decorrência dos reveses da viagem, o historiador-diplomata faleceu poucos meses depois, em 29 de junho de 1878, aos 62 anos de idade.⁶⁵¹ Como era casado com uma chilena, seus restos mortais foram enterrados em Santiago, no Chile. Em seu testamento, Varnhagen manifestara a intenção de mandar construir um monumento para homenageá-lo em sua terra natal, a cidade de Sorocaba. Emocionado com a morte repentina do amigo, Denis procurou garantir que seu último desejo se concretizasse, como indica um trecho, extraído de uma missiva de 17 de maio de 1879 ao Imperador: “[...] acabo de escrever ao hábil Victor Meirelles para que me diga quanto custaria este pequeno monumento, que por inscrição só teria duas datas, a de nascimento e a de morte”.⁶⁵²

⁶⁴⁷ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/07/1875. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0020, 0021 e 0022.

⁶⁴⁸ Ver a esse respeito: LOGIE, Étienne; RIVIALE, Pascal. Le Congrès des américanistes de Nancy en 1875: entre succès et désillusions. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, v. 95, p. 151-171, 2009. Disponível em <<https://journals.openedition.org/jsa/11036>>. Acesso em 28 fev. 2020.

⁶⁴⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/07/1875. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0020, 0021 e 0022.

⁶⁵⁰ Varnhagen havia comparecido a uma série de eventos realizados na Europa, enquanto representante do Brasil, a exemplo do já mencionado Congresso Internacional de Estatística, em 1872, da Exposição Universal de Viena, em 1873, e de outros dois encontros de cientistas na cidade de Budapeste, ambos no decorrer de 1876, o primeiro sobre estatística e o segundo, sobre pré-história. Cf. CESAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*. Coleção história e historiografia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 55.

⁶⁵¹ Ibidem, p. 58.

⁶⁵² DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. França [Paris], 17/05/1879. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 181 – Doc. 8258 [d01].

Outro importante correspondente de Denis foi Franklin Ramiz Galvão, diretor da Biblioteca Nacional de 1870 a 1882 e preceptor dos netos de D. Pedro II (os filhos da princesa Isabel e do Conde d'Eu) a partir de 1882.⁶⁵³ A relação entre ambos remonta ao ano de 1874, momento em que o brasileiro encontrava-se na Europa, para onde viajara por ordem do governo imperial, com o propósito de compor os quadros de uma série de comissões brasileiras naquelas terras⁶⁵⁴ – viagem essa que lhe permitiria visitar várias bibliotecas europeias e elaborar um detalhado relatório que tornaria possível a reestruturação da instituição nacional congênere. A contar pelo bilhete endereçado por Denis a Ramiz Galvão a 9 de fevereiro de 1874, o primeiro encontro de ambos se daria dali a dois dias.⁶⁵⁵ A isso se seguiram variadas manifestações de apreço do francês pelo brasileiro: um convite para certa sessão da Academia Francesa de Letras,⁶⁵⁶ a apresentação de um erudito da Marinha francesa que teria em seu poder um conjunto de volumes concernentes ao Brasil⁶⁵⁷ e o relato acurado das pesquisas científicas que se realizavam em Paris sobre o país.⁶⁵⁸ Assentavam-se, assim, as bases de uma relação que perduraria por anos, a qual Denis denominaria mais tarde de “amizade transatlântica”:

Estamos, portanto, completamente alheios a notícias suas. Seja gentil de, ao menos, nos assegurar de sua saúde. Eu sei que, de fato, seus preciosos *Anais* devem lhe ocasionar um grande labor, mas o terrível inverno que acabamos de atravessar não nos impediu de pensar em nossos amigos transatlânticos – perdoe-me este termo um pouco arriscado.⁶⁵⁹

A relação estabelecida entre os missivistas, a qual atravessou mais de um decênio – correspondendo a porção considerável do tempo em que Ramiz Galvão ocupou a direção da instituição brasileira –, oferece-nos exemplo modelar dos laços de amizade entre letrados aos quais nos referimos. Não apenas a quantidade, mas a qualidade da

⁶⁵³ CALDEIRA, Op. cit., p. 255.

⁶⁵⁴ São elas: a comissão que representaria o país na Exposição Universal de Viena, a 2ª Comissão de História do IHGB e a Comissão de Pesquisa de Manuscritos do IHGB. Cf. CALDEIRA, Op. cit., p. 320.

⁶⁵⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 09/02/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0003.

⁶⁵⁶ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/01/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0008.

⁶⁵⁷ Trata-se de Mouchez, que, no fito de “enriquecer a bela biblioteca confiada a seus cuidados”, “ficará encantado em conhecê-lo e me incumbiu de dizer que terá à sua disposição três ou quatro volumes e entre outras coisas a porção de seu mapa que diz respeito ao Pernambuco”. Cf. Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 11/03/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0009.

⁶⁵⁸ A exemplo das perquirições do Sr. Wiener – de cujo percurso aventuroso por terras latino-americanas os dois interlocutores se ocupariam por anos a fio –, ou então da próxima publicação, da parte do Sr. Philippe Roget, de “um vasto trabalho que ele havia iniciado, intitulado: *Histoire de l'établissement des Français à la baie de Rio de Janeiro en 1555*”. Cf. Idem, [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/07/1874. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0011, 0012 e 0013.

⁶⁵⁹ Ibidem.

correspondência trocada entre ambos aponta para uma relação de férteis câmbios intelectuais, regidos pelo signo da “bibliofilia”,⁶⁶⁰ com dezenas de volumes impressos atravessando o oceano neste decurso de tempo. A carta enviada a Ramiz Galvão pelo já octagenário Denis em janeiro de 1880 ilustra de forma cabal as peripécias que envolviam a correspondência internacional nas últimas décadas do século XIX:

Esperava poder enviar-lhe, por meio da intervenção do Sr. Porquet, a biografia do desafortunado António José da Silva, sobre a qual lhe falei diversas vezes, mas o Sr. Ernest David, autor deste interessante trabalho, nada me havendo enviado, vejo, com grande pesar, que devo adiar o envio de tal brochura até o próximo mês – a retomada de todos os rigores do inverno tendo me impedido, sob a pena dos escorregões que são incompatíveis com minha idade, uma longa viagem aos bulevares do Temple.⁶⁶¹

O trajeto efetivamente comportava dificuldades: não raras cartas do francês ao brasileiro fazem referência à distância (de cerca de três quilômetros) que separava o Boulevard du Panthéon, endereço da Biblioteca Santa Genoveva, do Boulevard du Temple, onde se situava a livraria de Porquet. As recorrentes menções de Denis ao fato de tal distância ser coberta por ele a pé, mesmo debaixo de temperaturas rigorosas, assinalam seu intuito de demonstrar a dedicação que votava ao “confrade” brasileiro – epíteto que frequentemente juntava ao seu nome no encerramento das cartas despachadas ao Brasil.⁶⁶² Seu desvelo transparece ainda na intermediação em transações de grande relevância para Ramiz Galvão, no que concerne ao mercado livreiro. O trecho a seguir, retirado de uma missiva de 15 de abril de 1877, diz respeito à localização, por parte do conservador francês, de um profissional que deveria realizar a reprodução de determinados clichês em posse da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Ramiz Galvão havia lhe pedido que se dirigisse ao Sr. Goupil, mas como este apenas comercializava fotografias, Denis empreendeu um verdadeiro périplo para desincumbir-se da tarefa requerida por seu amigo:

Depois de haver tomado, em seu interesse, informações úteis dos senhores Laborde e Duplessis, os quais me disseram que um dos mais hábeis fotógrafos de provas de fotogravuras era o Sr. Berthier, habitante da Doca Malaquais, nº 15, fui, no dia seguinte, a este último artista, que

⁶⁶⁰ Ramiz Galvão se referiria textualmente a isso em missiva enviada a Denis datada de 1885, quando já ocupava o posto de aio imperial: “Foram-se os belos e saudosos tempos, em que os velhos e bons livros da querida Biblioteca faziam o meu encanto; não que os ame menos hoje, mas as pesadas obrigações do nosso cargo não deixam lazer para a bibliofilia”. Cf. GALVÃO, Ramiz. [Carta a Ferdinand Denis]. Petrópolis [Brasil], 20/12/1885. 1 doc. 7 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 79-82).

⁶⁶¹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/01/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0087 e 0088.

⁶⁶² Ver, por exemplo: DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 31/01/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0002.

estava ausente. Discuti longamente acerca do assunto que motivava a minha visita com o seu comissário, terminando por encaminhar-lhe meu cartão no qual solicitava uma resposta – a qual, infelizmente, não chegou! Irei, se necessário for, buscá-la amanhã, dia 16, antes de entregar a minha carta ao Sr. Porquet.⁶⁶³

Dois anos mais tarde, realizou-se na cidade de Luxemburgo, entre os dias 10 e 13 de setembro de 1877, o segundo congresso internacional da Sociedade dos Americanistas da França. Para compensar sua ausência, Denis enviou o artigo “Notice sur la Bibliothèqu Nationale de Rio de Janeiro”, que foi lido no terceiro dia do evento, pelo linguista francês Lucien Adam. Inicialmente abordou a história da biblioteca carioca, passando por tópicos como a incorporação do acervo de Diogo Machado Barbosa à Real Biblioteca de D. José I em 1770, seu dificultoso transporte de Portugal ao Rio de Janeiro durante as invasões napoleônicas de 1808 e sua abertura ao público brasileiro em 1811; depois elencou algumas preciosidades encontradas em seu interior, dando destaque à rica coleção de estampas e aos dois exemplares raríssimos d’*Os Lusíadas*, ambos de 1572 – inexistentes, aliás, na atual Biblioteca Nacional Francesa, como fez questão de salientar. Em paralelo ao desejo de manter sua posição de especialista em temas relacionados ao Brasil e de valorizar a congênere do outro lado do Atlântico, Denis pretendia, no artigo em questão, promover o trabalho realizado por Ramiz Galvão na direção dos *Anais da Biblioteca nacional do Rio de Janeiro*, uma revista anual com matérias de bibliofilia, cuja circulação tivera início em meados do ano anterior:

Sob o título de *Anais da Biblioteca nacional do Rio de Janeiro*, ele começou uma publicação de luxo, destinada a tornar amplamente conhecidas as riquezas do vasto estabelecimento confiado a seus cuidados, ele se rodeou principalmente de bibliógrafos nacionais, cujas exumações científicas e literárias são relativas principalmente ao Brasil e a regiões vizinhas.⁶⁶⁴

Como diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e, portanto, representante cultural do país, Ramiz Galvão distribuía constantemente exemplares da revista e outras novidades surgidas no mercado editorial brasileiro, fosse por iniciativa própria, fosse atendendo a pedidos. Para Denis, enviou, além dos *Anais da Biblioteca*

⁶⁶³ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/04/1877. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0042 e 0043.

⁶⁶⁴ No original: “Sous le titre d’*Anais de Biblioteca nacional do Rio de Janeiro*, il a commencé une publication de luxe, destinée à faire connaître amplement les richesses du vaste établissement confié à ses soins, il s’est entouré surtout des bibliographes nationaux, dont les exhumations scientifiques et littéraires sont principalement relatives au Brésil et aux régions voisines”. DENIS, Op. cit., 1878, p. 279.

Nacional do Rio de Janeiro, diversas outras publicações, incluindo o primeiro volume da *Revista Nacional*, de junho de 1879, para o qual escreveu o artigo “O novo livro do Sr. Gaffarel – *Histoire du Brésil français au XVIe. siècle*”.⁶⁶⁵ Nele mostrou que também estava disposto a sair em defesa do amigo francês, ciente de que durante muito tempo ele alimentara o desejo de publicar um livro com título e temática idênticos à recente publicação de Gaffarel.⁶⁶⁶ Mais do que empreender uma análise minuciosa da referida obra, intitulada *Histoire du Brésil français au XVIe. siècle*, apontando os deslizes e os acertos cometidos por seu autor, Galvão se empenhou sobretudo em caracterizar esse último como um discípulo de Ferdinand Denis – que seria, a seu ver, o verdadeiro especialista nessa temática:

Em suma, a recente *Histoire du Brésil français* traz em si a recomendação do nome de seu autor; não um aspirante que aí faz suas primeiras arnas, mas um digno companheiro daquele distinto e venerando americanista que todo o Brasil conhece pelo nome quase popular de Ferdinand Denis; não é um inventor de fábulas, mas um escritor amestrado que se prepara para receber o legado precioso do bibliotecário de Santa Genoveva — legado de amizade e de entusiástico fervor pelos estudos brasílicos. Não careço dizer mais.⁶⁶⁷

A essa altura, Ramiz Galvão se dividia entre a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o magistério na Escola de Medicina (já que ele era médico de formação).⁶⁶⁸ A tais misteres se seguiria a organização de duas exposições, nas próprias dependências da biblioteca, que se tornariam pontos de virada em sua carreira: a Exposição Camoniana de 1880 e, principalmente, a Exposição de História do Brasil de 1881.⁶⁶⁹ Esta última reuniu uma infinidade de objetos e documentos relacionados à história pátria, desde pedestais, bustos de brasileiros ilustres e retratos da família real portuguesa, além de uma quantidade

⁶⁶⁵ RAMIZ GALVÃO, Franklin. O novo livro do Sr. Paulo Gaffarel. *Histoire du Brésil Français*. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. 1, junho-setembro 1879, p. 56-69; 181-193 e 275-284. Disponível em <http://memoria.bn.br/pdf/139955/per139955_1879_00001.pdf>. Acesso em 28 fev. 2020.

⁶⁶⁶ Como revela o trecho a seguir: “Quanto àquilo que V. Sa. chama de minha história da França Antártica, título que se deve obliterar a partir da publicação do Sr. Gaffarel, estes não são os meios de fazer ressaltar aqui os pontos mais importantes, que não faltam”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/06/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0118 e 0119. Grifos do autor.

⁶⁶⁷ GALVÃO, Ramiz. O novo livro do Sr. Paulo Gaffarel. *Histoire du Brésil Français*. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. 1, junho-setembro 1879, p. 58. Disponível em <http://memoria.bn.br/pdf/139955/per139955_1879_00001.pdf>. Acesso em 28 fev. 2020. O agradecimento de Denis pelo artigo viria na carta de 15 de setembro desse mesmo ano. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/09/1879. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0084 e 0085.

⁶⁶⁸ CALDEIRA, Op. cit., p. 321.

⁶⁶⁹ Segundo Caldeira, três objetivos norteavam a exposição: em primeiro lugar, “reunir uma massa de publicações sobre a história do país, o que possibilitaria, portanto, que novos documentos do passado fossem revelados”; em segundo, permitir “a organização de um importante catálogo, um marco para o conhecimento da história do Brasil”; e, finalmente, em terceiro, promover o amor do povo brasileiro pelo seu próprio país. Cf. Idem. p. 179.

superior a 1.954 cartas geográficas (inéditas em sua maioria), uma grande coleção da numismática (com peças de 1583 a 1831), quadros históricos, pinturas a óleo, fotografias, gravuras e litografias representando o Rio de Janeiro e outras cidades do país, livros de história eclesiástica, militar, econômica, diplomática, natural e literária, além de obras de geografia.⁶⁷⁰ Mesmo à distância, Denis participou dos preparativos do evento, oferecendo ao confrade brasileiro uma estampa em duas cores reproduzindo o panorama da cidade do Rio de Janeiro (que seria exibida no lado esquerdo da Sala Varnhagen) e lhe emprestando, igualmente, uma gravura a buril, pela qual tinha grande apreço, intitulada *La Condamine, géographe e viajante*, de 1768 (que seria mostrada à direita da primeira entrada da sala Veloso). Ainda que tenha atraído um número relativamente baixo de visitantes, a iniciativa de Ramiz Galvão foi, de modo geral, bastante aplaudida.⁶⁷¹ O Catálogo da Exposição de História do Brasil de 1881, aliás, viria a lhe valer a medalha de ouro na Exposição Continental, ocorrida em Buenos Aires no ano subsequente. Seus préstimos à instituição que modernizara lhe renderiam ainda, em 1882, o convite de S. Majestade Imperial para que assumisse o posto de tutor de seus netos. Embora irrecusável, tal convite o conduziria a abrir mão de suas funções junto à Biblioteca Nacional, assim como a arrefecer sua mencionada sede bibliófila, para desencanto do amigo transatlântico.

A escassez de correspondências do brasileiro a partir de 1880 – especialmente nos anos posteriores à aposentadoria de Denis do cargo de conservador da Biblioteca Santa Genoveva, ao mesmo tempo em que se dava a ascensão social de Ramiz Galvão (ora na posição de preceptor dos príncipes) – denuncia o paulatino afastamento dos amigos. Com efeito, as doze cartas trocadas entre ambos durante os anos de 1882 a 1886, localizadas em nossas pesquisas, denotam que a nova função de Ramiz Galvão o consumia profundamente: “Se não posso mais chamá-lo de meu eminente colega”, diria Denis em setembro de 1882, “não deixo de lhe endereçar os meus cumprimentos sinceros, a propósito do cargo importante de que suas Altezas Imperiais lhe revestiram”.⁶⁷² Não demorou para que o conservador francês percebesse a transformação operada em suas

⁶⁷⁰ Cf. BIBLIOTECA NACIONAL. *GUIA da Exposição de História do Brasil realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1881*. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal de Notícias, 1881; DUTRA, Eliana. A tela imortal. O Catálogo da Exposição de História do Brasil de 1881. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. XXXVII, 2005, p. 159-179. Disponível em <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=&pesq=%22eliana%20dutra%22>>.

Acesso em 28 fev. 2020.

⁶⁷¹ Cf. CALDEIRA, Op. cit., p. 210.

⁶⁷² DENIS, Ferdinand. [Carta Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/09/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0120 e 0121.

relações, devida à elevação social de Ramiz Galvão: “Ninguém, com certeza, se alegra mais do que eu em saber da mudança que se operou em sua posição e das mui honrosas funções com as quais V. Sa. foi encarregado”.⁶⁷³ No entanto, nem por isso deixaria de clamar pela retomada da assiduidade de sua correspondência, que por ora minguava:

Desde esta época, me encontro de todo privado de notícias suas e ignoro até quem lhe sucedeu na administração desta rica biblioteca da qual V. Sa. terá porventura a bondade de me falar. Qualquer que seja a gravidade de suas ocupações, seria muito gentil de sua parte se pudesse encontrar um momento para dar notícias suas ao seu velho amigo.⁶⁷⁴

Tal sentimento, reverberado com recorrência dali por diante,⁶⁷⁵ deu lugar a uma constante melancolia, coalhada da lembrança dos velhos tempos – tônica do discurso de Denis nas correspondências que enviaria ao amigo brasileiro de 1882 a 1886, quando, a contar pelo que apuramos, interrompe-se o contato entre ambos. “V. Sa. me permitirá, não é verdade: a mim, que tenho tão pouco tempo a passar nesta terra, falar sobre livros durante as suas horas de lazer, entretendo-me, como no passado, consigo?”⁶⁷⁶ Ramiz Galvão jamais abandonou de todo as ocupações inerentes à biblioteca, motivo principal da correspondência entre ele e o conservador parisiense,⁶⁷⁷ atualizando-o, ocasionalmente, com a produção bibliográfica realizada em solo nacional. A última troca de missivas entre ambos que localizamos deu-se entre 1885 e 1886, por iniciativa do brasileiro, que então realizava pesquisas no intuito de escrever, nos *Anais da Biblioteca Nacional*, uma biografia de Frei Camilo de Monserrate.⁶⁷⁸

Foi aproximadamente nesse mesmo período que Denis entrou com o pedido de aposentadoria junto ao Ministério de Instrução Pública. À época, a ancianidade dos conservadores das bibliotecas francesas vinha causando debate, sobretudo devido à ausência de uma legislação estabelecendo a idade máxima para a aposentadoria

⁶⁷³ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 17/04/1883. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0122 e 0123.

⁶⁷⁴ Idem, ibidem.

⁶⁷⁵ Cf., por exemplo, DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/01/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0116 e 0117.

⁶⁷⁶ Idem. [Carta Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/09/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0120 e 0121.

⁶⁷⁷ “Verdade é que em virtude de minhas novas funções, não só me falece o tempo, como não tenho motivo especial (como outrora) para enfadá-lo com missivas”, ele diria a Denis a 20 de dezembro de 1885. Cf. GALVÃO, Ramiz. [Carta a Ferdinand Denis]. Petrópolis [Brasil], 20/12/1885. 1 doc. 7 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 79-82).

⁶⁷⁸ Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/06/1886. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0131 e 0132.

compulsória desses profissionais.⁶⁷⁹ Em fevereiro de 1885, ele foi nomeado conservador-honorário da biblioteca à qual se dedicara por mais de quatro décadas, mas dificilmente deve ter se alegrado com o novo título, haja vista a queda que representou em seus rendimentos: como aposentado, passou a receber apenas 3.000 fr. anuais, em vez dos 6.000 fr. que lhe eram atribuídos enquanto conservador-administrador.⁶⁸⁰ Alguns de seus biógrafos, como Cordier e Escragnolle Dória, sugerem igualmente que ele foi expulso do prédio anexo à biblioteca, onde residia desde 1866, tendo se transferido com seus papéis e sua biblioteca particular para uma modesta moradia na Rue de Tournon, a 850m da Place du Panthéon.⁶⁸¹ Mas, segundo seu amigo íntimo, o visconde de Taunay, isso ocorreu somente em 1889.⁶⁸²

Aposentado, Denis manteve uma pequena colaboração na imprensa (escrevendo artigos para o *Bulletin du Bibliophile*, o *Círculo Canoneano*, e o *Magasin Pittoresque*⁶⁸³) e deu continuidade a suas pesquisas de caráter histórico-bibliográfico. Em 1886, acompanhado de Mme. Vauquelin, sua parente, viajou para a cidade de Normanville, no departamento de Eure, a fim de conhecer o túmulo de Yves d'Évreux.⁶⁸⁴ No mesmo ano, junto ao escritor Santa Anna Nery, o diplomata Ferdinand de Lesseps, o geógrafo e botânico Roland Napoléon Bonaparte, príncipe de Canino e Mussiggnano, e o já mencionado almirante Mouchez, participou da fundação da Sociedade Internacional de Estudos Brasileiros, cujos propósitos eram “dedicar-se a estudos práticos que têm por objeto principalmente o conhecimento de questões econômicas (produtos, trabalho, trocas,

⁶⁷⁹ Em 1881, por exemplo, a destituição do conservador da biblioteca de Caen, Julien Travers, de 79 anos, pelo prefeito da cidade levou o redator do *Conservateur nationale ou Moniteur universel* a escrever uma nota bastante indignada a esse respeito, em que lembrava que Denis, embora mais velho que Travers, continuava exercendo sua função na congênere parisiense. Quatro anos mais tarde, porém, seu colega no *Gil Blas* comemorou quando o diário oficial anunciou a aposentadoria do conservador-administrador da Biblioteca Santa Genoveva, dando mesmo a entender que havia muito o funcionamento da instituição deixara de atender às expectativas. Denis efetivamente foi substituído Henri Lavoix fils, de apenas 38 anos, no começo do ano seguinte. Cf. *Gazette nationale ou le Moniteur universel*, Paris, 03/02/1881, p. 1; *Gil Blas*, Paris, 02/02/1884, p. 2.

⁶⁸⁰ DOSSIER Ferdinand Denis, Archives de Pierrefitte-sur-Seine, França.

⁶⁸¹ CORDIER, Op. cit.; DORIA, Op. cit., p. 229.

⁶⁸² Cf. TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. Un savant. *La Gazette de France*, Paris, 12/08/1890, p. 1. Com efeito, até 1888, o *Annuaire-almanach du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration: ou almanach des 500.000 adresses de Paris, des départements et des pays étrangers* indica a residência de Denis na Place du Panthéon, n. 6. Contudo, no ano seguinte, o material aponta que ali vivia H. Trianon, conservador na Biblioteca Santa Genoveva. Cf. *ANNUAIRE-ALMANACH du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration: ou almanach des 500.000 adresses de Paris, des départements et des pays étrangers*. Paris: Firmin-Didot, 1888. p. 864; *ANNUAIRE-ALMANACH du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration: ou almanach des 500.000 adresses de Paris, des départements et des pays étrangers*. Paris: Firmin-Didot, 1889. p. 869.

⁶⁸³ Ver Anexo 1.1.

⁶⁸⁴ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/03/1882. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 187 – Doc. 8524 [d01].

colonização)” e “popularizar os conhecimentos relacionados à geografia, geologia, etc.”⁶⁸⁵ Mais tarde, em abril de 1888 recebeu um convite para integrar a comissão franco-brasileira para a Exposição Universal⁶⁸⁶, que seria realizada em Paris no ano seguinte, em comemoração ao centenário da Revolução Francesa.⁶⁸⁷

Se acreditarmos nas palavras de D. Pedro II, Denis continuava com uma boa forma física nas vésperas de celebrar seu nonagésimo aniversário. Em 28 de julho de 1887, o imperador brasileiro anotou em seu diário: “1h a 2h. Estive no Pantheon vendo as figuras e visitei Ferdinand Denis, que ainda está forte, apesar de quase 90 anos”.⁶⁸⁸ O peso da idade, porém, transparecia em sua produção intelectual, cuja regularidade diminuía consideravelmente. Consultando os periódicos franceses da década de 80, vemos seu nome associado a um número proporcionalmente maior de velórios e cortejos fúnebres do que de eventos científicos ou artigos em jornais e revistas. Na verdade, a aposentadoria forçada de Denis e a sua expulsão do edifício da Biblioteca Santa Genoveva são dois indícios que apontam para a perda de seu prestígio intelectual, ao menos na França. Do contrário, teria havido alguma comoção na imprensa, com a veiculação de artigos se não enraivecidos, ao menos surpresos com o tratamento dispensado ao octogenário, vindos das penas de amigos fiéis, ou mesmo de admiradores empenhados em destacar sua dedicação à instituição de leitura parisiense. Não foi esse o caso. À exceção de alguns representantes do Brasil lembrados pelo visconde de Taunay, ninguém mais parece ter se pronunciado a esse respeito. De um lado, continuava recebendo homenagens e testemunhos de admiração por parte dos brasileiros (e, em menor medida, dos portugueses), por outro, era inegável que Denis se transformava em uma figura cada vez mais obsoleta entre os seus contemporâneos, lembrada apenas por um pequeno círculo interessado no mundo lusófono.

O processo de desvalorização do autor entre seus contemporâneos talvez possa ser explicado por algumas transformações vividas na França. Desde 1870, com a deposição de Napoleão III e o início da Terceira República, o país assistia mais uma vez ao

⁶⁸⁵ No original: “se livrer à des études pratiques qui ont surtout pour objet la connaissance des questions économiques (produits, travail, échange, colonisation) ” e “vulgariser les connaissances se rapportant à la géographie, géologie, etc. ”. Cf. VAUDET, Ch. Les Brésiliens à Paris. *Le Rappel*, Paris, 16/01/1886, s./p.

⁶⁸⁶ NÉRY, Santa Anna; PRADO, Eduardo. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 14/04/1888. 1 doc. 1 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4321 f 38. Disponível em <<https://archive.org/details/MS4321/page/n127>>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁶⁸⁷ Sobre a presença do Brasil durante a exposição, conferir BARBUY, Heloisa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 211-261, 1996. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v4n1/a17v4n1.pdf>>. Acesso em 04 mar 2020.

⁶⁸⁸ D. PEDRO II. Terceira viagem ao exterior – primeira parte. V. 27. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020.

crescimento de suas taxas de educação: no nível básico, isso foi consequência da criação de leis pela obrigatoriedade e pela gratuidade do ensino para meninos e meninas entre 6 e 13 anos; e no secundário, cujo acesso continuava sendo particular, do maior poder aquisitivo da classe média. Já no meio universitário, em paralelo ao aumento do número de faculdades, de professores e de estudantes, sobretudo entre as décadas de 1880 e 1890, surgiram uma série de reformas com vista a introduzir algumas práticas científicas originárias da Alemanha. De acordo com Charle, tais modificações incluíram a criação dos primeiros postos de *chargés de cours* e *maîtres de conférence*, uma ênfase maior à associação entre pesquisa e ensino orientando os currículos, a disseminação do uso da estatística, bem como a institucionalização de novas disciplinas em ciências biológicas (biologia, química orgânica, medicina experimental) e em humanidades (sociologia, psicologia, economia e história).⁶⁸⁹

Foi nesse período também que se deu o início do processo de autonomização da história no campo intelectual e, simultaneamente, a profissionalização do historiador. Movidos pelo objetivo de controlarem a produção da memória nacional, tão logo ascenderam ao poder, os republicanos se empenharam em diminuir o papel dominante da Igreja e da nobreza na produção da historiografia francesa, fornecendo apoio aos historiadores-professores universitários na luta pela autonomia da disciplina, até então fortemente subordinada à literatura e à filosofia. Assim, a história pode conquistar um método científico específico (orientando desde a escolha do objeto, ao modo de tomar notas, fazer referências bibliográficas e expor as fontes consultadas), e seus profissionais, uma maneira própria de afirmar os méritos de suas produções (distinguindo-se, por conseguinte, dos amadores).⁶⁹⁰ Com algum período de intervalo, o mesmo movimento foi observado em relação a outras disciplinas de ciências humanas: conforme as fronteiras entre elas se tornavam cada vez menos porosas, a afirmação de suas especificidades virava uma realidade mais possível.⁶⁹¹ Daí a valorização, à época, da figura do especialista com

⁶⁸⁹ CHARLE, Christophe. *Les intellectuels en Europe au XIXe. siècle: essai d'histoire comparée*, Op. cit., p. 171.

⁶⁹⁰ NOIRIEL, Gérard. Naissance du métier de l'historien. *Genèses*, vol. 1 - Les voies de l'histoire, p. 58-85, set. 1990. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/genes_1155-3219_1990_num_1_1_1014>. Acesso em 04 mar. 2020. Ver a esse respeito também: OLIVEIRA, Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de. Ser um *homem de letras* na primeira metade do século XIX francês (1815-1848): a trajetória de Ferdinand Denis. In: JUNIOR, Pedro Ipiranga; GARRAFFONI, Renata Senna; BRANDÃO, Bernardo. (org.). *Modos de vida: Crenças, afetividades, figurações de si e do outro*. Belo Horizonte: Crisálida, 2016. p. 66.

⁶⁹¹ MUCCHIELLI, Laurent. O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880-1914). *Revista brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 35-54, 2001. Disponível em

largos conhecimentos em uma determinada matéria científica, em contraste direto com as gerações anteriores de homens de letras e a tendência que lhes era própria de dissertar sobre uma ampla gama de assuntos. Ao contrário de outros países na Europa, como a Alemanha e a Inglaterra, onde o acesso universitário era mais fácil, na França o índice de diplomados permanecia relativamente baixo, permitindo que indivíduos sem diplomas superiores ainda obtivessem reconhecimento intelectual. Por outro lado, a expansão universitária entre eles aumentou de forma significativa o número de produtores intelectuais, gerando uma competição mais acirrada em relação às décadas anteriores.⁶⁹²

Denis vivenciou de perto os efeitos desses novos desafios, deparando-se com o aumento de pesquisas acadêmicas que, além de abalarem seu monopólio quase que exclusivo em determinados assuntos, acabaram por inviabilizar a publicação de alguns de seus estudos. Isso fica claro, sobretudo, em relação à temática da tentativa de colonização francesa na Baía de Guanabara entre 1555 e 1560, a respeito da qual vinha se dedicando com afinco havia vários anos – como demonstra a recorrência aos nomes de Villegaignon, Jean de Léry e André Thevet em seus livros e em seus papéis pessoais. Em 1887, o psiquiatra Armand Semelaigne trouxe à luz uma pequena brochura, intitulada *Yves d'Évreux, ou Essai de colonisation au Brésil chez les Tapinambos, de 1612 à 1614*, tornando-se o primeiro a divulgar o túmulo de Yves d'Évreux, cujo verdadeiro nome, na verdade, era Simon Michellet.⁶⁹³ Nessa mesma década, o já mencionado Paul Gaffarel, tradutor, historiador e professor de história em Clermont, encarregou-se da reedição de algumas obras, lançando *Les singularités de la France antartique* (1887), de Thevet, e *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* (1880), de Léry. Em suas cartas para D. Pedro II, Denis procurou esconder seus reais sentimentos quanto a tais publicações, dando mesmo a entender que elas em nada lhe incomodavam⁶⁹⁴, nas enviadas a Ramiz Galvão, porém, exprimiu-se com maior liberdade, ironizando o desconhecimento de Gaffarel da

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200003&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em 04 mar. 2020.

⁶⁹² CHARLE, Christophe. *Les intellectuels en Europe au XIXe. siècle: essai d'histoire comparée*, Op. cit., p. 242.

⁶⁹³ Ver a esse respeito: DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/03/1882. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 187 – Doc. 8524 [d01].

⁶⁹⁴ Como revela o conteúdo de uma carta de 02 de junho de 1874, endereçada ao imperador brasileiro: “Por aqui todos se concertaram para escrever sobre Villegaignon e me parece que esta concorrência nada tem de má: um jovem professor de história da faculdade de Clermont, Sr. Gaffarel, se ocupa do assunto, o mesmo que o bibliotecário de Genebra.”. Cf. DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 02/06/1874. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 169 – Doc. 7750 [d02].

geografia brasileira⁶⁹⁵ e deixando igualmente transparecer sua frustração com o fato de que esse último empregara o título *La France Antarctique*, o mesmo que pretendia atribuir a uma futura publicação.⁶⁹⁶

A concorrência com esses escritores mais jovens não arrefeceu o entusiasmo do antigo conservador da Biblioteca Santa Genoveva. Por isso, quando um leilão em Paris revelou a existência de um segundo exemplar do já mencionado *Voyage dans le Nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614*, de Yves d'Évreux, mais completo do que aquele que editara na década de 1850⁶⁹⁷, confidenciou mais uma vez ao amigo Ramiz Galvão: “apesar de meus 88 anos, eu em nada negligencio no intuito de completar meu estudo sobre o Padre Yves d'Evreux, já estando em posse dos fragmentos complementares que me forneceram o famoso exemplar do Dr. Court”.⁶⁹⁸ Mais tarde, manifestou o desejo de publicar dois mapas da costa brasileira, feitos por um espião contratado pela rainha Maria de Médicis, Jacques de Vaulx ou Jacques de Vau de Claye – aparentemente descobertos por Varnhagen em suas pesquisas pela capital francesa, em meados de 1868 –, como indica a seguinte informação, encontrada em uma missiva endereçada ao mesmo destinatário: “preparo neste momento para a publicação do mapa do Rio de Janeiro realizado em 1579, mapa que a Sociedade de Geografia muito deseja me ajudar a atualizar, sem o que eu [jamais] poderia arcar com minhas despesas.”⁶⁹⁹ Ao que tudo indica, nenhum desses projetos chegou a se concretizar, permanecendo guardados para sempre na gaveta do autor francês, fosse por falta de um editor interessado, fosse porque ele não conseguiu finalizar tais trabalhos antes de seu derradeiro suspiro.

⁶⁹⁵ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 01/11/1874. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0014, 0015 e 0015.

⁶⁹⁶ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/06/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0118 e 0119.

⁶⁹⁷ O segundo exemplar contém 64 páginas a mais, além de duas ilustrações que representam a dança dos indígenas batizados na França, inexistentes na versão de 1864. Embora mencionado na *Bibliographie brésilienne* (1898), de Garraux, ele permaneceria completamente ignorado por mais de 100 anos, uma vez que tanto os estudos quanto as reedições da obra do capuchinho francês continuaram tomando como base a edição dada por Denis, em 1864. Foi apenas em 2009 que a Fundação Darcy Ribeiro publicou uma nova versão de *Voyage dans le Nord du Brésil*, baseada no exemplar de J. Court, mantendo, porém, a introdução e as notas fornecidas pelo antigo conservador da Biblioteca Santa Genoveva. Cf. ÉVREUX, Yves d'. *Voyage au nord du Brésil (1615). Édition critique établie par Franz Obermeier*. 2014. Disponível em <https://macau.uni-kiel.de/servlets/MCRFileNodeServlet/macau_derivate_00000180/YvesDigitaleAusgabe.pdf>. Acesso em 04 mar. 2020.

⁶⁹⁸ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/02/1886. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0129 e 0130.

⁶⁹⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14 e 15/07/1879. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0081, 0082 e 0083.

Conclusão

Ferdinand Denis faleceu em sua residência, aos 94 anos de idade, na madrugada do dia 1º. de agosto de 1890. Dois dias mais tarde, a cerimônia fúnebre em sua homenagem, realizada na Igreja de Saint-Sulpice, contou com a presença do ministro de Portugal, o conselheiro Martins Dantas, além de três brasileiros, “a Baronesa da Estrela, filha do conselheiro Drummond que foi amigo do finado, e os Drs. Eduardo Prado e Godofredo Taunay”.⁷⁰⁰ Seus restos mortais foram sepultados no mesmo dia, sem grande pompa, no cemitério de Père Lachaise, ao lado de alguns membros da família Vauquelin, de quem era aparentado.⁷⁰¹ Movido talvez pelo ressentimento com episódios dos anos anteriores (a aposentadoria compulsória e a expulsão das dependências onde trabalhava), não confiou os itens mais preciosos de sua biblioteca particular à Biblioteca Santa Genoveva,⁷⁰² preferindo deixá-los a um misterioso herdeiro, provavelmente algum sobrinho distante.⁷⁰³ Pouco tempo depois, esse último realizou o leilão dos “aproximadamente 4.000 volumes, livros antigos e modernos, gravuras, cartas, documentos manuscritos e autógrafos” outrora pertencentes a Denis.⁷⁰⁴ Voltou para casa, porém, com um valor bastante modesto, cerca de 3.900 fr.⁷⁰⁵ – resultado, ao que parece, da pouca cobertura concedida pela imprensa francesa ao evento e do preço irrisório pelo qual

⁷⁰⁰ Fonte: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 30/08/1890, p. 1.

⁷⁰¹ DÓRIA, Op. cit., p. 230.

⁷⁰² Como indicou uma nota publicada pela imprensa parisiense: “O velho conservador foi muito afetado, e seus amigos se perguntam si, diante do ocorrido, ele não retirou de seu testamento a cláusula por meio da qual legava ao Estado sua biblioteca, que é muito importante” (no original: “Le vieux conservateur en a été très affecté, et ses amis se demandent si, en face de ce procédé, il n’a pas enlevé de son testament la clause par laquelle il léguait à l’État sa bibliothèque, qui est très importante”). Fonte: *Le Petit Journal*, Paris, 04/08/1890, p. 1.

⁷⁰³ Tendo se mantido celibatário por toda sua vida, Ferdinand Denis não deixou descendentes – assim como sua irmã caçula, Francisca, e seu irmão mais velho, Alphonse, mortos em 26 de dezembro de 1835 e em 05 de dezembro de 1876, respectivamente. O último testamento conhecido do autor, atualmente guardado no Acervo Alberto Lamego do Instituto de Estudos Brasileiros, em São Paulo, data de 1856. Cf. COINTAT, Op. cit., p. 139; DENIS, Ferdinand. Testamento (Paris, 03/10/1856). IEB, São Paulo, Brasil, Acervo Alberto Lamego, Caixa 79, códices 93-97, sala 1. 2 p.; ORSONI, Georges. Introduction. In: ORSONI, Georges (org.). *Ferdinand Denis. Journal de mon voyage au Jequitinhonha*. 2017. Disponível em <<https://hal-univ-paris3.archives-ouvertes.fr/hal-01568782/document>>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁷⁰⁴ Fonte: *ÉTUDE de M. Hons-Olivier, commissaire-priseur. Rue de Malte, 52. Environ 4,000 volumes livres anciens et modernes gravures, cartes, documents manuscrits et autographes composant une partie de la bibliothèque de Feu M. Ferdinand Denis. Conservateur-administrateur honoraire de la Bibliothèque Sainte-Geneviève, officier de la Légion d’Honneur, etc., etc. Dont la vente aura lieu Hôtel Druot – salle n. 7 le lundi 12 janvier 1891 à deux heures précises (et le soir s’il y a lieu)*. Paris, 1891.

⁷⁰⁵ Fonte: *La justice*, Paris, no. 4018, 14/01/1891, p. 3.

se leiloaram os itens.⁷⁰⁶ Juntemos à equação também o fato de que somente metade do acervo foi efetivamente vendido. Fosse por não ter encontrado nenhum comprador interessado, fosse para atender às deliberações do falecido, o herdeiro acabou entregando à Biblioteca Santa Genoveva aproximadamente 2.000 livros (a grande maioria deles, relativos a Portugal e ao Brasil, ou escritos pelo próprio Denis) e uma enorme quantidade de manuscritos, soltos ou encadernados (contabilizando cerca de 1.600 folios escritos pelo antigo conservador-administrador da referida instituição).⁷⁰⁷

Esse foi o desfecho nada glorioso de um polígrafo inveterado, que consagrou mais de seis décadas de sua vida à atividade escrita, produzindo ao menos 350 artigos, em dezenas de periódicos diferentes, além de cerca de 80 livros, entre traduções, organizações, colaborações e obras de sua autoria. Dificilmente, porém, poderíamos afirmar que tal dedicação resultasse de um pendor natural, ou de um chamado irrecusável à carreira de homem de letras. Como vimos ao longo desta tese, a trajetória de Ferdinand Denis foi marcada por várias reconversões: de aspirante à carreira de tradutor público, como o pai, ele passou a visitante temporário no Rio de Janeiro, funcionário da agência consular francesa em Salvador e comerciante no vale do Jequitinhonha; de novamente aspirante à carreira de tradutor público, passou a colaborador regular na imprensa, autor de livros de temática diversa, orientados ao público mais amplo, e funcionário de uma das mais importantes bibliotecas da Europa; de escritor operando a partir da lógica da literatura industrial, passou a bibliófilo erudito, respeitado por seu posto de administrador-conservador da biblioteca, bem como por seus grandes conhecimentos sobre o mundo lusófono e os nativos americanos, cujas produções literárias se destinavam a um número cada vez mais reduzido de leitores; e, finalmente, de intelectual consagrado e detentor da cruz de oficial da Legião de Honra francesa em reconhecimento a suas contribuições à frente da Biblioteca Santa Genoveva, passou a ancião preterido, ou ao menos desprestigiado em seu próprio país.

A ascensão no campo literário francês exigiu de Denis o emprego de algumas estratégias (tomadas nem sempre de forma consciente, vale a pena salientar). Para começar, reaproveitou astutamente a experiência em solo americano, consagrando, desde

⁷⁰⁶ Ver a esse respeito: *Gazeta de notícias*, Rio de Janeiro, 28/02/1891, p. 2; *O Mercantil*, São Paulo, 03/02/1891, p. 1.

⁷⁰⁷ Cf. SALES, Mariana et al. Colección Ferdinand Denis (1542-1890). Cooperación franco-brasileña. Biblioteca Sainte-Geneviève & Instituto de Estudios Brasileños (Universidad de São Paulo-USP). Disponível em <<https://mowlac.files.wordpress.com/2012/11/form-ferdinand-denis-espagnol-vf15nov2012-rev.pdf>>. Acesso em 04 mar. 2020.

os primórdios de sua carreira literária, uma parte significativa de suas publicações ao Brasil. Tornar-se uma referência, dentro e fora da França, em matéria de história, geografia e cultura brasileira permitiu que ele assinalasse as especificidades de sua produção, distinguindo-se daqueles com quem entrava em concorrência direta no mesmo espaço social. Também procurou manter contato com as frações dominantes dos campos político e econômico, obtendo, em contrapartida, vantagens como o emprego na Biblioteca Santa Genoveva, numerosos títulos honoríficos e o convite para participar de vários empreendimentos editoriais de grande envergadura. Aproximou-se das instâncias de legitimação específicas ao campo literário, desde aquelas mais institucionalizadas (a exemplo da Academia Francesa, que lhe concedeu um prêmio em 1832) àquelas menos (a exemplo dos diversos periódicos literários parisienses cujas páginas acolheram artigos de sua autoria, entre os quais se destacam *L'Europe littéraire*, *La France littéraire*, *Revue de Deux Mondes* e *Revue de Paris*). A fim de incrementar seu capital simbólico, Denis marcou presença em diferentes espaços de sociabilidade, frequentando simultaneamente os salões da alta burguesia e da nobreza francesa (aos quais compareciam, sobretudo, os autores já consagrados) e os cenáculos organizados pelos homens de letras (que serviam como ponto de encontro para os estreantes, ainda em busca de legitimação). Em caso de divergência com algum de seus pares, optou, via de regra, pelo silêncio, abrindo-se apenas com os mais próximos, ou deixando registrado em seu diário seus reais sentimentos. Com efeito, a habilidade de estabelecer laços marcados pela cordialidade, mesmo diante de antipatias ou rivalidades, foi um dos traços mais característicos de sua atuação.

A partir de meados do século XIX – quando o processo de autonomização do campo literário francês atingiu seu ápice devido à atuação dos defensores da “arte pela arte” e se intensificou a concorrência entre os que se dedicavam à atividade escrita no país –, para não perder sua posição de dominante nesse espaço social, foi-lhe necessária a adoção de novas medidas. Em primeiro lugar, que se afastasse (ao menos superficialmente) do público mais amplo, dando prioridade às publicações voltadas a um seletivo grupo de leitores, que poderiam lhe conceder prestígio simbólico entre seus pares-concorrentes, mas não ganhos financeiros. Em segundo, que aumentasse sua participação nas sociedades de eruditos, como a Sociedade Geográfica de Paris e a Sociedade dos Americanistas da França. Em terceiro, que reafirmasse sua posição de especialista em assuntos relacionados ao Brasil, trazendo à luz documentos raros sobre as invasões francesas na então colônia portuguesa, durante os séculos XVI e XVII, e, mais tarde, apresentando artigos nos eventos

científicos organizados por agremiações de letrados. Em quarto, que mobilizasse o capital de relações sociais que construía com interlocutores brasileiros, conforme demonstram suas frequentes trocas epistolares com duas figuras de prestígio, Varnhagen e Ramiz Galvão, junto aos quais buscou estabelecer parcerias e lograr favores pessoais (principalmente a troca de informações, livros e de elogios).

No Brasil, o surgimento do capitalismo editorial e a criação de um mercado de bens culturais foram mais tardios. Por isso, para obter consagração simbólica no campo literário brasileiro, além de entrar para a lista de membros estrangeiros do IHGB, Ferdinand Denis precisou empregar outras estratégias. Ciente de que a jovem nação americana lutava para construir uma imagem mais positiva no exterior, omitiu em suas publicações os julgamentos mais prematuros e implacáveis que haviam atravessado seu espírito enquanto esteve no papel de jovem viajante no Rio de Janeiro, em Salvador ou no Vale do Jequitinhonha. Depois, dobrou-se à lógica da dependência da proteção imperial, atendendo sem delongas aos numerosos pedidos feitos a ele por D. Pedro II: recepcionou os súditos do monarca em Paris, adquiriu-lhe volumes de difícil localização e atuou como representante oficial do país sob sua proteção em diferentes eventos científicos ou cerimônias oficiais realizados na Europa.

Por fim, aproveitando-se de sua proximidade com o mundo dos livros, tornou-se uma importante referência para as pesquisas realizadas por brasileiros no exterior, sendo recorrentemente consultado por aqueles que buscavam esclarecer pontos obscuros de seus estudos científicos, obter indicações bibliográficas, revisar suas obras antes de imprimi-las ou somente se pôr ao corrente dos últimos lançamentos no mercado editorial europeu. A relação com Denis rendia aos brasileiros uma série de benefícios, mas nem por isso o autor francês deixava de colher, por seu lado, alguns frutos. Sem esses contatos além-mar, ele dificilmente teria se mantido a par dos acontecimentos surgidos no cenário nacional, que lhe ajudaram, ao menos da segunda metade do século XIX em diante, a conservar sua posição de dominante no campo literário francês. Inversamente, se perdesse a fama de erudito, bibliógrafo e especialista sobre o Brasil que conquistara ao longo dos anos nesse último espaço social, era quase certo que deixaria de ser solicitado pelos habitantes destas plagas, inclusive pelo próprio imperador – de modo que o sucesso em um campo literário estava condicionado ao sucesso no outro, e vice-versa.

O êxito alcançado pelo autor francês no Brasil foi provavelmente ainda maior do que em seu próprio país: suas publicações foram acompanhadas com interesse,

debatidas durante as sessões do IHGB, adotadas como material de ensino no colégio D. Pedro II e, principalmente, transformaram-se em fonte obrigatória para se pensar a própria realidade nacional. Isso ocorreu também porque ele se dedicou a um gênero literário eleito para o “check-list identitário” criado durante o século XIX e desenvolvido plenamente no seguinte: a história literária. Como vimos, nesse período surgiu a ideia de que cada nação, para se afirmar como digna desse nome, deveria apresentar, além de uma língua, um passado e um destino comuns, um conjunto de símbolos estatais (bandeiras, hinos, escudos) e uma herança cultural (expressa na forma de rituais públicos, festas familiares, tradições específicas, paisagens típicas, monumentos arquitetônicos e, o que interessa em particular para os propósitos desta tese, uma história nacional e literária).⁷⁰⁸ Daí a relevância atribuída, no Brasil, a Ferdinand Denis, louvado menos pelas qualidades estéticas de sua obra, do que por seu papel pioneiro na criação de uma história literária brasileira. Tomar a identidade nacional enquanto *constructo* ajuda-nos a compreender o esquecimento ao qual o autor seria futuramente relegado na França, a despeito do esforço despendido por ele para se inserir no campo literário de seu país, contrariamente ao que ocorreu no Brasil, onde ainda hoje ocupa um posto de certa relevância – ao menos no que diz respeito à historiografia literária.

⁷⁰⁸ LÖFGREN, Orvar. The Nationalization of Culture. *National Culture as Process - Ethnologica Europea*, Berlin, XIX, 1, p. 5-25, 1989. Disponível em <https://www.oei.fu-berlin.de/en/research/nation-building/intern/art_month/08_05_loevgren/media/loefgren.pdf>. Acesso em 04 mar. 2020.

Referências bibliográficas

1. Obras escritas por Ferdinand Denis

BOURDON, Léon (org.). *Lettres familières et Fragments du Journal intime de F. Denis à Bahia (1816-1819)*. Coimbra: Coimbra editora, 1957.

DENIS, Ferdinand. *André, le voyageur: histoire d'un marin*. Paris: L. Janet, 1827.

_____. Antonio Diniz da Cruz e Sylva, notice biographique. In: DINIZ, Antonio. *Le Goupillon (O Hyssope), poème héroï-comique, traduit du portugais par J.-F. Boissonade*. 2ème. édition revue. Paris: J. Techener, 1867. p. I-LX.

_____. *Arte plumaria, les plumes, leur valeur et leur emploi dans les arts au Mexique, au Pérou, au Brésil, dans les Indes et dans l'Océanie*. Paris: E. Leroux, 1875.

_____. *Brasil*. Prefácio de Mário Guimarães Ferri, tradução de João Etienne Filho e Malta Lima. Coleção Reconquista do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

_____. *Brazil por Fernando Denis. Colombia e Guyanas por M. C. Famin*. Traduzido do francês por ***. Lisboa: Typ. de L. C. da Cunha, 1844-1845. 2 vol.

_____. *Buenos-Ayres et Paraguay, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*. Collection mœurs et usages, arts e métiers de tous les peuples. Paris: Nepveu, 1823. 2 vol.

_____. Camões e José Índio. In: SOUZA, Rafael Barbosa. *Camões e José Índio, de Ferdinand Denis: tradução e apresentação crítica*. Porto Alegre. Instituto de Letras, 2013. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95006/000916363.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. Des manuscrits à miniature de l'Orient et du Moyen-Âge et des voyages à figures considérées dans leurs rapports avec la peinture moderne. In: ARSENNE, Louis-Charles. *Nouveau Manuel du peintre et du sculpteur*. Nouvelle édition, revue et entièrement refondue. Paris: Librairie encyclopédique de Roret, 1833. p. 193-235.

_____. Ensaio de Antropologia: Região e raças selvagens do Brasil. Memória onde se estudam o homem indígena, pelo Doutor Couto de Magalhães. In: UJFALVY, Charles Eugène (org.). *Revue de Philologie et d'Ethnographie*. n. 1, vol. 1. Paris: Ernest Lérout, 1874. p. 180-187.

_____. Essai sur la philosophie de Sancho Pança. In: LINCY, Antoine Leroux de. *Le Livre des proverbes français*. T. I. Paris: Paulin, 1842. p. vii-xxvii.

_____. Gonçalves Dias. In: HOEFER, Jean-Christien-Ferdinand (ed.). *Nouvelle Biographie Universelle depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours*. T. XIV. Paris: Firmin Didot Frères, 1852. p. 52-53.

_____. Henrique de Beaurepaire-Rohan. In: HOEFER, Jean-Christien-Ferdinand (ed.). *Nouvelle Biographie Générale depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours*. T. V. Paris: Firmin Didot Frères, 1867. p. 43-44.

_____. *Histoire géographique du Brésil*. Collection Bibliothèque populaire, ou l'instruction mise à la portée de toutes les classes et de toutes les intelligences. Paris: Rue et place Saint-André-des-Arts n. 30, 1833.

_____. *Ismaël-ben-Kaisar, ou la découverte du Nouveau Monde*. Paris: Gosselin, 1829. 5 vol.

_____. José Bonifácio de Andrada e Silva. In: *Nouvelle Biographie Universelle depuis les temps les plus reculés*. In: HOEFER, Jean-Christien-Ferdinand (ed.). *Nouvelle Biographie Générale depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours*. T. II. Paris: Firmin-Didot, 1852. p. 539-546.

_____. La Condamine. Ses premières années. – Son voyage inédit en Orient. Description des ruines de Carthage. *Magasin Pittoresque*, novembre 1856, p. 372-375.

_____. L'âge de pierre aux temps modernes. Les sambaquis. *Magasin Pittoresque*, Paris, juillet 1878, p. 230-232, septembre 1878, p. 303-304.

_____. *La Guyane, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de cette partie de l'Amérique*. Collection mœurs et usages, arts e métiers de tous les peuples. Paris: Nepveu, 1823. 2 vol.

_____. La légende du cacahault. In: MANGIN, Arthur. *Le cacao et le chocolat considérés aux point de vue botanique, physiologique, agricole, commercial, industriel et économique* Paris: Guillaumin et cie., 1860. p. 301-328.

_____. *Le Brahme voyageur, ou la sagesse de toutes les nations*. Bibliothèque populaire ou l'instruction mise à la portée de toutes les classes et de toutes les intelligences Paris: Rue et place Saint-André-des-Arts n. 30, 1832.

_____. *Le Brésil*. FAMIN, César. *Colombie et Guyane*. Collection L'Univers, histoire et description de tous les peuples. Paris: Firmin Didot frères, 1837.

_____. *Le Génie de la navigation*. Statue en Bronze exécutée par M. Daumas pour la ville de Toulon. Toulon: Laurent imprimeur-lib.; Paris: Ledoyen libraire, 1847.

_____. *Le monde enchanté: cosmographie et histoire naturelle fantastiques du Moyen-Âge*. Paris: A. Fournier, 1843.

_____. *Les Californies, l'Orégon, et les possessions russes en Amérique. Les îles Noutka et de la reine Charlotte*. Collection L'Univers, histoire et description de tous les peuples. Paris: Firmin Didot frères, 1849.

_____. Les ennemis des livres. *Magasin Pittoresque*, Paris, juin 1873, p. 187-188; mars 1875, p. 102-103; août 1875, p. 262-263; mai 1878, p. 146-149.

_____. Les îles Andamans, Océan Indien. D'après des documents nouveaux. *Le Tour du Monde*, Paris, 1^{er} semestre de 1860, p. 90-96.

_____. Lettre sur l'introduction du tabac en France. In: DEMERSAY, Alfred. *Du tabac au Paraguay, culture, consommation et commerce*. Collection Études économiques sur l'Amérique Méridionale. Paris: Guillaumin et cie., 1851. p. III-XXVI.

_____. Littérature portugaise et brésilienne depuis son origine jusqu'à nos jours. In: MANCY, Adrien Jarry de. *Atlas historique et chronologique des littératures anciennes et modernes, des sciences et des beaux-arts*. Paris: Jules Renouard, 1831. s./p.

_____. Navigation intérieure du Brésil par E. J. de Moraes. Note communiqué par M. Ferdinand Denis. *Bulletin de la Société de Géographie*, Paris, janvier-juin 1870, p. 225-226.

_____. Nos vieux voyageurs français. Premier article. Le père le Tertre. *Revue de Paris*, Paris, t. cinquante-cinquième, 1834, p. 232-249.

_____. Notice biographique et littéraire. In: *Poésies de maître Adam Billaut, menuisier de Nevers*. Nevers: J. Pinet. 1842. p. I-XV.

_____. Notice historique et critique sur Camoens et ses contemporains. In: CAMÕES, Luís Vaz de. *Les Lusiades*. Traduction nouvelle par MM. Ortaire Fournier et Desaulles, revue, annotée et suivie de la traduction d'un choix des poésies diverses par Ferdinand Denis. 1841. p. V-LXVIII.

_____. Notice historique et texte explicatif. In: MATHIEU, Charle. *Livre de prières illustré à l'aide des ornements des manuscrits du Moyen-Âge*. Paris: chez l'auteur, 1862.

_____. Notice sur la Bibliothèque Nationale de Rio de Janeiro. *Compte rendu du Congrès international des Américanistes*. 2ème. section - Luxembourg 1877. Luxembourg: Victor Buck, 1878. p. 275-282.

_____. Notice sur le matelot Selkirk, sur l'Île de Juan-Fernandez, sur les Caraïbes et sur les Puelches. In: DEFOE, Daniel. *Aventures de Robinson Crusoé*. Traduction par Mme. Amable Tastu. Paris: Fr. Borel, 1835-1836. p. 432-453. 2 vol.

_____. Notice sur le Théâtre portugais. In: *Chefs-d'œuvre du théâtre portugais*: Gomès, Pimenta de Aguiar, José. Paris: Ladvocat, 1823. p. 3-28.

_____. *O Brasil*. Salvador: Livraria Progresso, 1955. 2 vol.

_____. *Os Maxacalis*. Edição crítica com introdução, notas e apêndices de Jean-Paul Bruyas, tradução de Maria Cecília de Moraes Pinto. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.

_____. *Portugal*. Collection L'Univers, histoire et description de tous les peuples. Paris: Firmin Didot frères, 1846.

_____. Quelques mots sur la 2e. édition de l'Historia Geral du vicomte de Porto-Seguro. *Actes de la Société Américaine de France*, Paris, t. VIII, 5e. partie, 1877, p. 242-246.

_____. *Quelques mots sur la 2e. édition de l'Historia Geral du vicomte de Porto-Seguro*. Extrait des Actes de la Société Américaine de France, t. VIII, 5e. partie, 1877. Paris: J. Tremblai, 1877.

_____. Rapport sur quelques ouvrages de linguistique brésilienne publiés en ces derniers temps. *Annuaire de la Société Américaine de France*, Paris, t. troisième, 1875b, p. 138-144.

_____. *Résumé de l'histoire de Buenos-Ayres, du Paraguay, des Provinces de la Plata, suivi du Résumé de l'histoire du Chili*. Paris: Lecointe et Durey, 1827.

_____. *Résumé de l'histoire du Brésil, suivi du Résumé de l'histoire de la Guyane*. Paris: Lecointe et Durey, 1825.

_____. *Résumé de l'histoire du Brésil, suivi du Résumé de l'histoire de la Guyane*. Bruxelles: Aug. Whalein; Leipzig et Livourne: Aug. Whalein, 1827.

_____. *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Paris: Lecointe et Durey, 1826.

_____. *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Paris: Lecointe et Durey, 1832.

_____. *Resumo de Historia do Brasil até 1828*. Traduzido de Mr. Denis, correcto e augmentado por H. L. de Niemeyer Bellegarde. Rio de Janeiro: Typ. Gueffier, 1831.

_____. *Resumo da História Literária de Portugal, seguido do Resumo da história literária do Brasil*. Tradução, edição e notas por Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2018, Disponível em <http://edicoesmakunaima.com.br/images/livros/resumos_historia_literatura_brasil_portugal.pdf>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. *Resumo da História Literária do Brasil*. Tradução e notas de Guilhermino Cesar. Porto Alegre: Livraria Lima, 1968.

_____. *Scènes de la nature sous les tropiques, et leur influence sur la poésie, suivies de Camões et Jozé Indio*. Paris: Louis Janet, 1824.

_____. *Tableau historique, analytique et critique des sciences occultes*. Paris: Bureau de l'Encyclopédie Portative, 1830.

_____. Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1500. *Bulletin du Bibliophile et du Bibliothécaire*, Paris, n. 10-12, p. 332- 402, 1850.

_____. Vieux voyageurs français. Le père Paul Le Jeune. *Revue de Paris*, Paris, t. sixième, 1834, p. 5-22.

_____. Vieux voyageurs français. Yves d'Évreux. *Bulletin du Bibliophile et du Bibliothécaire*, Paris, , IXème. série, 1849-1850, p. 331-402.

_____. Vieux voyageurs français. Yves d'Évreux. *Revue de Paris*, Paris, t. vingtième, 1835, p. 5-21.

_____. Voyage dans l'Intérieur du Brésil. *Revue des Deux Mondes*, Paris, t. II, 1831, p. 149-181.

_____. Voyage de D. Giovanni Mastaï (aujourd'hui S. S. le pape Pio IX) dans l'Amérique du Sud (de Gênes à Santiago) (1823-1824). *Le Tour du Monde*, Paris, 1^{er} semestre de 1860, p. 226-240.

DENIS, Ferdinand; PINÇON, Pierre; DE MARTONNE, Guillaume (ed.). *Nouveau Manuel de Bibliographie Universelle suivi du Catalogue des éditions de Roret, des Collections typographiques et du Catalogue des bibliothèques particulières qui ont eu quelque célébrité*. Paris: Librairie Encyclopédique de Roret, 1857.

DENIS, Ferdinand; MONGIN, Jean. Rapport sur les collections scandinaves de la bibliothèque Sainte-Geneviève. *Bulletin administratif de l'instruction publique*, Paris, 1873, p. 663-676.

DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hippolyte. *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*. Collection Mœurs et usages, arts e métiers de tous les peuples. Paris: Nepveu, 1821-1822. 6 vol.

DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hippolyte. *Notice historique et explicative du Panorama de Rio de Janeiro*. Paris: Nepveu, 1824.

MISSAL Pontifical de Gonçalves Neto. *Propriété de l'Académie Royale des sciences de Lisbonne. Reproduit en chromolithographie & précédé d'une notice sur l'ornementation des Mss. portugais avec mention d'un poème français M. S. rappelant la fête brésilienne qui eut lieu à Rouen en 1550 par M. Ferdinand Denis*. Paris: Maciá et Cie., 1875.

MOREAU, Pierre (org.). *Ferdinand Denis (1798-1890). Journal (1829-1848). Thèse pour le doctorat en lettres présentée à la Faculté des lettres de l'Université de Paris*. Friburgo: Librairie de l'Université; Paris: Plon, 1932.

ORSONI, Georges (org.). *Ferdinand Denis. Journal de mon voyage au Jequitinhonha*. 2017. Disponível em <<https://hal-univ-paris3.archives-ouvertes.fr/hal-01568782/document>>. Acesso em 20 fev. 2020.

2. Obras organizadas por Ferdinand Denis

CHAVIN, Victor; DENIS, Ferdinand (org.). *Les vrais Robinsons: naufrages, solitudes, voyages*. Paris: Librairie du Magasin Pittoresque, 1863.

DENIS, Ferdinand (org.). *Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal, suivies du Tisserand de Ségovie, drame du XVIIe. siècle de Ruiz de Alarcón*. Paris: Ledoyen, 1839. 2 vol.

_____. *Les Navigateurs, ou Choix de voyages anciens et modernes*. Paris: Louis Janet, 1834.

_____. *Théâtre portugais*. Collection Théâtre européen. Nouvelle collection des chefs-d'œuvre des théâtres allemand, anglais, espagnol, danois, français, hollandais, italien, polonais, russe, suédois, etc. avec des notices et des notes historiques, biographiques et critiques. Paris: Guérin, 1835.

_____. *Uma festa brasileira celebrada em Rouen em 1550*. Teogonia dos antigos povos do Brasil: um fragmento do século XVI, poemas brasílicos de Critóvão Valente. Trad. do tupy, prefácios e notas de Eduardo de Almeida Navarro, trad. do francês por Júnia Guimarães Botelho. São Bernardo do Campo: Usina de ideias; Bazar das palavras, 2007.

_____. *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1500, suivie d'un fragment du XVIe. siècle roulant sur la théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies en langue tupique de Christovam Valente*. Paris: J. Techeneur, 1850.

_____. *Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614 par le père Yves d'Évreux*. Publié d'après l'exemplaire unique conserve à la Bibliothèque Impériale de Paris. Avec une introduction et de notes par M. Ferdinand Denis. Bibliotheca Americana, Collection d'ouvrages inédits ou rares sur l'Amérique. Leipzig & Paris: Libraire A. Franck. Albert L. Harold, 1864.

DENIS, Ferdinand; RANG, Sander (org.). *Fondation de la régence d'Alger*: histoire des Barberousse, chronique arabe du XVIème. siècle, publié sur un manuscrit de la Bibliothèque Royale avec un appendice et notes. Expédition de Charles Quint. Aperçu historique et statistique du port d'Alger. Paris: J. Angé, 1837. 2 vol.

3. Correspondência ativa de Ferdinand Denis

DENIS, Ferdinand. [Carta a Aglaé-Sophie Stocard]. Salvador [Brasil], 12/05/1817. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 15-16v). Disponível em

<https://archive.org/stream/MS3417_f15_16#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Aglaé Stocard-Denis]. Bahia [Brasil], 03/04/1818. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 49-50v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f49_50#mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Aglaé-Sophie Stocard]. Bahia [Brasil], 21/12/1819. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 31-32v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f31_32#mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Alfred d'Escragnoille Taunay], Paris, 17/04/1883. 1 doc. 2 p. IHGB, DL311.33

_____. [Carta a Alphonse Denis]. Salvador [Brasil], 19/12/1817. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 29-30v). Disponível em <https://archive.org/details/MS3417_f29_30>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Alphonse Denis]. Bahia [Brasil], 10/03/1818. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 45-46v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f45_46#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Araújo Porto Alegre]. Paris [França], 04/05/1854. 1 doc. 1 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, AMI-02.

_____. [Carta a César Marques]. Paris [França], 18/06/1882. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 187 – Doc. 8524 [d01].

_____. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/11/1846. 1 doc. 1 p. IHGB, Maço 109 – Doc. 5366.

_____. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 03/08/1866. 1 doc. 1 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 138 – Doc. 6790 [d01].

_____. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 25/03/1874. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020,, Maço 169 – Doc. 7750 [d01].

_____. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 02/06/1874. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 169 – Doc. 7750 [d02].

_____. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 09/03/1875. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 172 – Doc. 7846.

_____. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 15/01/1878. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 179 – Doc. 8208 [d02].

_____. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 05/12/1878. 1 doc. 3 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 179 – Doc. 8208 [d01].

_____. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 19/03/1879. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020,, Maço 181 – Doc. 8258 [d03].

_____. [Carta a D. Pedro II]. França [Paris], 17/05/1879. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 181 – Doc. 8258 [d01].

_____. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/07/1879. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 181 – Doc. 8258 [d03].

_____. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 17/10/1881. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 185 – Doc. 8445 [d02].

_____. [Carta a D. Pedro II]. França [Paris], 18/12/1881. 1 doc. 3 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 185 – Doc. 8445 [d01].

_____. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/03/1882. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 187 – Doc. 8524 [d01].

_____. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/06/1882. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 187 – Doc. 8524 [d02].

_____. [Carta a Eduardo José de Moraes]. Paris [França], 23/11/1869. 1 doc. 3 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 149 – Doc. 7201.

_____. [Carta a Eduardo José de Moraes]. Paris [França], 23/11/1869. 1 doc. 3 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 149 – Doc. 7201.

_____. [Carta a Fernandes Pinheiro]. Paris [França], 05/08/1862. 1 doc. 4 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-03,08,039. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233580/mss1233580.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020.

_____. [Carta a Fernandes Pinheiro]. Paris [França], 06/01/1867. 1 doc. 1 p. IHGB, DL581.55.

_____. [Carta a Fernandes Pinheiro]. Paris [França], 24/04/1867. 1 doc. 4 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-03,08,040. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233581/mss1233581.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020.

_____. [Carta a Fernandes Pinheiro]. Paris [França], 24/06/1868. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-03,08,041. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233582/mss1233582.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020.

_____. [Carta a Fernandes Pinheiro]. Paris [França], 04/12/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL574.32.

_____. [Carta a Gonçalves Dias]. Hyères [França], 19/07/1862. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-06,01,013 n. 003. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233576/mss1233576.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020.

_____. [Carta a Gonçalves Dias]. Hyères [França], 08/10/1863. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-5,2,62 - I-06,02,062 n. 001 e 002. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233577/mss1233577.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020.

_____. [Carta a Guilherme Schüch]. Paris [França], 24/08/1866a. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, I-DIF-den.c-d01.

_____. [Carta a Guilherme Schüch]. Paris [França], 24/08/1866b. 1 doc. 1 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, I-DIF-den.c-d01.

_____. [Carta a Jean-Pierre Gay]. Paris [França], 06/12/1881. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.60-0003.

_____. [Carta a Jean-Pierre Gay]. Paris [França], 16/05/1882. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.60-0001.

_____. [Carta a José Carlos de Almeida Areias]. Paris [França], 25/12/1884. 1 doc. 1 p. IHGB, DL153-16.

_____. [Carta a Joseph-André Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 12/03/1817. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 13-14v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f81_82#page/n0/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Joseph Denis]. Salvador [Brasil], 14/07/1817. 1 doc. 8 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 25-26; 37-38). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f25_26_f37_38#page/n7/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Joseph Denis]. Salvador [Brasil], meados de setembro de 1817. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 35-36v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f35_36#mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Louis-Arsenne]. Salvador [Brasil], começo de junho de 1817. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 19-20v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f19_20#mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Pascal Berthon]. Salto Grande [Brasil], 13/09/1819. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 81-82v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f81_82#mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Luís Pedreira do Couto Ferraz]. Paris, 24/01/1872. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4259 (f. 123-124). Disponível em

<https://archive.org/stream/MS4259/BSG_MS4259#page/n1/mode/2up>. Acesso em 05 mar. 2020.

_____. [Carta a Pereira da Silva]. Paris [França], 12/12/1869. 1 doc. 2 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-05, 31, 027. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233578/mss1233578.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020.

_____. [Carta a Pereira da Silva]. Paris [França], 14/06/1876. 1 doc. 4 p. IHGB, DL180.53.

_____. [Carta a Pereira da Silva]. Paris [França], 12/12/1869. 1 doc. 2 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-05, 31, 027. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233578/mss1233578.pdf>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. França [Paris], 01/11/1874. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0014, 0015 e 0015.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/01/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0001.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 31/01/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0002.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 09/02/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0003.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 24/02/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0007.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 11/03/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0009.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/07/1874. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0011, 0012 e 0013.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 01/11/1874. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0014, 0015 e 0015.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 09/03/1875. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0017, 0018 e 0019.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/07/1875. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0020, 0021 e 0022.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/09/1875. 1 doc. 3 IHGB, DL712.26-0023, 0024 e 0025.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/09/1875bis. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0026.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/02/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0004, 0005 e 0006.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/04/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0027, 0028 e 0029.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 19/04/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0030, 0031 e 0032.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/07/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0033, 0034 e 0035.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/09/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0036, 0037 e 0038.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/10/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0039, 0040 e 0041.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/11/1876. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0042 e 0043.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 26/11/1876. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0045 e 0046.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/03/1877. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0047, 0048 e 0049.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/04/1877. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0042 e 0043.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/05/1877. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0053, 0054 e 0055.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 26/07/1877. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0056 e 0057.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/10/1877. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0061 e 0062.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 17 e 18/10/1877. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0063, 0064 e 0065.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/08/1877. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0058, 0059 e 0060.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [France], 19/09/1877. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-5,11,27. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1279294/mss1279294.pdf>. Acesso em 07 mar. 2020.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/08/1878. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0066 e 0067.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/09/1878. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0068, 0069 e 0070.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/10/1878. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0071, 0072 e 0073.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 12/01/1879. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0074, 0075 e 0076.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/03/1879. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0077 e 0078.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14 e 15/07/1879. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0081, 0082 e 0083.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/09/1879. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0084 e 0085.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/01/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0087 e 0088.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/02/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0090 e 0091.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 02/06/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0093 e 0095.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/08/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0096 e 0097.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/02/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0098 e 0100.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/04/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0101 e 0102.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/05/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0103 e 0105.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 18/07/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0109 e 0111.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 18/08/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0112 e 0113.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/12/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0114 e 0115.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/01/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0116 e 0117.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/05/1882. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, 1233570. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233570/mss1233570.pdf>. Acesso em 02 mar. 2020.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/06/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0118 e 0119.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/09/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0120 e 0121.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 17/04/1883. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0122 e 0123.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/09/1883. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0124 e 0126.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/01/1886. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0127 e 0128.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/02/1886. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0129 e 0130.

_____. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/06/1886. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0131 e 0132.

_____. [Carta a um destinatário desconhecido]. Paris [França], 03/04/1872. 1 doc. 3 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 162 – Doc. 7504.

_____. [Fragmento de carta ao abade Ducloux]. Salvador [Brasil], final de outubro de 1818. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 85-86v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f85_86#mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Fragmento de carta a Alphonse Denis]. Salvador [Brasil], janeiro de 1818. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 87-87v). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f87#mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Fragmento de carta a Ernest Mouchez]. Paris [França], 188?. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 96-98). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f96_98/BSG_MS3417_f96_98#page/n0/mode/2up>. Acesso em 08 mar. 2020.

4. Correspondência passiva de Ferdinand Denis

ARANHA, Brito. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 02/04/1884. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4005 (f. 4). Disponível em <https://archive.org/stream/MS4005/BSG_MS4005#page/n3/mode/2up>. Acesso em 22 fev. 2020.

ARAÚJO, Joaquim de. [Carta a Ferdinand Denis]. Porto [Portugal], 26/06/1886. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419, f. 110-11. Disponível em <<https://archive.org/details/MS3419/page/n223>>. Acesso em 20 fev. 2020.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 25/03/1861. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 29-30). Disponível em <<https://archive.org/details/MS3418/page/n29>>. Acesso em 27 fev. 2020.

CASTILHO, José Feliciano de. [Carta a Ferdinand Denis]. Porto [Portugal], 05/06/1871. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4005 (f. 1). Disponível em <<https://archive.org/details/MS3419/page/n21>>. Acesso em 22 fev. 2020.

CHARENCEY. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 12/04/1882. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.62-0001.

DENIS, Joseph. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], meados de 1818. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 67-68v). Disponível em <https://archive.org/details/MS3417_f67_68>. Acesso em 20 fev. 2020.

DIAS, Gonçalves. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 13/10/1863. 1 doc. 2 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-06,01,013 n. 002. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233573/mss1233573.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 28/04/1864. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-06,01,013 n. 003. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233574/mss1233574.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 23/08/1864. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-06,01,013 n. 004. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233575/mss1233575.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020.

D. PEDRO II. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 15/12/1874. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 53-55). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n115/mode/2up>. Acesso em 06 mar. 2020.

D. PEDRO II. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 14/05/1878. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 56-57). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n117/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 24/05/1878. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 58-60). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n125/mode/2up>. Acesso em 02 mar. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 13/04/1879. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 64-66). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n117/mode/2up>. Acesso em 27 fev. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 15/10/1881. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 61-63). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n117/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

DRUMMOND, Antônio M. Vasconcelos de. Carta a Ferdinand Denis, tradução e notas de Marisa LAJOLO. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 369-396.

DUBOIS, Lucien. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 17/12/1879. 1 doc. 1 p. BNRJ, Seção de Manuscritos. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1279296/mss1279296.pdf>. Acesso em 20 fev. 2020.

GALVÃO, Ramiz. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 21/08/1876. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 75-78).

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Petrópolis [Brasil], 20/12/1885. 1 doc. 7 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 79-82).

GALVÃO, Ramiz. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 21/08/1876. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 75-78). Disponível em <<https://archive.org/details/MS3419/page/n159>>. Acesso em 06 mar. 2020.

_____. Carta a Ferdinand Denis]. Petrópolis [Brasil], 20/12/1885. 1 doc. 7 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 79-82).

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Petrópolis [Brasil], 14/03/1886. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 83-84).

GAY, Jean-Pierre. [Rascunho de carta a Ferdinand Denis]. Uruguiana [Brasil], 18/02/1882. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.61-0002.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Uruguiana [Brasil], 10/09/1895a. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.60-0005.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Uruguiana [Brasil], 10/09/1885b. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.60-0006.

GAY, Jean-Pierre. [Rascunho de carta a Ferdinand Denis]. Uruguiana [Brasil], 18/02/1882. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.60-0005.

LETOURNEUR, A. [Carta a Ferdinand Denis]. Normanville [França], 10/02/1886. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 108). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n219/mode/2up>. Acesso em 09 mar. 2020.

LISZT, Franz. [Carta a Ferdinand Denis]. s./d.. 1 doc. 1 p. BNF, Notice n. FRBNF39816363. Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53150204k.r=liszt%22ferdinand%20denis%22?rk=21459;2>>. Acesso em 22 fev. 2020.

MARQUES, César Augusto. [Carta a Ferdinand Denis]. São Luís [Brasil], 20/05/1872. 1 doc. 4 p. IEB, São Paulo, Acervo Alberto Lamago, AL-086-038.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. São Luís [Brasil], 20/05/1872. 1 doc. 4 p. IEB, Acervo Alberto Lamago, AL-086-039.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. São Luís [Brasil], 26/11/1873. 1 doc. 3 p. IEB, Acervo Alberto Lamago, AL-097-001.

MORAES, Eduardo José de. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 21/03/1870. In: MORAES, Eduardo José de. *Navegação interior do Brasil: notícia dos projetos apresentados para a junção de diversas bacias hidrográficas do Brasil, ou rápido esboço da futura rede geral de suas vias navegáveis*. Rio de Janeiro: Typ. Montenegro, 1894. p. 6-7.

MOUCHEZ, Ernest. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 16/01/1873. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 49-52). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n107/mode/2up>. Acesso em 07 mar. 2020.

NÉRY, Santa Anna; PRADO, Eduardo. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 14/04/1888. 1 doc. 1 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4321 f 38. Disponível em <<https://archive.org/details/MS4321/page/n127>>. Acesso em 20 fev. 2020.

PINHEIRO, Fernandes. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 21/05/1867. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419. Disponível em

<https://ia600401.us.archive.org/32/items/MS3419/BSG_MS3419.pdf>. Acesso em 27 fev. 2020.

SAINTE-BEUVE. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 25/08/1849. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3418 (f. 106-107). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3418/BSG_MS3418#page/n225/mode/2up>. Acesso em 22 fev. 2020.

SILVA, Inocêncio Francisco da. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 07/07/1866. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4005 (f. 5). Disponível em <https://archive.org/stream/MS4005/BSG_MS4005#page/n7/mode/2up>. Acesso em 22 fev. 2020.

SILVA, Joaquim Caetano da. [Carta a Ferdinand Denis]. Montpellier [França], 30/06/1830. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3418 (f. 13-16). Disponível em <<https://archive.org/details/MS3418/page/n20>>. Acesso em 20 fev. 2020.

SILVA, Julio da; SILVA, Maximiano da. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 17/06/1880. 1 doc. 3 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 101-103). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n207/mode/2up>. Acesso em 08 mar. 2020.

TAUNAY, Alfred d'Escragnolle. [Fragmento de Carta a Ferdinand Denis]. s./indicação do local [circa 1876]. 1 doc. 1 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 123-124). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n249/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro, 11/10/1879. 1 doc. 3 p. Guardada dentro de um exemplar da segunda edição de *La Retraite de Lagune* (1879). BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 53942. Disponível em <https://archive.org/stream/DELTA53942FA/BSG_DELTA53942FA#page/n13/mode/2up>. Acesso em 08 mar. 2020..

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 10/04/1851. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 2-3). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 28 fev. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 13/10/1874. 1 doc. 2 p. BSG, Arquivo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 8-9). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 27 fev. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 18/11/1874. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 343 (f. 6-7). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 27 fev. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 05/02/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 10-11). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>. Acesso em 27 fev. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 23/02/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 12-13). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n23/mode/2up>. Acesso em 27 fev. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 10/03/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 14-15). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>. Acesso em 06 mar. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 18/07/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 22-23). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>. Acesso em 27 fev. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 15/08/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 16-17). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>. Acesso em 28 fev. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 20/09/1876. 1 doc. 3 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 18-19). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 31/10/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 23bis-23ter). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>. Acesso em 06 mar. 2020.

_____. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 15/11/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 20-21). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n39/mode/2up>. Acesso em 02 mar. 2020.

_____. [Fragmento de Carta a Ferdinand Denis]. s./indicação do local [*circa* 1872]. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 4-5). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>. Acesso em 05 mar. 2020.

VASCONCELOS, Joaquim de. [Carta a Ferdinand Denis]. Porto [Portugal], 05/06/1871. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4005 (f. 1). Disponível em <https://archive.org/details/MS4005>. Acesso em 22 fev. 2020.

WALDOR, Melanie. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 29/06/1818. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 90-91). Disponível em https://archive.org/details/MS3417_f90_91. Acesso em 22 fev. 2020.

WIENER, Charles. [Carta a Ferdinand Denis]. Paramonga [Peru], 17/06/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 73-74).

5. Outros manuscritos

DOSSIER Ferdinand Denis, Archives de Pierre-sur-Seine, França.

DENIS, Ferdinand. Études anonymes sur le Brésil. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3420 (15-22 e 48-56). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3420/BSG_MS3420#page/n27/mode/2up>. Acesso em 08 mar. 2020.

. _____. Informação comprobatória para aquisição de mercê de uma Ordem. BNRJ, Ms. 1233571. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233571/mss1233571.pdf>. Acesso em 27 fev. 2020.

_____. Mes sottises quotidiennes. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3421 (57 f.). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3421/BSG_MS3421#mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. Note du 19/11/1881. 1 p. IHGB, DL 406.60-0004.

_____. Notes prises au courant de la plume. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3878 (f. 191). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3878/BSG_MS3878>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. Notes relatives à son éducation, à ses premiers voyages et aux débuts de sa carrière littéraire. 1825. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4322 (2 f.). Disponível em <https://archive.org/stream/MS4322/BSG_MS4322#mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. Recueil des notes prises par Ferdinand Denis sur des sujets divers, extraites des ouvrages imprimés et des quelques recueils manuscrits pour la plupart de la Bibliothèque Nationale. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3504 (f. 261). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3504/BSG_MS3504#page/n319/mode/2up>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. Testamento (Paris, 03/10/1856). IEB, Acervo Alberto Lamago, Caixa 79, códices 93-97, sala 1. 2 p.

D. PEDRO II. Diário, V. 32, exílio – 13/06 a 08/08/1890. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020.

HUGO, Victor. [Carta a Miguel Augusto de Oliveira]. Paris [França], 05/06/1844. 1 doc. 1 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3955 (f. 2-3). Disponível em

<<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 05 mar. 2020.

LESAGE, M. [Carta a Charles Nutter]. Paris [França], 19/10/1871. Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8419285x.r=Ruel?rk=21459;2>>. Acesso em 07 mar. 2020.

NETTO, Ladislau. *Lettre à monsieur Ernest Renan à propos de l'inscription phénicienne apocryphe soumise en 1872 à l'Institut historique, géographique et ethnographique du Brésil*. Rio de Janeiro: Lombaerts & Comp., 1885. Disponível em <<http://www.museunacional.ufrj.br/obrasraras/0040.html>>. Acesso em 20 fev. 2020.

PRADO, Eduardo. [Carta a José Carlos de Almeida Areias]. França [Paris], 03/08/18490. 1 doc. 2 p. IHGB, DL 147.47.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. [Bilhete a Ferdinand Denis]. Paris [França], final de fevereiro de 1830. 1 doc. 1 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3418 (f. 114). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3418/BSG_MS3418#page/n241>. Acesso em 22 fev. 2020.

_____. [Bilhete a Ferdinand Denis]. Paris [França], s./d.. 1 doc. 1 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3418 (f. 104). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3418/BSG_MS3418#page/n221>. Acesso em 22 fev. 2020.

6. Fontes primárias

ABREU E LIMA, José Ignácio de. *Compendio da História do Brasil*. T. I. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1843.

ACUÑA, Christoval de. *Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas. Por el Padre Christoval de Acuña, Religioso de la Compañia de Iesus, y Calificador de la Suprema General Inquisicion. Al qual fue, y se hizo por orden de su Magestad, el año de 1639*. Madrid: imprenta del Reyno, 1641.

ADET, ÉMILE; SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Algumas palavras sobre uma nova publicação. *Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, 01/05/1844, p. 392-393.

ALMEIDA, Candido Mendes de. *Atlas do império do Brasil, compreendendo as respectivas divisões administrativas, eclesiásticas, eleitorais e judiciárias*. Rio de Janeiro: lit. do Instituto Filomático, 1868.

ALVES, José Luiz. Elogio dos sócios falecidos desde 15 de dezembro de 1888 até hoje. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. LIII, parte II (3º. e 4º. Trimestres), 1890, p. 549-627.

ANNUAIRE-ALMANACH *du commerce, de l'industrie, de la magistrature et de l'administration: ou almanach des 500.000 adresses de Paris, des départements et des pays étrangers*. Paris: Firmin-Didot, 1888-1889.

ARINOS, Afonso (org.). *Algumas cartas copiadas no arquivo de Ferdinand Denis por Afonso Arinos de Melo Franco*. Coimbra: Editora Limitada, 1943.

BALZAC, Honoré de. *Ilusões perdidas*. Tradução de Rosa Freire d'Aguilar. São Paulo: Penguin, 2011.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso brasileiro ou coleção das melhores poesias do Brasil, tanto inéditas como já impressas (1829-1831)*. Prefácios e índices. Organização, edição, notas e apresentação por José Américo Miranda. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1999.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique Beaurepaire. *Estudos morais: Os irmãos João Leme da Silva e Lourenço Leme da Silva*. São Paulo: Typ. de Silva Sobral, 1852.

_____. *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro pelo Paraguai, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina em 1846*. São Paulo: Typ. de Silva Sobral, 1847.

BELLEGARDE, Henrique Luís de Niemeyer. *Resumo de Historia do Brasil por H. L. de Niemeyer Bellegarde*. Obra adoptada pelo governo para uso das escolas. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Typ. R. Ogier, 1834.

BIBLIOTECA NACIONAL. *Guia da Exposição de História do Brazil realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1881*. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal de Noticias, 1881.

BLAKE, Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1883-1903. 7 vol.

BOCANDÉ, Emmanuel Bertrand. Extrait d'une lettre de M. Bertrand Bocandé, résident français à Karabanne (Cazamance) à M. Ferdinand Denis le 2 février 1851. *Bulletin de la Société de Géographie*, 4ª série, 1851, p. 414-418.

BRIZEUX, Auguste. *Les Bretons*. 2ème. édition. Paris: Paul Magana, 1848.

CAMÕES, Luis Vaz de. *Os Lusíadas*. Nova edição feita debaixo das vistas da mais acurada crítica em presença das edições primordiais e das posteriores de maior crédito e reputação por Francisco Freire de Carvalho. Lisboa: Typ. Rollandiana, 1843.

CAREL, Ernest. *Vieira, sa vie et ses œuvres*. Paris: Gaume et cie., 1879.

CASAL, Padre Manuel Ayres de. *Corografia brazilica, ou relação historico e geografica do reino do Brazil*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1817. 2 vol.

CHARNAY, Désire. A travers la Pampa et la cordillère: de Montevideo à Santa Rosa. *Le Tour du Monde*, Paris, juillet 1877, p. 385-416.

CHASLES, Philarète. Ferdinand Denis. In: *Dictionnaire de la conversation et de la lecture*. T. LVIII (6E. du supplément). Paris: Garnier Frères, 1845. p. 380.

CHATEAUBRIAND, François-Auguste. Préface de la première édition d'*Atala*. Disponível em <<http://visualiseur.bnf.fr/CadresFenetre?O=NUMM-101357&M=imageuseule>>. Acesso em 24 fev. 2020.

CHAVAGNES, Louis de. Le Brésil en 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière. *Revue des Deux Mondes*, Paris, juillet 1844, p. 66-106.

CHUQUET, Nicolas. *Le Triparty en la science des nombres*: publié d'après le manuscrit fonds français n. 1346 de la Bibliothèque nationale de Paris par maistre Nicolas Chuquet Parisien et précédé d'une Notice par M. Aristide Marre. Rome: Impr. des Sciences mathématiques et physiques, 1881.

CIVEZZA, Marcelino. *Saggio di Bibliografia geografica, storica, etnografica sanfrancescana*. Prato: R. Gasti, 1879.

COLMEIRO, Manuel. *Los restos de Colon, informe de la real Academia de la historia al gobierno de Su Majestad sobre el supuesto hallazgo de los verdaderos restos de Christobal Colon en la iglesia catedral de Santo Domingo*. Ministerio del fomento. Madrid: Imprenta de M. Tello, 1879.

COUBIÈRE, Édouard. *Élégies brésiliennes, suivies de poésies diverses et d'une notice sur la traite des noirs*. Paris: Brissot-Travars et Plancher, 1823.

DAVID, Ernest. *Les Opéras du Juif António José da Silva (1705-1739) par Ernest David, extraits du Journal les Archives Israélites*. Paris: A. Wittersheim, 1880.

D'AVEZAC, Marie-Armand-Pascal. *Considérations géographiques sur l'histoire du Brésil, examen critique d'une nouvelle histoire générale du Brésil, récemment publiée en portugais à Madrid par M. François Adolphe de Varnhagen chargé d'affaires du Brésil en Espagne. Rapport fait à la Société de Géographie de Paris dans ses séances des 1er. Mai, 15 Mai et 5 Juin 1857*. Paris: Imprimerie de L. Martinet, 1857.

DE BARRAL, Condessa. *Cartas a Suas Majestades, 1859-1890*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977.

D'ÉVREUX, Yves. *Viagem ao norte do Brasil feita nos annos de 1613 a 1614*. Tradução de César Augusto Marques. Maranhão: 1874.

_____. *História das coisas mais memoráveis ocorridas no Maranhão nos anos de 1613 e 1614 por Yves d'Évreux*. Introdução geral de Carlos de Araujo Moreira Neto; introdução de Ferdinand Denis, Gabriel Marcel, Mércio Pereira Gomes, tradução de Marcela Motara. Coleção Franceses no Brasil: séculos XVI e XVII. T. 4. Rio de Janeiro: Batel, 2009.

_____. *Voyage au nord du Brésil (1615). Édition critique établie par Franz Obermeier*. 2014. Disponível em <<https://macau.uni->

kiel.de/servlets/MCRFileNodeServlet/macau_derivate_00000180/YvesDigitaleAusgabe.pdf>. Acesso em 04 mar. 2020.

DIANA, Cooper-Richet. Passeur culturels. In: DELPORT, Christian; MOLLIER, Jean-Yves; SIRINELLE, Jean François (org.). *Dictionnaire d'histoire culturelle de la France contemporaine*. Paris: PUF, 2010. p. 605-607.

DIAS, Cicero. *Catalogue du Fonds Ferdinand Denis*. Bibliothèque Sainte-Geneviève/Institut français des Hautes Études brésiliennes. Paris: 1871.

DORIA, Luís Gastão de Escragnoles. Um amigo do Brasil (Ferdinand Denis). *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1912, n. 75, p. 219-230.

D'OUTREPONT, Charles Thomas. Napoléon et le sauvage. In: *Dialogues des morts, suivis d'une lettre de J. J. Rousseau*. Paris: Firmin Didot, 1825. p. 16-27.

DUMONT, Honoré. *Brest, poème en seize chants*. Coutances: P. L. Tanqueray, 1833.

_____. *Kléber, poème en dix chants*. Coutances: J. V. Voisin et Compagnie, 1842.

EL repertorio americano. Londres: Bossange, Barthési i Lowell, 1826-1827. 4 vol.

ÉTUDE de M. Hons-Olivier, commissaire-priseur. Rue de Malte, 52. Environ 4,000 volumes livres anciens et modernes gravures, cartes, documents manuscrits et autographes composant une partie de la bibliothèque de Feu M. Ferdinand Denis. Conservateur-administrateur honoraire de la Bibliothèque Sainte-Geneviève, officier de la Légion d'Honneur, etc., etc. Dont la vente aura lieu Hôtel Druot – salle n. 7 le lundi 12 janvier 1891 à deux heures précises (et le soir s'il y a lieu). Paris: 1891.

EURÍPEDE. *Iphigénie à Aulis. Tragédie traduite en français par Brumoy*: nouvelle édition revue et corrigée. Paris: imprimerie d'Auguste Delalain, 1834.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. Os Brasileiros no Instituto Histórico de Paris. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, n. 266, jan.-mar. 1965, p. 68-145.

FARIA, Manuel Severim de. *Discursos varios politicos por Manuel Serevim de Faria Chantre, & Conego na Santa Sé de Évora*. Évora: Manuel Carvalho, 1624.

FREITAS, Séraphim de. *Freitas contre Grotius sur la question de la liberté des mers: justification de la domination portugaise en Asie par Séraphin de Freitas; traduit par A. Guichon de Grandpont*. Paris: J. P. Aillaud, 1882.

GAFFAREL, Paul. Le chevalier de Villegagnon et la colonie française au Brésil au XVI^e. Siècle. *Revue politique et littérature*, Paris, 15/08/1874, p. 146-153.

GALVÃO, Ramiz (ed.). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. I-VIII, 1876-1881.

GALVÃO, Ramiz. Frei Camillo de Monserrate. Estudo Biográfico. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. XII (1884-1885), 1887.

_____. O novo livro do Sr. Paulo Gaffarel. Histoire du Brésil Français. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. 1, junho-setembro 1879, p. 56-69; 181-193 e 275-284. Disponível em <http://memoria.bn.br/pdf/139955/per139955_1879_00001.pdf>. Acesso em 28 fev. 2020.

GARRAUX, Anatole Louis (ed.). *Bibliographie brésilienne: catalogue des ouvrages français & latins relatifs au Brésil*. Paris: Ch. Chadenat, Jablonski, Vogt et Cie, 1898.

GARRAUX, Anatole Louis (ed.). *Bibliographie Brésilienne, catalogue des ouvrages français et latins relatifs au Brésil (1500-1898)*. Amsterdam: B. R. Grüner, 1971.

GLAIRE, Jean-Baptiste; WALSH, Joseph-Alexis (ed.). *Encyclopédie catholique: répertoire universel et raisonné des sciences, des lettres, des arts et des métiers*. v. 1. Paris: Parents-Desbarres, 1839.

GRANDSAGNE, Ajasson de. *Notions générales servant d'introduction à la collection*. 5e. édition. Paris: Rue et Place Saint-André-des-Arts n. 30, 1832.

GRANT, Andrew. *History of Brazil*. Londres: Henry Colburn, 1809.

GUÉRARD, Michel; SARDOU, Antoine-Léandre (ed.). *Dictionnaire général de la langue française*. Paris: F. Tardou, 1864.

GUIMARÃES, Bernardo. Reflexões sobre a poesia brasileira – 2ª. parte. *Ensaio Literários: Jornal de uma Associação de Acadêmicos*, São Paulo, 1ª série, n. 2, 1847, p. 14-20.

GUT, Serge; BELLAS, Jacqueline. *Correspondance entre Liszt et Marie d'Agoult*. Paris: Fayard, 2001.

HOUTMAN, Frédéric. *Catalogue des étoiles circumpolaires australes observées dans l'île de Sumatra. Traduit du hollandais par Aristide Marre. Extrait du Bulletin des sciences mathématiques*. 2e. série. T. V. 1881. Paris: impr. de Gauthier-Villars, [circa 1881].

HUMBOLDT, Alexander von. *Vues des Cordillères, et monuments des peuples indigènes de l'Amérique*. Collection Œuvres de Humboldt. V. VI. Paris: Legrand, Pomey et Crouzet, 1869.

_____. *Tableaux de la nature, ou considérations sur les déserts, la physionomie des végétaux, et sur les caractères de l'Orénoque*. Traduction par J. B. B. Euriès. T. I. Paris: F. Schoell, 1808.

J.-R. Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil. *Revue Encyclopédique*, Paris, mars 1927, p. 702-708.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Journal de mon voyage au Levant*. In: BEGOUEN, Henri. *Tunis, le Bardo, Carthage, Extraits inédits du "Journal de mon voyage au Levant" (21 mai – 06 octobre 1731), publiés avec une introduction, des notes et pièces justificatives par Vte. Begouen*. Tunis: Impr. de L. Nicolas, 1869.

LEAL, Antonio Henrique. *Pantheon maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illustres ja falecidos*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1873. 3 vol.

LECLERC, Charles. *Bibliotheca Americana. Catalogue raisonné d'une très-précieuse collection de livres anciens et modernes sur l'Amérique et les Philippines*. Paris: Maisonneuve et cie., 1867.

LEFRANC, Émile. *Histoire d'Espagne et de Portugal ainsi que de leurs colonies respectives, depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours*. T. II. Paris: Jacques Leccofre et cie, 1846.

LE GENTIL, Georges. Ferdinand Denis, iniciador dos estudos portugueses e brasileiros. *Biblios*, Coimbra, jul.-ago. 1928, p. 293-323.

_____. Os Estudos portugueses em França. *Vasco da Gama*, Lisboa, n. 1, v. 1, 1925-1926, s./p.

LÉRY, Jean. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil avec une introduction et des notes par Paul Gaffarel*. 2 vol. Paris: Alphonse Lemerre, 1880.

LESSA, Clado Ribeiro de (org.). *Varnhagen correspondência ativa: coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

LIMA, Abreu. *Bosquejo historico politico e litterario do Brasil*. Niteroi: Typ. de Rego e Comp, 1835. Disponível em <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=midias&id=196421>. Acesso 24 fev. 2020.

LIMA, Manoel de Oliveira. *O Brazil e os estrangeiros, conferência realizada na Sociedade de Geografia de Antuérpia pelo Dr. M. de Oliveira Lima*. São Paulo: Typ. do Diário Oficial, 1913. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008119&bbm/307#page/1/mode/2up>. Acesso em 24 fev. 2020.

LINCY, Leroux de. *Le livre des proverbes français, par Leroux de Lincy. Précédé d'un essai sur la philosophie de Sancho Pança, par Ferdinand Denis*. Paris: chez Paulin, 1837.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2005.

_____. Parecer da Comissão de História sobre o opúsculo: *Une Fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550*. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, t. XIV, 1851, p. 443-449.

MAGALHÃES, Gonçalves de. Discurso sobre a historia da litteratura do Brasil. *Translusofonia – Revista de Estudos Comparativistas Lusófonos*, Dossier Diálogos Lusófonos: Apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para crítica literária do século XIX em Brasil e Portugal. v. 1, n. 1, s./p., 2014. Disponível em <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/RevTranslusofonias/article/view/1804>>. Acesso em 24 fev. 2020.

MAGNIN, Charles. *Causeries et méditations historiques et littéraires*. V. II (partie étrangère). Paris: Benjamin Duprat, 1843.

_____. Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil; par M. Ferdinand Denis. *Le Globe*, Paris, 16/06/1827, p. 168-171; 28/06/1827, p. 194-196; 21/07/1827, p. 248-250; 22/07/1827, p. 534-536.

MARQUES, César Augusto. A obra histórica do reverendo capuchinho francês Ivo d’Évreux e Mr. Ferdinand Denis. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, no. 56, parte 1, 1893, p. 185-187.

_____. *Dicionário Histórico e Geográfico do Maranhão*. São Luis do Maranhão: Typ. de Frias, 1870.

MENDES, Odorico. Prólogo. In: HOMERO. *Ilíada*. 1863?. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes/d1077.pdf> >. Acesso em 20 fev. 2020.

MENUCCI, Sud. Ferdinand Denis, um pioneiro. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, 12/08/1938, p. 5-18.

MICHAUD, Louis-Gabriel. *Biographie universelle ancienne et moderne: histoire par ordre alphabétique de la vie publique et privée de tous les hommes qui se sont fait remarquer par leurs écrits, leurs actions, leurs talents, leurs vertus ou leurs crimes* (ed.). Paris: Madame C. Desplaces; Leipzig: F. A. Brockhaus, 1843-?. 45 vol.

MIRANDA, Sá de. *Poesias de Francisco Sá de Miranda. Edição feita sobre cinco manuscritos inéditos e todas as edições impressas. Acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossário e um retrato de Carolina Michaelis de Vasconcelos*. Halle: Max Niemeyer, 1885.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las Provincias del Paraguay, Parana, Uruguay, y Tape*. Madrid: Imprenta del Reino, 1639.

MOREAU, Pierre (org.). *Ferdinand Denis (1798-1890). Journal (1829-1848). Thèse pour le doctorat en lettres présentée à la Faculté des lettres de l’Université de Paris*. Friburgo: Librairie de l’Université; Paris: Plon, 1932.

MUSÉE National du Luxembourg. *Explication des ouvrages de peinture et de sculpture de l'École moderne de France exposés dans le Musée royal du Luxembourg*: destiné aux artistes vivants. Paris: Vinchon, 1846.

NAVERY, Raoul de. *Les voyages de Camoens*. Paris: A. Hennuyer, 1880.

NOGUEIRA, Batista Caetano de Almeida. *Apontamentos sobre o abañeênga (também chamado guarani, ou tupi, ou língua geral dos Brasis)*. 3 vols. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo, 1876.

NOGUEIRA, Batista Caetano de Almeida; CAPANEMA, Guilherme Schüch de; RODRIGUES, João Barbosa. *Ensaio de Ciência*. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo, 1876.

ORSONI, Georges. I. Ferdinand Denis, bibliographie générale. Avril 2019. Disponível em <<https://franc-dire.fr/wp-content/uploads/2019/05/I-F.-Denis-Bibliographie.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. Introduction. In: ORSONI, Georges (org.). *Ferdinand Denis. Journal de mon voyage au Jequitinhonha*. 2017. Disponível em <<https://hal-univ-paris3.archives-ouvertes.fr/hal-01568782/document>>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. “Mais qui est donc Ferdinand Denis?”. Avril 2019. Disponível em <<https://franc-dire.fr/wp-content/uploads/2019/05/0-Mais-qui-donc-est-Ferdinand-Denis.pdf>>. Acesso em 14 ago. 2020.

ORTIGÃO, José Duarte Ramalho de. Uma visita a Ferdinand Denis. In: *Em Pariz*. Porto: Typografia Luzitana, 1868. p. 61-69.

PANCKOUCKE, Charles-Joseph (ed.). *Encyclopédie méthodique, ou par ordre de matières; précédée d'un Vocabulaire universel*. Géographie moderne. T. Troisième. Paris: Panckoucke, 1788.

PARIS illustré, son histoire, ses monuments, ses musées, son administration, son commerce et ses plaisirs. Nouveau guide des voyageurs. Paris: Hachette, 1855.

PEYROT. Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poésie, suivie de Camoens et Jozé Indio, par Ferdinand Denis. *Lettres Champenoises ou Correspondance Morale et Littéraire*, Paris, n. 156, t. dix-huitième, 1824, p. 269-283.

PINHEIRO, Fernandes. *Curso elementar de literatura nacional*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1862. Disponível em <<https://archive.org/details/cursoelementard00pinhgoog/page/n33>>. Acesso em 05 mar. 2020.

PLATZMANN, Julius (ed.). *Arte, Bocabulario, Tesoro y Catecismo de la lengua guarani por Antonio Ruiz de Montoya*. Leipzig, 1876. 4 vol.

PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. *A estátua amazônica*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Typ. de Francisco de Paula Brito, 1851. s/p. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/3892/1/015149_COMPLETO.pdf >. Acesso em 27 fev. 2020.

_____. *Revista dos Dois Mundos*: uma palavra acerca do artigo do Sr. Chavagnes intitulado o Brasil em 1844. *Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, 15/09/1844, p. 711-719.

QUÉRARD, Joseph-Marie (ed.). *La France littéraire ou Dictionnaire bibliographique des savants, historiens et gens de lettres de la France, ainsi que des littérateurs étrangers qui ont écrit en français, plus particulièrement pendant les XVIIIe et XIXe siècles*. Paris: Firmin Didot père et fils, 1827-1839. 10 vol.

RACZYŃSKI, Atanazy. *Dictionnaire historico-artistique du Portugal pour faire suite à l'ouvrage ayant pour titre Les arts en Portugal*. Paris: Jules Renouard et Cie, 1847.

RAEDERS, Georges (org.). *D. Pedro II e o conde de Gobineau (correspondência inédita)*. Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5a., Vol. 109. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938.

RAYNOUARD, F.-J.-Marie. Chefs-d'œuvre des théâtres étrangers, allemand,... italien, portugais, &c.. *Journal des savants*, Paris, juillet 1823, p. 416-425.

_____. Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil. *Journal des savants*, Paris, mars 1827, p. 149-161.

RIBEIRO, Santiago Nunes. Nacionalidade da Literatura Brasileira. *Revista Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, 01/11/1843, p. 7-23.

RICHER, Édouard. Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poésie, par Ferdinand Denis. *Le Lycée armoricain*, Nantes, sixième volume, p. 555-565, 1825.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Le livre d'or de Sainte-Beuve*. Paris: Bureau du Journal des Débats, 1904.

_____. *Poésies complètes. Joseph Delorme. Les Consolations. Pensées d'août*. Paris: Charpentier, 1840.

_____. Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie, suivies de Camöens e Jozé Indio, par Ferdinand Denis. *Le Globe*, Paris, 18/12/1824, p. 204-206.

_____. *Vie, poésies et pensées de Joseph Delorme*. Paris: Delangle frères, 1829.

SAINT-HILAIRE. *Viagem à província de S. Paulo*. Tradução de Regina Regis Junqueira, apresentação de Mário Guimarães Ferri. Coleção Reconquista do Brasil. São Paulo: Livraria Martins/Edusp, 1972.

SAINT-PROSPER, Antoine-Jean Cassé de. Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie, suivies de Camöens e Jozé Indio, par Ferdinand Denis. *Gazette de France*, Paris, 07/11/1824, p. 3-4.

SCÈNES de la nature sous les tropiques, par M. Ferdinand Denis. *Journal de Paris et des départements*, Paris, 29/02/1824, p. 3.

SILVA, Inocêncio Francisco da (ed.). *Diccionario bibliographico portugues: estudos de Innocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923. 23 vol.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos*. Edição e notas de José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

_____. Introdução histórica sobre a literatura brasileira – continuação. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, jan. 1860, p. 21-33.

_____. *L'Oyapoc et l'Amazone: question brésilienne et française*. Paris: Impr. de L. Martinet, 1861. 2 vol.

_____. *Modulações poéticas, precedidas de um Bosquejo da Historia da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Typ. Francesa, 1841. Disponível em <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000009001&bbm/5127#page/52/mode/2up>>. Acesso 24 fev. 2020.

_____. Nacionalidade da literatura brasileira. *Revista Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, 01/08/1860, p. 153-163.

_____. Poetas Repentistas. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, 01/05/1862, p. 129-146.

SILVA, Pereira da. *Parnaso brasileiro ou seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil, precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira no século XVI, XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843. Disponível em <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008993&bbm/6980#page/4/mode/2up>>. Acesso em 24 fev. 2020.

SIMÉON, Rémi. *Grammaire de la langue nahuatl ou mexicaine composée en 1547 par le franciscain André de Olmos et publ. avec notes et éclaircissements, etc. par Rémi Siméon*. Paris: Imprimerie Nationale, 1875.

SOCIÉTÉ DE GÉOGRAPHIE. *Congrès International des Sciences Géographiques tenu à Paris du 1er. au 11 aout 1875: compte-rendu des séances*. T. 2. Paris: E. Martinet, 1878.

SOULICE, Théodore (ed.). *Petit dictionnaire de la langue française, à l'usage des écoles primaires*. Paris: L. Hachette, Firmin-Didot frères, 1836.

S.-P. Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil. *Le Drapeau blanc*, Paris, 04/01/1827, p. 04.

TARDIEU, Ambroise. Grotte de Camoens. In. MACARTNEY, George. Illustrations de Voyage dans l'intérieur de la Chine. 2ème. édition. V. V. Paris: F. Buisson, 1798-1799. Disponible em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b23007460/f35.item.r=camoens>>. Acesso em 08 mar. 2020.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. Un savant. *La Gazette de France*, Paris, 12/08/1890, p. 1.

THEVET, André. *La grande et excellente cité de Paris*. Introduction et notes par l'abbé Valentin Dufour. Paris: A. Quantin, 1881.

_____. *Les singularitez de la France antarctique. Nouvelle édition. Avec notes et commentaires par Paul Gaffarel*. Paris: Maisonneuve et cie., 1878.

_____. *Singularidades da França Antártica*. Tradução, prefácio e notas de Estevão Pinto. São Paulo; Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1994.

TORENO, Conde de (ed.). *Cartas de India. Publicadas por primeira vez el Ministerio de Fomento*. Madrid: Imprenta de Manuel G. Hérnandes, 1877. 5 vol.

UJFALVY DE MEZÖ-KÖVESD, Charles Eugène. *Étude comparée des langues Ougro-Finnoises*. Paris: Ernest Leroux, 1875.

_____. *Les migrations des peuples et particulièrement celles des Touraniens*. Paris: Maisonneuve, 1873.

VAILLANT, Alain (org.). *Dictionnaire Le romantisme*. Paris: CNRS éditions, 2012.

VALMONT DE BOMARE, Jacques-Christophe. Dictionnaire raisonné universel de l'histoire naturelle avec plusieurs articles nouveaux & un grand nombre d'addition sur l'Histoire naturelle, la médecine, l'économie domestique & champêtre, les arts & le métiers. Nouvelle édition. T. douzième. Yverdon: 1769.

_____. Dictionnaire raisonné universel de l'histoire naturelle contenant l'histoire des animaux, des végétaux et des minéraux, et celle des corps célestes, des météores, et des autres principaux phénomènes de la nature. Nouvelle édition. T. quatrième. Paris: Brunet, 1775.

_____. Dictionnaire raisonné universel de l'histoire naturelle contenant l'histoire des animaux, des végétaux et des minéraux, et celle des corps célestes, des météores, et des autres principaux phénomènes de la nature. 4ème édition. V. 13. Lyon: Bruyset, 1791.

VAPEREAU, Gustave. Dictionnaire universel des contemporains: contenant toutes les personnes notables de la France et des pays étrangers, 6^{ème}. édition. Paris: Hachette, 1893.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (ed.). *Florilégio da poesia brasileira ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946. 3 vol.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (ed.). *Florilégio da poesia brasileira, ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil*. 3 vol. Lisboa e Madrid, 1850-1853.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (ed.). *Gramatica y diccionarios (Arte, Vocabulario y Tesoro) de la lengua tupi ó guarani por el P. Antonio Ruiz Montoya*. Viena: Faesy y Frick, Paris: Maisonneuve y Cia, 1876.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. História da Independência do Brasil, até ao reconhecimento pela antiga metrópole, compreendendo, separadamente, a dos sucessos ocorridos em algumas províncias até essa data. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 1916/1917, n. 79, p. 5-598.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (ed.). *Historia da Paixão de Christo e taboa dos parentescos em lingua tupi, por Nicolas Yapuguay, com uma resenha dos impressos acerca da dita lingua*. Viena: Impr. I e R. do Estado, 1876.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, 1877. 2 vol.

_____. *Le premier voyage de Americo Vespucci définitivement expliqué dans ses détails*. Vienne: Charles Gerold fils, 1870.

_____. Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 3, n. 9, 1841, p. 53-63.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (ed.). *Narrativa epistolar de uma viagem jesuítica: pela Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Rio de Janeiro, S. Vincente (S. Paulo), etc. desde o ano 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Cristóvão de Gouvea por Fernão Cardim*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1847.

VASCONCELOS, Joaquim de. *Os músicos portugueses: biografia-bibliografia*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1870. 2 vol.

VAULX DE CLAYE, Jacques de. *Carte de la côte du Brésil*. Dieppe, 1578. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b550026193?rk=64378;0>>. Acesso em 05 mar. 2020.

VILLEGAGNON, Nicolas Durance de. *Relation de l'expédition de Charles Quint contre Alger par Nicolas Durand de Villegagnon suivie de la traduction du texte latin par Pierre Tolet, publiées avec avant-propos, notice biographique, notes et appendice par H.-D. de Grammont*. Paris: Auguste Aubry libraire; Alger: Juillet-St.-Lager libraire, 1874.

WALLE, Paul. *Au Brésil: la colonisation. Renseignements pratiques à l'usage des émigrants, agriculteurs, artisans, voyageurs, etc.* Paris: E. Guilmoto, s./d.

WIENER, Charles. Estudos sobre os sambaquis no Brasil. *Arquivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v. 1, 1876, p. 1-20.

_____. *Voyage au Pérou et en Bolivie (1875-1877)*. Introduction et notes par Pascal Riviale. Collection Mémoires d'homme. Paris: Ginkgo Editeur, 2010.

YAPUGUAY, Nicolás. *Explicación del Catechisme en lengua guarani*. En el Pueblo de S. Maria la Mayor, 1724.

7. Fontes secundárias

ABREU, Márcia. [A Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX](#). Livro - revista do núcleo de estudos do livro e da edição, São Paulo, Universidade de São Paulo, p. 115-130, 2011. Disponível em <<http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/ensaio.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. Letras, Belas-Letras, boas letras. In: BOLOGNINI, Carmen Zink (org.). *História da literatura: o discurso fundador*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003. p. 11-69.

AGOSTINHO, Michele de Barcelos. *O museu em revista: a produção, a circulação e a recepção da revista Arquivos do Museu Nacional (1876-1888)*. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2014.

ALENCAR, Heron de. José de Alencar e a ficção romântica. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. Direção de Afrânio Coutinho com a assistência de Eugênio Gomes e Barreto Filho. V. I. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1955. p. 837-948.

ALMANZA, Carla. El Viaje de Isabela Godin por el Amazonas: Una Travesía de la Supervivencia. In: Sara Beatriz Guardia (ed.). *Viajeras entre dos mundos*. Lima: CEMHAL, 2012. p. 179-190.

AMARAL, Ilídio. A geografia através dos seus congressos internacionais. *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, v. 3, n. 5, p. 84-101, 1968. Disponível em <<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2514/2142>>. Acesso em 06 mar. 2020.

ANDERMANN, Jens. Espetáculos da diferença: a Exposição Antropológica Brasileira de 1882. *Topoi*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 9, jul.-dez. 2004, p. 128-170. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v5n9/2237-101X-topoi-5-09-00128.pdf>>. Acesso em 09 mar. 2020.

ANGEL, Moema Parente. *Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista*. São Paulo: Cultrix, 1980.

AREIAS, José Carlos de Almeida. *Notice sur les institutions de prévoyance au Brésil; communication faite au congrès scientifique universel des institutions de prévoyance lors de la deuxième session quinquennale en 1883, par le baron d'Ourém, Vice-président d'honneur de la Société des institutions de prévoyance de France*. Pau/France: impr. Garet, 1883.

BEZERRA, Valéria Cristina. *Entre o nacional e o estrangeiro: José de Alencar e a constituição da literatura brasileira em cenário internacional*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas: Unicamp, 2016.

BARBATO, Luis Fernando Tosta. A *Revue des Deux Mondes* e a historiografia brasileira do século XIX: reminiscências francesas no IHGB e na construção da identidade nacional brasileira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Sergipe, n. 47, v. 1, Intelectuais dos (nos) Institutos Históricos, p. 80-103, 2017. Disponível em <<https://seer.ufs.br/index.php/rihgse/article/view/11968>>. Acesso em 27 fev. 2020.

_____. Em terras de vagabundos e vagabundas: o clima tropical, a preguiça e a lascívia nas Revistas do IHGB. *História, histórias*, Brasília, v. 4, n. 8, p. 217-238, 2016. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/17356/16966>>. Acesso em 20 fev. 2020.

BARBIER, Frédéric. L'économie éditoriale. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 2: le livre triomphant (1660-1830)*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 740-756.

_____. Le commerce international de la librairie française au XIXe. siècle (1815-1913). *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, Paris, Société d'Histoire Moderne, t. XXVIII, janvier-mars 1981, p. 94-117.

_____. Les imprimeurs. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 3: le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 67-90.

_____. Les innovations technologiques. . In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 2: le livre triomphant (1660-1830)*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 721-729.

_____. Librairies et colporteurs. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 3: le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 256-301.

_____. L'industrialisation des techniques. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 3: le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 51-61.

_____. *Paris, capitale des livres: le monde des livres et de la presse à Paris, du Moyen Âge au XXe siècle*. Paris: Paris Bibliothèques, 2007.

_____. Une production multipliée. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 3: le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. 105-135.

BARBUY, Heloisa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 211-261, 1996. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v4n1/a17v4n1.pdf>>. Acesso em 04 mar. 2020.

BARCELOS, Sergio da Silva. “A escrita diarística como estratégia narrativa”. In: *Armadilhas para a narrativa: estratégias narrativas em dois romances de Carlos Sussekind*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Rio de Janeiro: PUCRJ, 2004. p. 106-134.

BAREL, Ana Beatriz. L'iris et le colibri: la correspondance familiale de Ferdinand Denis pendant son séjour au Brésil (1816-1819). In: QUINT, Anne-Marie (dir.). *Le conte et la lettre dans l'espace lusophone*. Paris: Presses de la Sorbonne, 2001. p. 93-110.

_____. O Continente, o Mar, a Ilha: o Mito Fundador do Brasil na Historiografia e na Literatura. *Revista Brasil*, Porto Alegre, v. 1, p. 43-56, 2011.

_____. *Um romantismo a oeste: modelo francês, identidade nacional*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.

BARRETO, Tobias. *Crítica literária*. Brasília: Editora Gráfica Alvorada, 1987.

BATISTA, Eduardo Luis Araújo de Oliveira. *Poética da representação cultural: relações entre viagem e tradução na literatura brasileira*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas: Unicamp, 2010.

BERTHO, Catherine. La concurrence de la presse. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 3: le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 444-448.

BELLOS, David. La conjecture de la production. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 2: le livre triomphant (1660-1830)*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 730-739.

BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v. LXIX, dossier Histoires des vies et vie sociale, p. 197-225, juillet/décembre 1980.

BEZERRA, Valéria Cristina. *Entre o nacional e o estrangeiro: José de Alencar e a constituição da literatura brasileira em cenário internacional*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas: Unicamp, 2016.

BIED, Robert. Le monde des auteurs. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 2: le livre triomphant (1660-1830)*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 589-605.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Figuras de autor, figuras de editor: as práticas editoriais de Monteiro Lobato*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

BOSCOLI, José Ventura. *Lições de literatura brasileira*. Niteroy: Casa Jeronymo Silva, 1912.

BOUGNY, Alfred de; PINÇON, Pierre. *Histoire de la Bibliothèque Sainte-Geneviève: précédée de la chronique de l'abbaye, de l'ancien collège de Montaigu et des monuments voisins, d'après des documents originaux et des ouvrages peu connus*. Paris: Comptoir des imprimeurs-unis, 1847.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Tradução de Maria Lúcia Machado. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. 8ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: FGV editora, 2002. p. 183-191.

_____. Le champ littéraire: avant-propos. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 89, p. 3-46, 1991. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1991_num_89_1_2986>. Acesso em 02 mar. 2020.

_____. O campo intelectual: um mundo à parte. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 169-180.

_____. *Razões e práticas: sobre a teoria da ação*. 9ª. edição. Tradução Mariza Corrêa. Campinas/SP: Papirus, 2008.

BOUVIER, René; MAYNIAL, Édouard. *Les comptes dramatiques de Balzac*. Paris: F. Sorlot, 1938.

BRAGA-PINTO, César. *A violência das letras: amizade e inimizade na literatura brasileira (1888-1940)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadentistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

BRUYAS, Jean-Paul. Preliminares. In: DENIS, Ferdinand. *Os Maxacalis*. Tradução de Maria Cecília de Moraes Pinto. Edição crítica com introdução, notas e apêndices de Jean-Paul Bruyas. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979. p. IX-CXCV.

BRZOZOWSKI, Jerzy. *Rêve exotique: images du Brésil dans la littérature française (1822-1888)*. Cracovie: Abrys, 2001.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. Tradução de Denise Bottmann. 2ª. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. “Los ego-documentos como fuentes históricas”. In: CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo; PÉREZ, María Cristina; SIERRA, Ana María Rodríguez (org.). *El oficio del historiador: reflexiones metodológicas en torno a las fuentes*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2019. p. 3-18.

_____. “Proyectar la historia de la autobiografía”. *Revista Cultura Escrita & Sociedade*, n. 1, 2005, dossier De la autobiografía a los ego-documentos, p. 49-51.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *O bibliotecário perfeito: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional*. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015.

CAMARGO, Katia Aily F. de. Uma leitura do Brasil: Ferdinand Denis. II Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil, Cultura letrada no Brasil – objetos e práticas, Campinas, 2003. *Anais do II Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil*, v. 1, Campinas, s./p., 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos 1750-1880*. 16ª. edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2017.

_____. *O romantismo no Brasil*. 2ª. edição. São Paulo: Editora Humanitas, 2004.

CARDOSO, Dario de Araujo. A presença do calvinismo na crônica *Viagem à terra do Brasil* de Jean de Lery. XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética, Curitiba, 2011. *Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC*, Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em

<<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0935-1.pdf>>. Acesso em 08 mar. 2020.

CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas: Papirus, 1994.

CARNEIRO, João Paulo Jeannine Andrade. *O último propagandista do Império: o “barão” de Santa-Anna Nery (1848-1901) e a divulgação do Brasil na Europa*. Tese (Doutorado em Geografia Humana). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

CARVALHO, Aderbal de. *Esboços literários*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902. Disponível em <<https://www.portalcatarina.ufsc.br/documentos/?action=download&id=43996>>. Acesso em 24 fev. 2020.

CARVALHO, José Murilo de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 38, outubro 1998. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300004>. Acesso em 13 ago. 2020.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 13ª edição. Coleção Biblioteca Brasileira de Literatura. V. 4. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Biblioteca Pró-Memória, 1984.

CASAGRANDE, Jovenson Carlos. Novas questões para a arqueologia do Império: expedição de Charles Wiener e Fritz Müller na província de Santa Catarina em 1875-76 e o diálogo entre arqueologia e as ciências naturais. *Revista Santa Catarina em História*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 41-55, 2016.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

_____. Paris, méridien de Greenwich de la littérature. In: CHARLE, Christophe, ROCHE, Daniel (dir.). *Capitales culturelles, capitales symboliques: Paris et les expériences européennes*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2002. p. 289-296. Disponível em <<https://books.openedition.org/psorbonne/919>>. Acesso em 20 fev. 2020.

CASSELLE, Pierre. Le régime législatif. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française* (ed.). V. 3: *le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 42-48.

CASTELO, José Aderaldo. A literatura brasileira: história e pesquisa. In: *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. V. II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 509-519.

_____. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. V. I. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. *As manifestações literárias do período colonial*. 3ª. edição. São Paulo: Cultura, 1960.

_____. Os pródomos do romantismo. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. Direção de Afrânio Coutinho com a assistência de Eugênio Gomes e Barreto Filho. V. I. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1955. p. 615-655.

CASTRO, Isis Pimentel de. *Os Pintores de História*. A relação entre Arte e História através das telas de batalhas de Pedro Américo e Victor Meirelles. Dissertação (Mestrado em História Social). Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

CESAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do Romantismo: a contribuição europeia, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

CEZAR, Temístocles. Quando um manuscrito torna-se fonte histórica: as marcas de verdade no relato de Gabriel Soares de Sousa (1587). Ensaio sobre uma operação historiográfica. *História em Revista*, Pelotas, Dossiê Historiografia, n. 6, p. 37-58, dez. 2000. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/download/12005/7618>>. Acesso em 27 fev. 2020.

_____. O poeta e o historiador: Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX. *História Unisinos*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 307-312, setembro/dezembro de 2007. Disponível em <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5909>>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*. Coleção história e historiografia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Revista Topoi*, v. 8, n. 15, p. 159-207, jul.-dez. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v8n15/2237-101X-topoi-8-15-00159.pdf>>. Acesso em 05 mar. 2020.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARLE, Christophe. Le champ de la production culturelle. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 3: le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 137-168.

_____. *Les intellectuels en Europe au XIXe. siècle: essai d'histoire comparée*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

_____. Le temps des hommes doubles. *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, Paris, t. 39, n. 1, p. 73-85, jan.-mar. 1992. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/AsPDF/rhmc_0048-8003_1992_num_39_1_1621.pdf>. Acesso em 20 fev. 2020.

CHARTIER, Roger. Conversa com Roger Chartier [Entrevista concedida a] Isabel Lustosa. *Tropico*, 2004, p. 2. Disponível em <http://www.casaruiarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/k-n/FCRB_IsabelLustosa_Conversa_RogerChatier.pdf>. Acesso em 14 ago de 2020.

CIZERON, David. *Représentations du Brésil lors des expositions universelles*. Paris: l'Harmattan, 2009.

COINTAT, Alain. *Alphonse Denis, député du Var, maire d'Hyères 1830-1848. 'L'étranger'.* Toulon: Les Presses du Midi, 2008.

CONDÉ, Michel. Représentations sociales et littéraires de Paris à l'époque romantique. *Romantisme*, Paris, n. 83, La ville et son paysage, 1994, p. 49-58. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/roman_0048-8593_1994_num_24_83_5934>. Acesso em 20 fev. 2020.

COOPER-RICHET, Diana. Paris, carrefour des langues et des cultures. Édition, presse et librairie étrangères au XIXe. siècle. *Histoire et civilisation du livre*, Paris, n. 5, p. 121-143, 2009.

_____. Transferts culturels et passeurs de culture dans le monde du livre (France, Brésil – XIX. siècle). *Patrimônio e Memória*, São Paulo, vol. 9, n. 1, p. 128-143, jan./jun. 2013. Disponível em <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/322>>. Acesso em 20 fev. 2020.

CORDIER, Henri. Ferdinand Denis. 1798-1890. In : *Mélanges Américaines. Extrait du Compte rendu de la huitième session tenue à Paris en 1890 du Congrès international des Américanistes*. Paris: Jean Maisonneuve, 1913. Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65400898>>. Acesso em 20 fev. 2020.

COSTA, Benedito. *Le roman brésilien*. Traduit du portugais. Bibliothèque des Études Brésiliens. Paris: Librairie Garnier frères, 1918.

COSTA, Wilma Peres. Narrativas de viagem no Brasil do século XIX: formação do Estado e trajetória intelectual. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis (org.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 31-48.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. V. III: Era romântica. 4ª. edição revista e ampliada. São Paulo: Globo Editora, 1997.

CREVAUX, Jules; SAGOT, Paul; ADAM, Lucien. *Grammaire et vocabulaires roucouyenne, arrouage, piapoco et d'autres langues de la région des Guyanes*. Paris: Maisonneuve, 1881.

CRUBELLIER, Maurice. L'élargissement du public. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 3: le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 15-39.

DANTAS, Luiz. La présence et l'image du Brésil dans la *Revue des Deux Mondes au XIXe. siècle*. In: PARVAUX, Solange; REVEL-MOUROUZ, Jean. *Images réciproques du Brésil et de la France*. Collection Travaux et mémoires. Paris: IHEAL, 1991. p. 131-138.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras e o Antigo Regime*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DIAS, Elaine Cristina. *Félix-Émile Taunay: cidade e natureza no Brasil*. Tese (Doutorado em História). IFCH/Unicamp, Campinas, 2005.

DONEGÁ, Ana Laura. Ferdinand Denis, tradutor de textos sobre o Brasil. *Revista Cultura e Tradução*, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 97-109, 2014. Disponível em <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ct/article/view/21559/12167>>. Acesso em 20 fev. 2020.

DUTRA, Eliana. A tela imortal. O Catálogo da Exposição de História do Brasil de 1881. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. XXXVII, 2005, p. 159-179. Disponível em <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=&pesq=%22eliana%20dutra%22>>. Acesso em 28 fev. 2020.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Tradução de Ruy Jungmann, revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 2 vol.

ESPAGNE, Michel. Les capitales littéraire allemandes. In: CHARLE, Christophe, ROCHE, Daniel (dir.). *Capitales culturelles, capitales symboliques: Paris et les expériences européennes*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2002. p. 323-334. Disponível em <<https://books.openedition.org/psorbonne/925>>. Acesso em 20 fev. 2020.

ESPAGNE, Michel; WERNER, Michel. La construction d'une référence culturelle allemande en France: genèse et histoire (1750-1914). *Annales ESC*, Paris, n. 4, p. 969-992, jul.-ag. 1987. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1987_num_42_4_283428>. Acesso em 20 fev. 2020.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. Os Brasileiros no Instituto Histórico de Paris. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, n. 266, jan.-mar. 1965, p. 68-145.

FERREIRA, Dirceu Franco; CANTARINO, Nelson Mendes. Um humanista nos trópicos: a singular trajetória de Hercule Florence no Brasil. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (org.). *Franceses no Brasil. Séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 397-420.

FERREIRA, Raul Azevedo de Andrade. *Raízes românticas de uma ciência da literatura: Denis, Romero e o discurso da crítica literária Oitocentista brasileira*. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

FILHO, José Alexandrino de Souza. A “festa brasileira” ou o Teatro do “Bom Selvagem”: um estudo sobre o papel do índio na entrada de Henrique II em Rouen em 1550. *Revista Morus, Utopia, Reforma e Contra-Reforma*, v. 5, p. 221-240, 2008. Disponível em <<http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/viewFile/44/30>>. Acesso em 07 mar. 2020.

FONSECA, Edson Nery da. *Ramiz Galvão: bibliotecário e bibliógrafo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.

GÉRARD, Alice. Le grand homme et la conception de l'histoire au XIX siècle. *Romantisme*, n. 100, dossier Le Grand Homme, p. 31-48, 1998. Disponível em <https://www.persee.fr/docAsPDF/roman_0048-8593_1998_num_28_100_3288.pdf>. Acesso em 20 fev. 2020.

GLINOER, Anthony. À son éditeur la littérature reconnaissante. Ladvocat et *Le Livre des Cent et un*. In: MOLLIER, Jean-Yves; RÉGNIER, Philippe; VAILLANT, Alain (dir.). *La production de l'immatériel: théories, représentations et pratiques de la culture au XIXe siècle*. Saint-Étienne: Université Jean Monnet, 2008. p. 91-104.

_____. La pensée cénaculaire de Sainte-Beuve. In: *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*, n. 57, p. 211-229, 2005. Disponível em <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/caief_0571-5865_2005_num_57_1_1572>. Acesso em 22 fev. 2020.

_____. *La querelle de la camaraderie littéraire: les romantiques face à leurs contemporains*. Genève: librairie Droz, 2008.

GLINOER, Anthony; LAISNEY, Vincent. *L'âge des cénacles: confraternités littéraires et artistiques au XIXe. siècle*. Paris: Fayard, 2013.

GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 2014.

HAZARD, Paul. As origens do Romantismo no Brasil. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, t. XXV, n. 69, p. 24-45, 1927.

HARRISSE, Henri. *Les Colombo de France et d'Italie – Fameux marins du XV^{ème} siècle – 1461-1492, d'après des documents nouveaux ou inédits tirés des Archives de Milan, de Paris et de Venise*. Paris: librairie Tross, 1874.

_____. *Les Corte-Real et leurs voyages au Nouveau-Monde d'après des documents nouveaux ou peu connus tirés des archives de Lisbonne et de Modène; suivi du texte inédit d'un récit de la troisième expédition de Gaspar Corte-Real; d'après deux documents inédits récemment tirés des archives de La Torre do Tombo à Lisbonne, dont un écrit est signé par Gaspar Corte-Real, l'autre par son frère Miguel*. Paris: E. Leroux, 1883.

HOFFMANN, Léon-François. *Le Nègre Romantique: personnage littéraire et obsession collective*. Collection Le regard de l'histoire. Paris: Les Éditions Payot, 1973. Disponível em
<http://classiques.ugac.ca/contemporains/hoffmann_leon_francois/negre_romantique_livre/negre_romantique_personnage.pdf>. Acesso em 24 fev. 2020.

HOTTIN, Christian. Henri Labrouste et la bibliothèque Sainte-Geneviève. *Labyrinthe*, n.12, p. 115-118, 2002. Disponível em
<<https://journals.openedition.org/labyrinthe/1211?lang=en>>. Acesso em 22 fev. 2020.

HUERTA, Mona. Le voyage aux Amériques et les revues savantes françaises au XIXe. siècle. In: BERTRAND, Michel; VIDAL, Laurent (dir.). *À la redécouverte des Amériques: les voyages européens au XIXe. siècle*. Collection Tempus. Toulouse: Presses universitaires de toulouse le Mirail, 2002. p. 73-93.

JAMMES, André; COURBAGE, François. *Les Didot: trois siècles de typographie et de bibliophilie (1698-1998)*. Paris: Agence culturelle de Paris; Ambeville: Imp. F. Paillart, 1998.

JOYEUX-PRUNEL, Béatrice. Les transferts culturels. Un discours de la méthode. *Hypothèses*, Paris, v. 6, n. 1, p. 149-162, 2003. Disponível em
<<https://www.cairn.info/revue-hypotheses-2003-1-page-149.htm#>>. Acesso em 20 fev. 2020.

KODAMA, Kaori. Em busca da gênese do Brasil nas províncias do Norte: Gonçalves Dias e os trabalhos etnográficos da Comissão Científica de Exploração. In: KURY, Lorelai

(org.). *Comissão Científica do Império (1859-1861)*. Rio de Janeiro: Andrea Jacobsson Estúdio, 2009, p. 115-153.

KRYSINSKI, Wladimir. Discurso de viagem e senso de alteridade. *Organon*, Rio Grande do Sul, v. 17, n. 34, p. 20-43, 2003. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29971/18573>>. Acesso em 20 fev. 2020.

LABORIE, Jean-Claude. Estudos de mediações: o caso Ferdinand Denis. *Ponto-e-Vírgula: revista de Ciências Sociais*, n. 13, p. 66-77, 2013. Tradução de Guilherme S. Gomes Júnior. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/19540/14469>>. Acesso em 02 mar. 2020.

_____. Les diables brésiliens à l'épreuve de la colonisation. In: HOLTZ, Grégoire; DE ROLLEY, Thibaut Maus (dir.). *Voyager avec le diable. Voyages réels. Voyages imaginaires et discours démonologiques (XVe.-XVII. siècles)*. Paris: PUPS, 2008. p. 221-234.

LACERDA, Virginia Cortes de. *Unidades literárias (literatura brasileira)*. 2ª edição. Terceira série dos Cursos clássicos e científicos. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

LAHIRE, Bernard. Campo. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.]. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 63-65.

LAISNEY, Vincent. Cénacles et cafés littéraires: deux sociabilités antagonistes. *Revue d'histoire littéraire de la France*, Paris, v. 110, n. 3, p. 563-588, 2010. Disponível em <<https://www.cairn.info/revue-d-histoire-litteraire-de-la-france-2010-3-page-563.htm>>. Acesso em 22 fev. 2020.

LAJOLO, Marisa. Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes. *Remate de Males*, Campinas, v. 13, Dossiê Euclides da Cunha, p. 105-112, 1993. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636200/3909>>. Acesso em 24 fev. 2020.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: leitura e livros no Brasil*. São Paulo: Ática, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.

LAURIÈRE, Christine. La Société des Américanistes de Paris: une société savante au service de l'américanisme. *Journal de la Société des Américanistes*, Dossier Historiographie américaniste, Paris, p. 93-115, 2009. Disponível em <<http://journals.openedition.org/jsa/11002>>. Acesso em 27 fev. 2020.

LEAL, Luis. El libro XII de Sahagún. *Historia Mexicana*, v. 2, n. 18, octubre-diciembre 1955, p. 184-210. Disponível em

<<http://aleph.academica.mx/jspui/bitstream/56789/28754/1/05-018-1955-0184.pdf>>.

Acesso em 08 mar. 2020.

LE GENTIL, Georges. Publications du centenaire de Camoens. In: *Bulletin Hispanique*, tome 28, n. 3, 1926, p. 260-268. Disponível em <http://www.persee.fr/doc/hispa_0007-4640_1926_num_28_3_2248>. Acesso em 08 mar. 2020.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. 2ª. edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LILTI, Antoine. *Le monde des salons: sociabilité et mondanité à Paris au XVIIIe. siècle*. Paris: Fayalt, 2005.

LIMA, Alceu Amoroso Lima. *Estudos*. 1a. série. Rio de Janeiro: A Ordem, 1928.

_____. *Introdução à literatura brasileira*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1957.

LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & A afirmação do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LIMA, Oliveira. *Aspectos da literatura colonial brasileira*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1896. Disponível em <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2716>>. Acesso em 24 fev. 2020.

LÖFGREN, Orvar. The Nationalization of Culture. *National Culture as Process - Ethnologica Europea*, Berlin, XIX, 1, p. 5-25, 1989. Disponível em <https://www.oei.fu-berlin.de/en/research/nation-building/intern/art_month/08_05_loevgren/media/loefgren.pdf>. Acesso em 04 mar. 2020.

LOGIE, Étienne; RIVIALE, Pascal. Le Congrès des américanistes de Nancy en 1875: entre succès et désillusions. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, v. 95, p. 151-171, 2009. Disponível em <<https://journals.openedition.org/jsa/11036>>. Acesso em 28 fev. 2020.

LUSTOSA, Isabel. Henri Plasson e a primeira imprensa francesa no Brasil (1827-1831). *Revista Escritos*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 9, p. 77-93, 2015. Disponível em <<http://escritos.rb.gov.br/numero09/artigo03.php>>. Acesso em 20 fev. 2020.

LYONS, Martin. Les best-sellers. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 3: le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 409-448.

MACHADO, Marco Antonio Gonçalves (org.). *Guia de fontes para a história franco-brasileira: Brasil Colônia, Vice-Reino e Reino Unido*. Brasília, 2002.

MAGALHÃES, Valentim. *A literatura brasileira (1870-1895). Notícia crítica dos principais escritores, documentada com escolhidos excertos de suas obras, em prosa e verso*. Lisboa: Antonio Maria Pereira, 1896. Disponível em

<<https://www.portalcatarina.ufsc.br/documentos/?action=download&id=89707>>. Acesso em 24 fev. 2020.

_____. *Escritores e escritos (perfis literários e esboços críticos)*. Rio de Janeiro: Tip. e Lit. de Carlos Gaspar da Silva, 1889.

MAGNIN, Charles. *Causeries et méditations historiques et littéraires*. V. II (partie étrangère). Paris: Benjamin Duprat, 1843.

MARTIN, Henri-Jean. Bibliothèques publiques et bibliothèques populaires. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française*. V. 3: *le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 303-307.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo: Edusp, 2001.

MARTINS, Wilson. *Pontos de vista: crítica literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.

MATON, Karl. Habitus. In: GRENFELL, Michael (ed.). *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018. p. 73-94.

MELO, Carlos Augusto de. *Cônego Fernandes Pinheiro (1825-1876): um crítico literário pioneiro do romantismo no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Campinas: Unicamp, 2006.

MERLANT, Joachim. Senancour et Sainte-Beuve. *La Revue Latine, journal de Littérature Comparée*, Paris, n. 01, p. 47-64, jan. 1906.

_____. *Senancour (1770-1846): poète, penseur religieux et publiciste*. 2ème édition. Genève: Slatkine reprints, 1970.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. 3ª. reimpressão. Companhia das Letras: São Paulo, 2015. 2001.

MIRALDI, Juliana Closes. *Pierre Bourdieu e a teoria materialista do simbólico*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Campinas: Unicamp, 2015.

MOLLIER, Jean-Yves. Dos Charpentier aos Fasquelle, dos Marpon aos Flammarion, un enlace de destinos ilustres. In: MOLLIER, Jean-Yves. *O dinheiro e as letras: história do capitalismo editorial*. Tradução Katia Aily Franco de Camargo. São Paulo: Edusp, 2010. p. 274-275.

_____. La censure en France au XIXe. Siècle. In: *Mélanges de l'École française de Rome, Italie et Méditerranée*, Paris, t. 121, n. 2, Littérature et censure au XIXe. siècle. Sources, p. 331-340, 2009. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/mefr_1123-9891_2009_num_121_2_10860>. Acesso em 22 fev. 2020.

MONGLOND, André. Senancour et un voyageur du Brésil, lettres inédites à Ferdinand Denis. *Revue de Littérature comparée*, Paris, v. 11, p. 85-116, janvier-mars 1931.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n. 17, p. 240-264, jan/jun. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n17/a10n17.pdf>>. Acesso em 02 mar. 2020.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2006.

MORAES FILHO, Melo. *Curso de Literatura Brasileira ou escolha de vários trechos em prosa e verso de autores nacionais antigos e modernos*. 3ª edição. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1895. Disponível em <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=44060>>. Acesso em 24 fev. 2020.

MOREAU, Pierre. Ferdinand Denis et les romantiques (d'après des documents inédits). *Revue d'Histoire littéraire de la France*, Paris, 33^e. année, n. 4, p. 530-564, 1926.

MORETTI, Franco. *A literatura vista de longe*. Tradução Anselmo Pessoa Neto. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

MOTA, Arthur. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930. 2 vol.

MOUCHEZ, Ernest. *Recherches sur la longitude de la côte orientale de l'Amérique du Sud*. Extrait des Annales hydrographiques, 4^e. trimestre 1866. Paris: Paul Dupont, 1866.

MUCCHIELLI, Laurent. O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880-1914). *Revista brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 35-54, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 mar. 2020.

NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. *Letras*, Santa Maria, v. 19, n. 2, p. 119-138, jul./dez. 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/12014/7428>>. Acesso em 22 fev. 2020.

NEMÉSIO, Vitorino. Relações francesas do Romantismo português. *Cursos e conferências*, Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Coimbra, v. IV, p. 1-172, 1935.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. Ação. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.]. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 23-35.

NOIRIEL, Gérard. Naissance du métier de l'historien. *Genèses*, vol. 1 - Les voies de l'histoire, p. 58-85, set. 1990. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/genes_1155-3219_1990_num_1_1_1014>. Acesso em 04 mar. 2020.

OLIVEIRA, Laura Nogueira. *Os índios bravos e o sr. Visconde: os indígenas brasileiros na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen*. Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: UFMG, 2000.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil Oitocentista*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

OLIVEIRA, Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de. Ser um *homem de letras* na primeira metade do século XIX francês (1815-1848): a trajetória de Ferdinand Denis. In: JUNIOR, Pedro Ipiranga; GARRAFFONI, Renata Senna; BRANDÃO, Bernardo. (org.). *Modos de vida: Crenças, afetividades, figurações de si e do outro*. Belo Horizonte: Crisálida, 2016. p. 65-78.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. Nações em confronto: as histórias literárias e as literaturas comparadas no século XIX. *Revista Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC)*, São Paulo, n. 14, p. 108, 2009, p. 99-116. Disponível em <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/issue/view/14/showToc>>. Acesso em 24 fev. 2020.

ORBAN, Victor. *Littérature brésilienne*. Préface de M. de Oliveira Lima. Porto: Lello & Irmão; Rio de Janeiro: H. Garnier; Paris: Garnier Frères, s./d..

PARANHOS, Haroldo. *História do Romantismo no Brasil. 1830-1850*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1937?. 4 vol.

PARENT, François. De nouvelles pratiques de lecture. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 2: le livre triomphant (1660-1830)*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 801-821.

PARMENTIER, Marie. Commerce et littérature. Les processus de légitimation dans *Paris ou Le Livre des Cent-et-un*. *Romantisme*, n. 165, p. 75-86, 2014. Disponível em <<https://www.cairn.info/revue-romantisme-2014-3-page-75.htm#re1no192>>. Acesso em 22 fev. 2020.

PASSIANI, Enio; ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Campo cultural. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.]. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 71-73.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. Brasil na França: a *Nitheroy* e seus temas. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 353-356, abr. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 fev. 2020.

PENJON, Jacqueline. Da América para a Europa: a mediação do tradutor na circulação das obras. In: PONCIONI, Cláudia; LEVIN, Orna (org.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora Unicamp, 2018. p. 31-64.

_____. Naissance de l'enseignement du portugais. *Reflexos: revue transdisciplinaire du monde lusophone*, n. 4, Enseigner le portugais comme langue étrangère dans le monde - Bilans, enjeux et perspectives, 2019. Disponível em <<http://revues.univ-tlse2.fr/reflexos/index.php?id=582>>. Acesso em 02 mar. 2020.

PEREIRA, Lucia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias. Contendo o Diário inédito da viagem de Gonçalves Dias ao Rio Negro*. Edições do Senado Federal. V. 226. Brasília: Senado Federal, 2016.

PILINSKY, Adam (ed.). *Monuments de la xylographie. Reproduits en fac-similé par Adam Pilinsky, précédés d'une notice par Gustave Pawlowski*. 8 vol. Paris: Adam Pilinsky et fils, 1882-1888.

PINHEIRO, Fernandes. *Curso elementar de literatura nacional*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1862. Disponível em <<https://archive.org/details/courselementard00pinhgoog/page/n33>>. Acesso em 24 fev. 2020.

_____. *Resumo de História Literária*. 2 vols. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872.

PINTO, Maria Cecilia Queiroz de Moraes. *Alencar e a França: perfis*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

_____. A sedução das Américas. *Lettres françaises*, São Paulo, n. 3, p. 81-93, 1999. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/794/654>>. Acesso em 24 fev. 2020.

PONCIONI, Claudia. De viagens, relatos e livros: Ferdinand Denis entre a França e o Brasil (diários e correspondências). In: PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna (org.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. p. 65-92.

POTELET, Jeanine. *Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français. 1816-1840: Témoignages et images*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1993.

PRASSOLOFF, Annie. La société des gens de lettres. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 3: le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 171-173.

PROTÁSIO, Daniel Estudante. DENIS, Jean-Ferdinand. In: *Dicionário de Historiadores Portugueses da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo*. Disponível em <http://dichp.bnportugal.pt/historiadores/historiadores_denis.htm>. Acesso em 22 fev. 2020.

RABELLO, Ivone Daré. Arte e eternidade: ponto de fuga. In: *Um canto à margem: uma leitura da poética de Cruz e Sousa*. São Paulo: EdUSP, 2006. p. 79-134.

RAEDERS, George. *D. Pedro II e os sábios franceses*. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 1944.

RAMOS, Victor. *A edição em França: 1800-1850*, repertório geral dos títulos publicados e ensaio crítico. Paris: Fundação Calouste Gulbejian, 1972.

REIS, Francisco Sotero dos Reis. *Curso de literatura portuguesa e brasileira*. Maranhão: Typ. de Berlarmino de Matos, 1866-1868. 4 vol.

RICOTTA, Lucia. A constelação espacial das cenas de origem em *Scènes de la Nature*, de Ferdinand Denis. *Revista Usp*, São Paulo, n. 91, p. 112-124, set.-nov. 2011. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/34856/37594>>. Acesso em 24 fev. 2020.

RIVIALE, Pascal. Une pyramide d'antiquités: les collections de Charles Wiener. *Outre-mers, Revue d'histoire*, t. 88, p. 277-295, 2e. semestre 2001. Disponível em <http://www.persee.fr/doc/outr_1631-0438_2001_num_88_332_3896>. Acesso em 06 mar. 2020.

ROMERO, Silvio. *Introdução à história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1882. Disponível em <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4484>>. Acesso em 24 fev. 2020.

ROMERO, Silvio; RIBEIRO, João. *Compêndio de História da Literatura Brasileira*. Edição comemorativa. Org. Luiz Antonio Barreto. Rio de Janeiro: Imago Ed., Universidade Federal de Sergipe, 2001.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

ROZEAUX, Sébastien. Um jogo de espelhos: representações do “homem de letras” entre a Europa e o Brasil (1840-1889). In: PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna (org.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora Unicamp, 2018. p. 133-158.

RUBENS, Carlos. *Vítor Meireles, sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Nova edição. Tradução de Rosaura Eichenberg. 8a. reimpressão. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Notice Historique et Littéraire sur J.-H. Bernardin de Saint-Pierre. In: BERNARDIN DE SAINT-PIERRE, Jaques-Henri. *Paul et Virginie et la Chaumière Indienne*. Paris: L. Curmer, 1838.

_____. Da literatura industrial. Tradução de Jefferson Cano. *Remate de Males*, Campinas, v. 29, n. 2, Dossiê Literatura e Arquivos, p. 183-198, jul.-dez. 2009. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636273/3982>>. Acesso em 22 fev. 2020.

SAINT-JACQUES, Denis; VIALA, Alain. À propos du champ littéraire. Histoire, géographie, histoire littéraire. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. 49^e année, n. 2, 1994,

p. 395-406. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/AsPDF/ahess_0395-2649_1994_num_49_2_279266.pdf>. Acesso em 02 mar. 2020.

SALES, Mariana Osue Ide. Ferdinand Denis, éditeur et traducteur de sources sur l'Amérique latine. *Bulletin du bibliophile*, n. 1, 2013, p. 69-96.

SALES, Mariana Osue Ide et al. Colección Ferdinand Denis (1542-1890). Cooperación franco-brasileña. Biblioteca Sainte-Geneviève & Instituto de Estudios Brasileños (Universidade de São Paulo-USP). Disponível em <<https://mowlac.files.wordpress.com/2012/11/form-ferdinand-denis-espanol-vf15nov2012-rev.pdf>>. Acesso em 04 mar. 2020.

SAMPAIO, Rangel de. *O Quadro A Batalha dos Guararapes, seu autor e seus críticos*. Rio de Janeiro: Typographia de Serafim José Alves, 1880.

SANCHEZ, Edney Christian Thomé. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Unicamp. Campinas, 2003.

SANTOS, Presanlindo Lery dos. *Panteon fluminense: esboços biográficos*. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1880.

SAPIRO, Gisèle. A noção de campo de uma perspectiva transnacional. A teoria da diferenciação social sob o prisma da história global. Tradução de Marcello G. P. Stella. *Plural*, São Paulo, v. 26, n. 1, Gênero em perspectiva interseccional, p. 233-265, 2019. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159917>>. Acesso em 02 mar. 2020.

_____. Campo literário. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.]. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 88-90.

_____. Elementos para uma história do processo de autonomização: o exemplo do campo literário francês. *Tempo social*, São Paulo, v. 16, n. 1, jun. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100005>. Acesso em 27 fev. 2020.

_____. O campo literário francês. Estrutura, dinâmica e formas de politização. Tradução de Germana Henriques Pereira de Sousa. In: QUEMIN, Alain; VILLAS BÔAS, Gláucia. *Arte e vida social. Pesquisas recentes no Brasil e na França*. Coleção Brésil. France, Brasil/França. OpenEdition Press, 2016. p. 71-87.

SAUVY, Anne. Une littérature pour les femmes. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 3: le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 456-508.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Biografia como gênero e problema. *História Social*, Campinas, n. 24, p. 51-73, 1º. Semestre de 2013. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577/1083>>. Acesso em 02 mar. 2020.

_____. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2ª. edição, 17ª. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. 6ª. reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

_____. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; AZEVEDO, Paulo César de; COSTA, Angela Marques da. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. 2ª. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHEINOWITZ, Celina de Araújo. A Bahia e seus negros no olhar de um francês do século XIX. In: 3º. Congresso ABRALIC, 1995, São Paulo. *Limites*, Anais do 3º. Congresso ABRALIC, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Niterói: ABRALIC, p. 299-308.

SEIDL, Ernesto. Jogo (sentido de). In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.]. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 241-243.

_____. Regra. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.]. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 308-309.

SEMELAIGNE, Armand. *Yves d'Évreux, ou Essai de colonisation au Brésil chez les Tapinambos, de 1612 à 1614*. Paris: librairie des bibliophiles, 1887.

SHENCK, Eunice Morgan. Charles Nodier and Ferdinand Denis. *Modern Language Notes*, Baltimore, v. 34, n. 3, p. 185-187, march 1919. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/2915483?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em 22 fev. 2020.

SIMIONI, Ana Paula. Campo artístico. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.]. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 66-68.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira. Seus fundamentos econômicos*. 7ª edição atualizada. São Paulo: DIFEL, 1982.

SOUSA, Antonio Paulino de. Regras, estratégia e habitus. *Veredas*, Santiago de Compostela, n. 16, p. 7038, 2011. Disponível em <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34511/1/Veredas16_artigo1.pdf?ln=pt-pt>. Acesso em 02 mar. 2020.

SOUZA, Rafael Barbosa. *A transmissão do legado camoniano no século XIX: o caso Ferdinand Denis*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura). UFRGS. Porto Alegre, 2017.

_____. *Camões e José Índio, de Ferdinand Denis*: tradução e apresentação crítica. Porto Alegre. Instituto de Letras, 2013. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95006/000916363.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 24 fev. 2020.

_____. Ferdinand Denis de 1798 a 1826: breve biografia. In: DENIS, Ferdinand. *Resumo da história literária de Portugal seguido do resumo da história literária do Brasil*. Tradução, apresentação e notas por Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2018. p. 11-30. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188272/001085007.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 22 fev. 2020.

SÜSSEKIND, Flora. O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. V. 2: Emancipação do discurso. Campinas: Unicamp, 1994. p. 451-485.

THIÉRION, Brigitte. Apropriações e releituras de relatos de viagem: o abandono de Gaetano Osculati relatado por Ferdinand Denis e Victor Chavin. In: PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna (org.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora Unicamp, 2018. p. 93-132.

THIÈSSE, Anne Marie. *A criação das identidades nacionais. Europa – séculos XVIII-XX*. Tradução de Sandra Silva. Coleção temas e debates. Braga/Portugal: Tilgráfica, 2000.

THOMPSON, Patricia. Campo. In: GRENFELL, Michael (ed.). *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018. p. 95-114.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-53, 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>>. Acesso em 0 fev. 2020.

TODOROV, Tzvetan. Os Homens-Narrativa. In: *As estruturas narrativas*. Tradução Leila Perrone-Moysés. 4ª. edição. Coleção Debates, n. 14. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 119-134.

TORRE, José Antonio Martínez. “Gobernar el Mundo”. La polémica *Mare Liberum* versus *Mare Clausum* en las Indias Orientales (1603-1625). In: *Anuario de Estudios Americanos*, Sevilla, n. 74, p. 71-96, enero-junio 2017. Disponível em <<http://estudiosamericanos.revistas.csic.es/index.php/estudiosamericanos/article/view/702/702>>. Acesso em 09 mar. 2020.

TREECE, David. Caramuru, o mito: conquista e conciliação. Tradução de Marcos César de Paula Soares. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 12, v. 3, p. 307-344, 2013. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/99394/97877>>. Acesso em 20 fev. 2020.

TRIPOLI, Maílde Jerônimo et alii. Um fragmento de diálogo nos bastidores da história: Ferdinand Denis & Fernandes Pinheiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 110-111, set. 1995.

VAILLANT, Alain. Modernidade poética e cultura midiática no século XIX. Tradução de Douglas Ricardo Hermínio Reis. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (org.). *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/França, século XIX*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2015. p. 277-286.

VARRY, Dominique. *Histoire des bibliothèques françaises*. V. 3. Paris: Promodis-Editions du Cercle du librairie, 1991.

VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa. Gonçalves Dias e a seção etnográfica e a narrativa da Comissão Científica de Exploração (1859-1861). *Revista Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 219-229, jul./dez. 2012. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/26446/23718>>. Acesso em 05 mar. 2020.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 1916. Disponível em <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/histlitbras.pdf>. Acesso em 24 fev. 2020.

VIANA, Hélio. *D. Pedro I e D. Pedro II: acréscimos às suas biografias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

VIDAL, Laurent. Ferdinand Denis, observateur de la société brésilienne (1816-1837). In: BERTRAND, Michel; VIDAL, Laurent (org.). *À la redécouverte des Amériques. Les voyageurs européens au siècle des indépendances*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail. p. 237-252.

ZILBERMAN, Regina. Administrando a literatura por meio da história: Ferdinand Denis, Almeida Garrett e a literatura brasileira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 97-108, set. 1990. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/16166/10626>>. Acesso em 24 fev. 2020.

_____. A epopeia nas décadas iniciais do Romantismo: de Camões para Ferdinand Denis. In: FEIJÓ, Elias J. Torres; SAMARTIN, Roberto; VÁZQUEZ, Raquel Bello; BRITO-SEMEDO, Manuel (ed.). *Estudos da AIL em Literatura, História e Cultura Portuguesas*, Associação Internacional de Lusitanistas, Santiago de Compostela; Coimbra, p. 1-17, 2015. Disponível em <<https://www.unicv.edu.cv/images/ail/102Zilberman.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. Ferdinand Denis e os paradigmas da história da literatura. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 2, n. 1, p.

137-147, jan.-jul. 2006. Disponível em <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/497>>. Acesso em 24 fev. 2020.

_____. O *Resumo de História Literária*, de Ferdinand Denis: história da literatura enquanto campo de investigação. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Coimbra, n. 19, p. 121-144, jun. 2013. Disponível em <<https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/35>>. Acesso em 24 fev. 2020.

WACQUANT. Loïc. Habitus. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.]. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 213-216.

WATELET, Jean. La presse illustré. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (ed.). *Histoire de l'édition française. V. 3: le temps des éditeurs, du Romantisme à la Belle Époque*. 2e. édition. Paris: Fayard, 1990. p. 369-382.

WEBER, João Ernesto. *A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia brasileira*. Florianópolis: EDUFSC, 1997.

WIENER, Charles. *Essai sur les Institutions politiques, religieuses, économiques et sociales de l'Empire des Incas*. Paris: librairie Maisonneuve, 1874.

WINOCK, Michel. Da Revolução de 1848 ao fim do Segundo Império. In: *As vozes da liberdade: os escritores engajados do século XIX*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 405-627.

WOLF, Ferdinand. *O Brasil literário*. Coleção Brasileira, v. 278. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1955.

8. Periódicos consultados

Brasileiros:

Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Arquivos do Museu Nacional

Correio Mercantil, e Instrutivo, Político e Universal

Gazeta de notícias

Jornal do Comércio

L'Echo de l'Amérique du Sud: journal politique, commercial et littéraire

O Espelho Diamantino

O Mercantil

Revista Brasileira

Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil

Franceses:

Actes de la Société Américaine de France

Almanach du Magasin Pittoresque

Annales maritimes et coloniales

Annuaire de la Société Américaine de France

Annuaire de la Société Montyon de Franklin. Bulletin des hommes utiles: portraits et histoires des hommes utiles

Annuaire du bibliophile, du bibliothécaire et de l'archiviste pour l'année 1861

Bulletin administratif de l'Instruction Publique

Bulletin de la Société de Géographie

Bulletin de la Société Impériale zoologique d'acclimatation

Bulletin de la Société pour l'instruction élémentaire

Bulletin des bibliophiles et des bibliothécaires

Bulletin du bouquiniste

Compte rendu du Congrès international des Américaniste

Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des Sciences

Congrès International de Géographie Commerciale: comptes rendus

Feuilleton du Journal de la Librairie

Gazette anecdotique, littéraire, artistique et bibliographique

Gazette de France

Gazettes des enfants et des jeunes personnes

Gazette nationale ou le Moniteur universel

Gil Blas

Journal de Montélimar

Journal de Paris et des départements

Journal des débats

Journal des demoiselles

Journal des voyages, découverts et navigations modernes

Journal des savants

Journal général de l'instruction publique et des cultes

Journal Officiel de la République française

L'Abeille, recueil consacré à l'enfance et à la jeunesse

L'Artiste

La France

La France littéraire

La gazette de France

La justice

La petite République

La presse du samedi

La République française

La Revue poétique du XIXe. siècle

<i>La Tribune académique</i>	<i>Le Rappel</i>
<i>Le Bibliographe musical</i>	<i>Le soleil</i>
<i>Le cabinet de lecture</i>	<i>Le temps</i>
<i>Le Constitutionnel</i>	<i>Le Tour du Monde</i>
<i>Le Drapeau blanc</i>	<i>Le XIXe. siècle</i>
<i>L'Europe littéraire</i>	<i>L'Univers</i>
<i>Le Figaro</i>	<i>Musée des familles</i>
<i>Le gaulois</i>	<i>Nouveau journal Asiatique</i>
<i>Le Globe</i>	<i>Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l'histoire</i>
<i>Le radical</i>	<i>Panthéon des femmes, musée illustré</i>
<i>Le siècle</i>	<i>Paris</i>
<i>L'intermédiaire des chercheurs et curieux</i>	<i>Polybiblion: revue bibliographique universelle</i>
<i>L'intransigeant</i>	<i>Psyqué: choix de pièces en prose en en vers, dédiée aux dames</i>
<i>Le Lycée armoricain</i>	<i>Revue Britannique</i>
<i>Le rappel</i>	<i>Revue de la Philologie et d'Ethnographie Bibliographie américaine</i>
<i>Lettres Champenoises ou Correspondance Morale et Littéraire</i>	<i>Revue de l'Orient. Bulletin de la Société orientale de France</i>
<i>L'Europe littéraire</i>	<i>Revue de Paris</i>
<i>L'Érudition, bibliothèque universelle</i>	<i>Revue des sciences</i>
<i>Le Glaneur</i>	<i>Revue des Deux Mondes</i>
<i>L'Illustration: journal universel</i>	<i>Revue Encyclopédique</i>
<i>Le Magasin pittoresque</i>	<i>Revue orientale et américaine</i>
<i>Le matin</i>	
<i>Le Monde Illustré</i>	
<i>Le Petit Journal</i>	

Portugueses:

Atas das sessões da Academia Real das Ciências de Lisboa

Revista Universal Lisbonense

9. Sites consultados

<http://www.academie-francaise.fr>

<https://agencia.fiocruz.br>

<https://archive.org>

<http://www.assemblee-nationale.fr>

<http://bnf>

<https://www.britannica.com>

<http://data.bnf.fr>

<http://www.larousse.fr>

<http://michaelis.uol.com.br>

<http://whc.unesco.org>

Anexos

1. Tabelas

1.1. Participação de Denis na imprensa periódica francesa¹

DÉCADE	JOURNAL OU REVISTA ²
1820	<i>Journal des voyages, découvertes, et navigations modernes ou archives géographiques et statistiques du XIXe siècle</i> 1. “Lettre inédite de Pedro vas de Caminha sur la découverte du Brésil” 2. “Extrait d’un voyage chez les Patagons” <i>Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l’histoire</i> 3. “Notices sur les capitaineries de Para et de Solimoens, au Brésil” 4. “Notice sur la province de Mato-Grosso” <i>Le Mercure du dix-neuvième siècle</i> 5. “Établissement des Jésuites au Paraguay” <i>Le Globe</i> 6. “Poésies diverses de Camöens” <i>Psyqué: choix de pièces en prose en en vers, dédiée aux dames</i> 7. “Alatar” 8. “Les Zégris” 9. “Noniné et Paninoxié” 10. “Fragment de Camöens”
1830	<i>Revue des Deux Mondes</i> 1. “Antiquités du Mexique” 2. “Voyages dans l’intérieur du Brésil, par M. A. De Saint-Hilaire” <i>Revue de Paris</i> 3. “La mort du roi Sébastien, suivi de des malheurs de la belle Virginie, chronique portugaise du seizième siècle” 4. “Maître Adam, surnommé le menuisier de Nevers” 5. “Les sept enfants de Lara” 6. “Les proverbes” 7. “Littérature espagnole. – Isabelle” 8. “Les noëls” 9. “Littérature rétrospective. Nos vieux voyageur français – Le père du

¹ Fonte: ORSONI, Georges. I. Ferdinand Denis, bibliographie générale. Avril 2019. Disponível em <<https://franc-dire.fr/wp-content/uploads/2019/05/I-F.-Denis-Bibliographie.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2020.

² Não consideramos aqui os artigos reproduzidos, provavelmente sem autorização do autor, em periódicos estrangeiros, notadamente na Bélgica, na Rússia e em Portugal.

	Tertre” 10. “Vieux voyageurs français. – Le père Paul Le Jeune” 11. “Sciences occultes. Divination. – Éléments de chiromancie” 12. “Vieux voyageurs français. – Yves d’Évreux” <i>La France littéraire</i> 13. “De la poésie et de la littérature des Voyages, depuis les temps antiques jusqu’au XVIIe. siècle”³ 14. “Des sciences occultes, de leur marche et de leur influence” 15. “Art orientale. Manuscrits à miniatures” <i>L’Artiste</i> 16. “Des manuscrits orientaux à l’illustration et du parti que peuvent en tirer les artistes” 17. “Manuscrits à miniature du Moyen-âge (Bibliothèque de Paris)” 18. “Isabelle par de Senancour” 19. “Des origines de la Musique” 20. “Paysages composés et gravés à l’eau forte par P. Huet” 21. “Il vivere par le libraire Samuel Bach” <i>Journal des demoiselles</i> 22. “La jeune Brahmine” 23. “Nations hyperboréennes” 24. “Arabes pasteurs et guerriers, peuplades voisines du désert” <i>Le Magasin Pittoresque</i> 25. “Le Tabac. (<i>Nicotiana Tabacum</i>)” 26. “Les alchimistes. Noms divers des alchimistes et de l’alchimie. La pierre philosophale. Recette pour la trouver. Célèbres alchimistes. Utilité de leurs travaux. Charlatans” 27. “La sèche” 28. “Agave d’Amérique (<i>Agave americana</i>)” 29. “De l’empereur de Russie. De l’empereur d’Autriche. Le Régent. Le diamant du roi du Portugal. Art de tailler le diamant. Mines. Recherches des diamants au Brésil” 30. “Voyages. Jean et Sébastien Cabot. Première découverte du continent américain” 31. “Le Condor” 32. “Histoire des deux Barberousse” 33. “Bibliothèque Royale. Cabinet des estampes. Célèbre peintres de genre - William Hogarth, peintre anglais mort en 1764” 34. “Le Hottentot” 35. “Le commerçant Ango à Dieppe (XVIe. siècle)” 36. “Maître Adam ou le menuisier de Nevers” 37. “Le Tamarin” 38. “Ballet du tabac à Lisbonne” 39. “La Granja. Maison de plaisance des rois d’Espagne” 40. “De la découverte de l’Amérique”

³ O mesmo artigo aparece em l'*Encyclopédie du XIX siècle* (1837), no verbete “voyages”.

41. "Aqueduc et castellum d'Evora en Portugal"
42. "L'Escorial. Sa fondation. Cours des Rois. Réfectoire. Salle des Capitulaires. Sacristie. Chapelle. Panthéon. Bibliothèque, Salle des batailles. Appartements royaux. Jardins. Casa del principe"
43. "De la géographie enseignée par les voyageurs. Les Argonautes"
44. "Les quatre fils d'Arias Gonzalo"
45. "Palais royale de Madrid"
46. "Mœurs du Brésil"
47. "L'Alhambra"
48. "Premiers livres en langues latine, française, grecque et hébraïque imprimés en France"
49. "Les forêts du Nouveau Monde"
50. "Camöens"
51. "Chants nationaux des différents peuples modernes. Poésies espagnoles"
52. "Lisbonne"
53. "Elvas"
54. "Le Brahme voyageur"
55. "Les cafres"
56. "Église de Belém"
57. "Afrique méridionale. Le Cap. Les Hottentots. Les Korannas"
58. "Îles Sandwich"
59. "Établissement des Norvégiens en Amérique au Moyen Âge"
60. "Établissements français en Inde"

L'Europe littéraire

61. "De la littérature portugaise au XVIIIe. et au XIXe. siècles"

Annuaire de la Société Montyon de Franklin. Bulletin des hommes utiles: portraits et histoires des hommes utiles

62. "Las Casas"

Nouveau journal Asiatique

63. "Des manuscrits à miniatures de l'Orient et des Voyages à figures, considérés dans leurs rapports avec la peinture moderne"

La Revue poétique du XIXe. siècle

64. "Serenio le pêcheur, églogue traduite de Camoens"

Gazettes des enfants et des jeunes personnes

65. "Naufrages et captivité de mademoiselle de Bourke parmi les Kabailes"
66. "Le nain Mathias Gullia"
67. "Merveilles de l'histoire naturelle"
68. "Les Hottentos"

La Tribune académique

69. "De la femme à l'origine des sociétés"

L'Abeille, recueil consacré à l'enfance et à la jeunesse

70. "L'ambassadeur de six ans"

Le cabinet de lecture

	71. "L'esclavage au Brésil" 72. "Une femme dans un désert, relation historique du voyage et des aventures de madame Godin des Odonais" <i>Musée des familles</i> 73. "Sciences occultes (kabbale, féerie, magie, sorcellerie)" <i>Le Constitutionnel</i> 74. "Guerre contre les indiens dans le forêt du Brésil"
1840	<i>Le Magasin Pittoresque</i> 75. "Antiquités mexicaines" 76. "Le quinquina" 77. "Macao" 78. "Valeur et prix des livres au Moyen âge" 79. "Le carnaval à Rio" 80. "Histoire lamentable de Dona Inez de Castro, surnommé Port de Héron, romance espagnole" 81. "Le Brahme voyageur" 82. "Les mines d'or du Brésil" 83. "Salon de 1841 – Peinture. Une scène de l'inquisition, par M. Robert Fleury" 84. "Les arbres à lait de l'Amérique tropicale" 85. "Île de Juan Fernandes dans le grand océan" 86. "L'abbé de l'Épée" 87. "Anciens voyageurs. Nunez de Balboa" 88. "Un autel mexicain" 89. "Colomb et le conseil de Salamanque" 90. "Les cabocles" 91. "Découverte du nouveau monde" 92. "L'Amérique russe" 93. "Une vision infernale au Moyen âge" 94. "Le miroir magique du docteur Nee" 95. "Le Kamtchatka" 96. "Les environs de Rio" 97. "Une esclave marron au Brésil" 98. "Portugal étymologie" 99. "Rio-Janeiro" 100. "Hyères (département du Var)" 101. "Saint Hilaire en Portugal" 102. "Un marché à Rio" 103. "Uruguay" 104. "Naturalisation du lama" 105. "Détails biographiques sur Christophe Colomb et sa famille" 106. "Tombeau de Geoffrey Saint-Hilaire" 107. "Ulrich Gering" 108. "Californie. Les chercheurs d'or" 109. "Le ménagerie de l'empereur Montezuma" 110. "Une habitation au Kamtchatka" 111. "La Picquotiane" 112. "La ménagerie de l'empereur Montezuma"

	<i>La France littéraire</i> 113. “Un Encyclopédiste du treizième siècle. Brunetto Latini. – Dante” <i>Le Glaneur</i> 114. “Histoire des animaux apocryphes” <i>Revue de l'Orient. Bulletin de la Société orientale de France</i> 115. “L'Inde au XVIe. Siècle: Les conquérants portugais Almeida et Albuquerque” 116. “L'Inde au XVIe. Siècle: mort d'Albuquerque, mort de Vasco de Gama, les rois Manoel et João III, les dix premiers gouverneurs de l'Inde portugaise” <i>Annales maritimes et coloniales</i> 117. “Préambule historique” <i>Bulletin des bibliophiles et des bibliothécaires</i> 118. “Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550. Documents et notes biographiques”
1850	<i>Bulletin des bibliophiles et des bibliothécaires</i> 1. “Note sur Arte della lingua moxa du R. P. Pedro Marban” 2. “Note sur Tercero catecismo y exposición de la doctrina cristiana por sermones. Para que los curas y otros ministros prediquen y enseñen los Indios y a las demás personas: conforme a lo que se proveyó en el Santo Concilio provincial de Lima el año pasado de 1583...” 3. “Note sur un livre rarissime imprimé à Goa, en 1563” <i>Le Magasin Pittoresque</i> 4. “Sables aurifères de la Californie” 5. “Des ornements de la lèvre inférieure en usage chez quelques peuples d'Amérique: Bezotes des Mexicains, Barbotes des Antilles, Botoques du Brésil” 6. “L'or de la Californie” 7. “Jangadas” 8. “Les azulejos” 9. “Les cinq émeraudes de Cortez perdues en 1541 sur le rivage d'Alger” 10. “Misaya” 11. “Une parure indienne des dames de la Bolivie” 12. “Un oiseau prophétique de l'Amérique méridionale” 13. “Le type du docteur de verre, de Michel Cervantes” 14. “Les villes des Césars et Quivira” 15. “Victor Jacquemont” 16. “Guadalajara” 17. “Musée des antiquités américaines au Louvre” 18. “Récolte du beurre de tortue, sur les bords du Napo et de l'Amazone” 19. “La légende de Santiago. Pourquoi les pèlerins portent sur eux des coquilles” 20. “Le retour de Christophe Colomb” 21. “Las Casas, missionnaire et voyageur” 22. “Le port de Bahia” 23. “Les chute d'eau d'Itamarati”

	24. "Aimé Bonpland" 25. "Les aventures de Dona Cataline de Erauso" 26. "Les Castros, monuments celtiques de la Galice et du Portugal" 27. "Serra dos Órgãos" 28. "Alphabets découpés" 29. "Loanda" 30. "L'église de la Gloria et l'aqueduc à Rio de Janeiro" 31. "Les aventures de Madame Godin" 32. "Balboa. La découverte de la mer du sud" 33. "Le Caoutchouc. Son usage chez les Omaguas. Premières tentatives de Condamine pour le faire connaître en France. Découverte du capitaine Fresneau. Les canots d'Halkett" 34. "Les Rhinocéros du roi Emmanuel" 35. "Cacao fausse monnaie" 36. "Cousin navigateur dieppois" 37. "Arts du Pérou" 38. "Un nouveau système de catalogue" 39. "Les Regateiros" 40. "Palos de Moguer et le couvent de la Rabida" 41. "La fête du dieu Chocolat" 42. "Piège à hippotames" 43. "La noix du Brésil. Fruit du <i>Bertholletia excelsa</i> de Humboldt et Bonpland" 44. "Port de Rio" 45. "Une balançoire" 46. "Le Muata Kazembe" 47. "L'Approuaugue (Guyane)" 48. "La Condamine" 49. "Alimentation des sauvages" 50. "Sainte-Genève" 51. "Superstitions des sauvages du sud" 52. "Colomb dans les fers" 53. "Les quipos o quipus" 54. "Un manteau de 30.000 francs" 55. "La chausse au condor" 56. "Paysages de l'Amérique du Sud" 57. "Antiquités péruviennes" 58. "Chasse aux guanacos au Chili" 59. "La pêche du poulpe" 60. "Patago" 61. "L'or et les diamants des manuscrits" 62. "Geoffroy Saint-Hilaire" 63. "Ce qui advient de la chevelure d'Inez de Castro" 64. "Chili. La Piedra" 65. "Séville" 66. "Si l'Amérique n'a pas été connue, dès les temps les plus anciens, par les Tchouktchis asiatiques" 67. "Teocalli de Xochicalco (Mexique)" 68. "Danses américaines" 69. "Découverte de la Cochinchine"

	70. "Divinité du Yucatán" 71. "Les temps Mormon" 72. "Chimlancata" 73. "Les bords du Gapeau" 74. "Les Koras. Industrie des Cafres et des Hottentots" 75. "La végétation à Tahiti" 76. "Mandeville. Voyageur du XIV. siècle" <i>L'Érudition, bibliothèque universelle</i> 77. "Inez de Castro" <i>Panthéon des femmes, musée illustré</i> 78. "Destinées de la femme chez quelques peuplades de l'Amérique" <i>Revue orientale et américaine</i> 79. "Les émeraudes et leur culte en Amérique"
1860	<i>Le Tour du Monde</i> 1. "Les îles Andamans, Océan Indien. D'après des documents nouveaux" 2. "Voyage de D. Giovanni Mastaï (aujourd'hui S. S. le pape Pio IX) dans l'Amérique du Sud (de Gênes à Santiago) (1823-1824) " 3. "Aventures et malheurs de la señora Libarona dans le Granc-Chaco (Amérique méridionale. 1840-1841)" <i>Le Magasin Pittoresque</i> 4. "Une forêt catinga au Brésil" 5. "Cuzco ancien et moderne" 6. "Les Corte-Real et la terre de Labrador" 7. "Campos du Brésil" 8. "La ville du Grand-lac-salé" 9. "Forêt vierge. Entre Matura et Jundicaura, sur les bords de l'Amazone (missions de l'Amazone)" 10. "L'Histoire naturelle générale" 11. "Cata-Branca et la province de Minas Gerais (Brésil)" 12. "Arbres gigantesques du Brésil, contemporains d'Homère" 13. "Maison du temps de Fernand Cortez et, selon une tradition, habitée par lui" 14. "El Saman ou Zamang de Güere, arbre géant du Venezuela" 15. "Le Sucuruyu, boa du Brésil" 16. "Les Olas" 17. "La Cathédrale de Mexico et son Sagrario" 18. "Mafra (Portugal)" 19. "L'Archipel des Açores" 20. "Ruines et cimetière de Tlalmanalco (Mexique)" 21. "Mendiants japonais" 22. "Le trésor de Guarrazar" 23. "Trois pages de l'histoire des Aztèques tirés des manuscrits mexicains" 24. "La rue de Sainte-Isabelle à Mexico" 25. "La maison des Mascarons à Mexico" 26. "Le cyprès de Cortez" 27. "Le Cloître du couvent de la Merced (Mexique) "

	28. "Alphonse le savant" 29. "De la reliure au XIe. siècle. Bas-reliefs du psautier de Charles-le-Chauve" 30. "Marguerite Roberval" 31. "La pierre du calendrier mexicain" 32. "Les animaux domestiques" 33. "Tetzcuco (Mexique)" 34. "L'almanach du sier Morgard" 35. "Le Marimba" 36. "Façade du monastère de Belém (Portugal)" 37. "Les Araucaniens (Amérique du Sud)" 38. "Les olas de l'Inde. Mode d'écriture des Hindous" 39. "Le tatouage et les colorations artificielles de la peau" 40. "Histoire de serpents" 41. "Le couvent d'Alcobaça" 42. "Dans quelles circonstances fut composé le roman don Quichotte" 43. "Musée de Mexico" 44. "Bolivar" 45. "La route des Incas" 46. "Coimbre (Portugal)" 47. "Colomb et Améric Vespuce" 48. "Mexique. L'aqueduc de Chapultepec" 49. "La Vera Cruz" 50. "La Pêche aux cauris au treizième siècle" 51. "John de Mandeville, voyageur anglais du quatorzième siècle" 52. "Les divinités de Saint-Domingues et de l'île de Cuba" 53. "Les merveilleuses histoires de Mandeville, de Marc Pol et de frère Odric" 54. "Amérique centrale. République de Guatemala" 55. "Un monstre fantastique. Le Minhocam" 56. "L'oiseau mouche" 57. "Le briquet de bois des sauvages" 58. "Le palmier carnauba" 59. "Les ruines de Mitla" 60. "Gil Vincente. L'ancienne école d'orfèvrerie portugaise" 61. "La haute fortune d'une dame de la halle. Histoire véritable du XVIIe. Siècle" 62. "Une dédicace fraternelle" 63. "Les Palmiers, leur véritable aspect dans le paysage" 64. "Quelques mots sur le Coucou indicateur" <i>Almanach du Magasin Pittoresque</i> 65. "Ponts de liane et ponts suspendus" <i>Annuaire du bibliophile, du bibliothécaire et de l'archiviste pour l'année 1861</i> 66. "La bibliothèque d'Évora" <i>Revue orientale et américaine</i> 67. "Paléographie mexicaine. Documents publiés par M. Ramirez de Mexico"
1870	<i>Le Magasin Pittoresque</i> 1. "Première apparition des Français aux Indes orientales en 1527" 2. "La maison de Medrano, histoire d'une nouvelle édition du Don Quichotte"

3. "Les ruines d'Ang-Kor-Vat"
4. "Une broderie historique à Malacca aux dix-septième siècle. André Furtado de Mendonça. Le pirate Cunhale. La défense de Malacca. Ce qu'est aujourd'hui cette ville. Le chirurgien Jean Mocquet. Mort de Furtado"
5. "Le routier de Castro"
6. "Le Christ de la cathédrale de Léon"
7. "Le monument à Colomb"
8. "Comment naquit la pensée de Colomb"
9. "Jean Cabot"
10. "Les maîtres écrivains"
11. "Sébastien Cabot"
12. "Comment on vint des Indes en Portugal dans l'espace de trois mois (1528)"
13. "Orfèvrerie espagnole. Le Christ de la cathédrale de León"
14. "Miroirs magiques et astrologiques"
15. "Jean de Arfé y Villafañe, statuaire orfèvre, graveur et métallurgiste espagnol"
16. "La légende d'Adamastor, épisode des Lusiades"
17. "Pierre Poivre"
18. "Les miroirs constellés"
19. "Anneaux magiques"
20. "Une broderie historique exécutée à Malacca"
21. "Premiers chevaux en Amérique"
22. "Calice en vermeil de la chapelle du palais d'Ajuda (Portugal) "
23. "Les ennemis des livres. Comment l'amour de la botanique est parfois funeste au beaux livres"
24. "Deux carrosses portugais"
25. "Clarière dans les terres chaudes sur la côte ferme d'Amérique. Le lazo. Combats entre jarocho. Les lazo sauveteur"
26. "La chique et ses nouveaux historiens"
27. "Commerson"
28. "La fleuve Amour et ses curiosités ethnographiques"
29. "Ancienneté en France du nom de la Californie"
30. "La grande chasse au miroir. Un tigre pris au trébuchet"
31. "Gérard Mercator, cosmographe"
32. "Ghislain de Busbecq"
33. "Sifflets péruviens"
34. "Les ennemis des livres. Les Priseurs. Les Fumeurs. Ceux qui déjeunent dans précaution. Les Faiseurs de cornes"
35. "Les ennemis des livres. Les coupeurs de livres inattentifs. Les ravages de l'index. Sort misérable des couteaux à papier"
36. "Ascension du Popocatepetl, en l'an 1522, à la recherche du soufre, racontée par l'historien Herrera"
37. "Armes des Ashantis. Côte occidentale d'Afrique"
38. "Les ennemis des livres. Les écoliers enlumineurs. Ce que peut causer de dommages pécuniaires une boîte à couleurs de cinquante centimes. Les marques de libraires coloriés. Une manie de Henri III"
39. "L'âge de pierre aux temps modernes"
40. "Le singe du père Cabasson"

	41. "Les fourmis du Brésil" 42. "Le Guarana, le Uassahi et le Bacaba" 43. "De la pierre des Amazones et de divers autres pierres merveilleuses" 44. "La moustache de Juan de Castro" 45. "Barthélémy de Lesseps. Sa traversée de la Sibérie" 46. "Don Alonso de Ercilla y Zuniga. Auteur du poème l'Araucana (seizième siècle)" 47. "La cathédrale de Burgos" 48. "Les ennemis des livres. Histoire naturelle des ennemis des livres. Leur constitution. Leurs ravages. Les moyens de s'en préserver" 49. "La légende de Saint-Brandan" 50. "Isabelle" 51. "La caverne enchantée de Tolède" 52. "Cartas de India" 53. "Le lait d'arbre" 54. "Jean Ango" 55. "Les ennemis des livres. Le gros in-folio de la salle à manger" 56. "Aventures des restes de Christophe Colomb" <i>Bulletin de la Société de Géographie</i> 57. "Note sur <i>Navigation intérieure du Brésil</i>, par E. J. Moraes" 58. "Première exploration de la Mer Rouge par les Français" 59. "Notes sur les peintures d'une carte remarquable" <i>Le Bibliographe musical</i> 60. "Les Yaravis ou Tristes" 61. "Les Yaravis du Pérou" <i>Journal Officiel de la République française</i> 62. "Rapport sur les collections scandinaves de la Bibliothèque Sainte-Geneviève" <i>Revue de la Philologie et d'Ethnographie Bibliographie américaine</i> 63. "Ensaio de Antropologia. Região [sic] e raças selvagens do Brasil. Memória onde se estuda o homem indígena, pelo Dr. Couto de Magalhães. Rio de Janeiro, 1871, in-8o." 64. "Arte plumaria. Les plumes, leur valeur et leur emploi dans les arts au Mexique, au Pérou, au Brésil, dans les Indes et dans l'Océanie" <i>L'intermédiaire des chercheurs et curieux</i> 65. "Note sur l'infant don Gabriel" <i>Compte rendu de la seconde session du Congrès international des Américaniste. Luxembourg (1877)</i> 66. "La Bibliothèque Nationale de Rio de Janeiro (1878)"
1880	<i>Le Magasin Pittoresque</i> 1. "La célèbre chêne de Guernica (Espagne)" 2. "Le Commandeur Mossen Pedro Margarite et deux Tourterelles" 3. "Le syllabaire illustré de Jean de Barros. La Cartinha de 1539" 4. "Les découpures en sois de Jeanne Koerten-Block"

	5. “Une école primaire à Lisbonne, au seizième siècle” 6. “Charles-Quint. Homme de Lettres” 7. “Rareté des premières noix de cocotier vendues à Paris” 8. “Charles V. Homme de Lettres” 9. “Un voyage en Portugal. Au seizième siècle” 10. “Une Légende de la création du premier homme” 11. “Jean Thévenot. La fête des métiers célébrée à Alep en l'année 1664” 12. “Amérique Ancienne. Civilisation de Scyrs. Le siège de Manabi exposé au Muséum ethnographique du Trocadéro” 13. “Carlo Bertinazzi” 14. “Le Trésor du Sultan aux seizième et dix-septième siècles” 15. “La coupe d'Atahualpa” <i>Bulletin du Bibliophile</i> 16. “La Bibliothèque Nationale de Rio de Janeiro” 17. “La première imprimerie américaine” (com o barão Ernouf) 18. “À propos d'un livre introuvabl” <i>Circulo Camoneano (Porto)</i> 19. “Camoens”

1.2. Obras escritas, organizadas ou traduzidas por Denis⁴

DÉCADE	EDITORA E TÍTULO
1820	Auguste Nepveu: 1. <i>Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume</i> (com H. Taunay) (1821-1822). Coleção “Mœurs et usages, arts et métiers de tous les peuples” * outras edições: New York (1982) 2. <i>La Guyane, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume</i> (1823). Coleção “Mœurs et usages, arts et métiers de tous les peuples” * outras edições: Pesth (1824), Leipzig (1829) 3. <i>Buenos-Aires et le Paraguay, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume</i> (1823). Coleção “Mœurs et usages, arts et métiers de tous les peuples” 4. <i>Notice historique et explicative du Panorama de Rio de Janeiro</i> (com H. Taunay) (1824) Ladvoat: 5. <i>Chefs-d’œuvre du Théâtre portugais: Inez de Castro, de J. B. Gomes; La conquête du Pérou et le caractère des Lusitaniens, de Manuel P. de Aguiar, et La vie de Don Quichotte, de Antonio Jozé</i>. Coleção “Chefs-d’œuvre du théâtre portugais” (1823) Imprimerie de Marchand du Breuil: 6. <i>Camoens et Joze Indio</i> (1823) Louis Janet: 7. <i>Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie, suivies de Camoens et Joze Indio</i> (1824) Lecointe & Durey: 8. <i>Résumé de l’histoire du Brésil, suivi du résumé de l’histoire de la Guyane</i> (1825) * outras edições: Paris (1825, 1832, 1848); Bruxelas (1827); Dresden (1829); Rio de Janeiro (1831, 1834, 1855 - 4a. edição); 9. <i>Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil</i> (1826) * outras edições: Paris (1826, 1826, 1832, 2003); Porto Alegre (1968 – tradução de Guilhermino César, somente da parte relativa ao Brasil); Rio de Janeiro (2018 – tradução de Regina Zilbermann, de ambas as partes) 10. <i>Résumé de l’histoire de Buenos-Ayres, du Paraguay et des provinces de la Plata, suivi du Résumé de l’histoire du Chili</i> (1827) Firmin Didot: 11. <i>André le voyageur, histoire d’un marin</i> (1827)

⁴ Fonte: ORSONI, Georges. I. Ferdinand Denis, bibliographie générale. Avril 2019. Disponível em <<https://franc-dire.fr/wp-content/uploads/2019/05/I-F.-Denis-Bibliographie.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2020; ROUANET, Op. cit.; DIAS, Cícero. *Catalogue du Fonds Ferdinand Denis*. Bibliothèque Sainte-Geneviève/Institut français des Hautes Études brésiliennes. Paris: 1871.

	* outras edições: Paris (1827, 1829, 1840 – 4a. edição, no mesmo volume de <i>Le Brahme voyageur</i>) Charles Gosselin: 12. <i>Ismaël ben Kaïzar, ou la découverte du Nouveau Monde, roman historique</i> (1829) * outras edições: Paris (1829)
1830	Bureau de l'Encyclopédie portative: 13. <i>Tableau historique, analytique et critique des Sciences occultes, où l'on examine l'origine, le développement, l'influence et le caractère de la Divination, de l'Astrologie, des Oracles, des Augures, de la Kabbale, la Féerie, la Magie, la Sorcellerie, la Démonologie, la Philosophie hermétique, les Phénomènes merveilleux, etc....</i> (1830). Coleção “Encyclopédie Portative”, org. por Bailly de Merlieux * outras edições: Paris (1830, 1842); Milão (1832) Bibliothèque populaire: 14. <i>Le Brahme voyageur, ou la sagesse populaire de toutes les nations</i> (1832). Coleção “Bibliothèque populaire” – obra ganhadora do prêmio Montyon, concedido pela Academia Francesa de Letras (09/08/1833) * outras edições: Paris (1834, 1834 – com o artigo “Essai sur la philosophie de Sancho Pança” –, 1840 – no mesmo volume de <i>André, le voyageur</i> –, 1853 – 5a. edição, seguido de <i>Les femmes américaines</i> –, 1873); Valencia (1837); Bruxelas (1842, 1843); Buenos Aires (1849) 15. <i>Histoire géographique du Brésil</i> (1833). Coleção “Bibliothèque populaire” * outras edições: Paris (1833, 1834, 1834, 1835) Louis Janet: 16. <i>Les Navigateurs, ou choix de voyages anciens et modernes, recueillis par M. F. Denis</i> (1833) * outras edições: aparentemente foi traduzido para o alemão Luiz Gaspar y Pelez (Saragoça): 17. <i>Macias l'Enamorado ou l'Amour et Destinée</i> (1834) H. Fournier: 18. <i>Vieux voyageurs français: Yves d'Évreux</i> (1836) Delloye: 19. <i>Inez de Castro, tragédie en cinq actes d'Antonio Ferrera, notice et traduction de Ferdinand Denis</i> (1835) 20. <i>Le Jaloux, tragédie en cinq actes du docteur Antonio Ferreira, notice et traduction de Ferdinand Denis</i> (1835) Charles Gosselin: 21. <i>Luiz de Souza. Roman</i> (1835) * outras edições: São Petersburgo (1836) Firmin Didot: 22. <i>Brésil, suivi de la Guyane, par M. César Famin</i> (1837) * outras edições: Paris (1838, 1839, 1846, 1863); Stuttgart (1838); Veneza (1838); Lisboa (1844, 1845); Rio de Janeiro (1906); Salvador (1955); São Paulo (1980)

	J. Angé: 23. <i>Fondation de la régence d'Alger: histoire des Barberousse</i>, com Sander-Rang (1837) * outras edições: Paris (1837, 2010); Tunísia (1984) Ledoyen: 24. <i>Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal, suivies du Tisserand de Ségovie, dame du XVIIe. siècle de Ruiz de Alárcon</i> (1839) * outras edições: Paris e Leipzig (1839, 1840, 1841)
1840	Charles Gosselin: 25. <i>Camoens et ses contemporains</i> (1841) A. Fournier: 26. <i>Le Monde enchanté, cosmographie et histoire naturelle fantastique du Moyen-Âge</i> (1843) * outras edições: Nova Iorque (1965) Firmin Didot: 27. <i>Portugal</i> (1846). Coleção “L’Univers, histoire et descriptions de tous les peuples” * outras edições: Paris (1846); Lisboa (1846-1847); Veneza (1850); Barcelona (1845, 1850) Laurent (Toulouse): 28. <i>Le génie de la navigation, statue en bronze exécutée par M. Daumas pour la ville de Toulon</i> (1847)
1850	J. Techener: 1. <i>Une Fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550, suivie d’un fragment du XVIe. siècle, roulant sur la théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies en langue tupique de Cristóvão Valente</i> (1850) * outras edições: Paris? (1990), Rio de Janeiro (1944, 2011), Upper Saddle River (1968) Imprimerie de Dubuisson: 2. <i>Portraits de Christophe Colomb</i> (com Feuillet de Conches) (1856) L. Curmer: 3. <i>Histoire de l’ornementation des manuscrits</i> (1857) * outras edições: Paris (1860, 1880) Roret: 4. <i>Nouveau manuel de bibliographie universelle suivi du Catalogue des éditions de Roret, des Collections typographiques et du Catalogue des bibliothèques particulières qui ont eu quelque célébrité</i> (com P. Pinçon e de Martonne) (1857) * outras edições: Paris (1857)
1860	Firmin Didot: 1. <i>Fernand de Magellan</i> (1860) Librairie du Magasin Pittoresque: 2. <i>Les vrais Robinsons. Naufrages, solitudes, voyages</i> (com Victor Chauvin) (1862) * outras edições: Paris (1863, 1863?, 1900, 1978), Leiden (1864), Londres

	(1870) Librairie A. Franck: 3. <i>Voyage dans le nord du Brésil durant les années 1613 e 1614, par le P. Yves d'Évreux, d'après l'exemplaire unique conservé à la Bibliothèque impériale de Paris</i> (1864) * outras edições: Maranhão (1874), Rio de Janeiro (1929, 2009), Kiel (2012, 2014) L. Curmer: 4. <i>Peintures des manuscrits</i> (1864)
1870	Ernest Leroux: 1. <i>Arte plumaria. Les plumes, leur valeur et leur emploi dans les arts au Mexique, au Pérou, au Brésil, dans les Indes et dans l'Océanie</i> (1875) Jules Tremblay: 2. <i>Quelques mots sur la deuxième édition de l'História geral du Brasil du vicomte de Porto Seguro</i> (1877) 3. <i>Rapport sur quelques ouvrages de linguistique brésilienne publiés en ces derniers temps</i> (1877)
1880	Imprimerie de la Nouvelle Association Ouvrière: 1. <i>Les voyages du Dr. Lacerda dans l'Afrique orientale</i> (1882)

1.3. Colaboração de Denis em obras escritas, organizadas ou traduzidas por outras pessoas⁵

DÉCADE	EDITORA E TÍTULO
1820	Roy et Gravier: 1. “Introduction au tableau des langues de la région guarani brésilien”, no <i>Atlas ethnographique du globe ou classification des peuples anciens et modernes, d’après leurs langues</i> (1826), de Aldrien Balbi Urbain Canel: 2. “Le palmier”, em <i>Annales romantiques, recueil de morceaux choisis de littérature contemporaine</i> (1826) Jules Renouard: 3. “Littérature portugaise et brésilienne depuis son origine jusqu’à nos jours” e “Littérature espagnole en Europe et en Amérique depuis son origine jusqu’à nos jours”, no <i>Atlas historique et chronologique des littératures anciennes et modernes, des sciences et des beaux-arts, d’après la méthode et sur le plan d’atlas de A. Lesage (comte de Las Cases)</i> (1826-1828), organizado por Adrien Jarry de Mancy * outras edições: 1831-1835
1830	Louis Janet: 1. “Macias l’Enamorado”, no <i>Album littéraire: recueil de morceaux choisis</i> (1830) 2. “Prière”, no <i>Nouveau Keepsake français ou souvenir de Littérature contemporaine</i> (1834) Giraldon-Bovinet et Cie (Paris), Whittaker Treacher and Comp. (Londres): 3. “Christophe Colomb devant des docteurs des Salamanque”, no <i>Keepsake français ou souvenir de littérature contemporaine</i> (1831) * outras edições: Paris (1832, 1833) Librairie encyclopédique de Roret: 4. “Des manuscrits à miniatures de l’Orient et du Moyen-âge et des voyages à figures considérés dans leurs rapports avec la peinture moderne”, no <i>Manuel du peintre et du sculpteur</i> (1833), de L. C. Arsenne. “Coleção desManuels Roret” * outras edições: Paris (1838, 1986) Bureau de La Péninsule: 5. “À mon papier”, “Le naufrage de Sepuvela, poème portugais, de Corte-Real, comparé aux chroniques de Maffei et de Goulard” e “Comte Alarcos et l’infante Solisa”), todos no primeiro volume da obra <i>La Péninsule, tableau pittoresque de l’Espagne et du Portugal</i> (1835), org. por Madame la duchesse d’Abrantès, MM. Alexandre de Laborde, Charles Nodier, etc.

⁵ Fonte: ORSONI, Georges. I. Ferdinand Denis, bibliographie générale. Avril 2019. Disponível em <<https://franc-dire.fr/wp-content/uploads/2019/05/I-F.-Denis-Bibliographie.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2020; ROUANET, Op. cit.; DIAS, Op. cit., 1871.

	Guérin: 6. “Inez de Castro” e “Le Jaloux”, na obra <i>Théâtre Européens, nouvelles collection des chefs d’œuvre des théâtres allemand, anglais, espagnol, etc., avec des notices et des notes historiques, biographiques et critiques</i> (1835) Impr. de Ducassois: 7. “Le Carnaval - traité historique, critique et symbolique”, na obra <i>Le Carnaval: histoire des bals de l’opéra, tableau des fêtes, travestissements, mascarades et carrousels qui ont lieu chez toutes les nations depuis leur origine jusqu’à nos jours</i> (1835) Abel Leroux: 8. “Notice sur Stanislas Marie César Famin”, no <i>Musée royale de Naples: peintures, bronzes et statues érotiques du cabinet secret avec leur explication</i>, de César Famin (1836) Francisque Borel et Alexandre Varenne Paris 9. “Notice sur le matelot Silkirk, sur Saint-Hyacinthe, sur l’île de Juan-Fernandez, sur les Caraïbes et les Puelches”, na tradução de <i>Robinson Crusoé</i>, realizada por Petrus Borel (1836) * outras edições: Paris (1845 – na tradução de Mme. Tastu –, 1860, 1890, 1961) Bureaux de l’Encyclopédie: 10. “Voyages”, na <i>Encyclopédie du XIXe. siècle: répertoire universel des sciences, des lettres et des arts, avec la biographie de tous les hommes célèbres</i> (1837) * outras edições: Paris (1843-1859, 1870-1872) Parents-Desbarres: 11. “Notice sur Alava”, no tomo I da <i>Encyclopédie catholique: répertoire universel et raisonné des sciences, des lettres, des arts et des métiers</i> (1839), organizada por Parent-Desbarres
1840	Charles Gosselin: 1. “Notice historique et critique sur Camoens et ses contemporains”, na obra <i>Les Lusiades, traduction nouvelle par MM. Ortaire, Fournier et Desaulles, revue, annotée et suivie de la traduction d’un choix des poésies diverses par Ferdinand Denis</i> (1841) * outras edições: Barcelona (1874) Paulin: 2. “Essai sur la philosophie de Sancho Pança”, na obra <i>Le livre des proverbes français, de Leroux de Lincy</i> (1842) * outras edições: Paris (1842, 1996) Ledoyen: 3. “Notice biographique et littéraire”, na obra <i>Poésies de Maître Adam Billaut, menuisier de Nevers</i> (1842) Guillaumin: 4. “Influence des découvertes des Portugais sur les connaissances scientifiques et littéraires relatives à l’Inde”, no <i>Annuaire des voyages et de la géographie, par une réunion de géographes et de voyageurs sous la</i>

	<i>direction de M Frédéric Lacroix (1844)</i> P. Pinçon: 5. “Note complémentaire à la description des ouvrages de la Bibliothèque Sainte-Geneviève”, na <i>Histoire de la Bibliothèque Sainte-Geneviève</i> (1847), de Alfred de Bougy Firmin Didot: 6. “Les Californies, l’Oregon, et les possessions russes en Amérique. Les îles Noutka et de la reine Charlott”, na <i>Histoire des Antilles et des colonies françaises, espagnoles, anglaises, danoises et suédoises...</i>, Élias Regnault e Jules Labaume, <i>Possessions anglaises dans l’Amérique du Nord, Canada, Nouveau Brunswick Nouvelle Écosse, Acadie</i>, Frédéric Lacroix (1849). Coleção “L’Univers”
1850	Pagani (Milão): 5. “Nota bibliografica commentata delle principale opere da consultarsi sulle regioni inaffiate del rio delle Amazzoni”, na obra <i>Esplorazione delle regione equatoriali lungo il Napo ed il fiume delle Amazzoni: frammento di un viaggio fatto delle due Americhe negli anni 1846-1848</i>, de Gaetano Osculati (1850) * outras edições: Milão (1854) Ch. Guillaumin: 6. “Lettre sur l’introduction du tabac en France (juillet 1847)”, em <i>Études économiques sur l’Amérique méridionale. Du tabac au Paraguay</i>, de Alfred Dermsay (1851) F. Seré: 7. “Sciences occultes”, no tomo IV da obra <i>Le Moyen Âge et la Renaissance, histoire et description, sous la direction littéraire de M. Paul Lacroix</i> (1851) Firmin Didot: 8. <i>Nouvelle biographie: depuis les temps les plus reculés jusqu’à nos jours avec les renseignements bibliographiques et l’indication des sources à consulter, sous la direction de M. le Dr. Hoefer</i> (1853-1866) – colaboração com dezenas de verbetes, principalmente sobre o Brasil, Portugal e a Espanha Gustave Sandré: 9. “Préfaces et notes au Voyage” e “Mme. Godin des Odonais”, para a obra <i>Voyage dans les forêts de la Guyane, par le baron Pierre Victor Malouet, ancien ministre de la Marine</i>. Coleção “Bibliothèque Diamant” (1853) * outras edições: Paris (1853), Louisville (1979) Bureaux du Magasin Pittoresque: 10. “Notices sur Vasco da Gama, Magellan et Cortez”, no terceiro tomo de <i>Voyageurs anciens et modernes ou choix des relations de voyages les plus intéressantes et les plus instructives, depuis le cinquième siècle avant Jésus-Christ, jusqu’au dix-neuvième siècle...</i>, de Édouard Charton (1854-1856) * Paris (1863 – em espanhol –, 1966, 1982)

	Bureau du Plutarque Provençale (Marseille): 11. “Famin”, no tomo II da obra <i>Le Plutarque provençal. Vie des hommes et des femmes illustres de la Provence ancienne et moderne</i>, de Alexandre Gueidon (1857) A. Durand: 12. “Notes sur les traités de paix chez les peuples sauvages”, na obra <i>Études historiques sur les traités publics chez les Grecs et chez les Romains: depuis les temps les plus anciens jusqu’aux premiers siècles de l’ère chrétienne</i>, de Émile Egger (1858) * outras edições: Paris (1860) L. Cumer: 13. “Histoire de l’ornementation des manuscrits. Catalogue bibliographique indiquant les manuscrits reproduits dans l’Imitation et les imprimés cités dans l’Histoire de l’ornementation. Index des Manuscrits”, no <i>Appendice à l’imitation de Jésus-Christ</i> (1856-1858) * outras edições: Paris (1860) B. Charles Mathieu: 14. “Notice historique et texte explicatif”, em <i>Livre de prières, illustré à l’aide des ornements des manuscrits classés dans l’ordre chronologique et selon les styles divers qui se sont succédé depuis le huitième siècle jusqu’au seizième</i>”, de B. Charles Mathieu (1858) * outras edições: Paris (1862, 1862, 1867, 1867, 1889)
1860	Firmin Didot: 1. <i>Nouvelle biographie: depuis les temps les plus reculés jusqu’à nos jours avec les renseignements bibliographiques et l’indication des sources à consulter, sous la direction de M. le Dr. Hoefer</i> (1853-1866) – colaboração com dezenas de verbetes, principalmente sobre o Brasil, Portugal e a Espanha Guillaumin et Cie.: 2. “La Légende du Cacahuatl: lettre à M. Louis Pâris sur les préparations du cacao au temps des anciens Mexicains”, na obra <i>Le cacao et le chocolat considérés aux points de vue botanique, chimique, physiologique, agricole, commercial, industriel et économique</i>, de Arthur Mangin (1860) * outras edições: Paris (1862) Gide: 3. “Antiquités américaines”, na obra <i>Cités et ruines américaines, Mitla, Uxmal Palenque, Izamal, Chichen-Itza recueillies et photographiées</i>, de Désiré Charnay (1862) Léon Curmer: 4. “Notice sur Jehan Fouquet et sa famille. Protection accordée par la cour de France à cet éminent artiste”, no <i>Appendice aux Évangiles des dimanches et fêtes, suivis de prières à la Sainte Vierge et aux Saints</i> (1862-1864) Dupray de la Mahèrie: 5. “Les vrais Robinsons”, na obra <i>Guignol, livre de la jeunesse</i>, de Alfred des Essarts (1863)

	Librairie du Magasin Pittoresque: 6. “Comment les serpents d’Amérique touent les bœufs”, na obra <i>Lectures de famille choisies dans la collection du Magasin pittoresque</i>, de Édouard Charton (1866) * outras edições: Paris (1872) J. Techener: 7. “Notice sur l’auteur”, na tradução de <i>O Hyssope (le Goupillon)</i>, poème héroï-comique d’Antonio Diniz, feita por J. Fr. Boissonade (1867) Guérin et cie.: “Notices et notes”, para a obra <i>Alexander von Humboldt. Correspondance inédite et littéraire, recueillie et publiée par M. de la Roquette; suivie de la Biographie des principaux correspondants de Humboldt et des notes...</i> (1869)
1870	Macia et Cie.: 1. “De la peinture des manuscrits en Portugal et Description d’un poème français du XVIe. siècle, orné de belles miniatures, exécutées vers l’année 1559, et représentant des Brésiliens”, no <i>Missel pontifical de Estevam Gonçalves Netto</i> (1876-1879) * outras edições: Portugal (1876-1879), Paris (1882)
1880	-

1.4. Obras enviadas por Denis a brasileiros

DESTINATÁRIO	AUTOR	OBRA
D. Pedro II	Ferdinand Denis	<i>Portugal</i> (1846) ⁶
		<i>Arte Plumaria</i> (1875) ⁷
	Pierre du Jarric	<i>Histoire des choses les plus memorables advenues tants en Indie Orientales que autres pays de la decouverte des Portugais</i> (1610-1614) ⁸
	Charles-Henri Burtin	“Mémoire sur le Brésil” (1878) ⁹
	Manuel Colmeiro	<i>Los restos de Colon, informe de la real Academia de la historia al gobierno de Su Majestad sobre el supuesto hallazgo de los verdaderos restos de Christobal Colon en la iglesia catedral de Santo Domingo</i> (1879) ¹⁰
	Charles Eugène de Ujfalvy de Mezó-Kövesd	<i>Étude comparée des langues Ougro-Finnoises</i> (1875) ¹¹
		<i>Les migrations des peuples et particulièrement celles des Touraniens</i> (1873) ¹²
	Eugène Cortambert	Dois volumes cujos títulos não foram mencionados ¹³
	Nicolas Durance de Villegaignon (edição de Henry de Grammont)	<i>Relation de l'expédition de Charles Quint contre Alger par Nicolas Durand de Villegaignon suivie de la traduction du texte latin par Pierre Tolet</i> (1874) ¹⁴
	(Edição de Charles Leclerc)	<i>Bibliotheca Americana. Catalogue raisonné d'une très-</i>

⁶ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/11/1846. 1 doc. 1 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 109 – Doc. 5366.

⁷ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 19/04/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0030, 0031 e 0032.

⁸ Idem. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 19/03/1879. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 181 – Doc. 8258 [d03].

⁹ D. PEDRO II. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 24/05/1878. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 58-60). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n117/mode/2up>. Acesso em 02 mar. 2020.

¹⁰ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 19/03/1879. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 181 – Doc. 8258 [d03].

¹¹ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 09/03/1875. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0017, 0018 e 0019.

¹² Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/07/1875. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0020, 0021 e 0022.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/09/1875. 1 doc. 3 IHGB, DL712.26-0023, 0024 e 0025.

		<i>précieuse collection de livres anciens et modernes sur l'Amérique et les Philippines</i> ¹⁵
	Lucien Dubois	<i>Le Pôle et l'Équateur: l'Afrique centrale</i> (1877) ¹⁶
	Charles Wiener	Não informado ¹⁷
	Emmanuel Bertrand Bocandé	Extrait d'une lettre de M. Bertrand Bocandé, résident français à Karabanne (Cazamance) à M. Ferdinand Denis le 2 février 1851 ¹⁸
	Laureano de la Cruz (edição de Marcellino de Civezza)	<i>Descubrimiento del Rio de Marañón llamado de las Amazonas, hecho por la religion de San Francisco, Relacion escrita por el Padre Fr. Laureano de la Cruz de la observante provincia de Quito. Ano de 1651</i> (1878) ¹⁹
	Ernest Carel	<i>Vieira, sa vie et ses œuvres</i> (1879) ²⁰
	Ernest David	<i>Les Opéras du Juif António José da Silva</i> (1705-1739) (1880) ²¹
	Raoul de Navery (Eugène-Caroline Saffray)	<i>Les voyages de Camoens</i> (1880) ²²
	Bernardino Sahagún (tradução de Denis Journet e Rémi Siméon)	<i>Histoire générale des choses de la Nouvelle-Espagne, traduit de l'espagnol par D. Jourdanet et R. Siméon</i> (1880) ²³
	Jules Ernest Crevaux	"Voyage d'exploration dans l'intérieur des Guyanes. 1876-1877" (1878-1879) ²⁴
	Frédéric Houtman (traduzida do holandês por Aristide)	<i>Catalogue des étoiles circumpolaires australes</i>

¹⁵ Idem. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 05/12/1878. 1 doc. 3 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 179 – Doc. 8208 [d01].

¹⁶ Idem. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 15/01/1878. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 179 – Doc. 8208 [d02].

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/10/1878. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0071, 0072 e 0073.

¹⁹ Idem. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 17/05/1879. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 181 – Doc. 8258 [d01].

²⁰ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14 e 15/07/1879. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0081, 0082 e 0083.

²¹ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/01/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0087 e 0088.

²² Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/08/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0096 e 0097.

²³ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/05/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0103 e 0105.

²⁴ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 18/08/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0112 e 0113.

	Marre)	<i>observées dans l'île de Sumatra</i> ²⁵
Ramiz Galvão	Ferdinand Denis	<i>Arte Plumaria</i> (1875) ²⁶
		<i>Génie de la Navigation</i> (1847) ²⁷
		Dois ou três volumes de <i>Rapport sur quelques ouvrages de linguistique brésilienne publiés en ces derniers temps</i> ²⁸
	Não revelado	Dois opúsculos cujos títulos não foram revelados ²⁹
	Eugène Cortambert	Não mencionado ³⁰
	Lucien Dubois	<i>Le Pôle et l'Équateur: l'Afrique centrale</i> (1877) ³¹
	Charles Leclerc	<i>Bibliotheca Americana</i> ³²
	Laureano de la Cruz (edição de Marcellino de Civezza)	<i>Descubrimiento del Rio de Marañón llamado de las Amazonas, hecho por la religion de San Francisco, Relacion escrita por el Padre Fr. Laureano de la Cruz de la observante provincia de Quito. Ano de 1651</i> (1878) ³³
	Mr. Ruel (bibliotecário)	"Une petite dissertation sur la <u>musique des Goces</u> " ³⁴
	Vários	O último número do <i>Bulletin du bibliophile et du bibliothécaire</i> ³⁵
	Ernest David	<i>Les Opéras du Juif António José da Silva</i> (1705-1739) (1880) ³⁶
	Raoul de Navery (Eugène-Caroline Saffray)	<i>Les voyages de Camoens</i> (1880) ³⁷

²⁵ Idem. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/06/1882. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 187 – Doc. 8524 [d02].

²⁶ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 27/02/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 12-13). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 02 mar. 2020.

²⁷ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 19/04/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0030, 0031 e 0032.

²⁸ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 26/07/1877. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0056 e 0057.

²⁹ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/03/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0047, 0048 e 0049.

³⁰ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/07/1875. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0020, 0021 e 0022.

³¹ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/08/1878. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0066 e 0067.

³² Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/05/1879. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0079 e 0080.

³³ Idem. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 15/01/1878. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 179 – Doc. 8208 [d02].

³⁴ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14 e 15/07/1879. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0081, 0082 e 0083.

³⁵ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/01/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0087 e 0088.

³⁶ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/03/1879. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0077 e 0078.

³⁷ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/08/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0096 e 0097.

	Andre Thévet (edição de Valentim Dufour)	<i>La grande et excellente cité de Paris</i> (1881) ³⁸
	Nicolas Chuquet (edição de Aristide Marre)	<i>Le Triparty en la science des nombres: publié d'après le manuscrit fonds français n. 1346 de la Bibliothèque nationale de Paris par maistre Nicolas Chuquet Parisien et précédé d'une Notice par M. Aristide Marre</i> (1881) ³⁹
	Bernardino Sahagún (tradução de Denis Journet e Rémi Siméon)	<i>Histoire générale des choses de la Nouvelle-Espagne, traduit de l'espagnol par D. Jourdanet et R. Siméon</i> (1880)
	Georges Beauvisage	Vários exemplares da brochura <i>Contribution à l'étude des origines botaniques de la Gutta-Percha</i> (1881) ⁴⁰
	Jules Ernest Crevaux	"Voyage d'exploration dans l'intérieur des Guyanes. 1876-1877" (1878-1879) ⁴¹
	Não mencionado	"Plusieurs prospectus d'un livre bien important pour nous autres bibliophiles ou bibliographes" ⁴²
	Séraphim de Freitas (tradução de A. Guichon de Grandpont)	<i>Freitas contre Grotius sur la question de la liberté des mers: justification de la domination portugaise en Asie par Séraphin de Freitas</i> (1882) ⁴³
	Alexandre Alberto de Serpa Pinto	Título não mencionado (brochura sobre o matemático, geólogo e astrônomo José de Lacerda e Almeida) ⁴⁴
	Frédéric Houtman (traduzido por Aristide Marre)	<i>Catalogue des étoiles circumpolaires australes observées dans l'île de Sumatra</i> ⁴⁵
Varnhagen	Ferdinand Denis	<i>Arte Plumaria</i> (1875) ⁴⁶

³⁸ Idem. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 17/13/1881. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 185 – Doc. 8445 [d02].

³⁹ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/04/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0101e 0102.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/06/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0118 e 0119.

⁴² Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/12/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0114 e 0115.

⁴³ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/05/1882. 1 doc. 3 p. BNB, BNRJ, Seção de Manuscritos, Mss1233570. Disponível em

<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233570/mss1233570.pdf>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁴⁴ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/06/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0118 e 0119.

⁴⁵ Ibidem

⁴⁶ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 23/02/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 12-13). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 27 fev. 2020.

	Vários autores (incluindo Denis, que assinou o artigo “Regiões [sic] e raças selvagens do Brasil. Memórias onde se estudam o homem indígena (1874), de Couto Magalhães”)	<i>Revue de Philologie</i> ⁴⁷
	Antonio Ruiz de Montoya (edição de Julius Platzmann)	<i>Arte, Bocabulario, Tesoro y Catecismo de la lengua guarani por Antonio Ruiz de Montoya</i> (1876) ⁴⁸
IHGB	Ernest David	<i>Les Opéras du Juif António José da Silva</i> (1705-1739) (1880) ⁴⁹
	Bernardino Sahagún (tradução de Denis Journet e Rémi Siméon)	<i>Histoire générale des choses de la Nouvelle-Espagne, traduit de l'espagnol par D. Jourdanet et R. Siméon</i> (1880) ⁵⁰
Taunay	Ernest David	<i>Les Opéras du Juif António José da Silva</i> (1880) ⁵¹

⁴⁷ Loc. cit.

⁴⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 15/11/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 20-21). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 02 mar. 2020.

⁴⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/02/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0090 e 0091.

⁵⁰ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/05/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0103 e 0105.

⁵¹ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/02/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0090 e 0091.

1.5. Obras recebidas por Denis de brasileiros

AUTOR	OBRA	REMETENTE
José de Alencar	<i>Ubirajara</i> (1860) ⁵²	O autor
Candido Mendes de Almeida	<i>Atlas do império do Brasil, compreendendo as respectivas divisões administrativas, eclesiásticas, eleitorais e judiciárias</i> (1868) ⁵³	Francisco Adolfo de Varnhagen
Antônio José de Araújo	<i>Poesias oferecidas às senhoras brasileiras</i> (1831) ⁵⁴	O autor
José Carlos de Almeida Areias (o barão de Ourém)	<i>Notice sur les institutions de prévoyance au Brésil; communication faite au congrès scientifique universel des institutions de prévoyance lors de la deuxième session quinquennale en 1883</i> (1883) ⁵⁵	O autor
Cônego Januário da Cunha Barbosa (ed.)	<i>Parnaso Brasileiro</i> (1830) ⁵⁶	?
Beaurepaire-Rohan	“alguns pequenos escritos, “incluindo dois relatórios” escritos por ele “como presidente das províncias do Paraná, Pará e Paraíba do Norte” ⁵⁷	O autor
Camões	<i>Poesias líricas de Camões</i> (1880) ⁵⁸	Comitê brasileiro da organização da festa do tricentenário da morte do poeta
Francisco Augusto de Paula Carvalho	<i>O Brasil, colonização e emigração: esboço histórico baseado no estudo dos sistemas e vantagens que oferecem os Estados-Unidos</i> (1876) ⁵⁹	O autor
Nísia Floresta	<i>Dedicação d'uma amiga</i> (1850) ⁶⁰	A autora

⁵² Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53704FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁵³ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 13/10/1874. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 8-9). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁵⁴ Fonte: <https://archive.org/details/DELTA53682FA_P1>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁵⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a José Carlos de Almeida Areias]. Paris [França], 25/12/1884. 1 doc. 1 p. IHGB, DL153-16.

⁵⁶ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53620FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁵⁷ BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 25/03/1861. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 29-30). Disponível em <https://ia600401.us.archive.org/32/items/MS3419/BSG_MS3419.pdf>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁵⁸ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53775FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁵⁹ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA54103FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁶⁰ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA536831FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

	<i>A lágrima de um caetê</i> (1849) ⁶¹	
Ramiz Galvão	<i>As Artes gráficas na Exposição Universal de Viena d'Áustria em 1873</i> ⁶²	O autor
	<i>Bibliothecas publicas da Europa: relatorio apresentado ao Ministerio dos Negocios do Imperio em 31 de dezembro de 1874</i> (1875) ⁶³	O autor * via Dr. Motta Maia
Ramiz Galvão (ed.)	Volumes I e II dos <i>Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro</i> ⁶⁴	O editor * via Porquet
	Volume III dos <i>Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro</i> ⁶⁵	
	Volume IV dos <i>Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro</i> ⁶⁶	
	Volume V e VI dos <i>Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro</i> ⁶⁷	
	<i>Catálogo da Exposição de História do Brasil</i> ⁶⁸	
	<i>Alguns Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro</i>	O editor * para Charles Wiener
João Pedro Gay	<i>História da República jesuítica do Paraguai: desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, ano de 1861</i> (1861) ⁶⁹	?
Antonio Henrique Leal	<i>Locubrações: ciências e letras</i> (1874) ⁷⁰	O autor

⁶¹ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53690FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁶² Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53902FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁶³ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/04/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0027, 0028 e 0029.

⁶⁴ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/10/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0039, 0040 e 0041.

⁶⁵ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/05/1877. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0053, 0054 e 0055.

⁶⁶ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/08/1878. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0066 e 0067.

⁶⁷ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/02/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0090 e 0091.

⁶⁸ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/05/1882. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, 1233570. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233570/mss1233570.pdf>. Acesso em 02 mar. 2020.

⁶⁹ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53994FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁷⁰ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53609FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

José Ignacio de Abreu e Lima	<i>Compêndio da história do Brasil</i> ⁷¹	?
Joaquim Manuel de Macedo	<i>Lições de história do Brasil para uso das escolas de instrução primária</i> (1890) ⁷²	?
Gonçalves de Magalhães	<i>A Confederação dos Tamoios</i> (1856) ⁷³	Mordomia da Casa Imperial
José Vieira Couto de Magalhães	<i>O Selvagem</i> ⁷⁴	O autor
Marquês de Maricá	<i>Coleção completa das máximas, pensamentos e reflexões</i> (1843) ⁷⁵	?
	<i>Novas reflexões, máximas e pensamentos</i> (1844) ⁷⁶	
César Augusto Marques (tradutor)	<i>Viagem ao norte do Brasil feita nos annos de 1613 a 1614</i>	O tradutor
César Augusto Marques (autor) ⁷⁷	<i>Dicionário Histórico e Geográfico do Maranhão</i>	O organizador * via Sr. Antonio de Sousa Enes ** um exemplar também para a Sociedade de Geografia de Paris
João Capistrano de Melo	<i>Jocelyn e Laura</i> (1875) ⁷⁸	O autor
	<i>Poesias</i> (1875) ⁷⁹	
	<i>Um episódio</i> (1876) ⁸⁰	
	<i>A transviada</i> (1878) ⁸¹	
	<i>O túmulo</i> (1879) ⁸²	
Nicolas Midosi (ed.)	Volume I da <i>Revista Brasileira</i> ⁸³	Ramiz Galvão
Melo Moraes Filho	<i>Poèmes de l'esclavage et Légendes des Indiens</i> (1884) ⁸⁴	O autor
Eduardo José de Moraes	<i>Navegação interior do Brasil: notícia dos projetos apresentados para a junção de diversas bacias hidrográficas</i>	Drummond de Menezes

⁷¹ Fonte: <https://archive.org/details/DELTA53943_1FA>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁷² Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53945FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁷³ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA474RES>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁷⁴ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA54047FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁷⁵ Fonte: <https://archive.org/details/DELTA53624FA_P1>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁷⁶ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53696FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁷⁷ MARQUES, César Augusto. [Carta a Ferdinand Denis]. São Luís [Brasil], 20/05/1872. 1 doc. 4 p. IEB, Acervo Alberto Lamego, AL-086-039.

⁷⁸ Fonte: <https://archive.org/details/DELTA53682FA_P2>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁷⁹ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53758FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁸⁰ Fonte: <https://archive.org/details/DELTA53682FA_P3>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁸¹ Fonte: <https://archive.org/details/DELTA53682FA_P4>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁸² Fonte: <https://archive.org/details/DELTA53682FA_P6>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁸³ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/09/1879. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0084 e 0085.

⁸⁴ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53670FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

	<i>do Brasil, ou rápido esboço da futura rede geral de suas vias navegáveis</i> (1869) ⁸⁵	
Ladislau Neto	<i>Apontamentos sobre a collecção das plantas economicas do Brasil para a exposição internacional de 1867</i> ⁸⁶	O autor
Ladislau Neto (ed.)	Volume I do <i>Arquivos do Museu Nacional</i> ⁸⁷	Ramiz Galvão
Cônego Fernandes Pinheiro (org.)	Números 21 a 24 da <i>Revista trimestral</i> ⁸⁸	O organizador * via Mr. Durand
São Paio de Rangel	<i>O quadro da Batalha dos Guararapes, seu autor e seus críticos</i> (1880) ⁸⁹	Victor Meirelles de Lima
Francisco Sotero dos Reis (tradutor)	<i>Commentarios de Caio Julio Cesar</i> (1863) ⁹⁰	Henrique Leal
frei Francisco de São Carlos	<i>A assunção: poema composto em honra da Santa Virgem</i> (1819) ⁹¹	?
Guilherme Schüch (barão de Capanema)	“Sur la décomposition des roches du Brésil” ⁹²	O autor
Guilherme Schüch, Baptista Nogueira e João Barbosa Rodrigues	<i>Ensaio de Ciências</i> (1876) ⁹³	Ramiz Galvão
Bruno Seabra	<i>Por direito de Patchouly</i> (1863) ⁹⁴	O autor
Alfredo d’Escragnolle Taunay	<i>La retraite de Laguna: épisode de la guerre du Paraguay</i> (1879) ⁹⁵	?
Francisco Adolfo de Varnhagen	<i>Amerigo Vespucci, son caractère, ses écrits (même les</i>	?

⁸⁵ Fonte: DENIS, Ferdinand. [Carta a Eduardo José de Moraes]. Paris [França], 23/11/1869. 1 doc. 3 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 149 – Doc. 7201.

⁸⁶ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53932FA/page/n4>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁸⁷ Fonte: DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/10/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0039, 0040 e 0041.

⁸⁸ DENIS, Ferdinand. [Carta a Fernandes Pinheiro]. Paris [França], 24/04/1867. 1 doc. 4 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-03,08,040. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233581/mss1233581.pdf>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁸⁹ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53972FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁹⁰ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53594FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁹¹ Fonte: <https://archive.org/details/DELTA53689_1FA>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁹² DENIS, Ferdinand. [Carta a Guilherme Schüch]. Paris [França], 24/08/1866. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, I-DIF-den.c-d01.

⁹³ Idem. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/09/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0036, 0037 e 0038.

⁹⁴ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53759FA>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁹⁵ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA53942FA>>. Acesso em 27 fev. 2020..

	<i>moins authentiques) sa vie et ses navigations</i> (1865) ⁹⁶	
	Diversas publicações, cujos títulos não foram revelados ⁹⁷	O autor * exemplares também para Mr. d' Azevac e Cortambert
	<i>Le premier voyage de Amerigo Vespucci définitivement expliqué dans ses détails</i> ⁹⁸	O autor * exemplares também para Cortambert
	<i>L'origine Touranienne des Américains Tupis-Caraïbes, et des anciens Egyptiens</i> (1876) ⁹⁹	O autor
Francisco Adolfo de Varnhagen (ed.)	<i>Épicos Brasileiros</i> (1845) ¹⁰⁰	O editor
	<i>Florilégio da poesia brasileira, ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil</i> (1850) ¹⁰¹	O editor * via Mr. Cavalcanti
	Prospectus do <i>Tesoro</i> , de Montoya ¹⁰²	O editor
	<i>Tesoro</i> , de Montoya ¹⁰³	O editor * um exemplar para Ufjalvy também
	<i>Cathécisme</i> , de Nicolás Yapuguay ¹⁰⁴	O editor

⁹⁶ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA468FAP1>>. Acesso em 27 fev. 2020; VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 18/11/1874. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 343 (f. 6-7). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁹⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 18/11/1874. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 343 (f. 6-7). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁹⁸ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA468FAP1/page/n13>>. Acesso em 27 fev. 2020.

⁹⁹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 23/02/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 12-13). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 27 fev. 2020.

¹⁰⁰ Fonte: <<https://archive.org/details/DELTA469FA/page/n13>>. Acesso em 27 fev. 2020.

¹⁰¹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 10/04/1851. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 2-3). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 28 fev. 2020.

¹⁰² Idem. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 05/02/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 10-11). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 27 fev. 2020.

¹⁰³ Idem. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 18/07/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 22-23). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 27 fev. 2020.

¹⁰⁴ Idem. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 15/08/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 16-17). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 27 fev. 2020; idem. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 15/11/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 20-21). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 02 mar. 2020.

2. Correspondência ativa e passiva de Ferdinand Denis (1846-1888)

Notas editoriais

Apresentamos a seguir 125 cartas selecionadas da correspondência ativa e passiva trocada entre Ferdinand Denis e interlocutores brasileiros diversos, coligidas majoritariamente na França, no fundo consagrado ao autor na Biblioteca Santa Genoveva – onde ele trabalhou por mais de quatro décadas, inicialmente como simples funcionário e, mais tarde, como conservador-administrador –, e no Brasil, em diferentes instituições de leitura e entidades de pesquisa espalhadas pelo país. Algumas também foram recolhidas em obras trazidas à luz por brasileiros, os quais procuravam, evidenciando suas relações com um autor já consagrado nesse momento – e, além do mais, estabelecido na capital da República mundial das Letras durante o século XIX –, agregar prestígio a suas próprias publicações. Cobrimos um intervalo de 40 anos (1846 a 1886), período este que abrange desde a construção do atual prédio da Biblioteca Santa Genoveva, a consagração transatlântica de Denis como um erudito prestigiado internacionalmente até seus derradeiros anos de vida, quando viu-se obrigado a abandonar as atividades na referida biblioteca, ao mesmo tempo em que seu nome paulatinamente caía no esquecimento.

Por meio dessas correspondências, descobrimos que Denis estabeleceu uma longa e proveitosa relação com figuras notórias das artes, letras, Igreja e política do Brasil: do diretor da Biblioteca Nacional Franklin Ramiz Galvão ao Cônego Fernandes Pinheiro, de Alfred d'Escagnolle Taunay ao Imperador D. Pedro II. Torna-se evidente também, conforme procuramos esquadrihar nesta tese, seu papel incontornável para as trocas culturais realizadas entre a França e o Brasil durante os Oitocentos. Graças a sua proximidade com os livros e a seu renome internacional, ele pode facilitar a circulação transatlântica de impressos entre os dois países. Paralelamente a isso, atuou como um importante anfitrião para os brasileiros estabelecidos ou de passagem por Paris, ajudou esses últimos a se inserirem no círculo letrado europeu, a divulgarem seus trabalhos no exterior e a se aproximarem dos profissionais ligados à impressão e à distribuição de livros na capital francesa, não deixando, porém, de recorrer a sua rede de relações do outro lado do Atlântico em busca de socorro para os franceses que se dirigiam ao Rio de Janeiro ou de

informações que lhe permitiriam se manter como uma autoridade em conhecimentos relativos ao Brasil na Europa.

O acervo formado pela correspondência de Denis que logramos reunir conta com dez missivas originalmente em português e 115 em língua francesa, de cuja tradução ora nos encarregamos. Dada a excepcionalidade das primeiras em meio ao *corpus*, composto essencialmente por traduções, procuramos destacá-las em rodapé, por meio da menção “Carta originalmente escrita em português”. Salientamos, outrossim, que a maior parte desse material (91 cartas de um total de 125) permanece até o momento inédito, tendo o restante sido publicado por Rangel de Sampaio, em *O Quadro A Batalha dos Guararapes, seu autor e seus críticos* (1880); Eduardo José de Moraes, nas páginas iniciais da sua *Navegação interior do Brasil: notícia dos projetos apresentados para a junção de diversas bacias hidrográficas do Brasil, ou rápido esboço da futura rede geral de suas vias navegáveis* (1894); por Afonso Arinos, em *Algumas cartas copiadas no arquivo de Ferdinand Denis* (1943); Georges Raeders, em *D. Pedro II e os sábios franceses* (1944); por Clado Ribeiro de Lessa, na *Correspondência ativa coligida e anotada de Francisco Adolfo de Varnhagen* (1961); e por Maílde Jerônimo Trípoli et al., em “Um fragmento de diálogo nos bastidores da história: Ferdinand Denis & Fernandes Pinheiro” (1995).¹⁰⁵ No intuito de manter a padronização e facilitar o acesso do leitor, optamos por traduzir mesmo aquelas que já haviam sido publicadas em português.

Cada correspondência apresenta, em rodapé, a referência completa de sua localização. Procuramos, ademais, acompanhar tais textos de notas, explicitando as datas de nascimento e morte dos interlocutores envolvidos (ou então, dos indivíduos trazidos à baila por eles), bem como das obras impressas e manuscritas mencionadas, das localidades e dos temas debatidos. Malgrado a pesquisa exaustiva, não pudemos localizar informações sobre determinadas obras ou indivíduos mencionados – em casos nos quais a informação nos parecia fundamental, lamentamos por escrito, em nota, o lapso; noutros casos, obliteramo-lo.

A edição dessas missivas obrigou-nos a algumas decisões, que explicitamos abaixo:

¹⁰⁵ Cf. ARINOS, Afonso (org.). *Algumas cartas copiadas no arquivo de Ferdinand Denis por Afonso Arinos de Melo Franco*. Coimbra: Editora Limitada, 1943; LESSA, Clado Ribeiro de (org.). *Varnhagen correspondência ativa: coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961; RAEDERS, George. *D. Pedro II e os sábios franceses*. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 1944; TRÍPOLI, Maílde Jerônimo et alii. Um fragmento de diálogo nos bastidores da história: Ferdinand Denis & Fernandes Pinheiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 110-111, set. 1995.

– Adotamos as regras estabelecidas pelo novo acordo ortográfico, fazendo uso do *Dicionário Houaiss* (2009).

– Padronizamos as abreviaturas dos pronomes de tratamento conforme os exemplos a seguir: “Dr.”, “Sr.”, “Sra”, “V. V.”, “V. Sra.”, “V. Exia”, “Fr.”, “Pe.” Grafamo-los em maiúsculas, quando por extenso, sempre que acompanhados dos respectivos nomes próprios (ex: Visconde de Porto-Seguro; Abade Brasseur de Bourbourg), mantendo-os, no entanto, em minúsculas, sempre que eles não foram acompanhados das respectivas designações: “senhor”, “senhora”, “visconde”, “cônego”, “padre”, “frei”, “abade” etc. Obedecemos a mesma regra no tocante aos substantivos alusivos às localidades geográficas, como “rua”, “avenida”, “praça” e “cais”.

– Os trechos ilegíveis são apontados, ao correr do texto, pela indicação [ilegível]. Também inserimos entre colchetes os trechos em que a leitura ficou prejudicada.

– No que toca às cartas em português, optamos por apenas realizar revisões fundamentais (como eventuais ausências de crases que prejudicavam o entendimento dos parágrafos), mantendo a pontuação, a sintaxe e a semântica conforme o original.

– Quanto àquelas originalmente em francês, procuramos conservar o sabor da época, mantendo sempre que possível as ordens originais dos elementos nas sentenças (as alterações ocorreram em raríssimas exceções, apenas quando a manutenção prejudicava a compreensão). Frequentemente nos deparamos com inúmeras subordinadas que causam demasiada estranheza ao leitor contemporâneo. Nesses casos, optamos por modificar ligeiramente a pontuação do texto, recorrendo, por exemplo, ao uso de pontos finais ao invés de ponto-e-vírgula. Por fim, no que se refere especificamente ao missivista Denis, observamos, par a par com a mostra de erudição, eventuais rompantes de humor, explicitados pelo uso de expressões idiomáticas, cujas analogias em português procuramos, sempre que possível, utilizar, explicitando em rodapés os momentos em que isso se deu.

Todas as demais decisões de tradução foram apontadas em rodapé.

1. Carta de Denis a D. Pedro II (18/11/1846)¹⁰⁶

À sua Majestade, imperador do Brasil

Senhor,

Com todo o reconhecimento pelo favor que aprouve a vossa Majestade prodigar-me,¹⁰⁷ ousou submeter às vossas luzes um novo trabalho de minha autoria, no qual esforcei-me para evocar as grandes ações de vossos ancestrais.¹⁰⁸

Com profundo respeito,

Senhor,

À vossa majestade, o muito humilde e fiel servo

Ferdinand Denis
Cavaleiro das Ordens do Cruzeiro e da
Legião de Honra

Paris, 18 de novembro de 1846

2. Carta de Varnhagen¹⁰⁹ a Denis (10/04/1851)¹¹⁰

Lisboa, 10 de abril de 1851

Meu caro amigo,

Aí vão estas linhas antes de me lançar ao Atlântico. Recebi em Madri sua última carta, pela qual sou infinitamente grato. O Sr. Cavalcante,¹¹¹ jovem brasileiro que vive em

¹⁰⁶ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/11/1846. 1 doc. 1 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 109 – Doc. 5366. Original em francês, tradução minha. Inédita.

¹⁰⁷ No ano anterior, em 25 de março de 1845, Denis havia sido agraciado pelo imperador D. Pedro II com o título de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro. Em uma carta sem data, provavelmente destinada ao ministro de Abrantes (1796-1865), o imperador explicou os motivos da condecoração: “Sr. Visconde / Se o Ferdinand Denis não tem com efeito nenhuma condecoração brasileira, mande-lhe passar diploma de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro, ele a merece pelo muito que se ocupa do Brasil. (...). D. Pedro 2o.”. Apud: VIANA, Hélio. *D. Pedro I e D. Pedro II: acréscimos às suas biografias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966. p. 287.

¹⁰⁸ Referência provável à obra *Portugal* (1846), que Denis publicara poucos meses antes, dentro da coleção L’Univers.

¹⁰⁹ Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), visconde de Porto Seguro, militar, historiador e diplomata brasileiro. Conhecido com o epíteto de “pai da história do Brasil”, dedicou parte de sua vida à coleta de documentos sobre a história nacional em arquivos e bibliotecas no estrangeiro. Membro do IHGB, da Academia de Ciências de Lisboa e de outras sociedades pela Europa.

¹¹⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 10/04/1851. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 2-3). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 05 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por Afonso Arinos e em português por Clado Ribeiro de Lessa. Cf. ARINOS, Op. cit, p. 14; LESSA, Op. cit., p. 158-159.

Londres como adido, incumbiu-se de fazer chegar a suas mãos um exemplar do *Florilégio*.¹¹²

Nossa *Fête brésilienne*¹¹³ foi apresentada ontem na Academia de Ciências.¹¹⁴ Eu estava presente à sessão e aproveitei a ocasião para dizer algumas palavras sobre o mérito de seu trabalho. O Sr. Macedo¹¹⁵ esteve de acordo e o Sr. Franzini¹¹⁶ destacou que V. Sa. jamais se esquece da Academia. Está quase decidido que se fará a proposta de fazer de V. Sa. nosso colega.

Se o tema cair no esquecimento nesses dois meses eu me encarrego de lembrá-los de viva voz ou por escrito. O Sr. João da Cunha Neves¹¹⁷ pediu emprestada sua brochura, a fim de lê-la.

Portugal tem novas revoltas mas me parece que a coisa não há de durar muito.¹¹⁸

Vi o Sr. Juromenha¹¹⁹ que me disse que irá escrever a V. Sa.. Adeus, meu caro amigo, aperto sua mão.

Varnhagen

3. Carta de Denis a Araújo Porto-Alegre¹²⁰ (04/05/1854)¹²¹

Paris, 4 de maio de 1854

Tive notícias suas há pouco, por intermédio do digno Odorico,¹²² cujo belo livro V. Sa. sem dúvida está há muito tempo [ilegível]. Sou infinitamente grato por sua boa

¹¹¹ Henrique Cavalcante de Albuquerque (?-?), adido de 1ª. classe na legação em Londres. Fonte: LESSA, Op. cit., p. 159.

¹¹² VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira, ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil*. 3 vol. Lisboa e Madrid, 1850-1853.

¹¹³ DENIS, Ferdinand. *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550, suivie d'un fragment du XVIe. siècle roulant sur la théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies en langue tupique de Cristovam Valente*. Paris: J. Techener, 1850.

¹¹⁴ Denis enviara um exemplar da obra para a Academia Real das Ciências de Lisboa, conforme indica a ata do dia 9 de abril de 1851 da referida instituição. Cf. *Atas das sessões da Academia Real das Ciências de Lisboa*, Lisboa, 1851, t. III, p. 37-41.

¹¹⁵ Joaquim José da Costa de Macedo (1777-1867), político português, na época ocupava a função de secretário perpétuo da Academia Real de Ciências de Lisboa.

¹¹⁶ Marino Miguel Franzini (1779-1861), político e militar português, sócio fundador da Academia Real de Ciências de Lisboa.

¹¹⁷ João da Cunha Neves e Carvalho (1784-1856), escritor e desembargador português. Colaborou no *Panorama: jornal literário e instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos úteis*.

¹¹⁸ Algumas semanas mais tarde, Portugal seria palco de uma insurreição militar que derrubaria o Partido Setembrista, inaugurando um período na história portuguesa conhecido como Regeneração, cuja duração seria de dezessete anos.

¹¹⁹ João Antonio de Lemos Pereira de Lacerda Juromenha, visconde de Juromenha (1807-1887), escritor português. Foi autor de *Cintra pinturesca, ou Memória descritiva das vilas de Sintra, Colares e seus arredores* (1838) e de vários estudos sobre a vida e a obra de Camões.

¹²⁰ Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-1879), primeiro e único barão de Santo Ângelo, escritor, pintor, professor e historiador de arte brasileiro. Membro do IHGB e diretor da Academia Imperial de Belas-Artes do Rio de Janeiro – provavelmente foi sua posição de prestígio no meio artístico brasileiro que levou Denis a lhe escrever, solicitando ajuda para Mme. Flore Louvet, que será referida mais adiante.

¹²¹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Araújo Porto-Alegre]. Paris [França], 04/05/1854. 1 doc. 1 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, AMI-02. Original em francês, tradução minha. Inédita.

lembrança. Hoje escrevo a V. Sa. pela sua qualidade de amador e protetor das artes. Um dos meus colegas da Biblioteca Santa Genoveva me recomenda Madame Louvet,¹²³ que faz parte do teatro italiano de Paris e está de partida para o seu belo país. De minha parte, tomo a liberdade de solicitar a sua amistosa benevolência todos os bons préstimos que V. Sa. puder oferecer a esta dama no exercício de sua arte. Madame Louvet pretende dar aulas de canto no Rio de Janeiro. Espero que sua saúde fortemente abalada tenha se recuperado e peço que aceite a expressão de minha mais viva estima e sentimentos mais devotados.

Seu leal servo
Ferdinand Denis

4. Carta de Enrique de Beaurepaire-Rohan¹²⁴ a Denis (25/03/1861)¹²⁵

Rio de Janeiro, em 25 de março de 1861

Ilmo. Sr.

Eu era bem jovem quando ouvi pela primeira vez pronunciar o nome de V. Sa. Foi isto em 1824, por ocasião da publicação da sua obra *Le Brésil*.¹²⁶ Achava-me então, em companhia de meu pai, a viajar pela província da Bahia; e mal podia eu pensar que aquele distinto escritor, que, com tamanho interesse, se ocupava das coisas da nossa terra, me honraria algum dia com uma prova de sua particular estimação. A menção que V. Sa. se digna fazer de mim na *Nouvelle Biographie*¹²⁷ é a maior recompensa a que eu podia aspirar, depois de tantos trabalhos passados nas minhas romarias pelos sertões do Brasil.

Há mais tempo teria eu expresso a V. Sa. meus agradecimentos, se uma infinidade de circunstâncias me não houvessem demorado neste propósito. Manifestando há dias ao

¹²² Manuel Odorico Mendes (1799-1864), jornalista, tradutor e político brasileiro. Tornou-se conhecido principalmente por suas traduções das obras de Virgílio (*Eneida Brasileira* e *Virgílio Brasileiro*) e de Homero (*Ilíada* e *Odisseia*), bastante populares no século XIX.

¹²³ Flore Louvet (?-?) efetivamente se instalou no Brasil em meados de 1855. Apresentou-se na Sala São Januário em julho desse mesmo ano, atuando nas peças *Le retour du Mousse* e *Une tyrolienne*, e em agosto do ano seguinte, em *L'Hirondelle*. Cf. *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político e Universal*, Rio de Janeiro, 05/07/1854, p. 4 e *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 09/08/1855, p. 4.

¹²⁴ Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire-Rohan (1812-1894), primeiro e único visconde com grandeza de Beaurepaire-Rohan, foi um nobre, militar e político brasileiro. Membro do IHGB e da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.

¹²⁵ BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 25/03/1861. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 29-30). Disponível em <https://ia600401.us.archive.org/32/items/MS3419/BSG_MS3419.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020. Inédita.

¹²⁶ DENIS Ferdinand; TAUNAY Hippolyte. *Le Brésil, ou histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume, ouvrage orné de nombreuses gravures d'après les dessins faits dans le pays par Monsieur Hippolyte Taunay*. 6 vol. Paris: Nepveu, 1821-1822.

¹²⁷ Os volumes da *Nouvelle Biographie Générale*, também chamada de *Nouvelle Biographie Universelle*, foram publicados entre 1852 e 1866 pela editora Firmin-Didot. Denis participou ativamente da coleção, escrevendo uma série de verbetes sobre Portugal e o Brasil – incluindo a biografia de Henrique de Beaurepaire-Rohan, que se encontra no volume V. Cf. DENIS, Ferdinand. Henrique de Beaurepaire-Rohan. In: HOEFER, Jean-Christien-Ferdinand (ed.). *Nouvelle Biographie Générale depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours*. T. V. Paris: Firmin Didot Frères, 1867. p. 43-44.

meu antigo amigo, o Sr. Major Taunay,¹²⁸ a minha intenção de me dirigir à V. Sa., teve ele a bondade de se encarregar da remessa da minha carta.

Aproveito a oportunidade para oferecer a V. Sa. alguns pequenos escritos meus, nos quais vão compreendidos dois relatórios, como presidente das províncias do Paraná, Pará e Paraíba do Norte.¹²⁹ Outras coisas tinha dado ao prelo, das quais porém não possuo mais um só exemplar, como seja a minha *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro em 1846*,¹³⁰ um episódio da minha história de Mato Grosso, relativo aos irmãos João e Lourenço Leme,¹³¹ o Plano de uma colônia normal¹³² &.

Nunca tive ocasião de publicar a minha “Corografia da província do Mato Grosso”.¹³³ Esta obra tem envelhecido no meu gabinete ambulante. Conto porém ser mais feliz quanto ao trabalho semelhante sobre o da Paraíba do Norte, o qual, creio eu, ficará terminado por todo o correr deste ano, se todavia alguma nova comissão do governo não me vier interromper, o que aliás não me parece provável.

Depois de ter, de 1853 a 1859, administrado três províncias, estou hoje, no posto de coronel do corpo de engenheiros, exercendo o cargo de diretor geral das obras militares. Para pôr a limpo minhas notas a respeito das províncias que tenho visitado, cumprir-me-ia ter mais algum tempo à minha disposição; mas, ainda assim, farei o que puder, para não perder de todo o trabalho de muitos anos.

Tamanha é a minha satisfação em me entreter com a V. Sa. que me tenho alongado muito além do que tencionava no começo desta carta. Se a V. Sa. o permitir, terei mais vezes a honra de lhe escrever e de lhe transmitir alguma notícia que o possa interessar.

No artigo biográfico, com que V. Sa. me honrou, foi a minha idade diminuída de seis anos. Eu nasci a 12 de maio de 1812. Em 1818, casei-me em S. Paulo com D. Guilhermina Müller, filha do marechal de campo Daniel Pedro Müller, tão conhecido entre nós pelos seus serviços à estatística naquela província. Uma só filha tenho, Eliza, com 12 anos de idade, de cuja educação me ocupava no que sou retribuído por sua aplicação ao estudo. Toda a minha família reúne seus votos aos meus, para que a V. Sa. se digne aceitar os protestos da nossa mais distinta estima e consideração.

Tenho a honra de ser
de V. Sa.
Muito attr. varel.
Henrique de Beaurepaire-Rohan

¹²⁸ Alfredo Maria Adriano d’Escagnolle Taunay (1843-1899), primeiro e único visconde de Taunay, foi um escritor, músico, engenheiro militar e político brasileiro. Fundador da Academia Brasileira de Letras e patrono da Academia Brasileira de Música.

¹²⁹ Segundo Sacramento Blake, Beaurepaire-Rouen assinou o *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Pará no dia 15 de agosto de 1856* (1857) e o *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Pará no dia 15 de agosto de 1857* (1858), além de outros relatórios, cujos títulos não foram identificados no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Cf. BLAKE, Sacramento. Henrique de Beaurepaire-Rohan. In: *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. V. III. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1895. p. 213-216.

¹³⁰ BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique Beaurepaire. *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro pelo Paraguai, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina em 1846*. São Paulo: Typ. de Silva Sobral, 1847.

¹³¹ Idem. *Estudos morais*: Os irmãos João Leme da Silva e Lourenço Leme da Silva. São Paulo: Typ. de Silva Sobral, 1852.

¹³² Referência provável ao *Relatório do estado das obras municipais apresentado à Ilma. Câmara Municipal* (1843), o primeiro plano urbanístico da cidade do Rio de Janeiro criado após a Independência do Brasil.

¹³³ Referência provável ao texto “Exposição do estado político, militar e moral do baixo Paraguai, extremidade meridional da província de Mato Grosso” que, de acordo com Sacramento Blake, teria sido escrito em 1845. Cf. BLAKE, Op. cit., v. 2, p. 214.

5. Carta de Denis a Gonçalves Dias¹³⁴ (19/07/1862)¹³⁵

19 de julho de 1862

Meu caro Sr. Gonçalves Dias

Causou-me grande comoção o conhecimento do estado lastimável de saúde no qual V. Sa. empreendeu sua viagem. Sua carta que me anunciava uma ligeira melhora me deu vivo prazer. Volte em breve e [ilegível] se curar, isto é, em condições de criar poesias encantadoras ou páginas plenas de interesse.

Embora a sociedade científica da qual você é parte não tenha realizado todo o prometido¹³⁶ sei que sua persistência alcançou conquistar notícias preciosas e eu ficarei feliz de conhecer os detalhes de suas excursões prolongadas. Mil vezes obrigado pelo volume que V. Sa. tem a bondade de me prometer.

Estou certo de que lhe dará grande satisfação saber que a impressão de *Voyage d'Yves Évreux*,¹³⁷ da qual me incumbiu a Maison d'Harold, se encontra neste instante

¹³⁴ Gonçalves Dias (1823-1864), poeta, professor e etnólogo brasileiro. Patrono da cadeira no. 15 da Academia Brasileira de Letras. Em abril de 1862, com a saúde bastante debilitada, viajou para a Europa a bordo do navio Condé. Desembarcou na cidade de Marselha dois meses mais tarde, onde ficou retido no porto em quarentena, devido à morte de tripulante do navio. Depois seguiu para Paris, ali permanecendo até começos de agosto, quando partiu para Vichy, no centro da França, na esperança de encontrar tratamento médico para seus problemas no fígado. Cf. PEREIRA, Lucia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. Contendo o Diário inédito da viagem de Gonçalves Dias ao Rio Negro. Edições do Senado Federal. V. 226. Brasília: Senado Federal, 2016.

¹³⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a Gonçalves Dias]. Hyères [França], 19/07/1862. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-06,01,013 n. 003. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233576/mss1233576.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Inédita.

¹³⁶ A Comissão Científica de Exploração – também conhecida como Comissão das Borboletas – foi a primeira expedição científica nacional. Realizada entre 1859 e 1861 com apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do próprio Imperador D. Pedro II, seus objetivos principais foram permitir o conhecimento da realidade nacional e também refutar os erros cometidos por viajantes estrangeiros em suas descrições sobre o Brasil. Responsável pela Seção Etnográfica e pela escrita da narrativa da Comissão Científica de Exploração, Gonçalves Dias passou um ano e seis meses realizando pesquisas na província do Ceará, de onde seguiu para as províncias do Pará e do Amazonas. As coleções de objetos etnográficos recolhidos por ele, atualmente conservadas no Museu Imperial do Rio de Janeiro, foram uma das mais importantes contribuições da expedição. Cf. PEREIRA, Op. cit.; KODAMA, Kaori. Em busca da gênese do Brasil nas províncias do Norte: Gonçalves Dias e os trabalhos etnográficos da Comissão Científica de Exploração. In: KURY, Lorelai (org.). *Comissão Científica do Império (1859-1861)*. Rio de Janeiro: Andrea Jacobsson Estúdio, 2009, p. 115-153; VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa. Gonçalves Dias e a seção etnográfica e a narrativa da Comissão Científica de Exploração (1859-1861). *Revista Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 219-229, jul./dez. 2012. Disponível em <<https://seer.ufgrs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/26446/23718>>. Acesso em 05 mar. 2020.

¹³⁷ Yves d'Évreux (1577-1632), religioso francês. Participou de uma expedição enviada ao atual estado do Maranhão, junto a Claude d'Abbeville, que será mencionado mais adiante. Seu relato de viagem, *Voyage dans le Nord du Brésil*, escrito entre 1613 e 1614, permaneceu inédito até o século XIX, quando foi descoberto e publicado por Ferdinand Denis. Cf. DENIS, Ferdinand (org.). *Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614 par le père Yves d'Évreux*. Publié d'après l'exemplaire unique conserve à la Bibliothèque Impériale de Paris. Avec une introduction et de notes par M. Ferdinand Denis. Bibliotheca Americana, Collection d'ouvrages inédits ou rares sur l'Amérique. Leipzig & Paris: Libraire A. Franck. Albert L. Harold, 1864.

bastante avançada. Reuni algumas notas, que poderão ser curiosas para os meus compatriotas, mas meus perseverantes esforços para obter alguns dados biográficos sobre este encantador viajante redundaram na conquista de não mais que algumas datas, é bem pouco e não obstante, como se diz, movimenteí céu e terra para chegar a isso... Para indenizá-lo de tal esterilidade, caro senhor, espero mostrar nossas imensas fotografias com vistas da América Central, isso satisfaz aos instruídos amadores das legendas americanas como V. Sa.

Avistei-me ontem com o amabilíssimo Sr. de Drummond Menezes¹³⁸ com quem falei longamente de V. Sa. Ele ficou encantado de saber que sua saúde tem apresentado alguma melhora. Em que pese sua cruel enfermidade, a saúde dele se encaminha para um total restabelecimento, o que encanta sua família e seus amigos. O digno Odorico Mendes¹³⁹ está para voltar de sua excursão a Roma, ele me havia anunciado seu retorno iminente para o nosso meio, mas o céu da Itália com toda a justiça o seduziu e seu genro, que encontrei há pouco, não soube me dizer se ele estará em breve de volta a Paris.¹⁴⁰

Até breve, caro senhor, aceite de bom grado meus sinceros votos pelo restabelecimento completo de sua saúde e tenha em mim

um leal servo
Ferdinand Denis

6. Carta de Denis ao cônego Fernandes Pinheiro¹⁴¹ (05/08/1862)¹⁴²

¹³⁸ Antonio de Menezes Vasconcelos de Drummond (1794-1874), escritor e diplomata brasileiro. Fundou o jornal *O Tamoyo* (1823) com os irmãos Andrada, ao lado de quem partiu para a França, em 1823, após a dissolução da Constituinte. De volta ao Brasil seis anos mais tarde, passou a exercer cargos diplomáticos no exterior até se aposentar. Viajou para a França em busca de tratamento médico para a sua cegueira, ali permanecendo até sua morte.

¹³⁹ Gonçalves Dias conheceu Odorico Mendes no Brasil, em 1846, tornando-se um dos seus amigos mais próximos. O poeta maranhense escreveu: “Odorico é um grande mestre da língua portuguesa, não sei quem a maneje melhor, quem seja mais variado, mais enérgico, mais conciso do que ele. Após Filinto, ninguém terá levantado um brado tão alto em favor da pureza da linguagem. Esta só diferença entre os dois é que Odorico metrifica como um rei”. Apud: PEREIRA, Op. cit., p. 442.

¹⁴⁰ Odorico Mendes se mudou com a família para a Europa no começo da década de 1860. Ele visitava frequentemente a cidade de Paris, mas passava a maior parte do tempo em Pisa. Segundo o próprio tradutor, a escolha da região da Toscana se deu por motivos financeiros (e não apenas por preferências climáticas, como sugeriu Denis): “Para conseguir o meu intento, escolhi a residência de Pisa: nesta cidade quase morta, onde em dois anos só convivi com a gente em cuja casa pagava a minha pensão, e com uma família cuja amizade era já de Paris, achando-me sem a menor distração, tive tempo de meditar e escrever, e em quinze mezes obtive o dobro do que obtivera em Paris em dous anos e meio, concluindo a presente versão”. MENDES, Odorico. Prólogo. In: HOMERO. *Ilíada*. [circa 1863]. Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes/d1077.pdf>>. Acesso em 05 mar. 2020.

¹⁴¹ Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1825-1876), mais conhecido como cônego Fernandes Pinheiro, foi um religioso, professor, crítico e historiador brasileiro. Tornou-se sócio correspondente do IHGB em 1854 e primeiro secretário, em 1859. Foi também membro do Instituto da França, das Academias de Ciências de Madrid e de Lisboa, da Sociedade de Geografia de Paris e da de Nova York.

¹⁴² DENIS, Ferdinand. [Carta a Fernandes Pinheiro]. Paris [França], 05/08/1862. 1 doc. 4 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-03,08,039. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233580/mss1233580.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em português por Maílde Jerônimo Tripoli. Cf. TRIPOLI, Maílde Jerônimo et alii. Um fragmento de diálogo nos bastidores da história: Ferdinand Denis & Fernandes Pinheiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 110-111, set. 1995. Sobre a relação entre o cônego e Denis, ver: MELO, Carlos Augusto de. *Cônego Fernandes Pinheiro (1825-1876): um crítico*

Paris, 5 de agosto de 1862

Senhor

Sou infinitamente sensível à remessa que V. Sa. me fez há pouco e quero externar meus sinceros agradecimentos. Tendo encontrado prazer e instrução no seu livro,¹⁴³ permito-me dirigir a V. Sa. uma observação estrangeira, por assim dizer, a seu trabalho e que diz respeito unicamente a mim.

Não ignoro, senhor cônego, esteja certo, que se deve devotar a máxima reverência e respeito à juventude, mas V. Sa. se equivocou, acredito, no que diz respeito a uma reflexão que fiz há tempos a propósito de Ferreira.¹⁴⁴ Como todos os humanistas, os alunos da Universidade de Coimbra estão desde cedo familiarizados com as liberdades de linguagem que se permitem os autores latinos, de modo que não era de admirar que eles não se mostrassem por demais chocados com tais liberdades reproduzidas pelo autor português. Tivesse eu a honra, senhor, de ser mais bem conhecido por V. Sa., se meus outros escritos tivessem porventura sido postos sob seus olhos, V. Sa. estaria convicto, creio, que não sou merecedor das palavras duras com as quais qualificou uma das passagens de meu livro. Tendo feito esta observação, só me resta, senhor, oferecer um tributo de gratidão por suas benevolentes citações.

Com a mais elevada estima

Seu muito humilde e muito gentil servo
Ferdinand Denis

P. S. Com grande satisfação por seu país e pelo mundo literário, vi que recentemente ficamos devendo a sua pluma erudita uma tradução da história de Southey.¹⁴⁵

7. Carta de Denis a Gonçalves Dias (08/10/1863)¹⁴⁶

literário pioneiro do romantismo no Brasil. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Campinas: Unicamp, 2006.

¹⁴³ Denis se refere aqui à obra *Curso elementar de Literatura Nacional* (1862), publicada alguns meses antes pelo cônego, como indica a seguinte nota acrescentada por Fernandes Pinheiro (provavelmente de próprio punho) no rodapé desta carta: “Autographe littéraire/carta de Ferdinand Denis – acerca do meu Curso de Literatura Nacional”.

¹⁴⁴ Antonio Ferreira (1528-1569), poeta português. Frequentou o curso de Humanidades e Leis na Universidade de Coimbra, onde teve contato com os clássicos da literatura greco-romana. Sua obra, publicada postumamente, inclui a tragédia *Castro* (1587) e as comédias *Bristo* (1622) – sobre a qual recai a crítica do cônego – e *Cioso* (1622). O *Curso elementar de Literatura Nacional* registra que Denis seria demasiadamente condescendente com a linguagem obscena de Ferreira: “Dissemos que Ferreira não respeitara sempre nas suas comédias as leis da decência, caindo por vezes na obscenidade. [...] Não cremos, porém que a linguagem solta e as expressões desonestas devam tolerar-se nas casas de educação, nem jamais desejaremos que se confundam os bancos com as tarimbais”. Cf. PINHEIRO, Fernandes. *Curso elementar de literatura nacional*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1862. p. 101. Disponível em <<https://archive.org/details/cursoelementard00pinhgoog/page/n33>>. Acesso em 05 mar. 2020.

¹⁴⁵ Há aqui um erro de Denis. A primeira edição da obra *History of Brazil* (1810-1819), do poeta e historiador inglês Robert Southey (1774-1843), apareceu efetivamente em 1862, no entanto, a tradução do texto coube a Luís Joaquim de Oliveira e Castro (1826-1888). O cônego Fernandes Pinheiro, que Denis supunha ser o tradutor, foi na verdade o responsável pelas notas do livro.

Hyères, 8 de outubro de 1863

Meu caro senhor Gonçalves Dias,

Sob este céu ameno e este mar da Côte d'Azur, sua lembrança não abandonou meu espírito um instante. Sinceramente eu ainda penso que parte nenhuma da Europa será mais conveniente que a pequena cidade de Hyères¹⁴⁷ para a sua saúde.¹⁴⁸ A biblioteca de meu irmão¹⁴⁹ é seleta; seus jardins são maravilhosos e por sua variedade e suas formas lembrarão a V. Sa. seu belo país. Tudo isso estará à sua disposição. Alphonse, ele mesmo poeta, ficará encantado de receber um poeta como V. Sa. Ele já foi comigo à cidade para tornar úteis minhas investigações. Se sua escolha, caro senhor, recair sobre a residência da qual já lhe falei em diversas ocasiões, o melhor será que V. Sa. se instale no hotel l'Orient, cujos apartamentos têm janelas com vista para a propriedade de meu irmão, que em caso de necessidade servirá a seus passeios. Solicitei informações precisas sobre os preços cobrados nessa casa; um belo aposento muito convenientemente mobiliado no segundo andar custará a V. Sa. 4 francos por dia. Almoço e jantar bem servidos custam, juntos, 6 francos. Há mais 60 centavos pelo serviço. Tendo a crer que V. Sa. não terá necessidade de médico em Hyères e que a atmosfera amena da qual se verá cercado fará as vezes de um, mas para qualquer eventualidade hábeis praticantes da Arte se fazem presentes na cidade. No que diz respeito a isso, recomendo, antes de todos, o Dr. Chassinat.¹⁵⁰

Antes de ontem percorri seis léguas sobre um mar calmo que me lembrou suas baías magníficas, meu excelente pai, sempre maravilhosamente ativo, saiu comigo à pesca. Se V. Sa. se sentir em tal disposição, podemos nos dar a mais recreios como este. Mas, homem de estudo acima de tudo, suponho que a biblioteca sortida e robusta do Château convirá melhor a V. Sa. que as excursões. Talvez Hyères com seu céu clemente tão semelhante ao do Brasil propiciará em V. Sa. mais um belo poema. Adeus, caro senhor, endereço a você meus melhores votos por sua saúde e aperto cordialmente sua mão.

¹⁴⁶ DENIS, Ferdinand. [Carta a Gonçalves Dias]. Hyères [França], 08/10/1863. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-5,2,62 - I-06,02,062 n. 001 e 002. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233577/mss1233577.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Inédita.

¹⁴⁷ A cidade de Hyères se localiza no litoral sul da França, em uma região conhecida com o nome de Costa Azul (em francês, Côte d'Azur), ou Riviera Francesa.

¹⁴⁸ Entre 1862 e 1864, Gonçalves Dias perambulou pelos países europeus em busca de tratamento médico para seus vários problemas de saúde: ele sofria de tuberculose na laringe, hepatite, sífilis, uma inflamação crônica no fígado e uma lesão no coração. Ele visitou especialistas, centros médicos e estações termais em Paris, Vichy, Aix-les-bains, Allevard e Ems, na França; Marienbad, Dresde, Koenigstein, Carlsbad, no território atualmente conhecido como Alemanha; e também em Bruxelas, na Bélgica. Nas cartas escritas pelo poeta nesse período, são bastante frequentes as reclamações dos incômodos físicos. Cf. PEREIRA, Op. cit., p. 432-452.

¹⁴⁹ Alphonse Amaranthe Dugommier Denis (1794-1876), escritor e político francês, irmão de Ferdinand Denis. Em 1824, depois de algumas investidas literárias sem sucesso, instalou-se na pequena cidade de Hyères na companhia de Madame Camusat, viúva de um rico notário e irmã de Henri Plasson (ao lado de quem Ferdinand Denis havia viajado para o Brasil entre 1816 e 1819). Decidiu entrar para a vida política, tornando-se prefeito, conselheiro geral e depois deputado. Sob sua administração, a região se transformou em um importante ponto turístico do inverno francês. A esse respeito, conferir: COINTAT, Alain. *Alphonse Denis, député du Var, maire d'Hyères 1830-1848. 'L'étrangié'*. Toulon: Les Presses du Midi, 2008.

¹⁵⁰ O Dr. Raoul Chassinat (?-?) deu continuidade aos estudos de Alphonse Denis sobre a cidade de Hyères, lançando em 1882 uma revisão da obra *Hyères ancien et moderne. Promenades pittoresques, scientifiques et littéraires sur son territoire, ses environs et ses îles*.

Seu leal servo e amigo
Ferdinand Denis

No dia 16 devo me encontrar em Paris. Espero vê-lo lá. Tenha a bondade de oferecer meus respeitos e cordiais saudações de minha parte à família Odorico Mendes e à família de Drummond. Mande lembranças aos gentis amigos da Rua de Miromesnil. Gostaria de lhes enviar algumas das belas flores que tenho diante dos olhos. Espero que o Sr. e a Sra. de Drummond estejam agora em melhores condições do que estavam no momento de minha partida.

8. Carta de Gonçalves Dias a Denis (13/10/1863)¹⁵¹

Paris, 13 de outubro de 63.

Muito de coração lhe agradeço a sua boa carta de 8 do corrente, e as informações que me dá acerca do clima de Hyères. Recobre V. Sa. as suas forças nesse paraíso; pois que bem precisará delas para a multiplicidade e constância de seus importantes trabalhos literários.

Vou indo, nem mal, nem bem, da minha garganta; o médico me promete maravilhas, mas a cura já me vai impacientando, por que as melhoras não se apresentam de modo bem caracterizado.

O governo do Brasil acaba de me dar uma pequena comissão para Lisboa.¹⁵² Todavia ainda hesito: convinha-me tratar primeiro da minha saúde; mas convém-me igualmente ganhar alguma coisa; pois que a cerca de dois anos, não faço senão gastar, e gastar como um doente.

Quando V. Sa. voltar já terei tomado alguma resolução; no entanto a minha ida a Hyères está sobremodo comprometida.

Dei as suas lembranças ao Dr. Drummond e família. O nosso excelente Sampaio¹⁵³ me escreve de Dresden e lhe manda muitas e bem sentidas saudades.

Recomende-me ao seu bom irmão, cuja obra tenho lido e estudado com prazer.

A vista conversaremos mais largamente. No entanto disponha de quem é com toda a consideração.

De V. S.
Am. e Obg. Vr.
A. Gonçalves Dias

¹⁵¹ DIAS, Gonçalves. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 13/10/1863. 1 doc. 2 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-06,01,013 n. 002. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233573/mss1233573.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020. Inédita.

¹⁵² Entre 1854 e 1855, Gonçalves Dias realizou várias viagens pelo continente europeu a serviço do governo nacional que lhe incumbiu, dentre outras coisas, de copiar e transcrever documentos interessantes à história brasileira em Portugal. Substituído por João Francisco Lisboa (1812-1863), após a morte deste, em abril de 1863, assumiu novamente a função, embarcando em 25 de outubro deste mesmo ano para a capital portuguesa. Foi obrigado, no entanto, a retornar a Paris, em abril do ano seguinte, por motivos de saúde. Cf. PEREIRA, Op. cit., p. 443-446.

¹⁵³ Joaquim Ferreira de Sampaio (?-?) atuava na época como cônsul brasileiro em Dresden.

9. Carta de Gonçalves Dias a Denis (28/04/1864?)¹⁵⁴

Meu caro Sr. Ferdinand Denis

Desculpe-me não ter ainda cumprido com o dever de procurá-lo. Não tem sido negligência, mas quase impossibilidade. Apesar de falar no ouvido aos cocheiros, eles ou não me querem ou não me podem compreender. Prefiro esperar alguma melhora na minha voz. O tratamento em que já entrei e a estação que continua a correr favorável hão de trazer-me isso, mais dia menos dia.

Tratarei então com infinito prazer de reparar esta falta.

Mandei buscar uma *História* do A. Herculano.¹⁵⁵ Temos portador lá para fins de maio, espero em Deus que ela nos chegará a salvamento.

Recados e cumprimentos

De V. S.
Am. e admirador
Gonçalves Dias

28 de abril

10. Carta de Gonçalves Dias a Denis (23/08/1864?)¹⁵⁶

Ilm. Am. Sr.

Desculpe-me por quem é, mas enquanto eu me achar tão incomodado como estou, fujo de aparecer por não estar capaz de apresentar diante de gente.

Sabe o que aconteceu ao nosso bom Odorico?¹⁵⁷ A minha viagem foi demorada até que eu vejo como se arranjam os negócios de D. Militina¹⁵⁸ que querem fazer dos manuscritos daquele grande homem.

¹⁵⁴ DIAS, Gonçalves. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 28/04/1864. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-06,01,013 n. 003. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233574/mss1233574.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020. Inédita. Provavelmente escrita em 1864, pouco após o poeta retornar à cidade de Paris, depois de uma breve estadia em Lisboa.

¹⁵⁵ Referência provável à segunda edição do volume IV da *História de Portugal*, do escritor português Alexandre Herculano (1810-1877), que foi publicada em Lisboa, no ano de 1862.

¹⁵⁶ DIAS, Gonçalves. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 23/08/1864. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-06,01,013 n. 004. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233575/mss1233575.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020. Inédita.

¹⁵⁷ Odorico Mendes falecera em Londres seis dias antes. A notícia abalou profundamente Gonçalves Dias, sobretudo porque ambos planejavam voltar para o Maranhão juntos: “O Brasil acaba de sofrer uma perda irreparável. Odorico faleceu em Londres, a 17 do corrente. [...] Há meia dúzia de dias havíamos ajustado partirmos ambos para Lisboa e dali para o Maranhão. Voltar para o Maranhão era o seu desejo mais fundo: já ele tinha arranjado na mente sua casa, o seu modo de vida, o seu cômodo para morrer. Quis, porém, ver Londres antes de dizer o seu último adeus à Europa, e ali fica sepultado! Não te posso dizer quanto sinto essa morte, Odorico mesmo nunca soube quanto o estimava”. Apud: PEREIRA, Op. cit., p. 453-454.

E P. Yves? Parece ser certo que os alemães inventaram a palavra Halse e que ainda não acostumaram com a outra mais moderna, de origem francesa – marché.

Mil recados do

De V. S.
Am. e [ilegível]
Gonçalves Dias

Uma pergunta: haverá em sua Biblioteca uma obra alemã Allgemeiner Welk Bott Stocklein (ou) Stöckelin.¹⁵⁹

Paris, 23 de agosto¹⁶⁰

11. Carta de Denis a D. Pedro II (03/08/1866)¹⁶¹

Paris, 3 de agosto de 1866

Senhor,

Eis um velho viajante francês que na amável ingenuidade de sua linguagem parece ter compreendido há mais de dois séculos a brilhante culminação à qual o Brasil chegou sob vosso Império.¹⁶² Há anos sei que ninguém captou melhor que vossa Majestade a sinceridade e o valor deste relato, tanto tempo esquecido. Daí que longe de mim está a ousadia de dá-lo a conhecer a quem já soube apreciá-lo tão bem. Tomando a liberdade de instá-lo a aceitar, senhor, esta obra em sua simplicidade, é menos ao soberano que eu a envio que ao sábio protetor das letras. Que vossa Majestade veja nesta homenagem tardia uma expressão dos sentimentos de gratidão que lhe são devidos.

Sou, com profundo respeito, o muito humilde e leal servo de vossa Majestade.

Ferdinand Denis

¹⁵⁸ Dona Militina Jansen Müller (?-?), irmã de Odorico Mendes.

¹⁵⁹ Gonçalves Dias vinha se dedicando ao estudo do alemão e também à tradução da tragédia *A Noiva de Messina*, de Friedrich Schiller (1759-1805). Infelizmente a versão completa da tradução jamais chegou aos leitores, tendo naufragado com o poeta, em 1864. Cf. PEREIRA, Op. cit., p. 435.

¹⁶⁰ Essa provavelmente foi a última carta enviada por Gonçalves Dias a Denis. No dia 10 de setembro desse mesmo ano, o poeta embarcou no navio Ville de Boulogne que saía de Havre rumo ao Brasil. Quase dois meses depois, no dia 3 de novembro, quando finalmente se aproximavam do Maranhão, o navio bateu em uma rocha e naufragou. Toda a tripulação conseguiu se salvar, menos o poeta, cuja saúde se encontrava bastante debilitada após 53 dias no mar. Anos depois, Denis ainda sentia a morte do amigo. Cf. ORTIGÃO, José Duarte Ramalho de. Uma visita a Ferdinand Denis. In: *Em Pariz*. Porto: Typografia Luzitana, 1868. p. 61-69.

¹⁶¹ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 03/08/1866. 1 doc. 1 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 138 – Doc. 6790 [d01]. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por George Raeders. Cf. RAEDERS, Op. cit., 1944, p. 167.

¹⁶² Trata-se provavelmente da obra de Yves d'Évreux, mencionada anteriormente.

12. Carta de Denis a Guilherme Schüch, barão de Capanema¹⁶³ (24/08/1866)¹⁶⁴

Paris, 24 de agosto de 1866

Meu caro senhor Capanema,

Li com vivo interesse a brochura que V. Sa. teve a bondade de me enviar. De imediato escrevi uma carta para a Academia de Ciências e, ainda não contente, fui ao Instituto¹⁶⁵ ter com o Sr. Élie de Beaumont¹⁶⁶ que me recebeu com toda a cortesia e se prontificou a ler minha epístola explicativa na sessão do mesmo dia. Como eu tinha dito ao Sr. Roulin¹⁶⁷ o motivo de minha visita uma hora antes, ele pôde me falar de imediato de sua erudita brochura, dado que ele domina à perfeição o português e já visitou as terras americanas, quando não o Brasil.¹⁶⁸

Fiz tudo isso muito rápido, como V. Sa. vê, para lhe ser gentil, mas as incumbências, com as quais estou assoberbado em razão de novos trabalhos,¹⁶⁹ me forçam a solicitar a V. Sa. alguns dias de prazo para as outras comissões especificadas na sua carta. A comovente descrição, caro senhor, que V. Sa. faz das secas do Ceará e das indizíveis misérias que elas acarretam me fez pensar que talvez se pudesse aplicar a essa terra tão digna de interesse a construção de “zonotes”: trata-se de reservatórios subterrâneos artisticamente feitos e que ainda proporcionam às antigas cidades do Yucatan sua água benfazeja. A semelhança dos climas pode conduzir aos mesmos resultados. A V. Sa., engenheiro hábil, o estudo de tais poços revelará talvez fatos desconhecidos a nós profanos. Os livros em que é possível saber desses poços da América Central não são raros: Stephens, Catherwood, Abade Brasseur de Bourbourg e vários outros escritores, sem contar o Sr. Charnay,¹⁷⁰ lhe darão as informações sobre a construção desses “zonotes” ou

¹⁶³ Guilherme Schüch (1824-1908), primeiro e único barão de Capanema. Naturalista, físico e engenheiro brasileiro, responsável pela instalação da primeira linha telegráfica do Brasil. Foi membro do IHGB.

¹⁶⁴ DENIS, Ferdinand. [Carta a Guilherme Schüch]. Paris [França], 24/08/1866. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, I-DIF-den.c-d01. Original em francês, tradução minha. Inédita.

¹⁶⁵ A referida academia é uma das cinco que compõem o Instituto Histórico da França.

¹⁶⁶ Léonce Élie de Beaumont (1798-1874), geólogo, político e professor francês. Membro do Instituto Histórico da França, desde 1835, do qual se tornou secretário perpétuo, em 1853.

¹⁶⁷ François Roulin (1796-1874), naturalista e bibliotecário francês. Membro e bibliotecário do Instituto Histórico da França.

¹⁶⁸ Embora os membros da referida instituição se reunissem semanalmente, o opúsculo que Capanema deixou aos cuidados de Denis, intitulado “Sur la décomposition des roches du Brésil”, foi mencionado apenas dois meses mais tarde, sem grandes destaques: “M. F. Denis adresse à l’Académie, au nom de l’auteur M. CAPANEMA, un opuscule imprimé en portugais sur la décomposition des roches du Brésil. / M. Roulin est invité à prendre connaissance de cet ouvrage et à en faire, s’il y a lieu, l’objet d’un Rapport verbal”. [no original: “M. F. Denis oferta à Academia, em nome do autor M. CAPANEMA, um opúsculo impresso em português sobre a decomposição das rochas no Brasil. / M. Roulin está convidado a tomar conhecimento desta obra e dela fazer, se houver ocasião, objeto de um Relatório verbal”]. Fonte: *Comptes rendus hebdomadaires des séances de l’Académie des Sciences*, Paris, T. 63e, 1866, p. 375.

¹⁶⁹ Nessa época, Denis preparava uma nova edição da obra *Le Goupillon (O Hyssope)*, em português, do poeta Antonio Dinis da Cruz e Silva (1731-1799), cuja tradução coube a Jean-François Boissonade (1774-1857).

¹⁷⁰ Denis se refere aqui a quatro viajantes europeus que escreveram sobre Yucatan e as antigas civilizações do México: John Lloyd Stephens (1805-1852), explorador e diplomata estadunidense; Frederick Catherwood (1799-1854), ilustrador e arquiteto britânico; Charles Étienne Brasseur de Bourbourg (1814-1874), missionário francês, e Claude-Joseph-Désiré Charnay (1828- 1915), explorador, arqueólogo e fotógrafo francês.

“çonotes” que, edificadas pelos americanos sob o império de uma antiga civilização, resistiram à ação do tempo.

Folgo de saber que meu venerável Padre Yves d'Évreux já prodigou alguns ensinamentos àqueles para os quais escreveu em realidade há séculos! O encanto de seu estilo o fez saborear em Paris a carta que V. Sa. teve a bondade de me escrever a seu respeito; ainda que ela não tenha chegado a mim, fiquei encantado de saber que meu velho viajante não era mais um desconhecido para V. Sa.. Solicitei ao amável erudito Sr. Ladislau Netto,¹⁷¹ que nos deixou há pouco, que se informasse se minhas intenções tinham se realizado e se o livro tinha sido enviado ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.¹⁷²

Acaba de chegar a minhas mãos, em benefício da Biblioteca, da qual me encontro neste momento na direção, um livro de execução magnífica: trata-se da *Bibliotheca Americana Vetustissima* do Sr. HARRISSE.¹⁷³ O surgimento desta bibliografia especial de que não pode prescindir a Biblioteca do Rio é um evento considerável no mundo literário. Seu jovem autor é um desprendido advogado de Nova York, que fala francês como um genuíno parisiense e cuja presença, asseguro, me impressionou: imaginei que ele podia ter pelo menos meio século sobre os ombros.

Dar-me-ia imenso prazer que suas notícias guerreiras que se eternizam fossem substituídas por notícias literárias. – Ao mesmo tempo, fico encantado de saber que a quase cegueira do pobre Sr. Caetano da Silva¹⁷⁴ é curável, o estado de sua visão deve ser um terrível obstáculo à realização de suas teorias aprofundadas sobre a gramática do belo idioma que V. V. falam. Mais afortunado que ele, caro senhor, V. Sa. lança sua palavra no espaço e graças a V. Sa. seu país usufrui da mais bela invenção dos tempos modernos: felicitações, neste mundo não há mais bela missão para se cumprir!

Por ora, adeus, continuo a lhe dar as informações que V. Sa. solicitar.

Aceite as devotas lembranças de seu leal servo.

Ferdinand Denis conservador administrador
da Biblioteca Santa Genoveva

¹⁷¹ Ladislau de Souza Melo e Neto (1838-1894), naturalista brasileiro. Foi membro de diversas sociedades científicas dentro e fora do Brasil, como a Academia de Ciências de Lisboa, a Sociedade Botânica da França (em francês, Société Botanique de France), o IHGB e a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Depois de ter realizado seus estudos na Sorbonne e no Jardim das Plantas de Paris, entrou para o corpo de funcionário do Museu Nacional do Rio de Janeiro, inicialmente enquanto encarregado da seção de botânica e, mais tarde, como diretor.

¹⁷² A primeira menção à obra de Yves d'Évreux no IHGB da qual temos notícia foi feita apenas em 1893 por seu tradutor para o português, César Augusto Marques. Cf. MARQUES, César Augusto. A obra histórica do reverendo capuchinho francês Ivo d'Évreux e Mr. Ferdinand Denis. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, no. 56, parte 1, 1893, p. 185-187.

¹⁷³ Henri ou Henry HARRISSE (1829-1910), crítico de arte, bibliógrafo e historiador franco-estadunidense. Autor de numerosas obras sobre a conquista das Américas. Recentemente publicara, em Nova York, a obra *Bibliotheca Americana Vetustissima. A description of works relating to America, published between 1492 and 1551* (1866), à qual se refere Denis.

¹⁷⁴ Joaquim Caetano da Silva (1810-1873), médico, professor e diplomata brasileiro. Foi membro do IHGB, do Instituto Histórico da França. Sofrendo de uma grave doença nos olhos, terminou seus dias praticamente cego.

13. Carta de Denis a Guilherme Schüch, barão de Capanema (24/08/1866)¹⁷⁵

Meu caro Sr. Capanema,

Esta carta, como há de ficar mais do que evidente para V. Sa., não foi posta na Agência Postal no dia desejado, por puro esquecimento ou negligência por parte de quem devia levá-la à Agência Postal: ela há de provar que ao menos fiz sem demora o que V. Sa. desejava de mim. Não tive mais notícias do Sr. Élie de Beaumont, mas é fato que estamos na absoluta baixa estação no que tange às ciências. Em breve voltarei ao Instituto por sua causa e V. Sa. receberá novas missivas minhas. Creio que já chegou a V. Sa. pelos jornais a notícia do triste falecimento do Sr. Marques Lisboa.¹⁷⁶ O pobre senhor andava bem mal havia tempos e já se aguardava seu fim. – Antes de ontem me avistei com o amável Sr. de Drummond de Menezes, para quem falei de seus trabalhos. Seu caro filho que demonstrou tanto amor ao trabalho e que veio me ver por esses dias foi nomeado engenheiro e vai bravamente pôr mãos à obra. O Sr. de Drummond dá provas todo o tempo de uma serenidade e um espírito que eu admiro. Suas recordações dos tempos passados do seu belo país são inesgotáveis! – Faço votos para que o Sr. Ladislau Netto tenha desembarcado são e salvo no Rio. Ele deixa aqui sinceras saudades, sendo como é um trabalhador infatigável e tendo uma inteligência que o levará longe.

Adeus, caro amigo, perdoe-me este longo post-scriptum e esteja certo da lealdade do seu amigo

Ferdinand Denis

14. Carta de Denis ao cônego Fernandes Pinheiro (06/01/1867)¹⁷⁷

Senhor e muito honrado confrade,

Malgrado os indizíveis contratempos que se multiplicam entre nós, nesta que se chama a semana do dia do ano, não quero que o correio parta para o seu belo país sem levar a V. Sa., junto com meus bons votos, a expressão de meus sentimentos de confraternidade literária. Sou infinitamente grato a nosso amigo comum, Sr. Ladislau Netto, por ter levado ao seu conhecimento o meu genuíno sentimento sobre o valor de seu trabalho, do qual eu muito aprecio, creia-me, a perseverança e a consistência, unidas a uma forma que o inculcará no espírito de nossa jovem geração. Desde a partida de nosso jovem amigo, cuja falta é muito sentida por aqui, mencionei em diversas ocasiões seus escritos e espero indicá-los todos no suplemento, em preparo, à grande biografia geral, ultimamente

¹⁷⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a Guilherme Schüch]. Paris [França], 24/08/1866. 1 doc. 1 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, I-DIF-den.c-d01. Original em francês, tradução minha. Inédita.

¹⁷⁶ José Marques Lisboa (?-1866), diplomata português. Nesse momento, exercia a atividade diplomática na França enquanto enviado extraordinário e ministro plenipotenciário.

¹⁷⁷ DENIS, Ferdinand. [Carta a Fernandes Pinheiro]. Paris [França], 06/01/1867. 1 doc. 1 p. IHGB, DL581.55. Original em francês, tradução minha. Publicada em português por Maílde Jerônimo Tripoli. Cf. TRIPOLI, Op. cit., p. 110.

publicada por M. M. Didot¹⁷⁸. Espero contar com sua gentileza para obter várias informações relativas sobretudo a datas que dizem respeito a V. Sa.

Não tenho como agradecer, senhor, pela gentileza com a qual V. Sa. se dispõe a completar esta *Revista trimestral* que é de enorme utilidade e que tenho em alta conta: só preciso dos tomos 21, 22, 23 e 24 para completar minha coleção e tenho a oferecer-lhe, em troca, algumas duplicatas, a fim de completar uma ou duas coleções.¹⁷⁹

Em havendo ocasião, senhor, de avistar-se com o Sr. Ladislau Netto, tenha a bondade de lhe transmitir minhas saudações e meu empenho em ter notícias dele. Queria dizer-lhe também que as notícias que tenho a dar a respeito da digna Sra. Drummond de Menezes não são nada boas. Esta excelente dama corre sério perigo, do que tive a triste convicção ontem, pois passei a noite toda com seu malfadado marido, que está cercado de todas as sumidades da ciência no esforço de devolver a saúde àquela que merece todos os cuidados com que ele a cerca. O Sr. Doutor Nelaton a acompanha há alguns dias.

Há poucas semanas fundamos por aqui uma nova *Revue Américaine*, publicada sob a direção do Sr. de Cessac.¹⁸⁰ Vou providenciar para que ela seja enviada à biblioteca do Instituto Histórico, do qual V. Sa. é o honorável secretário. No próximo número V. Sa. poderá ver um artigo de certa extensão de minha autoria, sobre a grande obra de Gaspar Correia (as *Lendas da Índia*). Ali faço algumas ligeiras observações sobre a personalidade de Pedro Álvares Cabral, cuja interessante figura é tão ignorada pelos historiadores. Os papéis de nosso célebre Peiresc¹⁸¹ (sobretudo aqueles da cidade de Carpentras) nos forneceram alguns documentos preciosos sobre o Brasil do século XVII. Às vezes o tempo é terrivelmente exíguo para essas interessantes investigações; não obstante, espero poder prosseguir com elas.

Queira perdoar, senhor e caro confrade, a extensão desta carta e receba a expressão da mais alta consideração com que sou seu apreciador sincero e seu

Devotado servo
Ferdinand Denis

15. Carta de Denis ao cônego Fernandes Pinheiro (24/04/1867)¹⁸²

¹⁷⁸ Referência à editora da família Didot, que existe até os dias de hoje, cuja fundação ocorreu no começo do século XVIII.

¹⁷⁹ Desde que assumira o cargo de primeiro secretário do IHGB, em 1859, o cônego vinha se empenhando em enviar exemplares da *Revista Trimestral do IHGB* para letrados no Brasil e no exterior, algumas vezes por iniciativa própria, outras atendendo a pedidos, como foi o caso desta solicitação de Denis.

¹⁸⁰ Jean-León de Cessac (1841-1891), etnógrafo e historiador francês. Membro da Sociedade de Etnografia da França (em francês, Société d'Éthnographie de France). Esteve à frente dos dois únicos números lançados da *Revue Américaine*, sendo o primeiro em novembro de 1866 e o segundo em janeiro de 1867.

¹⁸¹ Nicolas-Claude Fabri de Peiresc (1580-1637), colecionador e polígrafo francês. Ao que parece, Denis tinha em mente aqui o manuscrito “Relation du Brésil (1865)”, que se encontrava entre os papéis de Peiresc conservados na biblioteca de Carpentras. Cf. DENIS, Ferdinand. Notes prises au courant de la plume. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3878 (f. 122r). Disponível em <<https://archive.org/details/MS3878>>. Acesso em 05 mar. 2020.

¹⁸² DENIS, Ferdinand. [Carta a Fernandes Pinheiro]. Paris [França], 24/04/1867. 1 doc. 4 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-03,08,040. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233581/mss1233581.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em português por Maílde Jerônimo Tripoli. Cf. TRIPOLI, Op. cit., p. 111-114. Grifos do autor.

Paris, 24 de abril de 1867

Senhor e muito honorável confrade,

Fui engabelado pelo tempo, como acontece tão amiúde em Paris, e o correio para o Brasil parte hoje; não quero que ele se vá sem que leve a suas mãos algumas palavras minhas em demonstração pelo menos de que não perdi de vista suas recomendações. Será um vivo gosto satisfazer seu desejo no que tange ao Instituto Histórico de Paris. Sete ou oito dias depois de receber sua amável carta, fui até a Rua Guillaume à casa do Sr. Renzi,¹⁸³ secretário perpétuo da sociedade literária em questão, e não o encontrei; avistei-me fortuitamente com ele três ou quatro dias depois, quando ele conversava com duas ou três pessoas, falei-lhe do objeto de minha visita, que o deixou muito satisfeito. Ele disse que estaria em breve em minha casa, mas isso ainda não ocorreu e dois ou três dias atrás eu estava na intenção de fazer-lhe uma segunda visita; afazeres imprevistos ligados em grande parte a questões da exposição universal me impediram de executar meu projeto. Espero dar em minha próxima carta resposta a suas demandas.

Não tenho como agradecer, senhor cônego, pelo desvelo gentil com que V. Sa. teve a bondade de me ajudar a completar minha coleção da *Revista* por intermédio do Sr. Durand¹⁸⁴ que atendeu de pronto a sua incumbência.

Não tenho tido notícias de seu jovem e erudito amigo, o Sr. Netto. Não sei se me disseram a verdade ao anunciar que ele tinha partido para executar uma grande viagem científica na província de Minas Gerais. O Sr. de Drummond e eu falamos amiúde nele e fazemos votos sinceros para que sua saúde se revigore, permitindo que ele obedeça sem maiores impedimentos a seu chamado para a Ciência. Se ele ainda estiver no Rio de Janeiro e se V. Sa. tiver ocasião de vê-lo, tenha a bondade, eu peço, de dizer que mando lembranças e de informá-lo de que o digno e malfadado Sr. de Drummond suporta com dolorosa resignação sua nova situação. A saúde não vai mal, mas lhe tem sido penoso encontrar o alívio do sono. As senhoritas suas filhas crescem bastante e a tia delas, srta. Araújo de Gandim, continua a cuidar delas.

Continuamos a nos ocupar aqui das coisas da América, mas elas necessariamente se dirigem a um público restrito. O segundo tomo da correspondência de Alexandre de Humboldt,¹⁸⁵ publicado pelo Sr. de La Roquette,¹⁸⁶ em breve será concluído, em que pesem os 83 anos de seu editor; a memória do Sr. Angrand, ex-cônsul-geral em

¹⁸³ Henri Renzi (?-?), administrador-tesoureiro do Instituto Histórico da França.

¹⁸⁴ Referência à editora parisiense de Louis-Charles Durand (?-?).

¹⁸⁵ Alexander von Humboldt (1769-1859), o barão de Humboldt, naturalista, explorador e geógrafo nascido no território hoje conhecido como Alemanha. Denis tinha profunda admiração pela obra de Humboldt, personagem frequentemente mencionada em suas obras e também no diário mantido por ele, entre 1829 e 1845. Cf. MOREAU, Pierre (org.). *Ferdinand Denis (1798-1890). Journal (1829-1848). Thèse pour le doctorat en lettres présentée à la Faculté des lettres de l'Université de Paris*. Friburgo: Librairie de l'Université; Paris: Plon, 1932.

¹⁸⁶ O segundo tomo de *Oeuvres d'Alexandre de Humboldt. Correspondance inédite, scientifique et littéraire, recueillie et publiée par M. de La Roquette*, ao qual se refere Denis, veio à luz somente no ano de 1869.

Chuquisaca, sobre as ruínas de Tihuanaco¹⁸⁷ alcançaram um justo sucesso, o templo tolteca de Xuchicalco se ergue na exposição universal graças ao empenho do Sr. de Méhédin.¹⁸⁸

Enfim, será executado com cuidado minucioso, graças a meticolosos litógrafos, o famoso manuscrito de Landa,¹⁸⁹ graças ao qual espera-se um dia interpretar as inscrições yucatecas, compostas de katolois até hoje indecifráveis.

Aí vai uma carta desmedidamente longa, senhor cônego, mas mais vale tomar um pouco de seu precioso tempo que fazê-lo acreditar que esquecemos sua conduta leal e benevolente. Em breve V. Sa. receberá uma carta mais conclusiva de minha parte. Receba a expressão de meus sentimentos mais nobres e devotados.

Seu gentil servo
Ferdinand Denis

16. Carta do cônego Fernandes Pinheiro a Denis (21/05/1867)¹⁹⁰

Rio de Janeiro 21 de maio de 1867

Meu venerado e sábio colega e mestre

Apresso-me em responder a carta que me fez a honra de dirigir em data de 24 do passado mês, que acabo de receber pelo paquet “La Guienne”.

Agradeço-lhe do íntimo d’alma o obséquio e solicitude que empregou em prol da minha pretensão a membro do Instituto Histórico da França. Entregue a seu poderoso patrocínio nenhuma dúvida me resta de que serei admitido em tão sábio grêmio; e antecipo-lhe os meus muito sinceros e fervorosos agradecimentos, como por um fato já consumado.

Estimei saber que havia recebido as *Revistas* que lhe enviei por intermédio da casa Durand, pelo qual continuarei remetendo as que forem saindo à luz.

O Sr. Dr. Ladislau Netto¹⁹¹ não partiu para a província de Minas; acha-se nesta capital como um dos diretores do Museu Nacional; e logo que me for possível encontrá-lo far-lhe-ei ciente das suas recomendações, bem como das do Sr. Conselheiro Drummond, cuja boa saúde muito folguei de saber.

¹⁸⁷ Léonce Angrand (1808-1886), diplomata e desenhista francês. Seu manuscrito “Les Ruines de Tiahuanaco” aparentemente não teve nenhuma edição impressa, mas deve ter sido utilizado pelo autor na escrita do artigo “Illustrations de Antiquités américaines”, publicado na *Revue générale de l’Architecture et des Travaux public*, em 1866.

¹⁸⁸ Léon Eugène Méhédin (1828-1905), arqueólogo, arquiteto e fotógrafo francês. Entre 1864 e 1866, participou da Comissão científica do México que apresentou na Exposição Universal do ano seguinte a reprodução de um monumento de Xuchicalco. Cf. TRIPOLI, Op. cit., p. 113.

¹⁸⁹ Diogo de Landa (1541-1579), religioso e viajante espanhol. Foi autor da primeira obra conhecida sobre a península de Yacatan, na qual se encontra uma reprodução da escrita maia. Seu manuscrito “Relación de las cosas de Yacatan” apareceu em Paris, no ano de 1864, com o título de *Relation des choses de Yacatan*.

¹⁹⁰ PINHEIRO, Fernandes. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 21/05/1867. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 37-38). Disponível em <https://ia600401.us.archive.org/32/items/MS3419/BSG_MS3419.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020. Inédita.

¹⁹¹ A viagem de Ladislau Netto a Minas Gerais não foi realizada em 1867, como sugere Denis, mas em 1862. Cf. TRIPOLI, Op. cit., p. 112.

O movimento científico e literário deste império se acha estagnado em consequência do flagelo da guerra que nos açoita.¹⁹² Deus porém se amerciando deste tão belo país lhe proporcionará próximos venturosos dias, para a satisfação dos seus verdadeiros amigos em cujo número muito especialmente se contempla o erudito autor do *Brésil Pittoresque* e do *Resumé de l'Histoire Littéraire du Brésil*.¹⁹³

Trabalho assiduamente na 2a. edição do meu *Curso Elementar de Literatura Nacional*,¹⁹⁴ onde espero serão corrigidos alguns dos muitos erros que me escaparam na 1a. impressão, além da completa inversão do plano adotado por outro que melhor se me antolha. Seria para mim uma inexcusável fortuna se o meu erudito Mestre se dignasse de me apontar os melhoramentos que devo fazer; certo de que a minha aquiescência aos seus conselhos e o público reconhecimento do súbito obséquio constituirão para mim um grato dever.

Saúdo-o com o mais subido respeito e gratidão quem se confessa

Seu muito humilde admirador
J. C. Fernandes Pinheiro

17. Carta de Denis ao cônego Fernandes Pinheiro (24/06/1868)¹⁹⁵

Paris, 24 de junho de 1868

Senhor cônego,

Estou por demais tocado pelo simpático interesse com que V. Sa. me honra em sua carta de 21 de maio para não testemunhar toda minha gratidão, é o assentimento benevolente de um homem como V. Sa. que ressalta essas marcas de alta distinção que recebemos com reconhecimento, mas no qual reconhecemos antes de tudo um espírito de indulgência que é em realidade o traço essencial do seu imperador. Infelizmente fui ludibriado pelo tempo, senhor e muito honrado confrade, e se não quero que o correio parta sem levar a V. Sa. algumas palavras de minha parte, mal tenho como exprimir tudo o que sinto.

Recentemente tive notícias suas por intermédio do nosso muito estimável confrade Adolfo de Varnhagen. Infelizmente sua passagem por Paris foi breve e ele se foi depois de três dias rumo à corte junto à qual foi nomeado.¹⁹⁶ Sua estada entre nós se revelará frutífera

¹⁹² Referência provável à Guerra do Paraguai (1864-1870), já que o Brasil havia sido recentemente derrotado pelas tropas paraguaias no episódio conhecido como Retirada da Laguna.

¹⁹³ Há aqui um erro do cônego: Ferdinand Denis de fato escreveu o *Resumé de l'Histoire Littéraire du Brésil* (1826), mas a obra *Voyage Pittoresque et historique au Brésil* (1835) é de autoria de Jean-Baptiste Debret (1768-1848).

¹⁹⁴ A segunda edição do *Curso Elementar de Literatura Nacional* viria à luz apenas em 1888, seis anos após a morte do cônego.

¹⁹⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a Fernandes Pinheiro]. Paris [França], 24/06/1868. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-03,08,041. Disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233582/mss1233582.pdf. Acesso em 05 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em português por Maílde Jerônimo Tripoli. Cf. TRIPOLI, Op. cit., p. 110.

¹⁹⁶ Trata-se da corte de Viena, da qual Varnhagen enviou várias cartas a Denis.

e suas frequentes visitas a nossas bibliotecas tornaram ainda mais robusto o tesouro de erudição que ele sabe como ninguém explorar.

Estou ao corrente, senhor, que V. Sa. prossegue com perseverança seus relevantes estudos e creia que se trata para mim de uma afortunada ocasião, da qual me apresso a desfrutar, a publicação de alguns de seus artigos, que me proporcionam prazer e instrução.

Receba, com toda a minha gratidão, senhor e muito honrado colega, a expressão dos devotados sentimentos com que sou

Seu gentil e grato
Servo e confrade
Ferdinand Denis

18. Carta de Denis a Eduardo José de Moraes¹⁹⁷ (23/11/1869)¹⁹⁸

Paris, 23 de novembro de 1869

Caro senhor,

Manifesto minha sincera gratidão pela preciosa brochura que V. Sa. teve a bondade de me enviar.¹⁹⁹ Do ponto de vista geográfico, seja na Europa, seja na América, publica-se bem pouco que alcance tal nível. V. Sa. tomou por guia as belas palavras de Pascal e com grande segurança de exposição acertou o alvo que ele indica. Tão logo nosso amigo comum, o Sr. conselheiro de Drummond Menezes, teve a gentileza de me enviar o exemplar de *A navegação interior do Brasil*, tomei ciência das amplas visadas que V. Sa. expõe e me apressei a fazer um anúncio sumário do livro, a ser publicado, suponho, no boletim da Sociedade de Geografia,²⁰⁰ em que os srs. Cortambert pai e filho²⁰¹ deverão inseri-lo. Como uma tal obra carece de leitores competentes, o Sr. de Drummond teve a bondade de se privar de seu exemplar em favor da sociedade acima designada. Eu e ele faremos todos os esforços para que uma obra fruto de tanto trabalho e sem dúvida muito apreciada no Brasil não permaneça ignorada na França. Dessa maneira, se for possível, caro senhor, enviar alguns exemplares a Paris, creia que eles não serão distribuídos inutilmente. Na navegação interior do vasto império que V. Sa. explorou tão bem, o rio São Francisco tem um papel a desempenhar, ignorado mesmo por muitos brasileiros, aqui

¹⁹⁷ Eduardo José de Moraes (1830-1895), engenheiro militar e escritor brasileiro.

¹⁹⁸ DENIS, Ferdinand. [Carta a Eduardo José de Moraes]. Paris [França], 23/11/1869. 1 doc. 3 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 149 – Doc. 7201. Original em francês, tradução minha. Inédita.

¹⁹⁹ Referência ao livro *Navegação interior do Brasil: notícia dos projetos apresentados para a junção de diversas bacias hidrográficas do Brasil, ou rápido esboço da futura rede geral de suas vias navegáveis*, publicado por Moraes, em 1869. Seu projeto pretendia facilitar a integração do país, melhorando a comunicação entre as províncias por meio do incentivo à navegação fluvial e da construção de estradas até a bacia do Rio São Francisco.

²⁰⁰ Foi na sessão do dia 3 de dezembro de 1869 da referida sociedade que Ferdinand Denis falou sobre a publicação de Eduardo José de Moraes. Cf. DENIS, Ferdinand. *Navigation intérieure du Brésil* par E. J. de Moraes. Note communiqué par M. Ferdinand Denis. *Bulletin de la Société de Géographie*, Paris, janvier-juin 1870, p. 225-226.

²⁰¹ Eugène Cortambert (1805-1881) e seu filho, Richard Cortambert (1836-1884), foram ambos geógrafos e bibliotecários da seção de geografia da atual Biblioteca Nacional da França. Em 1866, Richard Cortambert atuava como secretário adjunto da referida sociedade, daí a referência de Denis ao autor.

o nome desse belo rio não é sequer conhecido. A honra de dar a compreender sua utilidade lhe está reservada.

Receba a expressão de minha sincera estima com toda a minha gratidão e tenha em mim um leal e devotado servo.

Ferdinand Denis

19. Carta de Denis a João Manuel Pereira da Silva²⁰² (12/12/1869)²⁰³

Paris, 12 de dezembro de 1869

Meu caro senhor Pereira da Silva,

Não se poupa esforços para lhe ser agradável. Eis uma carta de Victor Hugo²⁰⁴ [ilegível] tenho onde providenciar. Como V. Sa. vê, aos poucos me desincumbo de minhas promessas. Solicitei em seu nome um de Broglie,²⁰⁵ V. Sa. o terá assim que ele chegar a mim.

Receba meus velhos sentimentos devotados e leais.

Ferdinand Denis

20. Carta de Eduardo José de Moraes a Denis (21/03/1870)²⁰⁶

Rio de Janeiro, 21 de março de 1870

Senhor e ilustre sábio

²⁰² João Manuel Pereira da Silva (1817-1898), historiador, crítico literário, romancista e político brasileiro. Membro da Academia Brasileira de Letras, participou de sua fundação, ocupando a cadeira de no. 34.

²⁰³ DENIS, Ferdinand. [Carta a Pereira da Silva]. Paris [França], 12/12/1869. 1 doc. 2 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-05, 31, 027. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233578/mss1233578.pdf>. Acesso em 05 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Inédita.

²⁰⁴ Entre os papéis de Ferdinand Denis, encontra-se uma única carta assinada por Victor Hugo: ela foi enviada pelo autor de *Notre-Dame* a Miguel Augusto de Oliveira (?-?), no dia 5 de junho de 1844, em agradecimento à “Ode ao illustrissimo senhor Victor Hugo”. Quanto à carta enviada por Hugo a Pereira da Silva, não foi possível localizá-la. Cf. HUGO, Victor. [Carta a Miguel Augusto de Oliveira]. Paris [França], 05/06/1844. 1 doc. 1 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3955 (f. 2-3). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 05 mar. 2020.

²⁰⁵ Referência provável a Jacques Victor Albert de Broglie, o duque de Broglie (1821-1901), historiador e diplomata francês que escreveu obras como *Études morales et littéraires* (1853) e *Nouvelles études de littérature et de morale* (1868).

²⁰⁶ MORAES, Eduardo José de. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 21/03/1870. Fonte: MORAES, Eduardo José de. *Navegação interior do Brasil: notícia dos projetos apresentados para a junção de diversas bacias hidrográficas do Brasil, ou rápido esboço da futura rede geral de suas vias navegáveis*. Rio de Janeiro: Typ. Montenegro, 1894. p. 6-7.

Recebi a honorável carta que V. Sa. teve a bondade de me enviar para me agradecer pela oferta que, com muita honra, lhe fiz de minha pequena brochura, intitulada *Navegação interior do Brasil*. – O conhecimento exato que V. Sa. tem da América do Sul e particularmente do Brasil, onde seu nome é muito amplamente conhecido, valorizam no mais alto grau as benevolentes expressões com que V. Sa. teve a bondade de honrar esta pequena obra e seu autor. É com júbilo e mesmo com orgulho que ouço essas benevolentes palavras de sua parte, Sr. Ferdinand Denis, “cujo nome nenhum brasileiro nem nenhum português pode pronunciar sem oferecer as homenagens de sua gratidão”, como muito bem disse o erudito autor de *O Oiapoque e o Amazonas*,²⁰⁷ o ilustre e venerável brasileiro Joaquim Caetano da Silva, que prestou a seu país o mais notável dos serviços ao publicar sua monumental obra.

Sou grato ainda pela notícia cuja publicação V. Sa. ensejou no *Boletim da Sociedade Geográfica de Paris*.

Tais diligências espontâneas que V. Sa. não desdenhou de fazer, o que aumenta seu valor, são de um tal preço que me dá grande satisfação poder testemunhar da maneira mais completa a homenagem de minha sincera e profunda gratidão.

Se eu não tivesse, para além da satisfação de minha consciência, outras razões para me gabar de haver publicado a pequena brochura em questão, esteja certo, senhor, que a sua carta, por si só, me indenizaria de todos os percalços que, como V. Sa. bem sabe, certas publicações em geral acarretam, sobretudo neste país.

Escrevi pelo último pacote a nosso ilustre amigo em comum, o Sr. conselheiro de Drummond, e pedi que ele tivesse a bondade de se encarregar de apresentar minhas escusas por ter enviado o conhecimento do pequeno caixote com as brochuras sem aviso prévio e sobretudo por ter remetido a carta sem que ela tivesse sido timbrada.²⁰⁸ Receba, senhor e ilustre erudito, a minha mais elevada estima.

[sem assinatura]

21. Fragmento de carta de Varnhagen a Denis (*circa* 1872)²⁰⁹

Lamentando imensamente não tê-lo encontrado, esta noite vou-me para Londres e estarei de volta em dois ou três dias, para seguir rumo a São Petersburgo, para tomar parte no Congresso de Estatística.²¹⁰ Minha família ficou em Lucerna²¹¹ e minha mulher²¹² me

²⁰⁷ SILVA, Joaquim Caetano. *L'Oyapoc et l'Amazone: question brésilienne et française*. Paris: Impr. de L. Martinet, 1861. 2 vol.

²⁰⁸ Nota de Eduardo José de Moraes: “Esta falta foi cometida pela pessoa encarregada de despachar o caixote com as brochuras, remetendo em um envelope o seu conhecimento, segundo a direção indicada no referido caixote”.

²⁰⁹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Fragmento de Carta a Ferdinand Denis]. s./indicação do local, [*circa* 1872]. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 4-5). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 05 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Inédita.

²¹⁰ Referência ao Congresso Estatístico de São Petersburgo de 1872, do qual Varnhagen participaria como representante do Brasil.

²¹¹ Cidade suíça, localizada próxima à região dos Alpes.

²¹² Varnhagen havia se casado em 1864 com Carmen Ovalle y Vicuña, uma chilena de família aristocrática, com quem teve dois filhos, Xavier, que morreu jovem, aos 21 anos de idade, e Luis, que foi diplomata do governo chileno.

incumbe de mil coisas para V. Sa. – penso em vê-lo quando de minha volta de Londres e, se V. Sa. se lembrar, poderia em todo caso perguntar se já estou de volta.

Aperto afetuosamente a sua mão.

Varnhagen

22. Carta de Denis ao visconde do Bom Retiro²¹³ (24/01/1872)²¹⁴

Paris, 24 de fevereiro de 1872

Senhor barão,

Lamentei profundamente ter estado ausente de minha residência quando v. veio me fazer a honra de uma visita. Uma ligeira indisposição e o tempo detestável destes dias me impediram de ir até V. Sa. Meu tempo também tem estado bastante tomado pelos cuidados que neste momento tem exigido uma curiosa publicação que me daria vivo prazer ver concretizada – visto que ela será do agrado do Sr. Imperador. Trata-se de “Mapas do Rio de Janeiro e de Itamaracá”, executados em 1579 por um certo Jacques de Vau (de Claye)²¹⁵ e que o Sr. Lemercier²¹⁶ espera poder gravar em pedra. Em todo caso temos em mãos neste momento as fotografias e me dará prazer submeter a obra a V. Sa. como uma das mais raras curiosidades relativas à história do seu belo país.

Receba, senhor, a expressão da mais alta consideração com que sou

Seu gentil
e devotado servo

²¹³ Luís Pedreira do Couto Ferraz, visconde do Bom Retiro (1818-1886), advogado e político brasileiro. Exercia na época a função de senador do Império.

²¹⁴ DENIS, Ferdinand. [Carta a Luís Pedreira do Couto Ferraz]. Paris, 24/01/1872. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 4259 (f. 123-124). Disponível em <https://archive.org/stream/MS4259/BSG_MS4259#page/n1/mode/2up>. Acesso em 05 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Inédita.

²¹⁵ Jacques de Vau ou Jacques de Vau de Claye (15.?–15.?), cartógrafo francês. Foi enviado ao Brasil como espião pela rainha Catarina de Médici que planejava retomar a Baía do Rio de Janeiro (hoje em dia conhecida como Baía de Guanabara) e assegurar o controle na região de São Luís do Maranhão. Suas incursões pelo território brasileiro resultaram em dois mapas: o primeiro, *Carte de la côte du Brésil* (1578), representando a baía de Guanabara, antigamente pertencera ao artista Achille Devéria, amigo íntimo, aliás, de Ferdinand Denis, mas hoje em dia integra o acervo da Biblioteca Nacional Francesa; já o segundo, não localizado em nossas pesquisas, parece se referir à ilha de Itamaracá no Nordeste brasileiro, conforme indica a carta do escritor francês a Pereira da Silva de 16 de junho de 1874, reproduzida mais adiante. Ao que tudo indica, Varnhagen encontrou esses dois mapas durante suas pesquisas pela capital francesa, em meados de 1868. Ele deve ter comunicado a descoberta a Denis, que manifestaria em suas cartas pessoais a intenção de publicá-los junto a uma biografia de Jacques de Vau de Claye. Tudo leva a crer, no entanto, que esse projeto jamais chegou a se concretizar. Cf. VAU DE CLAYE, Jacques de. *Carte de la côte du Brésil*. Dieppe, 1578. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b550026193?rk=64378;0>>. Acesso em 05 mar. 2020; CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Revista Topoi*, v. 8, n. 15, jul.-dez. 2007. p. 182. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v8n15/2237-101X-topoi-8-15-00159.pdf>>. Acesso em 05 mar. 2020.

²¹⁶ Joseph Lemercier (1803-1887), editor e litógrafo francês, especializado na impressão de gravuras de moda, temas religiosos e de retratos. Tornou-se o mais importante litógrafo do mercado parisiense entre as décadas de 1850 e 1870.

Ferdinand Denis

23. Carta de Denis a um destinatário desconhecido (03/04/1872)²¹⁷

Paris, 3 de abril de 1872

Meu caro e ilustre confrade,

V. Sa. deve ficar tranquilo agora no que toca ao destino dos interessantes manuscritos enviados a Paris por seu caro filho. Sabendo por experiência como esse gênero de envio e seus desfechos são de suma importância para nós. Ontem pela manhã, tratei, *toute affaire cessante**, como dizemos aqui, de ir à casa do Sr. Belhate²¹⁸ e lá fiquei sabendo pelo próprio que ele escreveu a V. Sa. no dia 26 de março último e que em consequência V. Sa. já devia estar livre de preocupações, segundo toda a probabilidade. O mencionado Sr. Belhate recebeu por intermédio da embaixada o primeiro volume, que tem por título *O Homem*, depois um outro pacote com o volume II, *O Escritor*. Tenho um duplo agradecimento a lhe fazer. Primeiro, aquele que lhe devo por sua afetuosa simpatia pelos sofrimentos de uma alma dilacerada que não pode se consolar dos infortúnios do país. Depois, o que você tanto merece pela oferta de alguns de seus belos versos. Os versos ternos ou enérgicos, na bela língua de Camões, são pelo menos um alívio para o coração!... Já que V. Sa. me permite, daqui a alguns dias escreverei e indicarei os raros volumes seus que ainda me faltam. Hoje estou por demais atarefado, em razão do fim de nossas pequenas férias de Páscoa.

Receba, caro e ilustre confrade, o inalterável afeto de

seu devotado servo, admirador
e amigo.

Ferdinand Denis

Post-Scriptum: Obrigado ainda pelas amáveis palavras no que toca à visita feita aqui pelo Imperador do Brasil. V. Sa. não faz ideia a que ponto sua lembrança retorna a cada dia entre nós. Sua elevada instrução e sua afabilidade verdadeiramente inesgotável são sempre evocadas. Posso afirmar a V. Sa. que sua ciência é a ciência de bom gabarito. Ainda agora estamos maravilhados da leitura espontânea e sem o menor percalço de textos que lhe foram apresentados!

24. Carta de César Augusto Marques²¹⁹ a Denis (10/12/1872)²²⁰

²¹⁷ DENIS, Ferdinand. [Carta a um destinatário desconhecido]. Paris [França], 03/04/1872. 1 doc. 3 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 162 – Doc. 7504. Original em francês, tradução minha. Inédita.

* *Toute affaire cessante*: antes de qualquer outra coisa, sem delongas.

²¹⁸ Belhate (?-?), livreiro de origem francesa, cuja loja se situava na Quai des Augustin n. 45, voltado ao comércio de livros de autores lusitanos e em traduções para o português.

²¹⁹ César Augusto Marques (1826-1900), médico, escritor e tradutor brasileiro. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da Academia Maranhense de Letras.

S. Luís do Maranhão 10 de dezembro de 1872

Ilmo. Sr. Ferdinand Denis

Com profundo respeito saúdo V. Exia. Há meses ofereci a V. Exia. um exemplar do meu *Dicionário Histórico e Geográfico do Maranhão*,²²¹ como demonstração do alto apreço e profunda estima que dedico a V. Exia. Foi a obra pelo Sr. Raimundo [ilegível], que aí foi residir na Rua des Petites Ecuries, no. 27, e como não saiba, de um esquecimento, por isso de novo lembro V. Exia. A fim de o mandar buscar, por me ser sensível não receber V. Exia. o testamento ainda que fraco, da sincera veneração que tributo à V. Exia. como brasileiro.

A esta mesma ocasião eu lhe participei, que estava traduzindo a obra do Pe. Ivo de Évreux, editada por V. Exia., e agora cumpre-me dizer-lhe que está quase terminada esta obra, aguardo a publicação da obra do Pe. Cláudio d'Abbeville,²²² de que aqui não existe um só exemplar. Quando o pretende fazer? Desejava também traduzi-lo, fazendo assim ainda mais conhecidos os relevantes serviços prestados por V. Exia. ao Brasil.²²³

Apetecendo a V. Exia. muita saúde e felicidades, subscrevo-me e com estima

De V. Exia.

Mto dedicado servo

Dr. César Augusto Marques

25. Carta de César Augusto Marques a Denis (20/05/1873)²²⁴

Maranhão 20 de maio de 1873

Ilmo. Sr. Ferdinand Denis

Vossa carta do 25 de fevereiro deu-me tranquilidade de espírito porque já supunha perdido o *Dicionário*, que vos havia mandado, e portanto privado da honra e satisfação de manifestar-vos o quanto vos estimo, aprecio, e respeito.

Agradeço-vos muito as palavras por demais benévolas, que para me animardes, me dirigistes em relação ao meu *Dicionário*, e orgulho-me por virem de vossa pessoa, que

²²⁰ MARQUES, César Augusto. [Carta a Ferdinand Denis]. São Luís [Brasil], 10/12/1872. 1 doc. 2 p. IEB, Acervo Alberto Lamago, AL-086-038. Inédita. Grifos do autor.

²²¹ Idem. *Dicionário Histórico e Geográfico do Maranhão*. São Luís do Maranhão: Typ. de Frias, 1870.

²²² Claude d'Abbeville (15?-1632), missionário capuchinho que participou da catequização dos índios tupinambás brasileiros, em São Luís no Maranhão, onde a França tentava se estabelecer desde 1594. Seu relato, *Histoire de la mission des pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines*, foi publicado em 1614, e deveria ser seguido pelo de Yves d'Évreux que, no entanto, permaneceu inédito até ser editado por Denis, em 1864.

²²³ Denis não se encarregou de uma nova edição da obra de Claude d'Abbeville. Mesmo assim, não deixou de ajudar César Augusto Marques a estabelecer as notas da sua tradução de *Histoire de la mission des pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines*, que veio à luz dois anos mais tarde, com o título de *Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614 por Yvo d'Évreux, publicada conforme o exemplar, único, conservado na Biblioteca Imperial de Paris*.

²²⁴ MARQUES, César Augusto. [Carta a Ferdinand Denis]. São Luís [Brasil], 20/05/1872. 1 doc. 4 p. IEB, Acervo Alberto Lamago, AL-086-039. Inédita. Grifos do autor.

além de virem de vossa ilustração, saber, e erudição tendes muitas e excelentes qualidades, que vos tornam tão recomendáveis.

Aceitais meus reconhecimentos de gratidão não só pela bondade com que, a respeito da minha obra, falastes a Mr. Cortambert, presidente atual da Sociedade de Geografia de Paris, mas também pelas palavras, que a pedido deste haveis de escrever para ser inserida no *Bulletin* da mesma Sociedade, a qual eu muito desejava ver, e se for possível eu vos rogo que me mandais um número ou exemplar.

Aceitando vossos conselhos, pelo Sr. Antonio de Sousa Enes, eu vos envio um exemplar do meu *Dicionário* para terdes a bondade de oferecer em meu nome à Sociedade Geográfica de Paris,²²⁵ a qual não me atrevo escrever conhecendo a minha nulidade, embora ambicione e muito ser Sócio ou Membro dela, o que somente conseguirei se dignar-vos apadrinhar esta minha pretensão perante o vosso Ilustre amigo, Presidente [ilegível] da mesma.

Desejando conseguir o mesmo do Instituto Histórico e Geográfico de Paris, solicito-vos iguais obséquios. Qualquer que seja a despesa a fazer com a solicitação dos títulos e despesas com vossas ordens serão satisfeitas.

Já acabei a tradução da obra do acurável Ivo d'Évreux, editada por vós como mais um valioso serviço, que prestastes às letras, e especialmente ao Brasil, vosso amigo dedicado. No meu prólogo falo de vós, e muito, e sempre fazendo-vos justiça. Já estou traduzindo a obra do Pe. Cláudio d'Abbeville, mas aí faltarão um Prólogo e as notas preciosas de vossa pena, como fizestes na obra de Ivo d'Évreux! Da vida de Cláudio d'Abbeville nada sei além do que li do vosso escrito na obra do Pe. Ivo e por isso ser-me-hão agradáveis as vossas informações.

Eu vos abraço [ilegível] e cordialmente pela publicação em nova edição da obra de João de Léry,²²⁶ e contando-me já no número de vossos assinantes, e com impaciência eu a aguardo.

Apenas publicadas estas minhas traduções, eu vos enviarei como presente à vossa biblioteca particular.

Muito estimo que continueis a fruir muita boa saúde e prosperidade, e acreditai que, embora muito obscuro, sem préstimo, e sem mérito, tenho a honra de ser e com muito particular consideração e estima

Vosso amigo e servo muito [ilegível]
Dr. César Augusto Marques

26. Carta de César Augusto Marques a Denis (26/11/1873)²²⁷

²²⁵ O referido dicionário consta efetivamente na lista de obras oferecidas à Sociedade de Geografia, conforme indicam as atas da sessão do dia 17 de outubro de 1873. Cf. *Bulletin de la Société de Géographie*, Paris, janvier-juin 1874, p. 109.

²²⁶ Jean de Léry (1536-1613?), viajante francês que esteve no Rio de Janeiro entre março de 1557 e janeiro de 1558. De volta à Europa, publicou com grande sucesso sua *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite l'Amérique* (1578). É possível que, em 1873, Denis estivesse preparando uma nova edição da narrativa de viagem. O manuscrito Ms. 3878 "Notes prises au courant de la plume par Ferdinand Denis, sur les sujets les plus divers", escrito pelo autor entre 1856 e 1857 e atualmente conservado na Biblioteca Santa Genoveva, contém uma série de anotações feitas por ele a respeito da vida e da obra de Léry. Cf. DIAS, Cicero. *Catalogue du Fonds Ferdinand Denis*. Bibliothèque Sainte-Geneviève/Institut français des Hautes Études brésiliennes. Paris: 1871. p. 121-124.

S. Luís do Maranhão 26 de novembro de 1873

Meu caro amigo e Ilmo. Compadre

De posse de vossas cartas de 16 e 29 de Setembro, que muito me alegraram, só agora posso respondê-las.

Muito estimo haverdes travado conhecimento com o nosso amigo o estudioso P. A. Lavras de Sousa, e nele achareis um sujeito digno de estima.

Muito vos agradeço o haverdes entregado o volume do meu *Dicionário*, que por ele o envie, a Mr. Cortambert, afim de ser apresentado à Sociedade de Geografia dando-me a esperança de em breve ser honrado com o ditame de Sócio, o que muito aprecio, e por isso vos peço que tomeis um negócio sob vossos cuidados, mandando-me o parecer que der essa Sociedade ao meu *Dicionário*, e o competente [ilegível], obrigando-me a [ilegível] em todas as despesas.

Prometeis-me um lugar de Sócio na Sociedade de Aclimação,²²⁸ aceito e agradeço cordialmente.

Já estão prontas as traduções das obras do Pe. Yvo d'Évreux e Cláudio d'Abbeville, importantes trabalhos destes dois missionários franceses. Agradeço de coração a bondade e solicitude de vossas informações sobre o Pe. Cláudio, e servindo-me delas, amparado com o vosso nome, eu as citarei no prólogo, e assim enriquecerei meu trabalho pois mencionando vosso nome, respeitável por vosso profundo saber, variados estudos, sólidas investigações, amor à esta terra, que também é vossa pelo muito que a quereis.

Logo que foram publicadas, eu vos enviarei um exemplar para o conservardes na vossa biblioteca, como prova do muito que vos estimo e respeito.

Desejava muito ir à Paris abraçar-vos pessoalmente, infelizmente sou pobre e carregado de família. Não sou político e por isso sem protetor poderoso. Vivo a uma Província de 4ª. Ordem, e portanto cercado de invejosos, que me perseguem, e não me deixam às vezes nem estudar.

Enfim, contento-me com o vosso retrato, e por isso vol-o peço com muito empenho.

Desejo-vos, meu caro amigo e compadre, muita saúde e prosperidade, pois sou e com estima

Vosso amigo e dedicado apreciador
Dr. César A. Marques

27. Carta de Denis a Ramiz Galvão²²⁹ (20/01/1874)²³⁰

²²⁷ MARQUES, César Augusto. [Carta a Ferdinand Denis]. São Luís [Brasil], 26/11/1873. 1 doc. 3 p. IEB, Acervo Alberto Lamego, AL-097-001. Inédita.

²²⁸ A Sociedade Zoológica de Aclimação foi fundada em Paris, em 10 de fevereiro de 1854, com o objetivo de debater a introdução na França de animais exóticos úteis tanto para a agricultura, quanto para a indústria.

²²⁹ Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846-1939), futuro Barão de Ramiz, foi um médico, professor, biógrafo e tradutor brasileiro. Depois de dar aulas no Colégio D. Pedro II e na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, recebeu, em 1870, o convite de assumir o cargo de diretor da Biblioteca Nacional da mesma cidade, frente à qual permaneceu por mais de doze anos. Três anos mais tarde, viajou à Europa enquanto membro da comissão que representou o Brasil na Exposição Universal de Viena e aproveitou para visitar dezenas de instituições de leitura em Paris, Londres, Munique, Berlim, Florença, Milão, Bruxelas, Haia e Lisboa. Dois objetivos principais o moviam nessa empreitada: localizar documentos sobre a história do Brasil

Paris, 20 de janeiro de 1874

Caro senhor e honrado confrade,

Basta de diligências, se V. Sa. estava na intenção de fazê-las: fui surpreendido pela boa fortuna e estou em condições de remeter a V. Sa. o ingresso que me foi dado por Auguste Barbier²³¹ para a sessão da Academia Francesa que terá lugar depois de amanhã. Lamento não ter um segundo convite para oferecer à Madame Ramiz Galvão.²³²

Receba os meus cumprimentos.
Ferdinand Denis

P.S.: É de suma importância chegar cedo ao Palais, do contrário V. Sa. não encontrará um bom assento!

28. Carta de Denis a Ramiz Galvão (31/01/1874)²³³

Paris, 31 de janeiro de 1874

Senhor e caro confrade,

Em conformidade com o que lhe prometi, informei-me com o Sr. Porquet,²³⁴ o último possuidor de *L'art de vérifier les dates*,²³⁵ sobre o preço que custaria a porção dessa vasta obra relativa à América. Este livreiro, que é um homem consciencioso, disse-me que ele não passaria de 50 francos, considerando o valor de 5 francos o volume. O Sr. Porquet habita o Cais Voltaire, diante da Ponte dos Saints Pères.

Eu tenho para V. Sa. uma curiosa dissertação que ficarei encantado em lhe oferecer, e que acaba de ser publicada. Trata-se de um volume de uma centena de páginas in-4,

que pudessem ser adquiridos ou copiados e encontrar um modelo organizacional para a biblioteca sob sua direção a partir da análise do funcionamento das congêneres estrangeiras. A visita à Biblioteca Santa Genoveva foi uma das primeiras realizadas por Ramiz Galvão, conforme revela sua correspondência com Denis. Cf. CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *O bibliotecário perfeito: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional*. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015.

²³⁰ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/01/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0001. Original em francês, tradução minha. Inédita.

²³¹ Auguste Barbier (1805-1882), poeta, crítico de arte e tradutor francês. Membro da Academia Francesa desde 1869.

²³² Leonor Maria de Saldanha da Gama casou-se com Ramiz Galvão em 1871. Irmã de João Saldanha da Gama (1835-1899), nomeado chefe de seção da Biblioteca Nacional, em 1876, por intercessão de Ramiz Galvão. Cf. CALDEIRA, Op. cit., p. 40-41.

²³³ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 31/01/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0002. Original em francês, tradução minha. Inédita.

²³⁴ Charles Porquet (1823-1902), editor e livreiro francês.

²³⁵ Referência à coleção *Art de vérifier les dates, depuis l'année 1770 jusqu'à nos jours*, cujos volumes relativos à América, organizados pelo diplomata estadunidense David Baillie Warden (1778-1845), vieram à luz entre 1826 e 1844.

intitulado: *Essai sur les Institutions politiques, religieuses, économiques et sociales de l'Empire des Incas*,²³⁶ de autoria do Sr. Ch. Wiener.²³⁷

Acredite, caro Senhor, nos meus sentimentos mui afetuosos e devotados.

Seu confrade
Ferdinand Denis

29. Carta de Denis a Ramiz Galvão (09/02/1874)²³⁸

Paris, 9 de fevereiro de 1874

Meu caro confrade e amigo,

Será na verdade nesta quarta-feira que teremos a satisfação de recebê-lo na Biblioteca Santa Genoveva. Amanhã devo ir ao que chamamos de uma missa de casamento e tínhamos de início reservado a terça-feira para nossa visita. De maneira que estarei a sua espera depois de amanhã entre 11 e 11h30. V. Sa. será recebido como convém recebê-lo em qualquer parte em Paris, com imenso prazer.

Creia em meus sentimentos os mais afetuosos e dedicados.

Ferdinand Denis

30. Carta de Denis a Ramiz Galvão (24/02/1874)²³⁹

Paris, 24 de fevereiro de 1874

Caro colega e amigo,

Lamentei não encontrá-lo em casa, quando antes de ontem fui ao faubourg Saint-Honoré. Não sei onde encontrá-lo agora, mas antes de tudo faço empenho em que saiba que, em atenção a seu desejo, solicitei uma entrada para a famosa sessão ao Sr. Patin,²⁴⁰ secretário perpétuo da Academia Francesa. Não estando longinquamente seguro de poder enviar, ele não obstante tomou nota de meu pedido, de modo que me resta alguma

²³⁶ WIENER, Charles. *Essai sur les Institutions politiques, religieuses, économiques et sociales de l'Empire des Incas*. Paris: librairie Maisonneuve, 1874.

²³⁷ Charles Wiener (1851-1913), diplomata e explorador de origem franco-austríaca. Personagem recorrente nas cartas de Denis, integraria, entre 1875 e 1876, uma expedição organizada pelo Ministério da Instrução Pública francês com o objetivo de coletar informações etnográficas no Peru e na Bolívia. Antes de se dirigir ao Peru, porém, passaria alguns meses no sul do Brasil.

²³⁸ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 09/02/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0003. Inédita.

²³⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 24/02/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0007. Original em francês, tradução minha. Inédita.

²⁴⁰ Henri Joseph Guillaume Patin (1793-1876), helenista e latinista francês. Membro da Academia Francesa de Letras desde 1842, foi eleito seu secretário perpétuo em 29 de junho de 1871.

esperança de fazer chegar a V. Sa. sua almejada entrada. Esteja certo, meu caro confrade e amigo, que fico muito feliz a cada ocasião que se apresenta de lhe ser agradável.

Receba minha estima e consideração.

Ferdinand Denis

31. Carta de Denis a Ramiz Galvão (03/03/1874)²⁴¹

Paris, 3 de março de 1874

Meu caro confrade e amigo,

Ausentei-me, para meu grande pesar, de sua gentil visita de ontem, mas, felizmente, estive presente àquela que me proporcionou a entrada para a Academia Francesa, que V. Sa. tanto desejava, com justa razão. É com satisfação que a ofereço a V. Sa. e devo adverti-lo de que é indispensável, para se acomodar, chegar com folga ao Palais do Instituto: tão logo aberta a sala ficará repleta.

Creia em meus sentimentos dedicados.

Vosso terno confrade
Ferdinand Denis

32. Carta de Denis a Ramiz Galvão (11/03/1874)²⁴²

Paris, 11 de março de 1874

Caro confrade e amigo,

Hoje pela manhã me avistei com o erudito comandante Mouchez.²⁴³ Falei-lhe de V. Sa. e do lúcido empenho que você devota a enriquecer a bela biblioteca confiada a seus cuidados. Ele ficará encantado em conhecê-lo e me incumbiu de dizer que terá à sua disposição três ou quatro volumes e entre outras coisas a porção de seu mapa que diz respeito ao Pernambuco. É um homem verdadeiramente infatigável, em três meses ele partirá para se estabelecer na extremidade do mundo, na ilha de Amsterdam, para observar a passagem de Vênus.

Aperto cordialmente a sua mão.

²⁴¹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/01/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0008. Inédita.

²⁴² DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 11/03/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0009. Original em francês, tradução minha. Inédita.

²⁴³ Ernest Amédée Barthélemy Mouchez (1821-1892), oficial naval e astrônomo francês. Foi diretor do Observatório de Montsouris e do Observatório de Paris. Membro do Instituto Histórico da França. Tendo participado de campanhas hidrográficas no Brasil, publicou a esse respeito as obras *Longitudes chronométriques des principaux points de la côte nautiques, rapportées au premier méridien de Rio-Janeiro* (1863) e *Les Côtes du Brésil, description et instructions nautiques* (1864-1879) – daí o interesse de Denis em obter sua opinião sobre o mapa.

Seu devotado servo e amigo
Ferdinand Denis

O Sr. Mouchez reside à Rua Blanville, 9, no mesmo bairro onde moro.

33. Carta de Denis a D. Pedro II (25/03/1874)²⁴⁴

Paris, 25 de março de 1874

Majestade,

Não é porque vós me fizestes uma grande honra, eu estava para dizer uma honra insigne, que hoje respondo. É por um impulso do coração, aliado perfeitamente, digo eu, ao respeito que vos é devido, que venho vos agradecer por me ter escrito. Estou imensamente feliz, senhor, de ter podido executar em parte as instruções que vos dignastes fazer-me incumbindo o Dr. Ramiz Galvão de ajustar comigo alguns detalhes de bibliografia especial, cujo valor e utilidade vossa Majestade conhece mais do que ninguém.

Vosso jovem e erudito bibliotecário fez em Paris excelente uso de vossas sábias prescrições: ele viu e estudou tudo que era de sua competência e não duvido um instante de que, com a sagacidade penetrante que todos reconheceram em vossa Majestade aqui e da qual conservamos viva lembrança, daqui a alguns meses vos permitireis reconhecer como a viagem do Sr. Ramiz Galvão era necessária a vosso belo país, para completar certos estudos especiais cujos resultados encontraremos mais tarde na grande Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A bibliografia não é exatamente uma ciência, mas é a chave de todas as ciências. Era o que repetíamos há pouco com o nosso saudoso Drummond de Menezes,²⁴⁵ cujos últimos dias vossa Majestade, pode-se dizer, encheu de encantos e com quem me era tão agradável falar de vós e de vossa família imperial, à qual ele era muito sinceramente devotado. O tempo rouba quase tudo aos velhos, mas não pode roubar-lhes as nobres recordações: aquela da viagem de vossa Majestade à França²⁴⁶ cresce todos os dias e é uma consolação da qual eu compartilho a cada instante.

Sou, com um profundo respeito, Senhor, por vossa Majestade,

o devotado e grato
servo.
Ferdinand Denis

²⁴⁴ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 25/03/1874. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 169 – Doc. 7750 [d01]. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por George Raeders, com a data de 21 de março de 1874. Cf. RAEDERS, George. *D. Pedro II e os sábios franceses*. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 1944. p. 118-169.

²⁴⁵ Antonio de Menezes Vasconcelos de Drummond faleceu em Paris, no dia 15 de janeiro de 1874 – embora alguns biógrafos do século XIX erroneamente indiquem 1865 como o ano de morte do autor.

²⁴⁶ Essa seria a primeira viagem transatlântica de D. Pedro II que, dois anos mais tarde, voltaria à Europa.

34. Carta de Denis a D. Pedro II (02/06/1874)²⁴⁷

Paris, 2 de junho de 1874

Majestade,

É porque tenho urgência de responder à vossa carta de 3 de maio, que me tocou profundamente ao me honrar aos meus próprios olhos, que escrevo hoje. – Seria sumamente agradável a mim, admito, fazer acompanhar esta carta pelos dois mapas tão curiosos que tive a felicidade de apresentar a vossa Majestade em Paris e que a apreciação de um hidrógrafo célebre dota de um novo preço. Mas se todo o meu empenho não foi suficiente para a consecução do meu projeto, vou enfim realizá-lo deixando a outro mais afortunado que eu a satisfação de vos oferecer um trabalho mais completo: os nobres corações sabem apreciar as boas intenções e, dentro de alguns anos, tendo sido oferecida ao vosso infatigável ardor pelo estudo uma biografia completa do velho navegador Jacques de Vau, estou certo de que vossa Majestade terá a bondade de lembrar o humilde investigador que retirou este nome da poeira onde estava oculto.

Como era vosso desejo, senhor, discorri mais de uma vez sobre matérias bibliográficas com o jovem e erudito bibliotecário do Rio de Janeiro; e, embora seus primeiros estudos o tivessem levado a uma outra direção, notei que o Sr. Ramiz Galvão tinha compreendido perfeitamente a natureza das novas aquisições que havia a fazer para que o grande estabelecimento confiado a seus cuidados assumia o caráter que lhe cabe, isto é, o de um lugar de iniciação, (se cabe utilizar tal termo) onde se possa adquirir todos os conhecimentos especiais exigidos daqueles de que se espera que conheçam o Brasil e que o façam progredir. Assim como eu, o Sr. Ramiz Galvão reconhece a necessidade de uma bibliografia especial aplicada a vosso vasto Império e análoga à que foi feita outrora para a França pelo Padre Le long.²⁴⁸ É desejável que um tal trabalho, que não se pode improvisar, não se faça esperar muito tempo. Se já não tivesse tantos anos sobre os ombros, seria para mim uma felicidade dar minha contribuição.

Vossa Majestade que se lembra de tantas coisas, talvez se recorde que, à época da visita à vasta biblioteca da Rua Richelieu,²⁴⁹ foi-lhe falado de um jovem português do Porto, Sr. Joaquim de Vasconcelos,²⁵⁰ que havia feito a viagem de Portugal a Paris unicamente para consultar um livro cujo único exemplar conhecido hoje está em nossas mãos. O catálogo da biblioteca musical de D. João IV²⁵¹ hoje segue em bom ritmo – cerca de 17 folhas foram impressas – e terá mais ou menos 500 páginas, como o original, e formará para a arte musical, tão protegida pela Casa de Bragança, um genuíno monumento.

²⁴⁷ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 02/06/1874. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 169 – Doc. 7750 [d02]. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por George Raeders. Cf. RAEDERS, Op. cit., 1944, p. 169-172.

²⁴⁸ Jacques le Long (1665-1721), padre e bibliógrafo francês. Ferdinand Denis se refere aqui a sua atuação à frente da *Bibliothèque historique de la France, contenant le catalogue de tous les ouvrages tant imprimés que manuscrits qui traitent de l'histoire de ce royaume ou qui y ont rapport, avec des notes critiques et historiques*, impressa em Paris no ano de 1719, cujo objetivo, como revela o próprio título, era listar de forma ordenada todos os livros e manuscritos sobre a história da França em uma única obra.

²⁴⁹ Referência à atual Biblioteca Richelieu, que inicialmente se situava no número 58 da rua Richelieu, em Paris.

²⁵⁰ Joaquim de Vasconcelos (1849-1936), historiador, musicólogo e crítico de arte português.

²⁵¹ Vasconcelos, que já havia lançado um *Ensaio crítico sobre o catálogo d'el Rey D. João IV* (1873), vinha se dedicando nos últimos meses à reedição do referido documento, cujo título completo é *Primeira parte do index da Livraria da Musica do muy alto e poderoso Rey D. João IV, nosso senhor. Por ordem de S. M., por Paulo Craesbeck, anno de 1649.*

Por aqui todos se concertaram para escrever sobre Villegagnon²⁵² e me parece que esta concorrência nada tem de má: um jovem professor de história da faculdade de Clermont, Sr. Gaffarel,²⁵³ se ocupa do assunto, o mesmo que o bibliotecário de Genebra.²⁵⁴ Falaram-me de uma nova edição de Jean de Léry projetada em vossos domínios pelo Sr. de Lacerda,²⁵⁵ que morou muito tempo na Suíça. Eu mesmo não renunciei a dizer o que sei sobre esse período primitivo da história do Brasil. Talvez a verdade saia deste conjunto de investigações voltadas para um alvo comum.

Recebemos aqui, no último sábado, a longa visita do célebre Lepsius²⁵⁶ que vinha estudar a organização de nossa biblioteca, para dela fazer uso na construção do edifício de mesma natureza que se projeta na Alemanha. Ele pareceu se agradar de muitos aspectos do local. Devo reiterar, Majestade, que, se não pude reunir o Sr. Ramiz Galvão ao Sr. Labrouste,²⁵⁷ em razão das inúmeras ocupações que tomavam o primeiro desses cavalheiros em razão de sua curta estada em Paris, nosso digno arquiteto estará à disposição do seu dedicado bibliotecário todas as vezes que se tiver necessidade de recorrer a ele para certos detalhes arquitetônicos.

Minha biblioteca particular, que é um pouco de todo mundo, acaba de ser enriquecida por um livro excelente que diz, em termos claros e livres de toda ênfase, o que há para saber sobre o vosso esplêndido país. Trata-se do volume intitulado *L'empire du Brésil à l'Exposition Universelle de Vienne*.²⁵⁸ Vou mandar encaderná-lo para poder emprestá-lo a meus amigos.

Sou, com profundo respeito, Majestade,

seu gentil e devotado servo
Ferdinand Denis

35. Carta de Denis a Ramiz Galvão (14/07/1874)²⁵⁹

Paris, 14 de julho de 1874

²⁵² Nicolas Durand de Villegagnon (1510-1571), militar e explorador francês, conhecido principalmente por seu papel no estabelecimento de uma colônia francesa na costa brasileira, que recebeu o nome de França Antártica.

²⁵³ Paul Gaffarel (1843-1920), tradutor, historiador e professor de história francês. Consagrou-se principalmente ao estudo da história das colônias francesas, escrevendo obras como *Histoire du Brésil français au XVI^e. Siècle* (1878) e *Voyages des Français au Canada, dans l'Amérique Centrale et au Brésil dans les premières années du XVI^e siècle* (1890). Também editou a obra dos viajantes André Thevet (1502-1590), *Les singularités de la France antartique* (1887), e Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* (1880).

²⁵⁴ Philippe Roget (?-?). Ver adiante a carta de Denis a Ramiz Galvão de 14 de julho de 1874.

²⁵⁵ O Sr. Lacerda, mencionado por Denis nesta carta, não deve ter dado continuidade a seus projetos. A primeira versão em língua portuguesa da obra de Jean de Léry da qual temos notícia, intitulada *História de uma viagem à terra do Brasil*, foi feita apenas em 1889, por Tristão de Alencar Araripe (1821-1908).

²⁵⁶ Karls Richard Lepsius (1810-1884), egiptólogo e arqueólogo nascido no território hoje conhecido como Alemanha. Nomeado diretor da Biblioteca Real de Berlim em 1873, exerceu a função até sua morte, onze anos mais tarde.

²⁵⁷ Henri Labrouste (1801-1875), arquiteto francês, conhecido principalmente pelo seu trabalho de renovação da Biblioteca Santa Genoveva e da atual Biblioteca Nacional da França.

²⁵⁸ Referência à obra *L' du Brésil à l'exposition universelle de Vienne en 1873* (1873).

²⁵⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/07/1874. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0011, 0012 e 0013. Original em francês, tradução minha. Inédita.

Caro senhor e honrado confrade,

Eu estava à espera de receber uma carta sua que deveria me chegar de Lisboa, mas os contratempos inerentes a uma longa viagem me privaram desta amável lembrança, de sorte que aproveito uma ocasião favorável para me informar diretamente dos resultados de suas longas perquirições e de seu exame das Bibliotecas de Portugal, no interesse daquela que V. Sa. dirige tão bem.

As pesquisas sobre o Brasil no século XVI estão na ordem do dia por aqui. E, para começar por um fato que concerne particularmente a V. Sa., o Sr. Wiener,²⁶⁰ o jovem professor a quem devemos uma dissertação que já é do seu conhecimento, há três ou quatro dias me disse que vai consagrar sua vida científica à composição de um vasto catálogo de livros que foram compostos sobre a América do Sul; mas ele o fará lentamente, sem se contentar em transmitir com rigor os títulos das obras e a data indiscutível de sua impressão, mas expondo brevemente e de uma maneira verdadeiramente crítica o objeto principal que determinou cada composição. É preciso ser jovem e dotado de genuíno ardor para levar a cabo tal obra e sei que esta se sustentará sobre um trabalho há muito começado.

De outra parte, nosso colega de Genebra Sr. Philippe Roget há pouco me escreveu relatando que, na ausência de notícias de uma reimpressão de Jean de Léry que deveria ocorrer no Brasil, estava decidido a publicar um vasto trabalho que ele havia iniciado, intitulado: *Histoire de l'établissement des Français à la baie de Rio de Janeiro en 1555*.

O Sr. Paul Gaffarel, professor da faculdade de letras de Dijon, do qual eu creio já ter-lhe enviado um opúsculo, anunciou-me recentemente estar às voltas com o mesmo tema, de sorte que é de se esperar para o futuro e num curto prazo uma série de documentos sobre o mencionado assunto, o que será muito proveitoso para a história de seu belo país: creio que V. Sa. sabe que há longos anos eu próprio me dedico ao tema.

Um homem que já deu grandes provas de perícia e exatidão bibliográfica, o Sr. H. Harrisse, acaba de publicar *Les Colombo de France et d'Italie – Fameux marins du XV^{ème} siècle – 1461-1492, d'après des documents nouveaux ou inédits tirés des Archives de Milan, de Paris et de Venise*.²⁶¹ O livro ainda não chegou a minhas mãos, mas não tenho dúvida de que está repleto de fatos novos ou pouco conhecidos.

Em retribuição à solicitude que V. Sa. me prodigou, e que lhe honra, já fiz algumas pesquisas a respeito da família do reverendo Padre Cléau ou Cleot,²⁶² mas até o momento, devo dizer, elas foram infrutíferas.

Espero não me demorar muito para enviar-lhe “Les plans de Rio de Janeiro et d'Itamaraca, par Jacques de Vau de Claye”. Estes documentos incontestáveis do século XVI estão fixados agora em metal e, como os principais custos envolvidos na gravura são pagos por mim, estou em vias de me entender com um livreiro que se encarregará da publicação das duas pranchas em questão e do texto bastante curto que as acompanha.

Eis, senhor e caro colega, algumas informações o seu tanto áridas. Com efeito, eu não ousaria dirigi-las a ninguém senão a um fervoroso amator de pesquisas bibliográficas

²⁶⁰ Embora tenha publicado diversos livros sobre a história e a geografia da América do Sul, Charles Wiener parece não ter levado tal projeto adiante.

²⁶¹ HARRISSE, Henri. *Les Colombo de France et d'Italie – Fameux marins du XV^{ème} siècle – 1461-1492, d'après des documents nouveaux ou inédits tirés des Archives de Milan, de Paris et de Venise*. Paris: librairie Tross, 1874.

²⁶² Jorge Estanislau Xavier Luís Camilo Cléau (1818-1870), o frei Camilo de Monserrate, religioso, professor e bibliotecário de origem francesa. Mudou-se para o Rio de Janeiro em meados de 1844, onde se tornou professor do Colégio Pedro II e, posteriormente, bibliotecário e diretor da atual Biblioteca Nacional. Após seu falecimento, foi substituído por Ramiz Galvão.

como V. Sa. e eu lhe poupo dos desdobramentos pelo temor de fatigá-lo, a despeito do ardor que bem sei o anima.

Receba as demonstrações de minhas afetuosas lembranças e creia-me à disposição de V. Sa., todas as vezes em que meus débeis conhecimentos puderem ser úteis a qualquer cousa.

Seu dedicado confrade
Ferdinand Denis

36. Carta de Denis a Ramiz Galvão (01/11/1874)²⁶³

Paris, 1º de novembro de 1874

Meu caro confrade e amigo,

Devo confessar que por um momento me pareceu que os esplendores bibliográficos da Europa Meridional tinham-no cativado completamente e que o assaz natural culto que V. Sa. professa à ciência fê-lo esquecer de um humilde cura do templo, mas sua amabilíssima carta me tranquilizou de todo e começo por lhe agradecer pelos encantadores relatos que V. Sa. me fez. Com efeito, trata-se de um achado admirável este cujos incidentes V. Sa. me narra com tanto entusiasmo e ímpeto. Imediatamente fiz a notícia chegar aos ouvidos dos confrades da Biblioteca Richelieu, que ficaram maravilhados. Do mesmo modo, comuniquei a Porquet e o pus ao corrente de suas intenções favoráveis no que toca a ele.

De resto, as opiniões são unânimes no que tange a este suposto acaso que permitiu descobrir um tesouro iconográfico por tanto tempo sepulto e como que abandonado às traças, tais boas fortunas só ocorrem aos espíritos de elite, aos pesquisadores privilegiados, aos amadores, que unem o amor da Arte ao da Ciência; um espírito verdadeiramente dotado, como se diz, e que a tal dom ajunta o da perseverança. – Eu já teria dito tudo isso a V. Sa. há vários dias, não fosse a estupidez de um horroroso tombo à noite diante da Rua Cuvier. Devo render graças à Providência, pois este trambolhão maçante não me fez mais que algumas dores e um entorse o seu tanto incômodo: eu devia ter quebrado a perna e um carro, como se chamado naquele instante, estava ali para me conduzir a minha casa. Tudo isso se passou há quinze dias, quando eu voltava à noite do caminho de ferro de Vincennes e interrompeu o seu tanto minha correspondência e meus afazeres.

4 de dezembro

Meu mal foi mais tenaz do que eu a princípio imaginei que seria, meu caro e erudito colega, e minha vida laboriosa foi completamente perturbada pelo mal sofrido, que exigiu cuidados que a princípio não imaginei e do qual, ai, ainda não me livrei. No entanto não quero manter uma atitude de culpado ou negligente diante de V. Sa. e assim retomo esse naco de carta ao menos para desejar-lhe do fundo de meu coração um bom fim de ano. Desde que iniciei esta carta o terrível personagem graças ao qual a França foi apresentada à vida brasileira em meados do século XVI ganhou uma certa notoriedade pelas mãos de

²⁶³ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 01/11/1874. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0014, 0015 e 0015. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

dois jovens escritores, a grande Notícia do Sr. Gaffarel dá relevo sobretudo ao Villegagnon americano,²⁶⁴ se tal denominação é cabível, mas falta a este jovem escritor, em que pese seu valor, o conhecimento dos lugares, pois ele pretende que a Ilha das Cobras²⁶⁵ tenha sido o refúgio do personagem cuja vida aventureira ele rememora. O Sr. de Grammont,²⁶⁶ ao contrário, destaca o Villegagnon africano em seu genuíno caráter histórico e V. Sa. pode estudá-lo na *Relation de l'expédition de Charles Quint contre Alger*,²⁶⁷ da qual V. Sa. já deve ter ouvido o suficiente pelos jornais. Tudo isso é excelente para as futuras histórias do Brasil, mas posso afirmar desde já que esses senhores não possuem os documentos de biografia particular sobre o personagem em questão, os quais consegui providenciar para mim. Veremos isso mais tarde, quando eu tiver a felicidade de recobrar a liberdade de meus movimentos. E por falar em biografia, absolutamente não me esqueci do que prometi a V. Sa. no que diz respeito a autógrafos nacionais, mas eu preciso remexer montes de papéis. – Por esses dias encontrei uma biografia inteira deste pobre e saudoso Gonçalves Dias, composta de seis páginas! com sua bela caligrafia.²⁶⁸ Tratava-se de uma nota solicitada por mim, para um artigo biográfico que não pude fazer na *Biografia Geral*, já que deixaram para as calendas gregas, como se diz, o muito aguardado suplemento em 46 volumes publicados pela Maison Didot,²⁶⁹ que não tem pressa e que, eu bem creio, me deixará partir para o outro mundo antes de poder utilizar nesta vasta empreitada tudo que eu teria podido dizer sobre numerosos brasileiros dignos da mais alta estima, bem entendido, meu caro e benevolente colega, que V. Sa. pertence a esta categoria.

Então adeus, meu honrado confrade e amigo, não poupe indulgência para com um velho acidentado que em seu coração só tem o desejo de ser agradável a V. Sa. e de quem receberá dentro em pouco outra missiva.

Seu devotado e afetuoso
Ferdinand Denis

²⁶⁴ GAFFAREL, Paul. Le chevalier de Villegagnon et la colonie française au Brésil au XVIe. Siècle. *Revue politique et littérature*, Paris, 15/08/1874, p. 146-153.

²⁶⁵ De fato, não foi na Ilha das Cobras, mas sim em outra ilha da Baía de Guanabara, a Ilha de Villegagnon (antigamente conhecida como Ilha de Serijipe ou Ilha das Palmeiras), que Villegagnon se instalou com suas tropas e ergueu o forte Coligny.

²⁶⁶ Henri Delmas de Grammont (1830-1892), historiador e tradutor francês.

²⁶⁷ Villegagnon participou da expedição à Argélia feita por Carlos V, entre 20 de outubro e 1º de novembro de 1541, pelo controle do mar Mediterrâneo. Seu relato da expedição, publicado em latim no ano de 1541, foi traduzido para o francês no ano seguinte e reeditado por Henri Delmas de Grammont, em 1874. Cf. VILLEGAGNON, Nicolas Durand de. *Relation de l'expédition de Charles Quint contre Alger par Nicolas Durand de Villegagnon suivie de la traduction du texte latin par Pierre Tolet, publiées avec avant-propos, notice biographique, notes et appendice par H.-D. de Grammont*. Paris: Auguste Aubry libraire; Alger: Juillet-St.-Lager libraire, 1874.

²⁶⁸ A autobiografia de Gonçalves Dias feita a pedido de Ferdinand Denis se abre com a seguinte passagem, bastante conhecida entre os pesquisadores do poeta: “As províncias do Norte do Brasil foram as que mais tarde aderiram à independência do Império. Caxias, então chamada Aldeias Altas, no Maranhão, foi a derradeira. A independência foi ali proclamada depois de uma luta sustentada com denodo por um bravo oficial português que ali se fizera forte. Isto teve lugar a 1º de agosto de 1823. Nasci a 10 de agosto desse ano”. Segundo Lúcia Miguel Pereira – a primeira a reproduzir esse trecho, em 1943 –, a autobiografia em questão estaria guardada na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Contudo, o catálogo da referida biblioteca não indica a existência de tal documento. Cf. PEREIRA, Op. cit., p. 9.

²⁶⁹ Um verbete sobre Gonçalves Dias já havia sido publicado por Denis, em 1852, no volume 14 da *Biographie Générale*. Cf. DENIS, Ferdinand. Gonçalves Dias. In: HOEFER, Jean-Chrétien-Ferdinand (ed.). *Nouvelle Biographie Universelle depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours*. T. XIV. Paris: Firmin Didot Frères, 1852. p. 52-53.

Post Scriptum

Assim que V. Sa. encontrar ocasião favorável, ofereça a homenagem de meu respeito a seu digno Imperador e faça menção às várias e tocantes lembranças que ele deixou entre nós: elas não perderam nada de sua vivacidade.

37. Carta de Varnhagen a Denis (18/11/1874)²⁷⁰

Viena, 18 de novembro de 1874

Meu muito caro amigo,

Perdoe-me, peço, toda esta demora para responder a suas amáveis cartas. A chegada do inverno me pôs de cama com um forte resfriado e fui forçado a deixar todas as minhas cartas sem resposta até este momento, quando começo pela sua.

Tenha a bondade de fazer o uso que lhe aprouver dos exemplares de publicações que enviei a V. Sa. e cuja distribuição total eu reservo para a ocasião de minha visita a Paris, no próximo mês de março, época do Congresso Geográfico, para o qual, como V. Sa. sabe, fui nomeado delegado oficial do Brasil.²⁷¹

Fique, se for do seu agrado, com um dos exemplares da edição numerada e tenha a gentileza de oferecer o outro, em meu nome, para meu velho amigo Sr. d'Avezac,²⁷² acrescentando que faço sinceros votos pelo seu restabelecimento.

Agradeço pela cautela com que V. Sa. se empenha em corrigir, à pluma, a falha da falta da preposição – de – na resposta a Netscher.²⁷³

Eu lhe felicito pela boa fortuna em meio ao risco que V. Sa. correu na queda no cais.²⁷⁴ Na nossa idade, meu bom amigo, é preciso se preservar de tais riscos. V. Sa. deve se considerar feliz de só ter sofrido um pequeno incômodo.

²⁷⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 18/11/1874. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 343 (f. 6-7). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 06 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicado em francês por Afonso Arinos e em português por Clado Ribeiro de Lessa. Cf. ARINOS, Op. cit., p. 15; LESSA, Op. cit., p. 430-431.

²⁷¹ Varnhagen escreveu para D. Pedro II, no dia 16 de junho de 1875, pedindo para ser dispensado do Congresso, porque precisava se concentrar na escrita de sua *História da Independência*. Apesar de seus esforços, a obra viria a lume postumamente, apenas em 1916. Cf. LESSA, Op. cit., p. 430.

²⁷² Marie-Armand-Pascal d'Avezac (1800-1875), geógrafo francês. Foi membro do Institut Historique, secretário da Société de Géographie de Paris e um dos fundadores da Société de Ethnographie. Suas relações com Varnhagen vinham pelo menos desde 1857, quando apresentou para a Société de Géographie de Paris uma análise bastante crítica da *História Geral do Brasil* (1854-1857), do historiador brasileiro. Cf. D'AVEZAC, Marie-Armand-Pascal. *Considérations géographiques sur l'histoire du Brésil, examen critique d'une nouvelle histoire générale du Brésil, récemment publiée en portugais à Madrid par M. François Adolphe de Varnhagen chargé d'affaires du Brésil en Espagne. Rapport fait à la Société de Géographie de Paris dans ses séances des 1er. Mai, 15 Mai et 5 Juin 1857*. Paris: Imprimerie de L. Martinet, 1857.

²⁷³ A polêmica entre Varnhagen e Pieter Marinus Netscher (1824-1903) quanto à questão dos holandeses no Brasil vinha já de alguns anos. Em *História das Lutas contra os Holandeses no Brasil desde 1824 e 1864* (1871), o primeiro tecera algumas críticas à obra *Les Hollandais au Brésil: notice historique sur les Pays-Bays et le Brésil au XVIIe. Siècle* (1853), repreendendo-o principalmente pelo seu desconhecimento dos documentos brasileiros e luso-espanhóis sobre o assunto. Netscher reagiu, lançando o panfleto *Les Hollandais au Brésil, un mot de réplique à M. Varnhagen* (1873). Como se vê pelo conteúdo da carta enviada a Denis, no final de 1874, Varnhagen estava preparando uma nova resposta. Ela seria publicada poucos meses depois, com o título de *Les Hollandais au Brésil. Un mot de réponse à M. Netsche* (1875).

Por obséquio, tenha a bondade de oferecer um exemplar de cada uma de minhas publicações a nosso amigo Cortambert. E também um *Vespucci*²⁷⁵ da edição numerada.

Adeus, meu caro amigo, minha esposa manda lembranças e V. Sa. sabe de minha enorme estima.

Porto Seguro²⁷⁶

38. Carta de Denis ao Cônego Fernandes Pinheiro (04/12/1874)²⁷⁷

Paris, 4 de dezembro de 1874

Senhor e muito ilustre confrade,

Em reconhecimento a meus sentimentos devotados, bem como a meus trabalhos, creio, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro fez-me uma honra imerecida, incumbindo-me de representá-lo no Congresso de Geografia que deve se realizar em Paris em 1875.²⁷⁸ Conforme a carta que V. Sa. teve a bondade de me escrever em termos tão gentis, comuniquei à Sociedade de Geografia a honra que me foi feita no Brasil. Só me resta, senhor cônego, solicitar a V. Sa. o obséquio de ser meu intérprete junto ao Instituto Histórico, do qual V. Sa. é o digno secretário, para dar a conhecer meus sentimentos de gratidão.

Sou, com a mais alta consideração,
senhor e honrado confrade,

seu muito humilde
e muito devotado servo.
Ferdinand Denis

39. Carta de D. Pedro II a Denis (15/12/1874)²⁷⁹

Senhor,

²⁷⁴ Ver a esse respeito a carta de Denis a Ramiz Galvão do dia 1º deste mesmo mês.

²⁷⁵ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Le premier voyage de Americo Vespucci définitivement expliqué dans ses détails*. Vienne: Charles Gerold fils, 1870.

²⁷⁶ Em 14 de agosto de 1872, Varnhagen recebeu o título de Barão de Porto Seguro e, em maio de 1874, foi elevado ao de Visconde – daí a mudança em sua assinatura ao fechar a carta.

²⁷⁷ DENIS, Ferdinand. [Carta a Fernandes Pinheiro]. Paris [França], 04/12/1874. 1 doc. 1 p. IHGB, DL574.32. Original em francês, tradução minha. Inédita.

²⁷⁸ O evento foi realizado no Palácio de Tulherias, em Paris, entre os dias 1º e 11 de agosto de 1875. Cf. AMARAL, Ilídio. A geografia através dos seus congressos internacionais. *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, v. 3, n. 5, p. 84-101, 1968. Disponível em <<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2514/2142>>. Acesso em 06 mar. 2020.

²⁷⁹ D. PEDRO II. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 15/12/1874. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 53-55). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n115/mode/2up>. Acesso em 06 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por Afonso Arinos. Cf. ARINOS, Op. cit., p. 10-11. Grifos do autor.

O Instituto Histórico do Rio fez apelo a seus sentimentos brasileiros para representá-lo, como um dos seus, em companhia do Visconde de Porto Seguro (Sr. Varnhagen) no futuro Congresso Internacional de Geografia que deve prestar grandes serviços à ciência.²⁸⁰ Estou certo de que V. Sa. aceitará esta escolha com enorme prazer, e eu me regozijo de poder quase tomar parte nas sessões tão interessantes por intermédio de suas cartas, que me oferecerão a ocasião de manter uma correspondência que não será apenas um testemunho de minha imensa estima por V. Sa.

Acabo de assistir à sessão anual do Instituto Histórico e estive a ponto de sentir remorsos por não escrever esta carta mais cedo. O Instituto trabalha com regularidade e espero que V. Sa. receba a revista.²⁸¹ Haveria porventura alguma nova publicação saída da biblioteca sob sua direção? O Sr. Ramiz Galvão²⁸² já propiciou a publicação de muita preciosidade de posse da Biblioteca Nacional do Rio. Ele tomou a peito os deveres de seu cargo.

Adeus! Esteja certo do afeto do

Seu muito afeiçoado
Pedro d'Alcântara

40. Carta de Denis a Ramiz Galvão (09/03/1875)²⁸³

Paris, 9 de março de 1875

Meu caro e muito honrado confrade e amigo,

Aproveito a partida quase espontânea de bons e amáveis amigos que, retornando ao Chile, estão de passagem pelo Rio de Janeiro para trocar algumas palavras com V. Sa. e para remeter dois volumes que serão, estou certo, depositados em segurança na sua bela Biblioteca. Sua última carta, é-me dispensável dizê-lo, causou-me vivo prazer. Eu me rejubilo com as descobertas que V. Sa. faz no seu magnífico depósito e não estou menos satisfeito com sua decisão de prodigar a seu país uma tradução do livro de Pierre Moreau e do trabalho de Roulox Baro,²⁸⁴ que me são familiares há vários anos. Esta eventualidade é

²⁸⁰ Ver a esse respeito a carta de Varnhagen a Ferdinand Denis do dia 18 de novembro de 1874 e a deste último ao cônego Fernandes Pinheiro do dia 4 de outubro de 1874.

²⁸¹ Referência às revistas do IHGB, periodicamente enviadas a Denis pelo cônego Fernandes Pinheiro.

²⁸² Ao longo de quatro anos na direção da Biblioteca Nacional, Ramiz Galvão havia publicado o artigo “Apontamentos Históricos sobre a Ordem Beneditina em geral e em particular sobre o Mosteiro de N. Sra. de Monserrate da Ordem do Patriarca São Bento desta cidade do Rio de Janeiro”, na *Revista do IHGB*, além de uma nova edição da obra *Prosopopeia* (1601), do poeta Bento Teixeira (1561-1600), a partir de um exemplar encontrado no acervo da referida instituição. Cf. CALDEIRA, Op. cit., p. 324-325.

²⁸³ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 09/03/1875. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0017, 0018 e 0019. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

²⁸⁴ Roulox Baro (?-?) foi funcionário da Companhia das Índias Ocidentais, entre 1643 e 1648. Escreveu “Relação da Viagem ao País dos Tapuias, História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses”, traduzido do flamengo para o francês por Pierre Moreau, e impresso pela primeira vez, na cidade de Paris, dentro de *Relations véritables et curieuses de l'isle de Madagascar par François Cauche, et du Brésil par Roulox Baro trad. par P. Moreau avec l'Histoire de la dernière Guerre faite au Brésil entres les Portugais et les Hollandais par Pierre Moreau. Trois relations d'Egypte par César Lambert, Jacques*

tão mais feliz porque o Dr. Marques escreveu-me há quatro ou cinco dias do Maranhão para dizer que o meu Yves d'Évreux, ao lado de seu confrade Claude d'Abbeville, será enfim impresso e que ele o expedirá em momento oportuno: eis duas obras do século XVII que nada ficam a dever em interesse às duas memórias de cuja tradução V. Sa. se incumbe com tanta felicidade para um português que, sei de antemão, nada deixará a desejar na elegância e na correção.

V. Sa. me fala dessas abomináveis “traças” que se lançaram com atroz voracidade, ainda que microscópica, sobre suas maravilhas iconográficas cujo valor apreciamos aqui, com toda a gratidão por seus desvelos e solicitude. Saiba que há cerca de três meses preparo, para o *Magasin Pittoresque*,²⁸⁵ uma série de artigos intitulados “Os inimigos dos livros”,²⁸⁶ que talvez poderão um dia, acompanhados de notas, formar um pequeno volume. Ora, neles falo não só de nossas “brocas”, de nossas “térmitas”, mas também acuso as devastações das suas “traças”, “baratas” etc. etc. Promovo uma cruzada contra esses inimigos abomináveis de tudo que é caro a nós bibliotecários. Um sábio médico polonês,²⁸⁷ que neste momento publica excelentes trabalhos sobre o leite fermentado dos jumentos (o Koumys), está me obsequiando com um exame minucioso de nossos inimigos. Tenho consultado também encadernadores e nutro expectativas quanto ao emprego do “ácido fênico” em certos procedimentos de encadernação. Darei mais notícias a respeito em outra carta e por ora atendo-me a solicitar eventuais novos detalhes sobre os prejuízos talvez irreparáveis dessas malditas “traças” e dessas abomináveis “baratas”, esse inseto ortóptero, cujo número e incessantes prejuízos aparentemente nada pode diminuir.

Meu amigo Sr. Octave Benoît²⁸⁸ que de bom grado levará a suas mãos os dois volumes (um para Sua Majestade o Imperador e outro para a bela biblioteca confiada aos seus cuidados) dar-lhe-á alguns detalhes sobre minha pobre pessoa, ele mo prometeu, caso tenha a felicidade de encontrá-lo na sua biblioteca ou mesmo em casa. Trata-se do digno genro de um artista infinitamente hábil, Achille Devéria,²⁸⁹ que foi meu melhor amigo e que perdemos cedo demais para o bem da Arte (creio que V. Sa. não ignora que ele era o

Albert et Santo Seguezzi, et une du royaume de Perse (1651). Ao que tudo indica, Ramiz Galvão não deu prosseguimento a seu projeto de verter ao português esses dois relatos.

²⁸⁵ Consagrado principalmente ao tema de viagens, o *Magasin Pittoresque* veio à luz entre 1833 e 1938. Segundo Henri Cordier, “foi sobretudo no *Magasin Pittoresque* que Denis publicou seus artigos instrutivos e escritos de uma maneira extremamente agradável” (em francês: “c’est surtout au Magasin Pittoresque que Denis a donné ses notices instructives et rédigées d’une façon extrêmement agréable”). De fato, o nome do autor francês apareceu com bastante frequência na revista, assinando, entre 1840 e 1888, mais de uma dezena de artigos sobre os assuntos mais variados, incluindo “Les ennemis des livres”, sobre o qual se refere na presente carta. Cf. CORDIER, Henri. Ferdinand Denis. 1798-1890. In: *Mélanges Américaines. Extrait du Compte rendu de la huitième session tenue à Paris en 1890 du Congrès International des Américanistes*. Paris: Jean Maisonneuve, 1913. p. 16. Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65400898>>. Acesso em 06 mar. 2020.

²⁸⁶ DENIS, Ferdinand. Les ennemis des livres. *Magasin Pittoresque*, Paris, juin 1873, p. 187-188; mars 1875, p. 102-103; août 1875, p. 262-263; mai 1878, p. 146-149.

²⁸⁷ Paul Sabowski-Makarow (?-?), autor de *Du koumys et de son rôle thérapeutique* (1874). Koumis, koumys ou airag, uma bebida à base de leite fermentado de égua, originário da Ásia central.

²⁸⁸ Octave Benoît, conhecido também como Octave Benoist ou Benedetti (1818-?), tenor e compositor francês. Mudou-se para Santiago, no Chile, no começo da década de 60, onde se apresentou com muito sucesso. Mais tarde, tornou-se comerciante e assumiu a função de professor de música do Conservatório chileno. Membro da Sociedade Francesa de Fotografia (em francês, Société Française de Photographie).

²⁸⁹ Jacques-Jean-Marie Achille Devéria (1800-1857), pintor, ilustrador, aquarelista, gravurista e litógrafo francês. Foi professor de artes e conservador-adjunto na galeria de Estampas da atual Biblioteca Nacional Francesa, da qual se tornou, mais tarde, conservador titular. Artista muito versátil, realizou litografias de escritores e artistas de sua época, ilustrou livros e fez gravuras eróticas.

diretor do Gabinete de Estampas na nossa Biblioteca Nacional de Paris). Sua filha,²⁹⁰ que vi nascer e cuja saúde atravessa agora sérios percalços, deixa seus velhos amigos de Paris pesarosos com sua partida.

Trata-se de uma amável e excelente mãe de família, que eu recomendaria a sua cara esposa para o caso de ela precisar se demorar mais de vinte e quatro horas em sua bela cidade.

Tenha a bondade de dar a marido e mulher todas as pequenas instruções cabíveis a uma breve passagem no decurso de uma grande navegação.

Adeus, meu caro colega e amigo, escreverei mais longamente dentro de poucos dias. Registro estas breves palavras premido pelo tempo, mas quero deixá-lo seguro de minha estima e do profundo afeto que devotei a V. Sa. desde o dia em que o conheci.

Seu devotado servo e amigo,
Ferdinand Denis

Post-Scriptum: creio que V. Sa. apreciará tudo que há de novo nas eruditas pesquisas do Sr. Ch. E. de Ujfalvy.²⁹¹ Há pouco ele publicou miscelâneas altaicas e poesias magiares²⁹² do mais elevado interesse. Terei todo o empenho em fazer chegar a V. Sa. os desdobramentos do trabalho que tenho a honra de enviar. Tenha a gentileza de oferecer a Sua Majestade aquele que, como V. Sa. notará, está destinado a ela. Trata-se de homenagem de todo desinteressada.

41. Carta de Denis a D. Pedro II (09/03/1875)²⁹³

Paris, 9 de março de 1875

Majestade,

Neste instante a nova de Paris é vossa associação à Academia de Ciências²⁹⁴ e vossa aceitação do título que vos foi oferecido: todo mundo por aqui se rejubila deste novo elo intelectual que une cada vez mais vossa Majestade e nosso país. Afirmo que não estais ligados com nossa habitual benevolência apenas a uma das classes do Instituto, mas que de fato pertenceis a todas as outras: como todos aqui viram como obraís, todos compartilham da minha opinião.

²⁹⁰ Marie Devéria (?-?), a segunda dos seis filhos de Achille Devéria.

²⁹¹ Charles Eugène de Ujfalvy de Mezó-Kövesd (1842-1904), nascido na Transilvânia, dedicou-se a estudos na área da geografia, da etnologia e da linguística. Professor de história e geografia da Ásia Central, na École des langues orientales em Paris, participou de missões científicas a serviço do governo francês na Rússia e na Sibéria.

²⁹² UJFALVY DE MEZÖ-KÖVESD, Charles Eugène. *Étude comparée des langues Ougro-Finnoises*. Paris: Ernest Leroux, 1875.

²⁹³ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 09/03/1875. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 172 – Doc. 7846. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por George Raeders. Cf. RAEDERS, Op. cit., 1944, p. 172-175.

²⁹⁴ Em 1º de março de 1875, D. Pedro II foi eleito membro correspondente da seção de geografia e navegação da Académie des Sciences – da qual posteriormente, em junho de 1877, se tornaria membro associado estrangeiro.

Como vossa Majestade se dignou me comunicar a honra insigne que me foi feita pelo Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico,²⁹⁵ da sua capital, ela por certo terá algum interesse em saber de certos detalhes relativos à realização de sessões do Congresso da Sociedade de Geografia Parisiense.²⁹⁶ Vossa Majestade que tem a memória tão atenta a todas as coisas sem dúvida se recorda da esplêndida galeria Romanelli que se deve atravessar para chegar à sala dos manuscritos da Biblioteca Richelieu.²⁹⁷ O digno Sr. Cortambert obteve da administração que as inumeráveis curiosidades que constituem nossas riquezas biográficas fossem expostas neste lugar magnífico e decerto não seria possível escolher um sítio mais conveniente para dá-las a conhecer ao mundo que as ignora. Infelizmente, alguém não mais vivificará tais riquezas da ciência com sua palavra inteligente e fecunda; trata-se do nosso saudoso d’Avezac.²⁹⁸ Por certo não provoço espanto, Majestade, dizendo que poucas semanas antes de sua morte esse erudito amigo me falava de vossa Majestade em termos que lhe deixariam tocado! Melhor que muitos outros, pois ele falava com conhecimento de causa, ele nutria grandes esperanças em vosso amor pela ciência, tão apreciado entre nós. Um cruel acidente, em razão do qual eu ainda sofro, me impediu de comparecer às exéquias desse velho amigo, mas é quase uma consolação para mim, Majestade, transmitir-lhe, ainda que de maneira imperfeita, a expressão fiel de seus derradeiros sentimentos.

Talvez vossa Majestade ainda não saiba que Lord Stanley²⁹⁹ acaba de enriquecer a coleção da Hakluyt Society com um novo volume. Trata-se daquele relativo às viagens do imortal Magalhães. Recebi este belo livro para a biblioteca confiada a meus cuidados e pude lê-lo com um interesse que decerto será ainda mais intenso para aquele que sabe ler tão bem!

Posso dizer a vossa Majestade com perfeita certeza que não lhe dou uma notícia inexata ao dizer que o precioso Catálogo da biblioteca musical de D. João IV, do qual existe um único exemplar, de posse da Biblioteca da Rua Richelieu, está hoje completamente reimpresso no Porto. O jovem e dedicado Joaquim de Vasconcelos, que assistia a uma sessão da Biblioteca Nacional quando da visita de vossa Majestade, concluiu este importante trabalho e agora só lhe resta compor o discurso preliminar que deve preceder esta longa obra. O Catálogo propriamente dito, que com tanta solicitude seu erudito ascendente fez executar, não possui menos de 500 páginas e revela riquezas da arte musical cuja lembrança se perdeu na Europa.

Vossa Majestade já teria recebido uma curiosidade que há pouco se dignou a aceitar sob forma fotográfica (quero me referir ao mapa do Rio de Janeiro executado em 1579 por Jacques de Vau de Claye se outro incidente, nascido de uma devoção amável, não me fizesse esperar por novas informações sobre esses mapas tão apreciados pelo erudito

²⁹⁵ No ano anterior, o autor francês havia sido condecorado oficial da Imperial Ordem da Rosa por D. Pedro II.

²⁹⁶ A Sociedade de Geografia de Paris (em francês, Société de Géographie de Paris), a mais antiga sociedade de geografia do mundo, foi criada em 15 de dezembro de 1821. Não se sabe a data exata de sua eleição, mas é certo que Denis fazia parte da instituição desde pelo menos o ano de 1869.

²⁹⁷ Referência à atual Galeria Mazarine, na biblioteca hoje conhecida como Biblioteca Richelieu, em Paris, cujos afrescos do teto foram obra do pintor Giovanni Francesco Romanelli (1610-1662).

²⁹⁸ O geógrafo Marie-Armand-Pascal d’Avezac, amigo próximo de Denis, falecera poucos dias antes, em 14 de janeiro de 1875.

²⁹⁹ Henry Edward John Stanley (1827-1903), diplomata e historiador britânico. Autor de um estudo sobre o explorador português Fernão de Magalhães (1480-1521) – em inglês, Ferdinand Magellan – mencionado por Denis nesta mesma carta. A obra veio à luz pela Hakluyt Society, editora londrina especializada em relatos de viagens e obras de geografia, com o título de *The First Voyage Round the World, by Magellan. Translated from the accounts of Pigafetta, and other contemporary writers, accompanied by originals documents, with notes and an introduction by Lord Stanley of Alderley* (1874).

comandante Mouchez. O jovem Taunay³⁰⁰ (por certo este nome não é desconhecido de vossa Majestade) conclui neste momento seu serviço em Rennes. Ele tem todo o ardor de sua idade e um espírito generoso com uma instrução rara; neste momento ele vasculha os arquivos da Bretanha para contribuir para um curioso trabalho que interessa sobretudo ao Brasil. Espero que a luz se faça sobre Jacques de Vau de Claye. – Espero... Majestade, estou um tanto alarmado com a carta interminável que vos dou a ler. Para me apaziguar, felizmente conheço vossa afetuosa benevolência e por certo não ignorais que esta lembrança se une em mim ao mais devotado respeito. É então com tal respeito profundo e meditado que me digo,

Majestade,

vosso obediente
e grato servo.
Ferdinand Denis

42. Carta de Denis a Ramiz Galvão (20/07/1875)³⁰¹

Paris, 20 de julho de 1875

Meu caro e erudito confrade,

Tenho mil coisas a dizer a V. Sa. e não mais que alguns minutos para exprimi-las, de modo que é absolutamente necessário enviar no próximo correio uma carta de verdade, dando a V. Sa. notícias e relatando alguma coisa. Mas sempre há tempo de ser grato e quero em primeiro lugar agradecê-lo. Obrigado, pois, por seu douto e interessante *Relatório sobre as Artes Gráficas*³⁰² que li com viva satisfação e que devo ainda reler para citar este verdadeiro monumento ao que pode fazer um bibliófilo diligente e lúcido como V. Sa. Obrigado, do mesmo modo, por esses minúsculos inimigos de nossos adorados livros, que V. Sa. teve a bondade de fazer chegar a mim em frascos hermeticamente fechados. No próximo ano eles estamparão as páginas do *Magasin*, acusados de todos os seus crimes e confessando quem os entregou. Imagino que V. Sa. irá me dizer que o processo foi adiado para uma data muito remota. Respondo que não falta empenho em dar a conhecer seus malfeitos. O *Magasin Pittoresque*, para o qual tanto trabalhei este ano, e que estampa vários de meus artigos sobre “Os inimigos dos livros” está completamente terminado e será impresso logo ao princípio do ano de 1876. Suas excelentes indicações, mesmo publicadas tardiamente, meu caro colega, não serão perdidas, e tenho a expectativa de que os vis insetos serão reproduzidos em gravura.

Na remessa para a sua bela biblioteca que o digno Sr. Porquet, por cuja gentileza sou muito grato, faz hoje se encontram três volumes que não estão destinados a seu estabelecimento e que tomo a liberdade de recomendar a sua habitual solicitude. Sua Majestade tendo dado vivo testemunho do interesse que os estudos sobre as línguas touranianas lhe despertavam, o autor do livro que lhe enviei, Sr. Ujfalvy, pensou que um livro mais alentado sobre uma raça pouco conhecida seria do agrado do seu douto

³⁰⁰ Referência a Alfredo d’Escagnolle Taunay, mencionado anteriormente.

³⁰¹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/07/1875. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0020, 0021 e 0022. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

³⁰² GALVÃO, Ramiz. *As artes gráficas na Exposição Universal de Viena d’Áustria em 1873. Relatório apresentado pelo Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1874.

soberano, de modo que ele ousa enviar, a seus auspícios: *Les migrations des peuples et particulièrement celles des Touraniens*.³⁰³

O mesmo vale para os dois volumes do excelente Sr. Cortambert, espero que eles sejam de bom grado oferecidos por V. Sa. E a propósito de nosso excelente confrade, tenho a convicção que lhe dará prazer saber que as curiosidades geográficas da Biblioteca Nacional que ele se incumbiu de remeter à galeria Romanelli têm sido um genuíno sucesso. Nada digo por ora do que se passa no pavilhão das Tulherias, um contratempo imprevisto e independente de minha vontade privou-me da possibilidade de fazer uma visita, da qual Sua Majestade D. Pedro teria as primícias, mas trata-se tão só de um adiamento. Se V. Sa. avistar o Dr. Capanema, a quem eu me disponho a escrever em breve prazo, tenha a bondade de dizer a ele que o anúncio que ele me fez de um remessa de cera de carnaúba encheu de júbilo o coração do digno Dr. Thiercelin,³⁰⁴ mas até o momento eu nada recebi. Ao que parece, nosso hábil químico está quase certo da eficácia de sua técnica para branquear a dita cera e, se ele for bem-sucedido, o proveito não será pequeno para o norte de seu belo país. A Sociedade de Americanistas da cidade de Nancy³⁰⁵ fez-me a honra de eleger-me membro em substituição ao finado Abade Brasseur de Bourbourg;³⁰⁶ ela queria ir mais longe, oferecendo-me acomodação e passagens gratuitas para que eu fosse até lá, mas recusei, como V. Sa. pode imaginar. Não obstante, como terá lugar uma exposição, propus ao presidente a cessão de alguns objetos de extração brasileira, que eu imagino deverão figurar com vantagem nesta exposição onde o Brasil não será esquecido.

Adeus, meu caro e erudito confrade, queira apresentar minhas respeitadas homenagens à Sra. Ramiz Galvão e esteja certo de que sou seu muito grato

Servo e velho amigo

Ferdinand Denis

43. Carta de Denis a Ramiz Galvão (20/09/1875)³⁰⁷

Paris, 20 de setembro de 1875

Meu caro confrade e amigo,

Eis uma oportunidade de conversar por alguns momentos com V., e eu a aproveito com alegria. Um jovem professor cujo grande valor V. Sa. conhece, e cujos conhecimentos variados apreciou em Paris, tomou a nobre resolução de visitar suas belas regiões: o Sr. Wiener passará pelo Rio de Janeiro para ir ao Chile e ao Peru. Ele manifestou uma viva

³⁰³ UJFALVY DE MEZÖ-KÖVESD, Charles. *Les migrations des peuples et particulièrement celles des Touraniens*. Paris: Maisonneuve, 1873.

³⁰⁴ Dr. Thiercelin (?-?), professor de química, autor de “Étude sur le nitrate de soude de la province de Tarapaca (Pérou)”. No momento se dedicava ao estudo da cera de carnaúba, conforme indica a correspondência de Denis.

³⁰⁵ O primeiro Congresso International de Americanistas foi realizado na cidade de Nancy, na França, entre os dias 19 e 22 de julho, por iniciativa da Sociedade Americana da França. Denis acabou não comparecendo, por motivos de saúde, mas esteve presente no segundo Congresso, realizado na cidade de Luxemburgo, três anos mais tarde.

³⁰⁶ Charles Étienne Brasseur de Bourbourg (1814-1874), religioso, romancista e arqueólogo francês.

³⁰⁷ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/09/1875. 1 doc. 3 IHGB, DL712.26-0023, 0024 e 0025. Original em francês, tradução minha. Inédita.

satisfação de ir lhe falar dos velhos amigos que V. Sa. possui na Europa. Não é uma satisfação medíocre para estes sentir que terão, no compatriota espiritual, um caloroso intérprete de seus sentimentos.

O Sr. Wiener, V. Sa. o sabe, é amigo do Brasil. Ele tem em si tudo o que é necessário para apreciar as altas qualidades e as virtudes do soberano que a Europa mais de uma vez invejou de vocês. Não tenho necessidade de recomendá-lo à sua benevolência, uma vez que ele recomendou-se a si próprio. Ouso apenas rogar-lhe apresentá-lo aos excepcionais conhecimentos que V. Sa. possui a respeito de seu belo país. V. Sa. não ignora, eu o espero, que é ao zelo juvenil dele que o Brasil deve, em grande parte, a vantagem de haver sido nomeado no grande concurso do Congresso de Geografia – tendo eu duramente lamentado que não se houvessem secundado tais esforços, os quais se apresentaram demasiado isolados para que obtivessem sucesso.³⁰⁸

O Sr. Wiener tomou uma grande resolução que não pode ser desinteressante ao Brasil: ele, pela primeira vez, vai lhes expor a verdade absoluta sobre os monumentos veneráveis de Tihuanaco!³⁰⁹ Ele prestará aos arqueólogos de ambos os mundos um imenso serviço, cujo valor ninguém melhor que o seu nobre soberano compreende. Espero que alguma circunstância feliz permita que o Sr. Ch. Wiener seja apresentado a ele.

Eu não posso lhe agradecer o suficiente pela encomenda que V. Sa. me enviou há algum tempo. Os inimigos dos livros são realmente inimigos meus e seus, meu caro confrade, para que eu não lhe seja imensamente grato pelo envio de duas pequenas garrafas contendo esses malditos insetos. Eles, neste momento, decoram a minha chaminé, mas devem ser submetidos sem demora às observações de um ilustrado entomologista que, ao menos eu espero, nos dirá algo acerca da possibilidade de nos protegermos contra a voracidade desses comedores abomináveis de volumes de qualquer formato.

Nós temos enfrentado, nos últimos tempos, e ainda enfrentamos, calores tropicais. Eu entro – pobre de mim – em meu 78º ano. Sinto-me sobrecarregado pelo trabalho oriundo das mais diversas origens. Sinto-me, então... agora, neste fim de conversa, persuadido que ninguém melhor do que o Sr. Wiener saberá suprir, por meio de sua amável conversação, as numerosas lacunas que forçosamente se encontram em minha carta.

Permita-me, meu caro e ilustrado confrade, apertar-lhe cordialmente a mão e dizer-me

³⁰⁸ Nesse mesmo ano, Wiener realizaria algumas escavações científicas no sul do Brasil, a convite de outro conhecido de Ferdinand Denis, Ladislau de Souza Melo e Neto, que, na época, ocupava a função de diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro. O conservador da Biblioteca Santa Genoveva parece ter sido uma figura importante para Wiener no início de sua carreira: além de tê-lo recomendado para os amigos brasileiros, Denis lhe escreveu uma importante carta de recomendação a fim de garantir que Wiener fosse escolhido no projeto do Ministério da Instrução Pública francês levado a cabo no Peru e na Bolívia. Wiener lembrou-se de agradecer o favor, escrevendo-lhe, em 17 de junho de 1876, de Paramonga – cidade arqueológica localizada nas proximidades de Lima. Cf. CASAGRANDE, Jovenson Carlos. Novas questões para a arqueologia do Império: expedição de Charles Wiener e Fritz Müller na província de Santa Catarina em 1875-76 e o diálogo entre arqueologia e as ciências naturais. *Revista Santa Catarina em História*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 41-55, 2016; RIVIALE, Pascal. Introduction. In: WIENER, Charles. *Voyage au Pérou et en Bolivie (1875-1877)*. Introduction et notes par Pascal Riviale. Collection Mémoires d'homme. Paris: Ginkgo Editeur, 2010. p. 7-51; WIENER, Charles. [Carta a Ferdinand Denis]. Paramonga [Peru], 17/06/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 73-74).

³⁰⁹ Tiwanaku, Tihuanaco ou ainda Tiahuanaco, é um importante sítio arqueológico localizado na cidade de Tiwanaku, no departamento de La Paz, na atual Bolívia, classificado como patrimônio mundial da Unesco desde 2000. A cidade foi centro da civilização pré-colombiana tiahuanaco, antecessora da inca, que dominava uma grande região nos Andes meridionais e cujo apogeu aconteceu entre 500 e 900. d. C. Cf. “Tiwanaku: centre spirituel et politique de la culture tiwanaku”. Disponível em <<http://whc.unesco.org/fr/list/567/>>. Acesso em 06 mar. 2020.

Seu servo e amigo
Ferdinand Denis

T.S.V.P.³¹⁰

Post-Scriptum: Eu ia me esquecendo de lhe dizer que o bom Sr. Porquet teve a gentileza de dar asilo, em sua última remessa de livros, ao excelente trabalho a respeito do Cavalheiro de Villegagnon, do qual um de nossos habilidosos oficiais é o autor. O Sr. Henry de Grammont, conhecendo todo o interesse que a Sua Majestade tem nesse gênero de trabalho histórico, acreditou dever prestar homenagem ao seu ilustrado imperador, por meio do livro cujo assunto acabei de lhe descrever. Ouso esperar que V. Sa. faça a gentileza de enviar este volume a Petrópolis.³¹¹

44. Carta de Denis a Ramiz Galvão (20/09/1875bis)³¹²

Paris, 20 de setembro de 1875

Meu caro e ilustrado confrade,

V. Sa. não ignora os importantes trabalhos que foram executados pelo Sr. Charnay³¹³ sobre a América Central. Este zeloso americanista, que já prestou serviços verdadeiramente grandes à ciência, não para. Ele parte ao Brasil e ao Peru, encarregado, por uma grande casa de Paris, de propor algumas publicações que V. Sa. saberá melhor que ninguém apreciar. Eu recomendo à sua iluminada benevolência o Sr. Charnay.

Aceite a expressão de meus melhores sentimentos.

Seu afetuoso e devotado confrade
Ferdinand Denis

³¹⁰ Forma abreviada de “tournez [la Page], s’il vous plaît”, ou, em português: “vire a página, por favor”.

³¹¹ Em Petrópolis, a 67 quilômetros da corte brasileira, mais precisamente no alto da Serra da Estrela, localizava-se o palácio de verão da família real, onde D. Pedro II costumava receber visitantes europeus, desacostumados com as altas temperaturas tropicais, além de descansar das obrigações administrativas ligadas a seu cargo.

³¹² DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/09/1875bis. 1 doc. 1 p. IHGB, DL712.26-0026. Original em francês, tradução minha. Inédita.

³¹³ Embora seja mais conhecido por seus estudos sobre as antigas civilizações do México, Désire Charnay também visitou territórios do Brasil, do Chile e da Argentina. Sua experiência na América Latina deu origem ao artigo “A travers la Pampa et la cordillère: de Montevideo à Santa Rosa”, que apareceu em julho de 1877 nas páginas do *Le Tour du Monde*, no qual o próprio Denis havia publicado “Les îles Andamans, Ocean Indien. D’après des documents nouveaux” e “Voyage de D. Giovanni Mastai (aujourd’hui S. S. le pape Pio IX) dans l’Amérique du Sud (de Gênes à Santiago) (1823-1824)”. Cf. CHARNAY, Désire. A travers la Pampa et la cordillère: de Montevideo à Santa Rosa. *Le Tour du Monde*, Paris, juillet 1877, p. 385-416; DENIS, Ferdinand. Les îles Andamans, Océan Indien. D’après des documents nouveaux. *Le Tour du Monde*, Paris, 1^{er} semestre de 1860, p. 90-96; idem, Voyage de D. Giovanni Mastai (aujourd’hui S. S. le pape Pio IX) dans l’Amérique du Sud (de Gênes à Santiago) (1823-1824). *Le Tour du Monde*, Paris, 1^{er} semestre de 1860, p. 226-240.

45. Carta de Varnhagen a Denis (13/10/1875)³¹⁴

Viena, 13 de outubro de 1875

Meu muito caro amigo,

Recebi ontem sua muito amável carta e o título do *Tesoro*³¹⁵ não se fez esperar: ele chegou hoje. É admiravelmente bem-feito; é possível que mais tarde eu recorra de novo ao Sr. Pilinsky³¹⁶ para as outras folhas. Por ora, contento-me com o título, contando com sua benevolente oferta de me enviar as *Erratas*. Porventura seria muito penoso para V. Sa. remetê-las a mim pelo correio, pelo mesmo procedimento de que V. Sa. se valeu para o título? Tal não custará mais que o sacrifício de alguns francos a mais pelo correio. Eu não ousaria lhe fazer essa proposta se o Sr. Pilinsky não estivesse aí para copiar também as *Erratas* por seu procedimento, se por algum acidente elas se extraviassem. Sua cópia é admirável! E mesmo a impressão da placa da virgem! Esta é exatamente a mesma do título do *Vocabulário* em tudo igual àquela do *Tesoro*. Seria muito curioso se a virgem se revelasse uma cópia da de Murilo.

Envio em anexo 25 francos e mais três florins da Áustria que totalizarão cinco francos e alguns centavos a mais. Trata-se dos 25 do Sr. Pilinsky.

O *Vocabulário* já vai a caminho. Cativei o amor-próprio da imprensa nacional daqui dizendo que declararia na introdução que minha preferência se devia à sua reputação de realizar um serviço correto. A impressão vai página por página, mas com caracteres menores.

Possuo um exemplar da *Conquista Espiritual*³¹⁷ e espero também imprimir, mais tarde, *Arte*, *Catecismo*³¹⁸ (graças a V. Sa.), o que eu tiver de bibliografia, sobretudo aquela de Saragoça e a *Conquista* farão parte de um outro grande volume.

Quanto ao *Atlas* de Mendes,³¹⁹ o tenho diante de meus olhos: e se demorar a aparecer um viajante, enviarei a V. Sa. por estrada de ferro.

³¹⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 13/10/1874. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 8-9). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 06 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por Afonso Arinos e em português por Clado Ribeiro de Lessa. Cf. ARINOS, Op. cit., p. 15-16; LESSA, Op. cit., p. 435-436. Grifos do autor.

³¹⁵ Varnhagen compartilhava do grande interesse de Denis por fontes documentais, inéditas ou de difícil acesso, sobre a história latino-americana. Ele já havia lançado o *Tratado Descritivo do Brasil* (1587), do historiador português Gabriel Soares de Sousa (1540-1591), e a *Narrativa Epistolar* (1583-1590), do Padre Fernão Cardim (1540-1625), quando decidiu tirar do ostracismo o jesuíta Antonio Ruiz de Montoya. Em 1876, Varnhagen editou duas obras de Montoya, publicando inicialmente *Tesoro de la lengua guarani* (1639) e depois “Vocabulario e Tesoro de la lengua Guarani (ó mais bien Tupi)” – um estudo que se encontrava dentro do livro *Arte, y vocabulario de la lengua guarani* (1640). Poucos meses depois, ambas as publicações foram reunidas em um mesmo tomo, que recebeu o título de *Gramatica y diccionarios (Arte, Vocabulario y Tesoro) de la lengua tupi ó guarani por el P. Antonio Ruiz Montoya*. Cf. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (ed.). *Gramatica y diccionarios (Arte, Vocabulario y Tesoro) de la lengua tupi ó guarani por el P. Antonio Ruiz Montoya*. Viena: Faesy y Frick, Paris: Maisonneuve y Cia, 1876.

³¹⁶ Adam Pilinsky (1810-1887), editor e litógrafo polonês.

³¹⁷ MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las Provincias del Paraguay, Parana, Uruguay, y Tape*. Madrid: Imprenta del Reino, 1639.

³¹⁸ YAPUGUAY, Nicolás. *Explicación del Catechismo en lengua guarani*. En el Pueblo de S. Maria la Mayor, 1724. A obra de Nicolás Yapuguay (16?...-17...) também seria parcialmente republicada por Varnhagen, ainda em 1876.

³¹⁹ ALMEIDA, Candido Mendes de. *Atlas do império do Brasil, compreendendo as respectivas divisões administrativas, eclesiásticas, eleitorais e judiciárias*. Rio de Janeiro: lit. do Instituto Filomático, 1868.

Adeus, meu caro amigo. Não esqueça de reservar a mim seu livro sobre *Arte Plumaria*,³²⁰ se ainda lhe resta um exemplar.

Todo seu de coração
Porto Seguro

46. Fragmento de carta de Alfred d'Escragnolle Taunay a Denis (*circa* 1876)³²¹

[...]

Jacques de Vau quer falar em suas obras.

Assim que recebermos tais informações, levaremos adiante nossas investigações com grande energia.

Por ora, não obstante, o Sr. conde de Palys³²² teve a gentileza de escrever a seu advogado de Saint-Malo³²³ para solicitar que ele investigue nos arquivos dessa cidade o que pode se relacionar a Jacques de Vau.

Assim que eu estiver de posse de suas instruções, vou em pessoa a Saint-Malo onde espero visitar os arquivos com grande minúcia e onde espero encontrar as instruções que terei enorme prazer em poder transmitir a V. Sa.³²⁴

Permita-me manifestar mais uma vez todos os meus sentimentos de respeitosa afeição e de profundo reconhecimento.

A. Taunay

47. Carta de Varnhagen a Denis (05/02/1876)³²⁵

Viena, 5 de fevereiro de 1876

Meu muito caro amigo,

³²⁰ DENIS, Ferdinand. *Arte plumaria, les plumes, leur valeur et leur emploi dans les arts au Mexique, au Pérou, au Brésil, dans les Indes et dans l'Océanie*. Paris: E. Leroux, 1875.

³²¹ TAUNAY, Alfred d'Escragnolle. [Fragmento de Carta a Ferdinand Denis]. s./indicação do local, [*circa* 1876]. 1 doc. 1 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 123-124). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n249/mode/2up>. Acesso em 06 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Inédita.

³²² Élie-Louis-Marie-Adeodat de Palys (1836-1908), conde de Palys, escritor francês especialista em história da Bretanha.

³²³ Cidade portuária localizada na Bretanha, no nordeste da França.

³²⁴ As pesquisas de Denis nos arquivos da cidade devem ter sido pouco produtivas, pois foi em Havre, na Bretanha, e não em Saint-Malo, como ele pensava, que nasceu Jacques de Vau de Claye.

³²⁵ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 05/02/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 10-11). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 06 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por Afonso Arinos e em português por Clado Ribeiro de Lessa. Cf. ARINOS, Op. cit., p. 16-17; LESSA, Op. cit., p. 443-444. Grifos do autor.

Sua última carta nos deixou em muita apreensão quanto à saúde do Sr. seu irmão. Deus queira que V. Sa. já tenha recebido notícias mais tranquilizadoras, já que na idade em que ele está e com um inverno que volta com todo o rigor há muito a temer.³²⁶

V. Sa. tem toda a razão no que me diz sobre meu primeiro título projetado e vejo aí mais uma prova de sua amizade. Era justamente a primeira redação do mesmo título o que me impediu de lhe acrescentar meu nome. Ele também não consta no Prospectus que enviei a V. Sa. e não foi distribuído, porque uma das modificações acrescentadas à minha primeira tiragem de alguns exemplares (tendo deixado a composição intacta) versava sobre o título e uma outra sobre um epílogo acrescentado, que recapitulava meus argumentos remetendo às páginas do livro, o que fiz na convicção de que a maioria dos leitores percorre o livro com pouca atenção.

Imprimem-se várias folhas onde fiz as adições e reservo para o fim de tudo a modificação do título, de maneira que, se V. Sa. tiver algo a dizer, ainda há tempo para me ajudar a melhorá-lo.

Considere de melhor aviso dizer indicada lá onde se encontrava mostrada, na primeira parte do título; e a segunda eu penso reformular assim: “Traços bastante notáveis de uma imigração para a América pelo Atlântico, vários séculos antes da nossa era”.³²⁷

V. Sa. acha que ainda soa comprometedor? Porventura teria alguma ideia para melhorá-lo?

Quanto às erratas do *Tesoro*, peço que não continue a copiá-las. Envie-me apenas aquelas do início já feitas, já que mais tarde espero obter de Leipzig³²⁸ um outro exemplar emprestado.

Creio ter constatado que o seu catecismo é de Yapuguay, não de Montoya.

Acabamos de ler com grande prazer o seu encantador e erudito *Arte Plumaria*, tema novo e muito bem tratado.

Todo seu
Porto Seguro

48. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/02/1876)³²⁹

Paris, 15 de fevereiro de 1876

Caro e honrado confrade,

É com o coração partido que lhe escrevo, e no dia seguinte a uma viagem de várias centenas de *lieues*,³³⁰ realizada no inverno. Fui prestar meus últimos respeitos a meu irmão,

³²⁶ O irmão de Ferdinand Denis, Alphonse Denis, cuja saúde estava bastante fragilizada, veio a falecer no mesmo dia da carta assinada por Varnhagen.

³²⁷ Nesse momento, Varnhagen se ocupava da redação de *L'origine Touranienne des Américains Tupis-Caraïbes, et des anciens Egyptiens*, à qual provavelmente se refere nesta carta. Denis, com efeito, parece lhe ter sugerido uma construção menos “comprometedora”, já que o trecho em questão não se encontra no interior do livro.

³²⁸ Era em Leipzig que o linguista e etnólogo Julius Platzmann (1832-1902) preparava, na mesma época que Varnhagen, uma nova edição da obra de Montoya. Cf. PLATZMANN, Julius (ed.). *Arte, Bocabulario, Tesoro y Catecismo de la lengua guaraní por Antonio Ruiz de Montoya*. Leipzig, 1876. 4 vol.

³²⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/02/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0004, 0005 e 0006. Original em francês, tradução minha. Inédita.

que morava em Hyères, no departamento do Var. Jamais uma nuvem perturbou o nosso longo afeto fraternal.

Conhecendo as datas inflexíveis que marcam a partida dos paquetes, coloquei-me a caminho com o fim de lhe enviar os opúsculos que puderam compor a remessa mensal que lhe é endereçada pelo digno Sr. Porquet. De *L'Arte Plumaria*, a qual eu tenho o dever e o prazer de lhe oferecer as primícias, apenas foram impressos 50 exemplares. Hoje me demandam de todos os lados; meu suprimento está esgotado. Esta é outra homenagem que eu presto ao seu lindo país! V. Sa. vive na região por excelência na qual esta arte encantadora deve brilhar excepcionalmente. Ao oferecer ao seu ilustrado imperador a cópia com a qual eu o honro, seja amável de lhe discorrer sobre o meu coração dilacerado. Ele é tão bom quanto é instruído; todos o sabem na França, onde se espera logo servir-lhe. Apresentado por V., o seu augusto soberano – estou convencido – terá o prazer de receber esta humilde bagatela.

Uma remessa mais importante, aquela dos mapas que têm por autor Jacques de Vau de Clayee, lhe será enviada se Deus me conceder ainda alguns meses de existência.

Peço-lhe, por favor, a gentileza de depositar entre as mãos de sua Alteza Imperial, a senhora Condessa d'Eu,³³¹ o exemplar que lhe é reservado, e com o qual eu lhe presto a mais respeitosa homenagem.

Eu ignoro completamente o endereço de duas jovens artistas, as Senhoritas Natté,³³² que foram louvadas em Viena pelos seus trabalhos encantadores. Que a bondade que V. Sa. tem por mim anime-o, meu caro confrade e amigo, a lhes fazer remeter o exemplar que eu não tive condições de encadernar. Disseram-me vagamente que essas Senhoritas habitavam na Rua do Ouvidor.³³³

Queira desculpar-me todo o trabalho que eu lhe vou dar e disponha de mim, se eu puder aqui lhe ser útil para qualquer coisa. Ofereça meus respeitos à Sra. Ramiz Galvão e acredite na inalterável afeição que lhe dedica o seu velho confrade e amigo.

Ferdinand Denis

PS: Perdoe, eu lhe imploro, o que notar de incoerente nesta carta. Não se experimenta impunemente, depois de 78 anos, as dores que sinto e as fadigas que provo. Faça a

³³⁰ Antiga unidade de medida correspondente a quatro quilômetros, aproximadamente.

³³¹ Trata-se da princesa Isabel (1846-1921), a segunda filha do imperador D. Pedro II e da imperatriz Teresa Cristina (1822-1889), a qual se casou em 1864 com Louis Philippe Marie Ferdinand Gaston (1842-1922), o conde d'Eu, com quem teve três filhos.

³³² Mademoiselles Eudocis Natté (?-?), mencionadas na obra *Arte Plumaria* (1875) entre os artistas de renome que confeccionavam flores de plumas: “Não pudemos admirar por nós mesmos, convenhamos, as maravilhas que saíram das mãos das Senhoritas Eudocis Natté, mas suspeitamos fortemente que se intervém um sentimento verdadeiro frente à incomparável habilidade de suas reproduções. Estas jovens damas obtiveram um tão grande sucesso na exposição de Viena que duas medalhas foram concedidas a elas por sua exposição de flores propriamente ditas [...]. As telas das senhoritas Natté, nas quais são habilmente colocados os mais belos colibris, são certamente uma útil lição de história natural para as senhoras das regiões do norte, as quais a neve (ela também tem poesia) mantém em casa”. DENIS, Op. cit., 1875, p. 60-61.

³³³ A Rua do Ouvidor foi durante muito tempo o ponto alto do comércio do Rio de Janeiro, onde se encontravam os principais estabelecimentos comerciais frequentados pela elite carioca: os cafés Alcazar, Belle Hélène e de la Paix, a confeitaria Carceler, as livrarias Garnier e dos irmãos Laemmert, a casa de banho Pharoux, além dos principais restaurantes e hotéis da cidade. Tornou-se também o “oásis” dos comerciantes franceses, para retomar a expressão de Joaquim Manuel de Macedo. Lá se encontravam as mais famosas modistas da época, Mme. Joséphine Meunier, Mme. Hortense Lacarrière e Mme. Gudin, assim como os demais profissionais ligados ao “universo da moda e ao trabalho artístico com tesoura, agulha e linha”, de cabeleireiros e alfaiates a negociantes de fazendas, perfumes, sapatos e flores. Cf. MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2005. p. 108.

gentileza, quando se encontrar com o Dr. Capanema, de lhe agradecer, em meu nome e em nome da ciência, pelo seu envio de cera de carnaúba. Grandes experimentos visando ao branqueamento desta substância serão feitos por esses dias pelo ilustrado Dr. Thiercelin, que não pôde começar mais cedo o seu trabalho sobre esta cera de palma em razão de tristezas domésticas, produzidas pela saúde de sua esposa e filhos. Se retornar ao Peru, esse sábio químico passará pelo Rio de Janeiro. Minha carta ao Sr. Capanema está praticamente pronta, mas o correio me apressa. É imperativo que eu envie estas garatujas dentro de alguns minutos.

49. Carta de Varnhagen a Denis (23/02/1876)³³⁴

Viena, 23 de fevereiro de 1876

Meu caro amigo,

Sua comovente carta do dia 19 me sensibilizou profundamente. Que lástima! No mesmo dia (21) recebi duas outras do Chile que me anunciavam a morte de minha sogra. V. Sa. pode imaginar, meu caro amigo, em que estado minha esposa se encontrou nesses dois dias. Eu também me condoí deveras. Minha sogra não apenas era uma das damas mais atiladas e de mais bom-senso que pude conhecer, como nesses últimos tempos ela teve o cuidado de prover ao futuro das filhas em seu testamento. E é assim que tenho perfeita compreensão de sua dúplice dor, meu caro amigo, mas é uma grande felicidade quando se tem plena consciência de ser antes credor que devedor, tanto mais por sacrifícios alémtúmulo durante um inverno tão rigoroso como foi o deste ano.

O *Tesoro* já foi para a composição. O *Vocabulario* está concluído, e vou publicá-lo em duas ou três semanas com a *Arte*.

Estou em muito bons termos com meu rival de Leipzig que dará a lume uma tiragem de 300 exemplares, bom papel e quase fac-similar. Mas eu o excedo no preço, na maior correção da edição e na facilidade de leitura a ser proporcionada pelos dois caracteres, um para cada língua. Em acréscimo, posteriormente farei publicar um outro volume com o *Cathécisme* e a *Conquista espiritual*,³³⁵ tratado que não está entre seus títulos.

Talvez este correio leve a V. Sa. ainda um exemplar de meu outro livro, *Origine Touranienne*. Posteriormente enviarei ainda um outro, ao Sr. Ujfalvy, que me enviou a *Revue de Philologie*,³³⁶ com o seu *Arte Plumaria*.

³³⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 23/02/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 12-13). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 06 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por Afonso Arinos e em português por Clado Ribeiro de Lessa. Cf. ARINOS, Op. cit., p. 17-18; LESSA, Op. cit., p. 447-448.

³³⁵ Varnhagen efetivamente publicou uma nova edição da primeira obra ainda em 1876, mas não parece ter realizado seus projetos quanto à segunda. Ver a esse respeito a carta do historiador a Denis de 13 de outubro de 1875.

³³⁶ O primeiro número da *Revue de Philologie et d'Ethnographie*, editada por Ujfalvy, havia aparecido poucos meses antes na capital francesa. Nele se encontra uma análise crítica da obra "Regiões [sic] e raças selvagens do Brasil. Memória onde se estudam o homem indígena" (1874), Couto de Magalhães, assinada por Denis, que foi incluída na seção Bibliographie Américaine. De curta duração, a revista seria extinta já em 1878, no seu terceiro volume. Cf. DENIS, Ferdinand. Ensaio de Antropologia: Região e raças selvagens do Brasil. Memória onde se estudam o homem indígena, pelo Doutor Couto de Magalhães. In: UJFALVY,

Encerro por hoje apertando afetuosamente a sua mão.

Porto Seguro

50. Carta de Varnhagen a Denis (10/03/1876)³³⁷

Viena, 10 de março de 1876

Meu caro amigo,

É com um pouco de demora que manifesto meu agradecimento e o de minha esposa a sua amável carta, pois que desejo anunciar nesta mesma ocasião a publicação de meu primeiro volume de Montoya (*Arte y vocabulário*), do qual eu acabo de deixar na Faesy & Frick um exemplar para V. Sa. Dentro de alguns dias V. Sa. poderá solicitá-lo no Quai Voltaire na Maison Neuve. O *Tesoro* corresponderá a outro volume que virá a lume dentro de alguns meses. Em anexo V. Sa. encontrará uma prova do título dos dicionários e da *Arte*. Cabe adverti-lo que o papel da edição é bem superior. Não temo meu concorrente de Leipzig, não só ele não se propõe a dar a lume também, como eu, a *Conquista espiritual*, como sua edição, mesmo sem este livro, custará o dobro da minha; e a ideia de querer imitar a muito incorreta primeira edição, com os mesmos caracteres para as duas línguas (o que a torna deveras fatigante e pouco inteligível) foi, no meu entender, menos feliz, quando se sabe que o autor não pôde concluir bem a dita edição, tendo que dar a imprimir em menos de um ano cinco livros (*Arte*, *Vocab[ulário]*, *Tesoro*, *Cathecismo* e *Conquista espiritual*), e que uma parte do tempo esteve ele muito enfermo, quase à morte, e o restante ele teve de dedicar aos processos nas Cortes contra as invasões dos paulistas, o que foi o intento de sua viagem a Madri às expensas da Companhia.

Quando a edição de Leipzig vier a lume enviarei a V. Sa. uma pequena nota com suas incorreções, malgrado a pretensão de ser um pouco fac-similarizada.

O *Tesoro* progride; espero poder publicá-lo dentro de quatro meses. A correção é difícil. Além do meu trabalho, tenho dois revisores profissionais aos quais pago 4, 5 florins por folha (mais de onze francos), por causa dos acentos.

V. Sa. saberia me dizer se o Sr. Ujfalvy e Petitot³³⁸ receberam meu livro sobre os *Tupis*?³³⁹

Até breve. Aperto a sua mão, sempre muito devotado,

Charles Eugène (org.). *Revue de Philologie et d'Ethnographie*. n. 1, vol. 1. Paris: Ernest Lérout, 1874. p. 180-187.

³³⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 10/03/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Brasil, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 14-15). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 06 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por Afonso Arinos e em português por Clado Ribeiro de Lessa. Cf. ARINOS, Op. cit., p. 18-19; LESSA, Op. cit., p. 453-454. Grifos do autor.

³³⁸ Émile Petitot (1838-1916), padre missionário francês que se dedicou aos estudos da cartografia, da linguística e da etnologia. Assim como Denis e Varnhagen, interessava-se pelas culturas indígenas, tendo participado, ao lado dos outros dois e de dezenas de pesquisadores da época, do Congresso Internacional dos Americanistas, realizado na cidade de Paris em 1880.

³³⁹ Referência à obra *L'origine Touranienne des Américains Tupis-Caraïbes, et des anciens Egyptiens*, citada anteriormente.

P. Seguro

51. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/04/1876)³⁴⁰

Paris, 15 de abril de 1876.

Meu mui caro e amável colega,

Graças à prestativa exatidão do Dr. Motta Maia,³⁴¹ recebi uma nova carta sua e a apresentação tão lúcida e inteligente de sua pesquisa bibliográfica na Europa!³⁴² Sou-lhe muito grato por me fornecer essa leitura extremamente útil, e vou encadernar seu relatório para fazê-lo circular entre alguns amigos das letras brasileiras. Eu não saberia agradecer-lhe o suficiente, por minha conta, pela benevolência que V. Sa. fez acompanhar o que disse a propósito do estabelecimento confiado aos meus cuidados. Agradeço-lhe cordialmente. Permita-me, no entanto, uma simples retificação, que pode encontrar o seu lugar em uma impressão futura de seu inteligente relatório.³⁴³ Queira fazer a gentileza de mencionar o nosso catálogo de fichas, preso por hastes de ferro, cuja utilidade, é verdade, pode-se contestar. Este trabalho bibliográfico tão especial, o qual não está terminado, é dividido em várias seções e não se destina a servir pesquisas cotidianas. Ele apenas funciona em concurso com o nosso grande catálogo manuscrito, em formato de in-folio, constituído de 35 volumes escritos segundo o plano daquele da Biblioteca Nacional, e sobre o qual repousam as nossas diversas aquisições. Este instrumento de trabalho é reservado aos bibliotecários de serviços que geralmente precisam atender mais de 800 leitores por dia e por noite. Temos, além disso, bons catálogos especiais, dentre os quais devemos colocar em primeiro lugar o admirável “Répertoire manuscrit des Historiens et des Voyageurs”, de autoria do célebre Daunou.³⁴⁴

Fiquei maravilhado, meu caro confrade, com suas descobertas iconográficas, diante das quais devemos levantar um cântico de ação de graças dirigido primeiramente ao ilustrado Abade de Sever, Barbosa Machado,³⁴⁵ e, depois, ao seu zelo esclarecido. V. Sa.

³⁴⁰ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/04/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0027, 0028 e 0029. Original em francês, tradução minha. Inédita.

³⁴¹ Cláudio Velho da Motta Maia, o conde de Motta Maia (1843-1897), professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, médico e amigo pessoal de D. Pedro II. Foi patrono da Academia Nacional de Medicina e Sócio do IHGB.

³⁴² Após uma estadia de treze meses visitando bibliotecas nas cidades de Florença, Milão, Roma, Berlim, Zurique, Paris, Lisboa e Londres, Ramiz Galvão publicou um relatório de suas pesquisas no continente europeu, que saiu à luz em 1875 com o título de “Bibliothecas publicas da Europa: relatório apresentado ao Ministério dos Negocios do Imperio em 31 de dezembro de 1874”. A respeito da atuação de Ramiz Galvão à frente da Biblioteca Nacional, conferir: FONSECA, Edson Nery da. *Ramiz Galvão: bibliotecário e bibliógrafo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963; CALDEIRA, Op. cit.

³⁴³ Ramiz Galvão pediria desculpas por suas imprecisões na carta de 21 de agosto de 1876, reproduzida adiante.

³⁴⁴ Pierre-Claude-François Daunou (1761-1840), religioso, historiador e político francês. Foi secretário perpétuo da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres.

³⁴⁵ Diogo Barbosa Machado (1682-1772), abade da Igreja de Santo Adrião de Server, religioso, escritor e bibliógrafo português, autor da famosa *Bibliotheca Lusitana* (1747-1759). Antes de morrer, vendeu toda sua biblioteca pessoal – composta por mais de 4.300 obras e 5.700 volumes – para a coroa portuguesa. Transportada pela família real portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, a Coleção Diogo Barbosa Machado se tornaria um dos mais importantes fundos da atual Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Entre

não saberia sem grande satisfação, se é que ainda não sabe, que a sua seção de gramáticas e de dicionários das línguas indígenas receberá os mais notáveis incrementos, graças, sobretudo, ao zelo incessante de nosso amigo Visconde de Porto Seguro. Já *A Arte* e o *Vocabulário da língua Guarani* estão à venda, juntamente com outra edição publicada em Leipzig, a qual me parece menos rigorosamente correta, quando se compara, como eu o fiz, com a edição original existente na Biblioteca do Instituto;³⁴⁶ a impressão do famoso *Tesoro* de Ruiz de Montoya, que se pode considerar um acontecimento literário da mais alta importância em seu belo país, está ocorrendo de forma enérgica em Viena.

Atrevo-me a esperar, caro senhor e amigo, que a minha bagatela intitulada *Arte Plumaria* tenha sido levada com presteza pelos ventos e pelo vapor, para que V. Sa. tenha podido me fazer o favor de remeter à Sua Majestade D. Pedro o exemplar que lhe foi destinado. Neste estado de coisas, tenho igualmente a esperança de que V. Sa. tenha feito a gentileza de dirigir à senhora Condessa d'Eu a homenagem que eu enderecei a Sua Alteza Imperial. V. Sa. me disse que teve a veleidade de traduzir ao português este pequeno trabalho. Ao fazê-lo, muito me honrará. Fui submetido a tantas dores e calamidades desde há alguns meses, que devo recorrer à sua amigável indulgência por tudo o que lhe escrevo, mas saiba que todos os meus agradecimentos partem do coração e que sigo, para sempre,

Seu devotado confrade e amigo.
Ferdinand Denis

52. Carta de Denis a Ramiz Galvão (14/06/1876)³⁴⁷

Paris, 14 de junho de 1876.

Caro confrade e ilustrado colega,

A velha saúde a qual V. Sa. me viu possuir no passado recebeu mais um ataque cruel. Apresso-me, por temor de algum novo incidente, a responder à sua gentil carta. Os cuidados que V. Sa. vota à sua coleção iconográfica são muito apreciados aqui para que eu não lhe elogie pelos resultados de seu trabalho. Estamos aqui em meio ao nascimento de excelentes produções que vão dentro em pouco engrossar suas riquezas no interior de outro

1876 e 1881, Ramiz Galvão publicaria uma série de artigos dedicados ao tema nos anais da referida biblioteca.

³⁴⁶ Em um artigo apresentado à Sociedade Americana da França, em 07 de dezembro de 1875, Denis comparou as duas edições da obra de Montoya, a primeira feita em Leipzig e a segunda, em Viena, pelo amigo Varnhagen, a quem não poupou elogios: “Tendo testemunhado, de algum modo, os esforços reiterados desse último editor no intuito de chegar a uma perfeita correção dos textos, gostaríamos de lembrar aqui que nenhum cuidado, nenhuma ação foram poupados por ele no intuito de obter uma pureza completa na impressão. Ainda que as funções diplomáticas do Sr. Porto Seguro o mantivessem em Viena, a biblioteca do Instituto Histórico da França generosamente lhe emprestou a sua raríssima edição de *L'Arte*, reimpressa no Paraguai, em Santa Maria la Mayor, em 1724, e, apenas por isso, nosso primeiro corpo de eruditos prestou um serviço incontestável aos estudos americanos”. Varnhagen escreveu para o amigo pouco tempo depois, agradecendo-lhe pelos elogios e, em 1877, o artigo foi publicado separadamente. Para a citação, cf. DENIS, Ferdinand. Rapport sur quelques ouvrages de linguistique brésilienne publiés en ces derniers temps. *Annuaire de la Société Américaine de France*, Paris, t. troisième, 1875, p. 138-144.

³⁴⁷ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 19/04/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0030, 0031 e 0032. Original em francês, tradução minha. Inédita.

* *Aller son train*: mantém-se em seu fluxo, em seu ritmo.

gênero. Há cinco ou seis dias, recebi a visita do Sr. Joaquim de Vasconcelos, o jovem literato encarregado de reproduzir, às suas próprias custas, o catálogo da Biblioteca de Música do Rei D. João IV, e ele trouxe-me um magnífico volume in-4 em papel de primeira qualidade o qual para vir a lume não espera nada além de uma introdução já composta, e cuja elegante tipografia se prepara no Porto. Por outro lado, já pude apreciar *L'Arte et le vocabulario de la lengua Guarany* de Ruiz de Montoya, doada pelo Visconde de Porto Seguro, com a certeza de que o *Tesoro*, como dizem, *va son train*.^{*} A impressão do dito *Tesoro* se realiza em Leipzig, e eu já obtive as suas provas; a reprodução, no que toca ao formato, será a mesma nesta última cidade que aquela do original de 1639, mas, quanto aos cuidados tipográficos, não duvido daqueles que são realizados em Viena, sob um formato menor.

Haverá, pois, dois *Tesoros*, que riqueza inesperada para a linguística de suas belas regiões! Por outro lado, vi, há cerca de oito dias, a sétima edição da esplêndida publicação do Sr. Maciá,³⁴⁸ da qual V. Sa. sem dúvida tem conhecimento, e que se somará aos esplendores das bibliotecas de Portugal e do Brasil. Lamentei que a Sua Majestade não tenha podido receber, por seu amável intermediário, a insignificância artística que eu tomei a liberdade de lhe oferecer. Mas, por outro lado, conhecendo o zelo que V. Sa. tem por seus amigos, atrevo-me a esperar que a minha *Arte Plumaria* tenha sido apresentada a sua Alteza Imperial, a Condessa d'Eu. Essa verdadeira bagatela fez em Paris, e mesmo na Inglaterra, muito mais estrada do que eu esperava e, apesar de suas omissões ou de suas numerosas falhas, ela investe o Brasil, aos olhos dos artistas, de uma indústria encantadora que progredirá em sua esplêndida capital, em Santa Catarina e mesmo na Bahia, onde ela nasceu.³⁴⁹

Com risco de fatigar o seu zelo bibliográfico, meu caro colega, desejo dizer-lhe ainda algumas palavras acerca da bela compilação que o hábil Pilinsky prepara sob o título de *Curiosités Américaines*, a qual ele empreendeu no intuito de fazê-la figurar na exposição que, neste momento, o seu douto Imperador visita.³⁵⁰ Ele o reserva para a exposição parisiense de 1878,³⁵¹ e acho que organizei de modo que o Brasil fosse dignamente representado ali. Este conjunto, quanto à precisão da reprodução das peças manuscritas ou impressas, não deixará nada a desejar. Pilinsky é um artista reproduzidor de um talento verdadeiramente prodigioso.

Não creio que lhe tenha oferecido um opúsculo oriundo de minha pena, e que, jamais tendo sido comercializado, começa a tornar-se uma raridade. Trata-se de meu *Génie de la Navigation*,³⁵² no qual V. Sa. encontrará detalhes pouco conhecidos sobre Guillaume

³⁴⁸ Em 1879, Denis colaborou na obra *Missal Pontifical de Gonçalves Neto*, impressa pelo sr. Maciá. Cf. *MISSAL Pontifical de Gonçalves Neto. Propriété de l'Académie Royale des sciences de Lisbonne. Reproduit en chromolithographie & précédé d'une notice sur l'ornementation des Mss. portugais avec mention d'un poème français M. S. rappelant la fête brésilienne qui eut lieu à Rouen en 1550 par M. Ferdinand Denis*. Paris: Maciá et Cie., 1879.

³⁴⁹ A arte plumária brasileira é tratada pelo autor em diversas passagens de sua obra, principalmente quando se refere aos mosaicos de plumas realizados pelas feiras do convento de N. S. de Soledad, na Bahia, e aos artistas que confeccionavam flores de pluma, tanto no Rio de Janeiro quanto em Santa Catarina. Cf. DENIS, Ferdinand. *Arte plumaria, les plumes, leur valeur et leur emploi dans les arts au Mexique, au Pérou, au Brésil, dans les Indes et dans l'Océanie*. Paris: E. Leroux, 1875.

³⁵⁰ D. Pedro II estava, então, nos Estados Unidos, participando da Exposição Universal da Filadélfia.

³⁵¹ Referência à Exposição Universal de Paris de 1878. A esse respeito, ver: CIZERON, David. *Représentations du Brésil lors des expositions universelles*. Paris: l'Harmattan, 2009. p. 31-35.

³⁵² DENIS, Ferdinand. *Le Génie de la navigation*. Statue en Bronze exécutée par M. Dumas pour la ville de Toulon. Toulon: Laurent imprimeur-lib.; Paris: Ledoyen libraire, 1847.

Le Testu,³⁵³ o antigo companheiro do afamado Villegagnon. Tenho duas cópias restantes. Peço-lhe que aceite uma para a sua biblioteca particular em memória de minha alta estima e de minha afeição.

Adeus por ora, meu caro colega, e acredite firmemente na afeição de

Seu servo e amigo.
Ferdinand Denis

Post-Scriptum – Acontece de, às vezes, eu abusar de sua bondade – é preciso perdoar os velhos. V. Sa. me fará um sensibíllissimo prazer, se não for indiscrição de minha parte, de encaminhar as lembranças que eu lhe envio para diversas pessoas cujos endereços não me são bem conhecidos.

53. Carta de Denis a Pereira da Silva (14/06/1876)³⁵⁴

Paris, 14 de junho de 1876

Meu caro senhor Pereira da Silva,

Havia tanto tempo que eu não recebia diretamente notícias suas que fiquei encantado de tê-las por intermédio do Sr. de Alencar,³⁵⁵ que remeteu-me sua amável carta. Se os anos em nada mudaram minhas disposições de ânimo e espírito, os pesares de família que se abateram sobre mim nos últimos meses me roubaram um pouco de minha atividade corporal. Não foi menor que no passado minha solicitude para com o seu amigo, que de resto é um homem de fortes qualidades. Cercado, em meio de suas empresas literárias, de uma família infelizmente numerosa e vindo a dar por estas plagas numa estação deplorável, ele viu sua saúde declinar e a de sua esposa não deixou de lhe ser motivo de alguma inquietação. Como resultado, ele teve que adiar alguns de seus projetos literários, para a consecução dos quais empenhei, fazendo-lhe uma visita, meus livros e minha pessoa a sua disposição, todas as vezes em que isso lhe for necessário.

V. Sa. está sempre tão ao corrente do movimento científico ou literário que se manifesta aqui em favor dos estudos americanos que eu provavelmente nada terei

³⁵³ Guillaume Le Testu (1510-1573), explorador e cartógrafo francês. Membro da École Normande de Cartographie, cuja sede se encontrava em Dieppe, da qual fazia parte também Jacques de Vau de Claye. Participou da expedição liderada por Villegagnon ao Brasil, em 1555, partindo em seguida para a África e a América do Norte.

³⁵⁴ DENIS, Ferdinand. [Carta a Pereira da Silva]. Paris [França], 14/06/1876. 1 doc. 4 p. IHGB, DL180.53. Original em francês, tradução minha. Inédita.

³⁵⁵ Em uma carta enviada ao amigo Antonio Henrique Leal poucos dias depois, em 17 de junho de 1876, o escritor brasileiro revelou que embarcara para a Europa em busca de tratamento médico para seus numerosos problemas de saúde, que incluíam “catarro crônico”, “reumatismo nas mãos e nos pés”, “muita caspa” e outros “sintomas hemorroidários”. De acordo com Bezerra, mesmo com a saúde debilitada, Alencar não deixou de lado a oportunidade de consultar o acervo da atual Biblioteca Nacional Francesa e também de difundir sua produção literária no exterior, oferecendo a Denis um exemplar de seu *Ubirajara* com a seguinte dedicatória: “À Mr. Ferdinand Denys, hommage respectueux au savant ami du Brésil. José de Alencar. Paris 5 de agosto [sic] 1876” [Ao Sr. Ferdinand Denis, respeitosa homenagem ao erudito amigo do Brasil]. Cf. BEZERRA, Valéria Cristina. *Entre o nacional e o estrangeiro: José de Alencar e a constituição da literatura brasileira em cenário internacional*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas: Unicamp, 2016. p. 196-197.

anunciado de novo quando lhe tiver dito com que empenho e rapidez caminham as úteis reimpressões da *Arte e Vocabulario de la língua guarani de Ruiz de Montoya*, que Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, deu a lume em Viena e será seguida da edição do *Tesoro*. Trata-se de publicação ansiosamente esperada há muitos anos. E essas duas obras são reeditadas ao mesmo tempo em Leipzig. Inequivocamente, está-se diante de duas grandes realizações para a literatura e a história do seu belo país.

Recebi igualmente, há cinco dias, um volume magnífico que por certo será acolhido no Brasil tão bem quanto em Portugal. Trata-se do catálogo da vasta biblioteca musical de D. João IV, da qual só se conhecia um único exemplar, conservado na biblioteca da Rua Richelieu. Seu erudito editor, o Sr. Joaquim de Vasconcelos, que retorna ao Porto pela Espanha, mo trouxe e vai se incumbir da introdução que deverá preceder esta grande coletânea. Vasconcelos, como sem dúvida o sabe V. Sa., é autor de dois volumes in-octavo muito interessantes para a história da arte musical, intitulados: *Os músicos portugueses*.³⁵⁶ Ele é bastante jovem e acaba de se casar com uma encantadora alemã, uma empenhada estudiosa das literaturas do sul da Europa.³⁵⁷

Minhas persistentes investigações sobre o navegador Jacques de Vau de Claye não redundaram em nenhuma informação biográfica minimamente confiável. Dentro em pouco devo me decidir a doar ao Brasil tanto o mapa do Rio de Janeiro de 1579 quanto o de Itamaracá, executado na mesma data. Estes dois grandes mapas estão já a salvo do olvido (o que para mim não foi uma pequena contribuição) e estão reproduzidos em heliogravura sobre pedra. Meu texto não ocupará mais que duas ou três folhas de impressão, segundo creio. Naturalmente, V. Sa., caro senhor, estará entre aqueles a quem primeiro o oferecerei.

A partida do correio me obriga a dizer adeus, caro senhor. Aperto cordialmente a sua mão e peço que creia em meus antigos sentimentos de

Servo e amigo
Ferdinand Denis

54. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/07/1876)³⁵⁸

Paris, 15 de julho de 1876.

Meu caro e ilustrado confrade,

Espero que, dentro de alguns meses e graças a circunstâncias que levaria tempo demais para detalhar aqui, ser-me-á possível recordar, em um lugar eminentemente oportuno, suas preciosas riquezas iconográficas e a atividade superior com a qual V. Sa. soube colocá-las em evidência para o gozo de seu belo país! Tenha, portanto, a bondade de me dar alguns novos detalhes de seus interessantes trabalhos. V. Sa. por acaso tem, na rica

³⁵⁶ VASCONCELOS, Joaquim de. *Os músicos portugueses: biografia-bibliografia*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1870. 2 vol.

³⁵⁷ Carolina Wilhelma Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), crítica literária e escritora nascida em Berlim. Então casada havia poucos meses com Joaquim de Vasconcellos, viria a se tornar a primeira mulher a lecionar em uma universidade portuguesa, em 1911.

³⁵⁸ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/07/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0033, 0034 e 0035. Original em francês, tradução minha. Inédita.

coleção confiada aos seus cuidados esclarecidos, alguns belos manuscritos adornados de miniaturas, como as antigas bibliotecas da Europa os têm sempre em reserva?³⁵⁹

Duvido, mas, por outro lado, ser-me-ia infinitamente agradável mencioná-los, para a honra do Brasil,³⁶⁰ e ninguém, por seus conhecimentos tão apreciados por todos, é melhor que V. Sa. para indicá-los a mim. Eu conheci bem e apreciei, há anos, o seu zeloso e hábil diretor do Museu do Rio, o Sr. Meirelles.³⁶¹ Tenha, portanto, a bondade de pedir-lhe, ao transmitir-lhe os meus melhores cumprimentos, se há algum incremento em seu museu e se o desenvolvimento artístico, do qual ele toma parte tão vivamente, aumenta de modo notável. Eu ficaria encantado se ele pudesse mencionar a mim, além das obras de autoria dele, cujos méritos eu conheço há anos, algumas obras nacionais dignas de interesse. Deixo à inteligência dele a variedade dessas informações.

Peço-lhe mil perdões, meu caro confrade, pelo pequeno incômodo que deve tê-lo causado o envio de todas as minhas missivas, pelo último correio. Porém, naquele dia eu tinha tanta pressa de encaminhar-lhe suas remessas; além de todas as ocupações que eu tinha sobre os ombros, tratava-se de um dia – eu mo recordo – de calor sufocante, que eu contei sem hesitação (V. Sa. teve a prova disso) com a sua perfeita indulgência. Vingue-se, se porventura precisar de mim.

Estou muito preocupado por V. Sa. e pelos seus, devido ao que nos contam aqui acerca dos efeitos desastrosos da febre amarela,³⁶² rigorosa como ela se apresenta no Rio. Espero que os seus deveres, aos quais eu sei que V. Sa. é fortemente ligado, não lhe impeçam de ir, de tempos em tempos, ao interior.³⁶³ V. Sa. não descobrirá sem satisfação, se ainda não sabe, que os grandes trabalhos filológicos relativos aos antigos idiomas dos povos do Brasil vão de vento em popa na Alemanha. Não apenas *L'Arte et le Vocabulario de la lengua Guarani*, do Padre Ruiz de Montoya, publicados pelo Visconde de Porto Seguro, já estão nas livrarias, mas *L'Arte, boculario tesoro y catechismo de la lengua Guarani*, do dito Antonio Ruiz de Montoya, publicado por Jules Platzmann, edição perfeitamente fac-similar, vieram a lume! Infelizmente, em minha opinião, foram

³⁵⁹ A resposta a essas perguntas viria na carta de Ramiz Galvão ao autor de 21 de agosto desse mesmo ano.

³⁶⁰ Ferdinand Denis preparava o artigo cuja referência se segue, que seria apresentada no Congresso Internacional dos Americanistas do ano seguinte. Neste texto, aborda a história da Biblioteca Nacional desde sua fundação em 1776 até a transferência para o Brasil em 1808; elenca algumas das preciosidades contidas em seu acervo – com destaque para uma Bíblia impressa em 1492 e para a riquíssima coleção de estampas que poderia rivalizar com as melhores bibliotecas europeias, na opinião de Denis – e conclui elogiando alguns dos trabalhos realizados por Ramiz Galvão na direção do estabelecimento, como os *Anais da biblioteca nacional*. Cf. DENIS, Ferdinand. Notice sur la Bibliothèque Nationale de Rio de Janeiro. *Compte rendu du Congrès International des Américanistes*. 2ème. section - Luxembourg 1877, Paris, 1878, p. 275-282.

³⁶¹ Victor Meirelles de Lima (1832-1902), pintor e professor de artes brasileiro. Formou-se na Academia Imperial de Belas Artes e depois realizou uma série de estágios na Europa, passando por ateliês em Roma, Turim e Paris. Na capital francesa, conheceu Ferdinand Denis, ao lado de quem empreendeu algumas pesquisas sobre a Carta de Caminha. Com os conhecimentos ali adquiridos, produziu sua obra mais famosa, *A Primeira Missa no Brasil* (1861), por meio da qual foi aceito no salão da Escola de Belas Artes de Paris e condecorado, no mesmo ano, pelo Imperador D. Pedro II como Cavaleiro da Ordem da Rosa.

³⁶² Segundo a Agência Fiocruz, “a febre amarela foi o maior problema de saúde pública do país desde meados do século 19 até quase meados do século 20”, sendo o Rio de Janeiro palco de “duas epidemias de febre amarela muito violentas, as de 1873 e 1876, que causaram, respectivamente, 3.659 e 3.476 óbitos numa população estimada em cerca de 270 mil habitantes”. Fonte: <<https://agencia.fiocruz.br/uma-breve-hist%C3%B3ria-da-febre-amarela>>. Acesso em 06 mar. 2020.

³⁶³ Desde o início de 1850, Petrópolis e outras cidades do interior do Rio de Janeiro transformaram-se “em rota de fuga da febre amarela, em uma espécie de política sanitária da corte”. Era para lá que a família real e a elite brasileira se dirigiam em busca de abrigo para as altas temperaturas do verão na capital e para as sucessivas epidemias dessa doença. Cf. SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2ª. edição, 17ª. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 362.

impressas deste último livro apenas 350 cópias (pela Teubner). Acredito que a edição em preparação do Visconde de Porto Seguro terá, de todo modo, sobre esta, a vantagem da correção. Suponho dever também lhe comunicar um fato que não é destituído de importância para nós, bibliotecários, e do qual eu posso lhe garantir a exatidão. O Sr. Chatelain, reparador de livros antigos, que habita a Rua d'Enfer, nº 40, limpa, sem retirá-los do invólucro antigo, os velhos e os novos volumes que sofreram com a umidade. Ele os branqueia por meio de um processo próprio e sem que a textura do papel seja minimamente prejudicada. A brancura das páginas ou das gravuras é incomparável! A encadernação, quando ela existe, não sofre dano algum.

O habilidoso Pilinsky me trouxe há dois dias uma reprodução, como apenas ele sabe realizá-las, de dezenove gravuras antigas sobre madeira, coloridas, feitas no início do século XVI, e que apresentam uma admirável variedade de personagens. São o que chamamos de “Gritos de Paris”,³⁶⁴ um pouco posteriores ao tempo de nosso François I.³⁶⁵ Esse fac-símile, ao qual uma velha canção nacional pode servir como texto, será uma curiosíssima publicação.

Adeus, meu caro e ilustrado colega. Não se esqueça muito de mim, eu lhe rogo, e acredite que não está lidando nem com um preguiçoso, nem com um ingrato, malgrado os anos que pesam sobre a cabeça de

Seu afeiçoado e devotado servo e colega.
Ferdinand Denis

55. Carta de Varnhagen a Denis (18/07/1876)³⁶⁶

Viena, 18 de julho de 1876

Meu caro amigo,

Aleluia! Acabo de concluir o *Tesoro*. Amanhã espero já poder enviar a V. Sa. um exemplar em brochura, e talvez mesmo hoje terei em mãos um exemplar para enviar ao Sr. Ujfalvy, que muito me agradaria desse em sua notícia conta da obra já concluída. A *Conquista espiritual* e *Cathécisme* são publicações à parte e, ainda que no mesmo (?), será impresso um número menor de exemplares.

Como V. Sa. verá na advertência final do *Tesoro* fiz as confrontações a partir de três exemplares, que por vezes diferem. Montoya melhorava seu livro durante a impressão. É o que V. Sa. verá nas provas.

Por ora, para aproveitar seu *Cathécisme* e os caracteres fundidos, imprimo o sermão “Historia de la Passion”³⁶⁷ precedido de um prólogo onde faço menção ao proprietário do

³⁶⁴ A expressão “cris de Paris” (em tradução literal “gritos de Paris”) se refere aos mercadores ambulantes e vendedores de rua que procuravam atrair compradores anunciando em voz alta os produtos que vendiam.

³⁶⁵ François I (1494-1547), governou a França de 1515 até sua morte, sendo sucedido por seu filho, Henri II (1519-1559).

³⁶⁶ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 18/07/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 22-23). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 06 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por Afonso Arinos e em português por Clado Ribeiro de Lessa. Cf. ARINOS, Op. cit., p. 19-20; LESSA, Op. cit., p. 462-463. Grifos do autor.

livro e sua generosidade ao me emprestar e dou algumas notícias sobre o livro e seu autor (sem dúvida Nicolás Yapuguay) e sobre toda a bibliografia tupi. Serão poucos exemplares.

V. Sa. já está ao corrente de que meu Imperador³⁶⁸ não está passando por Paris. Ele irá diretamente da Inglaterra à Bélgica.

Minha esposa e meus filhos estão agora no campo num lugar encantador perto de Gresten.³⁶⁹ Mas é um pouco longe e devo ficar por aqui para ver as provas da casa impressora.

Corro. Até outro dia. Aperto cordialmente sua mão.

Todo seu,
Porto Seguro

Ontem à uma e meia tivemos um tremor de terra como eu nunca havia visto desde meu retorno do Pacífico.

56. Carta de Varnhagen a Denis (15/08/1876)³⁷⁰

Viena, 15 de agosto de 1876

Meu caro amigo,

Tendo lido num jornal há alguns dias que V. Sa. deverá falar à Sociedade de Americanistas sobre as línguas dos índios do Brasil, meu coração logo me disse que V. Sa. não deixaria de se lembrar de mim. Mas meu pressentimento foi superado pelos fatos e minha gratidão a V. Sa. não poderia ser maior. Vejo que V. Sa. chegou a lutar em favor de seu amigo.³⁷¹ Seu presidente Sr. Madier³⁷² é justamente a pessoa a quem o Sr. Platzmann dedicou sua pequena bibliografia de línguas americanas.

Meus sinceros agradecimentos, caríssimo amigo.

Vi o Imperador em Salzburg, e ele me disse que assistirá de muito bom grado no ano que vem (pelo fim de abril) a uma sessão da sua Sociedade Filológica.³⁷³

³⁶⁷ Nesse momento, Varnhagen se dedicava à edição de “Historia de la Passion” – originalmente publicado por Nicolás Yapuguay, no interior da obra *Explicación del Cathecismo* (1724) – que viria à luz poucos meses mais tarde, ainda em 1876. Cf. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (ed.). *Historia da Paixão de Christo e taboa dos parentescos em lingua tupi, por Nicolas Yapuguay, com uma resenha dos impressos acerca da dita lingua*. Viena: Impr. I e R. do Estado, 1876.

³⁶⁸ D. Pedro II embarcara no continente europeu em meados de 1876, após uma estadia de três meses na América do Norte.

³⁶⁹ Este trecho da carta, de difícil leitura, foi decifrado por Clado Ribeiro de Lessa a partir do diário do filho de Varnhagen, *Memórias de Xavier Porto Seguro* (1896).

³⁷⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 15/08/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 16-17). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 06 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por Afonso Arinos e em português por Clado Ribeiro de Lessa. Cf. ARINOS, Op. cit., p. 20-21; LESSA, Op. cit., p. 463-465. Grifos do autor.

³⁷¹ Ver a esse respeito a carta de Denis a Ramiz Galvão de 15 de abril de 1876.

³⁷² Édouard Madier de Montjau (1816-1898), etnógrafo francês. Ocupava a função de presidente da Sociedade Americana da França desde 1873.

³⁷³ Referência à Sociedade Filológica da França, fundada em 1869.

Em breve enviarei a V. Sa. seu *Cathécisme*. Trata-se decididamente da obra *Explicación Del Cathecisme* de Nicolás Yapuguay, que se imprimiu em Sta. Maria Mayor em 1724. Faltam 55 folhas no fim, isto é, o *Cathecismo que el concilio limense mandó se hiciese para los niños*. V. Sa. encontrará mais detalhes a esse respeito na minha pequena brochura com a reimpressão de Termos.

Vi a partida do Sr. Ujfalvy. E o artigo da *Revue Philologique*? E minhas folhas da Grammaire Montoya Édition Platzmann? V. Sa. poderia porventura obtê-los?

Irei pelo fim do mês ao Congresso de Estatística em Pest,³⁷⁴ mas estarei de volta em torno de 12 de setembro. Solicitei no Rio mas ainda não recebi a publicação do Sr. Couto de Magalhães.³⁷⁵ É a ele que faço alusão no fim do *Tesoro* a propósito da edição de Restivo.³⁷⁶

Adeus, meu amigo. Minha esposa manda saudações e eu aperto cordialmente sua mão.

Vi a Sra. Barral³⁷⁷ em Salzburg.

Todo seu,
P. Seguro

57. Carta de Ramiz Galvão a Denis (21/08/1876)³⁷⁸

Meu bom amigo e sábio colega

Respondi há dias a sua prezada carta, mas deixei então de tratar de uma das questões que me propôs, por não estar naquela ocasião perfeitamente informado do assunto.

Deve o meu excelente amigo lembrar-se de que me perguntou: Há na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro manuscrito da Idade Média, iluminado?

Posso hoje assegurar-vos que temos 7, a saber: uma Bíblia, um livro de ofícios religiosos com o cantochão figurado e 5 breviários monásticos ou livros de horas.

³⁷⁴ Pest é aqui utilizada por Varnhagen como abreviação de Budapeste, a capital da Hungria, formada em 1873 pela união das antigas cidades de Pest, Óbuda e Buda. Durante o ano de 1876, o historiador brasileiro participou de dois congressos na referida cidade: em primeiro lugar, do Congresso Internacional de Estatística, no qual apresentou o artigo “Quelques renseignements statistiques sur le Brésil, tirés de sources officielles par le délégué au congrès de Budapesth, Vicomte de Porto Seguro”, e, em segundo, do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas. Cf. CEZAR, Op. cit.

³⁷⁵ José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898), político, militar e escritor folclorista brasileiro. Patrocinado por D. Pedro II, percorreu em 1873 os rios Paraguai e Amazonas com o objetivo de escrever um curso de tupi. Recolheu as histórias de quatro etnias distintas – os Tupi, os Kadiweu, os Mundurucu e os Bororo –, que foram publicadas tanto em versão tupi, quanto em versão portuguesa na obra *O Selvagem: trabalho preparatório para aproveitamento do selvagem e do solo por ele ocupado no Brasil* (1876), à qual Denis faz alusão nesta carta.

³⁷⁶ Padre Pablo Restivo (1658-1740), missionário jesuíta. Em 1722, publicou anonimamente uma edição aumentada e revisada do *Vocabulario de la lingua guarani*, de Montoya.

³⁷⁷ Luísa Margarida de Barros Portugal (1816-1891), a condessa de Barral e, mais tarde, marquesa de Monferrato, foi preceptora das princesas imperiais. Frequentemente é apontada como a grande paixão do imperador D. Pedro II, com quem trocou inúmeras cartas de amor.

³⁷⁸ GALVÃO, Ramiz. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 21/08/1876. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 75-78). Disponível em <<https://archive.org/details/MS3419/page/n159>>. Acesso em 06 mar. 2020. Inédita.

1º: A Bíblia é altamente interessante. Consta de 567 folhas inumeradas de 0,121m de alt. x 0,087m de larg., medindo a parte manuscrita de cada página 0,92m de alt. x 0,60m de larg.; de letra gótica minúscula, capitais ornadas e algumas iluminadas, florões delicadíssimos por tinta azul e vermelha margeando as páginas. A 2 colunas, de 48 linhas por coluna. Todo em latim.

O pergaminho é da mais prodigiosa delicadeza, o que é fácil de avaliar ponderando-se que este volume fechado não tem mais de 0,32m de espessura.

Não tem inscrição ou nota, por onde se possa coligir quem o escreveu, onde e em que data; mas os sinais paleográficos são de manuscritos do começo do XIX século. Pertenceu ao conde da Barca,³⁷⁹ e traz no tombo da encadernação a data de 1300, que lhe mandou por o possuidor.

É uma joia microscópica e caligráfica, que não cesso de admirar.

2º: Um livro de ofícios religiosos com o cantochão figurado. Manuscrito latino em pergaminho, com 621 folhas numeradas pela frente, de 0,135m de alt. X 0,98m de larg. Letra gótica, a duas tintas: preta e vermelha.

Traz no fim um “Tratado de cantochão” em latim, e uma subscrição dizendo que fora escrito no 4º ano do pontificado de Inocêncio VIII, por consequência 1488. É de origem italiana, e pertenceu à Real Biblioteca do Paço da Ajuda em Lisboa,³⁸⁰ como demonstra o carimbo, e a encadernação com as armas de Portugal.

3º: Livro de horas, em pergaminho, esplendidamente iluminado por Spinello Spinelli,³⁸¹ sob a direção do P. Joaquim de Sá no ano de 1375, e muito provavelmente para uso d’el rei D. Ferdinando de Portugal (Constam estas indicações na subscrição final).

Tem 31 miniaturas bem acabadas, além de multíssimas outras de menor tamanho, arabescos, capitais ornadas &. Letra gótica, bem lançada, a duas tintas: preta e vermelha. É o mais belo de nossa coleção.

4º: Breviário monástico, em pergaminho por letra gótica do XIII século, estilo alemão, com miniaturas, entre as quais ocorre a do ofício de defuntos onde vejo representados monges de S. Bento.

5º: Outro breviário em pergaminho, com miniaturas e arabescos, estilo alemão, por letra gótica do XIX século. Traz rubricas em velho alemão e parece haver pertencido a algum convento da Ordem de S. Bernardo.

6º: Idem, idem. Estilo francês, e calendário na mesma língua, letra gótica dos fins do século XIV ou começo de XV.

³⁷⁹ António de Araújo e Azevedo (1754-1817), o conde da Barca, diplomata e político português, conhecido principalmente por liderar as difíceis negociações da paz entre França e Portugal, entre 1795 e 1801, e por colaborar com a vinda da Missão Artística Francesa ao Rio de Janeiro em 1816. Sua biblioteca particular, composta por cerca de 3 mil volumes, foi transferida ao Brasil em 1808, quando o conde, acompanhando a Família Real portuguesa, instalou-se na cidade do Rio de Janeiro. Em 1817, o acervo foi adquirido em um leilão pela coroa portuguesa. Conferir a esse respeito: SCHWARCZ, Lilia Moritz; AZEVEDO, Paulo Cesar de e COSTA, Angela Marques da. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

³⁸⁰ A Real Biblioteca no Palácio da Ajuda começou a ser construída em 1756, um ano após o grande terremoto de Lisboa ter deixado a cidade em ruínas, causando, além de dezenas de milhares de mortes, o desmoronamento de inúmeros edifícios, incluindo a Livraria de El Rey, onde se encontravam guardados os livros da coroa lusitana. Quando se transferiu às pressas para o Brasil, em 1808, D. João VI deixou para trás esse imenso acervo, mas dois anos mais tarde, com a segunda invasão francesa, ordenou que a Real Biblioteca da Ajuda fosse transferida para o Rio de Janeiro. Os livros da coroa permaneceriam no Brasil após 1821, quando a Revolução Liberal do Porto obrigou D. João VI a retornar a Portugal, e dariam origem, anos mais tarde, à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

³⁸¹ Spinello di Luca Spinelli, ou Spinello Aretino (1350-1410), artista nascido em Arezzo, no território hoje conhecido como Itália.

7º: Livro de horas, em pergaminho, ricamente iluminado, por letra gótica do XIV século. Calendário em francês e no fim orações várias na mesma língua. Encadernação preciosa, mas de data posterior. Miniaturas medíocres, mas lindíssimos arabescos.

Eis aqui, meu excelente amigo, ainda que a traços largos, uma notícia dos nossos tesouros neste gênero de antigualhas. Bem pouco é, quando se compara com a riqueza das bibliotecas de Europa; mas enfim são sempre belos espécimes, que podem dar ao curioso e ao erudito uma ideia aproximada dessa arte maravilhosa, que expirou com o XV século, e que nos deixou tão admiráveis monumentos.

Tendo cumprido destarte suas ordens para mim preciosas, tratemos de outros assuntos.

Acabo de receber com grande atraso mais uma carta sua, em que benévolo, como é sempre comigo, alude ao meu *Relatório sobre a organização das bibliotecas de Europa que visitei em 1873-74*, e me diz coisas lisonjeiras que não mereço.

Vejo com grande sentimento que não fui exato, como devera, a respeito da Bibl. de Sta. Genoveva, quão involutária foi esta falta, pode avaliar pelo muito que prezo e admiro o sábio que dirige esse notável estabelecimento.

Infelizmente aí me não mostraram nem sequer tenho ideia de ter ouvido falar no outro catálogo da Biblioteca de que me dá notícia o meu bom amigo, desse esquecimento prévio a minha omissão, que de coração lamento e que procurarei reparar quando se me oferecer ocasião.³⁸²

Quanto às outras bibliotecas de Paris, nada achou que observar? Estou bem certo que teria encontrado, e que só por delicadeza me não comunicou. São inevitáveis os lapsos em um trabalho feito às carreiras, e quando não se me deram mais de 6 meses para a colheita dos materiais e para o exame *de visu* de tanta coisa importante e séria.

A própria impressão desse *Relatório* foi feita de afogadilho, e até me obrigaram a trancar as notícias sob o pretexto de não avultar o desprezo. O que fazer nestas circunstâncias?

Ser-me-á dado fazer segunda viagem de exploração, e corrigir assim o que não foi bem descrito? Oh! Como ambiciono esta ventura, e que vantagens eu não tiraria dessa excursão para o nosso gabinete de estampas em formação?

Quanto é difícil deste lado do oceano sem recursos de grandes coleções, e longe do centro das riquezas literárias e iconográficas – por consequência sem a imensa vantagem de comparar e sem as luzes dos especialistas eminentes –, quanto é difícil, digo, decidir um ponto duvidoso e resolver um problema bibliográfico intrincado!

Enfim, faço votos para que eu o abrace ainda uma vez, e queira crer-me sempre

Amigo mto. e admiror. Obrig.

B. Franklin

Rio, 21 de Agosto de 1876

58. Carta de Denis a Ramiz Galvão (14/09/1876)³⁸³

Paris, 14 de setembro de 1876.

³⁸² Ver a esse respeito a carta de Denis a Ramiz Galvão de 15 de abril de 1876.

³⁸³ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/09/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0036, 0037 e 0038. Original em francês, tradução minha. Inédita.

Meu mui caro confrade e amigo,

Sou-lhe ainda mais agradecido por sua longa e amável missiva pelo fato de ela haver sido escrita sob o império de uma dolorosa doença, e que a sua gentileza habitual com o seu velho colega de Paris lhe fez esquecer por um momento o seu grande sofrimento! Aprecio, como corresponde, este verdadeiro sacrifício de sua parte e, fazendo ardentes votos pelo restabelecimento de sua saúde, precipito-me em agradecer por V. Sa. ter se esquecido não apenas daquilo que eu considerava uma indiscrição de minha parte, mas por ter colocado naquilo a prontidão extrema que colocou, especialmente considerando que ainda reina a terrível doença que aflige a sua bela cidade; doença com a qual todos se preocupam aqui.

Graças à suas informações doudas, conheço, ao menos em parte, os tesouros artísticos cuja revelação é devida ao seu zelo esclarecido. Porém, os novos documentos que V. Sa. faz a gentileza de me fornecer com uma clareza tão precisa provam que, em breve, o Rio de Janeiro possuirá um gabinete iconográfico digno das mais ricas bibliotecas públicas. V. Sa. talvez ainda não tenha conhecimento de que o Sr. Duplessis³⁸⁴ recebeu um avanço notável, uma vez que é ele que sucede o desafortunado Dauban,³⁸⁵ que enterramos há cerca de seis semanas. Ele certamente apreciará, como eu também aprecio, a brilhante nomenclatura que V. Sa. faz a gentileza de me encaminhar, a qual será digna do maior interesse em todos os cantos do globo onde não restam estrangeiros às belas artes.³⁸⁶ Espero de minha parte que, daqui a algum tempo, eu possa dizer ao nosso público algumas palavras acerca de suas preciosas descobertas. Deus faça com que eu ainda esteja neste mundo quando V. Sa. vier completá-la na Europa. Será um dia de festa para o velho habitante da “montanha Santa Genoveva”, como se costumava dizer.

O calor que tivemos de aguentar este ano foi tão exagerado que certamente excedeu em intensidade aquele que V. Sa. por vezes suporta no Rio de Janeiro, mas não tínhamos as suas deliciosas virações e as noites, sobretudo, eram insuportáveis. Ando bastante fatigado, não sem constantes abatimentos, e hoje os meus principados 79 anos reverdecem com o frescor que os nossos produtores de vinho infelizmente temem, mas que fazem reviver aqueles que são velhos como eu.

Estava muito quente, como acabo de lhe dizer. Eu encontrei, no entanto, energia suficiente em mim para procurar a Sociedade de Americanistas e lhes contar tudo o que se fazia de bom e de grande no Brasil em favor dos estudos deles. Eu almejava que não fosse completamente ignorado entre nós o que vale *O Selvagem*, do Sr. Couto de Magalhães e, ao mesmo tempo, o que podem render os trabalhos eminentes que os Srs. Platzmann e Porto Seguro acabaram de começar. Por que não dizê-lo àquele que é tão exato em suas investigações? O último desses editores nada negligenciou – eu sou testemunha disso –, para que nada faltasse à correção desses dois volumes: *L'Arte* de Ruiz de Montoya foi reimpresso em 1724; este livro raríssimo lhe foi emprestado pelo nosso Instituto, ainda que ele fosse a Viena e tenha se servido de uma minuciosa revisão. No momento, graças a V.,

³⁸⁴ Georges Duplessis (1834-1889) recentemente fora nomeado conservador no Departamento de estampas da Biblioteca Nacional.

³⁸⁵ Charles-Aimé Dauban (1820-1876), historiador francês. Foi professor de letras e história, além de conservador no gabinete de estampas, na Biblioteca Nacional de Paris, entre 1858 e 1876.

³⁸⁶ Consultado pelos funcionários da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Duplessis esclareceu algumas dúvidas a respeito de uma rara gravura de Antoine Van-Dyck (1599-1614), adquirida em 1816 pela referida instituição. Cf. MELO, José Alexandre Teixeira de (ed.). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. XVIII, 1896, p. 441.

meu caro colega, os *Ensaio de Ciência*³⁸⁷ acabaram de me ser entregues. Eu não pude lançar nada além de uma vista d'olhos nesses dois preciosos fascículos, mas ficaria feliz de poder citar os trabalhos de Capanema, Nogueira³⁸⁸ e Rodrigues,³⁸⁹ os *Apontamentos sobre o abañeenga*³⁹⁰ deveriam ter sido destacados na sessão que acabei de lhe mencionar. Tempo e distância nos devoram. É preciso que, dentro de alguns momentos, esta carta escrita de afogadilho parta, se eu quiser que o próximo correio a leve.

Obrigado novamente pelo que V. Sa. gentilmente contou a Victor Meirelles a meu respeito. Começo a crer que a minha *Arte Plumaria* terá uma segunda edição; os grandes jornais não desdenham de se ocupar da obra,³⁹¹ e V. Sa. não crerá: recebo de todas as partes demandas desta minha pequena bagatela, a qual não posso mais distribuir pela excelente razão de que eu não possuo mais cópias da mesma. Seus tesouros ornitológicos fazem inveja às belas damas e mesmo a certos artistas. O mundo é feito assim, Golconda³⁹² não é conhecida entre nós senão pelos seus diamantes!...

O ano não terá fecho, eu espero, sem que o nosso modesto, porém, útil *Magasin Pittoresque* reproduza duas ou três figuras de cerâmica publicadas nos *Ensaio de Ciência*. Esta será uma oportunidade para mencionar trabalhos repletos de interesse, a despeito de suas grandes imperfeições.

Adeus, meu caro colega. Queira oferecer os meus respeitos à Senhora Ramiz Galvão, a quem felicito pelo início de sua recuperação, e acredite na cordial afeição de

Seu velho amigo.
Ferdinand Denis

Post-Scriptum – Tomarei, sem demora, conhecimento de seu “Regulamento”,³⁹³ cujo envio me é precioso.

59. Carta de Varnhagen a Denis (30/09/1876)³⁹⁴

³⁸⁷ NOGUEIRA, Batista Caetano de Almeida; CAPANEMA, Guilherme Schüch de; RODRIGUES, João Barbosa. *Ensaio de Ciência*. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo, 1876.

³⁸⁸ Batista Caetano de Almeida Nogueira (1826-1882), poeta, linguista, ensaísta e matemático brasileiro. Foi professor no Colégio Pedro II, sócio do IHGB e do Instituto Politécnico.

³⁸⁹ João Barbosa Rodrigues (1842-1909), naturalista e botânico brasileiro. Foi professor no Colégio Pedro II, diretor do Museu Botânico de Manaus e posteriormente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

³⁹⁰ NOGUEIRA, Batista Caetano de Almeida. *Apontamentos sobre o abañeenga (também chamado guarani, ou tupi, ou língua geral dos Brasis)*. 3 vols. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo, 1876.

³⁹¹ De fato, diversos periódicos da capital francesa – especializados em ciência ou mesmo dirigidos ao grande público – noticiaram a publicação da obra, mas tudo indica que ela jamais chegou a ter uma segunda edição. Cf. *Bulletin de la Société Impériale zoologique d'acclimatation*, Paris, avril 1876, p. 327-329; *Revue des sciences*, Paris, 29/07/1876, p. 138-139; *Bulletin du bouquiniste*, Paris, 01/02/1876, p. 55-57; *Revue Britannique*, Paris, 1876, vol. 1, p. 515-516.

³⁹² Golconda, cidade em ruínas na Índia, cuja origem data de meados do século XVI, conhecida principalmente pelo comércio de diamantes.

³⁹³ De volta ao Brasil após sua viagem pela Europa, Ramiz Galvão se empenhou em colocar em execução algumas mudanças na biblioteca que estava sob sua direção, as quais foram publicadas no “Regulamento da Biblioteca Nacional, anexo ao Decreto no. 6141 de 04 de março de 1876”. Cf. CALDEIRA, Op. cit., p. 97.

³⁹⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 20/09/1876. 1 doc. 3 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 18-19). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 06 mar. 2020. Original em

Viena, 30 de setembro de 1876

Meu caro amigo,

Estou muitíssimo grato por sua amável carta do dia 17. Eu a recebi estando às voltas com a presença de minha Imperatriz, a quem me coube acompanhar a Pest, donde eu acabava de chegar, depois de ter estado presente aos congressos de estatística e pré-história,³⁹⁵ onde tive a satisfação de ser apresentado ao Sr. Ujfalvy, que, com sua senhora,³⁹⁶ partiu hoje para Varsóvia, depois de nos haver dado a ambos o prazer de cear ontem conosco, a exemplo do Sr. Ujfalvy irmão, que é das guardas húngaras.

O Sr. Ujfalvy me disse que lhe escreverá de São Petersburgo e fiquei encantado de ver como ele o estima na medida do seu merecimento, sob todos os aspectos.

Ele me disse que deixou a V. Sa. as folhas da Grammaire de Montoya. Peço-lhe então a gentileza de mas enviar pela mala de pacotes, que permite as remessas sem liberação prévia. Eu pagarei o frete. Tenho necessidade das folhas para poder encadernar toda a obra, sendo-me impossível comprar só o primeiro volume em separado.

Recebi os *Ensaaios de Ciência*, até o momento sem continuações, mas espero em vão pela gramática do Sr. Couto de Magalhães, que tenho todo o interesse em ter em mãos.

Reimprimi o sermão e os graus de parentesco do seu livro,³⁹⁷ mas não tive tempo de concluir a introdução com uma bibliografia tupi.

Cogito concluir, ainda este ano, a reimpressão da minha *História Geral* só até 1820.³⁹⁸ A *História da Independência* formará um grande volume à parte que ainda não será publicado.³⁹⁹

Estou na firme resolução de empreender, de abril a outubro do próximo ano, uma viagem, deixando aqui minha família, ao interior do Brasil, de São Paulo a Goiás e de lá direto a Ilhéus e Porto Seguro, embarcando de volta à Europa na Bahia, se Deus me proteger... e se meu governador mo consentir.⁴⁰⁰

Agradeço a V. Sa. mais uma vez, cordialmente, por tudo que V. Sa. disse e escreveu a respeito de minha edição de Montoya.

A propósito dos *Ensaaios de Ciência*, que ideia essa de nomear a língua tupi “abañeega” (língua do homem). Os nomes das línguas são os mesmos das nações; ora, não se poderia chamar uma nação (a tupi) língua de homem.

Adeus por ora. Cumprimentos de minha esposa e um forte aperto de mão deste seu devotado amigo.

francês, tradução minha. Publicada em francês por Afonso Arinos de Melo Franco e em português por Clado Ribeiro de Lessa. Cf. ARINOS, Op. cit., p. 21-22; LESSA, Op. cit., p. 466-467.

³⁹⁵ Ver a esse respeito a carta de Varnhagen a Denis de 15 de agosto desse mesmo ano.

³⁹⁶ Marie de Ujfalvy-Bourdon (1845-19?), etnóloga francesa. Participou das expedições científicas do marido e publicou suas experiências em obras como *De Paris à Samarkand, le Ferghanah, le Kouldja et la Sibérie occidentale* (1880) e *Voyage d'une Parisienne dans l'Himalaya occidentale* (1887).

³⁹⁷ Ver a esse respeito a carta de Varnhagen a Denis de 18 de julho desse mesmo ano.

³⁹⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, 1877.

³⁹⁹ A “História da Independência” foi publicada após a morte de Varnhagen, em 1916, pela *Revista do IHGB*. Cf. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História da Independência do Brasil*, até ao reconhecimento pela antiga metrópole, compreendendo, separadamente, a dos sucessos ocorridos em algumas províncias até essa data. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 1916/1917, o. 79, p. 5-598.

⁴⁰⁰ Varnhagen realizou sua viagem pelo interior do Brasil em 1877, já aos 61 anos de idade. Voltou à Europa bastante adoentado, em outubro desse mesmo ano.

P. Seguro

60. Carta de Denis a Ramiz Galvão (14/10/1876)⁴⁰¹

Paris, 14 de outubro de 1876

Meu caro colega e amigo,

Recebi sucessivamente as suas cartas dos dias 9 e 21 de agosto,⁴⁰² e li-as com crescente interesse: o seu zelo esclarecido realiza todos os dias aquilo que os seus antecessores não foram capazes de realizar e V. Sa. pode, de agora em diante, [dizer], sem contestação, que está à frente da mais rica biblioteca e das mais ricas coleções que existem na América do Sul.

No que concerne às gravuras, devo comunicar ao Sr. Duplessis os detalhes importantes que V. Sa. fez a gentileza de me fornecer em uma excelente ordem e, se ainda não o fiz, foi porque ele havia se retirado de férias, tendo retornado ao seu posto apenas alguns dias atrás. Ele dirá, eu suponho, como ele já o fez, algumas palavras acerca das suas doudas descobertas. De minha parte, estou esperando com grande impaciência a apresentação impressa das riquezas de sua biblioteca,⁴⁰³ que V. Sa. teve a gentileza de me prometer, e então farei todos os esforços para dizer algumas palavras a respeito delas numa publicação especial.⁴⁰⁴ Obrigado, mil vezes, pela diligência afetuosa e afável com que V. Sa. de bom grado me enviou as doudas publicações que saíram de suas prensas. Recebi, sucessivamente, as duas remessas de estudos científicos que V. Sa. teve a bondade de me enviar, além da primeira remessa dos *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*,⁴⁰⁵ e já encaminhei para serem gravadas as antiguidades do rio Amazonas, para torná-las objetos de um artigo no *Magasin Pittoresque* do ano de 1877.

V. Sa. teve a bondade de me dizer que falou ao Sr. Meirelles sobre o meu desejo de obter dele novas informações acerca das pequenas obras-primas plumárias que se executam no Rio de Janeiro e em Santa Catarina. Peço-lhe para lembrá-lo disso de

⁴⁰¹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/10/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0039, 0040 e 0041. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁴⁰² A carta do dia 21 de agosto se encontra reproduzida acima, mas não foi possível ter acesso à de 09 do mesmo mês.

⁴⁰³ Denis se refere aqui aos *Anais da Biblioteca Nacional*, cujo primeiro volume havia aparecido poucos meses antes, no Rio de Janeiro. De acordo com Caldeira, a revista funcionava como “uma porta de entrada e reconhecimento do Brasil entre os países que se tinham como modelo”, por isso não espanta que exemplares dos novos volumes impressos tenham sido enviados para a Biblioteca Santa Genoveva, assim como para outras grandes instituições nos Estados Unidos, na Europa e na América do Sul. Cf. CALDEIRA, Op. cit., p. 152.

⁴⁰⁴ Ver a esse respeito a carta de Denis a Ramiz Galvão de 15 de julho de 1876.

⁴⁰⁵ Foi em 1876 também que surgiu o primeiro número dos *Arquivos do Museu Nacional*. Os funcionários do museu costumavam remeter um exemplar dos novos volumes para diferentes espaços de produção científica – como bibliotecas, academias, universidades e museus –, espalhados pelo Brasil e por diversas partes do mundo, uma vez que levou anos para a revista ser comercializada. De acordo com dados apresentados por Michele Agostinho, entre 1876 e 1888, mais de 197 remetentes espalhados pelo mundo enviaram cartas para o museu, solicitando exemplares da revista ou agradecendo pelo seu envio: os Estados Unidos aparecem em primeiro lugar, com 56 remetentes; o Brasil, em segundo, com 33; a Alemanha, em terceiro, com 25, Em quarto lugar, a Bélgica e a França, com 12 remetentes cada uma. Cf. AGOSTINHO, Michele de Barcelos. *O museu em revista: a produção, a circulação e a recepção da revista Arquivos do Museu Nacional (1876-1888)*. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2014. p. 83-84.

quando em vez. A bagatela que publiquei sob o título de *Arte Plumaria* fez um caminho que eu estava longe de suspeitar, quando me deparei com este tão agradável tema, tão pouco conhecido, no qual se destaca hoje o Brasil. Os pedidos de cópias que me são feitos diariamente, e que eu não posso satisfazer, dão-me hoje o direito de supor que uma segunda edição deste opúsculo poderá realizar-se,⁴⁰⁶ e que uma encantadora indústria de seu belo país poderá ser mais completamente colocada em evidência. Como V. Sa. fez a gentileza de dizê-lo, tal trabalho acaba por beneficiar o seu belo país, tão esplendidamente favorecido pela natureza.

Nossas férias, das quais eu não pude me beneficiar, terminam amanhã, e abrimos segunda-feira com 2 mil novos volumes adicionados às nossas coleções. Para isso foi preciso muito trabalho de dois ou três de meus colegas que não tiveram descanso nesses últimos dias. V. Sa. sabe o que é a introdução de um número semelhante de obras nas coleções. Somente quem desempenha tal ofício suspeita o trabalho que ele exige.

V. Sa. talvez já sabe que uma porção notável de 64 caixas de antiguidades peruanas obtidas pelas escavações do Sr. Wiener nos arredores de Lima chegaram ao Ministério da Instrução Pública.⁴⁰⁷ É verdadeiramente uma grande sorte para os americanistas, cujo número aumenta dia a dia.⁴⁰⁸ Graças a V., meu caro colega, eu já pude dar a conhecer a alguns deles o curioso relato do Sr. Wiener acerca dos Sambaquis⁴⁰⁹ de seu país.

Disseram-me que o jovem e opulento Pinart,⁴¹⁰ que recentemente publicou alguns opúsculos curiosos, e que adquiriu a coleção mexicana de Boban,⁴¹¹ iria construir um

⁴⁰⁶ Ao que tudo indica, os projetos de Denis não se concretizaram e a obra teve uma única edição.

⁴⁰⁷ O material recolhido por Wiener durante sua estadia de 15 ou 16 meses nos Andes deu origem ao Musée d'Etnographie du Trocadero, construído durante a Exposição Universal de Paris, em 1878. Cf. RIVIALE, Pascal. Une pyramide d'antiquités: les collections de Charles Wiener. *Outre-mers, Revue d'histoire*, t. 88, p. 277-295, 2e. semestre 2001. Disponível em <http://www.persee.fr/doc/outre_1631-0438_2001_num_88_332_3896>. Acesso em 06 mar. 2020.

⁴⁰⁸ O interesse de reunir pesquisadores e cientistas especializados nas Américas e de promover debates sobre o assunto vinha, porém, de muito antes. Já em 1857, ocorreu a fundação da Sociedade Americana da França (em francês, Société Américaine de France), cujos membros logo se associaram à dos orientistas. Assim nasceu, em 24 de abril de 1859, a Sociedade de Etnografia (em francês, Société d'Ethnographie). Em 1863, a seção americanista procurou romper com a sociedade, mas voltou a integrá-la, dez anos mais tarde. Finalmente, em 1875, ocorreu na cidade de Nancy o primeiro Congresso Internacional dos Americanistas, já mencionado anteriormente, reunindo linguistas, historiadores, geógrafos, etnólogos e outros cientistas de todas as partes do mundo. Desde então, a sociedade passou a se reunir periodicamente, a ter sua própria publicação e a realizar eventos internacionais a cada dois anos, aproximadamente, sendo os de 1922 e de 1945 realizados no Rio de Janeiro e em São Paulo, respectivamente. Cf. LAURIÈRE, Christine. La Société des Américanistes de Paris: une société savante au service de l'américanisme. *Journal de la Société des Américanistes*, Dossier Historiographie américaniste, Paris, p. 93-115, 2009. Disponível em <<http://journals.openedition.org/jsa/11002>>. Acesso em 06 mar. 2020.

Membro da Société d'Ethnographie desde a sua fundação, Ferdinand Denis foi convidado a integrar a Société des Américanistes, após a morte do Abade Brasseur de Bourbourg.

⁴⁰⁹ Sambaquis são “depósitos de conchas, cascas de ostras, frequentemente objetos de pedra e osso e, às vezes, ossos humanos e objetos de cerâmica dos habitantes pré-históricos do Brasil. Encontram-se sambaquis ao longo da costa, à margem de rios e até em pontos distantes das águas; banco, berbogueira, caieira, concheiras, concúfero, ilha de casca, mina de cernambi, astreira, samauqui, sarnambi”. Foi com “Estudos sobre os sambaquis no Brasil”, o artigo de Wiener com os resultados de sua expedição ao nosso país, que estreou o primeiro número dos *Arquivos do Museu Nacional*, em 1877. No ano seguinte seria a vez de Denis publicar anonimamente, no *Magasin Pittoresque*, um artigo sobre o mesmo tema. Fonte: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sambaqui/>>. Acesso em 06 mar. 2020; WIENER, Charles. Estudos sobre os sambaquis no Brasil. *Arquivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v. 1, 1876, p. 1-20; DENIS, Ferdinand. L'âge de pierre aux temps modernes. Les sambaquis. *Magasin Pittoresque*, Paris, juillet 1878, p. 230-232, septembre 1878, p. 303-304.

⁴¹⁰ Alphonse Louis Pinart (1852-1911), linguista, etnólogo, antropólogo e colecionador francês.

grande hotel para abrigar as suas antiguidades.⁴¹² Isso também beneficia os nossos estudos e é por isso que lhe falo a respeito! Adeus, meu caro e ilustrado colega. Falta-me o papel para dar-lhe outras novas, mas não ao ponto de não poder desejar-lhe a feliz realização de seus úteis trabalhos. Ofereça, eu lhe rogo, os meus respeitos à Senhora Ramiz Galvão, e acredite nos sinceros sentimentos de

Seu devotado e afetuoso
Ferdinand Denis

61. Carta de Varnhagen a Denis (31/10/1876)⁴¹³

Viena, 31 de outubro de 1876

Meu muito caro amigo

Meu profundo agradecimento por suas informações, e mil desculpas pelo incômodo que tudo isso causou a V. Sa. Se tivesse me ocorrido a ideia, eu teria preferido solicitar um outro exemplar. De resto, o que me impediu foi que seria necessário separar todos os quatro volumes e meus outros três ficariam inutilizados. Peço a bondade de mos enviar pela via que lhe parecer mais fácil. Faço questão de cobrir os custos do transporte. Em último lugar, envie ao Sr. Régis de Oliveira,⁴¹⁴ leg. do Brasil, solicitando que os enderece a mim.

Acabo de fazer uma grande descoberta. Tenho em mãos documentos que vão converter em história o romance sobre a entrada no convento do Frei Luís de Souza,⁴¹⁵ acompanhada dos votos na mesma ordem dominicana de um grande personagem (Portugal) e da esposa deste no convento do Sacramento.

Sobre este tema estou concluindo uma memória que devo enviar à Academia de Lisboa. Lamento não haver lido o seu romance. Adeus, por ora, meu amigo. Minha esposa manda lembranças.

Não é verdade que o meu Imperador pensa como o seu viajante?

Todo seu de coração

⁴¹¹ Eugène Boban (18?-1908), antiquário e colecionador francês, especialista em antropologia e etnografia americanas. Em 1875, parte de sua coleção foi adquirida por Alphonse Louis Pinart.

⁴¹² Aparentemente, o edifício mencionado por Denis jamais chegou a ser construído, uma vez que grande parte das peças do colecionador acabaram vendidas ou doadas para os museus, incluindo o já mencionado Musée d'Etnographie du Trocadéro.

⁴¹³ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 31/10/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 23bis-23ter). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 06 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

⁴¹⁴ Régis de Oliveira (?-?), diplomata, na época era embaixador do Brasil em Portugal.

⁴¹⁵ Manuel de Sousa Coutinho (1555-1632), conhecido como Frei Luís de Sousa, sacerdote e escritor português. Encarcerado por corsários mouros em 1577 na Sardenha, voltou a Portugal tempos depois e passou a prestar serviços ao rei Filipe II, que lhe promoveu a fidalgo escudeiro. Casou-se em 1583 com D. Madalena de Vilhena, mas, após a morte da filha do casal, entrou para a Ordem de D. Domingos, em Benfica, enquanto ela procurou refúgio no Convento de Sacramento de Lisboa. A partir de então, Manuel de Sousa Coutinho passou a se dedicar exclusivamente à escrita. A seu respeito, Denis escreveu o romance *Luiz de Souza* (1835), citado por Varnhagen mais adiante.

P. Seguro

62. Carta de Varnhagen a Denis (15/11/1876)⁴¹⁶

Viena, 15 de novembro de 1876

Meu caro amigo,

Tenho já em mãos as folhas de Platzmann que lhe causaram tantos dissabores e me apresso a agradecer por elas, bem como pela sua amável carta do dia 9 deste mês e pelas linhas no Boletim dos Americanistas que V. Sa. me anuncia.⁴¹⁷

Solicitei algumas belas encadernações das páginas que imprimir do seu Yapuguay (*o sermão e a Tabela de parentesco*) e que fiz que fossem precedidas de algumas outras sobre a bibliografia tupi ou guarani. Não deixarei de enviar a V. Sa. uma delas.⁴¹⁸ Trata-se de uma modesta edição numerada, em papel confeccionado à mão.

É muita amabilidade sua pensar na minha modesta família.

Meus dois garotos estão no colégio. É o mesmo Theresianum⁴¹⁹ onde se educou o atual rei de Espanha que esteve em boas relações conosco aqui e que nos fez mesmo a honra de passar todo um dia no campo na nossa companhia. Os dois estão encantados com seus uniformes militares. O pequeno, que nasceu aqui e ainda não completou oito anos, fala muito bem francês, alemão e italiano e lê e escreve bastante bem nas duas primeiras línguas, e na aritmética já é bom na divisão. Xavier, o mais velho, também conhece as mesmas línguas, escreve lindamente em alemão e vai bem nos estudos de latim, geografia, história natural, desenho e ginástica. Ambos são considerados internos, mas obtive para eles o privilégio de passarem todas as noites em casa. Eles chegam às 8 h e partem para o colégio às 7h30.

Minha esposa manda afetuosas saudações, e eu, as minhas de velho amigo,

P. Seguro

63. Carta de Denis a Ramiz Galvão (16/11/1876)⁴²⁰

Paris, 16 de novembro de 1876

⁴¹⁶ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. [Carta a Ferdinand Denis]. Viena [Áustria], 15/11/1876. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3433 (f. 20-21). Disponível em <<https://archive.org/stream/MS3433b/MS3433#page/n5/mode/2up>>. Acesso em 07 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁴¹⁷ Referência provável a “Quelques mots sur la 2e. édition de l’Historia Geral du vicomte de Porto Seguro”, artigo escrito por Denis e apresentado, no dia 24 de maio de 1877, durante uma sessão da Sociedade Americana da França – que contou, inclusive, com a ilustre presença de D. Pedro II. Cf. DENIS, Ferdinand. Quelques mots sur la 2e. édition de l’Historia Geral du vicomte de Porto Seguro. *Actes de la Société Américaine de France*, Paris, t. VIII, 5e. partie, 1877, p. 242-246.

⁴¹⁸ Por intermédio de Denis, Varnhagen enviaria outro exemplar de sua obra para a Sociedade Americana da França. Cf. *Actes de la Société Américaine de France*, t. VIII, 5e. partie, 1877, p. 212.

⁴¹⁹ Theresianum (em alemão, *Stiftung Theresianische Akademie*), prestigiada escola suíça, fundada em 1746.

⁴²⁰ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/11/1876. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0042 e 0043. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

Meu caro e ilustrado confrade,

Embora eu não tenha nada de novo a lhe dizer, não quero deixar partir o correio sem dar-lhe sinal de vida. Eis que voltamos das férias, não eu, que permaneci todo o tempo em meu posto, mas os jovens, que pudemos ver a divertir-se nos bosques ou à beira-mar. A vida intelectual retomará o seu curso e eu pretendo comunicar ao Sr. Duplessis as suas excelentes anotações, tendo também recebido a promessa feita por ele de que tal comunicação não será infrutífera. Espero, de minha parte, pelas novas informações que V. Sa. teve a bondade de me prometer, as quais dizem respeito às ampliações e melhorias em sua Biblioteca. É bastante óbvio para mim que a coleção do Rio de Janeiro é muito superior a todas aquelas que existem na América do Sul. As preciosas reimpressões de Ruiz de Montoya, que V. Sa. certamente possui hoje, foram recebidas, dentre o pequeno número de iniciados, com a benevolência que um tesouro de linguística desta magnitude provoca. Ainda que o mimo seja de pouco valor, enviarei-lhe-ei em breve o pequeno relatório que fiz à Sociedade de Americanistas, e que me foi pedido pelo presidente. Eu sublinho ali o zelo esclarecido do Senhor Porto Seguro, e me lembro com simpatia do interessantíssimo escrito do Dr. Couto de Magalhães.

O trabalho que me sobrecarrega impediu-me de voltar ao Sr. Alencar, especialmente porque ele não me escondeu que uma corrida para vê-lo poderia ser inútil; a sua saúde chamava-o para as águas.

Eu soube, há alguns [dias], pelo Sr. Charnay, da gentileza com a qual V. Sa. o acolheu. Ele ficou bastante sensibilizado; espera reaparecer no Rio de Janeiro daqui a dois anos, ele me disse. Ele está encantado com as maneiras simples e a alta ciência de seu Imperador, e é claro que ele não tem dificuldade de encontrar Eco⁴²¹ às suas palavras, aqui! Os excelentes trabalhos que se publicam no Rio de Janeiro não são, em sua maior parte, encontrados em Paris. Por que não se depositar um pequeno número de exemplares nas mãos do Sr. Porquet, por exemplo, cuja probidade é tão apreciada por todos: poder-se-ia ao menos tomar conhecimento do movimento intelectual que se produz no Rio de Janeiro e em outras cidades onde se realizam certas publicações de real valor.

Adeus por hoje, meu caro e ilustrado colega. Como sempre, aguardo notícias suas com impaciência e peço-lhe que acredite nos sentimentos devotados de seu

Velho amigo.
Ferdinand Denis

64. Carta de Denis a Ramiz Galvão (26/11/1876)⁴²²

Paris, 26 de novembro de 1876

Meu caro e ilustrado colega,

⁴²¹ O vocábulo encontra-se em maiúscula porque Denis faz referência à ninfa grega homônima, castigada por Hera em razão de sua notória tagarelice. Fonte: <<https://www.britannica.com>>. Acesso em 07 mar. 2020.

⁴²² DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 26/11/1876. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0045 e 0046. Original em francês, tradução minha. Inédita.

Tomo proveito, desta vez, da partida de um zeloso missionário que, após haver passado uma longa temporada nos Estados Unidos, vai ao Brasil para evangelizar as numerosas tribos indígenas que ainda vivem no Norte do Império, e apenas poderão entrar na civilização graças à palavra divina. O Abade Sr. Jean André Casella, missionário apostólico, que lhe entregará esta carta, terá o prazer de receber, graças à sua benevolência, as informações que possam facilitar a sua missão. Se V., caro Senhor, se encontrar em posição de recomendar o Abade Casella ao Monsenhor Arcebispo do Rio de Janeiro, suponho que as missões distantes obterão uma vantagem marcante. O Abade Monsenhor Jean-Baptiste Casella, irmão do missionário, é hoje capelão das crianças assistidas em Paris. Terei o prazer de lhe escrever pelo próximo correio, e lhe transmitirei algumas novidades bibliográficas.

Acredite, caro senhor e ilustrado colega, nos sentimentos devotados e afetuosos de

Seu velho amigo.
Ferdinand Denis

65. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/03/1877)⁴²³

Paris, 15 de março de 1877

Meu caro confrade e mui amável amigo,

Eis que lhe envio dois opúsculos, os quais demandam asilo na remessa científica que o digno Sr. Porquet lhe envia mensalmente. O assunto de que tratam me pareceu não ser destituído de interesse ao seu belo país.

Vários correios se trocaram sem que eu lhe houvesse enviado notícias minhas. Isso de modo algum significa que eu tenha me esquecido de V.. Muito pelo contrário, tenho me ocupado muito de V. Sa. e do grande estabelecimento que dirige para a satisfação de todos.

Comecei, a partir de suas anotações excelentes, um pequeno trabalho acerca de sua biblioteca e das maravilhas que ela contém. Ele deveria vir a lume num dos últimos números da Sociedade dos Americanistas. Então, apercebi-me que me faltava tempo para que ele aparecesse de forma adequada, e reenviei essas informações bibliográficas a outro número.⁴²⁴

Tivemos aqui um inverno sem frio e sem gelo, que perturbou consideravelmente a saúde das pessoas. A chuva caiu cotidianamente. Em suma, nós lhe invejamos; ou os seus calores tórridos, ou as geadas da Sibéria. Isso não é muito razoável, V. Sa. me dirá, e talvez eu não esteja longe de compartilhar de sua opinião, mas foi assim durante longos meses e agora nós suspiramos depois da primavera...

Seu amável e ilustrado imperador evitou esse inverno sombrio, e bem o fez! Ele encantou, com o seu espírito e a sua boa graça, aqueles que percorreram consigo as vagas do Nilo. Ele é um feliz mortal que encanta a todos, mesmo os indolentes habitantes do

⁴²³ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/03/1876. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0047, 0048 e 0049. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁴²⁴ O artigo em questão, “La Bibliothèque nationale de Rio de Janeiro”, seria apresentado por Denis no ano seguinte, durante o 2º Congresso Internacional dos Americanistas. Ver a esse respeito carta escrita por D. Pedro II a Denis, em 24 de maio de 1878.

Egito.⁴²⁵ Nós o seguimos nessas viagens, nas quais ele faz, a cada etapa, provisões de novidades científicas. Nós o esperamos aqui em torno do mês de maio, mas devo-lhe acrescentar que eu lhe escrevo sem autoridade certificada sobre o assunto. O que é certo é que ele será admiravelmente bem recebido pelo mundo intelectual da França.

Ocupo, neste momento, as minhas horas de lazer (elas são raras, lamentavelmente!) de um trabalho não sem interesse para o Brasil, já que diz respeito a um dos mais velhos exploradores cujo portulano⁴²⁶ apreciado pelo ilustre Humboldt é uma verdadeira obra-prima: falo sobre o hábil piloto chamado Guillaume Le Testu. Além da maravilha de que falo, descobri, cinco ou seis dias atrás, um planisfério em papiro do mesmo navegador nos Arquivos dos Assuntos Estrangeiros. Eu lhe enviarei esta biografia, da qual foi mandado tirar uma trintena de cópias, tão logo ela apareça.⁴²⁷

Eu também fiz gravar; (mas, para o *Magasin [Pittoresque]*) algumas das preciosas pranchas dos *Ensaio de Ciência*, e recomendo fortemente a seus estudiosos esta notável publicação, que tão bem permite que os nossos etnólogos conheçam coisas que nos são completamente desconhecidas aqui.⁴²⁸

V. Sa. não tomará conhecimento sem dor, estou certo disso, que o pobre Wiener encontrou no Peru uma acolhida bem diferente da que ele recebeu em sua hospitaleira cidade. Atacado nas montanhas por aldeões mal-intencionados, ele foi baleado em uma de suas pernas e ainda estava deitado em uma miserável maca quando deu esta triste notícia a seus amigos de Paris. Devo acrescentar, no entanto, que não há nada de perigoso em sua situação e que ele espera poder vir ao nosso encontro em breve.

Eu fiz gravar para o *Magasin Pittoresque* – e V. Sa. sabe com que cuidados se executam nesta coleção esta sorte de coisas –, “as traças” que V. Sa. fez o favor extremo de me encaminhar no ano passado em dois pequenos frascos com álcool. Sua bela biblioteca ainda será citada, é claro, sobre este assunto.

Adeus por ora, meu caro colega e amigo. Ofereça, eu lhe peço, os meus respeitos à Sra. Ramiz Galvão e acredite nos sentimentos devotados de seu afeiçoado confrade.

Ferdinand Denis

66. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/04/1877)⁴²⁹

Paris, 15 de abril de 1877

⁴²⁵ D. Pedro II visitou territórios dos Estados Unidos, da Europa e do Oriente nessa que seria a sua segunda viagem ao exterior. Cada vez mais ausente do Brasil, tornou-se motivo de chacota, sendo retratado de forma bastante mordaz nas caricaturas difundidas pela imprensa nacional. Cf. SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2ª. edição, 17ª. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 627-630.

⁴²⁶ Um portulano é uma espécie de carta marítima, feita geralmente por exploradores de Gênova e Veneza entre os séculos XIII e XV, na qual são indicados portos marítimos, marés e outras informações úteis para navegação. Fonte: <<http://www.larousse.fr/encyclopedie/divers/portulan/185925>>. Acesso em 07 mar. 2020.

⁴²⁷ Não foi possível localizar esse planisfério mencionado por Denis, nem descobrir se ele, de fato, publicou algum estudo sobre o assunto.

⁴²⁸ Denis mencionaria a obra em um artigo publicado anonimamente na revista, intitulado “L’âge de pierre aux temps modernes. Les sambaquis”. Cf. DENIS, Ferdinand. L’âge de pierre aux temps modernes. Les sambaquis. *Le Magasin Pittoresque*, Paris, juillet 1878, p. 230-231.

⁴²⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/04/1877. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0042 e 0043. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

Meu caro colega e amigo,

Assim que a sua carta foi recebida, imediatamente coloquei-me a postos para realizar o que V. Sa. desejava, encaminhando-me ao Sr. Goupil.⁴³⁰ Este personagem, que habita, como sabe, o Bulevar de la Madaleine, e que é bastante ocupado, primeiramente me afirmou que realmente vendia fotografias, mas que ele próprio não as executava. Ele, ao mesmo tempo, mostrou-me várias fotografias vindas diretamente do Brasil, as quais considerava, com justeza, excelentes provas... Ele também me pareceu sobrecarregado de ocupações, e eu tive, conseqüentemente, para realizar o seu desejo, de me dirigir a outro fabricante, que não apenas as vendia, mas também as realizava.

Depois de haver tomado, em seu interesse, informações úteis dos senhores Laborde⁴³¹ e Duplessis,⁴³² os quais me disseram que um dos mais hábeis fotógrafos de provas de fotogravuras era o Sr. Berthier,⁴³³ habitante da Doca Malaquais, nº 15, fui, no dia seguinte, a este último artista, que estava ausente. Discuti longamente acerca do assunto que motivava a minha visita com o seu comissário, terminando por encaminhar-lhe meu cartão no qual solicitava uma resposta – a qual, infelizmente, não chegou! Irei, se necessário for, buscá-la amanhã, dia 16, antes de entregar a minha carta ao Sr. Porquet. Mas devo dizer-lhe que uma das primeiras réplicas a respeito das minhas exigências de impressão relacionava-se à necessidade de saber a dimensão dos clichês que se encontram em sua posse.

Vi, desde a minha visita ao Sr. Berthier, o hábil Pilinsky, cujo trabalho admirável V. Sa. conhece, e que se emprega diariamente na Biblioteca Nacional de Paris, que lhe tem toda a confiança. Ele me disse que o trabalho sobre o qual V. Sa. me falou encaixava-se perfeitamente em sua especialidade.

Esperamos por Sua Majestade D. Pedro dentro de três dias. A Condessa de Barral me disse que ela havia reservado o apartamento no grande hotel que o Imperador ocupara originalmente e que estará à sua disposição a partir do dia 18 deste mês. Fiquei, francamente, muito satisfeito por seu segundo fascículo dos *Anais da Biblioteca Nacional*, e lhe falarei mais longamente a este respeito num outro momento. Notei aqui, no entanto, uma pequena lacuna no artigo sobre o Sr. de La Condamine,⁴³⁴ de autoria do Dr. Moreira Sampaio.⁴³⁵ O ilustrado biógrafo esqueceu-se de mencionar o relato manuscrito de La Condamine que foi redigido sobre a sua “viagem ao Oriente”. Este relato precioso, que tem mais de um título, está conservado na Biblioteca Nacional de Paris sob o nº Supp. Fr. 2582.

⁴³⁰ Albert Goupil (1840-1884), colecionador de arte e impressor francês, especialista em fotogravuras e outros procedimentos de fotomecânica.

⁴³¹ Léon de Laborde (1807-1869), arqueólogo, historiador de arte, desenhista e político francês. Membro do Institut Historique e da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres.

⁴³² Ver, no que toca a Duplessis, a carta de Ramiz Galvão a Denis datada de 21 de agosto de 1876.

⁴³³ Paul Berthier (1822-1912), fotógrafo e impressor francês.

⁴³⁴ Charles-Marie de La Condamine (1701-1774), astrônomo, geógrafo, botânico e viajante francês. Realizou diversas viagens de exploração no Norte da África, no Oriente Médio e na América do Sul, visitando o Brasil entre 1743 e 1744, após ter participado de uma expedição da Académie des Sciences à atual cidade de Quito, no Peru – cujo objetivo era medir um grau de meridiano próximo à linha do equador.

⁴³⁵ Francisco Moreira Sampaio (1851-1901), médico, poeta e dramaturgo brasileiro. Recentemente publicara o artigo “C. M. De la Condamine”, cujo objetivo era apresentar aos leitores dos *Anais da Biblioteca Nacional* um curioso volume, encontrado no acervo da instituição carioca, reunindo duas obras raras do explorador francês, *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale* (1745) e *Lettre à Madame *** sur l'émeute populaire excitée en la Ville de Cuenca au Perou, le 29 d'Août 1739 contre les Academiens des Sciences, envoyés pour la mesure de terre* (1746). Cf. SAMPAIO, Moreira. C. M. de la Condamine. GALVÃO, Ramiz (ed.). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. I, 1876, p. 309-320.

Fiz menção disso no *Magasin Pittoresque*, reproduzindo um belo retrato do célebre viajante.⁴³⁶

Sua letra autógrafa é curiosa, mas ela grafa Chaillot, suponho, e não Chauliot. Chaillot, na época de La Condamine, não fazia parte de Paris. Cometemos muitos outros pequenos pecados desse tipo, transcrevendo os nomes das localidades brasileiras, infelizmente!⁴³⁷ Diga, quando possível for, ao Dr. Moreira Sampaio, que um membro do Instituto (Academia de Ciências) atualmente prepara um trabalho considerável a respeito de Bouguer.⁴³⁸

Dia 16 pela manhã

Eu lhe escrevo do estabelecimento do Sr. Berthier. O que eu lhe expliquei acima me foi confirmado. É absolutamente necessário, para que uma resposta lhe seja dada, que primeiro V. Sa. dê a conhecer a dimensão exata das placas e o número das provas a serem tiradas de cada clichê.

Adeus por ora, meu caro colega. Eu lhe cerro cordialmente a mão e sou seu afetuoso e devoto.

Ferdinand Denis

67. Carta de Denis a Ramiz Galvão (16/05/1877)⁴³⁹

Paris, 16 de maio de 1877

Meu caro confrade e amigo,

Sua última carta me faz supor que todas as minhas amigáveis missivas não chegaram até V. Sa. Não posso, no entanto, lhe escrever, hoje, nada além de algumas palavras, em razão de todo o trabalho que me pesa nos ombros. Sim, certamente, recebi seus *Anais da Biblioteca Nacional* e fiquei mais do que satisfeito com os excelentes artigos que li nele, mas eu lho disse anteriormente, quando da recepção de sua primeira remessa. Não negligenciei nenhuma das prescrições que devo seguir, de acordo com as suas últimas

⁴³⁶ Cf. LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Journal de mon voyage au Levant*. In: BEGOUEN, Henri. *Tunis, le Bardo, Carthage, Extraits inédits du "Journal de mon voyage au Levant" (21 mai – 06 octobre 1731), publiés avec une introduction, des notes et pièces justificatives par Vte. Begouen*. Tunis: Impr. de L. Nicolas, 1869; [DENIS, Ferdinand]. *La Condamine. Ses premières années. – Son voyage inédit en Orient. Description des ruines de Carthage. Magasin Pittoresque*, novembre 1856, p. 372-375.

⁴³⁷ Ramiz Galvão transmitiu essas críticas a Moreira Sampaio, que se apressou em publicar, logo no número seguinte da revista, uma nota em que agradece o “distinto sábio francês, Mr. Ferdinand Denis, diretor da Biblioteca Santa Genoveva, a quem o Brasil deve imensa gratidão, pelo muito que a ele, em seus profundos estudos, se tem dedicado” pelas correções feitas a seu “mal alinhavado artigo”. Cf. SAMPAIO, Moreira. C. M. De la Condamine. (Nota ao artigo publicado sob esse título no v. I dos Anais). In: GALVÃO, Ramiz (ed.). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. II, 1877, p. 199.

⁴³⁸ Pierre Bouguer (1698-1758), matemático, hidrógrafo e explorador francês. Assim como de La Condamine, também integrou a expedição realizada pela Académie des Sciences de Paris ao Peru, entre 1735 e 1745. Ao final desta, no entanto, decidiu voltar à Europa, enquanto de La Condamine foi para Caiena, na atual Guiana Francesa, e de lá para Belém do Pará, tornando-se o primeiro cientista a descer o curso do rio Amazonas.

⁴³⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/05/1877. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0053, 0054 e 0055. Original em francês, tradução minha. Inédita.

indicações, para a impressão de seus clichês, dos quais V. Sa. não me deu as dimensões, em sua última carta. Aguardo novas informações, e, de minha parte, dar-lhe-ei informações que não lhe serão inúteis.

Tive a honra de conversar com frequência com o seu ilustrado Imperador, cujos excepcionais conhecimentos despertam, com razão, admiração universal! Sua atividade científica é realmente prodigiosa. Ontem, ele veio inesperadamente visitar em pormenores a nossa biblioteca, o que ele não pôde fazer de maneira completa em sua primeira viagem. De lá, ele galgou as numerosas escadas que deviam conduzi-lo ao topo do Panteão.⁴⁴⁰ Sua afável simplicidade encanta todos aqueles que não podem ser seduzidos pela universalidade de seu conhecimento. Jamais um soberano obteve tamanho sucesso em Paris.

Eu suponho haver-lhe dito que o nosso jovem amigo Ch. Wiener foi cruelmente ferido nos Andes. Desde então, ele realizou um ato real de heroísmo ao salvar indivíduos que, do contrário, pereceriam em um incêndio.

V. Sa. provavelmente sabe que, após terminar suas importantes publicações em Viena, o instruído Visconde de Porto Seguro partiu às suas belas terras. Eu tive a satisfação de vê-lo apenas por um momento. Por duas vezes não pude encontrá-lo em seu hotel. Hoje ele deve estar a caminho do Mato Grosso ou das regiões amazônicas.⁴⁴¹ Espero poder ler proximamente, na Sociedade de Etnografia, um pequeno trabalho que fiz a respeito da segunda divisão de sua *História Geral*, que ele me deu antes de sua partida.⁴⁴² Eis outro homem prodigioso por sua devoção à ciência.

Perdoe-me mil vezes por lhe escrever assim de afogadilho, mas estou pressionado pela hora. Nada posso além de lhe cerrar cordialmente a mão.

Seu devotado confrade e velho amigo.

Ferdinand Denis

19 de maio

Esta carta, que eu fui obrigado a escrever com tanta pressa, e que eu próprio levei a fim de ser somada às outras missivas que lhe são expedidas mensalmente, não pôde chegar a tempo. Pude, portanto, adicionar algumas palavras e aproveitar a pausa proporcionada pela partida do correio. Neste ínterim, descobri que não será de todo impossível que V. Sa. reencontre o Sr. Wiener. O irmão dele me disse que ele tem a intenção de voltar do Peru pelo Estreito de Magalhães e de parar por alguns dias em sua bela cidade. V. Sa. sabe melhor do que ninguém o fascínio que exerce sobre os estrangeiros a sua bela baía! De minha parte, compreendo bastante bem o desejo de nosso ilustrado jovem. Desde que eu lhe escrevi, o Sr. Porto Seguro embarcou. Não duvido que V. Sa. não o veja antes do princípio de suas grandes viagens pelo interior. Tenha a bondade de dizer-lhe que eu fui informado pelo Sr. Visconde de Nisac acerca do resultado feliz de suas pesquisas sobre algumas cartas ou fac-símiles que são, a propósito, propriedade dele.

Eu retorno aqui aos seus excelentes *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Os dois fascículos publicados me alcançaram com segurança e eu lamentaria que

⁴⁴⁰ O Panteão de Paris se localiza no 5º. arrondissement, ao lado da Biblioteca Santa Genoveva e da igreja de Santo Estevão do Monte, onde estão os restos mortais de Santa Genoveva, a padroeira da capital francesa.

⁴⁴¹ A respeito da viagem de Varnhagen pelo interior do Brasil, ver a carta do historiador a Denis datada de 30 de setembro de 1876.

⁴⁴² O artigo em questão, “Quelques mots sur le seconde édition de l’Historia Geral do Brazil du vicomte de Porto Seguro”, apareceu no tomo VIII da revista *Actes de la Société Américaine de France*, em 1877. Meses depois, foi publicado separadamente, em Paris, por J. Tremblay. Cf. DENIS, Ferdinand. *Quelques mots sur le seconde édition de l’Historia Geral do Brazil du vicomte de Porto Seguro*. Paris: J. Tremblay, 1877.

V. Sa. tivesse um trabalho duplo para comigo, porque são sempre os primeiros volumes das grandes coleções que se tornam padrão. Hoje é impossível obter, senão por um feliz acaso, os primeiros tomos de nossos Documentos inéditos relativos à História da França,⁴⁴³ que tempos atrás (há anos, já), eu clamei para que fossem enviados à sua rica biblioteca. Diga-me então, quando puder, se esta promessa hoje inviável jamais teria tido efeito. Quanto aos *Anais*, aguardo encontrar ocasião de poder dizer algumas palavras a respeito deles. E se acontecesse de V. Sa. já me haver expedido os dois fascículos em duplicatas, eu os remeteria oficialmente ao Sr. Depping,⁴⁴⁴ para que ele os anunciasse. Eis que me falta papel e, apesar da boa vontade, é preciso que eu lhe renove os meus mais afetuosos cumprimentos.

Meus respeitos, eu lhe rogo, à Sra. Ramiz Galvão.

Ferdinand Denis

68. Carta de Denis a Ramiz Galvão (26/07/1877)⁴⁴⁵

Paris, 26 de julho de 1877

Meu caro confrade e amigo,

Escrevo-lhe apressadamente, desta vez, para lhe agradecer por me haver enviado novamente seus excelentes *Anais da Biblioteca Nacional*, que oferecem tanto interesse, e sobre os quais, por sugestão minha, um de meus colegas dirá algumas palavras muito em breve em nosso diário oficial. Como a minha intenção é tratar desta obra na *Revue Ethnographique*⁴⁴⁶ ou em qualquer outra folha análoga, ser-me-ia particularmente útil possuir este exemplar duplicado, porque, às vezes, coloco o meu para circular, como nós dizemos por aqui.

V. Sa. encontrará, na remessa que lhe é feita mensalmente pelo digno Sr. Porquet, duas ou três cópias extras de meu pequeno relato acerca de algumas obras de linguística brasileiras, do qual eu fiz imprimir uma vintena de exemplares.⁴⁴⁷ Queira, por gentileza, aceitá-lo, ainda que o volume que o enforma deva contê-lo e esteja provavelmente em sua posse.

⁴⁴³ A coleção Documents inédits relatifs à l'Histoire de France, como o próprio nome sugere, tem por objetivo reunir manuscritos, crônicas, memórias, cartas e outros documentos relacionados à história francesa. Atualmente com mais de 300 volumes, o primeiro veio à luz em 1835, por iniciativa do Ministério da Instrução Pública. Fonte: <http://bnf.libguides.com/documents_inedits_histoire_france>. Acesso em 07 mar. 2020.

⁴⁴⁴ Guillaume Depping (1829-1901), historiador e geógrafo francês. Nessa época, trabalhava como bibliotecário na Biblioteca Santa Genoveva, da qual mais tarde se tornaria conservador.

⁴⁴⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 26/07/1877. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0056 e 0057. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

⁴⁴⁶ A respeito da publicação, ver a carta de Varnhagen a Denis datada de 23 de fevereiro de 1876.

⁴⁴⁷ Denis recentemente publicara o texto cuja referência se segue, que fora apresentado à Sociedade Americana da França, na sessão do dia 7 de dezembro de 1875. Cf. DENIS, Ferdinand. *Rapport sur quelques ouvrages de linguistique brésilienne publiés en ces derniers temps par M. Ferdinand Denis membre de la Société Américaine de France*. Paris: Imprimerie de Madame veuve Bouchard-Huzard; Jules Tremblay, gendre et successeur, 1877. Ver, a esse respeito, a carta de Denis a Ramiz Galvão de 15 de abril de 1876.

Tive notícias do bravo e intrépido Wiener em De Calaña no último dia 20 de maio! Neste momento, e depois de mil aventuras por vezes funestas, sua saúde já parecia tão recuperada que ele pôde empreender a ascensão do *Illimani*, a leste de La Paz, na cordilheira oriental do Titicaca, a qual não mede nada menos que 3753 *toises*.⁴⁴⁸ Ele nomeou o pico ao qual chegou de *Pic de Paris*.⁴⁴⁹

V. Sa. talvez tenha visto em sua bela cidade o Visconde de Porto Seguro, e pode ser também que ele lhe faça outras visitas após haver percorrido o Mato Grosso e Goiás. Faça a gentileza de lhe dizer, então – uma vez que absolutamente ignoro o endereço no qual a minha correspondência poderia alcançá-lo –, que li, na presença de Sua Majestade D. Pedro, um relato lamentavelmente demasiado curto da 2ª edição da *História Geral do Brasil*. O referido relato deve ser impresso nas memórias da Sociedade dos Americanistas. Enviei meu manuscrito, mas ignoro quando e como este pequeno trabalho virá a lume. Se for realizada uma impressão à parte sua, ser-me-á um prazer lho enviar.

Seu douto imperador ocupa hoje no Instituto o posto que lhe cabia, e todos aqui permanecem encantados pela sua pessoa e pela justiça que lhe foi rendida pelo nosso primeiro corpo científico.⁴⁵⁰

Adeus, meu caro colega e amigo, e acredite nos sentimentos muito dedicados de seu velho confrade.

Ferdinand Denis

69. Carta de Denis a Ramiz Galvão (20/08/1877)⁴⁵¹

Paris, 20 de agosto de 1877

Meu caro e erudito confrade,

Perdi, desta vez, a ocasião que se apresentou de lhe enviar lembranças minhas por intermédio do bom Sr. Porquet. Não quero, todavia, silenciar os agradecimentos que lhe são tão justamente devidos, pelo envio do 1º fascículo do tomo 2 dos *Anais da Biblioteca Nacional*. E não apenas isso. O interesse de sua publicação se mantém, mas pode-se acrescentar que ele cresce. O artigo dedicado ao conde da Barca pelo Dr. J. Z. M. Brum⁴⁵²

⁴⁴⁸ Toise: antiga unidade de medição, correspondente à largura de seis pés.

⁴⁴⁹ O *Illimani* é a segunda montanha mais alta da Bolívia. Localiza-se próximo à bacia do lago Titicaca, na fronteira com o Peru. Possui vários picos, sendo um deles o Pico Paris ou Pico Del Indio, que foi escalado em 1877 por Wiener e seus companheiros de viagem.

⁴⁵⁰ Durante suas estadias em Paris, D. Pedro II costumava tomar parte de algumas sessões do Institut Historique, do qual havia sido eleito Membro-Protetor, em 1843. Segundo Faria: “A entrada de D. Pedro II no Instituto Histórico de Paris foi motivada pela criação de cinco títulos de Membro-Protetor e cuja anuidade era bem maior que a dos membros ordinários. A concessão do título deu origem a uma troca de cartas e referências cerimoniosas e excessivamente lisonjeiras de parte a parte, movimentando vários nomes em torno da pessoa do Imperador”. Cf. FARIA, Maria Alice de Oliveira. Os Brasileiros no Instituto Histórico de Paris. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, n. 266, jan.-mar. 1965., p. 140.

⁴⁵¹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 20/08/1877. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0058, 0059 e 0060. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁴⁵² José Zeferino de Menezes Brum (1825-1893), médico, professor e escritor brasileiro. Foi chefe da Seção de Estampas da Biblioteca Nacional e secretário da Seção de Agricultura na Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. No final de seu artigo “Do Conde da Barca, de seus escritos e livreria”, Brum fez uma breve referência à tragédia *Osmía* (1788), erroneamente atribuída ao conde, quando, na verdade, é de autoria

é em todos os aspectos satisfatório, pelo espírito segundo o qual ele foi concebido e pelos excelentes documentos bibliográficos que ele contém. Se eu tivesse tomado conhecimento dessas informações valiosas, eu cuidaria de transmitir à Dona Theresa de Mello Breyner a honra que ela merece, por ter levado à cena a tragédia de *Osmía*.

Não há nada de mais proveitoso que se possa fazer para a história antiga do Brasil do que a publicação das cartas inéditas dos antigos missionários do Brasil, a exemplo daquelas de Anchieta,⁴⁵³ que nos foram dadas pelo Sr. J. A. Teixeira de Melo.⁴⁵⁴ Nesta sorte de exumações, a atenção do paleógrafo não deve nem por um momento fenecer. Neste trabalho de dimensão considerável sobre o qual lhe falo, muitas erratas seriam, evidentemente, necessárias. Eu me permitirei, aqui, lhe oferecer apenas um exemplo: na página 83, linha 4, escreveu-se “sato” ao invés de “fato”. Fato sem dúvida caiu em desuso, mas ainda assim pertence à língua de Camões; mais adiante, na página 87, escrevemos a mesma palavra (colocando entre parênteses o til), o que a transforma ainda mais completamente. Mas V. Sa. sabe muito melhor do que eu, meu douto amigo: “fato” ou “hato”, na língua de Anchieta, significa, segundo o vocabulário antigo: traje, vestimenta, costume, se preferir. Não insisto, pois pode ser que eu me engane... Seu catálogo da Biblioteca de Barbosa⁴⁵⁵ é excelente e não se pode senão citá-la como uma base preciosa para a história de sua biblioteca. O Dr. Moreira Sampaio é realmente muito bondoso por haver se atentado à minha pequena observação a propósito da bibliografia das obras de La Condamine; meu apontamento se restringia apenas a V., como tudo o que lhe escrevo.⁴⁵⁶ O que acabo de lhe dizer sobre o vocábulo “fato”, utilizado tanto em espanhol quanto em português no século XVI, deve, é claro, permanecer entre nós. Eu não gostaria que dissessem de seu velho confrade: “*C’est Gros Jean qui en veut remonter à son curé*”.* V. Sa. conhece esse nosso maldoso velho provérbio.

De tudo aquilo que lhe digo, aqui, ao correr da pena, caro senhor e amigo, resulta que V. Sa. presta, com a sua publicação, um serviço real ao seu belo país, e isto eu ficarei feliz de lhe dizer incessantemente.

Temos aqui um religioso chamado Abade Carel,⁴⁵⁷ primo do famoso publicista e professor das novas faculdades, que se tornou presa de uma admiração passional por

de Theresa de Mello Breyner, a condessa do Vimieiro (1739-?) – sobre a qual se refere Denis nesta carta. Cf. MENEZES BRUM, José Zeferino de. Do Conde da Barca, de seus escritos e livreria. In: GALVÃO, Ramiz (ed.). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, v. II, 1876-1877, p. 5-33 e 359-403.

⁴⁵³ José de Anchieta (1534-1597), padre jesuíta espanhol que ficou conhecido como O Apóstolo do Brasil. Escreveu peças de teatro, poesias e a primeira gramática da língua tupi. Por seu papel fundamental na introdução do catolicismo no Brasil, foi canonizado pelo papa Francisco, em 2014.

⁴⁵⁴ José Alexandre Teixeira de Melo (1833-1907), médico e escritor brasileiro. Membro do IHGB e da Academia Brasileira de Letras. As considerações de Denis a respeito das palavras “sato”, “fato” e “hato” fazem referência ao seguinte artigo: MELO, Teixeira de. Pe. José de Anchieta (cartas inéditas). In: GALVÃO, Ramiz (ed.). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. II, 1876-1877, p. 79-127.

⁴⁵⁵ GALVÃO, Ramiz. Diogo Barbosa Machado. In: GALVÃO, Ramiz (ed.). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. II, 1876-1877, p. 1-43 e 248-264. Ver também, a esse respeito, a carta de Denis a Ramiz Galvão de 15 de abril de 1876.

⁴⁵⁶ Ver a esse respeito a carta de Denis a Ramiz Galvão de 15 de abril de 1877.

* Em português: “É um tolo que tenta ensinar a missa ao vigário”. Trata-se de um jogo de palavras feito a partir da expressão popular “être Gros-Jean en remonte à son curé”, em português, “tentar ensinar a missa ao vigário”.

⁴⁵⁷ Ernest Carel (?-?), professor de retórica no colégio de Jiully. A seu respeito, ver a carta de Denis a D. Pedro de 18 de julho de 1879, reproduzida adiante.

Antonio Vieira⁴⁵⁸ e que, cuidadosamente, prepara uma tese sobre as obras do ilustre escritor luso-brasileiro. Quando este trabalho estiver pronto, eu terei o cuidado de lho enviar. Ele se debruçou com desvelo sobre a minha indicação referente ao famoso manuscrito: “O quinto impero de mundo”.⁴⁵⁹

Esperamos aqui todos os dias pelo jovem explorador dos Andes, Charles Wiener. Seu irmão, parece, recebeu boas novas a esse respeito. Mandeí gravar ultimamente algumas das antiguidades brasileiras que ele extraiu de seus “Sambaquis”.⁴⁶⁰

Agradeço-lhe por ter me dado notícias do Visconde de Porto Seguro. Ele é um velho amigo cujos trabalhos vivamente me interessam. Espero lhe enviar em breve algumas páginas que li à Sociedade de Etnografia, enquanto a Sua Majestade, D. Pedro de Alcântara, honrou-a com a presença dele. Nessa breve apresentação, que nesse momento já deve haver sido impressa, tentei destacar as melhorias da segunda edição da *História General*.⁴⁶¹

Adeus por hoje, meu caro colega. Encaminho-lhe esta longa cavaqueira debaixo de uma temperatura tão esmagadora quanto aquela que V. Sa. pode ter sob o trópico. Resta-me, no entanto, coragem o suficiente para cumprimentá-lo cordialmente e lhe agradecer de coração por suas preciosas remessas.

Seu confrade carinhoso e devotado.
Ferdinand Denis

70. Carta de Denis a Ramiz Galvão (19/09/1877)⁴⁶²

Paris, 19 de setembro de 1877

Meu caro e ilustrado confrade,

Eu estava tão completamente absorvido este mês, por trabalhos indispensáveis, que me foi impossível ocupar-me com o preço de custo do *Photographe*, o qual prometi lhe expedir – o que certamente se efetuará no próximo correio. Essa avalanche de trabalho e preocupações de todos os gêneros não me impediu, no entanto, de enviar ao Congresso de Americanistas de Luxemburgo uma notícia sobre a sua Biblioteca e sobre as preciosas

⁴⁵⁸ Antonio Vieira (1608-1697), padre jesuíta e orador português. Missionário em terras brasileiras, tornou-se conhecido por seus sermões polêmicos, em que trata de temas como os direitos dos povos indígenas e a liberdade dos judeus.

⁴⁵⁹ Em “Esperanças de Portugal – Quinto Império do Mundo”, Vieira profetizou a volta de D. João IV (1604-1656), o Restaurador, que conseguiria derrotar o império otomano e efetuar a reconquista da cidade de Jerusalém. Na opinião do autor, sob seu governo Portugal viria a se tornar o quinto grande império já existente na história da humanidade – sendo os quatro primeiros o assírio, o persa, o grego e o romano. O manuscrito, no entanto, não foi bem aceito pela Igreja Católica e Vieira passou a ser perseguido pelo Tribunal da Santa Inquisição sob a acusação de desvio de ortodoxia religiosa.

⁴⁶⁰ Ver a esse respeito a carta de Denis a Ramiz Galvão de 14 de outubro de 1876.

⁴⁶¹ Ver a esse respeito a carta de Denis a Ramiz Galvão de 16 de maio de 1877.

⁴⁶² DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [France], 19/09/1877. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, I-5,11,27. Disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1279294/mss1279294.pdf. Acesso em 07 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Inédita.

melhorias que o seu zelo trouxe a ela.⁴⁶³ Quando, em poucos meses, este pequeno trabalho for impresso e separado – assim o espero –, me apressarei para lho enviar.

Charles Wiener chegou aqui em excelente estado de saúde graças a V. Sa. Pude comunicar-lhe meu relato a respeito dos Sambaquis e fazê-lo conhecer aquele do Sr. G. Capanema.⁴⁶⁴ Tudo isso é inestimável para os primeiros trabalhos dele. Suas coleções chegaram em bom estado, e ele começará a trabalhar dentro de alguns poucos dias para cumprir o compromisso estabelecido com o Ministério de Instrução Pública.⁴⁶⁵

Todos entram em férias neste momento. Apenas eu resto em meu posto (como deve ser). Aguardo, com a impaciência de um rapaz de 79 anos, novas comunicações do Brasil.

Mil respeitos à Sra. Ramiz Galvão. Serro-lhe cordialmente a mão de V. Sa.

Seu velho e afeiçoado confrade
Ferdinand Denis

P. S.: Sua Majestade D. Pedro d'Alcantara deve ter chegado ao Rio⁴⁶⁶, parece-me. Faça a amabilidade de me dar alguns detalhes a este respeito. Todos aqui nutrem o maior interesse por este ilustrado e amável soberano.

71. Carta de Denis a Ramiz Galvão (16/10/1877)⁴⁶⁷

Paris, 16 de outubro de 1877

Meu caro e honrado confrade,

Graças ao Sr. Berthier, cuja habilidade é reconhecida, posso finalmente enviar-lhe os preços de impressão de seus clichês fotográficos. Quando expliquei a ele a grande importância que V. Sa. ligava, com justa razão, a este trabalho delicado, ele afirmou-me que poria nisso todo o seu empenho.

Tive de realizar tanto trabalho interno que me foi impossível tirar sequer um dia de férias. Minha velha saúde não é, todavia, das piores. Inauguramos, hoje, um novo serviço por meio de formulários de demanda, o que faz com que a minha carta, desta vez, seja mais breve, para meu grande pesar.

Charles Wiener trabalha muito, no momento, para satisfazer todos os pedidos que lhe são endereçados. Pode-se dizer que ele se fortaleceu pelas fadigas que sofreu. Ele não tem sequer um momento de repouso, está sempre em ação. Ele se ocupa neste momento dos Sambaquis e está muito feliz por V. Sa. me haver enviado o relato dele, uma vez que ele não mais o possuía.⁴⁶⁸

⁴⁶³ Ver a esse respeito a carta de Denis a Ramiz Galvão de 15 de julho de 1876.

⁴⁶⁴ SCHÜCH, Guilherme Schüch. Os sambaquis. *Ensaio de Ciência*. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo, 1876. p. 97-89.

⁴⁶⁵ Ver a esse respeito a carta de Denis a Ramiz Galvão de 14 de outubro de 1876.

⁴⁶⁶ Após uma estadia de sete meses no exterior, D. Pedro II e sua comitiva partiram de volta ao Brasil em 26 de dezembro de 1877.

⁴⁶⁷ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/10/1877. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0061 e 0062. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁴⁶⁸ Ver a esse respeito a carta de Denis a Ramiz Galvão de 14 de outubro de 1876.

Adeus por hoje, meu caro e amável confrade. Tratarei de, eu mesmo, levar minhas correspondências ao excelente Sr. Porquet. Eu aperto-lhe cordialmente a mão e peço-lhe que acredite nos sentimentos de afeição e fraternidade de seu devotado e velho amigo.

Ferdinand Denis

Post-Scriptum – Todos ficaram encantados por saber que a Sua Majestade D. Pedro, que deixou tantas lembranças boas e preciosas, chegou em segurança ao Rio de Janeiro.

72. Carta de Denis a Ramiz Galvão (17 e 18/10/1877)⁴⁶⁹

Paris, 17 e 18 de novembro de 1877

Meu caro e tão afeiçoado colega,

Agradeço-lhe pelos seus últimos e gentis despachos que me chegaram no dia 15 do mês corrente – no mesmo dia, o bravo Wiener recebeu a carta a ele destinada. Apresso-me a dizer-lhe, por sua orientação, que ele permanece na casa de sua mãe, no n. 11 da Rua Saint Lazare. Embora o clima úmido da temporada, que renovou as antigas dores provenientes dos ferimentos que ele recebeu no Peru, lhe tenha incomodado nos últimos dias, ele ainda continua realizando os seus imensos moldes de monumentos antigos, além da abertura das caixas numerosas que trouxe – cujos conteúdos essencialmente curiosos devem figurar na grande exposição de 1878, a qual segue sendo preparada com afincio.⁴⁷⁰ Meus antigos trabalhos sobre a história da Argélia, dos quais V. Sa. certamente não ouviu falar,⁴⁷¹ me valeram uma carta da comissão da África, que conseqüentemente me levou a fazer parte desta vasta exposição, da qual eu lamento profundamente que o seu país não fará parte.

Fico muito feliz que as informações solicitadas ao fotógrafo Berthier não lhe tenham feito esperar demasiado. V. Sa. felizmente agora as possui, e pode agir a contento no que concerne às belas coleções preservadas e desconhecidas por tanto tempo em sua rica biblioteca, as quais, graças ao seu zelo e cuidado, reviverão. Enviei o artigo sobre o estabelecimento confiado a V. Sa. ao Congresso de Luxemburgo, mas, coisa espantosa, o Sr. Madier de Montjau⁴⁷² nada mais me disse a respeito do assunto. Acabei de escrever a ele sobre isso, a respeito de meu discurso pronunciado na sessão assistida por Sua Majestade D. Pedro. As provas desse pequeno trabalho me foram enviadas, e o impressor, como habitualmente se dá, havia obliterado os nomes. Precisei realizar uma retificação. O trabalho é completamente consagrado a *Historia General*, de Visconde de Porto Seguro, cuja segunda edição é tão conhecida por você!

⁴⁶⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 17 e 18/10/1877. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0063, 0064 e 0065. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁴⁷⁰ Ver a esse respeito a carta de Denis a Ramiz Galvão de 14 de outubro de 1876.

⁴⁷¹ DENIS, Ferdinand; RANG, Sander (org.). *Fondation de la régence d'Alger: histoire des Barberousse, chronique arabe du XVIème. siècle*, publié sur un manuscrit de la Bibliothèque Royale avec un appendice et notes. Expédition de Charles Quint. Aperçu historique et statistique du port d'Alger. Paris: J. Angé, 1837. 2 vol.

⁴⁷² Edouard Madier de Montjau (?-?), escritor francês. Nessa época, exercia a função de presidente da Sociedade Americana da França.

Eu tive azar, durante a passagem de nosso ilustrado amigo por Paris: ele teve a boa ideia de vir me ver durante as poucas horas que passou entre nós, e eu não estava em casa. Ele escreveu-me em Viena – aonde felizmente chegou, como V. Sa. sem dúvida o sabe. Nada há de mais interessante do que os detalhes que ele me transmitiu a respeito de sua viagem ao interior do Brasil, e de sua visita, realizada mais tarde, aos lugares nos quais Pedro Álvares Cabral desembarcou, em seu esplêndido país! Neste momento, ele se ocupa – ele me disse – de uma publicação a respeito do local preciso da costa onde deve ter ocorrido esse evento memorável.⁴⁷³

Fico feliz em saber que V. Sa. continua seus ilustrados e úteis *Anais da Biblioteca Nacional*. Como não é provável que o Sr. Madier Montjau tenha perdido meu trabalho, ele necessariamente retornará até mim, e eu farei questão de enfatizar a importância de sua bela publicação. Além disso, apresentar-se-ão ocasiões de trazê-la incidentalmente à baila, tornando-a conhecida dos bibliófilos que se preocupam por estas sortes de assuntos. Eu gostaria de saber, igualmente, se os *Ensaio*s⁴⁷⁴ tiveram sequência. Eu emprestei os dois fascículos que tenho graças a sua gentileza, e eles incitaram o mais vivo interesse.

No momento em que ponho termo à minha carta, exprimindo-lhe o sincero prazer que senti ao ler a sua gentil correspondência – o parágrafo no qual V. Sa. me faz tomar conhecimento da brilhante recepção que foi feita no Rio ao seu amável e ilustrado Imperador –, uma carta recebida esta manhã do Sr. Léonce Angrand,⁴⁷⁵ um de nossos mais destacados americanistas, apenumbrou fortemente o meu espírito no que concerne ao nosso amigo Ch. Wiener. Fizeram-me informar que o intrépido viajante está faz dois dias tomado por abomináveis febres e reduzido à impotência de sair. Não fique, portanto, surpreso por não receber uma resposta imediata à carta que V. Sa. lhe escreveu e que eu mesmo fiz o dever de enviar a ele sem demora. Penso que o mal transitório sobre o qual lhe falo não deve inspirar nenhuma ansiedade e será dissipado por algumas doses de sulfato de quinino.

Adeus, então, por hoje. Espero que o próximo correio lhe traga melhores notícias. Acredite, enquanto isso, meu mui caro colega, nos sentimentos devotados de seu velho amigo.

Ferdinand Denis

73. Carta de Denis a D. Pedro II (15/01/1878)⁴⁷⁶

Paris, 15 de janeiro de 1878

Majestade,

Ainda que a boa fortuna que às vezes acompanha os velhos alfarrabistas em suas peregrinações de porto em porto os faça encontrar os livros que desejas e que eu ainda não desesperei de um dia fazer chegar a vós me tenha logrado, não posso deixar partir a caixa

⁴⁷³ Ver a respeito da viagem de Varnhagen a carta do historiador a Denis de 30 de setembro de 1876.

⁴⁷⁴ Ver a respeito da publicação a carta de Denis a Ramiz Galvão de 14 de setembro de 1876.

⁴⁷⁵ François Marie Léonce Angrand (1808-1886), diplomata, desenhista e colecionador francês. Foi um dos mentores de Wiener, com quem se desentendeu mais tarde, acusando-o de plágio.

⁴⁷⁶ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 15/01/1878. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 179 – Doc. 8208 [d02]. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por George Raeders. Cf. RAEDERS, Op. cit., 1944, p. 176-178.

de obras recentes destinadas à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sem me regozijar do amável privilégio que vos dignastes me conceder e sem dizer algumas palavras a respeito de certas publicações que muito interessam aos americanistas, à testa dos quais caminhais de pleno direito.

Vossa biblioteca particular, não tenho dúvida disso, possui há vários meses o admirável volume in-folio intitulado *Cartas de Índias*⁴⁷⁷ publicado graças à feliz intervenção do Sr. conde de Toreño,⁴⁷⁸ mas o que Vossa Majestade talvez não sabe é que a indispensável obra do nobre e generoso bispo de Chiapa⁴⁷⁹ está hoje completa. – Dou aqui o título *in extenso* para o caso de Vossa Majestade não haver ainda dado ordens para que a obra seja incluída em sua biblioteca: *Historia de las Indias, escrita por Fray Bartolomeu de Las Casas, o bispo de Chiapa, agora por primera vez dada a luz por el Marquez de la Fuensanta Del Valle y de Don Sancho Rayon*. Madrid, imprensa de Ginesta, Rua de Campomanes, n. 8 – 1876, 5 volumes in 8. O que torna seu manuseio muito cômodo é que esta preciosa obra vem acompanhada de uma tabela.

Creio que posso supor que Vossa Majestade recebeu o grande Catálogo de Leclerc⁴⁸⁰ que fiz chegar a suas mãos pelo intermédio do Sr. Ramiz Galvão. Um pequeno mas interessante volume abonado pela Academia Francesa vos foi igualmente ofertado. Trata-se de *Le Pôle et l'Equateur*. Seu autor é o Sr. Lucien Dubois.⁴⁸¹ Há dois dias eu estava na intenção de levar à Doca Voltaire a obra de um jovem viajante que Vossa Majestade se dignou a estimular há pouco, o Sr. Charles Wiener,⁴⁸² mas o gentil e benevolente Sr. d'Escragnolle Taunay teve a bondade de se incumbir de levá-lo ele mesmo ao Rio de Janeiro.

Tenho o prazer hoje de anunciar a Vossa Majestade uma nova de bibliografia americana que por certo não a deixará insensível. O incomparável Pilinsky vai empreender

⁴⁷⁷ TORENO, Conde de (ed.). *Cartas de India. Publicadas por primeira vez el Ministerio de Fomento*. Madrid: Imprenta de Manuel G. Hernández, 1877. 5 vol.

⁴⁷⁸ José Maria Queipo Ruiz de Saraica (1786-1843), o conde de Toreño, político e historiador espanhol.

⁴⁷⁹ Bartolomeu de las Casas (1474-1566), padre dominicano, missionário e historiador espanhol. Tornou-se conhecido por ter denunciado a exploração dos indígenas nas Américas, à qual se opôs terminantemente. Seu manuscrito “Historia de las Indias”, escrito entre 1527 e 1562, ao qual se refere Denis nesta carta, ganhara há pouco uma primeira edição, publicada na cidade de Madrid.

⁴⁸⁰ Charles Leclerc (1843-1889), livreiro e editor francês, estabelecido na cidade de Paris. Sua obra *Bibliotheca Americana*, mencionada por Denis, teve uma primeira edição em 1867 e uma segunda, em 1878, com mais de 700 páginas. Cf. LECLERC, Charles. *Bibliotheca Americana. Catalogue raisonné d'une très-précieuse collection de livres anciens et modernes sur l'Amérique et les Philippines*. Paris: Maisonneuve et cie., 1867.

⁴⁸¹ Dubois (?- ?), oficial associado do Ministério da Marinha e das Colônias. Sua obra *Le pôle et l'équateur* recentemente ganhara um prêmio de 1.000 francos da Academia Francesa de Letras. Fonte: <<http://www.academie-francaise.fr/rapport-sur-les-concours-de-lannee-1878>>. Acesso em 07 mar. 2020. Ramiz Galvão também receberia um exemplar da obra, enviado pelo próprio autor em agosto desse mesmo ano. Ver adiante as cartas de Denis a Ramiz Galvão de 15 de agosto de 1878 e de Dubois ao mesmo de 17 de dezembro de 1879.

⁴⁸² É difícil afirmar a que obra Denis se refere nessa passagem. Apesar de ter apenas 27 anos nessa época, Wiener já havia lançado uma série de estudos que poderiam interessar D. Pedro II. Na lista de suas publicações, encontravam-se três livros, *Essai sur les changements de la langue allemande* (1873), *Essai sur les institutions politiques, religieuses, économiques et sociales de l'empire des Incas* (1874), *Portulan de Charles Quint donné à Philippe II* (1875), além de vários artigos publicados na imprensa periódica, como “Notice sur le communisme dans l'empire des Incas” (1874), “Notice sur le Brésil” (1874), o já mencionado “Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil” (1876), “Expéditions scientifiques au Pérou et en Bolivie” (1877), “Excursion dans la République bolivienne” (1877) e “Ascension de l'Illimani. Le Pic de Paris” (1877).

a reprodução do imenso calendário astrológico dos astecas,⁴⁸³ conservado há muitos anos na Biblioteca da Câmara dos Deputados em Paris! Minha idade me forçou a declinar de escrever o texto da obra, mas tenho o mais profundo interesse por este trabalho. Esta obra de execução propriamente gigantesca não levará menos de seis a sete meses.

Já que falamos de grandes coisas americanas, quero dizer quanto teria me agradado vos remeter um curioso documento que em minha casa o Sr. d'Escragnolle Taunay teve em suas mãos. Trata-se da narrativa de uma exploração do Napo e do rio das Amazonas, publicada graças ao empenho de um erudito missionário italiano chamado Marcellino de Civezza.⁴⁸⁴ Este relato de quarenta páginas, texto muito pequeno, do qual se poderá em caso de necessidade fazer um volume de razoável espessura, se intitula *Descubrimiento del Rio de Marañón llamado de las Amazonas, hecho por la religion de San Francisco, Relacion escrita por el Padre Fr. Laureano de la Cruz, año de 1651*, Prato, imprensa de Ranieri Guasti, ano 1878, grande in-8. Farei de modo a fazê-lo chegar a quem pode tão bem apreciar sua importância e para quem todos os americanistas do mundo voltam os olhos quando lhes sobrevém uma boa nova.

Minha carta, Senhor, lamentavelmente assume todas as pouco agradáveis formas de um catálogo de livraria, e por isso peço mil vezes perdão a Vossa Majestade, mas a causa mesma disso é sua perfeita indulgência. Para quem os conhece, é difícil não se dobrar aos seus menores desejos. Ser-me-ia sumamente agradável atender àqueles que não desdenhastes de me comunicar no que se refere ao Sr. d'Escragnolle Taunay, mas este jovem e amável oficial, cuja saúde felizmente está restaurada, vos dirá melhor que eu quanto sua curta estada em Paris foi impeditiva de que as coisas se passassem de outro modo.

Sou, com profundo respeito,
de vossa Majestade,

o muito humilde
e muito devotado servo.

Ferdinand Denis

74. Carta de D. Pedro II a Denis (14/05/1878)⁴⁸⁵

Senhor,

⁴⁸³ Trata-se provavelmente do *Codex Borbonicus*, “calendário religioso e adivinhatório mexicano servindo tanto de ritual quanto de diurnal para a celebração de festas, [...] adquirido em venda pública em 1826 sem que se pudessem determinar como veio parar na Europa”, atualmente conservado na biblioteca da Assembleia Nacional Francesa. Fonte: <<http://www.assemblee-nationale.fr/histoire/7gf.asp>>. Acesso em 07 mar. 2020.

⁴⁸⁴ Marcellino de Civezza (1822-1906), padre franciscano, historiador e tradutor nascido no território hoje conhecido como Itália. Recentemente publicara o manuscrito “Nuevo descubrimiento del río de Marañón llamado de las Amazonas, hecho por la religión de San Francisco, año de 1651” (1651), do franciscano Laureano de la Cruz Montesdeoca (152?- 1578), sob o título de *Descubrimiento del Rio de Marañón llamado de las Amazonas, hecho por la religion de San Francisco* (1878), mencionado por Denis mais adiante.

⁴⁸⁵ D. PEDRO II. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 14/05/1878. 1 doc. 2 BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 56-57). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n117/mode/2up>. Acesso em 07 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por Afonso Arinos. Cf. ARINOS, Op. cit., p. 11-12.

V. Sa. sabe como sou atarefado e sei como V. Sa. trabalha, de modo que peço me perdoe por não escrever mais amiúde. Por ora, faço empenho em lhe recomendar o major Alfredo d'Escragnolle Taunay, filho de Félix Émile Taunay,⁴⁸⁶ que foi meu mestre e a quem devo em grande medida meu gosto por tudo que é belo. Seu avô foi o pintor Taunay,⁴⁸⁷ que veio ao Brasil com Debret.⁴⁸⁸ V. Sa. vê que estamos entre iguais, e nem preciso acrescentar que ele é pai de Alfredo e meu amigo há quarenta anos.

V. Sa. há de apreciar conhecer este jovem cavalheiro de um talento notável e que já escreveu obras de mérito. Estou certo de que V. Sa. o acolherá em sua biblioteca, como costuma fazer com tanta amabilidade quando se trata de brasileiros como Alfredo. Ele pertence ao Exército brasileiro e prestou belos serviços durante a Guerra do Paraguai.⁴⁸⁹

Ele está incumbido por mim de falar a V. Sa. sobre os meios de obter cópias dos escritos de Alfonse de Saintonge⁴⁹⁰ e de du Jarric⁴⁹¹ (creio que é assim que se escreve este nome) sobre o Brasil.⁴⁹² Ele é membro do Instituto Histórico do Rio e estou certo de que lhe será agradável palestrar com ele.

Adeus! Escreva vez por outra a

seu muito afeiçoado
D. Pedro d'Alcântara

Rio, 14 de maio de 1878

⁴⁸⁶ Félix-Antoine Taunay (1795-1881), segundo barão de Taunay, pintor, professor e tradutor francês. Foi professor de Pintura e Paisagem na Academia Imperial de Belas-Artes (AIBA), no Rio de Janeiro, e diretor da mesma instituição. Também deu aulas a D. Pedro II, de quem se tornou amigo pessoal. Cavaleiro da Legião de Honra, comendador da Imperial Ordem da Rosa e sócio fundador do IHGB. Pai do desenhista, escritor e tradutor Hippolyte Taunay (1793-1864), com quem Denis se encontrou na Bahia, em 1818. De volta à França, Denis e Hippolyte Taunay publicariam duas obras: *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume* (1822) e *Notice historique et explicative du panorama de Rio de Janeiro* (1824). Ambos também trabalhariam na Biblioteca Santa Genoveva – de 1845 ou 1846, quando Taunay entrou para o corpo de funcionários da referida instituição, até 1864, ano de seu falecimento.

⁴⁸⁷ Nicolas-Antoine Taunay (1775-1830), barão de Taunay, pintor, ilustrador e professor francês. Pai de Félix-Antoine Taunay e de Aimé-Adrien Taunay, referidos anteriormente. Membro da chamada Missão Artística Francesa ao Brasil, em 1816, a qual contou com a presença de outros artistas franceses, incluindo o irmão, o escultor Auguste-Marie Taunay (1768-1824). Foi um dos fundadores da AIBA, onde atuou brevemente como professor de Pintura Histórica, pois retornou à França já em 1821.

⁴⁸⁸ Jean-Baptiste Debret (1768-1848), pintor histórico e desenhista francês. Suas impressões sobre o Brasil resultaram nos três tomos da obra *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1834-1839).

⁴⁸⁹ Engenheiro militar, Alfred d'Escragnolle Taunay tomou parte na Guerra do Paraguai (1864-1870), registrando sua experiência na obra *La Retraite de Laguna* (1871), originalmente publicada em francês e traduzida, três anos mais tarde, para o português.

⁴⁹⁰ João Afonso (1481-1544), conhecido na França como Jean Alphonse ou Alphonse de Saintonge, foi um navegador português a serviço da coroa francesa. D. Pedro II parece aludir ao manuscrito *La Cosmographie avec l'espère et régime du soleil du nord par Jean Fonteneau dit Alfonse de Saintonge, capitaine-pilote de François I* (1545), conservado já naquela época na atual Biblioteca Nacional Francesa, cuja primeira edição impressa viria à luz somente em 1904.

⁴⁹¹ Pierre du Jarric (1566-1617), jesuíta e professor de filosofia de origem francesa. Autor de *Histoire des choses les plus memorables advenues tants en Indie Orientales que autres pays de la découverte des Portugais* (1610-1614), no qual se encontra um trecho sobre o Maranhão.

⁴⁹² Denis escreveria de volta para D. Pedro seis meses mais tarde, dizendo que localizara os tomos 1 e 3 da obra, mas que ainda lhe faltava o segundo. Mais tarde, voltou a se comunicar com o monarca, felicitando-o por ter adquirido mais um volume da coleção. Ver mais adiante as cartas de Denis a D. Pedro II de 5 de dezembro de 1878 e de 19 de março de 1879.

75. Carta de D. Pedro II a Denis (24/05/1878)⁴⁹³

Senhor,

Quando se trata de conhecer a história e a geografia do Brasil nos tempos passados é de todo natural que se faça apelo a V. Sa. Tal seria de rigor, e a lembrança de sua simpatia pelo Brasil e da bondade com que V. Sa. me recebeu em sua biblioteca e em sua casa me empenha com grande prazer.

Vi nas publicações do Congresso de Americanistas em Luxemburgo que o Sr. Burtin⁴⁹⁴ confiara ao Sr. Lucien Adam⁴⁹⁵ uma “Memória sobre o Brasil”⁴⁹⁶ que me parece ser de grande interesse e eu seria muito grato se V. Sa. tivesse a gentileza de me proporcionar seu pleno conhecimento.

Aguardo do mesmo modo notícia sobre novos achados por ocasião do próximo congresso em Bruxelas onde o Brasil será representado.⁴⁹⁷

Nosso Instituto Histórico retomou os trabalhos este ano e sempre envida esforços para prestar serviços às ciências que V. Sa. cultiva com tanto sucesso.

Peço que envie lembranças minhas aos conservadores de sua biblioteca que tenho o prazer de conhecer e que me escreva amiúde,

seu muito afeiçoado
D. Pedro d’Alcântara

Rio, 24 de maio de 1878

76. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/08/1878)⁴⁹⁸

Paris, 15 de agosto de 1878

Caro e ilustrado confrade e amigo,

Completei anteontem, dia 13 de agosto, meus 80 anos e, embora tentemos atribuir algum bem a isso, asseguro-lhe que não é um pequeno fardo! A essa confiança de um octogenário que admira o ardor dos trabalhos que V. Sa. realiza, acrescento que, jamais,

⁴⁹³ D. PEDRO II. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 24/05/1878. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 58-60). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n117/mode/2up>. Acesso em 07 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por Afonso Arinos. Cf. ARINOS, Op. cit., p. 12.

⁴⁹⁴ Charles-Henri Burtin (?-?), bibliotecário adjunto na cidade de Metz.

⁴⁹⁵ Lucien Adam (1833-1918), linguista e escritor francês, especialista em línguas urálicas.

⁴⁹⁶ “Mémoire sur le Brésil”, o artigo ao qual se refere o imperador, foi apresentado no 2o. Congresso Internacional dos Americanistas, realizado no ano de 1878, em Luxemburgo. Além de Burtin, Ferdinand Denis, Paul Gaffarel e da Silva Paranhos também trataram do Brasil, apresentando, respectivamente, os textos “La Bibliothèque nationale de Rio de Janeiro”, “La découverte du Brésil par les Français” e “Allocution”. Cf. GARRAUX, Anatole Louis (ed.). *Bibliographie Brésilienne, catalogue des ouvrages français et latins relatifs au Brésil (1500-1898)*. Amsterdam: B. R. Grüner, 1971. p. 66.

⁴⁹⁷ O 3o. Congresso Internacional dos Americanistas aconteceria na cidade de Bruxelas, em 1879.

⁴⁹⁸ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/08/1878. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0066 e 0067. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

em minha longa carreira, tive um ano tão laboriosamente empregado como o ano de 1878. Isto, sem que me desculpe completamente aos seus olhos, talvez lhe explique a lacuna que se fez em nossa correspondência. Ainda mais porque aguardei, durante diversos correios, a sua resposta às informações que V. Sa. me solicitou, meu caro amigo, acerca da tiragem de seus clichês.

Não poderia felicitá-lo mais, e digo-lhe aqui sinceramente, pela publicação de seus *Anais*,⁴⁹⁹ um verdadeiro monumento que V. Sa. publica para o futuro; monumento de uma necessidade incontestável, cuja utilidade se intensificará com o passar dos anos.

Seu Tomo IV que, graças ao excelente Sr. Porquet, eu possuo desde três ou quatro dias, e lhe agradeço em nome da administração da Biblioteca Santa Genoveva, é uma sorte de obra-prima em seu gênero, assim como o fascículo que o precedeu: jamais algo semelhante, é preciso que se diga – e os anos futuros o repetirão –, foi realizado no Brasil. Deixe que falem, eu lhe peço, os críticos do *Polybiblion*.⁵⁰⁰ Não conhecêssemos todas as pequenas iniquidades que nos colocam sobre os ombros, de um país a outro, os Senhores contramestres da imprensa! Pude eu mesmo rever, no artigo em que tentei tão imperfeitamente fazer justiça a V. Sa., durante o Congresso Internacional de Americanistas de Luxemburgo,⁵⁰¹ o artigo cujas provas não me enviaram? Tudo isso passa e o valor real do trabalho não é senão ligeiramente alterado. Quando eu estiver um pouco menos sobrecarregado pelo trabalho que ora tenho em mãos, tentarei (se for capaz de fazê-lo) destacar o mérito de sua nova publicação.

O tempo me constrange, é época de férias, receio que Porquet já tenha fechado a sua remessa de livros; correrei com toda a celeridade em direção ao cais para lhe entregar este fragmento de carta. Eu a farei acompanhar por um pequeno pacote que confio a toda a sua gentileza. Contém uma preciosa amostra de cera de Carnaúba, à qual um químico amigo meu, o Dr. Thiercelin, soube dar tal brancura que V. Sa. não conseguirá evitar a estupefação.

A cera da palmeira Carnaúba, V., como eu, o sabe, é tão prodigiosamente abundante no Ceará e no Piauí que ela poderia se tornar uma fonte de riquezas para essas províncias brasileiras. Portanto, faça a gentileza de submeter essas amostras a Sua Majestade, o Imperador D. Pedro. Terei a honra de escrever-lhe, eu mesmo, a esse respeito.

Adeus, meu caro e ilustrado confrade e amigo. Cerro-lhe mui cordialmente a mão e peço-lhe que acredite nos sentimentos de grande consideração de seu devoto servo.

Ferdinand Denis

Post Scriptum – V. Sa. encontrará entre seus livros uma obra em duplicata, que a Academia Francesa acabou de coroar, e cuja cópia é destinada a Sua Majestade. Trata-se de *Le Pôle et l'Equateur*, cujo bem merecido autor é denominado Lucien Dubois. Ele me é recomendado pelo nosso digno confrade Cortambert.

⁴⁹⁹ O 4º volume dos *Anais da Biblioteca Nacional* fora recentemente publicado em Leipzig.

⁵⁰⁰ Denis se refere aqui provavelmente a uma crítica aos *Anais da Biblioteca Nacional* publicada no *Polybiblion: revue bibliographique universelle*, em janeiro de 1878. Cf. *Polybiblion: revue bibliographique universelle*, Paris, janvier 1878, p. 188.

⁵⁰¹ Ver a esse respeito a carta escrita por D. Pedro II a Denis, em 24 de maio de 1878.

77. Carta de Denis a Ramiz Galvão (16/09/1878)⁵⁰²

Paris, 16 de setembro de 1878

Meu caro e ilustrado confrade,

Deixei-me, mais uma vez, vencer pelo tempo, mas não quero que a caixa tão recheada destinada a V. Sa. pelo Sr. Porquet chegue sem lhe levar dois desses preciosos volumes que se publicam mui raramente aqui, e que são os verdadeiros instrumentos de trabalho de bibliógrafos como V. Sa. Refiro-me à nova edição dada pelo Sr. Ch. Leclerc de sua *Bibliotheca Americana*, que V. Sa. bem conhece e que acaba de receber acréscimos tais que se tornou, em realidade, um livro novo. Espero poder lhe enviar, mais tarde, uma cópia para a Biblioteca da *Revista Trimensal*.⁵⁰³ Enquanto isso, V. Sa. terá a bondade, eu o espero, de depositar nas mãos de Sua Majestade D. Pedro de Alcantara um desses exemplares. O outro permanecerá no estabelecimento que tanto deve ao seu saber e aos seus cuidados zelosos.

V. Sa. não deve se surpreender por não encontrar na nova *Bibliotheca Americana* do ano de 1878 as obras editadas sobre o Brasil, que se encontram vulgarmente na maioria dos catálogos de vendas. Os Srs. Maisonneuve⁵⁰⁴ e Leclerc apenas pretenderam fazer menção, ali, aos títulos de obras raras ou pouco conhecidas. As notas são de um interesse extremo. Os volumes indicados nesse catálogo encontram-se na livraria segundo a qual eles são nomeados. Uma vez que nos referimos aqui a essas raridades bibliográficas que fazem as nossas delícias, imagine a alegria e o espanto que eu provei ontem encontrando, na Exposição Retrospectiva do Trocadero,⁵⁰⁵ um admirável exemplar do *Cancioneiro* de Resende,⁵⁰⁶ com o seu título maravilhosamente conservado! Ele brilha na vitrine consagrada às raridades que o Sr. Sellières possui. Como V., sem dúvida, tem em mãos o Tomo 2 do Inocência,⁵⁰⁷ poderá conferir, da página 17 à página 25, o que vale um volume admiravelmente encadernado noutros tempos. E dizer que o feliz possuidor de tal volume conta com cinco ou seis do mesmo valor em sua coleção!

Meu passeio pelo Trocadero, do qual a gente de minha idade retorna sempre semimorta, teve, no entanto, um objetivo muito diferente que esse de ir admirar um Garcia de Resende desconhecido. Eu desejava examinar o esplêndido manuscrito executado em 1550, que se pode considerar uma das mais ricas joias da Biblioteca de Rouen, e que foi publicado pelos Srs. de Merval.⁵⁰⁸ V. Sa. sabe que eu não me esqueço jamais da terra de Santa Cruz, cujos destinos tão rapidamente se realizam. Pude, graças a um amável privilégio, ter entre minhas mãos esse poema, o primo alemão da Entrada triunfal, que V.

⁵⁰² DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/09/1878. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0068, 0069 e 0070. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

⁵⁰³ Referência à *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB)*.

⁵⁰⁴ Referência à casa Maisonneuve, especializada em obras orientalista, cuja fundação data de 1835.

⁵⁰⁵ A Exposição retrospectiva de Arte Francesa no Trocadero foi realizada nas dependências do Musée des Monuments Français, durante a Exposição Universal de 1889, em Paris.

⁵⁰⁶ Garcia de Resende (1470-1536), poeta, cronista e editor português. Sua obra mais conhecida é uma coletânea de poesias palacianas, chamada *Cancioneiro Geral* (1516).

⁵⁰⁷ Referência ao bibliógrafo português Inocência Francisco da Silva (1810-1876), segundo o qual “algum exemplar do *Cancioneiro* que viesse ter ao mercado poderia valer (no estado de boa conservação) de 200:000 até 240:000 réis”. Cf. *Cancioneiro geral: cum privilegio*. In: SILVA, Inocência Francisco da (ed.). SILVA, Inocência Francisco da (ed.). *Dictionario bibliographico portugues: estudos de Innocência Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. T. II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859 p. 24-25.

⁵⁰⁸ Referência aos irmãos Stéphane (1814-1894) e Louis Merval (18?-18?), sendo o primeiro escritor, especialista na história da cidade de Rouen, e o segundo, desenhista

Sa. tão bem conhece.⁵⁰⁹ Esta curiosidade tem relação com o trabalho que eu preparo neste momento para servir de introdução ao *Missel* de Estêvão Gonçalves Neto.⁵¹⁰

Acredito ter-lhe contado que a nossa exposição particular na Biblioteca foi bem-sucedida. Como V., meu caro confrade, nós tínhamos tesouros escondidos. Na verdade, tesouros de iconografia, os quais nos vieram de nossos antigos predecessores, os Genovevos.⁵¹¹ Nós os exumamos de nossas caixas e eles ornaram, hoje, para a satisfação dos artistas, as salas de nossa reserva. Nossos exemplares têm, além disso, a melhor conservação.

O pobre Wiener sofreu muito nos últimos tempos, e muito trabalhou. Nas últimas semanas, sua saúde melhorou. Eu fiz com que lhe fossem imediatamente entregues os itens que me foram enviados para ele.

Tenha a bondade, eu lhe rogo, de fazer chegar a seus destinatários essas duas cartas que V. Sa. encontrará em anexo. O engenheiro Sr. Moraes não lhe deve ser desconhecido. Ele executou as grandes obras que V. Sa. deve ter apreciado. O Sr. Leal, noutra ordem de ideias, encontra-se no mesmo caso. Perdão, meu caro confrade, de lhe causar este inconveniente; conheço há muito tempo a sua gentileza. Aceite, eu lhe rogo, a expressão dos sentimentos mais afetuosos e mais dedicados de seu confrade e velho amigo.

Ferdinand Denis

78. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/10/1878)⁵¹²

Paris, 15 de outubro de 1878

Meu caro e ilustrado confrade,

⁵⁰⁹ Denis foi o primeiro a tratar da entrada de Henrique II e Catarina de Médici em Rouen, nos dias 1 e 2 de outubro de 1550, em *Une fête brésilienne célébrée à Rouen* (1850). Anos depois, os irmãos de Merval publicaram um manuscrito inédito, conservado na Biblioteca de Rouen, sobre o mesmo episódio. Cf. FILHO, José Alexandrino de Souza. A “festa brasileira” ou o Teatro do “Bom Selvagem”: um estudo sobre o papel do índio na entrada de Henrique II em Rouen em 1550. *Revista Morus, Utopia, Reforma e Contra-Reforma*, v. 5, p. 221-240, 2008. Disponível em <<http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/viewFile/44/30>>. Acesso em 07 mar. 2020.

⁵¹⁰ DENIS, Ferdinand. *Missel Pontifical de Gonçalves Neto. Propriété de l'Académie Royale des sciences de Lisbonne. Reproduit en chromolithographie & précédé d'une notice sur l'ornementation des Mss. portugais avec mention d'un poème français M. S. rappelant la fête brésilienne qui eut lieu à Rouen en 1550 par M. Ferdinand Denis*. Paris, Maciá & Cie, 1879. Dada a raridade desse material, cujo acesso é bastante difícil, optamos por explicar, ainda que brevemente, seu conteúdo, valendo-nos das palavras de Henri Cordier: “em 1879, a Casa Editorial Maciá & C. empreendeu a reprodução cromo-litográfica do Missal Pontifical pertencente à Biblioteca da Real Academia de Ciências de Lisboa, executada por Estêvão Gonçalves Neto, cônego da catedral de Viseu, e Denis pôs à frente deste soberbo volume um trabalho único em o seu gênero sobre a ‘pintura de manuscritos ilustrados em Portugal’, o qual contém, ao menos, 96 páginas in-fólio”. Cf. CORDIER, Op. cit., p. 17.

⁵¹¹ A Biblioteca Santa Genoveva teve suas origens na biblioteca da abadia dos genovevos (em francês, *génovéfains*), como se chamam os religiosos membros da ordem de Santa Genoveva, localizada no prédio do atual liceu Henri IV, no 5º arrondissement de Paris. Em 1790, com a extinção da abadia, sua biblioteca se tornou propriedade do Estado francês e passou a se chamar Biblioteca do Panteão. Em 1843, começaram os trabalhos para a construção do atual prédio da biblioteca, já conhecida nessa época como Biblioteca Santa Genoveva, projetado pelo arquiteto francês Henri Labrousse. Ele seria inaugurado oito anos mais tarde, em 4 de fevereiro de 1851.

⁵¹² DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/10/1878. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0071, 0072 e 0073. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

Vejo claramente, pelo princípio de sua amigável missiva, que parte considerável de minhas cartas não lhe chegou. Espero, de todo modo, que o vasto catálogo de Leclerc, que solicitei para a sua biblioteca e para aquela de Sua Majestade D. Pedro, tenha chegado em segurança, pois ele responde, ao menos em grande parte, ao seu desejo concernente à *Conquista Espiritual*.⁵¹³ Eu mesmo levei esses dois volumes ao excelente Sr. Porquet, que teve a perfeita gentileza de despregar a caixa para fazê-los chegar até V.

O que V. Sa. desejava me contar a propósito do Congresso de Luxemburgo despertou em mim lembranças dolorosas, e V. Sa. compreenderá facilmente o que aqui lhe digo, quando souber que as provas deveriam me ter sido enviadas e que falhamos em obter uma promessa formal. Sacrifico aos Deuses infernais os que nos tiram o exemplar das mãos, e depois ainda zombam. Além das lacunas e faltas as quais eu profundamente lamento.

Tenha a bondade, eu lhe rogo, de dizer ao Sr. Conde de Bom Retiro que, apesar do trabalho que este ano sobrecarregou meus 80 anos, eu não deixei de cumprir a sua incumbência na primeira sessão da Sociedade de Geografia Comercial.⁵¹⁴ Eu até mesmo disse algumas palavras a propósito da cera de Carnaúba, que parecem ter sido ouvidas com algum interesse. Meu excelente colega, o Sr. Major d'Escragnolle Taunay, ainda estava muito doente para participar dessa reunião. Se as suas forças lhe houvessem permitido, ele certamente teria representado infinitamente melhor que eu o Instituto Histórico do Rio de Janeiro, já que é um oficial de raro mérito.

Encontro-me ainda sob o golpe de tristeza que me causou a morte do digno Adolfo de Varnhagen,⁵¹⁵ e não posso me acostumar ao vazio que deixa na ciência a sua perda. Ele me encaminhou a tempo, e bem antes de haver recebido o título de Visconde de Porto Seguro, uma pequena biografia na qual se encontram interessantes informações sobre sua família e seus primeiros anos. Vou me certificar de usá-la em breve, mas devo apressar-me!⁵¹⁶ Não tive um momento de férias. Não estive mais que oito ou dez vezes à nossa esplêndida exposição, e V. Sa. não pode imaginar o que é a minha velha existência. Enquanto lhe escrevo, às 9h00 da manhã, aguardo a visita do Abade Carel, que prepara uma tese sobre Antônio Vieira, a quem ele admira com paixão, e sabe Deus o que será de meu dia!...

⁵¹³ Ramiz Galvão possivelmente buscava com Denis informações sobre Montoya e sua obra no intuito de transmiti-las depois a Batista Caetano de Almeida Nogueira que, nesse momento, ocupava-se de verter para o português a *Conquista Espiritual* (1639), do jesuíta peruano. Seu texto seria publicado poucos meses depois no sexto volume dos *Anais da Biblioteca Nacional*, com o título de “Manuscrito Guarani da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sobre a primitiva catequese dos índios das Missões, composto em castelhano pelo Pe. Antonio Ruiz Montoya, vertido para o guarani por outro padre jesuíta e agora publicado com a tradução portuguesa, notas e um esboço gramatical do Abané pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira”. O número seguinte da publicação traria ainda o artigo “Vocabulário das palavras Guaranis usadas pelo tradutor da ‘Conquista Espiritual’, do Pe. A. Ruiz de Montoya”, igualmente assinado por Nogueira. Cf. GALVÃO, Ramiz (ed.). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. VII, 1878-1880. Vale mencionar ainda que, já em 1875, Varnhagen havia manifestado o interesse de editar esse livro. Ver a esse respeito a carta do historiador a Denis de 13 de outubro de 1875.

⁵¹⁴ Ferdinand Denis foi escolhido pelo IHGB para representar o Brasil no evento, realizado em Paris entre 23 e 30 de setembro de 1878. Cf. *Congrès International de Géographie Commerciale: comptes rendus*. Paris, 1881, p. 77-78.

⁵¹⁵ Varnhagen falecera em 26 de junho de 1878, em Viena.

⁵¹⁶ O manuscrito 3433 da Biblioteca Santa Genoveva reúne ainda um texto aparentemente inédito, do historiador brasileiro, chamado “L’asile dans les ambassades”, duas biografias manuscritas e um artigo de jornal sobre ele, além de uma cópia de seu testamento.

A volta das férias, no entanto, deve ocorrer amanhã, e estaremos prontos. Mas quantos trabalhos foram realizados em dois meses pelo nosso novo arquiteto – independentemente de nossa encantadora exposição realizada na Reserva, a qual alcançou total sucesso! A Galeria superior acaba de ser completamente restaurada, as pinturas foram reavivadas como se fossem novas, os degraus da grande escadaria foram refeitos. Eu temia que tudo isso jamais terminasse. Em poucas horas nossa costumeira inundação de público poderá nos invadir.

V. Sa. encontrará, na encomenda que lhe foi enviada este mês, um relatório, impresso numa quantidade bastante restrita, o qual eu solicitei ao Sr. Bocandé⁵¹⁷ especialmente para lhe encaminhar. Estou certo de que ele não lhe será despido de interesse, e interessará – assim o espero – a Sua Majestade, cujo espírito é sempre tão universal nas pesquisas que realiza.

V. Sa. não descobrirá sem satisfação, acredito eu, que o nosso amigo Wiener acabou de ganhar uma medalha de ouro na Sociedade de Topografia.

No caso de a pequena nota bibliográfica do Sr. Leclerc sobre a *Conquista Espiritual*, que a livraria Maisonneuve tem a felicidade de possuir, não lhe ser suficiente – o que eu não imagino que seja o caso, em razão de sua última pequena nota –, queira por gentileza me escrever e eu certamente lhe responderei, nem que sejam duas linhas, com as informações que lhe forem necessárias.

Adeus por hoje, meu caro confrade. Acredite nos devotados sentimentos de seu servo e velho amigo.

Ferdinand Denis

Minhas deferências respeitosas, eu lhe rogo, à Sra. Franklin Ramiz Galvão.

79. Carta de Denis a D. Pedro II (05/12/1878)⁵¹⁸

Paris, 5 de dezembro de 1878

Tendo perdido, para meu desconsolo, o último correio, me apresso a aproveitar o próximo para responder a Vossa Majestade e para lhe dizer de minha satisfação pela realização de uma fração de seu desejo literário. Estou certo de que o Sr. Pierre Margry⁵¹⁹ fez chegar a suas mãos sua última obra, de modo que o que pode lhe interessar no velho relato de Alphonse le Saintonge está diante dos seus olhos.⁵²⁰ O resto, espero, se realizará

⁵¹⁷ Emmanuel Bertrand Bocandé (1812-1881), explorador e administrador colonial francês. Escreveu alguns artigos sobre a África para a imprensa periódica, em jornais como *Revue coloniale* e *Bulletin de la Société de Géographie*. Correspondia-se com Denis, para quem enviou uma carta do Senegal, em 2 de fevereiro de 1851. Cf. BOCANDÉ, Emmanuel Bertrand. Extrait d'une lettre de M. Bertrand Bocandé, résident français à Karabanne (Cazamance) à M. Ferdinand Denis le 2 février 1851. *Bulletin de la Société de Géographie*, 4ª série, 1851, p. 414-418.

⁵¹⁸ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 05/12/1878. 1 doc. 3 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 179 – Doc. 8208 [d01]. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por George Raeders. Cf. RAEDERS, Op. cit., 1944, p. 178-180.

⁵¹⁹ Pierre Margry (1818-1894), historiador francês.

⁵²⁰ Denis alude aqui ao primeiro volume de *Découvertes et établissement des Français dans l'ouest et dans le sud de l'Amérique septentrionale* (1878-1888), no qual Margry trata das descobertas de Ohio e de Mississipi, nos Estados Unidos, mesmo assunto abordado por João Afonso (ou Alphonse de Saintonge), em sua obra.

a seu contento. Infelizmente ainda não pude encontrar, malgrado minhas reiteradas investigações junto aos livreiros, um único exemplar completo da obra do Padre du Jarric; é o tomo 2 que ainda falta; mas ainda possuo uma rara tenacidade, sempre que se trata de satisfazer vossos mínimos desejos, e espero que meus esforços sejam inda uma vez coroados de sucesso. Enquanto aguardo, tomei a liberdade de remeter a Vossa Majestade pelo intermédio do Sr. Ramiz Galvão um exemplar do enorme *Catalogue Raisonné* de Leclerc. Trata-se hoje do verdadeiro monumento da bibliografia americana, à parte os livros mais bem disseminados e que se pode encontrar sem dificuldade.

Há pouco tive duas longas conversas com a digna e encantadora viúva do saudoso Porto Seguro. – Ela piedosamente recolhe todos os escritos de seu marido, para que seus filhos possam um dia continuar a obra do pai: eu a tenho por admirável em sua maneira de educá-los. A exemplo de vós, Majestade, eles terão a felicidade de serem irrepreensíveis políglotas e a inteligência de que já dão mostras deve torná-los duplamente úteis ao seu país. A Sra. Viscondessa de Porto Seguro não quer voltar à sua pátria antes da consecução de seu projeto: ela me pareceu muito bem amparada pelos senhores seus irmãos. Tive a felicidade de enviar à família uma biografia manuscrita muito antiga que me foi ofertada há mais de trinta anos por Varnhagen e a fiz acompanhar de um retrato precioso sob certo ponto de vista, porque então meu amigo estava no verdor de sua juventude.

Cumpri, tão bem quanto pude, a missão que o Sr. conde de Bom Retiro teve a bondade de me atribuir e falei na primeira sessão da Sociedade Geográfica Comercial de um dos produtos mais preciosos do Brasil (a cera da carnaúba), mas não me foi possível estar presente às sessões ulteriores. As obras de restauração ora levadas a cabo em nossa biblioteca, que está sendo de todo pintada de novo, e nossa encantadora exposição local, que logrou autêntico sucesso, exigiram todo o meu tempo.

Se fosse possível a um homem de minha idade conceber razoavelmente algum projeto, eu aceitaria a proposta que me é feita de dar a lume, com notas e comentários, uma edição da encantadora viagem de Jean de Léry.⁵²¹ Há concorrência, bem o sei, mas o ingênuo escritor me é simpático e ele é tão precioso para a história do Brasil nos tempos primitivos que não é impossível que eu sucumba à tentação. Antes, não obstante, devo me capacitar a oferecer a Vossa Majestade os dois mapas de Jacques de Vau de Claye, que já mandei imprimir sobre pedra litográfica. O primeiro deles, de 1579, estampa a capital de vosso imenso império.

Agradar-me-ia imenso dar a Vossa Majestade algumas informações sobre as últimas peregrinações do excelente Sr. d'Escragolle Taunay, mas quando fiz menção de visitar-lhe, há poucos dias, ele já se tinha ido para a Itália. Ele agiu bem, pois aqui vivemos em meio à bruma e quase em trevas.

Sou, com profundo respeito, senhor,
de vossa Majestade

o muito humilde
e inteiramente devotado
Ferdinand Denis

80. Carta de Denis a Ramiz Galvão (12/01/1879)⁵²²

⁵²¹ O excesso de trabalho levaria Denis a abandonar esse projeto. Ver adiante a carta enviada por ele a D. Pedro II, em 17 de maio de 1878.

⁵²² DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 12/01/1879. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0074, 0075 e 0076. Original em francês, tradução minha. Inédita.

Paris, 12 de janeiro de 1879

Meu caro colega e amigo,

Tenho a certeza, graças às minhas antigas memórias, que neste momento V. Sa. não está congelado como nós, na Praça do Panthéon, sobretudo, que se tornou, no espaço de alguns dias, um velho platô da Sibéria, com mais de um pé de neve. Meus velhos dedos escaparam, no entanto, da geleira, e minhas lembranças caminham em linha reta na direção do belo país do sol, no qual se esquece, parece-me, um pouco dos amigos. V. Sa. deve ter recebido, me parece, algumas provas de que a memória não os esquece e, apenas pelo enorme *Catalogue Leclerc*, do qual uma cópia dupla deve lhe ter chegado, V. Sa. deve ter visto que a jovem e bela Biblioteca do Rio de Janeiro não foi esquecida por quem é afeiçoado a seu diretor.

O Brasil trabalha, não duvido, mas, exceto pelos excelentes *Anais*, nenhuma obra séria chega até nós. Aqui acabamos de lhe presentear, ao menos, com um dos mais antigos escritos que poderiam iluminar o jovem Império, já que este livro data do ano de 1558!

Tendo as reimpressões desses velhos livros tornado-se tão caras, trata-se de coisa preciosa, e as *Singularités de la France Antarctique*, publicadas pelo Sr. Paul Gaffarel,⁵²³ serão recebidas com interesse, suponho, pelos seus eruditos. O velho Thevet não esperava, sem dúvida, tal honra! Mas vale a pena lembrar que ele foi inspirado mais de uma vez por este Villegagnon⁵²⁴ cujo nome ainda ressoa tão frequentemente em sua baía magnífica, e cuja notável inteligência é hoje um fato bem estabelecido.

Indico à sua solicitude bibliográfica – cujo zelo muito aprecio, meu caro confrade – um opúsculo de 44 páginas grand in-8 intitulado: *Descubrimiento del Rio Marañon llamado de las Amazonas hecho por la Religion de San Francisco*. Trata-se de uma tiragem à parte publicada no Prato no ano passado pelo famoso franciscano Marcellino da Civezza, e os eventos que ele conta datam apenas do ano de 1651. Se este venerável irmão voltasse para a França, onde eu tão bem o conheci, certamente faria questão de lhe pedir a sua importante brochura.

V. Sa. me fará um grande prazer em remeter a Sua Majestade D. Pedro de Alcântara o livro de Wiener que eu levarei ao bravo Sr. Porquet. Eu não posso lhe dizer nada a esse respeito, porque o exemplar que me foi destinado ainda não chegou. Mas o que lhe posso afirmar é que seu autor hoje se encontra em um estado de saúde deplorável, em grande parte devido às fadigas de sua viagem à América do Sul. Ele é presa de terríveis dores nefríticas. Ele tem, infelizmente, a certeza de que a sua grande publicação não poderá se realizar. Não será impossível que ele vá daqui a algum tempo à Venezuela, encarregado de um posto diplomático.

Adeus por hoje, meu caro confrade. Acredite na afeição e em todos os sentimentos de estima de seu devotado.

Ferdinand Denis

Post Scriptum – 14 de janeiro – Seu mui amável amigo e compatriota, Sr. d'Escragnolle Taunay, tendo vindo ver-me ontem, como eu havia acabado de concluir este rápido

⁵²³ THEVET, André. *Les singularitez de la France antarctique. Nouvelle édition. Avec notes et commentaires par Paul Gaffarel*. Paris: Maisonneuve et cie., 1878.

⁵²⁴ Ver a respeito de Thevet e Villegagnon a carta de Ferdinand Denis a Ramiz Galvão datada de 16 de fevereiro de 1880.

rabisco, teve a gentileza de se encarregar do livro de Wiener. Aproveitei-me dessa excelente oportunidade, que me evitava uma corrida ao cais nessas condições atmosféricas detestáveis. Não procure, portanto, o volume em questão na encomenda que lhe endereça mensalmente o digno Sr. Porquet.

Queira oferecer minhas respeitadas deferências à Sra. Ramiz Galvão.

Ferdinand Denis

81. Carta de Denis a Ramiz Galvão (14/03/1879)⁵²⁵

Paris, 14 de março de 1879

Meu caro e ilustrado confrade,

Os jornais nos falam com demasiada frequência da epidemia que reina em sua bela cidade para que não nos surpreendamos, por vezes tristemente, de ver chegar o pacote sem sequer uma única palavra em resposta às missivas amigáveis. Eu lhe escrevi, tomei a liberdade de lhe endereçar algumas ferramentas bibliográficas e minhas cartas permaneceram, nestes últimos tempos, sem resposta.

Folgamos, portanto, de notícias suas. V. Sa. seria bem gentil de, ao menos, nos assegurar de sua saúde. Eu sei que, de fato, seus preciosos *Anais* devem lhe custar um grande labor, mas o terrível inverno que acabamos de atravessar não nos impediu de pensar em nossos amigos transatlânticos – perdoe-me este termo um pouco arriscado.

Se eu lhe rogo apenas hoje de remeter a Sua Majestade D. Pedro d’Alcantara o curioso panfleto do Padre Laureano, sem colocar um segundo exemplar à sua disposição, é porque o seu ilustrado editor, o culto Marcellino da Civezza, não me foi, por ora, mais pródigo. Ele está no momento na Itália, e eu não duvido que, dada a sua generosidade intelectual – que se iguala à sua pobreza monástica – ele não se furtará a lhe dar este interessante presente.

Tenho a certeza de que poderei lhe enviar, dentro de poucos meses, o consistente estudo a propósito do Padre Antônio Vieira no qual trabalhou tão assiduamente o Abade Carel,⁵²⁶ sobrinho do famoso publicista. Sua tese para o Doutorado em Letras (que é extremamente volumosa) está, neste momento, nas mãos dos examinadores.

Acrescentarei igualmente a tal remessa, embora numa certa distância, uma extensa biografia do famoso Antonio José (o Judeu).⁵²⁷ Ela tem como autor um douto israelita, o

⁵²⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/03/1879. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0077 e 0078. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁵²⁶ Foi no final do mês seguinte, precisamente no dia 30 de abril, que Carel defendeu sua tese de doutorado na Faculdade de Letras de Paris, logo publicada com o título de *Vieira, sa vie et ses oeuvres* (1879). No prefácio, o autor não se esqueceu de agradecer Denis por sua ajuda, escrevendo: “Agradecemos todos os eruditos que, de bom grado, nos transmitiram informações. Devemos agradecimentos especiais ao Sr. Ferdinand Denis, conservador da Biblioteca Santa Genoveva, que colocou generosamente à nossa disposição o seu tempo, as suas obras de erudição e a sua bela biblioteca”. Cf. *La presse du samedi*, Paris, 01/04/1880, s./p.; CAREL, Ernest. *Vieira, sa vie et ses œuvres*. Paris: Gaume et cie., 1879. p. XII.

⁵²⁷ Antônio José da Silva, o Judeu (1705-1739), poeta satírico e dramaturgo português, nascido no Brasil. Acusado de judaísmo, foi perseguido e condenado à fogueira pelo tribunal da Santa Inquisição.

Sr. Ernest David,⁵²⁸ que começou a imprimi-la nos *Archives* publicados por seus correligionários, e que, tendo realizado a impressão de uma pequena quantidade de exemplares, fará dela uma curiosidade bibliográfica.⁵²⁹

V. Sa. vê, meu caro confrade e amigo, que a minha biblioteca particular não falha, pois cristãos e israelitas vêm e colhem frutos dela – que ainda não amoleceu demasiadamente.

V. Sa. também deverá saber, para o seu conhecimento, de uma notícia que não concerne senão aos geógrafos e às pessoas de nossa profissão: a Biblioteca Nacional acaba de adquirir, de um só golpe, dois globos, dos quais um, especialmente, é datado dos primeiros tempos da descoberta da América.

Adeus por hoje, meu caro e honrado colega. Acredite na velha afeição de seu mui devotado.

Ferdinand Denis

82. Carta de Denis a D. Pedro II (19/03/1879)⁵³⁰

Paris, 19 de março de 1879

Majestade,

Fiquei sabendo, não sem viva satisfação, que estais enfim, graças à diligência do Sr. d'Escragnolle Taunay, de posse de uma parte (e por certo a mais importante para vós) da obra do Padre du Jarric. Minhas perquirições, longe de cessarem neste ponto, vão se redobrar, para que a obra inteira conste enfim de vossa preciosa biblioteca. Hoje, tenho por dever remeter a Vossa Majestade a curiosa brochura do Padre Laureano sobre a Amazônia e principalmente sobre o rio Napó, que foi há pouco publicada pelo douto franciscano Marcellino de Civezza. Tendo me sido feita recentemente uma nova remessa deste opúsculo, vinda da Itália, me apressei a fazer chegar a vossas mãos um exemplar, pelo intermédio do Sr. Franklin Ramiz Galvão. Será uma felicidade se ele puder completar vossos estudos sobre um dos pontos geográficos mais importantes do vosso vasto império. O título da obra é por certo o seu tanto discutível, e eu estaria muitíssimo mais satisfeito de vos remeter *El Nuevo descubrimiento del grande Rio de las Amazonas por el Padre Cristobal de Acuña*, executado em 1639 e publicado em 1641.⁵³¹ A excessiva raridade dessa obra foi muito exagerada, no entanto, como o prova o Repertório Americano,⁵³² impresso em Londres em 1827: é fácil encontrá-lo, é necessário ter de tudo.

⁵²⁸ Ernest David (1824-1886), historiador, tradutor e musicólogo francês.

⁵²⁹ DAVID, Ernest. *Les Opéras du Juif Antônio José da Silva (1705-1739) par Ernest David, extraits du Journal les Archives Israélites*. Paris: A. Wittersheim, 1880.

⁵³⁰ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 19/03/1879. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 181 – Doc. 8258 [d03]. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por George Raeders. Cf. RAEDERS, Op. cit., 1944, 180-182.

⁵³¹ Cf. ACUÑA, Christoval de. *Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas. Por el Padre Christoval de Acuña, Religioso de la Compañia de Jesus, y Calificador de la Suprema General Inquisicion. Al qual fue, y se hizo por orden de su Magestad, el año de 1639*. Madrid: imprenta del Reyno, 1641. Foi escrita pelo jesuíta espanhol Cristóbal de Acuña (1597-1670).

⁵³² *EL repertorio americano*. Londres: Bossange, Barthési i Lowell, 1826-1827. 4 vol.

Vossa Majestade, sempre tão curiosa no que diz respeito à geografia americana, estimará saber que a biblioteca da Rua Richelieu acaba de se enriquecer, graças ao dedicado Cortambert, de dois globos do século XVI. O mais precioso, que ao mesmo tempo se encontra em melhor estado de conservação, é anterior às descobertas de Magalhães.

Estou certo de que Vossa Majestade já recebeu há várias semanas o pequeno volume publicado em Madrid por ordem do Ministério do Fomento em 1879, sob o título de: *Los restos de Colon – informe de la real Academia de la historia al gobierno de Su Majestad sobre el supuesto hallazgo de los verdaderos restos de Christobal Colon en la iglesia catedral de Santo Domingo*.⁵³³

Este opúsculo causou, como era de esperar, grande sensação entre os americanistas.⁵³⁴ A digna esposa do saudoso Porto Seguro prossegue em suas atribuições maternas com perseverança. Ela não só se ocupa em difundir as obras de seu marido, como quer que seus filhos deem continuidade aos trabalhos tão meritórios do pai: recentemente ela os deixou num excelente colégio em Londres, onde eles devem adquirir um conhecimento mais aprofundado da língua inglesa.

Causou-me vivo pesar a recente notícia sobre o doloroso estado de saúde em que se encontra o digno Sr. Taunay, ao qual Vossa Majestade devota um interesse tão benevolente e tocante. Faço votos sinceros para que o próximo correio nos traga notícias mais reconfortantes.

Sou, com respeito,
de Vossa Majestade,

o muito obediente
e muito devotado servo
Ferdinand Denis

83. Carta de D. Pedro II a Denis (13/04/1879)⁵³⁵

Senhor,

⁵³³ COLMEIRO, Manuel. *Los restos de Colon, informe de la real Academia de la historia al gobierno de Su Majestad sobre el supuesto hallazgo de los verdaderos restos de Christobal Colon en la iglesia catedral de Santo Domingo*. Ministerio del fomento. Madrid: Imprenta de M. Tello, 1879.

⁵³⁴ O navegador e explorador genovês Cristóvão Colombo (1451-1506) faleceu em 1506, na Espanha, mas seus restos mortais foram transferidos alguns anos mais tarde para a ilha de Santo Domingos, na atual República Dominicana. Não há consenso entre os pesquisadores acerca do desfecho desta história: há os que sustentam que os espanhóis levaram a tumba do navegador para Cuba e de lá para Sevilha, na Espanha, depois de terem perdido a ilha de Santo Domingos para os franceses, em 1795; e há aqueles que afirmam que os conquistadores transportaram o corpo errado. Por isso, atualmente existem dois túmulos de Cristóvão Colombo, um na Catedral de Sevilha, na Espanha, e outro em Santo Domingo Este, na República Dominicana – mais precisamente no Farol de Colombo, que foi inaugurado em 1992 em celebração aos 500 anos do descobrimento das Américas. Mas a polêmica, como se vê, começou muito tempo antes, já no século XIX.

⁵³⁵ D. PEDRO II. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 13/04/1879. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 64-66). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n117/mode/2up>. Acesso em 07 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por Afonso Arinos. Cf. ARINOS, Op. cit., p. 13.

Obrigado pela sua carta de 19 de março. Ela é mais uma prova de que V. Sa. jamais se esquece de meu país, que o estima tanto quanto V. Sa. merece. Ainda não recebi a brochura do Padre Laureano sobre o rio Napo. Por certo ela me interessa bastante.

Não conheço o informe da [ilegível] de história sobre a suposta descoberta dos restos de Colombo em São Domingos, de que tenho notícia há muito tempo.

As notícias que V. Sa. me dá sobre a Sra. de Porto Seguro muito me tocaram. V. Sa. sabe como sempre prezei Varnhagen e sua família.

Meu antigo mestre e amigo Sr. Taunay⁵³⁶ está melhor, segundo me disseram há pouco, ainda que esteja impossibilitado de caminhar por causa da luxação de um de seus fêmures. Aproveitei de meu repouso em Petrópolis, para onde volto ainda hoje, para estudar a tradução de Píndaro em verso francês.⁵³⁷

Espero que V. Sa. continue a conceder-me o prazer de privar da sua pessoa e me dê notícias sobre os brasileiros que visitarem o amigo de seu país. Em cada uma dessas visitas V. Sa. apreciará sem dúvida o remorso por não tê-las feito mais amiúde.

Seu muito afeiçoado
D. Pedro d'Alcântara

Rio, 13 de abril de 1879

84. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/05/1879)⁵³⁸

Paris, 15 de maio de 1879

Caro Senhor e honrado confrade,

Eis que várias remessas se sucedem, sem me trazer a sombra de uma notícia da Biblioteca do Rio de Janeiro e de seu ilustrado diretor – especialmente essas últimas me fazem falta. O exato e gentil Sr. Porquet lhe transmitiu minhas cartas e algumas encomendas as quais, por sua natureza especial, eu supunha que lhe fossem agradáveis (em especial o vasto catálogo do Sr. Leclerc⁵³⁹). Nem mesmo a mais ínfima palavra me chegou a esse respeito de V., o qual, malgrado seus numerosos trabalhos, até recentemente me acostumara a uma benévola recordação. Correm, aqui, rumores a respeito da situação higiênica do Rio de Janeiro que, sem serem absolutamente inquietantes, não são

⁵³⁶ Trata-se de Félix Émile Taunay. Ver sua biografia na carta de D. Pedro II a Denis de 14 de março de 1878.

⁵³⁷ D. Pedro II provavelmente tinha em mãos algum estudo sobre o poeta lírico Píndaro (518 a. C.-438 a. C.) feito pelo helenista francês Alfred Croiset (1845-1923), como revela a seguinte passagem, extraída de uma carta do imperador a Joseph Arthur de Gobineau, o conde de Gobineau (1816-1882), de 15 de novembro de 1881: “Leio o livro de Croiset sobre Píndaro. Tais leituras, sem perturbar os deveres indispensáveis, me proporcionam boas jornadas intelectuais”. Apud: RAEDERS, Georges (org.). *D. Pedro II e o conde de Gobineau (correspondência inédita)*. Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5a., Vol. 109. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938. p. 609-610.

⁵³⁸ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/05/1879. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0079 e 0080. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁵³⁹ Ver a respeito do catálogo Leclerc a carta de Denis a D. Pedro II de 15 de janeiro de 1878.

reconfortantes. Espero que isso não tenha relação alguma com o seu silêncio, e que V. Sa. e a sua digna família não tenham de se queixar da saúde.⁵⁴⁰

V. Sa. deve se considerar feliz, caro senhor, por não ter precisado atravessar, assim como a Sra. Ramiz Galvão, o horrível inverno que nos entristeceu e que ainda nos faz sentir a sua triste influência. Minha velha saúde resistiu, sem dúvida, mas meu coração ainda está estremecido pelos eventos dolorosos que tive de suportar, e que me trouxeram perdas irreparáveis. Quantos amigos e amigas perdidos, que certamente deveriam ter sobrevivido a mim.

Recorri a meu remédio habitual: o trabalho. Por mais impotente que seja, faz-me bem insistir nele e V. Sa. verá, caro senhor, que não me esqueço do Brasil.

Há tempos nada temos tido, aqui, de fato, de publicações sérias, que lhe interessem diretamente, e V. Sa. sem dúvida recebeu já há muito as *Singularités de la France Antarctique*, reeditadas pelo Sr. Gaffarel.⁵⁴¹ Afirmaram-me que as viagens de Jean de Léry não tardarão a aparecer.⁵⁴² Eis dois livros que se tornaram, por assim dizer, raros, os quais figuram com alguma honra nas bibliotecas do Brasil.

Espero que V. Sa. tenha tido a bondade de remeter a Sua Majestade a brochura do Frei Laureano de la Cruz. A última carta que ela me fez a honra de me dirigir indicava-me que ela ainda não a havia recebido no dia 13 de abril.

V. Sa. me dará um grande prazer se enviar ao Sr. Victor de Meirelles a carta que eu lhe endereço, pois suponho que V. Sa. tenha relações amistosas com esse hábil artista.

Eu não lhe escrevo mais hoje porque chegamos ao dia 15 e vou remeter ao Sr. Porquet uma preciosa brochura geográfica recente que eu tenho a certeza de que será de interesse ao seu ilustrado Imperador – o qual, além disso, bastante provavelmente possui o mui belo *Atlas de Jomard*.⁵⁴³

Termino, meu caro e honrado confrade, renovando-lhe a expressão de meus sentimentos afetuosos e devotados.

Ferdinand Denis

⁵⁴⁰ Após uma grande epidemia da doença ter assolado a corte em 1873, o governo brasileiro decidiu multiplicar os esforços para detê-la, sobretudo porque seus surtos poderiam dificultar a imigração europeia e consequentemente atrapalhar os planos de substituir o trabalho escravo pelo trabalho livre europeu. Corria a ideia de que as causas da febre amarela estavam no próprio meio ambiente nacional: tanto nas condições atmosféricas – ou seja, no clima quente e hostil –, quanto no meio social – ou seja, nos hábitos e costumes da população local, o que deu origem a um grave problema habitacional e à destruição dos cortiços do Rio de Janeiro. Segundo Chalhoub, “a destruição dos cortiços fizera-se então indispensável, entre outras coisas, porque na imaginação de políticos e higienistas do período essas habitações estavam irremediavelmente associadas a imigrantes morrendo de febre amarela. Em outras palavras, os cortiços supostamente auferiam à capital do Império – e seu principal porto de entrada – a reputação de cidade pestífera, desencorajando assim que os europeus imigrantes em potencial decidissem ‘fazer a América’ no Brasil”. Cf. CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 89-90.

⁵⁴¹ THEVET, Op. cit.

⁵⁴² LÉRY, Jean. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil avec une introduction et des notes par Paul Gaffarel*. 2 vol. Paris: Alphonse Lemerre, 1880.

⁵⁴³ Edme-François Jomard (1777-1862), cartógrafo, engenheiro e arqueólogo francês. Denis se refere aqui provavelmente à obra *Introduction à l'atlas des monuments de la géographie. par feu M. Jomard. Publiée par les soins et avec des remarques de M. E. Cortambert* (1879).

85. Carta de Denis a Victor Meirelles (15/05/1879)⁵⁴⁴

Paris, 15 de maio de 1879

Caro senhor Victor Meirelles

É com viva satisfação que recebi há pouco a amável lembrança que V. Sa. teve a feliz ideia de me endereçar, acompanhada de uma fotografia excelente que reavivou em minha memória seus inícios na arte que V. Sa. pratica com denodo e com o ardor juvenil que consagra a seus estudos, ardor incessante, vontade firme de ser bem-sucedido, que produziu frutos: eu agradeço por esse duplo presente.

Sua juventude floresceu; minha velhice encanecida, que resistiu durante este sombrio inverno a tanta dor irreparável, na minha idade, ainda me permite constatar: ainda tenho bons olhos e o coração por vezes me leva em imaginação a seu belo país. — Já não tenho as asas da esperança, como diz o poeta; ainda tenho o fogo que aviva as lembranças.

Noto que V. Sa. trabalhou singularmente desde a sua *Primeira missa no Brasil*;⁵⁴⁵ se algum dia se reproduzir por fotografia ou por gravura a sua *Passagem de Humaitá*⁵⁴⁶... mas é necessário se apressar, a Parca tão bem representada por Hans Holbein⁵⁴⁷ não espera a gente de minha idade, e quando eu olho para minha certidão de batismo, vejo [ilegível] que sou mais velho um ano e meio que este século... As folgas, de resto, devem lhe fazer falta; todos me dizem que V. Sa. está assoberbado e que trabalha muito, do que lhe felicito: o trabalho é com efeito a manifestação da vida.

Lá se foram quase vinte anos desde que conhecia V. Sa., muito solícito, e tenho todos os dias diante dos meus olhos encantadores testemunhos disso: eis que venho solicitar seu benevolente auxílio no interesse de uma dama de alto mérito, viúva do historiador do Brasil⁵⁴⁸ cujo pensamento certamente estimulou V. Sa. quando sua imaginação ainda juvenil criou uma de suas mais belas obras.

Adeus por ora, caro senhor, aceite novamente meus agradecimentos pelas interessantes informações e creia que serei sempre infinitamente sensível às notícias que vierem à França de seu legítimo sucesso.

Seu afeiçoado e dedicado
Ferdinand Denis

⁵⁴⁴ DENIS, Ferdinand. [Carta a Victor Meirelles]. Paris [França], 15/05/1879. Apud: SAMPAIO, Rangel de. *O Quadro A Batalha dos Guararapes, seu autor e seus críticos*. Rio de Janeiro: Typographia de Serafim José Alves, 1880. p. 345-346. Original em francês, tradução minha.

⁵⁴⁵ Ver a respeito da obra de Meirelles a carta de Ramiz Galvão a Denis de 15 de julho de 1876.

⁵⁴⁶ *A Passagem de Humaitá* (1872), uma das mais famosas telas de Victor Meirelles, representa a batalha naval homônima, ocorrida em 19 de fevereiro de 1868, durante a Guerra do Paraguai, que resultou na vitória das forças aliadas (Brasil, Argentina e Uruguai) sobre as paraguaias.

⁵⁴⁷ Referência a Hans Holbein (1460-1524), o velho, um pintor nascido no território conhecido atualmente como Alemanha, ou a seu filho, Hans Holbein (1497-1543), o jovem, de mesma origem, que foi pintor, desenhista de xilogravuras e de joias, considerado um dos maiores expoentes do Renascimento.

⁵⁴⁸ Referência a Varnhagen. Ver, a esse respeito, a carta de Denis a D. Pedro II de 17 de maio de 1879, reproduzida abaixo.

86. Carta de Denis a D. Pedro II (17/05/1879)⁵⁴⁹

Paris, 17 de maio de 1879

Majestade,

Vossa carta datada de 13 de abril último é a um tempo tão benevolente e tão encorajadora que eu não hesito em vos fazer perder alguns instantes preciosos, respondendo a ela sem demora. Creio que o exemplar da memória de F. Laureano de la Cruz intitulada em 1651 *Descubrimiento del Rio de Marañón llamado de Amazonas* enfim chegou a vossas mãos. – Imaginando que possuís em vossa erudita biblioteca particular o precioso *Atlas de Jomard*, fruto de tão longos trabalhos e que dá muito maiores mostras de exatidão que o do Visconde de Santarém,⁵⁵⁰ por certo mais magnífico que o seu, tomo a liberdade de fazer chegar a vossas mãos um excelente trabalho, executado pelo digno Cortambert. Ele me foi remetido por este hábil geógrafo para ser ofertado a Vossa Majestade.

A publicação do esplêndido *Missal Pontifical de Gonçalves Neto* caminha a largos passos para a conclusão e a despeito dos profundos reveses que marcaram para mim este cruel ano, pude terminar este trabalho longo e difícil que havia prometido ao Sr. Maciá, e que devia acompanhar este volume magnífico. Dentro de alguns meses Vossa Majestade poderá ver nesta espécie de inventário de manuscritos ornados que o Brasil não caiu no esquecimento. Um precioso volume da Biblioteca de Rouen, que figurou na exposição universal do ano passado,⁵⁵¹ permitiu-me evocar a presença de cinquenta brasileiros tamoios, em França, tomando parte nos festejos do ano 1550, onde figuraram na capital da Normandia, com toda a pompa daquele tempo, Henrique II, Catarina de Médici e a jovem Mary Stuart.⁵⁵²

Imagino que Vossa Majestade já recebeu a reimpressão das *Singularidades da França antártica* que acabam de ser de novo aumentadas pelo Sr. P. Gaffarel. Infelizmente todas as gravuras deste precioso volume não puderam ser reproduzidas e aquelas que o foram por certo não têm a finura de execução que sempre distinguirão aquelas do século XVI. Tal no entanto não desdoura do serviço prestado à história do belo país que tem a felicidade de viver sob um reino como o vosso.

Dizem-me que é a incomparável tipografia dirigida pelo Sr. Lemerre⁵⁵³ que se incumbiu de reproduzir a viagem ainda mais preciosa que a obra precedente, e que carrega o nome de resto tão recomendável do bom Jean de Léry. Foram-me feitas propostas a esse respeito por um editor renomado, mas, ainda que não me falte boa vontade e que eu esteja

⁵⁴⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 17/05/1879. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 181 – Doc. 8258 [d01]. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por George Raeders. Cf. RAEDERS, Op. cit., 1944, 182-184.

⁵⁵⁰ Manoel Francisco de Santarém, o visconde de Santarém (1791-1856), político, historiador e geógrafo português. Denis parece se referir aqui à obra *Atlas composé de cartes des XIV^e, XV^e, XVI^e et XVII^e siècles pour la plupart inédites, et devant servir de preuves à l'ouvrage sur la priorité de la découverte de la Côte Occidentale d'Afrique au-delà du Capo Bojador par les portugais*, cuja primeira edição data de 1841. A respeito de suas relações pouco amistosas com Denis, cf. NEMÉSIO, Vitorino. Relações francesas do Romantismo português. *Cursos e conferências*, Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Coimbra, v. IV, p. 1-172, 1935.

⁵⁵¹ Referência à Exposição Universal de 1878, realizada na cidade de Paris entre 20 de maio e 10 de novembro de 1878.

⁵⁵² Ver, a respeito da entrada do rei na cidade de Rouen, a carta de Denis a Ramiz Galvão de 16 de setembro de 1878.

⁵⁵³ Alphonse Lemerre (1838-1912), poeta, bibliógrafo e livreiro-editor em Paris.

familiarizado com a matéria, declinei do empreendimento. Não se pode executar coisas demais a um só tempo, e a data de meu nascimento não se apaga de minha memória. Não obstante, dentro de alguns meses veremos se, graças a Deus, esta velha memória está conservada. Há também na Biblioteca do Arsenal um pequeno livreto sem nome de autor que muito chamou a atenção de Vossa Majestade e que eu gostaria de reproduzir. Quantos desejos audaciosos!...

Atrevi-me a ler as boas e tocantes palavras que continha vossa carta à respeitável viúva de Varnhagen: eu não saberia dizer quanto esta digna mulher ficou comovida por elas. Por sua última vontade, aquele que fizestes por justa razão Visconde de Porto Seguro pediu que uma cruz (Tosca) em pedra fosse erigida em Sorocaba, seu lugar de nascimento. Para cumprir as pias determinações de uma mulher que de nada se esquece, acabo de escrever ao hábil Victor Meirelles para que me diga quanto custaria este pequeno monumento, que por inscrição só teria duas datas, a de nascimento e a de morte.⁵⁵⁴

Graças à Sociedade Geográfica de Paris, não desespero de publicar os dois mapas de Claude de Vau de Claye, cujas fotografias, doravante imperecíveis pois que fixadas em pedra, Vossa Majestade teve a bondade de aceitar. Se eu levar a efeito esta curiosa publicação vou anexar a ela uma preciosa carta do contra-almirante Mouchez,⁵⁵⁵ cujo parecer sobre estes dois monumentos do século XVI solicitei. Infelizmente, o erudito diretor do Observatório de Paris, que avistei há poucos dias, não está feliz com seu presente estado de saúde; o ar lhe falta, ele me dizia com uma espécie de abatimento, e lembrou no momento seguinte com uma espécie de alegria o ar vivificante que respirava nas costas do Brasil, quando estive ali encarregado de fazer a hidrografia.

Paro por aqui, senhor, já com receio do abuso que faço de uma permissão tão amplamente usada: assim o quis vossa inesgotável bondade.

Sou, com respeito, de Vossa Majestade, o muito humilde e muito obediente servo

Ferdinand Denis

87. Carta de Denis a Ramiz Galvão (14 e 15/07/1879)⁵⁵⁶

Paris, 14 de julho de 1879

Meu caro e honrado confrade e amigo,

Estou ainda mais encantado de haver recebido a sua última carta datada de 9 de junho porque ela me dá plenas garantias do estado de sua saúde. V. Sa. verá pelo conteúdo

⁵⁵⁴ Como era casado com uma chilena, Varnhagen foi sepultado na cidade de Santiago, no Chile. Em homenagem ao historiador, o governo brasileiro mandou erigir um monumento – feito aparentemente por Victor Meirelles – em Sorocaba, sua cidade natal. Nele se lê a seguinte inscrição: “À memória de Varnhagen Visconde de Porto Seguro nascido na terra fecunda descoberta por Colombo. Iniciado por seu pai nas coisas grandes e úteis, estremeceu a pátria escrevendo-lhe a história. Sua alma imortal reúne aqui todas as suas recordações”. Somente mais tarde, em 1976, seus restos mortais foram transferidos para Sorocaba.

⁵⁵⁵ Esta carta atualmente se encontra no fundo do autor na Biblioteca Santa Genoveva. Cf. MOUCHEZ, Ernest. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 16/01/1873. 1 doc. 4 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 49-52). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n107/mode/2up>. Acesso em 07 mar. 2020.

⁵⁵⁶ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14 e 15/07/1879. 1 doc. 3 p. IHGB, DL712.26-0081, 0082 e 0083. Original em francês, tradução minha. Inédita.

da encomenda que lhe foi expedida pelo Sr. Porquet que eu correspondo ao seu desejo no que tange à brochura do Padre Laureano. O Reverendo Padre Marcellino da Civezza tendo me enviado a tiragem à parte que V. Sa. lhe demandou, folgo em lha transmitir. Infelizmente, não posso lhe endereçar o enorme volume que foi impresso. Trata-se de uma *Bibliographia Geografica e Historica des Missions franciscaines*,⁵⁵⁷ publicada no Prato. Há nela uma multitude de artigos que irão à sua biblioteca, os quais o Reverendíssimo não pôde me expedir senão um exemplar. Ao opúsculo em questão, adiciono outro, de natureza bastante diferente. Trata-se de uma pequena dissertação a respeito da música dos Goces, publicada por um de nossos confrades, o Sr. Ruel,⁵⁵⁸ eu sei que V. Sa. não é indiferente a tais sortes de curiosidades que passam muito frequentemente despercebidas e que não são comercializadas.

Eu não poderia estar mais satisfeito por tomar conhecimento de que a publicação dos *Anais* segue em curso. Estando o Ministro de Instrução Pública desejoso de que, ao retorno das próximas férias, nós divulgássemos aos nossos numerosos leitores todos os nossos periódicos, farei entrar os supracitados *Anais* nessa categoria. Nosso arquiteto se ocupa neste momento das disposições a tomar tendo em vistas este mister.

Carregado pela torrente, Wiener não vem me ver mais do que ele lhe escreve. Nada há nisso que me surpreenda. Muito vivi para me espantar com algo. Apenas sei que ele se tornará (se é que já não o é) vice-cônsul na Venezuela,⁵⁵⁹ e que, estando próximo do empreendedor e ativo Sr. de Lesseps,⁵⁶⁰ ele deve trabalhar na seção do Istmo do Panamá. Espero poder lhe dizer mais a este respeito numa outra ocasião. É em si algo magistral poder tomar parte, quando se é jovem, em uma operação dessa importância.

Penso naturalmente, como V., meu caro confrade e amigo, na história do Brasil francês. É um assunto desflorado, como nós dizemos, e não valeria a pena, na verdade, que eu renunciasse, assim, à publicação de minha “France Antarctique”,⁵⁶¹ para a qual reuni tantos materiais dos quais não se tinha nenhum conhecimento. Darei conhecimento de alguns deles no singelo trabalho que preparo neste momento para a publicação do mapa do Rio de Janeiro realizado em 1579,⁵⁶² mapa que a Sociedade de Geografia muito deseja me

⁵⁵⁷ CIVEZZA, Marcelino. *Saggio di Bibliografia geografica, storica, etnografica sanfrancescana*. Prato: R. Gasti, 1879.

⁵⁵⁸ Segundo carta de certo M. Lesage ao dramaturgo e libretista Charles Nutter (1828-1899), datada de 19 de outubro de 1871, o Sr. Ruel, então redator na Instrução Pública, partia à Espanha numa missão “arquivo-musical”. Cf. LESAGE, M. [Carta a Charles Nutter]. Paris [França], 19/10/1871. Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8419285x.r=Ruel?rk=21459;2>>. Acesso em 07 mar. 2020.

⁵⁵⁹ Wiener seria nomeado vice-cônsul de Guayaquil, no Equador, em 9 de outubro de 1879.

⁵⁶⁰ Ferdinand de Lesseps (1805-1894), escritor e diplomata francês. Membro da Academia Francesa de Letras, desde 1884.

⁵⁶¹ A correspondência de Denis com Ramiz Galvão revela que, por muitos anos, o primeiro pretendeu publicar um novo livro sobre a tentativa de colonização francesa na Baía de Guanabara, entre 1555 e 1560, tema que ele dominava amplamente, após mais de cinco décadas de estudo. Com efeito, Villegaignon, Jean de Léry e André Thevet aparecem entre os assuntos mais recorrentes nos livros de Denis, na sua correspondência íntima e também nos seus papéis pessoais, atualmente conservados na Biblioteca Santa Genoveva. As pesquisas do autor parecem tê-lo levado ainda a localizar, na Biblioteca do Arsenal, um manuscrito inédito sobre o assunto, de 1565, chamado “Martyres en la terre deu Brésil; Bref recueil de l’affliction et dispersion de l’Eglise des fideles au pays du Bresil, partie de l’Amerique Australe: Ou est contenu sommairement le voyage & navigation, faicte par Nicolas de Villegaignon, audict pays du Bresil, & de ce qui en est avenu”. No entanto, a concorrência com outros escritores, sobretudo com Paul Gaffarel – que recentemente publicara uma segunda edição das obras de Thevet e de Léry –, arrefeceu o seu entusiasmo e ele acabou abandonando o projeto.

⁵⁶² Referência aos dois mapas de Jacques de Vau de Claye. Ver a esse respeito a carta enviada por Denis ao visconde de Bom Retiro, em 24 de janeiro de 1872.

ajudar a atualizar, sem o que eu [jamais] poderia arcar com minhas despesas – despesas sensivelmente onerosas para um salário como o meu.

Acabei, enfim, de terminar o grande trabalho a respeito dos manuscritos ilustrados portugueses, os quais devem acompanhar a grande publicação do Sr. Maciá (le *Missel d'Estevão Gonçalves Neto*). Encontrei meios de fazer deslizar ali algumas palavras sobre V. Sa. e sobre a sua biblioteca, num artigo suplementar no qual eu descrevo um esplêndido manuscrito de Rouen, escrito em 1550 e representando as Índias, do qual me ocupei anteriormente em minha brochura intitulada “Triomphante entrée de Henry II, en la ville capitale de la Normandie”. Procuro fazer com que se sinta o serviço que V. Sa. prestou ao fundar o Gabinete Iconográfico, cujo catálogo sumário ficaremos felizes em receber aqui.

Fiz aqui esforços vãos para conhecer o general Couto de Magalhães. Ele havia partido quando me apresentei em seu hotel. Eu esperava que ele não saísse da Inglaterra sem retornar a Paris. V. Sa. o conhece? Sabe se ele prepara novos documentos acerca das tribos indígenas que ele conhece tão bem?... Vaos publicar aqui um livro que certamente não é estranho a este tema. Trata-se de uma monografia de Antonio Vieira, o grande orador que era uma espécie de “Las Casas” brasileiro. O autor deste livro, o Abade Sr. Carel, ao qual minha biblioteca particular foi aberta, como V. Sa. o fará mais tarde de bom grado, me deu uma cópia do trabalho dele que levarei ao Sr. Porquet, e de minha parte lhe peço que a transmita a Sua Majestade D. Pedro d’Alcantara. A obra é realizada com seriedade e num estilo elevado. Pode-se afirmar com segurança que ela sana uma lacuna na história literária de Portugal, mas não se pode dissimular, ao mesmo tempo, que ela, não obstante, depara-se com alguns erros geográficos, que nós certamente não podemos notar aqui, mas que chocarão o centro científico e literário do qual V. Sa. faz parte. Ele não deixa de ser um livro notável, do qual a sua biblioteca deverá se enriquecer, caso eu não possa lho enviar.

O Jean de Léry, que V. Sa. tanto aprecia, se imprime, dizem, no famoso editor Lemerre, o que quer dizer que ele será admiravelmente executado sob o ponto de vista tipográfico. Veremos como ele foi tratado. Pode ser que eu abdique da recusa que fiz de empreender uma edição desta obra. Sei quanto me custou de trabalho aquela do Padre Yves d’Évreux.

Adeus, meu caro confrade e amigo. Não demore muito em me responder. Não se esqueça de quão enormemente pensam sobre mim os anos. Eu não sou menos o seu devotado e afeiçoado

Ferdinand Denis

Manhã de 15 de julho

Post-Scriptum – Faça a gentileza, eu lhe peço, de transmitir os meus melhores cumprimentos ao Sr. Victor Meirelles, de agradecê-lo, da minha parte, pela bondosa carta que ele gentilmente me escreveu. Apesar do terrível clima que vem fazendo em Paris há vários meses, fui, sem demora, à casa da Viscondessa de Porto Seguro, que habita a cerca de um *lieue* da minha, na Rua de Clichy nº 10, e lá tomei conhecimento de que esta dama estimável, tão ligada à memória de seu marido, havia partido para Londres, onde ela cria seus dois filhos. Não me será possível vê-la antes do dia 24 de julho, e só então poderei obter as indicações demandadas pela carta de Victor Meirelles.

Ficarei encantado em conhecer os trabalhos do Dr. Nogueira⁵⁶³ sobre os quais V. Sa. deseja me falar. Não me furtarei igualmente, quando vir Wiener, a lhe demandar “O Relatório”⁵⁶⁴ que ele, segundo V. Sa. me diz, lhe enviou, e que ainda não lhe chegou. Eu estive resfriado, mas corro ao digno Porquet que, suponho, fechará a sua caixa de livros.

88. Carta de Denis a D. Pedro II (18/07/1879)⁵⁶⁵

Paris, 18 de julho de 1879

Majestade,

Quando vos dignais a dizer-me que desejais alguma informação geográfica ou literária, o assunto naturalmente me preocupa ao ponto de eu não pensar em nada mais e de resto isso é tão raro que com efeito não tenho mérito algum em tentar conseguir mais ou menos prontamente o que me fizestes a honra de solicitar no dia 24 de maio. O pedido não abandonou meus pensamentos, mas sua consecução enfrentou algum retardo, o que se resolverá, espero, sem demora. Não conheço pessoalmente o Sr. Lucien Adam, que reside habitualmente em Nancy; estou na mesma situação no que respeita ao Sr. Burtin.⁵⁶⁶ Tive que buscar informações junto a amigos benevolentes, segundo os quais posso esperar para daqui a alguns dias uma resposta favorável que me deixará tanto mais feliz por me permitir responder de modo satisfatório a um desejo científico respeitado por todos em França.

Não podendo remeter de imediato a Vossa Majestade o que ela desejava, não quis que a caixa que transporta mensalmente os livros adquiridos pela Biblioteca Nacional do Rio partisse sem levar a vosso palácio imperial uma novidade que mesmo em Paris não está completamente publicada. Falo de um livro notável, que o Abade Carel, professor de retórica no colégio de Juilly, oferece humildemente à Vossa Majestade antes de se submeter a seu exame de Doutorado em Letras, o que deverá acontecer muito em breve.

À exceção de algumas palavras ditas pelo Sr. Ch. Magnin⁵⁶⁷ há alguns anos, Antonio Vieira, o grande orador do século dezessete, não havia sido objeto de nenhum trabalho sério em França. Pode-se dizer que esta lamentável lacuna em nossos conhecimentos tão raros das literaturas estrangeiras não mais existe, uma tal homenagem foi feita a um tal gênio. Minha modesta biblioteca particular não foi alheia ao feito e ficarei

⁵⁶³ Provavelmente Denis se refere aqui à obra *Declaracion de la doutrina chirstiana: manuscripto Guarany, traduzido e anotado*, que seria publicada no ano seguinte por Antonio Joaquim de Macedo Soares (1838-1905) e pelo já mencionado Batista Caetano de Almeida Nogueira.

⁵⁶⁴ Não pudemos descobrir com certeza de que obra se trata. Há, todavia, nos catálogos da Biblioteca Nacional, um volume intitulado *333 Jours au Brésil*, de autoria de Wiener, impresso aproximadamente em 1908, o qual, pela temática concernente ao Brasil, pode se tratar do volume referido por Denis. Cf. WIENER, Charles. *333 jours au Brésil*. Paris: Delagrave, s.n. [circa 1908].

⁵⁶⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/07/1879. 1 doc. 4 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 181 – Doc. 8258 [d03]. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por George Raeders. Cf. RAEDERS, Op. cit., 1944, 184-186.

⁵⁶⁶ Ver, sobre Adam e Burtin, a carta enviada por D. Pedro II a Ferdinand Denis em 24 de maio de 1878.

⁵⁶⁷ Charles Magnin (1793-1862), crítico teatral e escritor francês. Foi conservador no Departamento de impressos da atual Biblioteca Nacional Francesa. Membro do Institut historique e da Académie des inscriptions et belles-lettres. Um dos poucos franceses a se debruçar sobre a obra de Antonio Vieira, sobre quem escreveu o artigo “Antonio Vieyra, prédicateur et missionnaire portugais”, publicado no segundo tomo de *Causeries et méditations* (1843).

feliz pelo jovem autor eclesiástico que fez uma tão nobre escolha se Vossa Majestade se dignar a aceitar sua obra.

Graças a Vossa Majestade, estou ao corrente de uma excelente nova, a retomada dos trabalhos do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Esta bela e útil coleção que lança tantas luzes sobre a história de vosso Império havia alguns meses dava mostras de uma lacuna sinceramente lamentada pelos autênticos americanistas cujo número, me apraz constatar-lo, cresce consideravelmente na Europa.

Se me fosse permitido falar de minhas humildes tentativas ao lado dos trabalhos de que falo, não hesitaria em dizer a Vossa Majestade que acabo de concluir enfim a notícia que deve acompanhar a publicação do Sr. Maciá e que por certo terá algum interesse para a história da iconografia portuguesa. Minhas indicações versam sobre diversos manuscritos pouco conhecidos que contêm preciosos retratos...

Quando tiver concluído este longo trabalho, vou enfim empreender a publicação das cartas de Jacques de Vau de Claye, das quais Vossa Majestade já possui as fotografias. – O texto e os dois mapas serão impressos sob os auspícios da Sociedade de Geografia e nas notas darei algumas informações que por certo escaparam à obra do Sr. Gaffarel. – Na minha notícia precedente, reunida ao esplêndido *Missal de Estevão Gonçalves*, o Brasil também não foi esquecido, graças a um manuscrito do século XVI.

Falaram-me que se poderia fazer uma tradução dos dois volumes da *História geral* do saudoso Porto Seguro.⁵⁶⁸ – Há pouco transmiti à viúva desse dedicado historiador o projeto do pequeno monumento que ela pretende erguer em intenção de seu marido. Infelizmente, quando me dirigi a sua residência em meio ao tempo verdadeiramente horrível que enfrentamos, esta excelente dama estava em Londres, aonde não raro o amor maternal a conduz. Felizmente ela deve estar de volta a Paris no dia 24 deste mês e ousa crer que, graças ao empenho do Sr. Victor Meirelles, seus piedosos desejos poderão se realizar. Perdoai estes detalhes numerosos de um velho correspondente que não desdenha de ler. Os octogenários são verbosos, mas vossa indulgência é infinita.

Sou, com profundo respeito, senhor,
de Vossa Majestade,

o muito humilde
e muito obediente servo
Ferdinand Denis

89. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/09/1879)⁵⁶⁹

Paris, 15 de setembro de 1879

Meu caro confrade e amigo,

V. Sa. me rodeia com publicações excelentes, e eu tenho diante de mim apenas alguns minutos para lhe agradecer. Não desejo, todavia, que a volumosa caixa parta sem que uma única palavra eu lhe diga da satisfação que me fizeram provar as suas últimas remessas. É um excelente pensamento aquele que deu origem à fundação de uma

⁵⁶⁸ Ao que tudo indica, tal tradução jamais chegou a ser publicada.

⁵⁶⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/09/1879. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0084 e 0085. Original em francês, tradução minha. Inédita.

verdadeira *Revista Brasileira*.⁵⁷⁰ É prova de um trabalho contínuo e verdadeiramente útil que a sua ilustrada publicação dos *Anais* tenha sido engendrada pelo Sr. G., na impossibilidade de publicar meus trabalhos longamente elaborados sobre Villegagnon e a “França Antártica”.⁵⁷¹ Nada lhe direi, aqui, no que tange ao seu sério e consciencioso artigo concernente ao “*Brasil francês*”. Não tenho o direito de fazê-lo. Confesso-lhe, ao mesmo tempo, que, com as formas as mais reais e as mais sinceras de polidez, é impossível evidenciar melhor certas enormidades que V. Sa. soube realizar. O livro, no entanto, oferece, é preciso que se diga, páginas muito boas.

Estou tão avançado em minha longa existência, tenho tão pouco direito de fazer planos, que ignoro se poderei executar a curta obra que me fizeram empreender Jacques de Vau de Claye e seus dois mapas. Ser-me-á ainda dado, neste breve trabalho, estabelecer certas datas e apontar certos fatos que eu havia reunido para minha *História*, negligenciada hoje, da *França Antártica*.

V. Sa. provavelmente verá, daqui a poucas semanas, o trabalho duro que acabei de realizar no intuito de colocar, à frente do suntuoso *Missal de Estevão Gonçalves Neto*, quase 100 páginas in-fólio. Eu me vi na necessidade de remover quase um quarto dele, para não multiplicar demasiado a despesa enorme que traz consigo esta magnífica e excelente edição. Não queria absolutamente que faltasse ao Brasil esta grande publicação, e um manuscrito francês do ano de 1550, que se admira hoje em Rouen, permitiu-me não apenas falar de seu belo país, mas lembrar dos nobres esforços que V. Sa. empreendeu para colocar em evidência, a serviço da arte, obras-primas que antes estavam negligenciadas.

Disse-lhe, ao princípio dessas breves palavras, escritas apressadamente, que me dobro um pouco sob o peso do trabalho. Não queria que o correio partisse sem todos os meus agradecimentos.

Seu confrade e amigo devotado.
Ferdinand Denis

90. Carta de Alfred d’Escragnolle Taunay a Denis (11/10/1879)⁵⁷²

Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1879

Exmo. Amigo e Sr. Ferdinand Denis

⁵⁷⁰ Pouco tempo antes, Nicolau Midossi (1838-1889) decidira reiniciar a publicação da *Revista Brasileira* – fundada em 1855, por Francisco de Paula Menezes (1881-1857), mas extinta desde 1861. Sob sua direção, foram publicados, entre junho de 1879 e dezembro de 1881, 30 números da revista, reunidos em dez volumes. Entre seus colaboradores, estiveram nomes como Machado de Assis, que ali lançou “Memórias Póstumas de Brás Cubas” em forma de folhetim, e o próprio Ramiz Galvão, que divulgou em suas páginas o artigo “O novo livro do Sr. Paulo Gaffarel. Histoire du Brésil Français”, impresso em seu primeiro número. Cf. MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 63; GALVÃO, Ramiz. O novo livro do Sr. Paulo Gaffarel. Histoire du Brésil Français. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. 1, junho-setembro 1879, p. 56-69; 181-193 e 275-284. Disponível em <http://memoria.bn.br/pdf/139955/per139955_1879_00001.pdf>. Acesso em 07 mar. 2020.

⁵⁷¹ Referência a Paul Gaffarel. Ver a carta de Denis a Ramiz Galvão de 14 e 15 de julho desse mesmo ano.

⁵⁷² TAUNAY, Alfred d’Escragnolle. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro, 11/10/1879. 1 doc. 3 p. Guardada dentro de um exemplar da segunda edição de *La Retraite de Lagune* (1879). BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 53942. Disponível em <https://archive.org/stream/DELTA53942FA/BSG_DELTA53942FA#page/n13/mode/2up>. Acesso em 08 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Inédita.

Acabo de receber a sua estimável carta de 17 do mês passado e imediatamente a ela respondo, não querendo deixar sem notícias minhas e de minha família quem se mostra tão nosso afeiçoado e amigo. As suas previsões realizaram-se felizmente, e hoje me acho muito melhor de saúde, mais animado e forte. Meu pai⁵⁷³ de seu lado tem resistido com admirável força vital a um a cento de moléstias e, apesar dos seus 86 anos, vai vivendo rodeado do amor e dos carinhos de minha mãe e de todos nós seus filhos, que tanto lhe devemos. É uma grande consolação para a casa vê-lo literalmente por vezes ressuscitado de moléstias fortes e complicadas umas com as outras.

Este belo país, sempre adornado dos esplendores da natureza em que tudo cresce a poder do calor e da umidade, vai desenvolvendo-se cada vez mais, embora pudesse, pelas suas condições excepcionais, já ter progredido muitíssimo mais. Duas causas opõem-se principalmente ao rápido adiantamento: preconceitos ainda arraigados a mal entendidos, patriotismo e o amor da política. Os brasileiros ainda não apreenderam de todo que só por meio das grandes correntes de emigração europeia poderão tomar o lugar que lhes compete entre as nacionalidades de mais futuro.⁵⁷⁴ Fui eu o primeiro que em 1873 na Câmara dos Deputados levantei os braços em favor da grande naturalização e, graças a Deus, a ideia tem caminhado, ainda que no meio de grandes dificuldades. Parece-me também que o entusiasmo pelas lutas políticas e localidades vai arrefecendo de maneira que acredito piamente que muito brevemente, no tempo em que se fazem as evoluções das nações, entrará este magnífico país em nova e regeneradora fase. Cumpriria também achar [ilegível] para a extinção radical da escravidão, mas de fato é coisa irrevogável, pois, como bem sabe, desde o abençoado dia 28 de setembro de 1871, não nascem mais debaixo do [ilegível] do Brasil um só ente escravo.⁵⁷⁵ Foi na realidade um serviço de ordem moral grandiosíssimo, esse que prestou o chefe do meu partido – o ilustre Visconde do Rio Branco!

Apesar de todos os tropeços, morosidades próprias da raça latina, [ilegível], continua o Brasil com a sua admirável monarquia hereditária, estendendo-se, como um enorme gigante meio insolente mas cheio de força, do Amazonas ao Prata, sempre unido, e grandes destinos lhe estão reservados. Não há dúvida – o Imperador é decidido patriota. Se mais não faz, é que tudo recai sobre ele. Aliás quase é republicano. Que mais queremos?

Como deve ter visto, no dia 15 do mês de agosto saiu dos prelos da casa Plon a 2a. edição da minha obra, precedida de um prefácio do Sr. Xavier Raymond, o qual sinceramente não me agradou.⁵⁷⁶ Achei-o frio demais e injusto para com uma operação de guerra tão penosa que ele capitulou “*d’échec*”, estranhando que a imprensa nacional do Rio de Janeiro tivesse publicado a sua narração. Sou-lhe grato do trabalho que teve, trabalho de certo consciencioso, mas como militar senti-me [ilegível]?

⁵⁷³ Ver a biografia do pai de Alfred d’Escragnolle Taunay, Félix Émile Taunay, na carta de D. Pedro II a Denis de 14 de março de 1878.

⁵⁷⁴ Alfred d’Escragnolle Taunay foi um dos grandes defensores da imigração europeia como ferramenta para promover o desenvolvimento do Brasil. Como político e membro da Sociedade Central de Imigração, ele se empenhou em criar leis que favorecessem a inclusão social do imigrante vindo da Europa, garantindo-lhe, entre outras coisas, o direito de adquirir terras e de vender seus produtos em território brasileiro.

⁵⁷⁵ Referência à Lei do Ventre Livre – também conhecida como Lei Rio Branco, em homenagem a um de seus principais idealizadores, José Maria da Silva Paranhos (1819-1880), o visconde do Rio Branco –, assinada em 28 de setembro de 1871 pela princesa Isabel, concedendo alforria a todos os filhos de mulheres escravizadas nascidos a partir daquela data.

⁵⁷⁶ Referência à obra *La Retraite de Lagune*, escrita pelo próprio Alfred d’Escragnolle Taunay, que teve uma primeira edição francesa, em 1868, uma tradução para o português, em 1874, e uma nova edição francesa, em 1879, com prefácio e notas de Xavier Raymond (1812-1886). Cf. BLAKE, Op. cit, v. 1, 1883, p. 56-57.

Pelo que diz o Victor, viaja ele agora pela Alemanha e Itália. E a carreira? O que fará depois destas excursões? Inquieta-me, pela estima que lhe consagro, não vê-lo ainda bem encaminhado.⁵⁷⁷ Enfim, confio nas belas qualidades que ele sem dúvida alguma possui e na sua boa estrela.

Minha mulher fala sempre afetuosamente no amável Sr. Ferdinand Denis. Manda-lhe muitas recomendações. Todos nós fazemos o mesmo e eu assino,

seu criado obrigado e amigo
Alfred d'Escragnolle Taunay.

91. Carta de Denis a Ramiz Galvão (17/01/1880)⁵⁷⁸

Paris, 17 de janeiro de 1880

Meu caro e ilustrado confrade,

Esperava poder enviar-lhe, por meio da intervenção do Sr. Porquet, a biografia do desafortunado Antônio José da Silva, sobre a qual lhe falei diversas vezes, mas o Sr. Ernest David, autor deste interessante trabalho, nada me havendo enviado, vejo, com grande pesar, que devo adiar o envio de tal brochura até o próximo mês – a retomada de todos os rigores do inverno tendo me impedido, sob a pena dos escorregões que são incompatíveis com minha idade, uma longa viagem aos bulevares do Temple.⁵⁷⁹ V. Sa. não pode ter uma ideia real dos desastres do sofrimento e, eu diria, mesmo dos simples incômodos que nos trazem, a cada dia deste ano, o prolongamento da estação fria, com a qual sofremos tão cruelmente. A neve, que há pouco criara obeliscos de vários metros em nossa praça, cai novamente e ignoramos ainda o que fará o recrudesimento dessa queda de temperatura. Tudo parece congelado pelo excesso de frio e pela sombria atmosfera que o acompanha. Longe de diminuir a afluência do nosso público, esse estado de coisas a aumenta de uma maneira prodigiosa: ele nos trouxe, no mês de dezembro, um número bastante superior a 11 mil indivíduos.

⁵⁷⁷ No começo de 1879, uma grande polêmica foi criada em torno dos nomes de Victor Meirelles e de Pedro Américo (1843-1905). Tudo começou quando ambos participaram da Exposição Geral de Belas Artes do Rio de Janeiro com pinturas históricas: o primeiro, com sua *Batalha dos Guararapes* (1875-1879), e o segundo, com sua *Batalha de Avaí* (1874-1877). A comparação entre os dois artistas e suas obras, exibidas lado a lado, não tardou a ocorrer, assim como a troca de farpas entre os defensores de cada um. Sob Meirelles recaíram duras críticas e ainda acusações de plágio. Poucos meses depois, ele perdeu um de seus quadros mais importantes, o *Combate Naval do Riachuelo* (1868-1872), que foi completamente destruído depois de ter sido exposto na Exposição Universal da Filadélfia de 1876. Após esses eventos, o artista decidiu se refugiar durante alguns meses na Europa – o que explica o tom de preocupação usado por Taunay ao falar do amigo brasileiro nesta carta a Denis. Cf. CASTRO, Isis Pimentel de. *Os Pintores de História. A relação entre Arte e História através das telas de batalhas de Pedro Américo e Victor Meirelles*. Dissertação (Mestrado em História Social). Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. Ver, a respeito da segunda versão do quadro *Combate Naval do Riachuelo* que seria pintado por Meirelles a partir de 1883, a carta de Denis a Ramiz Galvão de 18 de agosto de 1881.

⁵⁷⁸ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/01/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0087 e 0088. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

⁵⁷⁹ O Boulevard du Temple é um bulevar parisiense que separa o 3º e o 11º arrondissements, distando aproximadamente 2,7 quilômetros da Biblioteca Santa Genoveva. Ao que parece, era nesse endereço que se localizava a livraria de Charles Porquet, em 1880.

Eu não desejo que a encomenda que lhe chega mensalmente parta sem lhe dar a prova de que nos ocupamos de V. Sa. em Paris, e de seu belo estabelecimento. Destaco, portanto, de minha própria coleção, o último boletim do bibliófilo publicado por Techener,⁵⁸⁰ no qual V. Sa. encontrará um artigo consideravelmente longo acerca de seus *Anais*. Ainda ignoro absolutamente quem é o autor deste trabalho, mas a maneira deveras gentil com a qual sou nele tratado me faz suspeitar que ele é de autoria do Barão Ernouf.⁵⁸¹ Em todo caso, ele faz justiça ao seu zelo esclarecido, mesmo que lamentavelmente cometa algumas pequenas incorreções ortográficas no tocante ao seu nome. Malgrado esses pequenos deslizes sempre irritantes, é incontestável que o pequeno artigo em questão aqui é infinitamente favorável à sua bela publicação. Quando a estação tornar-se menos rigorosa e logo que eu me sinta menos gripado, passarei pela livraria Techener a fim de obter as erratas necessárias. V. Sa. não poderia acreditar quão enraizado em nós é o hábito de prefixar com o Dom honorário todos os nomes portugueses, à imitação do que se dá na Espanha.⁵⁸² Isso não passa de bobagem, no entanto, frustra os amigos estritos da exatidão. Eu não lhe digo mais nada a esse respeito por ora, e lhe rogo que acredite na velha afeição de seu devotado confrade e amigo.

Ferdinand Denis

Post Scriptum – Faça, então, a gentileza de me escrever algumas palavras dizendo-me se V. Sa. recebeu a visita da Sra. Viscondessa de Porto Seguro quando da passagem dela pelo Rio de Janeiro, e em que estado de saúde se encontrava esta Dama tão respeitável e interessante, a qual se dirigia ao Chile, o seu país natal. Rogo-lhe que V. Sa. transmita os meus respeitos à Sra. Ramiz Galvão.

Post Scriptum (bis) – Uma tenebrosa tempestade de gelo tendo repentinamente se declarado, vi-me na impossibilidade de ir mesmo de carro à loja do Sr. Porquet, de sorte que precisarei reenviar, na expedição de sua próxima encomenda, o artigo mencionado em minha carta, que eu lhe destinava. Jamais um inverno tão terrível, creio eu, nos afligiu. Hoje mesmo, dia 17 de janeiro, teço algumas palavras na semiobscuridade.

92. Carta de Denis a Ramiz Galvão (16/02/1880)⁵⁸³

Paris, 16 de fevereiro de 1880

Meu caro e ilustrado colega,

Fui, ontem, levar por conta própria ao Sr. Porquet – cuja precisão V. Sa. tão bem conhece – o pequeno pacote de ninharias literárias que deveria haver lhe portado o último

⁵⁸⁰ Léon Techener (1832-1888), bibliógrafo, colecionador e editor francês. Responsável pela publicação do *Bulletin du bibliophile et du bibliothécaire* (1858-1911), no interior da qual saiu um artigo sobre os *Anais da Biblioteca Nacional*, ao qual alude Denis mais adiante nessa mesma carta. Seu nome, aliás, aparece na lista dos colaboradores do periódico desde sua fundação, em 1858.

⁵⁸¹ Alfred-Auguste Ernouf (1817-1889), o barão de Ernouf, escritor e historiador francês.

⁵⁸² No artigo em questão, o autor escondido atrás das iniciais B. E. – segundo Denis, o barão de Ernouf – usou o pronome de tratamento dom para se referir a Ramiz Galvão, o que aparentemente não agradou o diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

⁵⁸³ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/02/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0090 e 0091. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

correio. Quando se vem de atravessar um horrível inverno como este que atingiu nossas saúdes entre 1879 e 1880, não podemos fazer o que queremos, mesmo com as melhores intenções do mundo.

V. Sa. me acostumou há tanto tempo a contar com a sua perfeita bondade, que tomei a liberdade de lhe sobrecarregar ainda uma vez com as minhas comissões para o Sr. d'Escragnolle Taunay e para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Como o seu belo país reivindica, com razão, a honra de haver dado à luz o desafortunado Antonio José,⁵⁸⁴ pensei que a brochura a respeito deste poeta dramático, que V. Sa. encontrará em grande número em sua remessa, não seria sem interesse para V. Sa. e mesmo para a biblioteca confiada aos seus cuidados. E, a propósito deste belo estabelecimento, esta missiva simpática poderia ser, desde o princípio, uma carta oficial de agradecimento, dado que recebi há três ou quatro dias da Biblioteca Santa Genoveva, por intermédio de intercâmbios internacionais, as entregas dos Volumes V e VI de seus excelentes *Anais*.⁵⁸⁵ Esta carta oficial de agradecimento eu a escreverei com a ansiedade a mais sincera, uma vez que V. Sa. me diga se é a V. Sa. diretamente que eu devo endereçá-la, ou se é a Sua Excelência o Ministro das Relações Exteriores.

Pode ser que V. Sa. não se incomode em saber que a Notícia a respeito de Antonio José não será comercializada. Trata-se de uma publicação à parte, impressa num número bastante restrito, que reproduz os artigos dos *Archives Israélites* em formato pequeno in-4. Sr. Ernest David, o autor deste trabalho, é um homem bastante instruído, músico virtuoso, especialmente, e tem a infelicidade de se encontrar quase que completamente privado do uso de suas pernas. Ele se encontra na impossibilidade de frequentar as bibliotecas públicas e enfrenta, assim, como V. Sa. pode facilmente supor, dificuldades deploráveis para continuar seu trabalho. Ele é, no entanto, autor de diversas obras estimadas.

Descobri recentemente, por meio de uma carta do Sr. Joaquim de Vasconcelos, que a preciosa edição da qual se incumbe a encantadora e ilustrada esposa dele está avançando de forma considerável na Alemanha. Teremos, portanto, uma reimpressão singularmente aumentada das obras de Sá de Miranda.⁵⁸⁶ O manuscrito que eu possuo, cuja aquisição fiz há cerca de quarenta anos, fornecerá um número considerável de peças novas.⁵⁸⁷ Espero também poder lhe enviar, para a Biblioteca do Rio de Janeiro, o volume publicado pelo Abade Carel sobre o eloquente Antonio Vieira. O autor deste livro, o qual V. Sa. teve a chance de averiguar – e que, entre parênteses, tinha grande necessidade de uma errata que se executou desde então –, o autor, eu dizia, deste in-8, submete-se, no mês de abril, ao seu exame de Doutorado em Letras, no qual o Bossuet⁵⁸⁸ português terá todas as honras. V. Sa.

⁵⁸⁴ António José nasceu no Rio de Janeiro, em 1705, mas se mudou para Portugal aos oito anos de idade.

⁵⁸⁵ GALVÃO, Ramiz (ed.). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. V-VI, 1878-1879.

⁵⁸⁶ Francisco Sá de Miranda (1481-1558), humanista e escritor português. Foi professor na Universidade de Lisboa. Conhecido por ter introduzido novas formas literárias em Portugal, principalmente o decassílabo e a comédia em prosa.

⁵⁸⁷ O estudo feito por Carolina Michaelis de Vasconcelos sobre a obra de Sá de Miranda toma por base cinco manuscritos, alguns localizados pela autora em suas pesquisas e outros enviados a ela por colecionadores e letrados europeus. O manuscrito D., o mais importante de seu trabalho, tem como fonte um autógrafo do escritor lusitano ao príncipe D. João, cujo proprietário não era outro senão Ferdinand Denis. Cf. MIRANDA, Sá de. *Poesias de Francisco Sá de Miranda. Edição feita sobre cinco manuscritos inéditos e todas as edições impressas. Acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossário e um retrato de Carolina Michaelis de Vasconcelos*. Halle: Max Niemeyer, 1885.

⁵⁸⁸ Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704), religioso, teólogo e historiador francês. Tido como um dos maiores oradores de todos os tempos – daí a aproximação feita por Denis com o jesuíta Antonio Vieira.

* *Clef des champs*: expressão idiomática francesa, cuja tradução mais aproximada seria “chave da liberdade”.

verá que, pouco a pouco, e com o auxílio do tempo, tomamos conhecimento de suas celebridades.

Fui bastante incomodado, nesses últimos tempos, por uma miserável dor no pé direito, que me obrigou a ficar acamado durante uma quinzena. Isso me incomodou sobremaneira, sem dúvida, mas, além de tudo, retardou-me diversos trabalhos. Tendo, desde há pouco, a *clef des champs**, como dizemos por aqui, espero poder novamente retornar aos mapas de meu antigo guia, Jacques de Vau de Claye. Mas há ainda um trabalho considerável a realizar. Ah, a velhice é uma desfolhada e cruel anfitriã, mesmo que ela o trate com certa leniência!...

Li, com o mais vivo interesse, a *Revue Brésilienne*, sua ilustrada crítica do Brasil francês. V. Sa. segue a passo o autor por um caminho que conhece admiravelmente, e assinala erros materiais que não se podem questionar. Eu sempre me arrependerei de não ter podido trazer a lume a minha “Histoire de la France Antarctique”, para a qual reuni tanto material, mas se Deus me der vida, ainda espero poder dar algumas curiosas informações sobre os tempos em que viviam na Baía de Guanabara Villegaignon, Léry e André Thevet, em meus escritos sobre os mapas deixados em 1579 por Jacques de Vau. Falta-me papel para dizer-lhe mais, meu caro confrade e amigo, e peço-lhe que acredite em todos os meus velhos sentimentos de consideração e de afeição. Seu muito dedicado,

Ferdinand Denis

93. Carta de Denis a Ramiz Galvão (02/06/1880)⁵⁸⁹

Paris, 2 de junho de 1880

Meu caro colega e amigo,

Não desejo esperar a saída mensal de sua remessa para responder à sua amável carta de 3 de maio de 1880,⁵⁹⁰ e as mais que parcas informações que eu posso lhe fornecer são, em verdade, demasiado ínfimas para que eu as torne dignas de desejo. O livreto de Fernão Cardim⁵⁹¹ é, certamente, uma das mais felizes publicações de nosso amigo Varnhagen – a quem, é preciso que se diga, devemos muito, e a respeito de tantos assuntos diversos. À vista deste encantador pequeno volume, que diz as coisas de uma maneira tão poética e alegre, eu reconheci, imediatamente, um escritor admirável, da família de nosso Jean de Léry, embora ele se separe de nosso jovem protestante por toda uma série de opiniões religiosas. Em razão da brevidade de sua obra, não me foi permitido consagrar a ele nada além de algumas linhas bastante rápidas em nossa *Biographie générale*, na qual

⁵⁸⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 02/06/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0093 e 0095. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

⁵⁹⁰ Não foi possível ter acesso a essa carta.

⁵⁹¹ Fernão Cardim (1540-1625), jesuíta português que viveu mais de três décadas no Brasil. Aproveitou sua experiência no país para escrever os relatos *Do clima e terra do Brasil* e *Do princípio e origem dos índios do Brasil*, publicados originalmente em inglês no ano de 1625, ambos erroneamente atribuídos a um enfermeiro do colégio da Bahia até 1881, quando José Capistrano de Abreu (1532-1927) passou a defender a autoria de Cardim. Também deixou duas cartas, a primeira de 1585 e a segunda de 1590, em que descreve a realidade da colônia, resgatadas por Varnhagen no século XIX e reproduzidas na obra *Narrativa epistolar de uma viagem jesuítica* (1847), à qual alude Denis mais adiante.

tanto lutei para que entrassem os escritores portugueses ou brasileiros que me pareciam merecedores de admiração!...⁵⁹²

É, de fato, um pouco arbitrariamente que, desta vez – creio –, escrevemos: “Fontes Inéditas”. Malgrado a consciência habitual de Hoefer,⁵⁹³ creio que foi para se ganhar algumas linhas, infelizmente! E como desde então não temos deixado a desejar!... Em um livro três vezes curto demais, e que, no entanto (é preciso que se repita), presta diariamente serviços tão reais...

De resto, conheço, como poucos, todas as fontes que V. Sa. indica tão bem em sua carta. Não daremos certamente passo em falso indicando-as. Sebastião Abreu⁵⁹⁴ me é desconhecido, confesso. Em muitas ocasiões, Toulousain du Jarric é uma excelente consulta. V. Sa. sabe, sem dúvida, que Pierre du Jarric publicou pela primeira vez, em Bordeaux, em 1609, seu livro intitulado: *Histoires Orientales mémorables avenues tant ès Indes Orientales qu’ autres pays de la découverte des Portugais, etcetera*, 3 volumes grand in-8 e petit in-4. Traduziu-se mais tarde este livro ao latim com o título de: *Thesaurus rerum indicarum in quo Christianae ac Catholicae religionis, tam in India Orientali, quam aliis regionibus, Lusitanorum opera detectis, ortus, progressus, incrementa, ad annum usque 1600 recensentur. Additae sunt passim earundem regionum tam chrographicae quam historicae descriptiones. Opus a (Mathhias) Martinez e gallico in latinum sermonem translatum*. Colon. 1615, 4 volumes em 8. As adições indicadas aqui são preciosas e provêm do próprio du Jarric, afirma-se.

Encontram-se informações inéditas a respeito de Cardim numa carta autógrafa conservada na Biblioteca da Academia de História de Madri.⁵⁹⁵

Creio que o nosso encantador escritor faleceu na Bahia em 1625 (no dia 27 de janeiro). Ele chegara a esta cidade a 9 de maio de 1583. Encontrei traços seus nesta antiga capital no dia 1 de outubro de 1618. Ele chegara ali com Manuel Telles Barreto.⁵⁹⁶ Todas estas datas devem ser verificadas, mas não restam discussões sobre o mérito do “Livrinho”. Eu fiz lindamente a encadernação deste livro, e ele ocupa um lugar à parte em meio às minhas “preciosidades”. Eu serei feliz, meu caro colega, de ver o artigo de que a sua amável missiva me fala.⁵⁹⁷

⁵⁹² Ver, a respeito da participação de Denis nesta coleção, a carta de Enrique de Beaurepaire-Rohan ao autor de 25 de março de 1861.

⁵⁹³ Jean-Chrétien-Ferdinand Hoefer (1811-1878), escritor e lexicógrafo franco-alemão conhecido, principalmente, por seu trabalho na organização da *Nouvelle Biographie Générale*. O comentário feito por Denis parece indicar que, dois anos após a morte de Hoefer, havia o interesse de se publicar um apêndice da coleção. Ao que tudo indica, no entanto, esse volume jamais chegou a vir à luz.

⁵⁹⁴ Sebastião de Abreu (1713-1792), jesuíta português. Autor de um estudo sobre Fernão Cardim, intitulado *Vida e Virtudes do admirável padre Joam [sic] Cardim da Companhia de Jesus natural de Viana do Alentejo* (1659).

⁵⁹⁵ Denis acrescentou de próprio punho algumas informações sobre o jesuíta português nas páginas finais do seu exemplar de *Narrativa epistolar de uma viagem jesuítica*. Contudo, em momento algum fez alusão a essa carta, que não foi localizada em nossas pesquisas. Cf. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (ed.). *Narrativa epistolar de uma viagem jesuítica: pela Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Rio de Janeiro, S. Vincente (S. Paulo), etc. desde o ano 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Cristóvão de Gouveia por Fernão Cardim*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1847. BSG, Fundo Ferdinand Denis, delta 53966 FA. Disponível em <https://archive.org/stream/DELTA53966FA/BSG_DELTA53966FA#page/n149/mode/2up>. Acesso em 08 mar. 2020.

⁵⁹⁶ Manuel Telles Barreto (1520-1588) foi governador da Bahia. Chegou ao Brasil em maio de 1583, ao lado de Fernão Cardim e de outros jesuítas portugueses.

⁵⁹⁷ É provável que Denis tenha em mente aqui as reedições dos dois relatos de Fernão Cardim, mencionados anteriormente, que seriam realizadas por Capistrano de Abreu no ano seguinte, por ocasião da Exposição de História do Brasil. Cf. CALDEIRA, Op. cit., p. 95.

Eu farei feliz, por sua vez, o Sr. Ernest David, levando-lhe a sua carta e a sua apreciação. A brochura dele é, de resto, uma verdadeira raridade, e ele não tem para si próprio nada além de um exemplar dela. V. Sa. receberá assiduamente, creio eu, algumas curiosidades – prometem-me (eu não ousou prometer por minha conta e não ousou por minha conta me adiantar). Todo mundo, meu caro colega, não é como V., e as coisas que envio ao Rio não me fazem jus mesmo a um recibo de recebimento. Nada é mais mortificante, pois V. Sa. conhece o *genus irritabile*⁵⁹⁸...

O terceiro aniversário da morte do glorioso Camões⁵⁹⁹ me extenuou. V. Sa. não poderia crer em tudo o que precisei fazer a este respeito, e em quanto a minha biblioteca particular foi revirada. Tudo agora se acalma, muito felizmente. Todos se esquecem de que tenho 82 anos de idade (ao menos em agosto eu os terei); trata-se de uma opulência que as pessoas de bom grado passariam. Sigo, de todo modo, no meu ritmo. Não é o trabalho que encurta a vida. Eu sou um exemplo a citar, se é que sou um exemplo a ser citado para qualquer coisa que seja. Mas o trabalho, mesmo imperfeito em seus resultados, preserva mais do que destrói fisicamente.

Ainda não consegui entregar os números dos *Anais* ao Sr. Wiener. Descobri recentemente que o nosso jovem viajante tornou-se cônsul em Cartagena,⁶⁰⁰ eu creio, e não está mais satisfeito com sua situação.

Estou encantado em saber que o artigo do Sr. Ernouf lhe tenha agradado. Fui, há três dias, à extremidade do mundo parisiense, Rua de Vélay, para lhe levar seus agradecimentos, mas ele havia partido um dia antes ao seu castelo. Como a bela época em que estamos provavelmente o impedirá de voltar a Paris por vários meses, eu escreverei a ele em breve para me desempenhar de sua comissão. O Barão Ernouf, que é um bibliófilo distinto, nunca se ocupou da linguística americana. Não é, portanto, surpreendente que V.

⁵⁹⁸ *Genus irritabile vatum*, expressão latina que pode ser traduzida como *a raça irritável dos poetas*.

⁵⁹⁹ Diversas festividades foram realizadas em 1880 em comemoração ao tricentésimo aniversário da morte de Camões – que havia falecido em Lisboa, em 10 de junho de 1580 – tanto na Europa, quanto no Brasil. Em Lisboa, as comemorações duraram três dias: no primeiro, ocorreu a transladação de seus restos mortais para a igreja de Santa Maria de Belém; no segundo, a Academia Real das Ciências realizou uma sessão pública a seu respeito; e, no terceiro, uma grande procissão desfilou pelas ruas da cidade. Em Paris, a Association Littéraire Internationale organizou uma grande festa, que contou com a presença de personagens ilustres, como Victor Hugo. No Rio de Janeiro, os eventos oficiais aconteceram no Real Gabinete Português de Leitura, no Teatro Pedro II e também na Biblioteca Nacional, que realizou a Exposição Camoniana. No decorrer desse mesmo ano, surgiram igualmente uma série de estudos sobre Camões, desde ensaios bibliográficos, biografias, monografias e até traduções para outros idiomas. Ferdinand Denis, uma das maiores autoridades em conhecimentos relativos a Portugal, e a sua biblioteca particular, repleta de livros de escritores lusófonos, parecem ter sido bastante requisitados nesse período. No catálogo da exposição realizada no Rio de Janeiro, encontram-se três obras com sua assinatura – possivelmente enviadas pelo próprio autor para o evento. Ademais, Julio e Maximiano da Silva lhe escreveram de Lisboa, em 17 de junho desse ano, em agradecimento pela participação no álbum que haviam organizado em homenagem ao poeta, de título *Argumentos dos Lusíadas – exemplar único enriquecido com 70 autógrafos e 29 fac-similes*. Conforme veremos adiante, a romancista francesa Raoul de Navery, citada por Denis em sua correspondência ainda em junho de 1880, também entrou em contato com ele durante a escrita de *Les voyages de Camoens* (1880). Tudo isso mostra que, já nessa época, Denis era considerado uma das mais importantes figuras no que tangia ao legado camoniano. Cf. LE GENTIL, Georges. Publications du centenaire de Camoens. In: *Bulletin Hispanique*, tome 28, n. 3, 1926, p. 260-268. Disponível em <http://www.persee.fr/doc/hispa_0007-4640_1926_num_28_3_2248>. Acesso em 08 mar. 2020; SOUZA, Rafael Barbosa. *A transmissão do legado camoniano no século XIX: o caso Ferdinand Denis*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: UFRGS, 2017; SILVA, Julio da; SILVA, Maximiano da. [Carta a Ferdinand Denis]. Lisboa [Portugal], 17/06/1880. 1 doc. 3 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 101-103). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n207/mode/2up>. Acesso em 08 mar. 2020.

⁶⁰⁰ Município localizado ao sul da Espanha. Ver a esse respeito também a carta de Julio e Maximiano da Silva ao autor de 17 de junho de 1880.

Sa. não tenha encontrado nada em seu artigo relacionado a esse ponto tão importante aos seus olhos e aos meus.

Adeus por hoje, caro colega e amigo. Ofereça minhas deferências respeitosas à Sra. Ramiz Galvão, e aceite a expressão de meus sentimentos mais afetuosos e devotados.

Ferdinand Denis

94. Carta de Denis a Ramiz Galvão (16/06/1880)⁶⁰¹

Paris, 16 de junho de 1880.

Mui caro confrade e amigo,

O centenário do imortal Camões tanto me ocupou e tomou meu tempo que eu estou literalmente lhe escrevendo hoje meia dúzia de palavras apressadas. Todos os amantes realmente se esquecem de que eu tenho 82 anos e que, se meus velhos livros são úteis a todos, é justo que me sejam devolvidos, o que nem sempre se dá, infelizmente! V. Sa. descobrirá, em sua caixa mensal, uma das provas daquilo que lhe rabisco aqui, e que o amável escritor o qual se esconde sob um nome viril não está certamente entre os retardatários, uma vez que ele me retornou meus livros. Mas me foi necessário mais de uma vez rever as provas (a galope), e V. Sa. conhece o resto; as pequenas iniquidades de nossos tipógrafos no que concerne aos nomes portugueses. O livro é interessante, elegantemente escrito, mas, seja indulgente com os impressores da Sra. de Navery,⁶⁰² uma das apaixonadas pelo grande poeta, e faça chegar, eu lhe rogo, a Petrópolis, o exemplar que se endereça a uma pessoa augusta. V. Sa. verá por si próprio que V. Sa. não foi esquecido, assim como a sua bela biblioteca.

Há outra Dama das mais dignas e das mais interessantes (porque ela não gastou, segundo me disse, menos de 60 mil francos para a edição in-folio que teve início em Lisboa e foi concluída em Paris), da qual V. Sa. ouvirá certamente falar no Rio. Trata-se da Sra. Mathilde dos Santos, que retornou depois de alguns dias à capital de Portugal. O rei Dom Luiz parece ter tomado sob seu protetorado a esplêndida edição, uma vez que aceitou a dedicatória ali encontrada. – Minha antiga coleção não foi absolutamente inútil a esta admiradora de Camões, cujo mui honrado marido não podia deixar Lisboa, mas eu lhe disse apenas a metade... e os anos dobram minha cabeça sob o peso dessas admirações pouco refletidas, por vez, mas às quais é preciso sempre vir em auxílio quando o tempo se escasseia, a data de uma solenidade é urgente e estamos na última hora...

Adeus, então, por hoje, meu caro colega e amigo. Realizei por carta a sua comissão ao Sr. Ernest David, o qual ficou muito feliz, uma vez que não pude encontrar ainda um momento para ir vê-lo. V. Sa. não saberá sem satisfação: estou certo de que este defensor

⁶⁰¹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/08/1880. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0096 e 0097. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

⁶⁰² Eugénie-Caroline Saffray (1829-1885), conhecida como Raoul de Navery, romancista francesa. Denis emprestou à autora trechos de suas traduções de Camões, que foram reproduzidos por ela no interior de sua obra *Les voyages de Camoens* (1880). Cf. NAVERY, Raoul de. *Les voyages de Camoens*. Paris: A. Hennuyer, 1880. p. VI.

da memória de Antonio José⁶⁰³ acaba de obter um grande prêmio por sua obra sobre a música antiga, o qual foi atribuído a si, bem como ao seu colaborador, pelo Instituto.⁶⁰⁴

Eu lhe cerro cordialmente a mão. Queira oferecer minhas deferências respeitosas à Sra. Ramiz Galvão e renove a segurança de minha antiga consideração.

Ferdinand Denis

Post-Scriptum – Se por acaso eu não puder, oprimido pelo tempo como sou, escrever a Meirelles de Lima, tenha então a bondade de lhe dizer que eu recebi sua mui interessante encomenda, chegada em perfeito estado de conservação, e que lhe escreverei, se eu não puder fazê-lo agora, pelo próximo correio.

95. Carta de Denis a Ramiz Galvão (14/02/1881)⁶⁰⁵

Paris, 14 de fevereiro de 1881

Caro e ilustrado confrade,

Espero que V. Sa. tenha recebido no tempo devido alguns dos desideratos⁶⁰⁶ que foram o assunto principal de sua última e interessante missiva. Tenho, igualmente, a esperança de que a digna Sra. Henninger⁶⁰⁷ lhe tenha dado o precioso retrato que, no

⁶⁰³ Ver a respeito de Antonio José, o Judeu, a carta de Ferdinand Denis a Ramiz Galvão de 14 de março de 1879.

⁶⁰⁴ O livro *Histoire de la notation musicale depuis ses origines* (1880), de Ernest David e Mathis Lussy (1828-1910), recentemente ganhara o prêmio Bordin, da Académie française des beaux-arts, no valor de 3.000 fr. Cf. *Polybiblion: revue bibliographique universelle*, Paris, juillet 1880, p. 176.

⁶⁰⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 14/02/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0098 e 0100. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

⁶⁰⁶ Em 2 de dezembro desse ano, no 56º aniversário de D. Pedro II, foi inaugurada, nas dependências da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a Exposição de História do Brasil de 1881, cujos objetivos principais, segundo Caldeiras, incluíam “reunir uma massa de publicações sobre a história do país, o que possibilitaria, portanto, que novos documentos do passado fossem revelados”; permitir “a organização de um importante catálogo, um marco para o conhecimento da história do Brasil”; e, finalmente, promover o amor do povo brasileiro pelo seu próprio país. Uma infinidade de objetos e documentos relacionados à história pátria foi exibida durante o evento, desde pedestais, bustos de brasileiros ilustres e retratos da família real portuguesa, além de uma quantidade superior a 1.954 cartas geográficas (inéditas em sua maioria), uma grande coleção da numismática (com peças de 1583 a 1831), quadros históricos, pinturas a óleo, fotografias, gravuras e litografias representando o Rio de Janeiro e outras cidades do país, livros de história eclesiástica, militar, econômica, diplomática, natural e literária, além de obras de geografia. No intuito de recolher e localizar os documentos úteis à Exposição, o diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro acionou seus contatos dentro e fora do Brasil. Denis não ficou de fora dessa lista, oferecendo à instituição carioca uma estampa em duas cores reproduzindo o panorama da cidade do Rio de Janeiro (exibida no lado esquerdo da Sala Varnhagen) e lhe emprestando uma gravura a buril, intitulada *La Condamine, géographe e viajante*, de 1768 (mostrada à direita da primeira entrada da sala Veloso). Cf. BIBLIOTECA NACIONAL. *Guia. da Exposição de História do Brasil realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1881*. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal de Notícias, 1881; CALDEIRA, Op. cit.

⁶⁰⁷ M^{me}. Henninger (?-?) era a “mãe altamente recomendável de um engenheiro alemão cujos talentos são valorizados no Brasil”, como Denis explicaria a Ramiz Galvão na carta de 15 de maio de 1881. Foi por meio dessa senhora que Denis enviou a Ramiz Galvão a referida gravura a buril de Condamine.

passado, possuía a heroína Sra. Godin des Odonais,⁶⁰⁸ que me deixou seu neto, e que eu não poderia recomendar mais aos seus zelosos cuidados.

Malgrado as amargas tristezas que ora me abatem, pela perda verdadeiramente dolorosa que me faz sentir a morte de meu bom amigo, o Almirante Jules Dupré,⁶⁰⁹ não deixo, neste momento, de seguir em frente, enviando-lhe uma efígie, mesmo que pouco fiel, do terrível e ilustrado Villegagnon. Tenho certeza de que existe um retrato datado do século XVI, provavelmente pintado a óleo e representando, como era após o seu retorno do Brasil, essa personagem verdadeiramente histórica para a sua bela terra. Eu possuo mesmo a prova positiva de que este precioso retrato existia ainda há cerca de trinta anos, no tempo do hábil iconógrafo Sr. Niel,⁶¹⁰ que tinha total conhecimento a este respeito.

Quanto à pintura satírica dos protestantes, justamente irritados à época, que apresentava o governador da ilha Villegagnon com os traços de um ciclope (eu dissera, creio eu, o Polifemo⁶¹¹), será mais fácil botar as mãos nela, embora as buscas iniciadas por mim ainda não tenham produzido resultados.⁶¹²

Reencontro agora, entre velhas anotações, a prova de que o retrato provavelmente fiel de Villegagnon, realizado no mês de maio de 1835, era de propriedade do Sr. Alfred Pioche (de São Francisco).⁶¹³ Pode também ter ocorrido que o dito retrato, que estava em

⁶⁰⁸ O mencionado heroísmo de Isabel Godin des Odonais (1728-1792) se deve aos infortúnios por ela vividos a partir de 1769, quando decidiu realizar uma perigosa viagem do norte do Equador até Caienas, a capital da Guiana Francesa, a fim de se reunir a seu marido, o cartógrafo e naturalista Jean Godin des Odonais (1713-1792), que vinte anos antes integrara a já referida expedição científica organizada pela Académie de Paris, ao lado de Condamine. Durante a travessia, ela sobreviveu a naufrágios e epidemias, foi traída, furtada e abandonada por sua escolta, perdeu familiares e entes queridos, além de passar mais de nove dias completamente só, sem abrigo e sem víveres. Nove meses depois de ter deixado o Equador, graças a alguns indígenas, finalmente conseguiu se encontrar com seu marido. Foi Condamine quem popularizou essa história, que logo se tornou famosa por toda a Europa, ao reproduzir a carta que lhe fora enviada por Jean Godin des Odonais, relatando-lhe os sofrimentos vividos por sua mulher, na sua *Relación abreviada de un viaje hecho por el interior de la América meridional, desde la costa del Mar del Sur hasta las costas del Brasil y de la Guayana, siguiendo el curso del Río de las Amazonas* (1773). Cf. ALMANZA, Carla. El Viaje de Isabela Godin por el Amazonas: Una Travesía de la Supervivencia. In: Sara Beatriz Guardia (ed.). *Viajeras entre dos mundos*. Lima: CEMHAL, 2012. p. 179-190.

⁶⁰⁹ Marie-Jules Dupré (1813-1881), o Almirante Dupré, militar, político e escritor francês. Foi governador da Ilha da Reunião e da Cochinchina, além de prefeito marítimo de Rochefort.

⁶¹⁰ Referência provável a Jean-Joseph Niel (1739-1794), tipógrafo-livreiro estabelecido, a partir da segunda metade do século XVIII, em Avignon.

⁶¹¹ Polifemo, um dos ciclopes mais conhecidos da mitologia grega, era filho de Posídon (o deus do mar, também conhecido como Poseídon) e da ninfa Teosa. Costuma ser descrito como um monstro enorme, com um único olho, que comia carne humana e vivia isolado em uma caverna próxima ao Etna.

⁶¹² Embora tenha adotado a religião reformada, não demorou muito para Villegagnon entrar em conflito com os huguenotes que haviam se refugiado na Baía de Guanabara, divergindo deles em uma série de assuntos, mas sobretudo quanto à celebração e ao significado da Santa Ceia e do Batismo. Pouco tempo mais tarde, os huguenotes decidiram voltar para a Europa e aqueles que permaneceram acabaram executados pelas tropas de Villegagnon. Em decorrência disso, o almirante francês seria representado, ainda no século XVI, como Polifemo, em uma caricatura repleta de palavras ofensivas. Cf. CARDOSO, Dario de Araujo. A presença do calvinismo na crônica *Viagem à terra do Brasil* de Jean de Lery. XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética, Curitiba, 2011. *Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC*, Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0935-1.pdf>>. Acesso em 08 mar. 2020.

⁶¹³ Referência provável a François Louis Alfred Pioche (1817-1872), homem de negócios francês que fez fortuna nos Estados Unidos, ajudando a promover o desenvolvimento da cidade de São Francisco com suas múltiplas atividades. Em sua homenagem há, em São Francisco, uma rua com seu nome.

posse do douto J. Niel, tenha simplesmente sido executado a três lápis⁶¹⁴, no gênero das obras do famoso Dumonstier.⁶¹⁵ Tudo isso é bastante vago, certamente, mas o que fazer nesse estado de coisas? Reunir cuidadosamente os menores indícios.

Avistei-me, ultimamente, com o mui ilustrado hidrógrafo, o Contra-almirante Mouchez,⁶¹⁶ a respeito do grande projeto engendrado por V. Sa. Fiquei surpreso que ele não tivesse qualquer conhecimento a este respeito. Ele está em posição, como V. Sa. sabe melhor do que ninguém, de fornecer documentos geográficos da mais alta importância. Ademais, ele ama o seu belo país, e fez, sobre a posição astronômica da costa brasileira, observações de alto valor, sintonizadas admiravelmente, parece, com as operações do mesmo tipo realizadas pela comissão dos Estados Unidos da América. Ele fez-me firmes promessas de reenviá-las a mim, para que eu possa transmiti-las a V. Sa. pelo envio mensal de Porquet, mas não vejo nada chegar e, em todo caso, desejava lhe informar das boas disposições dele, incitando-o a encaminhar a ele, no Observatoire, as peças impressas que já mencionei a diversas pessoas, sendo-me fortemente necessário possuir, ao menos, tudo em duplicata.

Nosso inverno, sem estar muito frio, tem sido até agora deplorável por suas horríveis pilhas de neve, pelas chuvas contínuas que as sucedem e pela umidade permanente que empobreceu muitos organismos. V. Sa. conhece, creio eu, a minha extrema velhice e a minha juventude de coração. Eu realmente não sei como pude resistir até agora a esta estação terrível e ao trabalho a que ela obriga. Tudo se tornou ainda mais difícil para mim devido às perdas numerosas e cruéis que infelizmente tive de enfrentar, no espaço de poucos meses, cujo doloroso complemento é a morte recente do excelente Almirante J. Dupré. Tudo isso, como V. Sa. pôde ver, não impediu a nossa correspondência de prosseguir, mas fico por vezes embaraçado, caro Senhor e amigo, de não encontrar em suas amáveis cartas menção alguma a certas obras que eu lhe enderecei, em nome de seus autores, como, entre outras, os trabalhos do Abade Carel sobre Antônio Vieira e aqueles de uma graciosa dama, que goza de certa celebridade literária em Paris, e que vela seu nome, assinando como Raoul de Navery. Sei que V. Sa. é singularmente ocupado, que a sua saúde passou por muitos episódios desagradáveis, mas também temo, é preciso dizer, a perda de certas cartas.

Manhã do dia 15 de fevereiro

O Contra-almirante Mouchez lembrou-se, há tempos, da promessa dele, e encaminho-lhe, por intermédio do Sr. Porquet, dois exemplares de suas memórias sobre a longitude da costa do Brasil,⁶¹⁷ embora V. Sa. provavelmente já a possua no tomo 91 das *Mémoires de l'Académie des Sciences*.⁶¹⁸ Trata-se, em todo caso, de uma publicação à parte, útil de se conservar em sua rica biblioteca. Falta-me papel e o tempo me constrange. Renovo-lhe, meu caro colega, a expressão de meus sentimentos os mais afetuosos e dedicados.

⁶¹⁴ Técnica criada no Renascimento que consiste na utilização de três lápis: o grafite de chumbo, a sanguina e o lápis branco.

⁶¹⁵ Há muitos artistas célebres com o sobrenome de Dumonstier entre os séculos XVI e XVII. No entanto, é quase certo que Denis tenha em mente nessa passagem o desenhista e pintor francês Daniel Dumonstier (1574-1646), responsável por fazer os retratos da família real e de outros membros da nobreza.

⁶¹⁶ Ver a esse respeito a carta de Ferdinand Denis a Ramiz Galvão de 11 de março de 1874.

⁶¹⁷ MOUCHEZ, Ernest. *Recherches sur la longitude de la côte orientale de l'Amérique du Sud*. Extrait des Annales hydrographiques, 4e. trimestre 1866. Paris: Paul Dupont, 1866.

⁶¹⁸ A revista da Sociedade das Ciências da França – cujo título completo era *Mémoire de l'Académie des sciences de l'Institut de France* – ou *Mémoires de l'Académie royale des sciences de l'Institut de France* –, foi publicada entre os anos de 1798 e 1949.

Ferdinand Denis

À margem esquerda:

Tenha, então, a bondade – eu lhe rogo – de remeter o mapa aqui incluso ao Sr. Pereira.⁶¹⁹
Eu lhe serei verdadeiramente grato.

96. Carta de Denis a D. Pedro II (17/03/1881)⁶²⁰

Paris, 17 de março de 1881

Majestade,

A cada vez que uma de vossas cartas chega a minhas mãos, há festa sobre a antiga montanha de Santa Genoveva. Mais de uma vez tenho dito ao honrado Franklin Ramiz Galvão que o projeto que tendes a generosidade de proteger e que deve reunir em um fascículo os antigos documentos relativos à história pouquíssimo conhecida do vasto Império que governais angariou todas as simpatias científicas de Paris. Malgrado os anos que me pesam sobre os ombros, faço o que posso, quero crer que estais ao corrente, para tomar parte, muito modesta sem dúvida, nos desígnios generosos de Vossa Majestade. Hoje, Senhor, meu tributo é bem humilde, e cabe conhecer a inesgotável benevolência que vos anima para oferecê-lo: não obstante, o personagem cuja vida agitada ele recompõe deixou uma espécie de monumento que é de rigor consultar quando se trata dos primitivos historiadores do vosso vasto Império, e o nome de André Thevet é com demasiada frequência repetido no Brasil para que o livro do digno eclesiástico que mo remeteu para que eu vo-lo oferecesse não seja atendido em seu desejo.⁶²¹

A próxima remessa, espero, será mais digna de Vossa Majestade: irão compô-la documentos consideráveis sobre o antigo império do México e sobre a climatologia dessas belas regiões. Até os nossos dias, homens de reputada autoridade na ciência não deram de todo a conhecer suas influências e variedades.

Sou, com profundo respeito, Senhor,
de Vossa Majestade

o muito humilde
e muito obediente servo.
Ferdinand Denis

⁶¹⁹ Referência provável a João Manuel Pereira da Silva, com o qual já se correspondera Ferdinand Denis anteriormente.

⁶²⁰ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 17/03/1881. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 185 – Doc. 8445 [d02]. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por George Raeders. Cf. RAEDERS, Op. cit., 1944, p. 189-190.

⁶²¹ THEVET, André. *La grande et excellente cité de Paris*. Introduction et notes par l'abbé Valentin Dufour. Paris: A. Quantin, 1881.

97. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/04/1881)⁶²²

Paris, 15 de abril de 1881

Meu caro e ilustrado confrade,

Eis que estamos no dia 15 de abril e eu não recebi nenhum anúncio da chegada da pequena remessa que lhe enviei no dia 15 de janeiro, e que deveria ser completada pela Sra. Henninger, a qual lhe encaminharia o precioso retrado de La Condamine, em posse, no passado, da heroica Sra. Godin des Odonais. Eu quero acreditar que isso não se deva senão ao atraso da carta que eu aguardo do Rio de Janeiro, e espero, ainda, que nenhum incidente desagradável tenha ocorrido. Todos me dizem aqui que a febre amarela não parou de fazer vítimas em sua bela cidade. Uma palavra sobre essas tristes notícias ser-me-ia muito desejável.⁶²³

Nós começamos, aqui, a entrar plenamente na bela estação, e é uma feliz compensação, porque acabamos de enfrentar um inverno que fez muitas vítimas. Minha longa existência foi duramente testada, perdi numerosos amigos... Não me esqueço – V. Sa. tem a prova, eu o espero – daqueles que tenho ainda em seu belo país, e ainda que não me restem mais que alguns minutos para chegar a tempo ao excelente Sr. Porquet, não desejo que este correio parta sem uma palavra minha. Envio a V. Sa. e à sua bela biblioteca uma interessante obra que me foi ofertada pelo ilustrado Sr. Aristide Marre,⁶²⁴ para que lhe seja oferecida. Tenha a bondade, eu lhe rogo, de me encaminhar a este respeito uma palavra, quando responder a esta curta – porém afetuosa – missiva, de seu velho e devotado colega.

Aperto-lhe, enquanto isso, cordialmente a mão, e lhe rogo que ofereça minhas deferências respeitosas à sua amável companheira.

Seu devotado servo e amigo.
Ferdinand Denis

Post-Scriptum – Adiciono a esta correspondência catálogos que não serão despidos de interesse para a Sua Majestade.

⁶²² DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/04/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0101e 0102. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁶²³ A angústia de Ferdinand Denis, que temia perder sua preciosa gravura de Condamine, persistiria por, ao menos, mais quatro meses. Apenas em 18 de agosto ele escreveria, aliviado, a Ramiz Galvão, comemorando que o referido documento finalmente chegara às mãos do diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

⁶²⁴ Aristide Marre (1823-1918), matemático, orientalista e tradutor francês, especialista nas línguas malaia e malgaxe. Foi professor na École des Langues Vivantes. Membro da Société Asiatique de Paris, da Société des Americanistes e da Société d'Etnographie de Paris. Embora Denis não indique o título da obra que lhe foi oferecida por Marre, trata-se provavelmente de *Triparty en la science des nombres*, o mais antigo tratado de geometria algébrica do qual se tem notícia, escrito pelo matemático francês Nicolas Chuquet (1845-1888), em 1484, e publicado pela primeira vez por Marre, em 1881. Cf. CHUQUET, Nicolas. *Le Triparty en la science des nombres*: publié d'après le manuscrit fonds français n. 1346 de la Bibliothèque nationale de Paris par maistre Nicolas Chuquet Parisien et précédé d'une Notice par M. Aristide Marre. Rome: Impr. des Sciences mathématiques et physiques, 1881.

98. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/05/1881)⁶²⁵

Paris, 15 de maio de 1881

Meu caro e ilustrado colega,

Há muito que me vejo privado de notícias suas e, no entanto, se a minha velha memória não me falha, sempre tive presente em meu espírito seus desideratos e pude realizá-los. Em janeiro de 1881, eu enviei-lhe notícia do *Panorama de Rio-de-Janeiro*⁶²⁶ e a longa litografia que representava a cidade e seus arredores. Eu confiei à Sra. Henninger, a mãe altamente recomendável de um engenheiro alemão cujos talentos são valorizados no Brasil, o retrato tão desejado por V., de nosso célebre La Condamine, também fortemente recomendado à viajante. Não foi um trabalho pequeno, eu posso lhe afirmar, pesquisar entre as pilhas de brochuras que possuo há meio século, que estão quase esquecidas. Isso, no entanto, não se aplica ao retrato, que eu tinha diante de meus olhos, o qual tem para mim um verdadeiro interesse afetivo. Lembre-se, portanto, caro colega, que em minha idade nós não temos realmente ou razoavelmente a contar senão com alguns meses de estadia neste mundo...

Desde então, vários opúsculos foram expedidos, mas, tendo em vista a distância que nos separa, pode ser que eu me equivoque lá onde não teria razões para desejar a menor menção. Os autores, como sabem, são impacientes por natureza. O Abade Carel faz parte deste “genus irritabile”: V. Sa. não saberia me dizer o efeito que produziu no Rio de Janeiro o volume dele sobre Antonio Vieira?

Todas essas desilusões não me impedem em nada, como V. Sa. o verá facilmente na abertura mensal de sua encomenda, de me ocupar de V. Sa. e de sua biblioteca. O digno Doutor Jourdanet,⁶²⁷ de quem V. Sa. ouviu seguramente falar, e que podemos considerar certamente como um dos mais úteis americanistas de nosso tempo, pelo seu zelo, pela sua longa permanência no Novo Mundo e pelos seus conhecimentos raros tocantes ao México, lhe endereça, devido em parte a um pedido meu e em parte à reputação de que V. Sa. goza, uma encomenda magnífica, não apenas para Sua Majestade, mas também para o seu belo estabelecimento e para a *Revista Trimensal*.⁶²⁸ Faça, então, eu lhe peço, de sorte (recomendo isso à sua alta sabedoria) que se fale desses livros em sua grande revista. V., que é tão instruído nessas sortes de assuntos, diga de sua parte algumas palavras – eu ousou pedir-lhe – em seus esplêndidos *Anais*. Eu conto igualmente com sua gentileza para que a encomenda destinada ao Imperador seja realizada no mais curto espaço de tempo possível. Eu não lhe digo nada aqui da obra intitulada *L'influence de la pression de l'air sur la vie de l'homme*; é possível que V. Sa. já possua esta obra notável, fruto de tantas experiências e adornada de tantas pranchas de uma execução essencialmente cuidada. Ela está, desde o ano de 1875, em todas as bibliotecas, mas eu lhe recomendo a preciosa tradução da obra imensa do Padre Bernardino de Sahagún,⁶²⁹ que é para mim uma velha conhecida, uma vez

⁶²⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/05/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0103 e 0105. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

⁶²⁶ DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hippolyte Taunay. *Notice historique et explicative du panorama de Rio de Janeiro*. Paris: Nepveu Libraire, 1824.

⁶²⁷ Denis Jourdanet (1815-1892), médico e tradutor francês, especialista em civilizações pré-colombianas. Autor de *L'air raréfié dans ses rapports avec l'homme malade* (1862), que será mencionado por Denis mais adiante.

⁶²⁸ Ver a respeito da publicação a carta de Denis a Ramiz Galvão de 16 de setembro de 1878.

⁶²⁹ Bernardino de Sahagún (1500-1590), missionário espanhol. Autor de uma enciclopédia do mundo asteca composta por doze livros, da qual existem duas versões: *Códices Matritenses* (1565-1570), em náuatle – a

que eu destaquei todo o seu valor na *Revue des Deux Mondes*, há mais de trinta anos. O vasto tratado que V. Sa. lerá foi executado nas duas edições que apareceram a certa distância uma da outra. Graças ao Lord Kingsborough, a Bustamante e ao Sr. Siméon, ele foi enriquecido de notas compulsadas, sobretudo, em *Andres des Olmos*,⁶³⁰ este imenso trabalho. Sahagún, que chegou ao México em 1529, morreria apenas no ano de 1590, e sob seu hábito franciscano ele fez pesquisas que surpreendem a imaginação a mais prevenida. É necessário ter-se o zelo – e eu diria também, a opulência – do Dr. Jourdanet para se empreender uma tal tradução, realizada completamente às suas próprias expensas. Quem ousaria, de fato, empreender tal labor sem o objetivo de obter um ganho qualquer? Acrescente-se a isso que o eminente doutor, embora de uma forte constituição, é atormentado por indizíveis dores, e que a sua infeliz esposa está ainda mais doente e sofredora que ele. Ele habita em Paris, à Rua de Berry, n. 1, mas partirá, dentro de alguns dias, para o campo, a fim de encontrar algum alívio aos seus males.

Espero poder lhe enviar, em algumas semanas, como complemento às ilustrações tanto devidas ao gênio de Camões (apreciado com um real entusiasmo pelo Brasil inteiro), um opúsculo no qual o nosso célebre Pilinsky empregou seu prodigioso talento de reprodução.⁶³¹ Eu desejaria, antes de deixar este mundo, restituir ao poeta a sua fisionomia verdadeira, tão estranhamente alterada em 1817, pelo Barão Gerard⁶³², mas tantas tristezas e tantas tarefas diversas atrapalharam, nesses últimos tempos, a minha antiga existência, que meu projeto precisará necessariamente ser retardado. O honesto Pilinsky foi, ele mesmo, atingido, em sua vida íntima, ainda mais intensamente que eu, de sorte que o nosso projeto teve de ser forçosamente adiado. Como bibliotecário e bibliógrafo, posso lhe

língua falada pelos astecas na época da conquista espanhola –, e *Codex de Florence* (1577), edição bilíngue náuatle-espanhol. Em 1829, o historiador e político mexicano Carlos María Bustamante (1774-1848) publicou uma nova edição da obra, que recebeu o título de *Historia de las cosas de la Nueva-España*, dentro de uma grande coleção organizada pelo antiquário irlandês Edward King, visconde de Kingsborough (1795-1837), denominada *Antiquities of Mexico*, a respeito da qual Denis falaria, dois anos mais tarde, em um artigo da *Revue des Deux Mondes*. Em 1880, Jourdanet e outro especialista em civilizações pré-colombianas, Rémi Siméon (1827-1890), encarregaram-se de trazer à luz a primeira tradução para o francês da obra, que é o assunto desta missiva enviada a Ramiz Galvão. Cf. DENIS, Ferdinand. *Antiquités du Mexique. Revue des Deux Mondes*, Paris, t. 1-2, 1831, p. 196-218; LEAL, Luis. El libro XII de Sahagún. *Historia Mexicana*, v. 2, n. 18, octubre-diciembre 1955, p. 184-210. Disponível em <<http://aleph.academica.mx/jspui/bitstream/56789/28754/1/05-018-1955-0184.pdf>>. Acesso em 08 mar. 2020.

⁶³⁰ Em 1875, Rémi Siméon havia publicado um manuscrito inédito de André de Olmos (1491-1571), franciscano espanhol que se tornara um grande compilador de textos em náuatle. Cf. SIMÉON, Rémi. *Grammaire de la langue nahuatl ou mexicaine composée en 1547 par le franciscain André de Olmos et publ. avec notes et éclaircissements, etc. par Rémi Siméon*. Paris: Imprimerie Nationale, 1875.

⁶³¹ Denis ofereceu algumas indicações desse opúsculo em uma carta enviada a Ernest Mouchez. Já o retrato de Camões a que se refere parece ter sido reproduzido pelo sacerdote e historiador português Manuel Severim de Faria (1584-1655), um dos primeiros biógrafos do autor de *Os Lusíadas*, na obra *Discursos vários políticos* (1624). Quanto à gravura representando a gruta em Macau, onde se acredita que Camões escreveu sua famosa epopeia, aparentemente se trata da realizada por Ambroise Tardieu, em 1798. Cf. DENIS, Ferdinand. [Fragmento de carta a Ernest Mouchez]. Paris [França], 188?. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3417 (f. 96-98). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3417_f96_98/BSG_MS3417_f96_98#page/n0/mode/2up>. Acesso em 08 mar. 2020; FARIA, Manuel Severim de. *Discursos varios politicos por Manuel Serevim de Faria Chantre, & Conego na Santa Sé de Évora*. Évora: Manuel Carvalho, 1624; TARDIEU, Ambroise. *Grotte de Camoens*. In. MACARTNEY, George. *Illustrations de Voyage dans l'intérieur de la Chine*. 2ème. édition. V. V. Paris: F. Buisson, 1798-1799. Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b23007460/f35.item.r=camoens>>. Acesso em 08 mar. 2020.

⁶³² François Pascal Simon Gérard (1770-1837), o barão Gérard, pintor e ilustrador francês. Criou o famoso retrato de Camões, em que o poeta aparece zarolho, usando uma armadura, com uma coroa de folhas de ouro e um exemplar de *Os Lusíadas* na mão direita.

anunciar, hoje, que este hábil artista vai, enfim, publicar a sua vasta e curiosa obra sobre os *Xilographes*.⁶³³ Todas as pranchas desses predecessores, ou, se V. Sa. prefere, dos contemporâneos de Guttenberg, Fust, etc., estão concluídas e os editores de acordo entre si. As bibliotecas americanas poderão, portanto, dentro de alguns poucos meses, obter, por um preço bastante reduzido, aquilo que faz a glória de nossas antigas instituições. As raridades americanas virão em seguida e já estão figuradas em parte.

De minha parte, não renunciei a buscar a obra deste Padre Bourdemare⁶³⁴, intitulada “Idolatriâ Brasiliorum”⁶³⁵, impressa em 1618 em Madri. Acabei de encontrar a prova de que este Padre Boudemare ou Bourdemare sucedeu Yves d’Évreux e d’Abbeville, sob a direção imediata do Padre Pembroke⁶³⁶, nomeado Provincial dos Capuchinhos no Maranhão.

Adeus, meu caro colega e amigo. Serro-lhe mui cordialmente a mão.

Seu inteiramente devotado.
Ferdinand Denis

99. Carta de Denis a Ramiz Galvão (16/06/1881)⁶³⁷

Paris, 16 de junho de 1881

Meu caro e ilustrado confrade,

Eu teria verdadeiramente mil boas razões para não lhe escrever por esta remessa, porque acabei de ter estado doente e ainda não estou fazendo a melhor das figuras, posso lhe afirmar. Mas V. Sa. o espera, e se eu valho ainda porventura alguma coisa, é por jamais ter deixado meus amigos esperando, quando ainda está em mim, e quando há alguma possibilidade de satisfazer um desejo justo. Assim sendo, anteontem fui encontrar o ilustrado e amável Sr. Maunoir,⁶³⁸ que realiza todos os negócios da Sociedade Geográfica de Paris, e lá adquiri a triste certeza de que o *Catalogue de l’Exposition Géographique*, não do ano de 1877 ou 79 (não houve nenhum nesses dois anos), mas de 1875,⁶³⁹ não existia

⁶³³ PILINSKY, Adam (ed.). *Monuments de la xylographie. Reproduits en fac-similé par Adam Pilinsky, précédés d’une notice par Gustave Pawlowski*. 8 vol. Paris: Adam Pilinsky et fils, 1882-1888. A coleção reproduz xilografias antigas, desde a segunda metade do século XV, daí a referência ao inventor da imprensa Johannes Guttenberg (1396-1468) e a seu colaborador, Johannes Fust (1410-1466).

⁶³⁴ Jean-François de Bourdemare (?-?), capuchinho francês enviado ao Brasil em 1613. Autor de *Relatio de populis Brasiliensibus* (1617).

⁶³⁵ Não pudemos localizar a obra em questão.

⁶³⁶ Archande de Pembroke (?-?), capuchinho irlandês.

⁶³⁷ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/06/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0118 e 0119. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

⁶³⁸ Charles Maunoir (1830-1901), geógrafo francês. Foi Secretário geral da Sociedade de Geografia de Paris, entre 1867 e 1896, além de responsável pela seção de cartas do Ministère de la Guerre.

⁶³⁹ Esse trecho revela que Ramiz Galvão recorrera mais uma vez a Denis na busca por documentos sobre a história do Brasil que seriam utilizados na exposição da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Nesse momento, ao que parece, ele procurava rastrear a participação do Brasil no Congresso Internacional de Ciências Geográficas, realizado em Paris entre os dias 1 e 11 de agosto de 1875. Embora Denis não tenha localizado o catálogo solicitado por Ramiz Galvão, é possível descobrir algumas informações a esse respeito na publicação do evento: “O Ministério da Marinha do Brasil expôs uma série de cartas hidrográficas, executadas pelos oficiais da Marinha Imperial, sobre o Rio São Francisco e o Rio das Velhas. Mas deve-se em particular mencionar os mapas da região costeira do Brasil, que foram elaborados pelos capitães Vital de

mais nos arquivos dessa ilustrada sociedade. As buscas benevolentes e sinceramente prometidas serão feitas, mas não me deixam, em realidade, grandes esperanças. Em troca, o que V. Sa. receberá, graças à minha visita, são os belos trabalhos geográficos do Dr. Crevaux,⁶⁴⁰ tão importantes para a história da Guiana e da Amazônia, e cujos primórdios estão gravados. Se a primeira remessa não começar desde a primeira mensagem do Sr. Porquet, ela ocorrerá certamente dentro de um mês, esteja eu ou não neste mundo. Deixei ontem seu questionário⁶⁴¹ com o Sr. Maunoir, que o comunicará à Sociedade. É igualmente possível que a encomenda mensal contenha vários exemplares de uma interessante brochura sobre *Gutta-Percha*,⁶⁴² do jovem Dr. Beauvisage.⁶⁴³ Tudo isso não pode ser comparado com a bela remessa que eu lhe enviei há um mês, mas o que lhe peço unicamente é de dizer-me, por meio de um sim ou um não, se os objetos os quais lhe anuncio lhe alcançaram. Nunca pude saber, por exemplo, se a notável obra do Abade Carel sobre Antonio Vieira chegou até V., e se o exemplar destinado à sua Majestade foi entregue a quem era de direito. Ainda estou me consolando por haver confiado à Sra. Henninger este precioso retrato de La Condamine, o qual fora tocado pelas mãos da venerável Sra. Godin des Odonais, e que provavelmente eu não reverei jamais...

Relendo o seu importante questionário, do qual, lamento muito – entre parêntesis – por ter recebido apenas três cópias, fiquei tristemente impressionado, eu diria mesmo dolorosamente impressionado, no que tange à 24ª questão, concernente à história civil. É bom, é justo que eu proteste aqui contra aquilo que ocorreu em 1852, quando eu procurava expor o que Bonifácio de Andrada⁶⁴⁴ desejou fazer pelo seu país. Removeram-se, sistematicamente, de sete a oito colunas, sob o estranho pretexto de que D. Pedro I não era um Alexandre, nem Andrada um Aristóteles, e que, conseqüentemente, meu artigo era demasiado longo!... Dois terços!... E não havia como reclamar, a tiragem havia sido realizada. Felizmente, as fontes foram quase que completamente respeitadas. Depois de tantos anos, é uma tristeza que ainda me persegue, e que permanece sem remédio. A apresentação dos serviços prestados ao Brasil pelo ilustre Bonifácio de Andrada compensará largamente a infração de que lhe falo em uma palavra, e eu apenas lhe falo sobre isso em razão das lembranças dolorosas que conservo e que o seu importante questionário renovaram. Escrevi uma enorme quantidade de artigos na *Biographie Générale* dos Srs. Didot. Nesta publicação, o Brasil foi raramente esquecido, mas se algum dia um suplemento prometido e não publicado vier a lume, V. Sa. terá a certeza daquilo

Oliveira e Fonseca, e todo o trabalho hidrográfico dos arredores do Rio de Janeiro, os planos do porto e das bacias, de autoria do capitão Joaquim Raimundo de Lamara./ O júri concedeu uma menção honrosa ao Ministério da Marinha do Brasil, que centraliza os trabalhos hidrográficos de todos os oficiais”. Cf. SOCIÉTÉ DE GÉOGRAPHIE. Brésil. *Congrès International des Sciences Géographiques tenu à Paris du 1er. au 11 aout 1875: compte-rendu des séances*. T. 2. Paris: E. Martinet, 1878. p. 179.

⁶⁴⁰ Jules Nicolas Crevaux (1847-1882), médico militar, etnólogo e explorador francês. Realizou diversas expedições científicas no interior da Guiana Francesa e na bacia do rio Amazonas. Sua mais recente publicação era, então, a série de artigos “Voyage d’exploration dans l’intérieur des Guyanes. 1876-1877”, que apareceu na revista *Le Tour du Monde*, entre os anos de 1878 e 1879.

⁶⁴¹ Ao que parece, esse questionário elaborado por Ramiz Galvão foi enviado para Províncias e Câmaras municipais do Império, assim como para particulares, instituições de leitura e sociedades dentro e fora do Brasil, no intuito de recolher dados posteriormente utilizados para a realização da Exposição de História do Brasil de 1881.

⁶⁴² Goma obtida a partir das folhas de algumas árvores encontradas na Malásia e na América do Sul.

⁶⁴³ Georges Beauvisage (?-?), médico em Lyon. Publicara, havia não muito tempo, a sua tese defendida na Faculté de Paris, intitulada *Contribution à l’étude des origines botaniques de la Gutta-Percha (1881)*.

⁶⁴⁴ José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), naturalista, político e escritor brasileiro. Conhecido como o Patriarca da Independência, devido a seu papel decisivo para a independência do Brasil.

que lhe digo aqui. No que toca a mim, infelizmente eu não o verei; o meu fim está necessariamente demasiado próximo.⁶⁴⁵

Quanto àquilo que V. Sa. chama de minha história da França Antártica, título que se deve obliterar a partir da publicação do Sr. Gaffarel, estes não são os meios de fazer ressaltar aqui os pontos mais importantes, que não faltam. Este ensaio une-se naturalmente à publicação dos mapas de Jacques de Vau de Claye, que fizeram uma brecha tão considerável em minha bolsa, os quais um indivíduo respeitado por todos deseja realizar a impressão. Dedicar-me-ei a isso, mas é necessário para tanto o restabelecimento absoluto de minhas forças, e é necessário, sobretudo, que eu bana de meu pensamento as recordações tristes que me deixam a perda irremediável de tantos amigos que vi falecer recentemente.

V. Sa. me fala, com justa razão, meu caro colega, dos inumeráveis trabalhos que empreendeu. Os meus me chegam de todos os cantos do horizonte. Porque estamos acostumados a ver em pé uma velha ossatura de 83 anos, que ainda pode responder quando lhe interrogam, uma reputação justa coroará os seus jovens elãs. Eu me detenho abatido, sem haver podido realizar aquilo que sonhei.

É-me impossível, agora, pensar em viajar. Ser-me-á sempre infinitamente doce ter conhecimento de suas conquistas. Eu lhe envio todos os meus melhores votos e lhe cerro cordialmente a mão.

Seu velho amigo.
Ferdinand Denis

100. Carta de Denis a Ramiz Galvão (18/07/1881)⁶⁴⁶

Paris, 18 de julho de 1881

Meu caro e ilustrado colega,

Malgrado o terrível calor que faz neste momento na Praça do Panthéon, que *coupent bras et jambes**, como se diz proverbialmente entre nós, eu não quero deixar partir o correio sem lhe dar sinal de vida. Eu gosto de pensar que a administração da Sociedade Geográfica de Paris lhe terá enviado os mapas novos do erudito Dr. Crevaux, pois dei a este respeito ao Sr. Araújo⁶⁴⁷ as instruções necessárias,⁶⁴⁸ mas seria possível, todavia, que

⁶⁴⁵ O conteúdo da carta indica que Ramiz Galvão fizera uma alusão pouco lisonjeira ao verbete sobre José Bonifácio de Andrada e Silva que Denis realizara, em 1845, para a *Nouvelle Biographie Universelle*. Ofendido, o escritor francês procurou se justificar. Apesar do mencionado desinteresse dos Srs. Didot, parece ser legítima sua intenção de publicar um estudo mais aprofundado a respeito do estadista brasileiro – uma figura, aliás, bastante frequente em suas anotações pessoais e em seus papéis inéditos. Cf. DENIS, Ferdinand. José Bonifácio de Andrada e Silva. In: HOEFER, Jean-Chrétien-Ferdinand (ed.). *Nouvelle Biographie Universelle depuis les temps les plus reculés*. T. II. Paris: Firmin-Didot, 1852. p. 539-546; idem. *Études anonymes sur le Brésil*. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3420 (15-22 e 48-56). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3420/BSG_MS3420#page/n27/mode/2up>. Acesso em 08 mar. 2020.

⁶⁴⁶ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 18/07/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0109 e 0111. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

* *Couper bras et jambes*: privar alguém, física ou moralmente, da capacidade de agir; remover toda sua energia.

⁶⁴⁷ Marcos Antônio de Araújo (1805-1884), o primeiro Barão e Visconde de Itajubá, advogado e diplomata brasileiro. Nessa época, atuava como embaixador na cidade de Paris.

as temperaturas escaldantes que enfrentamos não tenham permitido a realização de diversas operações indispensáveis no intuito de trazer à luz esses importantes documentos. E, no caso de eles ainda não terem aparecido, a sua publicação não deve tardar. Nosso jovem explorador tendo vindo me ver ultimamente e não tendo me encontrado em casa, fez-me que me fosse dito, enquanto me devolvia os livros, que estava de partida para a Alsácia-Lorena, seu país.⁶⁴⁹ Seu fiel servo Apatou já chegou, eu o suponho, à bela região de vocês. Desejo, acima de tudo, lhe agradecer pela sua interessante remessa. Vejo, com grande satisfação, que a velha linguística brasileira ocupa uma posição de destaque em seus *Anais*,⁶⁵⁰ e permaneço maravilhado pela bela impressão de sua coleção; o que vejo como prova irrefragável dos progressos da tipografia ocorrida no Rio de Janeiro.

Acrescentarei a este respeito, e em sua qualidade mui reconhecida de bibliófilo, que dentro de algumas semanas V. Sa. verá aparecer a coleção de peças xilográficas, anteriores muitas vezes à imprensa propriamente dita, que o hábil Pilinsky foi capaz de coletar e executar de uma forma superior *que rien plus***, como costumávamos dizer por aqui! Eu lhe expedirei em breve o prospecto deste empreendimento, que muito certamente modificará, num certo sentido, a ideia geralmente feita da história da tipografia.

Não tive ainda o prazer de ler a coleção da *Revista Brasileira* que devo à sua gentileza, a qual eu lhe agradeço infinitamente, mas percorri números o suficiente para ter a certeza de que esta folha periódica segue numa excelente direção no que tange às pesquisas tradicionais e lendárias de suas vastas regiões. Nunca será o bastante repetir que o que importa agora recolher são as lendas tais e quais o país as conserva. Quando da passagem do Sr. Magalhães⁶⁵¹ por Paris, eu fiz esforços vãos para vê-lo e para ter com ele uma entrevista a este respeito. Não pude obter essa vantagem. Eu realmente aprecio os artigos do Sr. Silvio Romero.⁶⁵² De minha parte, sigo ocupando-me do livro de Boudemare, impresso em latim em Madri à época de Yves d'Évreux. É impossível que este bom religioso da Ordem de São Francisco não acrescente um pouco que seja daquilo que se sabia de seu tempo acerca da religião dos "Tupis", uma vez que ele trata particularmente da idolatria deles! ...

Eu não ouvi a respeito da Sra. Henninger desde a sua partida, e ainda espero que V. Sa. tenha sido mais feliz do que eu. Além da perda do retrato de La Condamine, que muito me entristece, lamento por V. Sa. não haver podido conhecer esta senhora alemã cujo zelo pela história brasileira é dos mais vivos.

Uma vez que falamos, aqui, das senhoras autoras que se ocupam da literatura de seu país, estou certo de que V. Sa. não saberá sem satisfação que a grande edição de *Sá de Miranda*, elaborada pela Sra. Joaquim de Vasconcelos no Porto, e impressa na Alemanha

⁶⁴⁸ Um atraso na impressão dos referidos mapas, no entanto, impediria que eles fossem enviados a Ramiz Galvão. Ver adiante a carta de Denis a Ramiz Galvão de 18 de agosto de 1881.

⁶⁴⁹ Referência a Charles Wiener.

⁶⁵⁰ Recentemente, a linguística brasileira fora assunto de um longo artigo de Alfredo Vale Cabral (1852-?), publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional*. Cf. CABRAL, Alfredo Vale. Bibliografia das obras tanto impressas como manuscritas relativas à língua Tupi ou Guarani, também chamada Língua Geral do Brasil. In: GALVÃO, Ramiz (ed.). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. VIII, 1880-1881, p. 143-219.

** *Que rien plus*: que nada mais.

⁶⁵¹ Referência a José Vieira Couto de Magalhães.

⁶⁵² Referência ao poeta, historiador e crítico literário brasileiro Silvio Romero (1851-1914), o qual publicara uma série de artigos na *Revista Brasileira*, entre janeiro e junho de 1881, incluindo: "A poesia popular no Brasil", "A questão do dia. A emancipação dos escravos", "Um poeta do Norte, carta a Franklin Távora", "Tobias Barreto de Menezes como poeta", "A modinha", além da primeira parte de sua "Introdução à História da Literatura Brasileira". Cf. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. 7 e 8, 1880.

pelo Sr. Meyer,⁶⁵³ está quase terminada. Ela se comporá de um volume no formato in-8 de 1000 páginas, e terá, necessariamente, aspecto pouco gracioso. Como compensação (e isso é enorme), haverá o trabalho de fôlego e consciencioso da senhora J. de Vasconcelos, a qual, creio eu, V. Sa. afirmou ser uma alemã de grande beleza. O manuscrito do século XVI de Sá de Miranda que comprei há cerca de quarenta anos desempenha um papel de grande relevância nesta edição, na qual, infelizmente, creio eu, faltarão os dramas de Sá de Miranda.

Falam-me ainda sobre várias reimpressões, mas, no que tange a este assunto, isto é o suficiente por hoje. Eu gosto de acreditar que a bela encomenda do Dr. Jourdanet lhe chegou em bom estado, e lhe renovo aqui, caro colega, a expressão de meus sentimentos mais afetuosos e sinceros.

Seu inteiramente devoto.
Ferdinand Denis

Queira oferecer, eu lhe rogo, as minhas deferências respeitosas à Madame Ramiz Galvão.

101. Carta de Denis a Ramiz Galvão (18/08/1881)⁶⁵⁴

Paris, 18 de outubro de 1881

Meu caro e ilustrado confrade,

Sei de seu prazer infinito ao me informar, por meio de sua última carta, da entrega, em suas mãos, da preciosa pequena moldura contendo o retrato de La Condamine, o qual pertencia à heroica Senhora Godin des Odonais. Eu tenho tão pouco tempo no mundo que estou feliz em saber que a digna Sra. Henninger foi capaz de pôr esta relíquia em suas mãos. Espero também, embora V. Sa. nada me dissesse, que esta honrada senhora, a qual se ocupa com perseverança e sucesso das coisas brasileiras, entrou em relações diretas consigo, e retomou seu trabalho interrompido pelas exigências do amor maternal.

Descobri igualmente, com grande satisfação, que a bela remessa do Dr. Jourdanet lhe chegou em bom estado, e que V. Sa. a fará chegar a Sua Majestade D. Pedro d'Alcantara os volumes que lhe foram oferecidos. V. Sa. seria muito gentil de escrever algumas palavras a este respeito ao instruído médico que, neste momento, está no interior, mas que vive em Paris, no nº 1 da Rua de Berry, no bairro dos Champs-Élysées.

Eu não lhe enviei nada dessa vez por meio do Sr. Porquet, pois eu não ignorava que os mapas publicados pelo Dr. Crevaux ainda estavam, no dia 15 deste mês, sujeitos a certas correções, o que atrasou a sua publicação. Apesar de minhas ocupações prementes, fui encontrar, no Ministério da Guerra, onde ele é o conservador de mapas e gráficos, o zeloso Sr. Maunoir, secretário geral da Sociedade de Geografia. Soube por ele que os mapas em questão haviam acabado de ser submetidos às últimas correções, e que uma cópia ainda poderia ser enviada a Sua Majestade pela presente remessa, por intermédio do Sr. d'Araújo.

⁶⁵³ A edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos seria publicada pela editora de Max Niemeyer Verlag em Halle, na Bélgica, apenas no ano de 1885.

⁶⁵⁴ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 18/08/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0112 e 0113. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

O Sr. Maunoir, que tem um vivo interesse pelo seu futuro congresso, e ao qual eu comuniquei o seu “Questionário”, ficará encantado em receber de V. Sa. informações detalhadas sobre este importante encontro científico, e falará a esse respeito na Sociedade Geográfica de Paris.⁶⁵⁵ Portanto, não tenha medo, meu caro colega, de se expandir sobre o assunto, fornecendo-lhe as informações que considerar necessárias, as quais serão de utilidade essencial à sua empreitada. Também tenho o prazer de lhe dizer, no que toca ao seu pedido à administração da Sociedade de Geografia, que os mapas do Sr. Crevaux lhe serão imediatamente enviados. O próprio Dr. Crevaux não está mais em Paris no momento. Ele está em Lorquin, na casa de sua família, na Alsácia-Lorena. Eu sei, por meio do Sr. Lucien Adam, o filólogo americanista que habita em Flanville, próximo de Metz,⁶⁵⁶ que o doutor deve enviar em breve, ao Brasil, através de mim, a primeira parte de um volume realmente curioso contendo numerosas *spécimens* de línguas indígenas coletadas no interior da Guiana.⁶⁵⁷ O senhor Lucien Adam escreveu-me, no dia 12 de agosto: “espero agora, de nosso viajante, novos documentos linguísticos por ele recolhidos em sua terceira e última viagem. Trata-se de cerca de doze idiomas ou dialetos absolutamente desconhecidos”.

Eu não quero terminar esta detalhada epístola sem lhe dar notícias de seu excelente artista Meirelles de Lima, que se tornou meu vizinho, uma vez que ele habita neste momento à Rua de Vaugirard, n° 28. Eu o encontrei cheio de verve e entusiasmo, preparando-se para vastas empreitadas no interior do Paraguai.⁶⁵⁸ Ele também as prepara por meio de densos estudos, mas é mais do que provável que, para executá-los nas imensas dimensões as quais ele próprio se impôs, ele será forçado a construir um atelier especial.

Adeus por hoje, meu caro colega. Ofereça, eu lhe rogo, as minhas deferências respeitadas à Sra. Ramiz Galvão, e acredite na velha afeição de seu mui dedicado confrade e amigo.

Ferdinand Denis

102. Carta de D. Pedro II a Denis (15/10/1881)⁶⁵⁹

Senhor,

⁶⁵⁵ Em nossas pesquisas pelos boletins da Sociedade de Geografia de Paris dos anos 1881 e de 1882 não encontramos nenhuma menção a esse respeito.

⁶⁵⁶ Lorquin e Metz são duas comunas francesas localizadas no território conhecido, nessa época, como Alsácia-Lorena, no nordeste francês.

⁶⁵⁷ CREVAUX, Jules; SAGOT, Paul; ADAM, Lucien. *Grammaire et vocabulaires roucouyenne, arrouage, piapoco et d'autres langues de la région des Guyanes*. Paris: Maisonneuve, 1881.

⁶⁵⁸ Como mencionado anteriormente, dois anos antes Victor Meirelles havia perdido um de seus quadros mais importantes, o *Combate Naval do Riachuelo* (1868-1872), que realizara a convite da Marinha brasileira. Uma vez instalado no seu atelier parisiense, na Rua Vaugirard – a 2,6 quilômetros da Biblioteca Santa Genoveva –, decidiu ilustrar mais uma vez esse episódio fundamental para a vitória da Tríplice Aliança. Meirelles levaria dois anos para terminar sua tela, que seria exposta no mesmo ano na capital francesa. Cf. RUBENS, Carlos. *Vitor Meireles: sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. p. 53-64. A respeito da recepção crítica da tela, ver a carta de Denis a Ramiz Galvão de 17 de abril de 1883.

⁶⁵⁹ D. PEDRO II. [Carta a Ferdinand Denis]. Rio de Janeiro [Brasil], 15/10/1881. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 61-63). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n117/mode/2up>. Acesso em 08 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por Afonso Arinos. Cf. ARINOS, Op. cit., p. 13-14.

O Padre Gay⁶⁶⁰ deve fazer uma visita a V. Sa. Este nome deve ser conhecido de todos que se interessam pela história do Brasil. É um homem instruído e dará notícias a meu respeito. Ele nasceu junto aos Alpes e está no Brasil há 31 anos. Só agora conhecerá Paris. Eu o recomendo a V. Sa.

A bela exposição de História do Brasil está em preparo. O catálogo⁶⁶¹ será um trabalho de muito mérito. E eu lamento que V. Sa. não possa tomar parte no congresso que tratará de coisas muito importantes.

Dê-me notícias suas.

Como vão seus trabalhos?

Conte sempre com a viva afeição de

Seu muito cativo
D. Pedro d'Alcântara

Rio, 15 de outubro de 1881

103. Carta de Denis ao Padre Jean-Pierre Gay (06/12/1881)⁶⁶²

Paris, 16 de dezembro de 1881

Senhor abade,

Espero que o bom tempo, do qual desfrutamos de maneira excepcional durante o mês de novembro, tenha conduzido V. Sa. suavemente pelos Alpes, de onde V. Sa. se ausentou por tantos anos. Estou ansioso para anunciar que, malgrado a temperatura muito menos favorável que temos experimentado depois de sua partida, fui sem demora levar seu importante volume e a brochura que o acompanha ao Sr. Maunoir, secretário-geral da Sociedade Linguística,⁶⁶³ que me pareceu encantado com a oferta e que muito em breve testemunhará sua gratidão em nome da Sociedade. Ouso esperar mesmo que ele envidará esforços, a meu pedido, para que V. Sa. seja revestido do título de Correspondente da

⁶⁶⁰ Jean-Pierre Gay (1815-1891), conhecido no Brasil como João Pedro Gay, padre e escritor nascido na França, mas naturalizado brasileiro. Escreveu sobre assuntos variados, como teologia, história das missões, geografia e linguística guarani, sendo sua obra mais conhecida a *História da República Jesuítica do Paraguai desde o descobrimento do Rio da Prata até os nossos dias, ano de 1861* (1863).

⁶⁶¹ O *Catálogo da Exposição de História do Brasil* pode ser considerado como a mais importante conquista da exposição de 1881. Trata-se de um verdadeiro monumento, de mais de 2 mil páginas, no qual são arrolados os cerca de 20 mil documentos apresentados no evento, seus títulos, origens e, em alguns casos, formatos. Ainda que tenha sido feita às pressas e, por isso mesmo, apresente algumas falhas tanto na redação quanto na catalogação, a obra evidentemente resultou de um trabalho minucioso desenvolvido por Ramiz Galvão e sua equipe no intuito de fazer o primeiro levantamento do acervo existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A publicação, aliás, lhe rendeu uma medalha de ouro na Exposição Continental de Buenos Aires. Cf. CALDEIRA, Op. cit.

⁶⁶² DENIS, Ferdinand. [Carta a Jean-Pierre Gay]. Paris [França], 06/12/1881. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.60-0003. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁶⁶³ Há aqui um evidente erro de Denis: Charles Maunoir era secretário da Sociedade de Geografia de Paris, e não da Société de Linguistique.

Sociedade, o que não obriga a retribuição, sendo como é um título apenas honorífico. Cabe tão só dirigir à companhia algumas informações sobre a região onde se vive.⁶⁶⁴

É nesta esperança, Sr. abade, que faço votos de uma travessia a mais favorável possível no seu retorno ao Brasil e que dirijo a V. Sa. meus respeitosos e afetuosos cumprimentos.

Seu muito devotado
Ferdinand Denis

104. Carta de Denis a Ramiz Galvão (16/12/1881)⁶⁶⁵

Paris, 16 de dezembro de 1881

Meu caro e instruído colega,

Faltou-me completamente tempo para lhe escrever nesses últimos dias, devido a um excesso de trabalho inesperado, mas vi, com infinito prazer, que o seu trabalho para o sucesso do grande congresso do qual V. Sa. é a viga mestra teve a sua finalidade atendida, e que V. Sa. encetou com êxito uma empreitada que certamente lhe honrará! Escrevo-lhe, pelo presente correio, para lhe dar ao menos um sinal de vida, pois estou impossibilitado, como tenho feito nos últimos tempos, de enviar para a sua biblioteca obras concernentes à América.

Espero, daqui a algum tempo, ter a grande satisfação de lhe endereçar, por meio do Sr. Porquet, um pequeno e curioso trabalho de que me venho ocupando há dois ou três meses, o qual, graças ao maravilhoso processo do digno senhor Pilinsky – cuja extraordinária perfeição V. Sa. pôde apreciar –, oferecerá a Portugal e ao Brasil a única efígie do grande Camões em que se poderá pôr fé. Anuncio-lhe, enquanto isso, um novo volume sobre Portugal que aparecerá muito em breve, uma vez que a impressão já está bastante avançada. Este livro portará o nome do Sr. Roland Michel.⁶⁶⁶ O autor é filho do Sr. Francisque Michel,⁶⁶⁷ o editor, bastante conhecido na França e no exterior, do magnífico poema intitulado *A Canção de Rolando* – epopeia da Idade Média que desde o ano de 1837, data de sua primeira impressão, já fez nascerem numerosos volumes. Para a consecução da obra sobre a qual lhe falo, concernente à história antiga de Portugal, o Sr. Michel utilizou a vasta coleção de documentos que existe nos Arquivos de Assuntos Estrangeiros, cujo acesso foi negado aos nacionais e, por mais fortes razões, aos estrangeiros. Essa coleção de peças manuscritas consiste em não menos que 163 volumes

⁶⁶⁴ O Padre Gay era comissário do IHGB, mas, ao que tudo indica, jamais chegou a receber qualquer nomeação para a Sociedade de Geografia de Paris.

⁶⁶⁵ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/12/1881. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0114 e 0115. Original em francês, tradução minha. Inédita. Grifos do autor.

⁶⁶⁶ Roland Francisque-Michel (?- ?) escritor e diplomata francês. No ano seguinte a esta carta publicaria, em Paris, a obra *Les Portugais en France, les Français en Portugal* (1882), à qual Denis parece se referir nesse trecho.

⁶⁶⁷ François-Xavier Michel (1809-1887), mais conhecido pelo pseudônimo de Francisque Michel, filólogo e escritor francês especialista em Idade Média. Tornou-se conhecido por ter realizado a primeira edição de um poema épico medieval, escrito entre 1125 e 1150, denominado *Chanson de Roland* (1837), a partir de um manuscrito que localizara em suas pesquisas na Biblioteca de Oxford.

in-folio. V. Sa. pode observar, meu caro colega, por esta única informação, de quão grande interesse será este trabalho.

Anuncio-lhe, além disso, que o digno Abade Gay, que V. Sa. conhece bem, e cujas grandes obras sobre o Guarani e o Tupi V. Sa. sem dúvida apreciou, deixou-nos há três ou quatro dias rumo aos Alpes inferiores, à casa de sua família, a qual ele não via há 39 anos.⁶⁶⁸ Ele me deixou seus manuscritos e planeja voltar ao Brasil no próximo pacote.⁶⁶⁹

Faz um século que eu não escrevo ao amável Sr. d'Escragnolle Taunay. Se V. Sa. tiver a oportunidade de vê-lo, transmita-lhe, eu lhe peço, os meus mais efusivos cumprimentos, e tenha a bondade de lhe dizer que, num dos próximos correios, eu terei a honra de lhe escrever e lhe transmitir uma carta do Sr. Maunoir – o secretário geral da Sociedade de Geografia conta com os meus préstimos para oferecer a ele algumas informações acerca do Sr. Langsdorf,⁶⁷⁰ o célebre viajante alemão outrora enviado pela corte de São Petersburgo ao Brasil, o qual foi, por sua vez, ligado ao honorável Conde d'Escragnolle.⁶⁷¹ É com um propósito puramente bibliográfico, penso eu, que esse pedido será dirigido a ele.

Você me faria muito prazer, meu caro colega, se pudesse escrever ao Dr. Jourdanet, que habita a Rua de Berry, nº 1, algumas palavras amáveis concernentes à encomenda que eu lhe enviei à sua biblioteca, a qual continha, se eu não me equivoco, o precioso volume de Bernardino de Sahagún acerca do antigo México.

Adeus por hoje, meu caro colega e amigo. Mantenha-me informado, tanto quanto as suas numerosas ocupações permitirem, de sua importante solenidade literária, e acredite no velho apego de seu mui devotado colega e amigo.

Ferdinand Denis

Post-Scriptum – Eu abro a minha carta para lhe dizer que encaminho ao Sr. Porquet vários prospectos de um livro muito importante para nós, bibliófilos ou bibliógrafos.⁶⁷² Espero que ainda se possa inserir, na caixa que lhe será enviada, um precioso exemplar desta curiosa publicação.

⁶⁶⁸ Jean-Pierre Gay era proveniente da atual comuna de Grenoble, na parte inferior dos Alpes. Desde 1842, residia no continente sul-americano, tendo inicialmente se instalado na corte brasileira e dali seguido para o Rio Grande do Sul.

⁶⁶⁹ Uma nota de depósito assinada por Denis, em 19 de novembro de 1881, indica que o Padre Gay havia deixado em seu poder quatro manuscritos: “Histoire des Missions d'Uruguay trad. en français”; “Gramática guarani”; “Nouvelle grammaire de la langue Guarani e Tupi” e “Manuel de conversation en quatre langues, français, Portugais, espagnol et Guarany”. Todos os documentos parecem ter sido entregues por Denis ao secretário geral da Sociedade Linguística de Paris, Charles-Maunoir. Cf. DENIS, Ferdinand. Note du 19/11/1881, 1 p. IHGB, DL 406.60-0004.

⁶⁷⁰ Georg Heinrich von Langsdorf (1774-1852), médico, botânico, viajante e diplomata nascido no território conhecido hoje como Alemanha, mas naturalizado russo. Liderou duas expedições científicas ao Brasil financiadas pelo czar russo, sendo a primeira de 1824 a 1825, pela corte e pela província de Minas Gerais, e a segunda de 1825 a 1828, pelo interior do país.

⁶⁷¹ Com efeito, Alfred d'Escragnolle Taunay poderia se interessar por novas informações a respeito de Langsdorf e suas viagens. Em primeiro lugar, porque seu tio paterno, o pintor e desenhista Aimé-Adrien Taunay (1803-1828), falecera tragicamente durante a segunda expedição liderada pelo botânico, quando tentava atravessar o rio Guaporé; em segundo, porque, entre 1875 e 1876, ele próprio havia publicado, nas páginas da *Revista do IHGB*, um relato da expedição deixado pelo desenhista e escritor Hercule Florence (1804-1879), intitulado “Viagem fluvial do rio Tietê ao Amazonas”. Cf. FERREIRA, Dirceu Franco; CANTARINO, Nelson Mendes. Um humanista nos trópicos: a singular trajetória de Hercule Florence no Brasil. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (org.). *Franceses no Brasil. Séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 397-420.

⁶⁷² Não foi possível descobrir de que livro se trata.

105. Carta de Denis a D. Pedro II (18/12/1881)⁶⁷³

Paris, 18 de dezembro de 1881

Majestade,

Foi-me impossível responder à carta com a qual me honrastes sem me certificar no que diz respeito ao digno eclesiástico que vos dignais a recomendar a meus cuidados.

Infelizmente o Abade J. P. Gay, malgrado diversas tentativas de sua parte ou de seus novos amigos, não pôde achar editor para suas últimas obras escritas em francês e lamento profundamente por não poder designar uma data próxima para a publicação em Paris de seus importantes trabalhos. Aqueles puramente linguísticos, depois de algumas diligências de que vou-me incumbir, poderão talvez encontrar melhor sorte. O erudito Padre de Uruguaiana,⁶⁷⁴ mesmo com uma única estada entre nós, não foi de todo improdutivo para a ciência e eu mesmo levei à Sociedade de Geografia os dois volumes em português do digno abade: seu livro sobre a “História das Missões”⁶⁷⁵ foi recebido com viva satisfação. Como, de resto, e à parte minhas débeis diligências, não se ignora o interesse que Vossa Majestade devota a este linguista herdeiro eminente de Ruiz de Montoya, espero fazer com que seja revestido do título de correspondente de uma douda companhia, que tem a honra de contar com D. Pedro d’Alcântara entre seus membros.

Embora eu suporte sem vergar por demais o peso de 83 anos que já se abatem sobre os meus ombros, não posso me esquivar de todo às vicissitudes que a extrema velhice carrega empós si! E foi assim que, depois de uma ligeira indisposição, me vi na contingência de fazer meus ardentes votos pelo retorno de vossos augustos filhos ao Brasil sem que me tenha sido possível renovar junto a eles, em pessoa, a expressão de meus protestos respeitosos.

Ouso esperar que Vossa Majestade, a quem nada é desconhecido no que tange à história do Novo Mundo, tenha lido com alguma satisfação os numerosos fatos que soube reunir em um só fascículo o Doutor Jourdanet durante sua estada no México. Este erudito modesto e ardoroso prestaria por certo mais serviços à ciência se seus numerosos trabalhos, todos absolutamente desinteressados, recebessem os estímulos que merecem. A recente tradução da obra de Bernardine de Sahagún, cuja importância fiz pressentir há tempos na *Revue des Deux Mondes* e cujo texto é por vezes tão eivado de dificuldades, é por certo o trabalho mais valioso que, por esses últimos anos, se ofereceu aos arqueólogos americanistas sobre a civilização dos povos astecas.

Para voltar ao nosso tempo, de resto tão digno de interesse, talvez Vossa Majestade tenha prazer em saber que Meirelles de Lima, o hábil artista brasileiro que está novamente em Paris acaba de voltar dos Países Baixos, muito entusiasmado com as magníficas pinturas nas quais ele foi se inspirar nessas regiões tão opulentas em objetos de arte. Hoje, se os dias sombrios de nosso inverno, mais brumosos que de costume, não oferecessem

⁶⁷³ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/12/1881. 1 doc. 3 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 185 – Doc. 8445 [d01]. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por George Raeders. Cf. RAEDERS, Op. cit., 1944, p. 187-189.

⁶⁷⁴ Em julho de 1874, Jean-Pierre Gay havia sido nomeado vigário da cidade de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, onde residiu até sua morte, em 1891.

⁶⁷⁵ Esse parece ser o título francês dado pelo padre a sua *História da República Jesuítica do Paraguai* (1863).

obstáculo, ele já estaria a braços com a vasta pintura que eternizará, no vosso Império, a gloriosa campanha do Paraguai.

Não duvido um instante do alto interesse histórico e científico que terá o congresso tão bem preparado no Rio de Janeiro. A avassaladora velhice só deixa lástimas. Lá se vão longos anos quando o nosso Ronsard⁶⁷⁶ escrevia a Villegagnon: é uma grande lástima, senhor, não poder oferecer a Vossa Majestade a homenagem de meu respeitoso devotamento, mas a utopia do velho contemporâneo de Camões aos poucos se realiza e, à exceção das virtudes por demais idealizadas do índio, o velho poeta por certo sorriria de admiração ao ver no que o Brasil se tornou ao fim de três séculos.

O nome de Camões foi pronunciado e, como Vossa Majestade faz-me a honra de me perguntar o que me ocupa, é com prazer que digo que me preparo para lhe enviar dentro de alguns meses o único retrato crível do cantor dos Lusíadas: guiado por mim, Pilinsky reproduziu com sua admirável técnica a imagem do poeta conservada por Manuel Severim de Faria em 1624, e este retrato fiel será restituído aos numerosos admiradores do homem de gênio, cujo número dobrou sob vosso reino. O primeiro exemplar desse pequeno opúsculo tomará a direção do Rio de Janeiro.

Sou, com vosso respeito, senhor,
de vossa majestade

o muito humilde
e muito devotado servo.
Ferdinand Denis

106. Carta de Denis a Ramiz Galvão (16/01/1882)⁶⁷⁷

Paris, 16 de janeiro de 1882

Meu caro e ilustrado amigo,

O correio do Rio de Janeiro chegou recentemente e não continha nada para o seu velho confrade, mas eu não me surpreendi; sei de todos os incidentes literários com os quais V. Sa. está envolvido, ocasionados pela organização do Congresso Histórico que V. Sa. tão bem conduziu a um bom termo, portanto, não estou, de modo algum, surpreso com o seu silêncio. Eu suponho que o Sr. Le Chanoine Gay, no caso de haver feito uma aparição em sua florescente capital, tenha lhe dado notícias minhas. Nosso inverno foi excepcionalmente ameno, mas isso não me impediu de apanhar um resfriado abominável, o qual me prostrou por três ou quatro dias em meu gabinete, num momento em que tudo o que me resta de minha atividade principal precisou se multiplicar para fazer face aos incidentes múltiplos do primeiro dia do ano.

Eu soube de maneira mui incompleta, é verdade, mas não me surpreendeu que V. Sa. houvesse obtido de seu congresso científico e literário tudo o que tinha o direito de esperar, portanto, parabeno-o por isso.⁶⁷⁸ Hoje, apresso-me em enviar-lhe, por intermédio

⁶⁷⁶ Pierre de Ronsard (1524-1585), poeta renacentista francês, contemporâneo de Villegagnon.

⁶⁷⁷ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/01/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0116 e 0117. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁶⁷⁸ Segundo Caldeira, a Exposição de História do Brasil de 1881 recebeu um total de 7.621 visitantes, número relativamente baixo quando comparado à Exposição Nacional de 1873, que, em um único dia, foi

do gentil Sr. Porquet, uma brochura in-4° que se tornará certamente uma raridade, e cuja publicação se deve ao Sr. Aristide Marre, o erudito correspondente do Príncipe Boncompagni,⁶⁷⁹ cuja rica biblioteca todos admiram, o qual dá continuidade, com tanto sucesso, às coleções matemáticas que iniciou há tantos anos. O parisiense Nicolas Cuchet acabou de dar início, para a França, a uma série de Sábios nas Ciências Exatas, cujos nomes eram, no geral, ignorados. O Sr. Aristide Marre quis muito acrescentar à remessa dele um conjunto de brochuras, do qual eu ficaria feliz se V. Sa. acusasse o recebimento.⁶⁸⁰

Em meio a um inverno bastante excepcional pela sua suavidade, apanhei, eu lhe disse, um resfriado terrível, do qual começo a me recuperar e, malgrado a suavidade excepcional desta estação, estamos continuamente imersos numa semiobscuridade, o que lhe explicará por que, apesar de uma infeliz irregularidade pela qual peço a sua plena indulgência, eu não me sinto em condições de insistir nessas breves palavras.

Creia, meu caro colega, na sinceridade de meus votos por V. Sa. e por sua cara companheira, e receba a expressão de todos os meus velhos sentimentos.

Seu afeiçoado confrade.
Ferdinand Denis

107. Rascunho de carta do Padre Jean-Pierre Gay a Denis (18/02/1882)⁶⁸¹

Sr. F. Denis

A carta que V. Sa. fez-me a honra de escrever-me no dia 6 de dezembro último chegou a minhas mãos em Uruguaiana e eu agradeço pela sua solicitude em me dar notícias e em me transmitir seus bons votos.

Como a temperatura baixava a cada dia, minha estada nos Alpes se resumiu a seis dias. Embarquei em Bordeaux no dia 6 de dezembro e no dia 4 de janeiro cheguei a meu presbitério. Até agora estive bastante assoberbado, por isso ousei esperar que V. Sa. me perdoará por eu não haver escrito antes.

Não posso, senhor, agradecer o suficiente pelos esforços a que V. Sa. se dá a fim de ser-me útil. Em meu “*Histoire des Missions*” em francês e na *História da República* se encontram amplas notícias sobre a região onde vivo. Se elas não bastam para satisfazer o Sr. Maunoir, secretário-geral da Sociedade de Geografia, porei mãos à obra tão logo meus compromissos o permitam etc. [...].

visitada por 8.500 pessoas. Para a pesquisadora, isso seria resultado da concorrência com a Exposição Industrial, realizada no mesmo período na Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, e também da “disposição confusa” do evento, já que os objetos expostos em cada sala não apresentavam uma relação nítida entre si. Mesmo assim, tanto na imprensa periódica, quanto no meio letrado brasileiro, a iniciativa de Ramiz Galvão foi, de modo geral, bastante aplaudida. Cf. CALDEIRA, Op. cit., p. 210.

⁶⁷⁹ Baldassare Boncompagni (1821-1894), historiador italiano especialista em história da matemática.

⁶⁸⁰ O imperador brasileiro já havia recebido, no ano anterior, um exemplar dessa obra por intermédio de Denis. A esse respeito, ver a carta de Denis a D. Pedro II de 15 de abril de 1881.

⁶⁸¹ GAY, Jean-Pierre. [Rascunho de carta a Ferdinand Denis]. Uruguaiana [Brasil], 18/02/1882. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.61-0002. Original em francês, tradução minha. Inédita.

108. Carta de Denis a D. Pedro II (18/03/1882)⁶⁸²

Paris, 18 de março de 1882

Senhor,

Esta velhice a cujo respeito Vossa Majestade tem a bondade de dizer coisas tão gentis não é a tal ponto inativa que me faça adiar para o dia seguinte ou mesmo um só instante a execução do que lhe aprouve me solicitar. Logo que vossa carta datada de 12 de fevereiro⁶⁸³ me foi enviada pela vossa legação e entregue em minhas mãos enderecei ao Sr. Aristide Marre os generosos agradecimentos que ela reservava a ele. Devo acrescentar que há tempos fiz chegar ao Padre Gay, graças aos bons préstimos do Sr. d'Araújo Abreu,⁶⁸⁴ a carta de agradecimento que lhe dirigia, por meu intermédio, a Sociedade de Geografia pela sua obra tão instrutiva sobre as Missões do Paraguai. Acrescentaria mesmo que não é impossível que um encorajamento mais importante lhe tenha sido proporcionado pela erudita Sociedade, à qual solicitei que assim se fizesse, postulando para ele o título de Correspondente. É mesmo provável que vosso recomendado, senhor, encontre editor para alguns de seus trabalhos sobre o guarani, e o conde de Charencey,⁶⁸⁵ cujos interesses abrangem os idiomas americanos, já me disse algumas palavras sobre uma publicação desse gênero, em nome da qual eu deveria por força aconselhar de novo o douto eclesiástico que neste momento se encontra na distante vila de Uruguaiana.

A carta com que me honrastes traz uma nova que muito me apraz ouvir ser repetida por Vossa Majestade: refiro-me ao Congresso Geográfico e Histórico⁶⁸⁶ do qual se falava no ano passado e que será celebrado daqui a alguns meses. Ninguém compreende melhor que eu as dificuldades que a realização de uma tal solenidade apresenta e como ela pode ganhar em importância se seus pontos salientes forem consolidados. Chegamos a uma época em que os documentos históricos se multiplicam de tal sorte que não é raro que, para aceitá-los, caibam prodígios de perquirições e verificações, que se deve deixar amadurecer até que adquiram todo o valor. Imagináveis, Majestade, para só citar um único fato, e que diz respeito ao extremo norte do vosso imenso Império, que foi há menos de uma semana que tive certeza do que é crível no que toca ao nome mundano do principal fundador da igreja de S. Luiz do Maranhão e, não obstante, como vos lembrais, a história desta primeira fundação remonta aos primeiros anos do século XVII. O Padre Yves d'Évreux, o

⁶⁸² DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/03/1882. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 187 – Doc. 8524 [d01]. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por George Raeders. Cf. RAEDERS, Op. cit., 1944, p. 190-192.

⁶⁸³ Não foi possível ter acesso a essa carta.

⁶⁸⁴ Marcos Antônio de Araújo Abreu (1842-1897), o segundo Barão de Itajubá, filho de Marcos Antônio de Araújo, citado anteriormente.

⁶⁸⁵ Hyacinthe de Charencey (1832-1916), o conde de Charencey, filólogo e folclorista francês, especialista em línguas antigas da Ásia e da América. Foi um dos fundadores da Société de Linguistique de Paris.

⁶⁸⁶ Referência provável à Exposição Antropológica Brasileira, organizada pelo Museu Nacional a partir do dia 29 de julho desse mesmo ano, com a finalidade de promover a revalorização da iconografia indianista. A mostra trouxe uma multiplicidade de objetos relacionados aos nativos brasileiros, desde utensílios domésticos de cerâmica e argila; trajes típicos e acessórios de indumentária elaborados com penas; uma grande coleção de armas com arcos, flechas, tacapes e zabaratanas; maracás, borés e outros objetos ritualísticos; esqueletos e crânios; livros consagrados ao estudo da língua tupi, à etnografia e à antropologia americanas; pinturas a óleo, aquarelas e fotografias; e estátuas de gesso representando os Xerentes. Cf. ANDERMANN, Jens. Espetáculos da diferença: a Exposição Antropológica Brasileira de 1882. *Topoi*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 9, jul.-dez. 2004, p. 128-170. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v5n9/2237-101X-topoi-5-09-00128.pdf>>. Acesso em 09 mar. 2020.

companheiro eclesiástico de Razilly e de la Ravardière,⁶⁸⁷ não deixara em seu encantador relato, tão popular nos dias de hoje, nada que pudesse deixar entrever aquele que poderia ser o nome patronímico que ele usava nas atas. Antes de entrar para a vida eclesiástica, o mesmo mutismo encobria a situação da família a que ele pertencia. Agora tal mistério não mais existe, Yves d'Évreux no século se chamava Simon Michellet e seu pai vivia em tal opulência que não hesitou em ceder consideráveis porções de terras que possuía na Normandia (departamento do Eure) em benefício dos sentimentos piedosos de seu filho, do qual possuímos, além do mais, uma imagem fiel (acompanhada de outra do pai), uma espécie de ex-voto esculpido em pedra, recolhido numa igreja de aldeia vizinha da próspera vila de Évreux, e que hoje atesta a veracidade deste fato até aqui ignorado, a despeito de minhas pacientes investigações.⁶⁸⁸

Um de meus jovens familiares, sobrinho do famoso químico Vauquelin e que, em seus momentos de lazer (ele se prepara para o bacharelado), faz da fotografia um divertimento útil, deve pôr-me em condições, assim espero, de enviar a Vossa Majestade esta preciosa imagem cuja existência me foi revelada primitivamente pelo reverendo Padre Apollinaire, guardião em Paris do pequeno convento da Rua de la Santé, e que a viu por diversas vezes e conhece sua importância para a história do Brasil e sobretudo para os anais da bela província a que ela se refere.

Todos os fatos que tenho a honra de pôr diante de vossos olhos me eram completamente desconhecidos e não obstante levei quase dois anos para publicar o relato do Padre Yves d'Évreux, traduzido em 1874 pelo Doutor César Augusto Marques que o fez acompanhar da obra de Claude d'Abbeville.

Detenho-me, por ora, senhor, quase abusei de vossa bondade. O que me servirá de desculpa, estou quase convicto, é o vosso gosto tão esclarecido pela história do belo país onde reinais. Aceitai, senhor, a expressão do devotamento respeitoso com o qual continuo

Senhor,

de vossa majestade,

o muito humilde
e muito obediente servo.
Ferdinand Denis

⁶⁸⁷ Foi sob o comando de Daniel de la Touche de La Ravardière (1570-1631) e François de Razilly (1578-1621) que se realizou a expedição francesa ao norte do Brasil de 1612, da qual fizeram parte os padres capuchinhos Claude d'Abbeville e Yves d'Évreux.

⁶⁸⁸ Foi em uma igreja em na cidade de Normanville, próxima a Évreux, no departamento de Eure, que o capuchinho francês Apollinaire de Valence (1829-1899) localizou o túmulo de Yves d'Évreux, conseguindo finalmente resolver o mistério em torno de seu verdadeiro nome – informação essa que Denis buscava havia pelo menos quatro décadas, desde a publicação de *Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 e 1614*, em 1864. Valence transmitiu o seu achado a Denis, utilizando como intermediário o químico e farmacêutico francês Nicolas-Vauquelin (1763-1829), parente do conservador da Biblioteca Santa Genoveva. Ao que parece, no entanto, não foi Denis, nem Valence quem colheu os louros dessa descoberta, mas sim certo Dr. Armand Semelaigne (1820-1898), que trouxe à luz uma pequena brochura, intitulada *Yves d'Évreux, ou Essai de colonisation au Brésil chez les Tapinambos, de 1612 à 1614* (em 1887). O Abade A. Letourneur (?-?), de Normanville, que havia transmitido a inscrição da lápide do capuchinho para Denis, pediu sua autorização antes de fazer o mesmo para o Dr. Armand Semelaigne, escrevendo-lhe, em 18 de maio de 1886. Denis poderia facilmente publicar um artigo dando notícia do seu achado em um periódico francês ou brasileiro. Por que não o fez, mesmo sabendo da concorrência com Semelaigne? A resposta para essa pergunta é uma incógnita. Cf. SEMELAIGNE, Armand. *Yves d'Évreux, ou Essai de colonisation au Brésil chez les Tapinambos, de 1612 à 1614*. Paris: librairie des bibliophiles, 1887; LETOURNEUR, A. [Carta a Ferdinand Denis]. Normanville [França], 10/02/1886. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 108). Disponível em <https://archive.org/stream/MS3419/BSG_MS3419#page/n219/mode/2up>. Acesso em 09 mar. 2020.

109. Carta de Denis a Jean-Pierre Gay (16/05/1882)⁶⁸⁹

Paris, 16 de maio de 1882

Senhor abade,

Conforme a promessa que fiz a V. Sa. quando de sua partida de Paris, diligencieei para levar a efeito a impressão dos manuscritos que V. Sa. deixou comigo, relativos à língua guarani e que V. Sa. possui de forma tão completa. Encontrei no Sr. conde de Charencey, fundador da Sociedade de Linguística,⁶⁹⁰ da qual tenho a honra de ser vice-presidente, uma simpatia por esse gênero de trabalho tal como não obtive em nenhuma outra parte. O erudito em questão dirigiu a mim, a esse respeito, uma carta que me apresso a fazer chegar a suas mãos e à qual V. Sa. terá a bondade de responder, se a proposta que ele submeteu a mim for do seu agrado.⁶⁹¹

Esta publicação exigirá, todos hão de concordar, um tempo assaz longo para ser levada a efeito, mas, de outra parte, ela se dirigirá, sem erro, àqueles para quem o estudo das línguas é o único mister, àqueles que se dedicam de fato a este ramo dos conhecimentos humanos! Minha vida já anda tão avançada e não obstante é tão laboriosa que o título que me dá em sua carta o Sr. de Charencey é puramente honorífico e me é bem difícil estar presente, admito, às sessões da Sociedade Linguística.⁶⁹² Não obstante, assim que sua resposta chegar, conduzi-la-ei eu mesmo ao escritório e farei o que estiver ao meu alcance para que V. Sa. tenha uma resposta definitiva.

Premido pelo horário do correio, senhor padre, só o que posso é renovar a expressão de minha alta consideração e de minha sincera estima.

Seu devotado servo
Ferdinand Denis

⁶⁸⁹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Jean-Pierre Gay]. Paris [França], 16/05/1882. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.60-0001. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁶⁹⁰ A Société de Linguistique de Paris foi fundada em 1864 por iniciativa de Charencey. Assim como Denis, outros membros da sociedade haviam pertencido à Société d'Ethnographie orientale et américaine, já mencionada anteriormente. Em 1869, teve início a publicação do *Bulletin de la Société Linguistique de Paris*, cuja publicação continua nos dias de hoje.

⁶⁹¹ Reproduzimos a seguir a carta mencionada por Denis, que se encontra atualmente nos arquivos do IHGB: “Paris, 12 de abril de 1882 / Senhor e honrado Presidente, / Agradeço imensamente pelo envio dos interessantes manuscritos do Sr. Abade Gay. Eis, o que imagino poder dizer a V. Sa. em nome da Sociedade Filológica. Estamos incumbidos da impressão do vocabulário e da gramática guarani, com a condição de que o erudito autor nos conceda algum tempo e nos permita suprimir a parte espanhola. Não me parece que a impressão possa começar antes de 18 de maio [próximo], mas estamos perfeitamente decididos a publicar. Nada posso adiantar no que respeita à tradução de ‘Histoires de la République des Jésuites’, que escapa à alçada de nossa sociedade. Queira aceitar, Senhor e honrado Presidente, e transmitir ao Sr. o erudito Abade Gay, a certeza de meus sentimentos respeitosos e devotados. / A. de Charencey]. Cf. CHARENCEY. [Carta a Ferdinand Denis]. Paris [França], 12/04/1882. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.62-0001.

⁶⁹² De fato, as referências ao diretor da Biblioteca Santa Genoveva nas páginas do *Bulletin de la Société Linguistique de Paris* são raríssimas, o que leva a acreditar que ele não costumava frequentar assiduamente tal sociedade.

110. Carta de Denis a Ramiz Galvão (16/05/1882)⁶⁹³

Paris, 16 de maio de 1882

Meu caro e ilustrado confrade,

Recebi com viva satisfação os dois enormes volumes que V. Sa. fez a gentileza de me endereçar, e que contêm o precioso catálogo da exposição da história do Brasil.⁶⁹⁴ São, aos meus olhos, os resultados preciosos de um trabalho verdadeiramente gigantesco que, com o passar dos anos, terá certamente os resultados mais felizes. Mas, para bem apreciar as coisas em seu justo valor, é preciso não duvidar delas, executar, por si próprio, a bibliografia. V. Sa. realizou uma obra-prima.

Tenho o prazer de lhe fazer chegar, por meio da expedição de sua caixa mensal, confiada aos cuidados do Sr. Porquet, um trabalho muito interessante (do ponto de vista retrospectivo), do qual fala Inocêncio, e cujo autor apareceu, no passado, como um adversário ousado do famoso Grotius. O livro original é raríssimo, a tradução vem de um humanista que deu mais de uma vez provas de sua habilidade e, considerando este duplo título, ele não estará deslocado em sua rica biblioteca.⁶⁹⁵

Depois dos debates dos poderosos da terra sobre o Oceano,⁶⁹⁶ os esplendores do empírico... a pequena brochura que eu somo ao tratado de Freitas também não será destituída de interesse para os cientistas já produzidos pelo seu belo país. O Sr. Aristide

⁶⁹³ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/05/1882. 1 doc. 3 p. BNRJ, Seção de Manuscritos, 1233570. Disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1233570/mss1233570.pdf. Acesso em 09 mar. 2020. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁶⁹⁴ Aparentemente Denis tinha em mãos os dois tomos do *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, que fora organizada por Ramiz Galvão nas dependências da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro no ano anterior. O catálogo lista os diversos e variados materiais que compuseram a exposição: revistas, livros de geografia, história, direito, etnografia e linguística, mapas, cartas, obras de arte, além de moedas, medalhas, trajes e muitas outras peças provenientes tanto do acervo da própria biblioteca, quanto de coleções particulares e de instituições públicas estrangeiras. A este respeito, cf. CALDEIRA, Op. cit., p. 210-230.

⁶⁹⁵ O trecho em questão evidencia que Ferdinand Denis enviara a D. Pedro II um exemplar de *Freitas contre Grotius sur la question de la liberté des mers: justification de la domination portugaise en Asie* (1882), a primeira tradução francesa da obra *De lusto imperio lusitorium asiatico* (1625), escrita pelo jurista português Frei Serafim de Freitas (157?-1633) em resposta ao *Mare liberium, sive de jure quod batavis competit ad indicana commercia dissertatio* (1609), publicado alguns anos antes pelo filólogo, historiador e poeta Hugo Grócio (1583-1645), nascido na República Unida dos Países Baixos, no território hoje conhecido como Holanda. Este último colocou em dúvida o direito dos portugueses e espanhóis ao monopólio mercantil nas Índias Orientais, alegando que nenhum descobrimento, concessão papal ou prescrição – os três argumentos mais utilizados por essas duas nações para assegurar tal procedimento – seria um motivo razoável para justificar o controle de uma extensão tão grande, sem limites claramente definidos. Freitas saiu em defesa dos portugueses e dos espanhóis, rebatendo pontualmente as ideias de Grócio. Cf. FREITAS, Séraphim de. *Freitas contre Grotius sur la question de la liberté des mers: justification de la domination portugaise en Asie par Séraphin de Freitas; traduit par A. Guichon de Grandpont*. Paris: J. P. Aillaud, 1882; TORRE, José Antonio Martínez. “Gobernar el Mundo”. La polémica *Mare Liberum* versus *Mare Clausum* en las Indias Orientales (1603-1625). In: *Anuario de Estudios Americanos*, Sevilla, n. 74, p. 71-96, enero-junio 2017. Disponível em <http://estudiosamericanos.revistas.csic.es/index.php/estudiosamericanos/article/view/702/702>. Acesso em 09 mar. 2020.

⁶⁹⁶ Grafado em letra maiúscula porque alude ao deus homônimo, o mais velho dos Titãs, de acordo com a mitologia grega, o deus das águas correntes, primogênito de Urano e Gaia. Cf. <https://www.britannica.com>. Acesso em 09 mar. 2020.

Marre⁶⁹⁷ é incansável e ficará feliz, não duvido, se V. Sa. fizer a gentileza de lhe dizer algumas palavras acerca da encomenda que, devido à solicitação dele, lhe foi endereçada.

Espero pelo pacote do próximo mês. Eu lhe farei chegar um livro que será para V. Sa. de um interesse mais imediato. Hoje estou tão apurado que fecho esta carta, implorando-lhe, meu caro e ilustrado confrade, que aceite os velhos sentimentos de estima e de afeto de

Seu mui devotado
Ferdinand Denis

111. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/06/1882)⁶⁹⁸

Paris, 15 de junho de 1882

Meu ilustrado colega e amigo,

Basta percorrer atentamente o imenso catálogo concernente à célebre Exposição Histórica do Brasil para compreender o que ela lhe custou de trabalho. Eu já lhe disse, acredito, e não posso repetir o suficiente. Os dias de descanso lhe eram certamente necessários, e os amigos da Ciência estão felizes por V. Sa. ter podido desfrutá-los.⁶⁹⁹ As lacunas nesse vasto trabalho são raras e V. Sa. saberá preenchê-las. O índice, o precioso índice que V. Sa. quer lhe dar será um real benefício para os futuros bibliógrafos e, sobretudo, para os historiadores que se ocuparão de seu belo país. Eu lhe escreverei mais longamente sobre esse assunto inesgotável, porque também eu estou sobrecarregado pelo trabalho e meus 84 anos, a serem cumpridos dentro de dois meses, são uma pesada carga (em todas as regiões do globo) sobre a cabeça de um homem. Aceite, para si e para a biblioteca, uma pequena brochura sobre um brasileiro proeminente que o mundo dos viajantes cometeu o imenso erro de esquecer: Lacerda⁷⁰⁰ era completamente ignorado em Paris; tive de encontrar algumas horas para assinalar esta injustiça, não para repará-la... não tenho esta pretensão. Não é uma obra, é um grito de arrependimento confirmado pela voz eloquente e generosa de Serpa Pinto!⁷⁰¹

Trabalhe agora, especialmente, no intuito de fortificar a sua saúde, meu caro colega e amigo. V. Sa. realizou uma obra-prima. Mantenha-se em vigor intelectual para persistir nos detalhes dela. Haveria a fazer algo de curioso, bibliograficamente, sobre os capítulos inscritos nos grandes viajantes do Brasil, escondidos do mundo da Ciência durante o século

⁶⁹⁷ Trata-se provavelmente da obra *Triparty en la science des nombres* (1881), editada havia pouco em Roma por Marre. Ver a esse respeito a carta de Denis a Ramiz Galvão de 15 de abril de 1881.

⁶⁹⁸ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/06/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0118 e 0119. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁶⁹⁹ Após o encerramento da exposição, Ramiz Galvão se recolheu à casa da família de sua esposa, em Campos, para descansar por alguns dias. Cf. CALDEIRA, Op. cit., p. 210.

⁷⁰⁰ Francisco José de Lacerda e Almeida (1753-1798), matemático, geólogo e astrônomo brasileiro. Passou mais de dez anos explorando o interior do Brasil por caminhos fluviais. Mais tarde, percorreu a África oriental.

⁷⁰¹ Alexandre Alberto de Serpa Pinto (1846-1900), explorador português. Foi um dos primeiros europeus a atravessar a África do Atlântico ao mar Índico, entre 1877 e 1879. Não conseguimos descobrir o título da pequena brochura escrita por ele a respeito de Lacerda à qual se refere Denis nesta carta.

XVIII. Se eu fosse menos velho, gostaria de traçar este quadro imparcial que serviria para glorificar quanto a sua pátria se desenvolveu em menos de um século. O Sr. d'Araújo Abreu se mostra sempre perfeitamente amável comigo [na] legação do Brasil, e ele lhe aprecia particularmente. Penso, no entanto, que se pudermos poupá-lo do incômodo de me encaminhar o retrato de La Condamine, será melhor. Um de seus amáveis amigos que vier à França poderá se encarregar deste pequeno objeto, colocado, se V. Sa. julgar adequado, num invólucro de algodão, para que o vidro antigo não seja quebrado. Trata-se de uma piedosa recordação. Sem isso, eu a deixo em sua rica coleção.

Adeus por hoje, pois temo não encontrar aberta a caixa que lhe expede mensalmente o digno Sr. Porquet, e é indispensável que eu deixe de lado muitos trabalhos começados para ir ao Cais de Voltaire.

Aceite, meu caro e ilustrado colega, a expressão de meus mais afetuosos e sinceros cumprimentos.

Seu mui devotado.
Ferdinand Denis

Eu reparo uma infeliz omissão enviando-lhe, para a sua biblioteca, uma publicação à parte do erudito Sr. Marre.⁷⁰²

112. Carta de Denis a D. Pedro II (18/06/1882)⁷⁰³

Paris, 18 de junho de 1882

Senhor,

A última vez em que tive a honra de falar-vos de uma curiosa descoberta que respeita a uma das cidades mais interessantes do vosso vasto Império, apressei-me a vos dizer que, segundo todas as probabilidades, eu teria a felicidade de poder vos transmitir sem muita demora a pequena fotografia consagrada no século XVII, em sua pátria, ao Padre Yves d'Évreux, um dos fundadores de S. Luís do Maranhão. A execução desta imagem fiel se realizou mais rápido do que eu ousaria crer e não quero deixar partir o correio deste mês sem garantir a Vossa Majestade que ela a receberá dentro em pouco. Para meu grande desconsolo, não obstante, o excelente familiar que teve a generosidade de assumir este trabalho a um tempo minucioso e delicado, em razão de certas dificuldades locais, está hoje à beira do túmulo. O estado irremediável de sua saúde me impede de levar a cabo imediatamente meu intento.

Confinado por um súbito mal em seu castelo de Saint Maclou (departamento do Eure), meu familiar, que se devotava com sucesso ao cultivo das artes, pôde perfeitamente

⁷⁰² Seria possível supor que se trate de *Catalogue des étoiles circumpolaires australes observées dans l'île de Sumatra*, que foi escrita em holandês, em 1600, pelo navegador e astrônomo da Companhia das Índias Orientais, Frederick de Houtman (1571-1621), e traduzida para o francês por Marre, 120 anos mais tarde. Cf. HOUTMAN, Frédéric. *Catalogue des étoiles circumpolaires australes observées dans l'île de Sumatra. Traduit du hollandais par Aristide Marre. Extrait du Bulletin des sciences mathématiques*. 2e. série. T. V. 1881. Paris: impr. de Gauthier-Villars, [circa 1881].

⁷⁰³ DENIS, Ferdinand. [Carta a D. Pedro II]. Paris [França], 18/06/1882. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020, Maço 187 – Doc. 8524 [d02]. Publicada em francês por George Raeders. Cf. RAEDERS, George, Op. cit., 1944, p. 175-176.

executar a fotografia da qual tive a honra de vos falar, mas é-lhe impossível concluir seu trabalho por uma série de pesquisas complementares que eu esperava de sua útil cooperação. Não obstante, tal como chegou, o óbito do velho religioso que visitou tão frutuosamente o Brasil em 1612 poderá ter várias provas tiradas e mesmo ser reproduzido em gravura. Eu ficarei encantado, senhor, de poder oferecer-vos o óbito sob essas duas formas.

Não há ilustração na história do vosso belo país que não me interesse, quando considero o estado de ignorância em que vive a Europa no que respeita a certos fatos importantes constatados por vossos anais recentes: é o que explica, senhor, o envio de uma brochura mais modesta por suas dimensões e que diz em algumas palavras o pioneirismo heroico de um filho do Brasil, buscando atravessar a África muitos anos antes dos Livingstone e dos Stanley.⁷⁰⁴

O mês passado, assoberbado de mil trabalhos imprevistos, não pude fazer chegar a Vossa Majestade uma interessante brochura traduzida pelo Sr. Aristide Marre,⁷⁰⁵ que expõe de modo proveitoso certos estudos astronômicos que porventura, senhor, já conheceis. Hoje dou-me conta desta desastrosa omissão e peço vossa alta indulgência por este aparente esquecimento.

Sou, com profundo respeito, senhor,
de Vossa Majestade,

o muito humilde e
muito obediente servo.
Ferdinand Denis

113. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/09/1882)⁷⁰⁶

Paris, 15 de setembro de 1882

Meu caro e ilustrado amigo,

Se não posso mais chamá-lo de meu eminente colega sob a autoridade do almanaque imperial, não deixo de lhe endereçar os meus cumprimentos sinceros, a propósito do cargo importante de que suas Altezas Imperiais lhe revestiram.⁷⁰⁷ Certamente, não se poderia duvidar disso nem por um momento, dado que, de todos os Estados do globo, V. V. possuem o mais instruído e o mais esclarecido soberano que este mundo conhece hoje. Como bibliófilo e como bibliógrafo, V. Sa. realizou um trabalho

⁷⁰⁴ Referência ao médico e missionário britânico David Livingstone (1813-1873), que desapareceu misteriosamente após mais de trinta anos no continente africano, sendo resgatado por seu conterrâneo, o escritor John Rowlands (1841-1904), mais conhecido pelo pseudônimo de Henri Morton Stanley, em 1871, na Tanzânia. A menção a dois exploradores que percorreram a África leva a crer que Denis enviou ao imperador a mesma brochura de Serpa Pinto sobre Lacerda que encaminhou dois dias antes a Ramiz Galvão. Ver a carta de Denis a Ramiz Galvão de 15 de junho desse mesmo ano.

⁷⁰⁵ Mais uma vez, Denis parece se referir ao *Catalogue des étoiles circumpolaires australes observées dans l'île de Sumatra*.

⁷⁰⁶ DENIS, Ferdinand. [Carta Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/09/1882. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0120 e 0121. Inédita.

⁷⁰⁷ Ramiz Galvão fora há pouco nomeado preceptor dos netos de Pedro II. Cf. CALDEIRA, Op. cit., p. 52.

* *Dans le siècle*: de batismo, na certidão de nascimento.

verdadeiramente gigantesco, ao qual os seus dois últimos volumes só fazem acrescentar à sensação de seus antigos confrades. Agora, um grande e nobre dever está sob sua responsabilidade, cujo sucesso aqueles que lhe apreciam não poderão duvidar por um momento.

V. Sa. me permitirá, não é verdade: a mim, que tenho tão pouco tempo a passar nesta terra, falar sobre livros durante as suas horas de lazer, entretendo-me, como no passado, consigo? Então, começo a partir de hoje e, certamente, eu não saberia empregar mais agradavelmente esses princípios de férias nos quais entramos.

Não sei mais se, numa de minhas cartas precedentes, eu lhe falei do Padre Yves d'Évreux, que escreveu um volume tão encantador sobre o “Maranhão”, absolutamente desconhecido no ano de 1613, ao qual o médico César Augusto Marques deu a tradução fiel para o Brasil em 1875. Apesar de todas as minhas investigações (e elas foram numerosas, posso lhe afirmar), me havia sido absolutamente impossível obter qualquer informação biográfica sobre este curioso escritor. Então, eu tenho hoje não só uma longa inscrição provando que seu nome *dans le siècle** (como se dizia então) era Simon Michellet, porém, graças também a um pequeno relevo esculpido em uma das paredes da igreja de Normanville, não há dúvida de que ele pertencia a uma família bastante pujante do departamento de Eure (antiga porção da Normandia). A fotografia, representando o bom religioso atrás de seu pai – o qual toma com ele, e de joelhos, a disposição para um óbito –, é muito bem-sucedida, e eu já deveria tê-la endereçado a Sua Majestade D. Pedro II e a V.Sa., se um dolorosíssimo evento, ocorrido em minha família, não houvesse oferecido um obstáculo para isso: meu jovem parente Julien Vauquelin, em viagem à Itália após a morte de seu excelente pai, não podendo me remeter o clichê que me foi destinado, me deixa na absoluta necessidade de esperar o seu retorno para que eu faça este pequeno monumento conhecido no Brasil. Se eu escrevo algumas páginas sobre este que pode se tornar um complemento de meu primeiro trabalho, V. Sa. será certamente um dos primeiros a recebê-las,⁷⁰⁸ porque não consigo pensar que as suas novas e importantes funções extingam completamente em V. Sa. o gosto inato para a bibliografia, que estabeleceu o seu justo renome, o qual se conserva para todo o sempre, uma vez que a paixão se faz sentir.

A propósito de livros e de altas curiosidades, a União Central das Artes Decorativas⁷⁰⁹ estabeleceu, no Palácio da Indústria, uma exposição que é certamente o que eu vi de mais bonito neste gênero durante a minha mui longa carreira. Eu gostaria de vê-lo aqui, por um momento, em meio a estas incomparáveis maravilhas da Bibliofilia, e vê-lo se extasiar diante deste evangelho de Carlos Magno, que a cidade de Abbeville confiou momentaneamente à cidade de Paris! Na verdade, desejei-lhe mais de uma vez em meio a essas vastas salas, examinando comigo, com o conhecimento dos fatos, e como verdadeiros apreciadores, aquelas múltiplas curiosidades de tantas épocas diferentes. O que o Extremo Oriente nos enviou de magnificências também é incalculável. V., que tanto apreciou a gravura antiga, jamais se recuperaria da admiração pela pequenina estampa de Rembrandt, para a qual se pagou vinte e oito mil francos; porque a magia do artista soube fazer dela uma peça inimitável!⁷¹⁰ Eu descobri, com viva satisfação, pelo jornal *Le Brésil*, que no Rio

⁷⁰⁸ Ao que tudo indica, Denis jamais publicaria um artigo acerca de sua recente descoberta.

⁷⁰⁹ A União Central das Artes Decorativas (em francês, Union Centrale des Arts Décoratifs), atualmente conhecida como MAD, foi criada em 1882 a partir da união da Société du Musée des Arts Décoratifs e da Union centrale des Beaux-Arts appliqués à l'industrie. Reconhecida como instituição pública em 1901, hoje em dia ela conta com dois museus – o Musée des Arts Décoratifs e o Musée Nissim-de-Camondo, no 1º e no 8º arrondissements de Paris, respectivamente –, uma biblioteca com mais de 160 mil volumes e a École Camond, que se dedica à formação de decoradores e designers.

⁷¹⁰ Rembrandt Harmenszoon van Rijn (160?-1662), pintor e gravador nascido no território hoje conhecido como Holanda. Tido como um dos mais importantes artistas dos séculos XVI e XVII.

de Janeiro organizou-se uma exposição antropológica mui rica⁷¹¹ e ordenada, que sucedeu a recente festa do conhecimento organizada por V., da qual os seus esplêndidos volumes lhe recordarão. Vi, com uma alegria toda particular, que o caro Dr. Ladislau Netto desenvolveu a este respeito todo o seu gosto e toda a sua ciência. Quando V. Sa. encontrá-lo, faça-me a gentileza de lhe transmitir os meus melhores cumprimentos.

Adeus por hoje, caro Senhor e amigo. Aceite novamente a expressão de meus sinceros cumprimentos e acredite, acima de tudo, que, para além de suas funções bibliográficas, ou daquelas em que um mui merecido favor o introduziu hoje, eu não cessarei um momento de repetir a mim mesmo: Sou todo seu, com o melhor coração possível.

Ferdinand Denis

Queira oferecer, eu lhe rogo, as minhas deferências à Sra. Ramiz Galvão.

114. Carta de Denis a César Marques (07/11/1882)⁷¹²

Paris, 7 de novembro de 1882

Senhor e muito honrado confrade,

Já faz uma dúzia de anos que não tenho ocasião de falar a V. Sa. sobre o venerável Yves d'Évreux, que tão bem escreveu sobre seu belo país, pelos primeiros anos do século XVII. Apraz-me crer que a divina providência conservou V. Sa. em bom estado de saúde e que V. Sa. conservou sua ditosa disposição para o trabalho literário, que o fez dar a lume sucessivamente, no mesmo ano, duas excelentes traduções cujo objeto era dar a conhecer dois volumes escritos na mesma época sobre a fértil província do Maranhão.

Tal empreitada, cujas dificuldades não ignoro, foi coroada de pleno sucesso, graças em parte às autoridades de São Luiz. Suponho que a viagem do Padre Yves d'Évreux traduzida tão elegantemente para o português está hoje quase esgotada. É a esse respeito que quero entrar com V. Sa. em alguns detalhes que não poderão deixar de lhe ser de algum interesse, como o serão para seus caros compatriotas.

Quando V. Sa. generosamente pôs mãos à obra para dar a conhecer o relato de Yves d'Évreux, V. Sa. naturalmente não poderia ter conhecimento de mais do que eu mesmo teria podido dizer a respeito. Ora, malgrado minhas investigações reiteradas, ignorava mesmo o nome que este encantador escritor usava *dans le siècle**, como se dizia no tempo em que ele viveu. Foi somente, senhor, neste ano em que tive também a viva satisfação de reatar minha correspondência com V. Sa. que vim a saber qual era sua origem e como ele se chamava (tudo, cabe dizê-lo, graças a um guardião dos capuchinhos de Paris chamado reverendo Padre Apollinaire). Ora, o Padre Yves era originário de uma vila situada a três quartos de légua da próspera cidade de Évreux, no departamento de Eure, e seu nome verdadeiro era Simon Michellet. Hoje possuímos seu retrato e o do seu venerável pai. Espero enviá-los a V. Sa. dentro em pouco em sinal de afetuosa lembrança, estes

⁷¹¹ A respeito da exposição, ver a carta de Denis a D. Pedro II de 18 de março desse mesmo ano.

⁷¹² DENIS, Ferdinand. [Carta a César Marques]. Paris [França], 18/06/1882. 1 doc. 2 p. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/n.08/2020 Maço 187 – Doc. 8524 [d01]. Original em francês, tradução minha. Publicada em francês por George Raeders. Cf. RAEDERS, Op. cit., 1944, p. 192-194.

retratos que devo a meu digno familiar Sr. Vauquelin, que tive o infortúnio de perder há poucos meses e que era sobrinho de terceira geração do célebre químico do mesmo nome. Ainda jovem, dono de uma bela fortuna, amigo das artes, ele teve a tocante bondade, bem pouco antes de sua morte, de ir à pequena igreja de Normanville para fotografar em meu benefício, segundo minhas indicações, o pequeno baixo-relevo onde estão representados o pai e o filho, em religioso cumprimento do que se chama um “óbito”, cuja transcrição igualmente chegou a minhas mãos.

Estas preciosas descobertas propiciaram os elementos de um trabalho que preparo agora. Assim que ele vier a lume, V. Sa. por certo será o primeiro a quem me sentirei no dever de submetê-lo. Foi graças ao conhecimento de nossa língua e ao encanto de seu estilo que ao cabo de tantos anos o velho viajante francês se naturalizou brasileiro e nada mais justo que uma tal homenagem.

Adeus, por ora, meu caro e honrado confrade; queira crer sobretudo nos sentimentos de estima e perfeita consideração de

Seu devotado servo
Ferdinand Denis

115. Carta de Denis a Ramiz Galvão (17/04/1883)⁷¹³

Paris, 17 de abril de 1883

Meu mui velho e caro colega e amigo.

Ninguém, com certeza, se alegra mais do que eu em saber da mudança que se operou em sua posição e das mui honrosas funções com as quais V. Sa. foi encarregado. Mas, ai de mim! Desde esta época, me encontro de todo privado de notícias suas e ignoro até quem lhe sucedeu na administração desta rica biblioteca da qual V. Sa. terá porventura a bondade de me falar.⁷¹⁴ Qualquer que seja a gravidade de suas ocupações, seria muito gentil de sua parte se pudesse encontrar um momento para dar notícias suas ao seu velho amigo.

Descubro, com um prazer infinito, tudo aquilo que foi feito ultimamente, em favor da ciência etnográfica, pelo Sr. Ladislau Netto, e enviei a ele, há pouco, meus sinceros cumprimentos. Mas V., meu velho e caro confrade e amigo, renunciou completamente à bibliografia brasileira? Eu verdadeiramente não poderia crer nisso. Embora eu tenha sido assaz maltratado pelos últimos dias do infeliz inverno por que acabamos de passar, ainda uma vez eu superei as inclemências da estação e eis-me aqui, novamente, aos seus pés. É bem verdade que, em minha idade, isso não se dará por muito tempo. Não importa. Eu trabalho e penso continuamente no Brasil. Imagine – se é que ainda não sabe – que descobri, enfim, a verdadeira pátria deste charmoso Padre Yves d’Évreux, que agora devemos chamar de Simon Michellet, o qual, em 1613, erigiu, na cidade do Maranhão, os primeiros edifícios nos quais seriam povoadas as suas verdadeiras solidões. Preparo um

⁷¹³ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 17/04/1883. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0122 e 0123. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁷¹⁴ Após a saída de Ramiz Galvão, quem assumiu a direção da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foi seu conhado, João Saldanha da Gama.

pequeno adendo ao livro que ele nos deixou no tempo de nosso pequeno Malherbe⁷¹⁵ e, quando essas poucas páginas aparecerem, V. Sa. certamente não será o último a recebê-las.

V. Sa. já sabe, não o duvido, da honrosa distinção de que nosso compatriota, o Sr. Cruls,⁷¹⁶ acaba de ser objeto. Eu acrescentarei que, para minha grande satisfação, o meu excelente amigo – e talvez o seu –, o digno Meirelles de Lima, teve a coragem de reproduzir, apesar das tristes névoas de nosso inverno melancólico, seu belo quadro representando a ação naval do Riachuelo, o qual, apesar de seus 22 metros de comprimento, teve a honra de ser admitido na grande exposição que se prepara. Eu vi o excelente artista dois dias atrás. Ele acabou de empreender, para recuperar-se de sua imensa tarefa, uma viagem de oito dias a Londres, de que ele não poderia me parecer mais satisfeito. A aparição do episódio imponente, da grande campanha do Brasil contra o Paraguai, não poderá causar aqui senão um efeito excelente.⁷¹⁷

Adeus por hoje, meu velho e caro colega e amigo. Rogo-lhe que ofereça a expressão de meu respeito à Sra. Ramiz Galvão, e acredite na antiga afeição de

Seu mui devotado
Ferdinand Denis

116. Carta de Denis a Alfred d'Escragnolle Taunay (17/04/1883)⁷¹⁸

Paris, 17 de abril de 1883

Caro senhor e amigo,

Espero que o bilhete em que manifestei a V. Sa. todo o encanto que produzira em mim seu último escrito, no qual V. Sa. analisou magistralmente as grandezas da natureza tropical do seu belo país, tenha lhe chegado há muito. Hoje, é com satisfação que venho anunciar-lhe que o grande quadro executado com tão incontestável talento por Meirelles de Lima, representando um dos valorosos episódios da Guerra do Paraguai, na qual V. Sa. tomou parte com duplo valor, o das armas e o da alta inteligência, vai se mostrar com brilho, disso estou certo, na nossa próxima exposição. A feliz batalha do Riachuelo, que se ostenta de modo grandioso sobre uma tela de 22 metros de largura, evoca de maneira infinitamente feliz sua *Retirada da Laguna*, publicada em 1879⁷¹⁹ e da qual seu editor, E.

⁷¹⁵ Referência provável ao poeta francês Marc-Antoine de Malherbe (1600-1627), filho de François de Malherbe (1555-1628), também poeta.

⁷¹⁶ Louis Ferdinand Cruls (1848-1908), conhecido no Brasil como Luiz Cruls, astrônomo nascido na Bélgica, mas naturalizado brasileiro. Atuou como engenheiro na Comissão Geral do Império, entre 1874 e 1876. Mais tarde, em 1881, assumiu o cargo de diretor do atual Observatório Astronômico do Rio de Janeiro. Recentemente ganhara o prêmio Valz, concedido pela Académie Française des Sciences, por seus numerosos estudos sobre os cometas.

⁷¹⁷ Denis tinha razão em seu palpite: além de ser aceito no Salão de Paris de 1883, expondo seu *Combate Naval do Riachuelo* (1882-1883) ao lado de telas de grandes artistas da época, Meirelles também recebeu algumas críticas bastante positivas por parte da imprensa francesa. Por isso, em 19 de maio desse mesmo ano, o diretor da Biblioteca Santa Genoveva organizou, nos salões do restaurante Brebant, uma festa em homenagem ao amigo. Cf. RUBENS, Op. cit., p. 62-64.

⁷¹⁸ DENIS, Ferdinand. [Carta a Alfred d'Escragnolle Taunay], Paris, 17/04/1883. 1 doc. 2 p. IHGB, DL311.33. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁷¹⁹ Ver a respeito das diferentes edições de *La Retraite de Lagune* a carta de Alfred d'Escragnolle Taunay a Denis de 1 de outubro de 1879.

Plon,⁷²⁰ não pôde conservar senão poucos exemplares, se é que ele ainda conserva alguns, do que duvido. Não vejo senão de raro em raro seu caro e estudioso primo,⁷²¹ desde o infortúnio que tão cruelmente se abateu sobre ele. Não obstante, soube ainda por esses dias, da boca do bravo eclesiástico em cuja casa ele reside, que um começo de repouso favorável ao estudo se fazia sentir naquela alma tão profundamente ulcerada. Se não estivesse eu mesmo nos últimos dias um tanto indisposto depois do perigoso inverno que acabamos de atravessar, mas do qual, graças a Deus, me refaço com a primavera nascente, teria ido fazer uma rápida visita à Rua Tournefort.⁷²² Mas hoje estou premido pela hora do correio e devo fazer a viagem até a Rua Téhéran.

Como dirijo a V. Sa. no momento da partida estas palavras, permita-me recomendar a sua benevolência, que muito bem conheço, um jovem engenheiro francês: o Sr. Louis Bellenot⁷²³ cujo mérito justamente apreciado conduziu ao Rio de Janeiro e que ergue um farol na ilha Rasa. O que V. Sa. tiver a gentileza de fazer para lhe ser agradável será particularmente notado por este seu velho servo e amigo.

Ferdinand Denis

Tenha a bondade, caro senhor, de não esquecer de transmitir à Sra. d'Escragnolle Taunay a homenagem de meus respeitos.

117. Carta de Denis a Ramiz Galvão (16/09/1883)⁷²⁴

Paris, 16 de setembro de 1883

Caro Senhor e douto amigo,

Eu lhe escrevo apressado essas poucas palavras para lhe agradecer por sua última e gentil missiva, que acompanhou com tantas expressões gentis o envio do precioso retrato de La Condamine, o qual V. Sa. teve a afetuosa bondade de me reenderçar, em sua moldura e em sua perfeita integridade. É uma verdadeira relíquia para mim, cujo valor V. Sa. tão gentilmente aprecia. Obrigado novamente por mo haver remetido em mãos, pelo gentil e ansioso mensageiro Sr. Antonio Carlos Teixeira, Cônsul Geral do Brasil nos Países Baixos. Infelizmente, apenas vi por alguns instantes aquele prestativo mensageiro, o qual se desincumbiu com tanta precisão de sua comissão, mas todas as minhas simpatias por ele

⁷²⁰ Eugène Plon (1836-1895), editor e homem de letras francês, proprietário da casa Plon, ainda em funcionamento nos dias de hoje.

⁷²¹ Referência provável ao escritor, tradutor e arquivista brasileiro Luiz Gastão d'Escragnolle Dória (1869-1948), sobrinho de Alfredo d'Escragnolle Taunay e não seu primo, como afirmou Denis. Autor de um dos mais conhecidos artigos a respeito do diretor da Biblioteca Santa Genoveva, de onde provavelmente vem seu epíteto de "amigo do Brasil". Cf. DORIA, Luís Gastão de Escragnolle. Um amigo do Brasil (Ferdinand Denis). *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1912, n. 75, p. 219-230.

⁷²² A rua Tournefort, no 5º. arrondissement de Paris, acolheu ao longo dos séculos vários escritores e casas editoriais. Aparentemente foi ali que Luiz Gastão d'Escragnolle Dória se instalou, em 1882.

⁷²³ Louis Bellenot (?-?) foi encarregado de renovar o Farol da Ilha Rasa, localizado a cerca de dez quilômetros da baía de Guanabara, tornando-o o primeiro farol elétrico da América do Sul, com um aparelho luminoso vindo diretamente de Paris.

⁷²⁴ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 16/09/1883. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0124 e 0126. Inédita. Original em francês, tradução minha. Grifos do autor.

foram adquiridas à primeira vista. Os velhos como eu têm o direito – ai de mim – de se tornar quase exigentes; o tempo inexorável lhes garante esse direito. Eu desejei, em vão, rever novamente o seu amigo, nem que fosse para ele me falar de V. Sa. Ele partiu depois de me ter feito a visita que lhe prometera, e, com toda a sinceridade, malgrado as suas amáveis palavras, sinto internamente que ele precisou realizar um verdadeiro sacrifício de tempo para cumprir com sua palavra. La Condamine, que o grande A. de Humboldt chamou de o mais sincero dos viajantes, não me deixará mais.

Sua última carta, tão tocante, me permite ver, através de seus nobres sentimentos resignados, os pesares que naturalmente lhe inspiram a alta missão que lhe foi atribuída. Sejam quais forem os seus novos deveres, seu espírito tem largueza o suficiente para não se preocupar com a aparição de um novo documento geográfico, cujo texto exato V. Sa. encontrará em anexo. Depois da tão preciosa carta de Pedro Vaz de Caminha, este talvez seja o mais curioso monumento a se assinalar aos ilustrados brasileiros de nosso tempo. O excelente Meirelles de Lima, o qual V. Sa. conhece, estava presente no momento em que eu pude fazer o exame rápido que possibilitaram, em sua perfeita prestimosidade, os maravilhosos criadores de monumentos paleográficos, os Srs. Pilinsky Pai e Filho, dos quais eu tantas vezes lhe falei – creio eu.

Hoje mesmo, enquanto lhe escrevo, constato, no *Journal de la Librairie*,⁷²⁵ a inserção do próximo ano: *Les Corte-Real et leurs voyages au Nouveau monde par Henry Harrisse*, 1 volume grand in-8 com um mapa de 1502 reproduzido em cores, em um portfólio in-folio (Preço: 40 francos), por Leroux.⁷²⁶

“A venda dessas duas obras foi retardada devido às dificuldades na tiragem dos mapas.”

É positivamente a reprodução da mais antiga cartografia brasileira que se poderá encontrar.⁷²⁷

Acabei de consultar sobre este assunto a preciosa obra de Gaspar Correia (*As Lendas da Índia*, Tomo 1º),⁷²⁸ e penso entrever quem é o companheiro do ilustre Pedro Álvares Cabral, a quem poderíamos atribuir as bases primitivas deste monumento.

Faço muito da ciência paleográfica do Sr. Harrisse, mas não conheço nada de sua obra, e falta-me absolutamente tempo para tomar conhecimento disso hoje. Contento-me apenas em lhe enviar, pelo digno e hábil Meirelles, que tanto apreciamos em Paris, a lenda italiana de La Carte.

⁷²⁵ Referência ao periódico *Bibliographie de la France: ou Journal général de l'imprimerie et de la librairie* (1811-1971) que, como indica o próprio título, tinha por objetivo listar as mais recentes publicações francesas.

⁷²⁶ O assunto da carta gira em torno de uma obra publicada recentemente pelo já mencionado Henry Harrisse, a respeito de dois navegadores portugueses, os irmãos Gaspar (145?-1501) e Miguel Corte-Real (145?-1502), que desapareceram tragicamente no início do século XVI, quando exploravam o continente americano. No intuito de reconstituir a biografia de ambos, bem como a história das viagens marítimas realizadas por eles, Harrisse rastreou documentos raros ou inéditos, dentre os quais quarenta cartas guardadas na Torre do Tombo sobre a família Corte-Real e uma narrativa da expedição realizada para resgatar os irmãos, o que causou grande entusiasmo em Denis. Cf. HARRISE, Henri. *Les Corte-Real et leurs voyages au Nouveau-Monde d'après des documents nouveaux ou peu connus tirés des archives de Lisbonne et de Modène; suivi du texte inédit d'un récit de la troisième expédition de Gaspar Corte-Real; d'après deux documents inédits récemment tirés des archives de La Torre do Tombo à Lisbonne, dont un écrit est signé par Gaspar Corte-Real, l'autre par son frère Miguel*. Paris: E. Leroux, 1883.

⁷²⁷ Esse comentário mostra que, até a publicação do estudo de Harrisse, não se sabia ao certo que regiões haviam sido exploradas pelos irmãos Corte-Real. Contrariamente ao que acreditava Denis, eles não visitaram o Brasil, mas sim a América do Norte, sobretudo o território onde hoje se localiza a Flórida.

⁷²⁸ Gaspar Correia (149?-1561), historiador português. Autor de *Lendas da Índia*, uma das mais importantes obras quanto à presença dos portugueses no Oriente durante o século XVI, que permaneceu inédita até meados dos Oitocentos, quando foi resgatada pela Academia de Ciências de Lisboa.

Apesar de meus 85 anos bem passados, fui casar na Normandia um de meus jovens familiares, o qual fez um belíssimo casamento. Aproveitei essa escapada juvenil para ir a Normanville, vilarejo situado a 11 quilômetros da encantadora cidade de Évreux. Lá, pude contemplar com os meus velhos olhos tudo o que se ligava à existência desse encantador escritor que foi chamado, no ano de 1613, Yves d'Évreux, e que, na realidade, dever-se-ia denominar Simon Michellet. Essas grandes lembranças do Brasil por um instante me rejuvenesceram, e eis-me em meu lugar no Panteão rabiscando-lhe, apressadamente, para o próximo correio do Rio de Janeiro, algumas confusas palavras de agradecimento e de lembrança.

Um último capítulo na biografia do velho viajante francês, que não era estranho à fundação de São Luis do Maranhão, continua a ser necessário. Ocupo-me disso com uma espécie de paixão e tenho alguma esperança de ainda poder ter sucesso na empreitada. Se esta publicação sair ao meu gosto, minha primeira homenagem será para os hóspedes respeitáveis de Petrópolis, dos quais V. Sa. tem a honra de se aproximar cotidianamente.

Adeus por hoje, meu caro e ilustrado amigo. Ofereça, eu lhe rogo, os meus respeitos à Sra. Ramiz Galvão, e acredite nos sentimentos de velha afeição e estima de seu devotado.

Ferdinand Denis⁷²⁹

118. Carta de Denis ao barão de Ourém⁷³⁰ (25/12/1884)⁷³¹

Paris, 25 de dezembro de 1884

Senhor barão,

Tenho a honra de agradecer a V. Sa. pela administração da importante brochura que V. Sa. teve a generosidade de fazer chegar à Biblioteca Santa Genoveva e que ostenta o título *Sur les intitutions de prévoyance au Brésil*, Pau, Imprimerie Garet 1883, grande in 8.⁷³² Este livro que marca evidentemente um importante progresso em certas manifestações econômicas do verde Império americano desde logo será posto à disposição de nosso numeroso público.

Com meus agradecimentos, queira aceitar, senhor barão, a expressão dos meus sentimentos mais nobres.

⁷²⁹ A seguinte anotação feita por Denis acompanha a carta: “Título superior: Fragmento de planisfério enviado de Lisboa a Hercule d’Esté, Duque de Ferrara, antes do dia 19 de novembro de 1502, por Alberto Cantino. (Do tamanho do original) (Biblioteca Estense de Modena) / Moldura inferior à direita: Decalcado do original pelos Srs. Malatesta, Zattera et Antilli; professores da Escola Militar de Modena, e reproduzido em fac-símile pelos Srs. Pilinsky Pai e Filho, para a obra do Sr. Henry Harrisse, intitulada ‘Corte-Real et leurs voyages au Nouveau Monde’ / Moldura inferior à esquerda fac-similar: ‘Carta da navegar per le Isola novamente [ilegível] de l’Índia: dono Alberto Cantino Al. S. Duca Hercole’”.

⁷³⁰ José Carlos de Almeida Areias, barão de Ourém (1825-1892), advogado e escritor brasileiro.

⁷³¹ DENIS, Ferdinand. [Carta a José Carlos de Almeida Areias]. Paris [França], 25/12/1884. 1 doc. 1 p. IHGB, DL153-16. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁷³² AREIAS, José Carlos de Almeida. *Notice sur les institutions de prévoyance au Brésil; communication faite au congrès scientifique universel des institutions de prévoyance lors de la deuxième session quinquennale en 1883, par le baron d’Ourém, Vice-président d’honneur de la Société des institutions de prévoyance de France*. Pau/France: impr. Garet, 1883.

Ferdinand Denis

119. Carta de Jean-Pierre Gay a Denis (10/09/1885)⁷³³

Uruguaiana, 10 de setembro de 1885

Senhor,

Quando de minha viagem a Paris, em novembro de 1881, usufruindo da gentil oferta de seus bons préstimos, V. Sa. teve a bondade de aceitar o depósito de quatro de meus manuscritos, aos quais deveríamos mais tarde, em sendo possível, dar destino.

Ora, um erudito inglês residente em Edimburgo fez-me a proposta, por mim aceita, de traduzir e publicar os manuscritos intitulados: 1º. “Histoire des Missions brésiliennes de l’Uruguai”, 2º. “Resumo da Gramática Guarani” (manuscrito em português). Venho solicitar a V. Sa. a gentileza de enviar os mencionados dois manuscritos ao Sr. Dr. Jorge Spencer, ou a seu tio.

Não sei, senhor, como agradecer pelas atenções que V. Sa. dispensou a mim e pelos esforços que não poupou em meu favor. V. Sa. sempre terá a minha gratidão.

Seu devotado e muito grato servo
[s./ assinatura]

120. Trecho de uma carta de Jean-Pierre Gay a Denis (10/09/1885)⁷³⁴

Uruguaiana, 10 de setembro de 1885

Senhor,

Apresento a V. Sa. minhas sinceras desculpas por não ter respondido antes à carta que V. Sa. fez-me a honra de escrever na data de 16 de maio de 1882 me comunicando que tinha percebido no Sr. conde de Charencey, fundador da Sociedade de Linguística, receptividade à ideia da impressão de meus manuscritos “Vocabulaire et Grammaire Guarany”. Na carta que o Sr. conde dirigiu a V. Sa. e que V. Sa. teve a gentileza de me enviar vejo que ele está disposto a imprimir o Vocabulário com exceção da parte espanhola, e que ele poderá dar início à impressão somente 18 meses depois da data de sua carta.

Quando depositei em suas mãos, senhor, meus manuscritos do “Vocabulário” e da “Gramática Guarany” comuniquei a V. Sa. que tinha deixado no Rio de Janeiro uma cópia destes mesmos manuscritos, feitos com uma melhor caligrafia, mais limpos e mais

⁷³³ GAY, Jean-Pierre. [Carta a Ferdinand Denis]. Uruguaiana [Brasil], 10/09/1895. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.60-0005. Original em francês, tradução minha. Inédita. Há duas cartas do Padre Gay a Denis com a mesma data, 10 de setembro de 1885. Aparentemente, a primeira foi um rascunho e apenas a segunda chegou, de fato, a ser enviada.

⁷³⁴ GAY, Jean-Pierre. [Carta a Ferdinand Denis]. Uruguaiana [Brasil], 10/09/1885. 1 doc. 1 p. IHGB, DL 406.60-0006. Inédita.

completos, e por essa razão em melhor estado para serem dados à impressão. E ainda que os dois manuscritos no Rio estavam em poder de nosso amigo comum o Sr. Doutor B. Franklin Ramiz Galvão, então bibliotecário da Biblioteca Nacional, que se empenhou longamente em levar a efeito a impressão dos mencionados manuscritos pela Imprensa da mesma Biblioteca no começo do ano de 1882. Não podia então responder a sua carta sem falar ao Sr. Doutor Franklin, que, tendo deixado de ser bibliotecário da Biblioteca Nacional, depois de ter falado ao novo bibliotecário Sr. Doutor Saldanha, respondeu no dia 3 de agosto de 1883 que “por diversos motivos prementes e perturbações de vária natureza foi suspensa a continuação da publicação dos *Anais*, que não me parece haver caído no esquecimento a promessa que ele me havia feito, que ele deseja e espera que eu não retire meus manuscritos, que a Biblioteca cumprirá sua promessa tão logo seja possível fazê-lo”.

Em junho último, dirigi-me de novo ao Sr. Dr. Franklin, mas ainda não obtive resposta.

Em vista da proposta do Sr. conde de Charencey e da resposta do Sr. Dr. Franklin, vejo-me bastante [...].

121. Carta de Ramiz Galvão a Denis (20/12/1885)⁷³⁵

Petrópolis, 20 de dezembro de 1885

Meu ilustre e bom amigo

Há muito que não tenho o prazer de receber letras suas. Verdade é que em virtude de minhas novas funções, não só me falece o tempo, como não tenho motivo especial (como outrora) para enfadá-lo com missivas. Foram-se os belos e saudosos tempos, em que os velhos e bons livros da querida Biblioteca faziam o meu encanto; não que os ame menos hoje, mas as pesadas obrigações do nosso cargo não deixam lazer para a bibliofilia. Não tendo pois notícias a dar-lhe, senão de mim que pouco valho, deixei de escrever ao meu bom amigo com a primitiva assiduidade. Quanto à estima e veneração que lhe dedico, essa é inalterável.

Tendo eu ultimamente melhorado sensivelmente de uma teimosa dispepsia, que me deixaram os trabalhos excessivos da Biblioteca, comecei a desempenhar-me de velhos compromissos. Um destes era escrever para os *Anais* a biografia de Frei Camilo de Monserrate.⁷³⁶

Atirando-me pois às investigações indispensáveis para esse fim, nas pouquíssimas horas vagas que me restam, tive ocasião de examinar paciente e minuciosamente todos os seus papéis particulares que existem no Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro. Foi farta a

⁷³⁵ GALVÃO, Ramiz. [Carta a Ferdinand Denis]. Petrópolis [Brasil], 20/12/1885. 1 doc. 7 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 79-82). Inédita.

⁷³⁶ Esta carta e as quatro de 1886 reproduzidas na sequência têm como assunto principal a obra de Camilo de Monserrate que, como mencionado anteriormente, ocupara o cargo de diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Ramiz Galvão passou vários meses recolhendo informações a seu respeito, no intuito de escrever o artigo cuja referência se segue, publicado, em 1887, nos *Anais da Biblioteca Nacional*. A ajuda de Denis acabou se mostrando bastante preciosa nesse processo, pois ele lhe forneceu dados sobre a participação de Camilo de Monserrate na imprensa francesa, bem como averiguou certas hipóteses apresentadas por Ramiz Galvão. GALVÃO, Ramiz. Frei Camillo de Monserrate. Estudo Biográfico. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. XII (1884-1885), 1887.

colheita, sobretudo quanto ao 1º período da vida de Camilo Cléau, isto é, os 26 anos passados em França pela maior parte, até sua vinda para o Brasil em 1844.

No meio porém dos numerosos dados colhidos agora, há ainda alguns pontos obscuros, e é para ajudar-me a esclarecê-los que eu ouse pedir o seu benévolo concurso.

Permita que lhe faça pois um certo número de pedidos; se a saúde e as ocupações consentirem em satisfazer-mos, não calcula quanto lhe ficarei agradecido.

1º.: Figura o nome de Camilo Cléau (ou antes Jorge Estanislau Xavier Luiz Camilo Cléau) no nº dos *bacheliers à lettres*? Em que ano então fez seus exames? Seria entre 1834 e 1837, isto é, dos seus 16 aos 19 anos de idade?

Ele estudou sempre em Paris?

2º.: Michaud⁷³⁷ publicou em 1836 e sequência um *Suplemento* à 1ª edição de sua *Biographie Universelle* e Camilo escreveu para ele pelo menos 2 artigos: “Clitademo” e “Duris (de Samos)”.⁷³⁸ Foram eles publicados no referido suplemento? Seria possível mandar-me uma cópia de ambos, dizendo-me sob que nome apareceram?

3º.: No *Journal Asiatique* de 1841 ou 1842 publicou-se por ventura uma memória sobre Numismática da Bactriana, ou e sobre Tiridates?⁷³⁹ Sob que nome apareceu ele? Seria também possível remeter-me uma cópia exata? Esse trabalho eu sei agora que é do nosso ilustrado Camilo Cléau, e não tenho aqui meios de vê-lo, porque em nenhuma Biblioteca existe o *Journal Asiatique* daquela época.

Evidentemente, meu amigo e mestre, esta [é] uma importunação enorme, mas tenha paciência comigo. Quanto às cópias, poderá mandar tirá-las por pessoa idônea, e eu me encarregarei de mandar ao sr. Porquet a importância das despesas.

Pelo exame de cartas e outros papéis vim a saber que Camilo tinha irmã Mme. Eulalie de Thou, casada com advogado Amédée de Thou, e residente em Cosne-Nièvre, um primo no Havre chamado B. Verjon. Sei mais que teve relações íntimas ou quase íntimas com Mr. Alfred Michiels,⁷⁴⁰ que suponho ser o crítico de arte muito conhecido.

Viverão alguma destas pessoas ainda, os seus filhos que provavelmente conheceram Camilo bem moço? Que notícias me poderiam dar!

Encontrei dois trabalhos de sua lavra nos *Nouvelles Annales des Voyages*,⁷⁴¹ não haverá outros que eu ignore? Onde teria sido publicado, por exemplo, um artigo – “Les Baleiniers” –, que segundo creio ele escreveu depois da viagem que fez em 1837-39 à Nova Zelândia em um navio baleeiro?

Oh! se eu tivesse estas informações em 1874, quando estive em Paris, certamente não o importunaria tanto, meu bom amigo; mas aqui, longe do teatro dos acontecimentos e das pessoas, carecendo até de certas obras e sobretudo de Gazetas do tempo, que remédio tenho se não valer-me de quem foi sempre tão bom para comigo?

⁷³⁷ Louis-Gabriel Michaud (1773-1858), escritor, livreiro e impressor francês.

⁷³⁸ O referido verbete sobre o historiador grego Clitademo ou Clidemo (?-?) apareceu no tomo 61 da *Biographie universelle et moderne*. Contudo, não há qualquer referência a seu conterrâneo Duris de Samos (34? a.C.–28? a.C.) na mesma coleção. Cf. MICHAUD, Louis-Gabriel. *Biographie universelle ancienne et moderne: histoire par ordre alphabétique de la vie publique et privée de tous les hommes qui se sont fait remarquer par leurs écrits, leurs actions, leurs talents, leurs vertus ou leurs crimes* (ed.). Paris: Madame C. Desplaces; Leipzig: F. A. Brockhaus, 1843-?. 45 vol.

⁷³⁹ Referência ao *Journal asiatique: ou recueil de mémoires, d'extraits et de notices relatifs à l'histoire, à la philosophie, aux sciences, à la littérature et aux langues des peuples orientaux* (1822-ainda em circulação). Tal hipótese seria refutada por Denis, depois de visitar um especialista em numismática na Biblioteca Nacional. Ver mais adiante a carta enviada por ele a Ramiz Galvão em 15 de junho de 1886.

⁷⁴⁰ Alfred Michiels (1813-1892), historiador e crítico de arte francês.

⁷⁴¹ Referência ao *Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l'histoire: ou Recueil des relations originales inédites, communiquées par des voyageurs français et étrangers* (1819-1865), em cujas páginas não localizamos nenhum artigo assinado por Camilo de Cléau.

Digne-se pois de relevar a ousadia, e ajude-me a reerguer o nome deste ilustre compatriota seu, que tão digno me parece de estima e respeito.

Minha mulher recomenda-se respeitosamente ao meu nobre amigo. Os filhos são 4, e aprenderão a amá-lo e querê-lo. Eu sou sempre

Velho amo. e cola. admor.
B. Franklin Ramiz Galvão

122. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/01/1886)⁷⁴²

Paris, 15 de janeiro de 1886

Caro Senhor e ilustrado amigo,

Conheço desde muito tempo as sérias causas de seu silêncio. Elas são, aos meus olhos, demasiado importantes e numerosas para que eu tenha o menor direito de me surpreender com os longos meses que se passaram sem que uma palavra me tivesse chegado, estando eu a par de suas viagens e de seus estudos. Recebi de Petrópolis sua carta datada de dezembro de 1885, e apresso-me para o correio de 16 de janeiro de 1886, para lhe anunciar que conto fazer, sem demora, as diversas pesquisas que lhe são necessárias para realizar, com exatidão absoluta, o artigo dos *Anais* no qual V. Sa. pretende divulgar, do ponto de vista científico e literário, o Frei Camillo de Monserrate. Eu já adquiri a certeza de que se contestava a este erudito religioso o [ilegível] de nomes, o escritor ático que ele chamou de Clitademo, e que não era outro senão Clidême, o qual viveu em torno de 470 a. C, mas, parece, isto é um fato a ser debatido.

Eu não sou membro da Sociedade Asiática, o que V., sem dúvida, não ignora, mas não tardarei a me conduzir à sede desta academia especial, e tentarei me certificar do número de trabalhos que Frei Camillo imprimiu nesta *Revue*. Porém, infelizmente sou demasiado velho para atendê-lo com rapidez. Assim que o [ilegível] que era questão de satisfazer os seus doutos desejos. O mesmo se dará no que concerne às suas outras demandas. Tenho 88 anos e, portanto, é preciso utilizar, no que me concerne [ilegível], de uma grande indulgência.

Meus velhos anos estão sobrecarregados de trabalho, mas não tenho minimamente do que me queixar, uma vez que o trabalho tornou-se a melhor parte da minha longa existência. Ocupo-me, neste momento, de um francês que tomou parte, estou certo, da expedição enviada em 1614 ao Maranhão, e que, no retorno, imprimiu a sua obra em Madrid, por volta de 1619. Chamava-se Boudemare, ou Bourdemare, se não me falha a memória. Penso que irei à capital da Espanha para encontrar os documentos bibliográficos os quais absolutamente me fazem falta, concernentes à sua viagem, pois não duvido que eles existam. Eles tratam, sobretudo, da idolatria dos Tupinambás, e eu gostaria de adicioná-los a algumas novas informações, que eu obtive de Yves d'Évreux – o qual V. Sa. bem conhece, eu suponho.

Adeus por hoje, caro e ilustrado amigo. Apresente, eu lhe rogo, minhas respeitadas deferências à Sra. Ramiz Galvão. Ofereço-lhe meus sinceros cumprimentos à numerosa

⁷⁴² DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/01/1886. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0127 e 0128. Original em francês, tradução minha. Inédita.

posteridade que fez de V. Sa. um pai, e permaneço com uma afetuosa estima, fundada na função tão nobre da qual V. Sa. foi encarregado,
Seu mui devotado e

afeiçoado servo
Ferdinand Denis

123. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/02/1886)⁷⁴³

Paris, 15 de fevereiro de 1886

Meu velho e caro colega e sempre ilustrado amigo,

Malgrado o terrível inverno que acabamos de atravessar, não me esqueci de sua desirata, e estive mais de uma vez na grande Biblioteca Nacional, onde se reuniu uma coleção completa do *Journal Asiatique*, com a sua carta em mãos. Porém, devo dizer-lhe que, infelizmente, não obtive nenhuma colheita abundante, tampouco uma colheita minguada. Assegurei-me, a princípio, de que o nome de Camille Cléau não figurava entre os colaboradores. A seguir, procurando nos lugares indicados com bastante clareza por V., assegurei-me de que o famoso artigo sobre a numismática da Bactria era anterior, mas não encontrei, nos meses precedentes, nada além de um relato muito extenso – é verdade –, que tem por título: “Observations sur quelques médailles bactriennes et indoscythiques”, recentemente encontradas pelo Sr. A. de Schlegel.⁷⁴⁴ O dito relato é anônimo, e nosso ilustrado numismatista conservador das medalhas da biblioteca da Rua Richelieu supõe que ele é de autoria de um certo Jacques, que conheci no passado, e que faleceu há um considerável número de anos. Vendo o quanto eu estava interessado, o Sr. Chabouillet,⁷⁴⁵ que é um de meus amigos, tomou nota do nome de Camille Cléau, que não lhe era totalmente desconhecido, e prometeu-me fazer algumas investidas no intuito de descobrir suas obras. Antes de persistir nessas investigações, ele não hesitou em dizer, num momento, que esse começo não era nada encorajador.

Camille Cléau escreveu apenas dois artigos na biografia. Temos dele, nesta vasta obra, Clitademo, que tem cerca de meia coluna, e o qual eu poderei lhe enviar, se V. Sa. desejar. Eu ainda não fui capaz de descobrir (e procurei atentamente) aquele concernente aos trabalhos de Duris de Samos. O de Clitademo, altamente contestado, como lhe disse, é assinado pela letra Z, que é reservada para artigos anônimos.

Ainda não pude examinar a publicação de Verneux. Prometo-lhe fazê-lo muito em breve, mas seria muito desejável, antes de me imiscuir em novas indagações, que V. Sa. fizesse a gentileza de me dizer, em algumas palavras, o que fez no Brasil Camille Cléau.

⁷⁴³ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/02/1886. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0129 e 0130. Original em francês, tradução minha. Inédita.

⁷⁴⁴ August Wilhelm Schlegel (conhecido em francês também como Auguste-Guillaume de Schlegel, 1767-1845), poeta, tradutor, crítico e filólogo nascido no território hoje conhecido como Alemanha. O artigo de sua autoria aqui mencionado por Denis saiu nas páginas do *Nouvelles Annales Asiatiques*, em novembro de 1828. Cf. SCHLEGEL (Auguste-Guillaume de). In: QUÉRARD, Joseph-Marie (ed.). *La France littéraire, ou dictionnaire bibliographique des savants, historiens et gens de lettres de la France*. T. VIII. Paris: Firmin Didot, 1836. p. 520-521.

⁷⁴⁵ Anatole Chabouillet (1814-1899), numismata francês. Trabalhou no gabinete de moedas da atual Biblioteca Nacional Francesa, entre 1859 e 1890.

Se V. Sa. vir o nosso amigo Ladislau Netto, seja gentil em lhe dizer com quanta satisfação tomei conhecimento da carta dele ao Sr. E. Renan, a propósito da Inscrição fenícia apócrifa⁷⁴⁶ – e de sua conferência realizada no Museu Nacional, em presença das Suas Altezas Imperiais, em novembro de 1884.⁷⁴⁷ Trata-se, aos meus olhos, de preciosos escritos.

Uma vez que o nome venerável de seu amável e ilustrado Imperador escapa, aqui, de minha pena, seja gentil, se uma ocasião favorável se apresentar, de lhe dizer que, apesar de meus 88 anos, eu em nada negligencio no intuito de completar meu estudo sobre o Padre Yves d'Évreux, já estando em posse dos fragmentos complementares que me forneceu o famoso exemplar do Dr. Court,⁷⁴⁸ e que a Sua Alteza deve ter recebido uma bela fotografia representando a encantadora igreja vizinha de Évreux, onde o bom missionário terminou seus dias.

Adeus, caro senhor e amigo. O correio me apressa neste momento, mas ulteriormente eu ousar esperar que a carta que lhe chegará será menos insignificante para os seus trabalhos que esta que me é permitido lhe endereçar neste momento.

Creia, sobretudo, em meus mais afetuosos sentimentos
Seu mui devotado

Ferdinand Denis
Conservador administrador
honorário da Biblioteca Santa Genoveva

124. Carta de Ramiz Galvão a Denis (14/03/1886)⁷⁴⁹

Petrópolis, 14 de março de 1886

Meu sábio amigo e colega,

⁷⁴⁶ A carta em questão, enviada por Landislau Netto ao filólogo e historiador francês Ernest Renan (1823-1892), foi apresentada em 1872 ao IHGB e publicada separadamente em francês, quinze anos mais tarde. Cf. NETTO, Ladislau. *Lettre à monsieur Ernest Renan à propos de l'inscription phénicienne apocryphe soumise en 1872 à l'Institut historique, géographique et ethnographique du Brésil*. Rio de Janeiro: Lombaerts & Comp., 1885. Disponível em <<http://www.museunacional.ufrj.br/obrasraras/0040.html>>. Acesso em 10 mar. 2020.

⁷⁴⁷ Não foi possível localizar o referido discurso.

⁷⁴⁸ Em 1884, durante o leilão da biblioteca de J. Court (?-?), localizou-se um segundo exemplar do já mencionado *Voyage dans le Nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614*, de Yves d'Évreux, mais completo do que o conservado na atual Biblioteca Nacional Francesa, que fora editado por Denis vinte anos antes. Ele contém 64 páginas a mais, além de duas ilustrações que representam a dança dos indígenas batizados na França, inexistentes na versão de 1864. De acordo com Obermeier, embora mencionado na *Bibliographie brésilienne* (1898), de Garraux, esse exemplar permaneceria completamente ignorado por mais de cem anos, uma vez que tanto os estudos, quanto as reedições da obra do capuchinho francês continuaram tomando como base a edição dada por Denis, em 1864. Foi apenas em 2009 que a Fundação Darcy Ribeiro publicou uma nova versão de *Voyage dans le Nord du Brésil*, baseada no exemplar de J. Court, mantendo, porém, a introdução e as notas fornecidas pelo antigo conservador da Biblioteca Santa Genoveva. Cf. D'ÉVREUX, Yves. *Voyage au nord du Brésil (1615). Édition critique établie par Franz Obermeier*. 2014. Disponível em <https://macau.uni-kiel.de/servlets/MCRFileNodeServlet/macau_derivate_00000180/YvesDigitaleAusgabe.pdf>. Acesso em 10 mar. 2020.

⁷⁴⁹ GALVÃO, Ramiz. [Carta a Ferdinand Denis]. Petrópolis [Brasil], 14/03/1886. 1 doc. 2 p. BSG, Fundo Ferdinand Denis, Ms. 3419 (f. 83-84). Inédita.

Com grande prazer recebi as duas cartas de janeiro e fevereiro [ilegível] que fez o favor de escrever-me respondendo ao meu pedido de informações sobre Camilo Cléau, depois no Brasil Fr. Camilo de Monserrate.

Muito agradeço os esforços que já fez para satisfazer-me, e rogo-lhe que tenha ainda um pouco de paciência para dar-me toda a luz de que careço neste negócio.

Tenho quase certeza de que C. Cléau publicou no *Journal Asiatique* da última metade do ano de 1840 ou dos primeiros meses de 1841 uma memória sobre numismática da Bactriana. Por conseguinte se ali aparecem nessa mesma data as “Observations sur quelques médailles bactriennes &”, anônimas, asseguro que são dele e não do tal Jacquet.

Camilo Cléau tinha por esse tempo 22 anos (pois que nasceu em 1818), e publicava pela primeira vez um trabalho daquela natureza; não admira que guardasse o incógnito.

Neste caso peço-lhe o obséquio de mandar tirar uma cópia exata da memória, dizendo-me quanto isso custou.

Sobre os artigos publicados no *Suplemento da 1ª edição da Biographie* de Michaud, vejo que achou o de “Clitademo” (peço cópia dele) mas não o de “Duris de Samos”, pois deste possuo o mss. original. O que desejo é certificar-me se foi inserido na *Biographie* e se o foi *tal qual*. Tenha paciência de examinar bem o ponto, pois me parece impossível que não fosse ali publicado, encontrando eu na 2ª edição da obra de Michaud um resumo exato das opiniões do autor C. Cléau.

Este ilustre sábio, vindo para o Brasil em 1844 publicou vários artigos em jornais literários, fez-se religioso beneditino em 1847, tomando o nome de Fr. Camilo de Monserrate; foi professor de História e Geografia antiga no Imp. Colégio de Pedro II, e de 1853 em diante (até sua morte em 1870) Bibliotecário da Biblioteca Nacional.

Deixou um acervo enorme de trabalho inéditos, pela maior parte incompletos; deles o principal versa sobre as famosas antiguidades do México e da América Central.

Foi aí em Paris mto. amigo de Letronne, Hase, Quatremère, Raul Rochette (seus mestres)⁷⁵⁰ e de Alfred Michiels: se ainda vive este último, talvez possa dizer-nos alguma coisa de aproveitável.

Confiado em sua bondade inexcusável conto que me ajudará. Creia que faz-me com isso um extraordinário favor, e que sou sempre

amo. velho e devotadíssimo
B. F. Ramirez Galvão
Aio dos Príncipes filhos da Princesa Imperial

125. Carta de Denis a Ramiz Galvão (15/06/1886)⁷⁵¹

Paris, 15 de junho de 1886

⁷⁵⁰ Referência provável a Antoine Jean Letronne (1787-1848), helenista e arqueólogo francês; Karl Benedict Hase (1780-1864), conhecido na França como Charles-Benoît Hase, filólogo e arqueólogo de origem francesa, nascido no território da atual Alemanha; Antoine Quatremère de Quincy (1755-1849), arqueólogo e desenhista francês; e, finalmente, Raoul-Rochette (1790-1854), historiador e arqueólogo também de origem francesa.

⁷⁵¹ DENIS, Ferdinand. [Carta a Ramiz Galvão]. Paris [França], 15/06/1886. 1 doc. 2 p. IHGB, DL712.26-0131 e 0132. Original em francês, tradução minha. Inédita.

Meu caro e ilustrado amigo e velho colega,

O que eu faço hoje, enviando-lhe o artigo sobre Clitademo, é muito pouco, eu o sinto perfeitamente, mas queira contentar-se com isso. Eu não queria que o próximo correio se emudecesse a propósito de um fato recomendado por você tão vivamente. Malgrado o mui respeitável apego que lhe inspira o digno beneditino que foi seu colega e amigo, e sobre o qual V. Sa. recolhe tão laboriosamente as nobres recordações, eu não encontro mais nada aqui. Foi-me dito, de uma maneira muito vaga, que o Sr. Alfred Michiels ainda vive. Apesar do peso dos anos que me oprimem (eu entrarei, daqui a algumas semanas, no meu 89º ano), farei todos os esforços para recorrer aos sentimentos dele, a fim de satisfazer a espécie de culto que lhe honra e inspira o Padre Camille de Monserrate.

Os grandes nomes que V. Sa. me cita teriam podido falar pelo seu venerável amigo. Mas eles estão extintos... Camille Cléau levou tão longe a sua humildade que ele não inscreveu sob a nota biográfica cuja cópia eu lhe envio nada além da letra Z, ou seja, a assinatura adotada uniformemente num volume no qual comumente se trabalha para se guardar o anonimato. Eu admiro aqui este desprezo por qualquer espécie de renome e, se eu me associo do fundo do coração a uma admiração da qual me dou conta, sei igualmente que V. Sa. possui um espírito demasiado justo para que ele não compreenda as dificuldades sem número que encontram aqueles que V. Sa. convida a servir uma memória que lhe é cara, os quais não lhe pedem senão um pouco mais de tempo para secundá-lo em seus piedosos desejos.

Permita-me, caro Senhor, que eu lhe cerre cordialmente a mão.

Seu devotado e afetuoso velho colega
Ferdinand Denis

P.S. Meus respeitos, eu lhe rogo, à Sra. Ramiz Galvão, uma vez que ela tem a amabilidade de se lembrar de minha triste pessoa.

T. S. V. P.

P. S.

Desejo, nesta ocasião, que V. Sa. permaneça firmemente convencido de que não fiz nada de ânimo leve. Consultei, para estar mais certo de minha opinião, o nosso eminente colega, conservador do gabinete de numismática da Biblioteca Nacional, Chabouillet. Ele não conseguiu encontrar em seus estudos nada que pudesse fazer supor que Camille Cléau fosse o autor, no *Journal Asiatique*, de nenhum relato concernente às moedas da Bácia.